AB184,782

Presented to the

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton

E do P.e

Pedro Liborio Godinho Magro da Fonceca

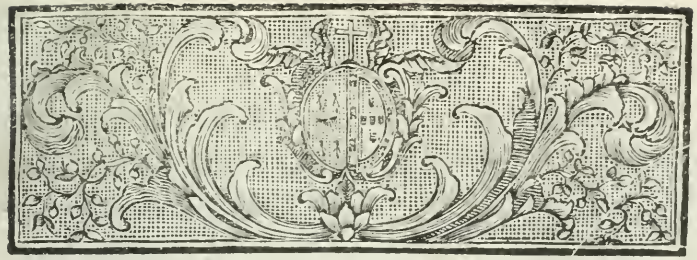
VIDA,
VIRTUDES, E MORTE
COM OPINIAÕ DE SANTIDADE
do Veneravel Padre
Fr. ANTONIO
DAS CHAGAS,
DA ORDEM DE S. FRANCISCO,
Miſſionario Apoſtolico neſte Reyno, e Fundador do Seminario de Miſſionarios Apoſtolicos da meſma Ordem ſito em Varatojo,
COMPOSTA PELO PADRE
MANOEL GODINHO,
E NOVAMENTE IMPRESSA, E
accreſcentada com humas Elegîas, e devoções
do meſmo Veneravel Padre,
OFFERECIDA
AO AUGUSTISSIMO
SACRAMENTO
DO ALTAR.

LISBOA:
Na Offic. de FRANCISCO BORGES DE SOUSA.
Anno de MDCCLXII.

Com todas as licenças neceſſarias.

Digitized by the Internet Archive
in 2009 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/vidavirtudesemor00godi



Á SACROSANTA MAGESTADE

DE JESU CHRISTO

NOSSO SENHOR

No Auguſtiſſimo Sacramento do Altar.

SENHOR.

OM rude eſtylo , deſcorada tinta , e groſſa pennaſe atreve a minha deliberada ouſadia , a repreſentar-vos , que nem o limitado deſta offerta ,

nem o Soberano de Voſſa Mageſtade foraõ reſpeitos, poſto que ponderados, poderoſos para me deſviarem, nem ainda moverem, a que naõ chegaſſe com eſte pequeno volume das virtuoſas operaçoens de hum favorecido Servo voſſo aos ſacratiſſimos Pés da mais ſuprema das Mageſtades, que de coraçaõ proſtrado adoro realmente preſente no excelſo Throno do maximo dos Sacramentos. Qual outro indiſcreto Oza, rompì no exceſſo de me atrever ao
2. Reg. 6. n. 6. *Sol dos voſſos Myſterios; mas fuy excitado da inexcuſavel ambiçaõ de ſegurar na voſſa protecçaõ a eſta Obra o mais nobre, e felice patrocinio. Humilde, Senhor, ſupplico, e reverente imploro a Summa clemencia da voſſa imponderavel, piedade, ſe queira ſervir de pôr os olhos da ſua benevolencia nas preſentes letras; pois rubricadas do precioſo ſangue deſte Preclariſſimo Caliz avultará eſte Tomo de taõ venerando Corpo, que alma nenhuma uſará de lingua para ultraje de ſeus caracteres.*

Mais que remontada confeſſo, Senhor, a penna do Author deſte livro, contemplando-a no elevado ſolio da voſſa immenſa grandeza ſublimada; naõ ſendo porêm azas nenhumas de condignas pennas para voos de

taõ

taõ alta esféra, me occorreo, que ja as dos Serafins de Isaias vos serviraõ de peanha, de docel as dos Querubins de Moysés, pois se encerrava na arca do Testament[illegible] conhecida imagem d[illegible] S. Boaventur[illegible] como S[illegible]ssimo desencerrado. Differença reconheço, e distancia vay das Querubicas, e Seraficas a huma insensivel penna movida aos impulsos, e conceitos de huma maõ, e intelligencia humana; porèm déraõ á minha indevota, e tibia ousadia calor as lagrimas do Cronista de vossas finezas, que lince racional, Aguia discreta soube para a animosidade da minha confiança divinamente expô-las e descrevê-las. Vendo-vos lá na eminencia do Empyreo á maneira de hum morto Cordeiro enthronizado, (fórma vossa muy viva na immaculada Hostia desse incruento sacrificio) deplorava sem conta, pezo, nem medida, que nos mundos ambos naõ houvessem mãos, que recebessem, nem ainda olhos, que no digno objecto de hum desamparado livro se empregassem. Mas convertido em cythara o luto, em jubilo o pranto, ao som de acclamaçoens, e vivas da vossa decantada benignidade admirou, que benevolo o acceitastes, e protegestes.

Isai 6. n. 2. [illegible] n. 20.

D. Bonavent. in hunc loc.

Apoc. 3. n. 1.

§ 3 *Sen-*

Sendo pois Vós, Deos meu, no throno da Triunfante expoſto, o meſmo Senhor, que no Sacrario da Igreja Militante proteſtaõ as noſſas [illegible] ſerrado, vigoroſos alentos [illegible] a minha [illegible] ; [illegible]idade cobrar para conſagrar-vos neſte offerecim[illegible] meu animo; pois que neſſe Euchariſtico conſ[illegible] com affabilidades de Cordeiro eſtais na voſſa protecçaõ convidando, e corroborando a menos alentada cobardia. Accreſce ao mencionado, que toda a ſimilhança naturalmente inclue agrado, e por conſequencia, ou ſem violencia, acceitaçaõ; e álêm de que muitos dos voſſos Eſcritores vos deſcreveraõ ſacramentado na methafora de hum livro, deixou-nos o Profeta Rey em advertida recommendaçaõ, que do potavel, e comeſtivel deſſa meſa da voſſa ſabedoria ſe compunha hum epitome, compendio, ou epilogo de voſſas maravilhoſas obras, impreſſo á cuſta de voſſas penas, com a tinta do voſſo ſangue, para continuada liçaõ, e meditaçaõ perpetua deſte amoroſiſſimo, e perenne beneficio. Nem eſta methafora obſta á razaõ de convivio, em que eſſe Sacramento fundaſtes, e inſtituiſtes, poſto que naõ pareça confrontarem as folhas de hum livro com as iguarias de hum prato; pois

Pſaim. 110. n. 4.

pois, naõ ſem alluſaõ a eſſe, mandaſtes ao Profeta Ezequiel comeſſe hum livro, que ſentio de mel na boca, no ventre de fel; por quanto eſſe Sagrado Paõ de penitentes, ſendo para a contriçaõ amargo, he para a Communhaõ taõ ſaboroſo, que ſe experimenta o nectar das delicias, e o Manná das ſuavidades. Ezech. 3. n. 1.

Em concluſaõ, Senhor, eſte livro vio a primeira luz do mundo á ſombra da Real Protecçaõ, que ao publico o mandou divulgar, e bem que infimo, levou-me o penſamento ao conceito de que fora degráo para reimpreſſo ſubir ao altiſſimo refugio deſſe ſacroſanto Tabernaculo. A'lèm da inſipida ſatisfaçaõ deſta Dedicatoria, me ſoffra agora a voſſa paciencia a mais importante petiçaõ. O Profeta Zacarias, cujo nome ſe interpreta memoria voſſa, (lembrança, que nos recommendaſtes ſempre) applicado ao eſtudo deſſe myſtico, e myſterioſo livro, foy deſorte affecto a eſſe Amabiliſſimo Sacramento, que da infinidade de voſſas incomprehenſiveis perfeiçoens naõ diſcorria mais bondade, nem outra formoſura voſſa, que a deſſe conſagrado Paõ de eſcolhidos, ſuaviſſimo licor de coraçoens puros. Por entre os reflexos do lume Zachar. 9. n. 17.

profetico, que lhe participaſtes, divizou em
Ibid. 5. n. 1. *huma de ſuas viſoens hum livro com azas, e naõ faltou quem verteſſe, que vira huma fouce, que voava. Intoleravel ſe offerece a equivocaçaõ de hum ruſtico com hum polido inſtrumento; mas, ah Deos meu, quem me déra que eſte livro nas azas de minha ouſadia remontado ao Ceo deſſe Sacramento foſſe huma myſtica fouce, que ao paſſo, que na madura eſpiga deſſe vivo Paõ tocaſſe, ſe entranhaſſe na terra de meu coraçaõ, cortando nelle até as ultimas raizes das minhas verdiſſimas depravaçoens, porque em mim nada ſentiſſe do que he meu, e tudo do que he voſſo em mim ficaſſe.*

Neſſas ſacramentaes eſpecies deixou a transſubſtanciaçaõ por myſterio todas as preexiſtentes qualidades de ſeus accidentes; mas quizera eu, Senhor, que nenhuma de minhas perverſas qualidades remanecêra mais em minha alma, para que a Vós inteiramente converſa gozaſſe daquella ſacramental identificaçaõ, ſegundo a qual ineffavelmente ficais em quem dignamente vos recebe, e o recipiente fica em Vós. Creyo piamente, que deſte amoroſo methamorfoſe gozou em vida por graça voſſa o Veneravel ſujeito deſte li-
Joan. 6. n. 57.

vro

vro, Fr. Antonio das Chagas, pois a Vós convertido, e Miſſionorio voſſo, era frequente em perſuadir apoſtolicamente ao voſſo povo a frequencia deſſe Sacramento, como quem praticamente experimentava a utilidade dos fructos deſſa arvore da vida. Rogo pois, Senhor, com todas as véras da minha tibia devoçaõ á nimia caridade, que neſſe Angelico Paõ vos deixou em ſuſtento eſpiritual dos mortaes, que quantos na leitura deſte livro ao voſſo amor converſos ſe empregarem, ſejaõ no livro da vida eſcritos; para que no eſpelho da eterna Bemaventurança vejaõ a divina face do Corpo, que na terra participaõ ſacramentado:

Dos voſſos eſcravos

O mais minimo.

AO

AO LEITOR.

POR ſer hoje raro eſte livro, era ſentimento de alguns, que, procurando-o com ancia, ficavaõ apenas com a noticia de que o houve, mas ſem a conſolaçaõ, e goſto de o poſſuirem, e ſendo eſtes os menos, os mais o ignoravaõ. Pareceo-me dá-lo tercira vez ao prélo, aſſim porque naõ eſtiveſſe obra taõ ſanta ſepultada no eſquecimento de quaſi todos, como porque fazendo-ſe mais vulgar a vida prodigioſa deſte grande Heróe, creſça a honra de Deos em ſeus ſervos, e no proveito, que muitas almas podem tirar de liçaõ taõ util, e trocando-a muitas pela em que cegamente ſe engolfaõ de ſuas poeſias profanas, ſahiràõ melhorados de intereſſe, quanto de fortu-

na

na, ſe por lhes renaſcer eſta Feniz, entregarem aquelle peculio ás chammas como incentivo da culpa, e para adquirirem as rogativas deſte, que eſperamos venerar Santo, que ſe em ſua vida offerecia penitencias, e ſacrificios a quem fizeſſe eſte holocauſto, como ſe eſquecerá no Ceo, (aonde com taõ juſto fundamento o julgamos) de quem aſſim o obſequiar na terra? E he laſtima, que haja quem tendo eſta noticia (ao menos pela ambiçaõ de ſe intereſſar neſta promeſſa) naõ ceda no ſeu louco appetite! E mais naõ faltando quem ja confeſſe o lucro por experiencia. Neſta Obra pois acharás toda a delicia, que como toda he entertecida com o luzido ouro de ſuas diſcretas ſentenças, agudos ditos, e eſpecioſos repentes; nella tens todo o desfaſtio ouvindo ſeus diſcretos documentos, e acharás todo o ſabor no acerto de ſeus conceitos, e concerto de ſuas eruditas razoens, ſoltando as duvidas com a mayor clareza, tratando as materias mais ſubidas com toda a propriedade, e admiraçaõ, e repetindo as verdades Evangelicas com tal acerto, e graciosidade, que faz ſuave violencia ao diſcurſo com eſte utiliſſimo emprego do mais primoroſo entendimento. Raras ſaõ as folhas, em

que

que ſe naõ deſcobre eſta deleitavel liçaõ, porque em quaſi todas ſe admiraõ paragrafos das Epiſtolas deſte ſegundo Paulo, honra de Portugal, perſeguiçaõ do Inferno, e gloria de Deos, de quem a fama publica as prendas, as acclamaçoens do povo a ſantidade da vida, e as obras a rectidaõ dos procedimentos, verificando-ſe a ſuavidade, que tinha no dizer, pela efficacia do perſuadir: no confiſſionario conquiſtando milhares de almas, no pulpito convertendo multidoens de peccadores, e até pelas praças, e ruas ſó com a ſua preſença convocando immenſidade de peſſoas de toda a idade, e eſtado, e ambos os ſexos, para louvarem a Deos, ſeguirem o caminho do Ceo, e diſſiparem o reino do peccado. Sendo ao meſmo tempo trombeta do juizo para affugentar os vicios, e Anjo, que na terra punha em paz aos homens, e dava a Deos gloria no Ceo, aonde aſſegurarás a tua eterna morada, ſe ſeguires ſeus dictames, e Evangelicos conſelhos.

Vale.

LICENÇAS.

DO SANTO OFFICIO.

PO'de-ſe reimprimir o livro, de que ſe trata, e depois voltará conferido para ſe dar licença que corra, ſem a qual naõ correrá. Lisboa 12 de Fevereiro de 1762.

Trigozo. Lima.

DO ORDINARIO.

PO'de-ſe reimprimir o livro que ſe apreſenta, e depois voltará conferido para ſe dar licença, ſem a qual naõ correrá Lisboa 14 de Fevereiro de 1762.

Coſta.

DO PAÇO.

QUe ſe poſſa reimprimir, viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de reimpreſſo, tornará á Meſa conferido para ſe taxar, e dar licença que corra, ſem a qual naõ correrá. Lisboa 15 de Fevereiro de 1762.

Gomes de Carvalho. D. Velho. Caſtello. Siqueira. Fonſeca. Caſtro.

SE-

SEGUNDAS LISSENÇAS.

DO SANTO OFFICIO.

PO'de correr, Lisboa 13 de Agoſto de 1762.

Trigozo. Carvalho. Mello. Lima.

DO ORDINARIO.

PO'de correr, Lisboa 14 de Agoſto de 1762.

D. J. A. de Lacedemonia.

DO PAÇO.

TAxaõ para correr em quatrocentos e oitenta, Lisboa 3. de Setembro de 1762.

Gomes de Carvalho. D. Velho. Fonſeca.

IN-

INDEX

DOS CAPITULOS, que contém eſte livro.

LIVRO I.

Cap. I. NAſce na Villa da Vidigueira: Ponderaõ-ſe algumas circunſtancias do ſeu naſcimento: Vaticinios, que lhe precedêraõ, com noticia de ſeus pays: Prevalece a reſoluçaõ de ſua mãy ſobre ſe lhe pôr o nome de Antonio no Bautiſmo, pagina 1.

Cap. II. Educaçaõ de Antonio: Mandaõ-no ſeus pays eſtudar a Evora: Deixando-o de dezoito annos, morre ſeu pay em Leiria, e elle deixados os eſtudos aſſiſte a ſua mãy, e irmaãs na Vidigueira, até que por cauſa de hum homicidio ſe auſenta para Moura, onde aſſenta praça de Soldado, e embarcando-ſe para o Braſil, lá o começou Deos a allumiar, pag. 9.

Cap. III Reſtitue-ſe Antonio da Fonſeca a eſte Reyno: Torna a ſer o que nelle tinha ſido, e Deos por meyo de enfermidades, e perigos o obriga a dar á execuçaõ ſeus bons propoſitos: Dá delles conta por carta a huma tia ſua: Toma o habito de S. Franciſco no Convento de Evora, e mudando de nome merece alcançar hum nome grande por ſua virtude, pag. 17.

Cap. IV. Alegria dos Religioſos por ſua entrada na Religiaõ: Paſſa o anno do Noviciado com notavel

procedimento : Disposem-se para a profissaõ com extraordinario espirito , pag. 27.

Cap. V. Professa Fr. Antonio na Casa dos Ossos, notavel circunstancia de seus solemnes votos : Mandaõno para Setuval com outros Religiosos , rendida a Cidade de Evora ao Principe D. Joaõ de Austria : De Setuval he outra vez mudado para Beja , onde passa a estudar Filosofia ; e se faz Mestre de outra mais alta , pag. 38.

Cap. VI. Vem a Evora o Reverendissimo Salizanes Commissario Geral da Familia Cismontana,e a petiçaõ dos Irmãos Terceiros , sem outros patrocinios, mais que as esperanças , que se propunhaõ de seus melhoramentos na vida, espirito , e exemplo de Fr. Antonio , alcançaõ do Reverendissimo fazê-lo seu Commissario , e Prégador no dia de quarta feira de Cinza. Representa o Servo de Deos razoens forçosas para o naõ ser , nem prégar , e finalmente acceita o sermaõ , e officio , fiando da Obediencia lhe daria hombros para levar o pezo : Adianta se notavelmente aquella Ordem Terceira na virtude com tal Mestre , e por seu meyo converte Deos hum Recolhimento de Convertidas novamente , pag. 49.

Cap. VII. Passa o Veneravel Padre a Castella pelo caminho da Obediencia : Aprende a fórma , e estylos, que guardavaõ os Missionarios Apostolicos da sua Ordem , que naquelles Reynos colhiaõ innumeraveis aproveitamentos de almas por novidade de suas Missoens ; e tornando para este Reyno põem em pratica , o que aprendêra em Castella , e ja lá exercitára, pag. 59.

Cap. VIII. Recolhe-se a Evora o Veneravel Fr. Antonio , e conhecido seu talento , e espirito , lhe manda passar Patente de Missionario Apostolico o Reverendissimo Samaniego , e elle desde logo faz patente

a todo

a todo este Reyno, que Deos o tinha escolhido para evangelizar a paz, e prégar penitencia por obra, e palavra, sendo o primeiro conceito, que disse, o conceito que delle se teve: Confirma Deos com maravilhosos succesſos a sua doutrina, pag. 65.

Cap. IX. Propõem-se a fórma, e estylos, que guardava o Veneravel Padre no principiar as Missoens: Exercicios em seus caminhos com alguns notaveis succesſos, pag. 75.

Cap. X. Prosegue a mesma materia do Capitulo precedente com alguns casos muito singulares para louvar a Deos, pag. 86.

Cap. XI. Materias, sobre que formava os sermoens das Missoens, Fins, que nelles pertendia, e lhes dava: Referem-se raros casos de suas Missoens, pag. 95.

Cap. XII. Continúa a materia do Capitulo passado, e apontaõ-se algumas propriedades de bom Prégador, qual era o Veneravel Fr. Antonio, pag. 103.

Cap. XIII. Rendidos a Christo os peccadores, que se achavaõ no Auditorio, vay Fr. Antonio pelas casas com o Santo Gruxifixo na maõ render as pessoas, que naõ tinhaõ assistido ao sermaõ; a outras escreve, e he obedecido: Contaõ-se estranhos succesſos, e castigos dos que naõ deraõ por seus avisos, pag. 109.

Cap. XIV. Fructos espirituaes, que nas confissoens se colhiaõ dos seus sermoens: Tempo, que lhe levavaõ as confissoens, com alguns casos raros do conhecimento, que o Veneravel Padre tinha dos peccados alheios, pag. 115.

Cap. XV. Louvaveis occupaçoens, divinos empregos, com que passava noites, e dias nas Missoens este grande Missionario: Estimaçaõ, e zelo, que tinha da salvaçaõ das almas: Sentimentos de as naõ ter convertido todas, pag. 122.

Cap. XVI. Breve, e compendiosa noticia das Mis-

ſoens, que fez o Veneravel Padre antes de ſe ſeparar da Provincia o Convento de Varatojo, pag. 130.
Cap. XVII. Que Convento ſeja o de Varatojo: Privilegios, que tem de ſeu Real Fundador: Numero de Religioſos, que ſuſtentava: Apontaõ-ſe grandes conveniencias, que nelle tinha a Provincia, e os companheiros, que na ſua poſſe entráraõ com o Veneravel Padre, pag. 137.
Cap. XVIII. Acçoens memoraveis, que fez o Veneravel Padre depois de eſtar no Convento de Varatojo já feito Seminario: Declara-ſe o fim de ſua ſeparaçaõ da mais Provincia: Alegria dos companheiros na eſperança de ſe renovar naquelle Convento o ſeculo dourado da Regra de ſeu Padre S. Franciſco. Murmura-ſe pela Provincia deſta ſeparaçaõ, e ultimamente ſe ſatisfaz a tudo o contra elle dito pag. 141.
Cap. XIX. Toma o Veneravel Padre por Protector de ſuas Miſſoens ao Archanjo S. Miguel: Motivos, que teve para iſſo: Continua-ſe o Itenerario de ſuas Miſſoens, e jornadas até vir do Algarve, e ſe tratar do Convento de Setuval, pag. 151.
Cap. XX. Razoens, que movêraõ ao Veneravel Fr. Antonio para acceitar, e tratar da nova fundaçaõ de Setuval. Deita-lhe o Illuſtriſſimo Arcebiſpo de Lisbôa a primeira pedra, com outras glorias deſte dia, pag. 157.
Cap. XXI. Pratîca o Veneravel Padre ſua meſma doetrina na doença: Pondera-ſe a ſua conformidade com a vontade de Deos, e outras virtudes, que aperfeiçoou nas enfermidades, pag. 164.
Cap. XXII. Continûa ſem eſperanças de vida a doença, e o exemplo de Fr. Antonio nas diſpoſiçoens para morrer: Da-nos na morte que deſejar, pag. 169.
Cap. XXIII. Enterro do Veneravel Fr. Antonio: Devoçaõ dos Fieis, que a elle concorreraõ. Milagres da fé,

da Fé, com que o invocaraõ, pag. 181.
Cap. XXIV. Chega a noticia da morte do Veneravel Padre a Lisbôa: Sentimento por ella da Mageſtade delRey D. Pedro noſſo Senhor: Manda ao Conde de Villar-mayor, ſeu Gentil-homem de Camera, e Conſelheiro de Eſtado, e Veador de ſua Real Fazenda, que participe por carta ao Guardiaõ, e mais Religioſos Miſſionarios de Varatojo o ſeu ſentimento, com exhortaçoens á perſeverança na virtude, e Miſſoens, encommendando-lhes, que eſcrevaõ a vida de ſeu inſigne Fundador: Ordena ao Reverendo Fr. Balthazar dos Reys, Provincial da Provincia dos Algarves, que por toda ella faça inquirir da ſanta vida, e louvaveis coſtumes, virtudes, e obras maravilhoſas do Veneravel Fr. Antonio das Chagas: Põem-ſe aqui as Patentes paſſadas a eſte fim, e Commiſſoens do Illuſtriſſimo Arcebiſpo para ſe fazerem ſummarios de teſtimunhas em Setuval, e Torres Vedras; e tambem Capitulos de cartas de alguns ſenhores Biſpos, de que ſe vê o conceito, que tinhaõ da virtude do Veneravel Padre, pag. 195.
Cap. XXV. Teſtimunho do Reverendiſſimo D. Fr. Joaõ dos Prazeres, Biſpo de Angra, Confeſſor por muitos annos do Veneravel Padre Fr. Antonio, eſtando ainda na Provincia, e outros inſignes Prelados, pag. 205.

LIVRO

LIVRO II.

Cap. I. DA virtude da humildade, baſe, e fundamento de todas as mais virtudes do Veneravel Padre, pag. 216.
Cap. II. Rara obediencia do Veneravel Fr. Antonio, pag. 244.
Cap. III. Eſtreitiſſima pobreza do Veneravel Padre, pag. 252.
Cap. IV. Caſtidade, que guardou o Servo de Deos depois de tomar o habito de S. Franciſco, pag. 255.
Cap. V. Sua continua mortificaçaõ, pag. 262.
Cap. VI. Rigoroſa, e aſpera penitencia do Servo de Deos Fr. Antonio, pag. 268.
Cap, VII. Sua admiravel paciencia, pag. 274.
Cap. VIII. Paſmoſa conformidade, que tinha com a vontade de Deos, pag. 281.
Cap. IX. Zelo ardente, que teve da ſalvaçaõ das almas. Amor ſingular a ſeu proximo, pag. 285
Cap. X. Amor de Deos, e ſua continua preſença, em que ſeu Servo Fr. Antonio andava, pag. 294.
Cap. XI. Modeſtia ſingular do Veneravel Padre, e outras virtudes ſuas, pag. 318.
Cap. XII. Sua fervoroſa oraçaõ, e altiſſima contemplaçaõ, pag. 321.
Cap. XIII. Apontaõ-ſe outras virtudes do Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas, pag. 328.
Cap. XIV. Dom, que teve de profecia, pag. 333.
Cap. XV. Dons de Deos, e graça ſua para curar enfermidades, que houve no Veneravel Fr. Antonio, pag. 349.
Cap. XVI. Dom de linguas, que teve o Veneravel Padre, pag. 360.

Cap. XVII.

Cap. XVII. Efficacia, que Deos pôs em ſuas palavras, e doutrina para perſuadir os ouvintes, pag. 366.
Cap. XVIII. Dom de deſcripçaõ de eſpiritos, e tirar eſcrupulos: Sciencia de governar almas, pag. 382.
Cap. XIX Apontaõ-ſe alguns dos ſeus dictames, e ſentenças, porque ſe governava no magiſterio das almas, e conſciencias, pag. 397.
Cap. XX. Graça milagroſa, que teve o Veneravel Fr. Antonio em ſua vida, pag. 408.
Cap. XXI. Perſeguiçoens, que padeceo o Veneravel Fr. Antonio por ſer amigo de Deos, e inimigo do Inferno: Vence finalmente o Infernal dragaõ, tendo-o Deos da ſua maõ, pag. 413.
Elegia I. Eſcreve o Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas a hum ſeu amigo, dando-lhe noticias de como tomara o habito de S. Franciſco no Convento de Evora, do qual deſcreve a origem, e a caſa de oſſos, que nelle ha, ſobre o que funda grandes motivos para os deſenganos do mundo, pag. 421.
Elegia II. Chora o Veneravel Padre em huma ſolidaõ ſuas culpas, accuſando o ſeu deſcuido, e ingratidaõ para com Deos, pag. 442.
Elegia III. Perſuade o Veneravel Padre a hum ſeu amigo (que ſeguia a milicia no Alemtejo, e pertendia vir para a Corte) que fuja deſta pelos riſcos, que nella ſe encontraõ, e ſe recolha ao ſagrado da Religiaõ, pag. 446.
Elegia IV. A D. Joaõ da Coſta, digniſſimo Conde de Soure, que ſervio em Tangere, e foy Governador das Armas no Alemtejo, Conſelheiro de Guerra, e Embaixador em França; conſolando-o na morte de ſua filha a Senhora Dona Helena de Noronha, pag. 451.
Devoçaõ, que o Veneravel Padre encõmendou a todos os devotos de noſſa Senhora, que ſe ha de rezar

zar todos os dias ; aſſegurando o patrocinio , e ſeus favores a quem devotamente a rezar , pag. 455.
Devoçaó ás cinco Chagas de Chriſto , que o meſmo Veneravel Padre encómendou a todos os ſeus devotos, pag. 457.

VIDA

VIDA
DO VENERAVEL PADRE
FR. ANTONIO
DAS CHAGAS.
LIVRO I.

CAPITULO I.

Naſce na Villa da Vidigueira: Ponderaõ-ſe algumas circunſtancias do ſeu naſcimento: Vaticinios que lhe precederaõ, com noticias de ſeus pays. Prevalece a reſoluçaõ de ſua mãy ſobre ſe lhe pôr o nome de Antonio no Bautiſmo.

ESCrevo a vida de hum Varaõ Apoſtolico, que fez parecer menos diſtante a terra do Ceo, do que demoſtraõ os Mathematicos, pois a pé ſe pôs da terra no Ceo em muy poucos annos, e que era muito breve o caminho da perfeiçaõ pela preſſa com que o andou. Varaõ digo, a quem o nome fez conhecido, o naſcimento generoſo, o valor ſoldado, a profiſſaõ Religioſo, o amor de Deos deixar o mundo, o do proximo

Miſſionario Apoſtolico, o ſingular de ſuas prendas eſtimado, o acerto de ſeu conſelho buſcado, a acceitaçaõ univerſal de todo eſte Reino applaudido, a ſuavidade de ſeus coſtumes amado. Em quem a graça fez depoſito, a gloria deſempenho. De quem os procedimentos fizeraõ regra, a Fé eſcudo, o Zelo amparo, a Caridade arrimo, e todas as virtudes juntas animado tranſumpto. Por quem Deos obrou na terra maravilhas, e no Ceo houve tantas feſtas, quantas foraõ as converſoens, que fez nas almas. Cuja humildade veneráraõ os juſtos, cuja continencia reſpeitáraõ os caſtos, cuja ſabedoria admiráraõ os doutos, cuja penitencia levaria os olhos aos Arſenios, Macarios, e Pacomios, cuja caridade affervorava os tibios, cuja voz fez reſurgir a muitos dos ſepulchros de ſeus vicios: cujo zelo ſem as dobras da capa de Elias deo a Deos muitos tresdobros de almas, e cujas memorias faráõ eternamente ſaudoſo o ſaudavel nome de Fr. Antonio das Chagas, caro a Deos, e aos homens, fructo da bondade divina, flor nobre de ſua Igreja, tuba Evangelica, voz da palavra eterna, tocha ardente, e luminoſa, naõ de todo extincta, ſó tirada ha poucos annos de noſſa viſta por fatal condiçaõ da natureza; ſe já naõ foy, para que ſentiſſe o mundo a falta de hum tal Prégador da penitencia; que ſe Abrahaõ houvera de condeſcender com as petiçoens do rico Avarento, pudéra Fr. Antonio vir pregar penitencia a eſte mundo, depois de ter paſſado ao outro.

Naõ fuy o primeiro, que emprendi eſta obra, nem o ſegundo do primeiro, ſenaõ taõ inferior no numero, como me conheço no talento. He porèm Deos muitas vezes ſervido, que de huma frota inteira chegue primeiro ao porto, que demanda, a náo, que ultimamente ſahio da barra. O premio do vencedor naõ ſe dá a todos, os que tomaõ a carreira; he ſó daquelle que primeiro chegou á baliſa. E eu por premio tomo eſte meu peque-

no

no trabalho; porque, como escrevia Santo Athanasio, he para mim de grandissima utilidade o lembrar-me das virtudes de Antonio, como he de summa importancia a todos saber o que elle foy, para serem o que devem ser. Esta he a razaõ porque me considero obrigado a quem me fiou taõ glorioso allumpto, como este, de escrever a Vida do Veneravel Fr. Antonio; glorioso digo, porque com levar Deos a mayor parte desta gloria, basta a que fica a este Reino por patria de Heróe taõ illustre, para deixar de sentir ja com tanto extremo, que Padua chame seu ao nosso Santo Antonio; basta, para que a Ordem Serafica opponha nova gloria aos que põem a boca no Ceo de sua observancia, e basta, para que a universal Igreja se glorie de que o nome, e espirito de Antonio, que tantas almas deo a Deos, e apartou do mundo na Thebaida, se ouvisse nestes nossos tempos com similhantes successos na Lusitania.

Etenim ingens mihi lucrum est, atque utilitas, hoc ipsum quod recordor Antonii, & vos cũ admiratione audientes, scio ejus propositum cupere sectari: perfecta est siquidem ad virtutem via Antonium scire, quid fuerit D. Athan. in præf. vit. D. Anton, Abb.

He povo seu a Vidigueira, Villa na Provincia de Alemtejo, e Arcebispado de Evora, de que saõ senhores os Condes deste Titulo, hoje Marquezes de Nisa, naõ invejando a Senhoria do primeiro Titulo a Excellencia do segundo, por ter nascido na sua terra taõ excellente vassallo, como Fr. Antonio. Venera-se naquelle povo com grande devoçaõ de seus moradores, e frequencia dos circumvizinhos a Imagem de hum Crucifixo com invocaçaõ de Bom Jesus da Vidigueira: este nome tinha o Senhor collocado na popa da náo, que no anno de 1655 levou o Vice-Rey Conde de Sarzedas á India, sendo Veador da Fazenda o Marquez de Nisa. Circunstancia advertida, por nascer nesta Villa o Veneravel Fr. Antonio, animado Calvario do Bom Jesus; que nelle se via crucificado, e que á India mandou quatro de seus companheiros, para que, sem virem á Vidigueira, visem, e conhecessem a Deos aquellas gentes na sua palavra, e doutrina. Outras particularidades da

terra me parecem escusadas na vida de hum Servo de Deos, que da terra naõ quiz nada, e tambem por ser doutrina dos mayores Santos; que naõ conduz nada a bondade, e grandeza das patrias, em que nascemos, para sermos virtuosos, como nem deve mais ao Ceo, quem olha para elle do mais alto cume, nem menos quem o vê do mais baixo valle. Seneca dizia, que de qualquer Aldêa, e lugar humilde se podia subir ao Ceo por virtude. Eva nasceo no Paraiso, fóra delle Adaõ, e primeiro que Adaõ, peccou Eva, tendo tido melhor patria.

Sen. Ep. 32.

Nasceo o nosso insigne Varaõ no anno de 1631, e trinta e hum foraõ os Reys, que debellou Josué na terra de Promissaõ: trinta e hum os annos, que Josias reinou em Jerusalem. Nem a Escritura Sagrada se valeo desse numero mais que nestes dous lugares, como se fosse proprio de Josué Salvador, e de Josias fogo do Senhor; de Josué, que metteo ao povo de Deos na terra de Promissaõ, e de Josias, que restaurou a Deos o Templo, augmentou o divino culto, acçoens, que com este aureo numero vem a Antonio nascendo. No anno de 1231. passou desta vida o nosso glorioso Portuguez Santo Antonio: passados quatrocentos annos, nasce no de trinta e hum outro Antonio em tempo, mas o mesmo na naçaõ, no habito, vida, e instituto. Quatro seculos mediaraõ entre hum, e outro Antonio, que para se fazer hum destes Antonios, quatro seculos saõ necessarios. Hum morre em trinta e hum, e outro em trinta e hum nasce; para que sendo cada hum, como o primeiro dia do mundo, nenhum fosse primeiro, nem segundo ao outro; o mesmo numero de trinta e hum, que affirma a identidade, nos demostra a igualdade.

Josue. 12. 24.

4. Reg. 22.

O mez foy de Junho, primeiro daquella parte do anno, a que chamamos Estival; tempo, em que o anno cumpre suas promessas, desengana as esperanças, madura as seáras, carrega as espigas, sazona os fructos, e pondo

bare

bandeira branca pelos campos, faz que deixando a eſpada, peguem todos na fouce para a ſega. Neſte mez pois, e neſte tempo naſce eſte Operario Evangelico, eſte Seifeiro de Chriſto, para com a fouce volante da divina palavra encher a eira da Igreja de feixes de peccadores convertidos, de molhos de coraçoens affervorados, de pavêas de vidas reformadas, de gavélas de almas reduzidas.

Foy o dia de vinte e cinco do meſmo mez hum dia depois do naſcimento do Bautiſta; hum ſó dia dá de ventajem ao primeiro Prégador da penitencia. E ainda eſte dia foy o de quarta feira, dedicado a Santo Antonio, dedicando-ſe ja deſde o primeiro dia de ſeu naſcimento a ſeguir as pizadas, vida, e inſtituto daquelle Santo. As horas foraõ das tres para as quatro da madrugada. Primeiro Deos creou a luz, que o Sol, e primeiro que o Sol ſahe á luz eſte Servo de Deos, que havia de allumiar mais almas com ſuas faiſcas, que o Sol Orizontes com ſeus rayos.

Teve por pays a Antonio Soares de Figueiroa, da principal nobreza daquella Villa; mais nobre porèm pelo ſucceſſor, que pela proſapia, pois Antonio, naõ fazendo caſa, fez conhecida a de ſeus pays, illuſtrou a de ſeus mayores, honrou a ſeus deſcendentes, refundindo toda a eſtimaçaõ, que ſe fez de ſua virtude, naquelles, que lhe infundiraõ o ſangue. Eſta he a differença das arvores das geraçoéns dos Santos, e virtuoſos ás dos illuſtres, e eſclarecidos, que eſtas tem toda a pompa no tronco, aquellas toda a galla no ramo. Chama S. Joaõ a Chriſto Raiz de David, ſendo Chriſto ſeu filho; porque, ainda que ramo deſſa arvore, lhe dá virtude, flor, e fructo como raiz. De Legiſta era a profiſſaõ de Antonio Soares: occupou com ſatisfaçaõ alguns lugares de Letras, e em breves annos o lugar mais certo da ſepultura, que lhe dá o letreiro de huma campa. Apoc. 5.

Sua mãy Dona Elena de Zuniga, natural do Reyno de Hybernia, a qual em braços da ama, que a criava, (morrendo ſua mãy Dona Leonor Maune, como Raquel, por nos dar tal filha) fugio da perſeguiçaõ dos Hereges, confeſſando a Fé Catholica, ſenaõ como os innocentes morrendo, como Chriſto para Egypto, paſſando-ſe a eſte Reyno, em quanto D. Therencio ſeu pay, para que a filha mammaſſe a verdadeira Fé no leite, ficava derramando pela Fé o ſangue, e ſacrificando a Deos a vida, por ſi holocauſto, Thymiama pela filha. Acçoens taõ heroicas, que as houve Deos de coroar no Ceo por faltarem ja as cinco coroas, que em outras tantas cabeças ſuas contava antigamente huma ſó Hybernia, e hum ſó Hybernio D. Therencio em ſua Aſcendencia. Momonia, Ultonia, Lagenia, Connachta, e Mithia, reduzidas hoje a Provincias, foraõ em outro tempo Coroas Soberanas. Nem de raiz menos nobre podia ſahir garfo taõ illuſtre. Rio, que teve puras as fontes, ſempre teve claras as correntes. Inculco eſta nobreza de Fr. Antonio pela parte materna, naõ porque cuide he couſa grande o tê-la, ſenaõ por ſaber que deſprezá-la he grande couſa. O deſprezo (tudo ſaõ palavras de S. Jeronymo) faz grandes as grandezas, que ſaõ muito menos poſſuidas. *Os bens deſte mundo* (eſcrevia o noſſo Veneravel Fr. Antonio) *os bens deſte mundo falſo, e enganoſo, dita he naõ chegá-los a poſſuir, mais que para os deſprezar: nem ha para que fazer caſo, mais que daquillo, que por Deos ſe deixa, e ſó para ſe deixar ſe eſtima.*

in vita Euſtoch. D. Hier.

Aportou em Lisbóa Elena com menos eſtrondo, e melhor agouro, que a outra em Troia, e como a Moyſés expoſto nas agoas do Nilo, naõ faltou Real Thermuth, que a tiraſſe do Tejo: foy eſta a Condeſſa da Vidigueira Dona Leonor Coutinho, levando-a para caſa, e criando-a como filha, pondo lhe tambem como a filha caſa, tanto que chegou á idade de a caſar com Antonio Soares

de

de Figueiroa, encontrando esta resoluçaõ da Condessa a vontade, que Elena tinha de ser Freira; mas fazendo a de Deos, que assim o dispunha, para daquelle mixto de Portuguez, e Hybernia sahir com o mystico de sua Providencia, provendo por aquelle matrimonio de Frades, e Freiras os Conventos, a Igreja de justos, e virtuosos. Tres filhos Religiosos, e duas filhas Freiras com cinco netas de Dona Elena sahiraõ de sua casa, todos, e todas de taõ louvaveis procedimentos, que se lhes dá na Vidigueira o nome de geraçaõ de Santos, e por tal geraçaõ parece dizer S. Paulo, que se salvaria a mulher pela geraçaõ dos filhos. Delles naõ foy Antonio o primeiro, nem o ultimo, por ser lugar da virtude o meyo, e elle o haver de ser muy ajustado para taõ altos fins, como Deos por este seu Servo emprendeo, e com elle conseguio, vistos por nós, e previstos por hum Religioso da Provincia da Piedade, e de santa vida, (credito de sua profecia) o qual disse a Dona Elena muito antes de casar, que este seria o estado, que tomaria, para ser mãy de hum filho muito grande neste Reino. Quasi pelas mesmas palavras pronosticou o pay de Santo Ambrosio as futuras grandezas de seu filho; porque vendo lhe entravaõ, e sahiaõ abelhas da boquinha, estando dormindo no berço, disse: Que se vivia aquelle menino, viria a ser muito grande no mundo. Assim se daõ as mãos as profecias, quando ha sujeitos que cerraõ parelhas. Teve aqui que apropriar-se a antiguidade a si, como bem ponderava S. Braulio na vida de Santo Isidoro. Nem podia deixar de ser cousa grande Fr. Antonio, havendo de ser grande cousa neste Reino, do qual se póde dizer o que ja disse S. Jeronymo de Egypto: Que naõ era muy fecundo de Santos, mas que os mayores Santos eraõ os seus ordinarios partos, o que se vira no grande Antonio natural daquelle Reino.

1. Timoth. 2.

Si vixerit infantulus iste, aliquid magni erit. Paulin. Ep. Nolan. in ejus vita. S. Braulius Ep. Cæs. Augustan.

Non multos Sanctos parit Egyptus, sed quando parit, magnũ parit, parit Antonium. D. Hieron.

Participava mais Dona Elena (lançando entaõ a máo

preſagio de ſuas traveſſuras, o que nós agora a feliz annuncio de ſuas bõas obras) que andando pejada déſte filho, ſe pejava todas as vezes que entrava na Igreja, dos ſenſiveis ſaltos que em ſeu ventre dava, advertidos ainda por quem a acompanhava, com obſervaçaõ de que nem em caſa, nem fóra da Igreja ſe movia; para que ſe viſſe eraõ ſaltos continuados do Bautiſta, ou, pé mais a traz, de David diante da Arca.

Luc. 1. 2. Reg. 6.

Naquelles oito dias, que precederaõ ao Bautiſmo, houve entre os parentes quem foſſe de voto, lhe chamaſſem Joaõ, quem Affonſo, como ſeu avô paterno; ſeguiõ-ſe porèm o voto da mãy, devota de Santo Antonio, para que eſte nome ſe déſſe a ſeu filho, e houveſſe em Portugal dous Antonios, que nos moſtraſſem a Chriſto em dous eſtados, gozoſo, e doloroſo: hum, em cujas mãos ſe viſſe Chriſto Menino, outro, em cujo peito ſe reviſſe Chriſto crucificado: hum, cujo livro ſerviſſe a Chriſto de throno, outro, que do coraçaõ lhe formaſſe o deſcanço: hum, que Deos abraçava; outro, que em Deos ſe abrazava: hum, que mereceſſe ſer chamado Arca do Teſtamento, outro, que melhor que Arca guardaſſe o Teſtamento de ſeu Padre S. Franciſco: hum, que foſſe Martello das hereſias, como o appellidou o mundo, outro, que foſſe Machado, como a ſi meſmo ſe chamou o noſſo Fr. Antonio, dizendo: *Era Machado, de que Deos ſe ſervia por inſtrumento, para cortar alguma eſpiritual arvore da brenha deſte mundo*: hum, que paſſaſſe de Conego Regular a Obſervante de S. Franciſco com deſejos do martyrio, outro, que por padecer o martyrio de Miſſionario Apoſtolico naõ quizeſſe paſſar a hum bom Biſpado neſte Reino: Primeiro que eu, lhe chamáraõ martyrio os Santos, Agoſtinho, Jeronymo, Chryſoſtomo, Pedro Damiaõ, Anſelmo, Gregorio, Cypriano; e Euſebio Ceſarienſe fallando de Luciano, que intitula Martyr, por Prégador Apoſtolico. Nem falta a autori-

Aug. ſerm. 250. de temp. Hyer. ad Euſtoch. ep. 27. Chryſ. hom. 22. in Ep. ad ſteb. Petr. Dam. ſerm. 50. de S. Apoliuar. Anſelm. in ep. ad Rom Greg. Mag. l. 3. Dial. c. 26. Cypr. ad Fortun. poſt hunc vita & ſtudiis ſemper martyr Lucianus Chriſti Regnum rebus geſtique prædicans Euſeb. Cæſ. l. b. 8. hiſtor. Eccl. c. 9.

da-

dade do noſſo meſmo authorizado Fr. Antonio, que dizia: *Serem a mortificaçaõ, e pactencia virtudes, que nos faziaõ Martyres.*

CAPITULO II.

Educaçaõ de Antonio: Mandaõ-no ſeus pays eſtudar a Evora: deixando-o de dezoito annos morre ſeu pay em Leiria, e elle, deixados os eſtudos, aſſiſte a ſua mãy, e irmaãs na Vidigueira, até que por cauſa de hum homicidio ſe auſenta para Moura, onde aſſenta praça de ſoldado, e embarcando-ſe para o Braſil, lá o começa Deos a allumiar.

DE ſette ſemanas era Antonio, quando por preludio de ſuas Miſſoens ao diante foy em companhia de ſeus pays para o Algarve, porque deſpachado Antonio Soares de Figueiroa com a Judicatura de Villa-nova de Portimaõ, quiz levar toda ſua caſa, por naõ deſcaſar a juſtiça da bôa fama; como quem prudentemente avaliava por de menos conſideraçaõ os diſpendios da conduçaõ, que os deſperdiços da opiniaõ. Foy hum dos ſeus primeiros cuidados buſcar ama virtuoſa, e honeſta a ſeu filho naquella terra; porque, ainda que em leite, era Antonio ja filho de S. Franciſco, e como tal fora em toda a jornada mammando por eſmóla nos peitos da ama de ſua irmaã mais velha Dona Maria. Começou a educaçaõ de Antonio pelas bondades da ama, que lhe procuráraõ ſeus pays, por ſer incrivel a força do leite para inclinar a qualquer parte. O primeiro licor, que ſe infunde no vaſo, ſe perpetua ſempre no cheiro. O primeiro, que ſe ouve, toma poſſe dos ouvidos, e dos olhos o primeiro que ſe vê. O primeiro conceito, que ſe imprime na alma, parece que ſe grava em bronze; e aſſim ſaõ precioſos muitos

tos actos contrarios primeiro para apagar o primeiro, e depois para imprimir o segundo.

A este primeiro cuidado de seus pays se seguio o de lhe darem Mestre, que naquella primeira, e melhor idade para o ensino, o instruisse nos primeiros principios das letras. Para o Magisterio dos bons costumes tinha Antonio de portas a dentro os melhores Mestres. Aprendeo a ler, e escrever em breve tempo, e mais em breve aprendêra, se a felicidade de seu engenho se lhe naõ déra a conhecer para deixar de se applicar. Passou a Latim, e deste á Filosofia, mandado estudar a Evora. Entaõ naquelle tempo seus costumes, e inclinaçoens mais, que as letras, humanas. O genio levava-o para as armas, divertindo-lhe o engenho que tinha para as letras; com que ficou sabendo mediocremente aquellas faculdades, em que pudéra ser eminente, sem que por isso fosse menos soldado, havendo de sê-lo; pois voa com penna o ferro da setta, que melhor se emprega: e para naõ ter medo, requisito necessario para o valor, he approvado remedio saber que, por arvore de Apollo, naõ cahe rayo no louro.

Com estes fumos de Marte, e desagrados de Minerva o tomou a nova de ter seu pay passado desta vida, perfeitos dezoito annos da sua. Notavel concurrencia de Antonios! O grande ficou tambem sem pays dos mesmos dezoito annos de idade. E parece foy Deos talhando pelos moldes dos dous grandes Santos Antonios este terceiro, para com os dous fazer na Igreja Militante hum Terço vencedor da carne, mundo, e inferno. A morte de seu pay o obrigou a se recolher a casa, e tratar de dar vida, e estado a suas irmaãs, e em quanto lho naõ dava, a fazer-lhes companhia; porèm se huma morte o trouxera para sua casa, outra o fez deixá-la, e retirar para Moura, receoso de que o prendessem pelo homicidio, em que teve a defeza de desafiado.

Post mortē autem parentum, annorum circiter decem & octo derelictus.

Vendo-se Antonio da Fonseca Soares (este foy todo seu

ſeu nome no ſeculo) na Villa de Moura, terra em que naquelle tempo vivia a guerra, pela que havia viva entre Portugal, e Caſtella, com a occaſiaõ na maõ para ſeguir a vida militar, e dar moſtras de ſeu valor, ſem que lho impediſſe a obediencia do pay, que ja naõ tinha, nem a aſſiſtencia da mãy, e irmaãs, que o homizio lhe atalhára, aſſentou praça de ſoldado; e poſto que tambem aſsentaſse comſigo de acabar naquella vida, Deos ſó lha permittira, para que coſtumado a fazer ſentinellas, o achaſse depois mais de acordo em ſuas vigilias, mais deſtro nas ſuas milicias. Dous, ou tres annos ſómente ſervio a ElRey naquella Praça com melhor ſatisfaçaõ, do que a Deos com ſua vida, fazendo-a elle de ſemear pezares, e arrependimentos para ſeus mais bem aproveitados annos, e commettendo aquellas culpas, que tanto exaggerava a ſua lingua, e tantos dias, e noites lhe levaráõ de penitencia. Deſte tempo fallava depois aſſim Fr. Antonio: *Quererá Deos N. Senhor, que em a emenda de alguns dias ſe reparem as ruinas de tantos annos, que ſó ſe contaõ para o pranto, naõ tendo que deſcontar para o merecimento.* Era Antonio da Fonſeca bem prendado da natureza, chovia-lhe a graça, e a arte o fez inſigne na Poeſia; e elle feito Alexandre com huma maõ na eſpada, outra na Odiſsea vencia tudo aquillo, em que ſe naõ vencia a ſi meſmo, formando-ſe indignamente vaſo de contumelia, e confuſaõ, para Deos vir a moſtrar mayor poder em o reduzir a vaſo de honra, e eleiçaõ. Tinha hum natural muito agudo, e iſto, que naõ he bom nas febres malignas, era peyor nas ſuas maldades, do que he nas febres.

2. Timoth. 2. 22.

Offereceo-ſe naquella conjunçaõ ir hum ſeu parente por Deſembargador para o Braſil; quiz Antonio da Fonſeca acompanhá-lo, para com viagem taõ comprida expreſſar melhor em ſi a imagem do filho Prodigo, que nelle ſe via retratado; ſe lhe que naõ foy ſó imagem, como Para-

Luc. 15. 18. rabola, o Prodigo do Evangelho, e o imaginado Antonio da Fonſeca, pois melhor que eu o eſcrevo, o deſcreve aquella Parabola, e elle a ſi meſmo na ſua primeira Faiſca. Naõ temos memorias do que neſta viagem paſsou, que como levava a prôa em ſeus coſtumados vicios, naõ podia deixar por pôpa, nem ainda os menores raſtos, Pſalm. 1.6. pois parece o caminho dos impios. Huma ſó couſa acho dita por elle meſmo, annos depois, a huma Religioſa, e foy: Que o Meſtre da náo, em que hia, lhe déra em certa occaſiaõ, que o apertava a melancolia, para ler a vida de Santa Gertrudes, e Deos por meyo de ſua liçaõ huma grande luz, com que conheceo a vaidade do mundo, e os ſeus laços, de que todo elle he rede, e toda a vida enredo. Mas que eſta luz do deſengano lhe paſsara logo como relampago. Ninguem ſe perde, porque lhe falte aquella luz, perdem-ſe os que mais que a luz amaõ as trevas.

Chegado ao Braſil, foy Antonio da Fonſeca o meſmo, que tinha ſido neſte Reino, por ſe levar a ſi comſigo. Naõ apagaõ muitas agoas a caridade, nem todo o Oceano o fogo do vicio huma vez ateado. Dentro porèm de poucos mezes (á maneira que ſe diz naquellas partes, que apalpa a terra, aos que adoecem pouco depois de chegados a ella) o apalpou Deos, naõ com enfermidade corporal, mas por virtude da liçaõ eſpiritual. Que tem Deos taõ differentes modos de apalpar, como os Santos lhe conſideraõ no bater; nem para apalpar uſa, ou neceſſita de maõ propria; por ſer obrar o ſeu querer, e o ſeu tocar dar algum ſinal ſenſivel de ſua preſença, e entrada em huma alma. Foy o caſo, que enfaſtiado Antonio da Fonſeca, tanto, ou quanto, de ſeus appetites, azedando-o ja as ſuas verduras, e parecendo-lhe menos bem o mal, que até entaõ vivêra, nem achando ja nos ſeus galantêos galantaria, como nem ſubſtancia nos modos, e modas de ſua vida, (que naõ ha peccador que nos ſeus deleites naõ

en-

encontre a fortuna das flores, de todo o agrado frescas, de todo o desprezo murchas) deo ouvidos a hũa practica, que moviaõ seus amigos sobre o casarem na Bahia, considerando ser o Matrimonio muitas vezes atalho, a quem leva ruim caminho. Para ajustar este tratado foy Antonio da Fonseca a casa de hum daquelles amigos, mas a poucas palavras descontente das propostas, querendo interromper a practica, lançou maõ de hum livro, que, como a Agostinho em casa de Pontiniano, se offerecia de sobre hum bofete da casa daquelle amigo; melhor differamos candêa posta sobre o candieiro do Evangelho, para allumiar a todos os que follem áquella casa, que luz foy para Antonio da Fonseca este livro das Obras espirituaes do Grande Fr. Luiz de Granada. A's vezes onde menos se cuida, está o que mais aproveita. Tomou elle o livro na maõ para dobrar folha no que se fallava, e Deos foy-lhe abrindo os olhos para ver em cada regra, quanto se desmandara; em cada folha as culpas, com que lhe sahia o remorço de sua mesma consciencia; em cada lauda os louvores, que a Deos devia pelos grandes beneficios, que delle tinha recebido em toda sua vida, pagando-lhos elle com ingratidoens, e offensas a toda a hora; em cada margem huma nota sua, e dando-lhe o Senhor huma inspiraçaõ a cada aspiraçaõ, foy elle servido, que por estes gritos mudos, com que lhe fallava áquelle papel, e tinta, ouvisse Antonio da Fonseca a divina misericordia, e por aquellas manchas negras conhecesse o estado, em que suas culpas o tinhaõ posto. O Capitulo que leo, foy o do Juizo. Do mesmo juizo de hum entendido lhe faz Deos capitulo, quando quer que conheça que vay errado, e merece castigo. Sem outras despedidas, mais que as palavras, com que pedio licença para levar o livro, se foy para sua casa, deixando o amigo velho pelo novo; que amigo he, e muito verdadeiro todo o bom livro, pois dá o melhor conselho, instrue, e ensina, guia,

guia, e allumia ſem dependencia, nem liſonja.

Apenas Antonio da Fonſeca entrou em caſa, quando encoſtando a eſpada, e puxando por huma cadeira, tornou a fazer emprego de ſeus olhos o livro, que lhe roubará o coraçaõ, e qual a ſequioſa aveſinha, que mettendo o biquinho na agoa, a cada gotta, que bebe, levanta a cabeça para o Ceo, dando lhe graças pela providencia que tem della; aſſim o noſſo Leitor bebendo naquellas letras mortas agoa de vida, que com as duas fontes de ſeus olhos multiplicava, pondo os no Ceo lhe dava muitas graças por ter uſado com elle de infinitas miſericordias; e conſiderando, que por Deos o ter ſoffrido muito, devia elle temê lo mais, e que em grandes piedades enſaya Deos grandes caſtigos, lhe pedia ſuſpendeſſe os caſtigos, que mereciaõ ſeus peccados. Logo tornava a abater os olhos continuando na liçaõ, e logo os tornava a fechar a conſideraçaõ: parava no que lia, para na ſua vida reparar; pezava as palavras, para fazer cargos a ſeus máos procedimentos. Em cada ponto lhe doiaõ as feridas, que em ſua alma tinhaõ feito as culpas; em cada virgula ſe lhe repreſentava a vara da divina juſtiça, que o ameaçava; cada admiraçaõ era para elle paſmo do que tinha ſido, e ja a cada letra quizera elle ter muitas vidas, com que pagar a Deos ſuas miſericordias; e dobrando as interrogaçoens, que no papel achava, ſe fazia a ſi eſtas Antonio da Fonſeca: Como he poſſivel, dizia, que eu me ſalve, ſe vou fóra do caminho da verdade? Como poſſo eſperar ſalvaçaõ pelos meyos da perdiçaõ? Vas perdido Antonio! Segues a ſombra, deſprezas a luz, amas as trevas, por naõ andar honeſtamente nos dias. Ora pois, reſoluçaõ; ſe conheces que vás errado, muda de conſelho, e de caminho; profeguir mais he errar mais. Menos mal he ter errado, que perſeverar no erro. Naõ gaſtes debalde a vida, que Deos te dá de eſpera; baſtem os eſtragos, que a culpa te tem feito na alma. Dá volta para

Deos

Deos, cujos premios tem huma duraçaõ eterna, e naõ huma vaidade caduca. Naõ paſſe a obſtinaçaõ o que atègora foy cegueira. Seja perſuaſaõ á virtude a liçaõ deſte livro; ſe até aqui os que lias, eraõ fomento aos vicios, e de rhetorica ao engano. Naõ ha converſaõ tardia, por mais que ſeja retardada; que no Bom Ladraõ ſe dedicou primeiro eſta maxima. Com eſtas raciocinaçoens, e diſcurſos Antonio da Fonſeca, que entrara leaõ a abrir o livro, ficou cordeiro em o lendo, e diſpoſto interiormente para a grande mercê, que Deos lhe queria fazer em o converter; que o mais grande, e beneficioſo da vocaçaõ divina, he que me chame Deos, quando ſabe que o hey de ouvir, e conreſponder a ſeu amor. Apoc. 5.

Deos o chamou naquella occaſiaõ com huma tal força, e impulſo, que para moſtrar o que deixava rendido, o derrubou da cadeira em que eſtava lendo. Vireis o Saulo atroado, e derrubado do cavallo por força do brado de Chriſto, com eſta circunſtancia, que Antonio da Fonſeca cahio da cadeira como entendido, naõ como precipitado. Coſtumava dizer o Servo de Deos: *Que depois de S. Paulo naõ houvera quem tiveſſe taõ grande vocaçaõ como a ſua, nem quem tanto deveſſe á divina miſericordia pelo aperto, com que o chamára.* Depoſto da cadeira, ſem perguntar ao Senhor que queria que fizeſſe, fez elle a Deos a vontade no voto de deixar o mundo, e de o ſervir no habito de S. Franciſco. Mas ſe entaõ lhe alluminou o entendimento, como podia deixar de encaminhar a vontade! Para aſſim o crermos, baſta o credito, que damos a tudo, que o Veneravel Padre dizia, e eſcrevia, ſendo eſtas as palavras de huma ſua carta: *Naõ ſey que teima tem Deos com os ruins, ſe choraõ quatro lagrimas! Que a hum ſuſpiro ſe vira, a huma lagrima ſe entrega, a hum ſoluço ſe abranda, a hum eiſ-me aqui, meu Deos, ſe chega, a hum meu Deos da minha alma, dito com a ponta do eſpirito ſe nos mette no coraçaõ, dando-nos elle meſ-* Act. 5. 4.

meſmo os geitos com que o achemos, quando o buſcamos, &c.

Effeito deſta vocaçaõ taõ ſuperior foy buſcar logo Confeſſor, que, como Ananias a Saulo, precedendo huma confiſſaõ geral de toda a vida paſſada, o admittiſſe ao Bautiſmo da Penitencia, e depois de reſtituido á divina Graça, procurar no melhoramento de huma nova vida moſtrar o grande pezar, que tinha dos máos logros da paſſada: Veſtio de fortaleza o animo, de pureza os affectos, de Ceo os diſcurſos, de Deos as palavras, amou os ſilencios, abraçou os retiros, occupou a memoria em Deos, que trazia ſempre na lembrança, fazendo de todas as creaturas memorias de Deos, para que todas o acordaſſem, e eſpertaſſem em ſua lembrança, como ſegurança, e allivio da vida eſpiritual. Neſta preſença divina ſe alentava, e recreava de maneira, que como elle meſmo affirmou, lhe era martyrio muito penoſo ſer viſitado, e buſcado de peſſoa humana naquelle tempo; e que muitas vezes indo pelas ruas, naõ atinava com as paragens, nem acertava com as voltas, abſorta toda a advertencia em Deos, a cuja viſta, aſſim como naõ he nada a terra, aſſim a ſua memoria balda toda outra applicaçaõ, e advertencia: eſta lhe dava luz ao entendimento, calor á vontade, perſeverança a ſeus bons propoſitos, gozo, e alegria á ſua vocaçaõ. Neſtes, e outros exercicios eſpirituaes acompanhados de rigoroſas penitencias ſe occupava Antonio da Fonſeca no tempo que eſteve no Braſil depois deſta ſua primeira converſaõ, e principalmente na Bahia de S. Bento, onde Deos lhe fez tantos favores, que dizia, fora para elle o que para Santo Ignacio de Layola a ſua Manreza, e que ſe naõ tivera a luz da Fé, ſó pelo que Deos alli lhe communicou, daria a vida pelas verdades della. Aquella meſma Bahia, dizia elle, que Deos lhe mandára em hum ſó dia cinco recados por outros tantos Religioſos, ſem ſaberem huns dos outros, mas

mas convindo todos, em que era vontade de Deos, que elle cumprisse o voto que tinha feito de ser Religioso, mas naõ podendo acabar comsigo o tomar o habito naquelle Estado, (que posto tenha o nome de terra de Santa Cruz, elle a queria de madeiro amargoso, naõ doce lenho) se resolveo a tornar para este Reino, para nelle cumprir o seu voto.

CAPITULO III.

Restitue-se Antonio da Fonseca a este Reino: Torna a ser o que nelle tinha sido, e Deos por meyo de enfermidades, e perigos o obriga a dar á execuçaõ seus bons propositos: dá delles conta por carta a huma tia sua: Toma o habito de S. Francisco no Convento de Evora, e mudando de nome, merece alcançar hum nome grande por sua virtude.

VIndo do Brasil Antonio da Fonseca, se aveyo logo com os vicios da vida passada, como se foraõ a gála, que trazia para saltar em terra: e o que no Brasil tinha despido o homem velho, vestindo-se de Jesu Christo em chegando a este Reyno se vestio do homem velho, e de seus actos, despindo-se, e despedindo-se de Jesus Christo, e de seus bons propositos. Succedeo-lhe o que a qualquer baxel, que tendo na terra o seu nascimento, depois de lançado ao mar, he a terra o seu naufragio. As agoas de todo o Occano intermedio naõ cerraõ mais o commercio, do que fecharaõ, as que ha entre o Brasil, e Portugal, o passo ás virtudes, que de Antonio da Fonseca contamos no Brasil, dando-nos nesta sua mudança aquella sua maxima: *A carreira naõ se vê que foy, quando começa, senaõ quando acaba*, e tambem aquella sua doutrina, que aqui pomos por sentença do processo de Coloss. 3. 24.

ſua culpa: *Muitos ha, que tratáõ a Deos como a fonte, ella com os ruidos os chama, com ſuas doces agoas deleita, bebem, recreaõ-ſe nella, e logo lhe daõ as coſtas.* Finalmente, o que naquelle Eſtado, pelo que leo, ſe fez outro; neſte Reino, pelo que obrou, tornou a ſer o meſmo. Que quando nos fazemos indignos de Deos nos amparar; naõ ha máres, ondas, tormentas, nem balêas, que
Jonas 1. nos melhorem como a Jonas.

Guerra he a vida do homem ſobre a terra, o eſpirito a
Job. 7. 1. faz por ſujeitar a carne, eſta por dominar ó eſpirito, tudo ſaõ batalhas, e vencimentos, cahidas, ruínas, victorias, deſpojos, triunfos, e huma variedade infinita de ſucceſſos, havendo pouca diſtancia entre o amar a Deos, e offendê-lo; entre o chorar as culpas, e commettê-las; entre ſeguir a Chriſto, e deixá-lo. Naõ he iſto deſculpar Antonio da Fonſeca, ſenaõ acautelar a todos com eſta ſua recahida, moſtrando que todos tem que temer; os máos porque o ſaõ, os bons porque pódem deixar de o ſer. A proſperidade do vento deo muitas vezes com a náo no baixo, e as correntes das agoas na bonança pudéraõ mais que a tormenta. Ha de temer o Varaõ eſpiritual na proſperidade, e no riſco, que naõ ha ſegurança em taõ miſeravel vida como a noſſa; cheia de ſalteadores exteriores, e interiores, de demonios, que incitaõ, de homens, que inquietaõ, de mulheres, que enlaçaõ, de inclinaçoens, que precipitaõ.

A muitos parecerá que foy cauſa deſta reincidencia de Antonio da Fonſeca a muita confiança, com que paſſados ſós dous para tres annos de penitencia, e reforma, ſe atreveo a tornar ao lugar da culpa, fazendo-a natural com a repetiçaõ de ſua patria, na qual viviaõ ainda Dinas, Berſabees, Thamares, e Dalilas, para tirarem de ſeus ſentidos, e cegarem os olhos aos mais fortes guerreiros, e allumiados eſpiritos; e onde eſtava ainda freſca a tinta das cartas, que eſcrevera, como Pariz a Elena, e

era

erane ceſſario, ou mais terra, ou mais área, e tempo de per meyo, vendo-ſe mal apagados ainda os veſtigios de ſuas culpas, que renovava com as viſtas; ſoando tambem ainda os applauſos de ſuas partes, as acclamaçoens de ſeu valor, e engenho, que enchèraõ logo de vaidade, quanto em ſeu coraçaõ occupára por pouco tempo a virtude; fazendo crer a todos fora ſua reſoluçaõ pouco madura, por ſer feita em idade muito verde.

Outros entenderaõ, que permittio Deos faltaſſe Antonio da Fonſeca ao ſeu temor, para depois o vir a lograr melhòr no ſeu amor. Da ſeára das mayores culpas colhe Deos, quando he ſervido, as mais ſoberanas finezas. Que outra couſa foraõ as lagrimas da Magdalena, e de S. Pedro, ſenaõ chuveiros de amor depois de diluvios de peccados? Que outra couſa os Soliloquios, as Faiſcas, as Jaculatorias, e fervoroſos actos de amor de Deos, com que ſeu Servo Fr. Antonio das Chagas paſſava noites, e dias, ſenaõ fogo de amor Divino ſobreſahido do mar de ſuas culpas? Eſcrevia S. Maximo, que permittira Deos, que havendo S. Pedro de ſer Paſtor do mundo, ſe moſtraſſe na virtude enfermo, para haver de ſer de todos firmamento. E Santo Ambroſio, que nenhum mal nos fez em negar, muito bem a ſi, e a nós em ſe emendar.

Neſtas culpas de Antonio da Fonſeca, que na verdade eraõ todo o ſeu mal, ſe pódem conſiderar ainda dous pequenos bens, (dando, com Seneca, nome de bem ao menos mal) e vem a ſer: pejo de commetter o peccado, e remordimento interior de ſer peccador. Aquelle pejo, e eſte remordimento acompanharaõ taõ inſeparavelmente ao noſſo peccador Antonio da Fonſeca, que as culpas, e exceſſos, que commettia, ſe lhe davaõ cores á cara, tambem latidos na alma. De todos ſeus peccados podia ſer teſtimunha a Lua, naõ o Sol, prová-los-hiaõ os indicios, e conjecturas, naõ as viſtas, e evidencias; os ouvidos, naõ os olhos; nem da ſua boca ſe ouviaõ jactancias, nem de

Sen. de vit. beat. c. 12.

ſeu coraçaõ ſe murmuravaõ complacencias. Antes ſabemos, que em muitas occaſioens eſtranhou a ſeus camaradas fazerem goſto de ſer ſabido o ſeu eſcandalo, e depeccarem á face de Deos, e do mundo, tirando com iſto ao peccado ſeu proprio pejo, ſe naõ he ignorar-lhe o naſcimento para lho dar mais honrado.

O remorſo da conſciencia, bicho occulto, juiz, e teſtimunha do mal, que obramos, do bem, que naõ fazemos, era nelle continuo. Via no ſeu interior, e exterior a fealdade do peccado, a auſencia da graça, huma deſconfiança da gloria; e poſto que ſe deixava levar do erro, ſentia huma interior repugnancia áquillo meſmo, que amava; aborrecendo a parte ſuperior, o que abraçava a inferior: naõ ſe ſatisfazendo a razaõ do que tanto agradava ao appetite, e ora ſe queria reſolver a cumprir o voto que tinha feito; ora queria diſpenſar-ſe nelle para desfazê-lo: ja conhecia o engano, ja lhe tinha conta viver enganado; mais ſe lhe hiaõ os olhos no meſmo que conhecia que era erro, que no que ſabia era importancia, verdade, e deſengano; de manhaã ſe propunha ſoldado de Chriſto, á tarde ſe aliſtava na companhia do demonio: de dia inſpiraçõeſ, de noite confuſoens; e ſem achar nunca convençaõ entre luz, e trevas, Deos, e Belial, foy vivendo algum tempo na Babylonia da Corte, mas com lembrança, e algum deſejo da paz, e ſocego de Siaõ: Qual a náo, que em quanto naõ chega ao porto, ſente as tempeſtades, vive deſinquieta, e a ſua deſinquietaçaõ he a lingua do ſeu perigo, e ás vezes do ſeu naufragio. Nas occaſioens das campanhas paſſava a Alemtejo, e obrando proezas com a eſpada, acabadas ellas, recolhendo-ſe outra vez para a Corte, nella ſó a fama com ſuas azas lhe fazia ſombra. Eſta foy a vida de Antonio da Fonſeca, até que a divina Providencia, que deixara por algum tempo correr ſeu curſo, ſe diſpôs a lhe pôr remedio: foy eſte o de huma grave doença; que ſervem

muj-

muitas vezes de medicina á alma as enfermidades, que o corpo padece. Quantas vezes pelas sangrias dadas nas vêas alijou a alma os viciosos humores, de que se queixava! E quantas faz Deos espelhos dos males do nosso corpo, para que conheçamos os males da alma! Dita he ter vista para o conhecer, e a Deos se ha de pedir a resoluçaõ, que falta para curar, e aproveitar. Naõ lhe esteve mál ao nosso doente o enfermar para se aproveitar; porem naõ obedecendo o seu mal taõ depressa, como o bem que Deos lhe queria, lho merecia: foy necessario segundar-lhe outro remedio mais rigoroso, que foy cauterio de fogo, ferido por hum bacamarte, com que em Setuval lhe tiraraõ a queimaroupa de noite sem lhe tocar bála alguma no corpo, por serem de Deos os toques, cujos tiros, por serem de salva, naõ levaõ bála, que mate, polvora sim, que assombre, que atemorize, e consterne: Ay dos peccadores, se todo o trovaõ com que Deos os assombra, rompesse em rayos contra sua vida!

Assombrado com este succesſo, e dando-lhe Deos luz neste perigo, se persuadio que do mais alto lhe viera o tiro: naõ lhe passava aquelle susto, naõ tirava os olhos daquelle fogo, naõ se podia esquecer daquelle perigo, e receando-os mayores na alma, que no corpo, pela ingratidaõ, com que se tinha havido aos amorosos avisos do Ceo, fechando os ouvidos a seus reclamos, os olhos a seus acenos, o coraçaõ a seus rogos, a alma a seus auxilios, temendo outrosim, que naõ se aproveitando do lume, que ferira aquelle fuzil, viria a dar nas trevas do Inferno; pois aquelles ameaços eraõ avisos para se prevenir no que podia temer, se resolveo a naõ resistir mais ás baterias da divina misericordia, entregando-se desde logo a este seu primeiro tiro, que considerava poder-se repetir como rayo, sobre mayor resistencia mayor estrago. Desta sorte endireitou a tempestade aquella arvore, que tanto tinha torcido a vaidade, e liviandade. A ruina he

algumas vezes deſpertador da conſciencia, e hum máo ſucceſſo lingua da vontade divina. Muitas peſſoas, ainda que achacadas, ſe naõ curaõ, ſenaõ depois de hum accidente, que lhes deo máis occaſiaõ de ſe reparar: grande bem he aproveitar tudo, e até dos males, que nos ſuccedem tirar delles o que nos importa de bem.

Paſsou-ſe logo Antonio da Fonſeca de Setuval a eſta Corte, e buſcou nella ao Padre Fr. Filippe da Conceiçaõ, Religioſo Terceiro, e dos primeiros na virtude, e eſpirito; communicou-lhe ſeus ſucceſſos, e ſentimentos, pedindo-lhe tambem o ſeu ſentir neſtes ſucceſſos; foy o daquelle Religioſo, que cumpriſſe a Deos a promeſſa, que lhe tinha feito, ſe naõ queria ſer excluido das da Bemaventurança, aconſelhando-lhe juntamente, que foſſe tomar o parecer do Padre Fr. Antonio de Chriſto, Carmelita Deſcalço, que pelo eſtar de affectos humanos, melhor lhe deſcobriria eſtes ſegredos divinos. Correo Antonio da Fonſeca ao Convento dos Remedios com aquella velocidade, que dá aos Cervos a ſua ſede; eſta tinha ja o Servo de Deos de lhe fazer a vontade, e achando o ſobredito Padre no Clauſtro junto da Portaria, ſem que lhe fizeſſe propoſta alguma, nem elle poder ter noticia humana do que paſſára com Fr. Filippe, pela meſma, com que viera Antonio da Fonſeca de Jeſus aos Remedios, ouvio da ſua boca, que fizeſſe o que o Padre Fr. Filippe lhe aconſelhára. Aſſim achou Antonio da Fonſeca Jeſus nos Remedios, e os remedios em Jeſus. Como havia em ambos eſtes Religioſos o meſmo eſpirito, naõ podia o dom de conſelho ſer diverſo.

Pſalm. 41, 2,

Ouvida a reſpoſta deſtes dous Oraculos, luz manifeſta da vontade divina, tratou logo de ſe aproveitar della, qual o que caminha de noite pela rua, adianta muito os paſſos com a candêa, que ſe pôs á janella; e demandando o Reverendo Padre Fr. Franciſco de S. Paulo, Provincial que entaõ era da Santa Provincia dos Algarves, lhe pedio

pedio o habito: e allegurou do eſpirito, com que, naõ obſtante trazê-lo o mundo nas palmas, elle lhe virava agora as coſtas, naõ conhecendo ingratidaõ, onde nunca reconhecera beneficio, pois no que dá, ahi nos tira o melhor o mundo, no deleite a ſaude, na riqueza a alegria, nos officios a conſciencia, nas ſuas flores a graça, em ſeus fructos o goſto, em ſeus labyrinthos o fio, nos ſeus poſtos o ſocego, nas ſuas alturas a ſegurança, nos ſeus fumos a viſta, no util o honeſto, no ſuperfluo o comedimento, e até na cruz, que nos dá, nos tira a bençaõ. Pareceo áquelle Prelado metter tempo de permeio entre o pedir, e alcançar do noſſo pertendente, aſſim por experimentar ſua perſeverança, como por ſer neceſſario livrar-ſe primeiro de alguns crimes, que havia commettido. Sentio elle eſta dilaçaõ, mas pondo a culpa a ſi meſmo, minorou aquelle deſgoſto, e dando ordem a ſe pôr corrente dos crimes, continuou como d'antes as campanhas, e tratou de ſeus deſpachos, dando a entender ao mundo que naõ mudava de vida com aquellas apparencias da paſſada. Ninguem mais engana o mundo, que quem nelle vive deſenganado.

Livre ja dos crimes, e alcançada Patente de Capitaõ de Cavallos por deſpacho de ſeus ſerviços, fez ſegunda ſupplica ao ſobredito Provincial, pedindo-lhe trocaſſe aquella Patente de Capitaõ por outra de Religioſo de ſeu Padre S. Franciſco, que como elle ſó iſſo queria ſer, naõ lhe ſervia Patente de mandar, ſenaõ de obedecer; e ſe a procurara, fora para, qual outro Centuriaõ, Commandante dos Soldados no Evangelho, ceder a Chriſto todo ſeu mando. Admirou ao Provincial eſta valorola; quanto pia reſoluçaõ; (ja Chriſto ſe admirara da fé do Centuriaõ) e com lhe mandar paſſar Patente para tomar o habito no Convento de Evora, paſſou a Antonio da Fonſeca da terra para o Ceo. do mundo para o Paraiſo, do cativeiro á liberdade, do mar ao porto, do golfo ao foce- Matth. 8. 10.

go, da bandeira do demonio á de Chriſto, de filho de trevas a filho de luz, de eſcandalo da Igreja a hum dos melhores exemplares della. Todas eſtas vantajens conſiderava elle conſequencias do novo eſtado, que tomava; e cheio de gozo, e alegria, eſcondendo o motivo até aos meſmos familiares de ſua caſa, partio para Evora, donde eſcreveo ſua reſoluçaõ por carta a huma tia ſua, e he a que ſe ſegue, por ſer de muita doutrina.

„ MInha tia, e ſenhora. Ja o coraçaõ rompe o ſilen-
„ cio, que ha tantos tempos vive occulto entre os
„ myſterios do recato; e naõ ſem lagrimas tomo a penna
„ para dizer a V. M. que eſta vida, que ſervio de moti-
„ vo aos eſcandalos, entra a ſer exemplo de emendas,
„ trocando as gálas em burel, e os caprichos em cilicios;
„ para que aſſim mude a razaõ os diſtrahimentos em clau-
„ ſura, e os deleites em penitencia. E naõ he muito que
„ aſſim me acolha a ſagrado, fugindo á Juſtiça de Deos,
„ a que fiz tantas reſiſtencias, pois elle foy ſervido de
„ reduzir ao ſeu rebanho eſta ovelha perdida, quaſi no
„ meſmo tempo, que entre as trevas do peccado, e entre
„ os horrores de tantas culpas ſe aumentavaõ os deſcami-
„ nhos, e creſciaõ os deſpenhadeiros. Fico para tomar
„ o habito em S. Franciſco de Evora, aonde eſpero que
„ Deos me guie ao porto de minha ſalvaçaõ, que naõ he
„ pequeno milagre, depois que com as borraſcas do pe-
„ rigo a vida correo fortuna, e com as tormentas do
„ vicio a alma teve naufragio. E ainda que cuſte muito ao
„ goſto arrancar da alma tantas raizes, ainda que dòa ao
„ coraçaõ deſatar-ſe daquelles laços, com que ja deo tan-
„ tos nós cegos; quebrou já a razaõ as cadêas, com que o
„ mundo me tinha atado, ou o engano me tinha prezo.
„ Pois bem que o mundo por perſuadir-me me armou
„ com aquellas ditas, de que fiz a V. M. relaçaõ, e com
„ outras venturas, que ainda vivem no meu ſegredo, naõ
„ me

„ me ſoffreo a conſciencia renunciar os theſouros do
„ eſpirito por elles morgados da fortuna ; que como a
„ eſtes deſtroe o tempo, e os outros duraõ huma eter-
„ dade , a meſma razaõ, que me movia a fazer-me gran-
„ de nos applauſos , me perſuadio com mais motivo a
„ perpetuar-me nos acertos; porque a naõ ſer eſta a ten-
„ çaõ, que me obriga a mudar de vida, ahi eſtava o mun-
„ do com as proprias , e a eſtimaçaõ com as vaidades.
„ Mas quando eſta reſoluçaõ naõ tivera annos de propo-
„ ſito , baſtava que para deſengano tiveſſe dias de diſ-
„ curſo ; porque ſe conſideramos a vida , que he ella,
„ mais que hum momento , que aquillo ſe vay diminu-
„ indo, que começa a ir durando ! Se diſcorremos pelas
„ honras, que ſaõ mais que hum riſco,que ſe compra por
„ huma vaidade , que naõ dura ! Se nos elevaõ as gran-
„ dezas, que ſaõ mais que huns precipicios, aonde ſe ſó-
„ be a ignorancia para deſpenhar-ſe a modeſtia ! Se nas
„ riquezas nos detemos , que pódem ſer mais que huns
„ venenos , que nos douraõ o que nos cuſtaõ, por adoçar
„ o com que mataõ! Se as formoſuras nos cegaõ, que ſaõ
„ ellas mais humas flores,a que a manhaã ſerve de berço,
„ e a tarde de ſepultura ! Toda aquella fragrante pom-
„ pa , com que amanhecem perfumidas , que ha de ſer
„ mais que huns capuzes, com que anoitecem laſtimoſas!
„ Se o meſmo ar, que as anima, he verdugo que as deſ-
„ lha ! Se o meſmo orvalho, que as enferma , he aſpid,
„ que as enxovalha! Por iſto a razaõ derrubou os idolos,
„ que a cegueira idolatrava , e arraſtou a fé as eſtatuas,
„ que a vangloria deſvanecia ; pois todas aquellas oſten-
„ taçoens, que foraõ gála do deleite, converteo ja o eſ-
„ carmento em mortalhas do deſengano, com que o goſ-
„ to ſe pôs á obediencia, e a vontade ao ſacrificio. E aſ-
„ ſim , pois ja me he preciſo que me deſpeça neſtas re-
„ gras de quem naõ verey muitos annos Peço a V. M. me
„ naõ perca de ſua memoria, ou me deſterre de ſua gra-
„ ça,

„ ça, pois hoje mais que nunca me unem a V.M. os af-
„ fectos, e lhe afliftirá a vontade. Acceite V. m. eſta co-
„ mo derradeiros abraços, e perdoe-me ſe me naõ alargo
„ nas letras, porque as lagrimas, que me impedem o cor-
„ rer mais com eſta penna, he a pena que ſó me obriga
„ a que naõ corraõ mais que as lagrimas. Deos guarde a
„ V. m. como deſejo. Evora 13 de Mayo de 1662.

Eſcrita, e remettida eſta carta, ſe foy ao Convento, e procurando o Padre Guardiaõ, ſe pôs a ſi, e a Patente nas ſuas mãos, botando-ſe-lhe aos pés, delles o levantou o Guardiaõ, mais á ternura de abraços, que á força de braços, e o levou para a Caſa dos Noviços, onde eſteve aquelle triduo até os dezoito de Mayo, em que lhe lançou o habito; dia taõ aſſinalado, que o foy naquelle anno da Aſcenſaõ do Senhor, a cuja hora aſſiſtio com ſumma devoçaõ, e eſpirito, dando graças ao Senhor pelo eſtado, a que o chegára, e dizendo-lhe o que ſe lê na Dedicatoria das ſuas faiſcas do amor divino: *Naõ quero eu, Senhor, melhor Cõmenda, que ver-me com o voſſo habito, e nem para tomá lo hoje a peito tirarey outras inquiriçoens mais que as memorias de meus peccados; nem farey melhores provanças, que as experiencias dos meus vicios.* Crivel he tambem, que neſte dia, e neſta hora ſubiria com Chriſto ao Ceo por aquella ſua eſcada eſpiritual, que nos deixou, para chegarmos dentro de nós a Sua Divina Mageſtade, e que o apertáraõ aquellas ſaudades da Aſcenſaõ de Chriſto, de que ſeus affectos foraõ original, e cópia ás que entre ſuas Obras ſe achaõ por letra. A eſte dia da Aſcenſaõ chamava elle ſeu, dizendo, lhe pertencia; e na verdade dia foy de paſſagem para Chriſto, e eſte ſeu Servo: pois Chriſto nelle paſſou para o Ceo Empyreo, e Fr. Antonio para o Ceo da Religiaõ de S. Franciſco. Todos os annos feſtejava com fervoroſa oraçaõ, e notavel recollimento eſte dia, exercitando o que dava por liçaõ a huma Religioſa em carta ſua, onde lhe

dizia

dizia desta maneira: *Para esta Ascensaõ todo o amor he pouco, e nenhuma saudade muito. Folgara que das presenças deste Mysterio tirara V. M. todos estes dias huma grande saudade; e com ella na alma, nos sentidos, e pensamentos andasse até passar este dia, dizendo: Meu Deos, e minha saudade, quando será possivel, que esta saudade acabe na vossa vista! Quando, quando, meu Deos!* Estas eraõ as Ascensoens, que dispôs no coraçaõ o noſſo Noviço no dia, em que tomou o habito, perdendo o nome de Antonio da Fonseca, para ser nomeado pelo de Fr. Antonio das Chagas no mundo todo. Puderamos com David chamar a esta sua segunda conversaõ mudança da maõ direita de Deos, e á primeira mudança de sua maõ esquerda. Duas vocaçoens tiveraõ Pedro, e André na melhor opiniaõ: huma, e a primeira, para familiares ouvintes de Christo; outra, e a segunda, para discipulos, e companheiros seus, e só em virtude desta segunda deixáraõ quanto possuhiaõ no mundo por seguirem a Christo: e que gloria mayor para Fr. Antonio, que, ainda no que naõ he louvor tamanho, parecer-se com S. Pedro!

Psalm. 83.

Psalm. 76. 11.

Mald. ad Matt. 4.

CAPITULO IV.

Alegria dos Religiosos por sua entrada na Religiaõ: Passa o anno do Noviciado com notavel procedimento: Dispõem-se para a Profissaõ com extraordinario espirito.

GEral foy o contentamento dos Religiosos daquelle Convento, universal o de toda a Provincia, em lhe chegando a noticia de que estava ja no aprisco de Christo a ovelha desgarrada pelo deserto, e se contava por filho de de S. Francisco aquelle Prodigo, que se contentava com o nome de Mercenario. Vireis a conversaõ deste Agosti-

Luc. 15. 17.

nho!

nho do noſſo tempo feſtejada com o *Te Deum laudamus* de Santo Ambroſio. Igual á eſte contentamento dos Religioſos era a admiraçaõ nos ſeculares, naõ podendo crer o que viaõ, poſto viſſem o que podiaõ crer da omnipotente maõ de Deos, que em hum inſtante faz deſcartar do odio a hum Saulo, encartado perſeguidor de ſeu Filho, e voar a eſcrever o Evangelho a meſma penna, que na maõ de Levi ſó ſervia de carregar receitas em o Telonio. Mais era para admirar, que o novo Noviço aſſim ficaſſe Religioſo com o habito, que pareceſſe o achava feito, antes que o fizeſſe: que venceſſe logo a virtude aquelle natural, que nunca bem vence a arte: que naſcendo, e naõ ſe fazendo os coſtumes, Fr. Antonio os fizeſſe, como ſe entaõ naſceſſe: que foſſe Religioſo conſummado, e de repente: que o burel ſe cortaſſe para hum peccador convertido, e cobriſſe hum Frade muito perfeito: que aquelle ſó habito produziſſe mais actos de virtude, que os paſſados produziraõ de maldade: que ſendo o caminho da virtude ſubida, e do vicio deſcida, com tanta preſſa ſubiſſe á virtude Fr. Antonio, como ſe deſceſſe ao vicio: que naõ ſómente abraçaſſe o bem, ſenaõ muito bem: que naõ coſtumando levantar mais cabeça, os que depois de ſua converſaõ cahiraõ no abyſmo da perdiçaõ; Fr. Antonio, naõ ſó ſe levantaſſe, mas melhoraſſe! Como ſe fora dar hum paſſo atraz, para dar hum ſalto adiante, fazendo melhora de ſua ruina, e parecer ao mundo que nenhuma couſa o fazia ja agora taõ bom, como o haver ſido taõ máo. E para que o digamos por palavras proprias, porey aqui as ſuas proprias palavras, deſcrevendo-ſe naquelles primeiros dias do ſeu noviciado entre cova, e mundo, nem de todo mundano, nem enterrado de todo; porque ainda com alguma verdura, e flor de diſcriçaõ, e inclinaçaõ á Poeſia, por naõ ſer ainda tempo de lhe cahir a folha, e ſe pôr arvore ſecca por transformaçaõ de Chriſto Crucificado, como ſe pôs em breve tempo. Vivo, eſcrevia elle: *Vi-*

Acto. 92.

Matth. 9. 9.

Vivo taõ outro do que hey ſido,
Que, ou o que ſou mil vezes deſconheço,
Ou quaſi ſempre do que fuy duvido:
E o que me admira por mayor portento
He que foſſe efficacia do diſcurſo,
O que naõ pode ſer da ancia eſcarmento.

Tal foy o ſeu eſpirito, e tal o ſeu entendimento, que o eſpirito todas as virtudes abarcou deſde logo, alhanando as difficuldades, e fazendo-o ſenhor de ſuas inclinaçoens, e appetites. O entendimento conſiderando no que tinha feito para o desfazer de todo ponto; e que vir trabalhar na vinha do Senhor ja a horas de Sexta, era empenhar-ſe a vencer por inteiro o dia, como os que tinhaõ vindo nas horas de Prima, e Terça. Diſcurſava com S Joaõ Damaſceno, que deixar o mundo por amor de Chriſto, naõ era outra couſa mais que hum odio voluntario, e negaçaõ da natureza pelo deſejo daquelles bens, que ſaõ ſobre ella; e neſta conſideraçaõ ſe animava a ſer ſanto de mayor ſuppoſiçaõ; e aſſim aproveitou mais em poucos dias, valendo-ſe do proprio juizo para ſeu aproveitamento, do que aproveitaria com outros mais altos exercicios de ſeu entendimento. Quem diſſer que o entendimento naõ ajuda a virtude, dirá tambem que naõ allumîa a tocha, que vay diante. De ſi eſcrevia eſte grande Noviço, que ſe nas tentaçoens lhe tardava o celeſtial ſoccorro, elle ſe valia das armas do entendimento para entreter o inimigo. A virtude vence, o entendimento convence, e juntos ambos, naõ ſõ vencem, mas convencem. Matt. 20. 3.

Parto foy de ſeu juizo, naõ menos que de ſua virtude, abrir-lhe fundos alicerces na humildade. Em todos os exercicios abatidos, que ha nos Noviciados, era elle o primeiro, poſto que foſſe na ordem ultimo. Varrer, esfregar, cozinhar, lavar, e outros mais ſordidos officios lhe levavaõ tanto os olhos, que para elles naõ admittia ajudas dos outros Noviços, e companheyros.

De-

Depõem o Irmaõ Fr. Paſcoal de S. Antonio, Religioſo leygo, e ſeu comtemporaneo em Evora, que pertendendo hum dia com mais inſtancia ajudá-lo a lavar, e preparar o carneyro, que ſe havia de pôr a cozer para a Communidade, o Servo de Deos o naõ conſentio, antes com profunda humildade lhe pedio ſe ſentaſſe junto delle, e o foſſe enſinando a fazer o tal miniſterio, dizendo, que a elle ſó tocava pelo officio de cozinheiro, que ſe lhe déra naquella ſemana. Póde-ſe duvidar, em que moſtrou mais humildade, ſe em ſe prezar daquelle officio, ou em querer aquelle enſino. No officio o vemos humilhado, em admittir o enſino humilde verdadeiro. Muito vay de humilde a humilhado; mas aſſim no muito, como no pouco reſplandecia a humildade de Fr. Antonio, fonte manancial, tronco ſolar, e como Eva dos viventes, mãy de todas as outras virtudes. Aſſim as vay o Servo de Deos derivando humas das outras, na carta que eſcreveo a ſua irmaã, e he a primeira do primeiro Tomo das ſuas impreſſas, e moſtrando-no-las todas ligadas por parenteſco, dá a razaõ do ſeu dito, dando a todas a humildade por naſcimento.

Da humildade, diz, *naſce o conhecimento proprio; deſte conhecimento o odio a nós meſmos; deſte odio naſce a mortificaçaõ dos affectos; deſta mortificaõ o amor de Deos; deſte amor de Deos o aborrecimento de tudo o mais, e deſprezo do mundo; deſte aborrecimento naſce o exercicio da penitencia; exercita-ſe a paciencia, da paciencia naſce a manſidaõ, e deſta a devoçaõ, deſejo ardente de Deos, de que naſce a pura intençaõ, que he amar a Deos por ſua amavel bondade, e formoſura; deſta pureza naſce o tratarmos de ajuntar a noſſa com a ſua vontade, &c.* E deſta maneira chega com a arvore das virtudes, que tem por tronco a humildade, até o Ceo, onde as coroa com as laureolas da Bemaventurança.

De todas as ſobreditas virtudes em geral, e de muitas ou-

outras, que nelle ſe obſervárao em particular, depois que tomou o habito, naõ he facil encarecer qualquer dellas por mayor, porque a que primeiro quizermos louvar, perderá nas que ſe ſeguirem o louvor. Parecer-nos-ha admiravel o ſeu jejum, mas mais moravilhoſa ſua caridade. Exaggeraremos por grande ſua humildade, mas a viveza de ſua fé foy muito mais grande. Diremos do amor da pobreza, e burel porque trocou as gálas, e he muito mais deſpir os affectos, que os veſtidos. Mais difficil deixar a arrogancia, que a riqueza; pois, deſprezada eſta, muitas vezes arremedamos ſuas altivezas nos remedos, que veſtimos. Contentar-me-hey com dizer, que o ſeu Meſtre de Noviços o propunha a todos os demais por exemplar, e que com poucos mezes de diſcipulos merecêo o lugar de Meſtre da virtude. Aſſim o teſtimunha o Padre Fr. Antonio da Madre de Deos, ſeu Meſtre, e Confeſſor nos primeiros annos. Ha engenhos, e ha genios, que inclinados a qualquer parte ſaõ eſtremados; ſe ladeaõ para o mal, Saulos, ſe para o bem, Paulos. Fazia ſua cella do Coro, ſeu divertimento do retiro, ſua converſaçaõ da oraçaõ; amava o ſilencio, guardava os ſentidos, moſtrava-ſe amigo de todos, queixoſo de nenhum, queria bem a quem lhe dava algum exercicio de paciencia, e humildade, deſprezando ſe a ſi, e amando muito de véras a Deos, no fogo de cujo amor deitava a lenha de ſeus antigos peccados, para mais depreſſa os conſumir; e quanto mais nelle ſe abrazava, mais depreſſa os conſumia. A ſeu corpo tratava como quem o eſcuſava, negando lhe naõ ſó o regálo mas ainda o ſuſtento neceſſario, cortando-lhe pela reçaõ, e pelo ſomno em tal fórma, que por naõ faltar á oraçaõ, ſuſtento da alma, faltava com as horas de deſcanço, que ſerve de alimento ao corpo. *Eu ſey alma* (dizia eſte Servo de Deos fallando de ſi annos depois) *que lhe davaõ grandes ſomnos, e naõ perdia as ſuas horas de oraçaõ, ás vezes dormia de joelhos, ás vezes quebrava*

os

os focinhos. Cobria-se de cilicios, e contando suas victorias ao som de suas diciplinas, celebrava seus triunfos na experiencia de suas penitencias.

Chegado ja ao mez de se lhe tomarem os derradeiros votos para a profisſaõ, e havendo de repetir do pulpito, em que lera á meſa, todas as oraçoens Chriſtaãs na fórma, que eſtaõ na Cartilha, ſegundo o louvavel coſtume da Ordem Seraſica, ſe perdeo na oraçaõ do Padre noſſo. He eſta a couſa mais ſabida, e errar no mais ſabido he erro do mais ſabio, que tambem tem ſeus deſcuidos Homero. Havia Fr. Antonio de chamar a Deos Padre ſeu por ſingularidade de perfeiçaõ, e vida, por iſſo ſe lhe naõ foy a boca ao Padre noſſo por generalidade de creatura. Ou ſe perdeo no Padre noſſo, porque ſe perdia o Servo de Deos por chegar a eſtado taõ perfeito, que pudeſſe chamar a Deos Pay ſeu com muitas razões de filho, ſe he que por deſconfiança de que tinha degenerado de filho, naõ atinou com a oraçaõ do Padre noſſo. Eſte nos deixou illuſtrado, e meditado para fazer ditoſo aquelle ſeu erro, ou eſquecimento. E para que de todo demos no myſterio, direy deſte ſucceſſo o que eſcreve o Veneravel Padre a hum Eccleſiaſtico, que depois foy ſeu companheiro, e ſe tinha perdido em hum ſermaõ: *Parece*, diz, *que o demonio quer apagar as luzes da Igreja de Deos, ſeccando-ſe V. M. para prégar, ou veſtindo-ſe, e levando ſe deſſes modos.* Tal intento como eſte devia ter o demonio em hum, e outro acontecimento. Porèm nem em hum, nem em outro ſahio com ſeu intento; porque o Eccleſiaſtico he Prégador Miſſionario, e Fr. Antonio foy o Prégador que mais fructo fez neſte Reyno. E ſe tambem houvermos de pôr a culpa ao demonio, de que ſe embaraçaſſe no Padre noſſo, pelo achar indigno de dar eſte nome a Deos, que tanto tinha offendido no mundo, ainda niſto ficou enganado, porque de ter a Deos muito offendido ſe excitava Fr. Antonio para chamar a Deos ſeu,

quan-

quanto mais noſſo. Como quem aſſim dizia, eſcrevia, e exclamava: *Ah meu Deos! Mas naõ digo bem em chamar-vos meu, que ſendo Vós taõ bom, como vos póde ter por couſa ſua huma alma taõ ruím como a minha! Mas que hey de dizer, meu Deos do meu coraçaõ, da minha alma, da minha vida! Meu vos hey de chamar: Meu offendido, meu aggravado, e ſempre mal tratado de mim: mas ſempre meu remedio, ſempre meu bem todo, ſempre minha eſperança, e ſempre gloria minha.*

Neſte meſmo tempo lhe eſcreveo ſua mãy huma carta, que faria retroceder ao meſmo Valeriano, ſe em Antonio naõ achara valor avantajado, ou tivera ſeu eſpirito taõ mal fundado, que a qualquer vento de tentaçaõ cahiſſe, e arruinaſſe. Repreſentava-lhe Dona Elena ſua muita idade, ſuas poucas poſſes, duas filhas, que comſigo tinha, menos allivio a ſua companhia pelos cuidados da honra, e perigos da fama; hum filho coxo de hum pé, incapaz de ſuſtentar o pezo de ſua caſa, ſe a ella faltaſſe a vida. Pedia-lhe naõ chegaſſe a profeſſar, pois naõ pareceria bem deſobrigar-ſe elle de leys taõ apertadas da natureza, como acudir a ſua mãy, irmaãs, e irmaõ deſamparados, por ſe obrigar á Religiaõ com a profiſſaõ. Que ſe niſſo pertendia ſeguir os dictames dos Santos, e doutrina dos Padres dada primeiro por Chriſto que enſina a deixar pay, e mãy pelo ſeguir; devia entender, que nem ella, nem ſeu irmaõ, e irmaãs eraõ dos que Chriſto mandava deixar; porque de nenhum impedimento lhe ſeriaõ para ſervir, e ſeguir a Chriſto, vivendo com elles no mundo, pois ſabia muito bem, qual era a ſua vida delle, qual o deſejo de ſuas irmaãs ambas morrerem Freiras: os procedimentos de ſeu irmaõ Franciſco, quaes os de Jacob depois da luta do Anjo. E ao menos ſe tanto no coraçaõ tinha ſer Frade de S. Franciſco, ſahiſſe para dar a ſuas irmaãs, e irmaõ eſtado, a ella ſepultura, e entaõ tornaria a lançar maõ do arado nunca deixado no propoſito,

Gen. 22. 24.

ſito, por naõ deſmerecer a Deos o ſeu Reino. Que deixar o arado, quando Deos aſſim he ſervido, he dar-nos a geira por acabada, ſem queixa de lhe ficar a terra ſem lavoura.

Eſtas, e ſimilhantes razoens propunha Dona Elena na carta, dictadas pelo amor de mãy, e pouca conſideraçaõ de mulher. Lida a carta pelo conſtante Noviço, lhe occorreo logo, que a ſumma piedade com os pays he ſumma impiedade para com Deos, por cujo amor ſe deve atropellar ainda o mayor parenteſco, quando para o ſervir lhe for de eſtorvo. Lembrou-lhe tambem que o grande, e primeiro Antonio entre os Santos deixara huma irmaã donzella, e menina, ſem pay, e ſem mãy, retirando-ſe ao deſerto para viver com Chriſto; e ſegundo eſtas ſuas lembranças quizera elle logo dar o deſengano a ſua mãy, e apenar a ſua carta em aſperezas da reſpoſta que merecia; por outra parte a fraqueza da natureza contrapunha razoens a eſta valentia de eſpirito, pedindo tregoas, e ſuſpenſoens a eſte golpe taõ ſenſivel ao amor de huma mãy, em que ſe eſméra mais o intenſivo, que o apreciativo; e poſto que em ſeus firmes propoſitos de permanecer no eſtado que tomára, nenhum aballo, nem mudança ſe via, com tudo ſeu Meſtre de Noviços divizando-lhe alguma triſteza no ſemb'ante, (teve ſempre eſte Servo de Deos huma alegria do Eſpirito Santo na cara, que teſtimunhava a de ſua alma) o chamou á ſua cella, e delle ſoube a cauſa eſcrita naquella carta, que o Noviço lhe entregou com menos letras, que lagrimas; e mandando-lhe logo fazer a reſpoſta da ſua letra, foy o Meſtre dictando conſolaçoens a ſua mãy, animadas com huma grande eſperança em Deos, de que largando ſeu filho por elle tudo, havia ella de ter tudo por aquelle filho, e no burel de S. Franciſco para ſeu filho, e filhas eſtado, para ſi amparo viva, e mortalha morta. Foſſe vaticinio do Meſtre, que dictava, ou do Noviço, que eſcrevia, ſobſcreveo Deos com o ſuc-

o ſucceſſo o que a reſpoſta promettia ; porque as irmãs foraõ dentro de pouco tempo Freiras no Caſtello de Moura , e o irmaõ Fr. Franciſco Frade da meſma Provincia que Fr. Antonio , ſendo elle o inſtrumento de todas eſtas mercês de Deos. Outras tentaçoens ainda padeceo o conſtante Noviço neſte ſeu anno de approvaçaõ, porque o demonio com ſuas ſuggeſtoens, e os homens grandes com ſuas perſuaſoens procuráraõ que aquelle anno, que para elle era de prova, foſſe tambem de muda: dá o Servo de Deos a entender eſtas tentações, e ſuas materias em huma carta pelas ſeguintes palavras: *Louve a Deos no extraordinario trabalho , em que Deos o põem, que muita mercê lhe faz, e todas eſſas cruzes ſaõ de palhinhas a reſpeito de outras, que Deos lhe puděra dar no eſpirito de blasfemias, de tentaçoens, de deſeſperaçoens de ſalvaçaõ, de noite totalmente eſcura, em que ſe achaõ algumas almas.* Porèm elle, tendo-ſe em ſua reſoluçaõ de naõ largar o Habito, reſiſtia a tudo, quanto lha encontrava; e conſiderando-ſe pedra forte, deſcançava na ſua meſma quéda; porque tendo ſempre diante dos olhos as baixezas dos vicios , a que ſe deſpenhára, adquiria cada hora mais ſegurança , achando no meſmo precipicio fundamento para agora ſe haver com mayor fortaleza , levantando-ſe deſte proprio conhecimento com mayores forças contra o Hercules do Inferno.

Tornado a ſua bonança aquelle mar, que alteráraõ de alguma maneira os affectos da natureza, e piedade materna, ficou em bella paz a ſua alma; e qual o Sol rompendo a nuvem mais eſpeſſa, arrayou como d'antes a alegria coſtumada na ſua cara , e pegando na penna fez a ſeu irmaõ huma carta , em que fallando de ſi, diz aſſim: *Eu, ſeja Deos muito louvado, vivo aqui taõ ſatisfeito com o goſto do meu eſtado, que tenho por uſura ter deixado pelo burel as oſtentaçoens de mayor gála , e pelos nadas*

de naõ ter proprio todos os favores, e eſperanças da fortuna; porque certo, meu irmaõ, que os ſabores, que acha o eſpirito neſtes deſapegos, ſaõ effeitos daquella graça, com que Deos aſſiſte aos que o buſcaõ; pois naõ he crivel a ſuavidade, com que ſinto ſatisfazer-me, nem explicavel o deſejo, com que pertendo reformar me. Eſta vida, que foy a todo mundo toda eſcandalos, e toda culpas, quizera eu que foſſe agora toda exemplos, e toda emendas: e naõ terey por grande extremo ver em mim eſta differença, pois com os impulſos de outro eſpirito ſaõ de Deos eſtas efficacias; e naõ lhes chamo maravilhas, que como em flor naõ vivem muito, até em bronzes duraõ pouco; e naõ quizera que ſe me murchaſſe eſta eſperança, e eſtas fabricas me cahiſſem. Só digo, que eſtou pago diſto, a que ſou devedor, e que tudo, quanto ha no mundo, me naõ mudará deſte intento. Taõ conſolado fico com eſtes favores do Ceo, que os maiores Imperios da terra rejeitára eu, ſe fora grande Principe, por dar (ainda que o menor dos homens) eſte triunfo a Deos. Day a minha mãy grandes conſolaçoens, perſuadindo-a a que dê muitas graças a Deos por eſta mercê, que me fez.

Déraõ-lhe os Conventuaes ſeus derradeiros votos, e elle ja Frade por voto de todos, deſejava ſe chegaſſe o dia, em que por virtude dos ſeus ficaſſe obrigado a ſer hum S. Pedro, e S. Franciſco na pobreza: Henoch, Elias, e Joaõ na pureza: Abrahaõ, e Jeremias na obediencia. E tomando todo o mez, que lhe faltava, por veſperas daquelle dia, tratou de ſe apparelhar para a morte civil da vida mundana, diante de Deos a mais precioſa, para a Paſcoa da reſurreiçaõ propria, para a remiſſaõ do reato da pena, que ficou da culpa, para os deſpoſorios de Chriſto com ſua alma, para o ſegundo Bautiſmo da Ley da Graça, q̃ tudo iſto he a Profiſſaõ Religioſa. Affervorou o ſeu eſpirito, a que chama o melhor da feſta S. Bernardo; pedia efficaz-

cazmente a Deos naõ permittiſſe, que por qualquer maneira foſſe ſua profiſſaõ invalida: tomava ao meſmo Deos por valia, para que nem no Prelado faltaſſe a intençaõ, nem nelle aquella vontade livre, com que ſe determinava entregar todo, e de todo ao Senhor de ſua vontade: que tiraſſe de ſua tençaõ todo o máo fim, que foſſe fim da Pobreza, Caſtidade, e Obediencia, deſterrando de ſeu coraçaõ toda a vangloria; que nem indifferente foſſe eſſe fim principal, pois o deſejava ſervir em toda a materia bõa, e determinada.

Offerecia-lhe deſde logo aquelles meſmos actos, a que ſe conſiderava ficar obrigado pelos tres votos: pelo da Pobreza a naõ ter, dar, alienar, ou uſar de couſa alguma como propria; e de mais a mais a naõ deſejar nada, aborrecendo toda a affeiçaõ, ainda áquelle pobre uſo, que lhe foſſe neceſſario. Pelo da Caſtidade a ſe abſter de todo o acto, e acçaõ, que a encontraſſe, reconhecendo ſacrilegio contra o voto daquillo, que nos ſeculares he mortal peccado. Pelo da Obediencia a guardar a Regra, naõ indo em parte, nem em todo contra ella, obedecendo a ſeus Prelados, como regra viva, em tudo, o que mandaſſem, ſegundo a morta, e intelligencias certas della. Finalmente, dobrou as penitencias, accreſcentou as vigilias, multiplicou os jejuns, frequentou mais os cilicios, a que ajuntou cadêas de ferro, atando o corpo por contemplaçaõ dos votos, com que havia de ligar ſeu eſpirito; e dando hum ſoado, mas naõ ſaudoſo *vale* a tudo; o que tinha ſido, lhe correſpondeo por ecco, o que Deos queria foſſe de futuro

CAPITULO V.

Profeſſa Fr. Antonio na Caſa dos oſſos; notavel circunſtancia de ſeus ſolemnes votos! Mudaõ-no para Setuval com outros Religioſos, rendida a Cidade de Evora ao Principe D. Joaõ de Auſtria: De Setuval he outra vez mudado para Beja, onde paſſa a eſtudar Filoſofia, e ſe faz Meſtre de outra mais alta.

COntavaõ-ſe dezanove dias do mez de Mayo, era de 1663, primeiro do ſitio de Evora poſto pelo Principe D. Joaõ de Auſtria, e primeiro da renaſcença á vida Religioſa do Rey de ſuas paixoens, e appetites Fr. Antonio das Chagas, quando para ſe lhe fazer a Profiſſaõ deitou gála a Capella mayor da Igreja Serafica, e a eſta concorreo mais gente do que coſtumava, ou foſſe porque fazia acolher á Igreja o temor das bálas, ou porque queriaõ ver profeſſar a quem nunca d'antes lhe tivera temor, e daquelle dia em diante dizia de ſi, que tinha perdido o medo com a graça de Deos a tudo o que naõ era peccado. Succedeo que neſte meſmo tempo entrando huma bála de artilheria pela porta da Igreja ſem ſobreſcrito, como ſe diz, para peſſoa viva, foſſe morrer, ou eſmorecer (morte he a falta do calor) junto do Habito, que eſtava preparado na Capella mór para o Profeſſando. De muitos, e affamados Capitaens, e celebrados Imperadores, lemos que lhe cahiraõ as bálas aos pés, confeſſando ſeu reſpeito, ou pedindo lhe perdaõ do proprio atrevimento; porèm he tanto mais guardarem as bálas eſte decoro ao Habito de Fr. Antonio, quanto vay do vivo ao pintado, do corpo á ſua ſombra, do Capitaõ á ſua bandeira, do corpo á ſua mortalha. O que viſto, mandou o Reverendo Fr. Antonio dos Arcan-

jos.

jos, que ſe achava naquelle Convento, Prelado maior de toda a Provincia, que a Profiſſaõ ſe fizeſſe na Caſa dos oſſos, couſa que nem até alli ſe vira, nem ſe verá ao depois; ſalvo ſe o medo ſe apoderar outra vez dos oſſos, porque neſte caſo ſó na ſua caſa ſe buſcará ſegurança. E quantas vezes aos vivos tem dado ſeguro os mortos! Dahi vem ſer a primeira palavra dos mortos: *Naõ temais*, aos vivos.

Ha no Convento de Evora junto ao Capitulo huma Capella, em que ſe vê a Imagem de Chriſto com a Cruz ás coſtas poſta ſobre o Altar, e por paredes de huma, e outra banda milhares de oſſos humanos, aſſim compoſtos, e organizados huns ſobre outros, que parece naõ eſperarem mais, que ouvir a voz de Ezequiel para ſe affeiçoarem em figuras humanas, e cobrindo-ſe de carne, tornarem a ſer gente: ou que feitos em hum corpo pedem a Deos, que apreſſe o dia do Juizo, o qual elles põem á viſta de quem para elles olha. Neſta caſa pois profeſſou Fr. Antonio, e profeſſou deſde aquella hora a penitencia, com que a poder de abſtinencias desfeita a carne, lhe chegavaõ aos oſſos as pontas agudas de ſeus cilicios, os golpes penetrantes de ſuas crueis diciplinas; e fazendo-ſe anatomia de oſſos, ficavaõ os vicios da carne ſem carne, perdendo a actividade para tudo, o que naõ era actuar-lhe a virtude. Eſcolheo Chriſto o Calvario, lugar, a que as caveiras dos mortos, e oſſos dos finados déraõ o nome, para nelle offerecer o mayor ſacrificio, que de ſi fez: e ſendo a Profiſſaõ da Religiaõ o mayor ſacrificio, que de ſi fazia a Deos Fr. Antonio; em que lugar havia de ſer feito, ſenaõ na Caſa dos oſſos á falta de Calvario, mas á imitaçaõ de ſeu Senhor Jeſus Chriſto? Toda a gente que ſe achou á ſolemnidade deſte acto, louvou, e deo muitas graças a Deos por lhes dar aquelle ſegundo David por exemplo em hum, e outro eſtado, de peccador, e arrependido, ſervindo-lhe ago-

ra de triaga aquella meſma vibora, que em outro tempo a envenenava. Engrandeciaõ eſta ſua taõ ſanta acçaõ, que diziaõ ſer fructo de ſeu juizo, porque poſto naõ viveſſe no mundo como entendido, ſe emendára como aviſado; que ninguem como elle aſſim reparára os eſcandalos, pois onde eſtes foraõ publicos, patenteava elle os arrependimentos. E por eſta maneira prégava com o exemplo ainda antes de ſer Prégador Fr. Antonio. E poſto que eſta foſſe a primeira vez, naõ foy a unica, que colheo fructo eſpiritual o Auditorio ſo de o ver, tem prégar, no pulpito.

Feita a Profiſſaõ de eſpirito taõ principal nas mãos do principal Prelado da Provincia, como tenho dito, dahi a poucos dias o paſſáraõ ſeus Superiores para o Convento de Setuval com outros muitos Religioſos, e companheiros, ordenando-o aſſim a obediencia do Principe D. Joaõ de Auſtria, que governava as armas Caſtelhanas, tendo-lhe cedido Evora as Portuguezas, para ſe lhe moſtrarem mais fortes nos peitos, que nas muralhas. E ficou entendendo Fr. Antonio neſta ſua primeira mudança, que Deos lhe mudára o exercicio, naõ o officio; pois obedecia ainda como ſoldado aos Cabos da milicia mundana, ſeguindo outra. Aos Apoſtolos tirou Chriſto de peſcadores de peixes, para os deixar peſcadores, mas de homens. A Antonio de Capitaõ de Cavallos, para o fazer Capitaõ de ſeus exercitos. Naõ deixarey de inculcar aqui o teſtimunho do Padre Fr. Manoel do Sepulchro, ſeu bem conhecido companheiro, o qual certifica debaixo de juramento ouvir dizer a huma peſſoa eſpiritual, e a quem elle abaixo dos Santos dava o mayor credito, que Deos tinha mandado hum Capitaõ a eſte mundo, e que eſſe déra a entender que era o Veneravel Fr. Antonio. E tambem inſertarey neſte lugar humas palavras do meſmo Veneravel Padre depois de Miſſionario, em que moſtra reter ainda o poſto de ſoldado, poſto que na milicia de Chriſto.

Mat. 4. 19.

to.

to. As palavras saõ estas: *Daqui me vou para Almeida, e ainda esta jornada parece de soldado; queira Deos que o saiba ser de Christo, e fazer guerra ao demonio até a ultima hora da vida, pois até agora a empreguey taõ mal.* Foy esta mudança para Setuval a primeira que teve depois de Religioso; e foy a unica que premeditou do Seminario de Varatojo. Que como havia de ser sal da terra para livrar de corrupçaõ a tantos milhares de almas, onde se havia de dar melhor, que em terra de tantas marinhas? Buscaõ aquelle sal os Estrangeiros, mais que outro, por melhor para suas salmoiras: e dispunha Deos com sua alta Providencia, que vindo buscar Estrangeiros a Setuval o melhor sal de suas salmoiras, désem com o sal da doutrina mais proveitoso a suas almas. Só na quella Villa se vende o sal por roda, e só Setuval logrou duas vezes em dous Conventos a Fr. Antonio por fortuna. Ou para naõ faltar a Provincia alguma nelle Reyno com a palavra de Deos, houve de dispensá-la por roda, na qual se via espirito de vida. Matt. 5. 13.

Como naquelle Povo fora muito o seu conhecimento, em tempo, que elle fóra de Deos andava no mundo, era agora a todos exemplo, o que a todos fora escandalo; temendo porèm o Servo de Deos algum Farisaico pelo pouco tempo, que mettera de per meio; e considerando tambem que Deos naõ he como as demais cousas, que se achaõ pelos caminhos, em que foraõ perdidas, e por isso lhe podia faltar com seus auxilios por aquellas ruas, em que tantas vezes o tinha perdido de vista por suas culpas, receoso outrosim de suas proprias memorias, mais que de sua vontade manutenida do favor divino, pareceo-lhe em Deos cõmunicar aos Superiores este seu receio, pedindo-lhes o deitassem fora daquella terra como sal infatuado, e que para nada tinha ferventia. Vista pelo Prelado esta sua petiçaõ, que recõmendava a admiraçaõ de seu espirito, logo lhe mandou passar obediencia para o Conven-

vento de Beja, e por ella que foſſe eſtudar Filoſofia ao Curſo, que de novo ſe abria naquella Convento. Foy a primeira obediencia allivio a ſeu anciado eſpirito; e a ſegunda caſtigo de naõ ter aprendido as Artes no tempo, que em Evora gaſtou em ſe dar a ſeus appetites: foy tambem encontro, que ſe deo a ſua vontade, que ſó tinha de viver no Convento mais remoto, onde naõ foſſe viſto, nem conhecido mais que de ſi pelo mayor peccador do mundo. Toda ſua vida ſuſpirou por eſte retiro, deſejando ſer ſanto por Buſaco, e Arrabida, viſto naõ haver ja Nitrias, e Thebaidas.

Tomada a obediencia ſem replica pelo obediente Fr. Antonio, ſe partio a ſer diſcipulo na Filoſofia Italica, Eleatica, ou Jonica, mas para ſer Meſtre em outra mais levantada Filoſofia, que nem enſinou Pythagoras, nem alcançou Thalete, nem dictou Xenofonte, nem eſcreveo Ariſtoteles, Socrates, ou Plataõ; ſenaõ que a trouxe o Verbo Divino do Ceo á terra, pondo ſua cadeira na Cruz, e ſua Eſcóla nos deſertos de Egypto, e Paleſtina; onde por muitos annos floreceo eſta chriſtaã moral Filoſofia, cujo fim era enſinar a bem crer, e bem obrar: e ſe dividia nas duas partes de Activa, e Contemplativa, inſtruindo a ſeus ſequazes mais em ſe ſaberem vencer á ſi meſmos, que em convencer os entendimentos alhêos; mais em obrar bem, que em raciocinar melhor; mais em deſterrar vicios, que em formar ſyllogiſmos; mais em deſcobrir para o Ceo novos caminhos, que em obſervar ſeus movimentos: mais em amar a primeira cauſa, que em inveſtigá-la; mais em exercitar virtudes, que em oſtentá-las; mais em negar o proprio juizo, que em exercitar o entendimento, meditando ſempre na Morte, Inferno, e Paraiſo, deſprezando toda outra ſciencia, que naõ he Jeſus crucificado, ſem dar pela humana Filoſofia, e ſuas fallacias, affectadora, e interrompedora da verdade, occaſiaõ de tantas hereſias, como foraõ as ſuas ſeitas.

Coloſ. 2.8.

Che-

Chegado Fr. Antonio ao Convento de Beja, ſe chegáraõ logo para elle todos aquelles condiſcipulos, que deſejavaõ conſervar o primitivo eſpirito, com que tinhaõ ſahido do Noviciado entre as diſtraççoens do eſtudo; e Fr. Antonio deſtinado por Deos a ſer Meſtre, e gúia de muitos eſpiritos, começou a lê-lo naquelles Religioſos dixando-ſe ver deſde logo, que a graça de Deos naõ eſtava nelle ociosa, e que o ſeu eſpirito eſpiritualizava. Viaõ-ſe naquelle Convento dous Curſos abertos ao meſmo tempo, hum da Filoſofia pagaã, outro da Chriſtaã: hum de Artes liberaes, outro de Artes eſpirituaes: hum, em que ſe aprendia o que Ariſtoteles eſcreveo; outro, em que ſe exercitava o que Chriſto enſinou: hum Curſo, que acabava em incerto; outro, que corria ao bravio. O Meſtre da humana Filoſofia lia de cadeira, o Meſtre da Divina dava melhor liçaõ dormindo ſobre huma taboa: aquelle lia, eſte orava: aquelle dava que eſcrever, eſte que admirar: aquelle dictava poſtillas, eſte dava dictames ás conſciencias: aquelle explicava o Filoſofo, eſte os conſelhos de Chriſto: aquelle propunha ſyllogiſmos em fórma, eſte dava fórma ás reformações da vida: aquelle punha todo o cuidado, em que ſeus diſcipulos ſahiſſem grandes Filoſofos; eſte punha todo o ſeu, em que ſe fizeſſem grandes Religioſos: aquelle ameſtrava-os para ſoltar argumentos, eſte foy inſigne Meſtre neſtes primeiros principios: Eu naõ quero peccar: logo he impoſſivel que peque: Antes morrer q̃ peccar: Mil mortes antes que conſentir: Acabou aquelle o ſeu Curſo Filoſofico, e acabáraõ as ſuas poſtillas, acabou eſte o ſeu Curſo, e premanecem aquellas admiraveis, e ſantas materias, que entaõ dictou, e eſcreveo para conſolaçaõ e aproveitamento das almas. Vem a ſer: *Faiſcas do Amor de Deos: Lagrimas da alma: Oraçaõ do Padre noſſo cõmentado: Huma ſemana eſpiritual para todos os dias della*; e outras Obras eſpirituaes, que andaõ impreſſas: das quaes materias ſe póde dizer a todos o que elle em huma carta 1. Cor. 3.

para

para ſua Irmaã dizia: *Se o fogo do Amor de Deos eſtá em vós amortecido, deſpertay-o com eſſes papellinhos, que o papel tambem ás vezes accende o fogo.*

Neſte meſmo tempo prégou a primeira vez de hũa cadeira do Coro, encõmendando-lhe o ſeu Guardiaõ o ſermaõ da noite da Vigilia do Natal, o qual na Religiaõ Serafica ſe chama da Kalenda, e he exhortatorio aos Religioſos, para que purificando ſuas conſciencias, refinando ſeus affectos, dilatando ſeus coraçoens, e ornando de virtudes ſuas almas, braços abertos, e olhos longos, eſperem a vinda daquelle Senhor, que morreo abertos os braços, por nos dar abraços, e que aos juſtos, e virtuoſos chama
Zach. 2. 8. meninas dos ſeus olhos Foy eſte ſermaõ, por de Kalenda, o primeiro arrayal da luz de Fr. Antonio, mas veſpera do ſeu influxo. A agudeza dos argumentos, o profundo das ſentenças, a mageſtade das palavras, o poderoſo das razões, o ſutbil dos penſamentos, a força da doutrina, o zelo, com que ſe acendia, fizeraõ parecer aos Religioſos ouvintes, que, ou o ſeu Santo Antonio reſuſcitára, ou ſua incorrupta lingua ſe reproduzira; puzeraõ todos os que o ouviraõ, em ſeu caraçaõ, dizendo: As Aguias logo naſcem Aguias, os primeiros arremeſſos ſaõ annuncios dos voos. Os diamantes ainda antes de lavrados logo ſe vê, que naſcem com grandes fundos. Queira Deos lavrar eſta pedra para a ſua Igreja, e enſinar a voar eſta Aguia para gloria ſua. Eſte principio teve a prédica de Fr. Antonio; naõ prégou a primeira vez do pulpito, ſenaõ da cadeira, donde ſe coſtumaõ fazer as practicas, que ſaõ o principio da prédica; para que ſe ville, tomava principio a ſciencia de prégar deſte grande Prégador do ſeu mais ſomenos lugar; como as demais diſciplinas, que tomaõ ſeu principio ordinariamente de ſuas mais pequenas partes: a Grammatica reconhece o ſeu das letras; a Logica de ſuas duas minimas partes, Nome, e Verbo; a Geometria do Ponto; a Arimetica da Unidade, a Muſica do Semitono, e Tono.

Naõ

Naõ nos ficou eſcrito eſte ſermaõ, que entaõ prégou, he porèm crivel que ſe aproveitou delle ao depois para eſcrever ſobre a preparaçaõ neceſſaria, e antecedente ao nafcimento de Deos Menino, que em duas cartas aconſelha a duas filhas eſpirituaes ſuas; e me pareceo trasladar aqui por ſuas proprias palavras, para que a falta deſte ſeu ſermaõ da Kalenda nos naõ cauſe tanta magoa. Diz pois aſſim o Veneravel Padre: *Naõ ha preparaçaõ para agaſalhar eſte Divino hoſpede, como deſocupar lhe a caſa, e tirar-lhe toda a terra, que na alma eſtá mettida; e que nella ſe naõ ouçaõ vozes de tudo o que for creatura; e em ſilencio de potencias, em ſolidaõ de eſpirito, eſperar que ſoe no fundo da alma eſta Divina palavra, que naõ ſoa, nem entra em eſpiritos de tumulto, onde as paixoens, ou affeiçoens da alma fazem algum ruído. Entretanto os ſuſpiros o chamaõ, os affectos o convidaõ, a pureza o provoca, a humildade o namora, a caridade o apreſſa, as lagrimas o fazem correr, a devoçaõ chegar, a indifferença unir; e depois diſto a eſtimaçaõ o detem, a liberdade do eſpirito o ata, a paz interior o goza, e o continuo, e brando amor com elle ſe fica. O Senhor neſte tempo como nos buſca em traje de pobrezinho, o que mais quer de nós, he o ouro do noſſo amor; e como tambem, ainda que pobre, quer que o eſtimem por Divindade, goſta de perfumes, e de hum pequenino de incenſo, que a oraçaõ, e devoçaõ lhe dedica. A mirrha, de que tambem goſta, he droga, que nunca falta; porque nos ſobeja a cada paſſo em noſſo proprio amor a materia, e ſempre nós temos que mirrar, por mais que nos cheguemos a conſumir. Miſeravel de mim, que ſobejando-me liviandades, e vaidades para ſentir, nem palhinhas tenho para offerecer; e como naõ ha com que accenda o fogo, anda a alma morrendo de frio.*

Naõ acho tempo, nem anno certo, em que eſte Servo de Deos foſſe ordenado de Ordens Sacras, aſſentando todos, em

em q̃ foy no primeiro, ou ſegundo anno de Coriſta. Deſculpo as memorias, cuja falta ſe vê até nos bronzes, e nos marmores. Muito mais tiveramos que aprender dos Santos, ſe de ſuas virtudes ſe fizera aquella obſervaçaõ na menor idade, que ſe faz ao diante. Do Bautiſta ſe faz mençaõ de ſeu naſcimento no Evangelho; e logo de ſua eſtada no deſerto, ſem nos participar acçaõ algũa ſua de per meio. E ainda de Chriſto paſſa muitos annos em claro deſde ſua educ. çaõ até a ſua prégaçaõ. Iſto, que no Evangelho he myſterio, nos Religioſos foy deſcuido; mas que Fr. Antonio ſe ordenou de Miſſa pouco tempo depois de profeſſar, he ſem duvida; como tambem, que fez aquella eſtimaçaõ do Eſtado Sacerdotal, que Deos quer, os homens pódem, os Anjos recõmendaõ, e os antigos, poſto que muito inferiores ſacrificios, nos inculcaõ. Diſſe huma hora: *Que fazia taõ grande eſtimaçaõ da dignidade Sacerdotal, e tomar o Corpo de Chriſto em ſuas indignas mãos, que ſe fora capaz do Summo Pontificado, e lho offereceraõ, o naõ acceitára, ſe o Papa naõ fora Sacerdote.* Aſſim eſta eſtimaçaõ, como a pureza de vida, a que obriga o Eſtado Sacerdotal, com os parabens delle a ſeu irmaõ, conſtroe o Veneravel Padre admiravelmente em huma ſua carta, depois de ter para ſi tomado o que nella aconſelha, e he a que ſe ſegue: *Meu irmaõ, chegando a eſta terra a buſcar noſſo irmaõ para o metter Frade, ſoube como vós eſtavais Clerigo: com lagrimas feſtejey a primeira nova, porque aſſim convèm nos extremos de mayor goſto para triunfos da alegria as meſmas inſignias da triſteza; o q̃ agora vos encõmendo, he, hum procedimento taõ ajuſtado com as voſſas obrigaçoens, que pareça que para a ſatisfaçaõ dellas empenhaſtes ſempre o procedimento; porque ainda que exceda ſempre as eſperanças a noſſa dita, convèm mais que tudo, que ſe juſtifique no merecimento a noſſa fortuna. Lembrai vos neſſe eſtado, que hoje tendes, a differença, a que paſſaſtes; pois*

pois se bem considerardes que cousa hè ser Sacerdote, achareis que saõ Sanctuarios de Deos, Sacrarios do Espirito Santo, Templos da Santissima Trindade, Thronos da Magestade Divina, e Aras de toda a Divindade: vede agora quem trata a Deos todas as horas, quem o toma nas mãos todos os dias, e quem o faz vir do Ceo á terra, se póde ser como os outros homens naõ ja na culpa de distrahidos, mas nem na offensa de inconsiderados? Nem essas mãos haõ de obrar cousa, que pareça vicio, nem dessa boca ha de sahir ociosidade, que, sobre escandalizar a modestia, profane a obrigaçaõ. Prezai-vos de naõ dizer Missa, ou celebrar o Culto Divino com imperfeiçaõ maliciosa; que saber ser perfeito Clerigo he luzir no melhor estado. Tomay tempo determinado para a oraçaõ todos os dias, que sem ella naõ ha coroa; porque ainda que sejaõ as horas poucas, os fructos he certo que saõ muitos: e se fizerdes mais caso destes de espirito, que dos outros, que vos póde dar o seculo; podera ser que nestes empregos logreis mais, que nas outras ambiçoens.

Acabada a Filosofia, em que mettera mais cabedal por parte da obediencia, do que da sua; como quem julgava ter só de summa importancia naõ querer, nem saber nada mais que a Christo crucificado para prégar, se prégasse, com hum Crucifixo: e para ler, se lesse, pelas letras Divinas das cinco Chagas, naõ pelas mais, ou menos humanas, foy mudado para Evora, de Evora para o Collegio de Coimbra, deste outra vez para Evora, indo sempre de virtude em virtude, na qual sómente teve permanencia em tanta mudança. Por todos estes caminhos eraõ seus pés, os que o levavaõ, seu alforje o Breviario, sua capa de agoa hum Habito remendado, sem Tunica, seu chapéo de Sol o Sol, que chegou a gretar-lhe a cabeça pela trazer sempre descoberta, e o bordaõ era a sua guia. Gen. 32. 10.
Passando o Tejo muitas vezes nestas viagens, sempre o

pas-

paſſou como Jacob o Jordaõ á ida, naõ á vinda de Meſopotamia; porque nunca voltou rico, todo o ſeu haver foy o ſeu baculo; ſe he que as duas turmas, com que Jacob ſe recolhia para ſua caſa, naõ eraõ as virtudes, com que o Servo de Deos vinha de novo accreſcentado: quem achava em cada bichinho, hervinha, flor, fonte, ave, e arvore virtude para louvar, e elevar o penſamento a Deos, que muito que por tantos caminhos ajuntaſſe da virtude grandes theſouros!

Eſtudou Theologia em Coimbra, e tambem em Evora. Nenhum dos Sabios antigos aprendeo a ſciencia em hũa ſó terra, de entre os meſmos Barbaros a ſoube ir tirar a Grecia. Como he do Ceo a ſciencia, todo o dom ſeu dá por repartiçaõ o Ceo. Na Theologia pôs mais applicaçaõ, do que puzera na Filoſofia; porque como aquella he Palavra mental, noticia, e ſciencia de Deos; para tudo, o que dizia ordem a Deos, e ſua noticia, naõ era neceſſario forçar, ſó deixar ir a natureza. Ainda aſſim de tal ſorte ſe portou em toda a vida, que como ſe naõ eſtudára na Theologia outra materia, mais que a de Deos, ſua bondade, e caridade infinita; ſó eſta repetia, ſó eſta o regalava, e lhe naõ ſahia da memoria; fazendo todos ſeus actos por ella, até que o graduou a meſma bondade, e caridade Divina. Aproveitou tambem muito na Theologia Poſitiva, que he a Sagrada Eſcritura, ſendo de admiraçaõ ainda aos mais doutos a intelligencia, que dava a lugares bem difficultoſos, a clareza, com que explicava os Myſterios mais reconditos, o bem que applicava ſeus ſentidos Literaes, Allegoricos, Moraes, e Anagogicos, julgando della taõ ſeguro no que dizia, como era o ſeu ſomno, tendo-a por cabeceira ſobre huma taboa, ou cortiça, em que dormia na cella. Nem eſte Iſrael pudéra ver tanto a Deos em ſuas creaturas, a naõ ter por traveſſeiro a Eſcritura, que a Jacob foy pedra, em que encoſtou a cabeça.

Gen. 28.

CA-

CAPITULO VI.

Vem a Evora o Reverendiſſimo Salizanes, Commiſſario Geral da Familia Ciſmontana, e á petiçaõ dos Irmãos Terceyros ſem outros patrocinios mais, que as eſperanças, que ſe propunhaõ de ſeus melhoramentos na vida, eſpirito, e exemplo de Fr. Antonio, alcançaõ do Reverendiſſimo fazé-lo ſeu Commiſſario, e Prégador no dia de Quarta Feyra de Cinza. Repreſenta o Servo de Deos razoens forçoſas para o naõ ſer, nem prégar; e finalmente acceita o ſermaõ, e officio, fiando da obediencia, lhe daria hombros para levar o pezo. Adianta-ſe notavelmente aquella Ordem Terceira na virtude com tal Meſtre; e por ſeu meyo converte Deos hum Recolhimento de Convertidas novamente.

AQuelles divinos talentos, que a humildade do Servo de Deos tivera enterrados na reſoluçaõ de naõ ſervirem mais, que para a propria ſalvaçaõ, naõ reparando nos lucros ceſſantes com receyo de dãnos emergentes: aquella pedra precioſa, que lavrada já na roda das ſciencias ficára capaz de allumiar conſciencias alhêas: aquelle farol, que tendo burel por vidraças, eſcondera por algum tempo ſuas luzes aos navegantes: aquelle eſpirito de vida, que deſejára quebrar as rodas do ſeu carro, por naõ rodar entre applauſos do mundo: aquelle Sol, que ſe contentava de viver a crepuſculos, naõ a rayos: aquelle ſal, que pertendia naõ ſahir da marinha do mais retirado Convento da ſua Provincia, nem dar goſto mais, que a Deos, desfazendo-ſe em penitencias por ſuas culpas na agoa de ſuas lagrimas; já ſahe ſal da marinha a correr as terras, e aproveitar almas alhêas: já ſe dá a

conhecer Sol por raios, pallando dos creſpuſculos: já tem rodas o eſpirito de vida para a dar a muitas almas amortecidas em ſuas culpas, e quebrar ao primeiro encontro as do inferno, que a tantos fazem andar com a cabeça á roda neſte mundo: já por entre burel farol, que allumia, guia, encaminha ao porto da ſalvaçaõ os que por entre baixos de vicios, canaes de peccados, ſobre reſtingas de damnos em coſtas bravas de inclinaçoens perverſas, e por todos os máos rumos de affectos ſe encaminhavaõ ao naufragio, ſe deſtinavaõ ao ſoçobro, ſe entregavaõ ao abyſmo: já a pedra preciosa, e brilhante começa a moſtrar ſua virtude, e a acharſe no campo de ſua humildade; e os talentos ſe deſenterraõ já, naõ ſe ſatisfazendo Deos com a ſorte principal, antes querendo dar grandes intereſſes á ſua Igreja, novos accidentes á ſua gloria, novo reclamo á obſervancia da Regra Serafica, nova guia aos Contemplativos, novo exemplo aos Activos, exemplar aos virtuoſos, deſpertador aos peccadores, eſperança aos arrependidos, e companheiros aos juſtos.

Chegára a eſte Reyno, e ao Convento de Evora, onde o Veneravel Padre entaõ morava, o Reverendiſſimo Salizanes, Géral de toda a Familia Franciſcana, e chegáraõ tambem á ſua preſença o Miniſtro da Ordem Terceira com os Diſcretos da ſua Meſa, pedindo-lhe mandaſſe prégar no dia de Quarta feira de Cinza (e era dalli a dous dias) ao Padre Fr. Antonio das Chagas, com quem naõ tinhaõ aproveitado nada ſeus rogos, e diligencias, por muitas, que tinhaõ feito, a fim de verem, e ouvirem do pulpito, mais que a Antonio, aquelle Paulo. Naõ era ſó a limitaçaõ do tempo, a que difficultava o ſermaõ, ſenaõ tambem as concurrencias da Prociſſaõ dos Terceiros, e da gente de toda a Cidade, que com ſer taõ ampla a Igreja, que parece ſer feita pelas medidas da Arca de Noé, naquelle dia o numeroſo do Auditorio a faz pare-

cer

cer pequena Arca do teſtamento. Eſtas difficuldades abſolviaõ ao deſejado Prégador do pedido pelos Irmãos da Ordem Terceira, propoſtas por elle ao Reverendiſſimo com novas razoens tiradas de ſeu proprio conhecimento, e conhecida humildade, com a qual repreſentava ſuas poucas letras, e muita falta de memoria, e exercicio de prégar, e naõ menos de confiança, ſendo toda neceſſaria para ſubir ao pulpito naquelle dia, que ſe enche a Igreja do mais pio, mais douto, e nobre daquella Cidade, e Univerſidade. Venceo com tudo a devoçaõ dos pertendentes todas eſtas difficuldades, naõ dando o Reverendiſſimo pelas eſcuſas do pertendido Prégador, dizendo-lhe: Que ſe amava, ou tinha deſejos de amar a Deos, em nenhuma outra couſa os podia melhor moſtrar, que em procurar por todas as vias ſalvar as almas de Deos taõ queridas; pois a Pedro naõ deo Chriſto outro premio do amor, que lhe tinha, mais que mandá-lo apaſcentar ſuas ovelhas; e em Pedro dar paſto ás ovelhas de Chriſto ſe via o ſeu amor premiado. Nem era caridade por hum grito, que ſe podia dar do pulpito, querer que ſe affogaſſe no pégo o peccador, que hia metter-ſe nelle; e que quanto ás inſufficiencias, que allegava, bem ſabia que nos ſermoens Deos fazia a obra, e quando Deos queria fazer fructo, o peyor ſemeador baſtava. Deo Fr. Antonio as mãos, e contando por victoria ſua o ficar vencido da Obediencia, fez o que élla lhe mandava.

Quarta feira de Cinza appareceo no pulpito Fr. Antonio, alvo logo dos olhos de todos, e de todos a ſua viſta ſilencio, admiraçaõ o ſeu habito, conſolaçaõ ſó o vê-lo, fazendo de qualquer acçaõ ſua, myſterio, da primeira palavra que diſſe, deſejo; e até no benzer lhes parecia outro; mas o meſmo, que a opiniaõ de rara virtude tinha impreſſo no ſeu conceito. Muita falta faz a eſta hiſtoria naõ termos o ſermaõ, que fez naquelle dia, para o trasladarmos neſte lugar, poſto que naõ poderia ſer

nunca por extenſo, em razaõ de que o fez taõ abbreviado, que em quatro palavras ſe cifrou todo. O Senhor Biſpo de Angra D. Frey Joaõ dos Prazeres, da meſma Ordem. ſeu Confeſſor naquelle tempo, e melhor ouvinte de todo o Auditorio, refere as palavras, mas com reſalva de eſtas, ou outras ſimilhantes: *O fructo, que dos coraçoens, que me ouvem, podia tirar a força dos diſcurſos da mais eloquente Rhetorica, produza em voſſas almas minha obediencia; eſta me obrigou a vir neſta hora a eſte lugar, queira Deos que as minhas viſtas cauſem em vós aquelles effeitos, que podieis eſperar de qualquer dos Apoſtolos.* Tal foy o ſermaõ, que entaõ fez; e poſto que naõ ſatisfizeſſe á expectaçaõ do Auditorio, ficou ſatisfazendo á obediencia, e elle na ſua maxima de tratar ſómente da ſalvaçaõ propria, deſmentindo para com o mundo a opiniaõ de ſeu grande engenho, e valendo-ſe das ſuas letras ſó para recambios do eſpirito. Naõ ſe eſcandalizáraõ os ouvintes, nem houve murmurinho no Auditorio, como ſe coſtuma em ſimilhantes ſucceſſos, antes naquellas poucas palavras, que diſſera o Prégador, lhes parecia tinhaõ ouvido o verbo abbreviado, que Deos promettia por Iſaias fazer ſobre a terrra, de que davaõ os parabens á ſua. Confirmaraõ-ſe os Irmãos Terceyros na fé, em que eſtavaõ, de que em Fr. Antonio teriaõ outro S. Paulo, lembrando-ſe de que eſte Apoſtolo prégando em Troyade, e cahindo o menino Eutheco da janella para baixo, deixou o ſermaõ, e deſceo a reſuſcitar o menino, que ſeus pays choravaõ morto, julgando que proſeguia o ſermaõ aquelle caſo. Eſte meſmo juizo devia fazer Fr. Antonio: porque em dia de Cinza continua a prégaçaõ em quanto dura a lembrança.

Iſai. 10. 22. Rem. 9. 28.

Eſte ſermaõ, que naõ acabou, trazia o Veneravel Padre tanto na ponta da lingua, que era a primeira eſcuſa, que dava a ſeu Confeſſor, Prelados, e mais Religioſos, que o per-

o perſuadiaõ a ir pela prédica, ſe queria fazer a Deos muitos ſerviços, a ſi merecimento, e ao proximo grandes proveitos, dizendo que aquelle ſermaõ fora a prova de ſua capacidade, moſtra da fraqueza de ſua memoria, deſengano de ſua confiança, requiſitos neceſſarios para Prégadores Apoſtolicos, qual elle havia de ſer, ſe os tivera para prégar. Parece-me eſtar ouvindo as eſcuſas de Jeremias cifradas em tres aaa por manifeſto de ſuas poucas letras. Tanto como iſto perſiſtia Fr. Antonio em querer antes pôr-ſe a hum canto, que no Pulpito; antes acompanhar a Elias no deſerto orando, e jejuando, que andar prégando ao povo; aſpirando ſempre áquella ſumma felicidade, que elle dizia era: ter huma peſſoa para ſi, que naõ ha outra couſa neſta vida mais que Deos, e a ſua alma, tratando de ſua ſalvaçaõ, e deſejando a de todos. Porèm como nelle naõ havia mais que veleidades, porque as vontades reſignára deſde a primeira hora, que entrára na Religiaõ, em ſeus Prelados, e Padres eſpirituaes, veyo a ſujeitar o juizo, que o diſſuadia, ao parecer do ſeu Confeſſor, que o animava; e fazendo ſacrificio a Deos de ſua deſconfiança, do ſeu temor eſperança de Deos lhe haver de dar a ſufficiencia, prégou logo muitos ſermoens naquella Quareſma com tanta acceitaçaõ do povo, e concurſo de gente, quanta era a opiniaõ, que todos tinhaõ de ſua vida, a pureza, e fundo de ſua doutrina, a ſubtileza de ſeus penſamentos, a eleiçaõ de ſuas palavras, a efficacia de ſuas admoeſtaçoens, a perſuaſaõ de ſeus diſcurſos animados com grande eſpirito eſtimulado pelo mais abrazado zelo. Jerem. 1. 6.

Moſtrou Deos deſde aquelle principio das prégaçoens de Fr. Antonio, que o tinha eſcolhido por vaſo de eleiçaõ, para levar ſua Divina palavra por todo eſte Reyno, dando-lhe tal agrado com o povo, e a eſte tal ſede de ouvîlo, que baſtava ſahir da portaria, (poſto naõ foſſe prégar fóra) para correrem todos atraz delle convidando-os o

deſejo de ouvî-lo, e a ancia de ſeus proprios melhoramentos, mais que para ouvir outros Prégadores, a fama, e os ſinos. Fiador deſte meu dizer ſerá o ſucceſſo, que em ſeu depoimento conta o Senhor Biſpo de Angra: Hiamos, diz elle, eu, e o Padre Chagas com outros Religioſos acompanhando o Reverendiſſimo Padre Fr. Balthazar dos Reys, Provincial deſta Provincia, do noſſo Convento para o religioſiſſimo do Calvario, quando de entre huns meninos, que andavaõ brincando, ſahio huma voz, que dizia: o Padre Chagas vay prégar, e vimos logo; e largando os entretenimentos pueris, deitavaõ a correr para caſa de ſeus pays, dando-lhes rebate falſo de que hia prégar o Padre Chagas áquelle Convento. Naõ foy neceſſario mais para abalar os nobres de ſuas caſas, os mecanicos de ſuas tendas, lojas, e officinas, as mulheres de ſeus retiros, e exercicios, e cheyos todos de fervor, e alvoroço compondo os homens as capas, e voltas, as mulheres os mantos pelas ruas, que em caſa fora lamentavel detença, a toda a preſſa nos foraõ ſeguindo, e por mais que lhe diziamos: Naõ ſe inquietem, nem percaõ ſeu tempo, que o Padre Chagas naõ vay prégar; perſiſtiraõ no caminho mais credulos a ſeus deſejos, que a noſſos deſenganos. Eſtes lhe déraõ tambem de ordem do Padre Provincial os Padres Confeſſor, e Capellaõ do Calvario depois de chegarmos áquelle Convento, onde nos detivemos até horas de Ave-Marias. E ſahindo para fóra achámos innumeravel povo, que a vozes de motim, ou acclamaçaõ, pedia ao Padre Chagas lhe fizeſſe hum ſermaõ. Attonitos com tal devoçaõ, e ſanto motim daquelle povo, coſtumando a outros de menos piedade, pareceo-nos que ſeria faltar a ella naõ condeſcender com os ſeus rogos obrigado ao Padre Chagas, que partiſſe, e repartiſſe o paõ da palavra de Deos por tantos famintos, quantos poderiaõ ſoccorrer Santo Antonio em Padua, S. Vicente Ferrer em Valença. S. Vicente Fer-

Perrer, e Santo Antonio em Padua era agora Fr. Antonio das Chagas em Evora. Ordenou-lhe o Reverendiſſimo Provincial, que das eſcadas da porta da Igreja fizeſſe áquelle povo huma practica. Elle a fez com tanto eſpirito, erudiçaõ, e conſolaçaõ dos ouvintes, que pareceo a todos fallava Deos do alto daquella eſcada, e que cada palavra ſua era hum degráo, por onde ſe ſubia ao Ceo. Eſta foy a primeyra vez, que prégou de noyte eſte eſclarecido Prégador mandado por Deos a dar teſtimunho da verdadeira luz neſte Reyno, para que os homens naõ comprehendeſſem as trevas das culpas. E ſendo feyta a practica á luz da candea, ſahio parto do Sol. Nem pór ſer áquellas horas deixou Deos de lhe dar que dizer em duas, que prégou. Eraõ horas de Ave Marias, e eraõ palavras de Anjo as ſuas palavras.

Mais para admirar he o caſo, que ſe ſegue, viſto na meſma Cidade, e abonado com o juramento do Padre Frey Fernando da Conceyçaõ, primeiro Companheiro do Padre Fr. Antonio, que o conta por eſtas palavras: Chegando o Veneravel Padre de huma jornada, ſe recolheo depois das onze horas do dia ao noſſo Convento, e eſtando na cella lendo os ſantos Padres, lhe batéraõ á porta repetidas vezes, e aſſomando eu á porta da minha cella, achey tanta multidaõ de gente, que por naõ caber já na Igreja (ſendo eſta das grandes, que tem o Reyno) eſtavaõ pelos dormitorios, barandas, e eſcadas. E perguntando-lhes que queriaõ: Reſpondéraõ, vinhaõ ouvir o Padre Fr. Antonio das Chagas. E dizendo-lhe eu: que ſino tangeo, ou que voz publicou, que elle prégava? Reſpondéraõ, que naõ ſabiaõ mais, que virem huns atraz dos outros; e dando eu recado ao Padre Fr. Antonio do que havia paſſado, diſſe: *Vamos Irmão, trazey a eſpada*, (era eſta o ſanto Crucifixo) e caminhando ambos para o pulpito com muyto trabalho pela grande quantidade de gente, que occupava o caminho, diſſe o Veneravel

Padre: *He poſſivel iſto? Que hey de dizer ſem ter eſtudado couſa alguma?* E pondo-ſe no pulpito, diſſe maravilhoſas couſas; e por ſer muyta a inquietaçaõ da gente, naõ prégou mais que tres quartos de hora, convidando-os para a Praça, para onde foy com o Chriſto na maõ, e na outra huma caveyra, e pondo-ſe no adro de Santo Antaõ prégou tres horas com tal voz, e eſpirito, que em todas as partes, e janellas da Praça o ouviaõ, como ſe eſtiveraõ muyto perto delle; e dahi os levou para o adro da Sé, aonde tomando novo motivo, prégou quaſi hora e meya; e dahi continuando foy á porta de Moura, aonde em differentes lugares fez dous ſermoens, e por ſer já tarde, vindo-ſe recolhendo, paſſou por hum terreyro, a que chamaõ de Alvaro Velho, e ahi prégou até muyto de noite; vindo a fazer em huma ſó tarde ſeis ſermoens, ſem com elles matar a ſede, que de o ouvirem tinha a gente. O que do fogo ſe diz, que nunca diz, que baſta, iſſo ſe póde dizer dos que huma vez ouviaõ a palavra divina, que eſte celeſtial Prégador annunciava. Em hum dia, que pôs a Via ſacra em a meſm. Cidade de Evora, prégou treze ſermoens, hum em cada Cruz, como teſtimunhaõ muytas peſſoas, que ſe acháraõ preſentes.

Fora a ſegunda obediencia, que lhe pôs o Reverendiſſimo Salizanes, antes de ſe deſpedir do Convento de Evora, que exercitaſſe o cargo de Commiſſario da Ordem Terceira naquelle Convento. Eſta obediencia foy para elle a mais penoſa, naõ porque ſeu eſpirito naõ eſtiveſſe prompto para obedecer; mas porque a carne, que eſtivera muyto enferma, ſe achava convaleſcente ainda, e temia por qualquer de ſeus ſentidos a ruina: como quem melhor que todos ſabia ſer a pureza flor mimoſa, hum vidro tranſparente, huma menina dos olhos. E que a flor, o Sol, que a abre, a murcha, o vidro, a maõ, que o toca, o quebra, a menina dos olhos, a luz,

a luz, que a illuſtra, a offende; e aſſim queria fugir as viſtas, para que eſta flor ſe lhe naõ murchaſſe; evitar o trato com mulheres, para que eſte vidro lhe naõ quebraſſe, e naõ ter lugar, em que lhe foſſe neceſſario abrir os olhos, para que ſuas meninas naõ verteſſem lagrimas: pedindo pois licença ao Reverendiſſimo para lhe dar a legitima eſcuſa daquella obediencia, lhe fallou deſta maneyra: *Padre noſſo, eu fuy muito mal acoſtumado no mundo, e ſobremodo laſcivo: confeſſo me naõ atrevo a ter officio, a que anda annexa a obrigaçaõ de fallar com mulheres, e deſejava de me exercitar na virtude da caſtidade agora Religioſo, já que no mundo em o vicio contrario fuy taõ perdido: naõ quizera ſer meſtre de ruîna a troco de me darem na cabeça grandes experiencias.* Sobre todas eſtas razoens, e bem fundados temores aſſentou a obediencia do Reverendiſſimo Salizanes; e dizia o Veneravel Padre, *que deſde aquella hora ſentira os eſtimulos da carne taõ deſmaiados, que lhe parecia dever a obediencia aquelles meſmos effeitos, que Deos queria reconheceſſe S. Paulo á ſua graça.*

Neſta aproveytava tanto para com Deos, e para com os homens, que experimentou logo os ſeus fructos a Irmandade Terceira. Naõ lhe fez outra Regra, mas deolhe a obſervancia da Primeira: Naõ lhe innovou os Eſtatutos, mas fê-los ſimilhantes nas virtudes aos Inſtituidores: Naõ introduzio novos coſtumes, mas fez que os ſeus foſſem louvaveis: Naõ mudou a Ordem, mas fez que andaſſe bem ordenada, acudindo todos a ſuas obrigaçoens, e naõ faltando nenhum ao ſerviço de Deos. E tudo iſto fez o novo Commiſſario á ſua cuſta, ſendo o primeyro nas diciplinas, o mais continuo na oraçaõ, incanſavel Prégador nas practicas, zelador das obras pias, deſpertador das Communhoens ſagradas, director das conſciencias, Confeſſor das culpas, louvador das emendas, e conſolaçaõ das almas, que obrigava a profe-

guir

guir no caminho da virtude indo ſempre diante. Era dito commum dos Irmãos Terceiros naquelle tempo, que para affervorarem na oraçaõ o eſpirito, baſtava pôrem os olhos no ſeu Commiſſario. Tanto ſeria fogo o ſeu exemplo! Eſte, que dentro dos Clauſtros, Igreja, e Convento de S. Franciſco foy prezada, naõ deſprezada faiſca, paſſou a ſer no Recolhimento das Convertidas incendio; porque reduzindo a cinzas todas as gálas, memorias, brincos, prendas, e penhores das culpas paſſadas, ardéraõ aquellas Convertidas em vivas chamas de amor de Deos, e deſejos do aproveitamento de ſuas almas, e tomando habitos, vida, e profiſſaõ de Terceiras com voto de caſtidade, fizeraõ o ſeu recolhimento de virtude, naõ de neceſſidade: dando a entender ao mundo, que póde haver recolhimento de corpos com diſtracçaõ de animos, e que ſem ſe converterem as almas, naõ póde haver Recolhimentos de Convertidas. Eſta converſaõ déo muytos prazeres ao Ceo, e muytos pezares ao inferno, por fazer daquelle Recolhimento viveiro de occaſioens para Deos ſer offendido, vivendo nas Recolhidas ſempre o propoſito de tornarem ao vicio, dándo lhe occaſioens o tempo, geitos os ſujeitos, licença os deſagrados, e arrufos, ſegurança o engano, ou deſengano dos maridos.

CA-

CAPITULO VII.

Paſſa o Veneravel Padre a Caſtella pelo caminho da Obediencia: Aprende a fórma, e eſtylos que guardavaõ os Miſſionarios Apoſtolicos da ſua Ordem, que naquelles Reinos colhiaõ innumeraveis aproveitamentos de almas por novidade de ſuas Miſſoens. E tornando para eſte Reino põem em pratica o que aprendêra em Caſtella, e ja lá exercitara.

DIvulgavaõ-ſe cada dia mais as maravilhas, que Deos obrava nos Reinos de Caſtella por meyo das Miſſoens dos muitos louvaveis Miſſionarios Fr. Sebaſtiaõ de la Chica, e ſeus Companheiros, todos da Ordem Serafica, e todos como Serafins abrazados em amor de Deos, e dos proximos preſtáraõ pennas á fama para ſobrecellentes de ſuas azas, em que trouxe eſta nova a Portugal, Reino ſempre affecto a novidades da virtude. Como mais empenhado na ſua imitaçaõ foy mandado Fr. Antonio a copiar em ſi aquelles originaes, de que ao depois nos deo tantos retratos; a beber aquélle eſpirito, em que ao diante ſe acháraõ tantas ſubſtancias; a tomar daquelles modos, em que logo ſe admiráraõ propriedades; a acompanhar aquelles Miſſionarios de Caſtella, para vir depois a ter muitos Companheyros em Portugal. Foy recebido em Medelhim pelo Reverendo Fr. Sebaſtiaõ de la Chica com agrado igual á opiniaõ, que logo concebeo do Portugez Miſſionarios; porque como ſe foſſe nelle o meſmo, ir, ver, e vencer; aſſim nos primeiros dias de ſua chegada, moſtrou

trou, que nenhum outro Miſſionario lhe chegava, e que era Meſtre, quando aprendia. Nem o Reverendo de la Chica quiz dizer outra couſa, quando, por adoecer dahi a alguns dias, commetteo a ſuperintendencia da ſua Miſſaõ ao noſſo Miſſionario, reconhecendo nelle mais talentos, que nos outros ſeus Companheiros. E perguntado pelo doutiſſimo Samaniego Géral da Ordem, que lhe parecera Fr. Antonio? Reſpondeo, que naõ vira eſpirito igual, nem igual facilidade no prégar; porque mandándo-o prégar de repente muitas vezes, elle o fazia como de penſado com tanta erudiçaõ, fartura de lugares da Eſcritura, e recheyo de authoridades de Padres, ſobre tudo com tanta propriedade na lingua Caſtelhana, que naõ havia differençar a arte da natureza, o que tudo attribuia mais á virtude do ſeu eſpirito, que á felicidade do ſeu engenho.

A Cidade de Elvas, que á ida para Caſtella o reſpeitára ſó Religioſo, á vinda para Portugal o venerou, ſobre grande Religioſo, Miſſionario Apoſtolico; e elle fazendo conta de que eſte havia de ſer o ſeu officio, procurando fazer guerra ao inferno até o ultimo ſuſpiro, pôs ſua primeira tenda no Campo, e Ermida da Senhora da Graça pouco diſtante daquella Cidade. Alli ſe pôs a conſiderar, e a apreſtar do que lhe era neceſſario para fazer guerra ao demonio como outro Rey do Evangelho; e aſſentando naquella primeira maxima: Que deve primeiro o Prégador moſtrar em ſi por obra o que diz aos ouvintes de palavra, e fazer aquillo meſmo, que enſina; tratou de expreſſar em ſi o que eſcrevia a certa peſſoa, que lhe havia communicado deſejos de ſe empregar no exercicio das Miſſoens, e aproveitamento das almas; e as ſuas palavras eraõ eſtas: *Muito eſtimo, e feſtejo eſtes impulſos de Miſſionario, que, ſe ſaõ em ſimplicidade de eſpirito, ſaõ bons. Se porque léo que os tiveraõ os Santos, ſaõ huma pouca de vaidade,*

dade, que ſe gera no fundo da alma, e querer que ſe diga, que eſte zelo tinhaõ os Santos, e ſe veja que tem o meſmo quem na verdade o naõ tem. Naõ ſerá V. M. deſtes, mas já que lhe vem eſte zelo, veja ſe tem acabado toda a conquiſta de ſua alma, que por nós deve começar a empreza. Eu naõ olho para mim agora, que eu tiro-me deſta regra, pois ſendo mais miſeravel, andando neſte officio, fallo contra mim. Eraõ os Corinthios para S. Paulo a ſua carta: *Epiſtola noſtra vos eſtis.* Eraõ as cartas de Frey Antonio, a ſua copia; e aſſim lendo por aquella a ſua vida, digo, que em examinar ſe tinha bem conquiſtada a ſua alma, gaſtou os primeiros dias de ſua eſtada naquella Ermida. O Sol para viver allumiado baſta ter o ſeu ſer luminoſo, mas para allumiar o mundo he neceſſario desfazer as nuvens, e nevoas, que lhe daõ de roſto. Sem que a Ethyopia derreta as ſuas neves, naõ dá ao Egypto fertilidade. E o Nilo primeiro affoga as arêas proprias, que extravaze nas campinas. A Aguia naõ permitte voos a ſeus filhos, ſem que primeiro experimente que tem tanta luz nos olhos, que lhos naõ poſſa cegar o Sol a raios, *Naõ eſtou bem*, eſcrevia o noſſo Veneravel Padre, *com humas vidas de eſpirito, que ſem terem vencido as naçoens, que impedem a entrada da terra de Promiſſaõ, e que he meyo neceſſario, naõ ſó de ſalto, mas de voo querem chegar ao fim, e ao termo.* 2. Cor. 3.

Suppoſta eſta ſua meſma doutrina, mandou o Veneravel Padre a conhecer-ſe a ſi meſmo por conhecimento reflexo: eſtes exploradores foraõ ſeu proprio juizo, e diſcurſo, os quaes ſahindo do corpo, e penetrando o interior de ſua alma, terra de Chanaan, com quem Deos tinha commercio, (Chanaan he o meſmo q̃ negocio) ſe informáraõ miudamente do eſtado da terra, ſeus fructos, coſtumes, e gentes, e entrando em ſi, por onde tinhaõ ſahido á ſaber-ſe a ſi, déraõ por novas ſer a terra taõ bõa,

que

que dava fructos dignos de penitencia: que seus habitadores antigos Gigantes de Enac, vicios capitaes encadeados huns com os outros, em virtude de sua dor pelo bem perdido, do seu pejo do mal commettido, do seu temor do castigo futuro, e esperança do eterno gozo sobre proprio conhecimento, cinco pedras de David postas na funda de sua resoluçaõ: antes morrer que peccar: nem mais levantáraõ cabeça, nem tinhaõ para o desafiar espada. Que os castellos, que fundára no vento seu desvanecimento, tinha feito pedaços o escarmento. Que das muralhas, que fabricára a ancia da resistencia, naõ deixára pedra sobre pedra a misericordia Divina, e só para aviso da memoria se levantava edificio da ruina; quanto cahira estrago da vangloria. Que
Josue 10. já os cinco Reys Amorrheos, que de sua alma fizeraõ em outro tempo Reyno do peccado, depois de sopeados tinhaõ sido crucificados. As potencias mais formidaveis, e que dos máos costumes faziaõ natureza, totalmente acabadas, e extintas. Suas Cidades parte queimadas, parte arrazadas, e todas como campo, onde fora Troya, sem vestigios, nem ainda cinzas, que levantassem fumos. Que a Cidade de Hai dos gostos passados se tinha mudado para Ay de arrependimentos. Esta he a Cidade dos seus Ays, quando dizia: *Ay de mim, meu Deos, que me affligem os suspiros, com que outros*
Josue 8. *se alleviaõ, e he o meu mal hum Ay, com que os outros se desaffogaõ; porque todo o meu mal he hum Eu.* Que Jericó dava rosas sem espinhas em castigo de ter dado espinhas por rosas. Que Cadés enchêra de palmas quantos campos dedicára n'outro tempo a batalhas. Que Maron convertêra em doçura da penitencia os amargores da culpa.

Grandes novas estas para Frey Antonio, que da graça Divina, mediante a Senhora da Graça, esperava taõ bom successo; temendo porèm nas bôas as incertezas, e fazen-

fazendo fiſcal a memoria do que tinha ſido, naõ creo, nem ao juizo, nem ao diſcurſo proprio; ſenaõ que, como ſe naõ tivera obrado couſa alguma na conquiſta de ſi meſmo, tratou de fazer mais violencia ao Ceo, Reyno, que, como tinha dentro de ſi, pôs em ſitio, pondo ſe a ſi em cerco na Ermida, que já diſſemos da Senhora da Graça; e cerco taõ apertado, que o comer era ſó paõ, e agoa a preço ſubido de eſmóla, fazendo bateria de oraçaõ continua, vayvens de rigoroſas diciplinas, demais do cordaõ de varias caſtas de cilicios, que lhe cingiaõ todo o corpo, fallando todos por huma lingua de aſpera penitencia, até que ſe reſolveo a fazer huma ſurtida (ſurtidas chamava ás entradas, que fez de noyte em algumas terras brádando em voz alta: *Penitencia*,) e fazendo, como elle meſmo diſſe, *do burel armez, elmo do capello, malha do cilicio, eſpada da diciplina, e palavra divina*, entrou pela caſa do ſorte armado, e atando-lhe as máos, lhe tirou das unhas innumeraveis almas, deſpojando-lhe a caſa de quantos moveis lhe grangeára a culpa, dera a ſoberba, arrecadára a avareza, deixára a luxuria, accumulára a ira, amontoára a inveja, e pudéra levar a pirguiça. Luc. 11. 22.

A vozes deſta Tuba Sacerdotal cahiraõ logo no Biſpado de Elvas quantas defenſas introduzira o demonio no mundo, para perſeverar o peccador em ſeu máo eſtado: quantos Jericós, e ſeus muros reſiſtiaõ ás inſpiraçoens divinas; e fazendo toſſos cegos de ſua ceguéira, cuidavaõ ſe defendiaõ de Deos no meſmo, que o offendiaõ, procurando eſcuſas nos peccados nunca bem accuſados, e deixando ao caſtigo de Deos aquellas culpas, de que podiaõ ſer abſoltos em ſeu nome pelos homens! Cahiaõ tambem na razaõ ainda muytos, com quem ella naõ tinha quéda, e ſe deraõ perdoens os que nem ouvir queriaõ fallar nelles, fazendo-ſe amigos os que herdavaõ odios; e finalmente ſó ficou em pé aquillo,

lo, que o demonio quizera que cahiſſe. Levantando por tudo as mãos a Deos, dando-lhe graças, o Illuſtriſſimo Dom Joaõ de Mello, digniſſimo Biſpo daquella Dioceſi, que mereceo a Deos dar-lhe no ſeu primeiro Biſpado as primicias do trabalho de taõ grande Miſſionario; as amoſtras do fructo, que fez em todo eſte Reyno; o primeiro bando, que deitou eſte pregoeyro Evangelico; a primeira novidade, que recolheo eſte ſemeador da palavra divina, lavrando com o arado do ſanto Crucifixo na maõ as incultas terras, e pedras duras de milhares de almas; e dando em ſi bofetadas, para que ninguem reparaſſe em dar a outra face a quem lhas déſſe. Aſſim perſuadia a guarda dos mandamentos Divinos, que via Chriſto ſe obſervavaõ os ſeus conſelhos. De ſeus ſermoens ſahiaõ os peccadores contritos, e dos contritos entravaõ muitos Religioſos. Onze ſe contaõ ſó na Ordem de S. Franciſco convertidos por Fr. Antonio.

CA-

CAPITULO VIII.

Recolhe ſe a Evora o Veneravel Fr. Antonio, e conhecido ſeu talento, e eſpirito, lhe manda paſſar Patente de Miſſionario Apoſtolico o Reverendiſſimo Samaniego; e elle deſde logo faz patente a todo eſte Reino, que Deos o tinha eſcolhido para evangelizar a paz, e prégar penitencia por obra, e palavra, ſendo o primeiro conceito, que diſſe, o conceito, que delle ſe teve. Confirma Deos com maravilhoſos ſucceſſos a ſua doutrina.

POs fim áquella ſua primitiva Miſſaõ de Elvas (que fora huma como experiencia do que Deos por elle obrava, e fructo, que colhia a palavra Divina ſemeada por elle em terra propria) a meſma obediencia, que de Evora o mandára a Caſtella, e de Elvas agora o chamava para Evora, onde (provadas com noticias, que tinhaõ vindo de Elvas, e Caſtella as premiſſas de ſeus talentos, eſpirito, e zelo da ſalvaçaõ das almas) o eſperava em fórma de digno a primeira Patente de Miſſionario Apoſtolico, que lhe mandava paſſar o Reverendiſſimo Samaniego Commiſſario Geral de toda a Familia Ciſmontana no anno de 1671. e vindo dahi a ſeis annos outra vez, já Miniſtro Géral, lhe paſſou a ſegunda, e he a que aqui ſe vê.

FRAY JOSEPH XIMENEZ SAMANIEGO Miniſtro General de toda la Orden de los Frailes Menores de nueſtro Seraſico P. San Franciſco, y Siervo &c. Al Padre Fr. Antonio de las Llagas, Predicador Miſſionario, y hijo de nueſtra Provincia de los Algarves, ſalud, y paz en nueſtro Señor Jeſu Chriſto.

„ POr quanto nos conſta el grande fruto, que Su Di-
„ vina Mageſtad es ſervido de hazer en beneficio
„ de las Almas por medio de V. R. en el ſanto exercicio
„ de las Miſſiones, en que ſe ocupa actualmente, y para
„ el qual nos pide nueſtra bendicion, y confirmacion:
„ Por tanto, deſeando ayudar quanto podemos a los bue-
„ nos intentos de V.R. confiando aſſi miſmo, que con ſu
„ virtud, zelo, buen exemplo, y ſana doctrina irà ſiem-
„ pre aumentando ſu buen ſervor, y trabajo a mayor glo-
„ ria de Dios, y utilidad de los Pueblos: Por virtud de
„ las preſentes confirmamos, y declaramos a V.R. Predi-
„ cador Miſſionario, dandole nueſtra bendicion, y
„ licencia para hazer Miſſiones por todo el Reyno de
„ Portugal con ſus Conquiſtas, e por todos los de Eſ-
„ paña, y en todos los Conventos, aſſi de Religioſos, co-
„ mo de Religioſas ſujetos a nueſtra obediencia; y para
„ que V. R. pueda hazer con mayor comodidad en eſte
„ ſanto empleo los frutos, que ſe deſean, le damos fa-
„ cultad, para que pueda tomar de qualesquiera Provin-
„ cias de los ſobredichos Reynos, y Conquiſtas, quan-
„ tos compañeros Sacerdotes le pareciere ſer neceſſarios,
„ y idoneos para dichas Miſſiones, ſin que algun Provin-
„ cial, ò otra perſona a Nòs inferior pueda de qual-
„ quier modo impedirles, pena de ſuſpenſion de ſu of-
„ ficio, y excomunion mayor ipſo facto incurrenda. Y
„ a V. R. como tambien a todos los compañeros que
„ tuviere, por todo el tiempo que eſtuvieren en ſu com-

„ pa-

„ pañia exercitandoſe en las Miſſiones, concedemos fa-
„ cultad, para que puedan dar a los Fieles el habito de la
„ Tercera Orden de N. P. S. Franciſco. Y damos nueſ-
„ tra licencia, y authoridad a V. R. ſolo, y por ſi miſmo,
„ para que pueda abrir las Letras Apoſtolicas de la ſa-
„ grada Penitenciaria para el bien de las almas en
„ el foro interior. Y encargamos a todos los Prela-
„ dos de nueſtras Provincias, y Conventos, y a los de-
„ mas Fieles, a cuya caridad recurriere V. R. com ſus
„ compañeros, ſuplicamos en el Señor, les reciban, co-
„ mo a hijos verdaderos de nueſtro P. S. Franciſco. Y
„ mandamos por Santa Obediencia en virtud del Eſ-
„ pirito Santo, que ningun inferior nueſtro impida, ni
„ moleſte a V. R. y ſus compañeros, ò les ocupe en ou-
„ tro qualquier exercicio, que les pueda eſtorvar tan
„ ſanto miniſterio de las Miſſiones, en el qual ſe emplea-
„ ràn con el merito de la Santa Obediencia. Dadas en
„ nueſtro Convento de San Antonio de la Caſtañera en
„ 1 de Deziembre de 1678. Tambien ſe le concede a
„ dicho Padre Fr. Antonio, y ſus compañeros puedan
„ predicar, y confeſſar en todos los Monaſterios, aſſi de
„ Religioſos, como de Religioſas ſujetos a nueſtra obe-
„ diencia.

Fr. Joſeph Ximenez Samaniego.
Miniſtro General.

Fr. Juan Baptiſta Caetano
Secretario General.

Por mandado de S. P. Reverendiſſima Fr. Juan Baptiſta Caetano, Secretario General de la Orden.

Vendo-ſe Fr. Antonio o primeiro Miſſionario Apoſtolico Franciſcano por patente do ſeu Geral neſte Reyno, apoſtou-ſe a ſer o primeiro na expectaçaõ de Deos, e do

mundo; e levado deſte empenho aſſim tomou a poſta no caminho da virtude, que foy Gigante aſſim; curſou as eſtradas, que pareceo proprio mandado por Deos com aviſos ſeus a todas as terras. Anenhũa chegou, que naõ achaſſe apoſentadoria de ſua meſma fama, que o precedia, da virtude, que o recomendava; da eſperança, que cada qual tinha de ſua melhora: ſahiaõ-no a receber povos inteiros, acompanhavaõ-no turbas pelos caminhos, como a Chriſto pelos deſertos: em ſuas entradas nas Freguezias ſe repicavaõ os ſinos, como nas mayores feſtas, e de feſta eraõ todos os dias, que elle ſe detinha nellas; prègando, confeſſando, enſinando a doutrina Chriſtaã, e oraçaõ mental, fazendo pazes, alcançando perdoens, e outros ſerviços de Deos; porque nos taes dias naõ havia quem trabalhaſſe mais que pello ouvir, e ſe confeſſar: cerravaõ-ſe as lojas, naõ ſe abriaõ as tendas, apenas apparecia gente nas praças, ficavaõ ſem moradores as caſas; e ſendo caſa de todos a Igreja, quando por naõ caber gente nella (como muitas vezes ſucedia) fazia Fr. Antonio Igreja de ſeus adros, dos campos, e praças publicas, em que pregava. Neſte lugar o entoavaõ ſanto, naquelle Fradinho ſanto, n'outro o noſſo Santo Antonio, nos mais era acclamado por S. Paulo de Portugal. E paſſando eſta devoçaõ de palavras ás mãos, lhe cortavaõ do habito, lhe guardavaõ os cabellos, lhe furtavaõ as alparcas, lhe tomavaõ contas, e regiſtos, fazendo de tudo reliquias mais devotos, que ſacrilegos. Concorria Deos para eſte applauſo, e veneraçaõ de ſeu Servo. fazendo ſinaes no Ceo, e caſtigando os que lhe faltavaõ ao reſpeito na terra.

Prégando na Cidade de Braga, e no rocio, e porta da Santa Cruz, ſendo pelas duas para as tres horas da tarde em dia muito claro, foy viſta huma Eſtrella no Ceo muito reſplandecente em direitura da cabeça do Veneravel Padre; e o meſmo ſuccedeo prègando elle a

doze

doze, ou treze mil peſſoas em hum campo da Villa de Barcellos; e apontando todas com as mãos para as Eſtrellas, ſe davaõ por obrigadas a trazer taõ aſſinalado Prégador nas palmas. Tem-ſe por venturoſo no mundo quem tem eſtrella, duas teve Fr. Antonio, para que foſſe ditoſo para com Deos, e com o mundo; porèm elle ſó fazia caſo da primeira ventura, porque ſó para com Deos quizera ter eſtrella, e para com o mundo nenhuma: ve-ſe bem de huma ſua carta, em que diz a huma Religioſa: *Naõ me faltem oraçoens de V. M. e deſſas Senhoras, a quem já tivera de mais perto feito eſta petiçaõ, ſe a eſtrella, que tenho nas Cortes, me naõ houvera deitado a longe.* Ou digamos, que appareceraõ eſtrellas para o fim, que eſte ſanto Varaõ naõ deſejava huma, ſenaõ muitas, eſcrevendo a huma Religioſa eſtas palavras: *Tome V. M. agora por ſua empreza rogar a noſſo Senhor pela ſua Igreja, e peço lhe, que aſſim como nos Magos tiveraõ eſtrella os Gentios para o buſcar, e nelles noſſos avós que foraõ Gentios; aſſim tambem mande eſtrellas, que influaõ com a meſma efficacia, para que o buſquem Turcos, Mouros, Judeos, Hereges, Barbaros, Gentios, e ſeja todo o mundo hum rebanho com hum ſó Paſtor.* Para iſto queria Fr. Antonio ter eſtrellas, e Deos, para lhe pagar eſte amor na meſma moeda, quiz que por eſtas viſtas de eſtrellas o buſcaſſem, veneraſſem, e applaudiſſem, caſtigando por outra parte com pena de morte a quem lhe naõ guardava o decoro, ou faltava ao reſpeito. Na Miſſaõ de Lamego, e lugar de Pezo da Regoa, naõ o querendo paſſar á outra banda do rio Douro certo barqueiro, de improviſo ſe lhe affundio o barco, deitando todos os que preſentes eſtavaõ eſte ſucceſſo a caſtigo evidente de Deos, como affirma o Padre Fr. Joaõ de Jeſus Maria, Miſſionario de Varatojo, que entaõ acompanhava o Veneravel Padre, e foy Reitor do Seminario de Lamego, e Joaõ Pinto Ribeiro. Obſervaçaõ foy do

R. Fr. Manoel do Sepulchro já nomeado, que as peſſoas que em alguma occaſiaõ ſe houveraõ com pouco reſpeito ao Servo de Deos Fr. Antonio, morreraõ muito cedo; e pela experiencia, que o dito Padre tinha, em vendo que alguem encontrava os ſerviços de Deos, que ſeu Servo pertendia, logo lhe dizia a elle: Pouco dou pela vida de tal peſſoa. Aſſim aprendiaõ os bons a eſtimar a virtude por amor do premio, e os máos por temor do caſtigo.

Na Villa de Soutelo, Comarca de Pinhel, inſtando o Veneravel Padre com Pedro Rebello, para que perdoaſſe hum aggravo exorbitante, que lhe haviaõ feito; naõ foy poſſivel alcançar lhe o fim, por mais ſermoens, e exhortaçoens feitas pelo Servo de Deos, e ſeus companheiros a eſſe fim. Mas naõ tardou o caſtigo a Pedro Rebello, matando o de noite na Villa de Trovoens, ſem elle ter offendido ao matador: para que ſe viſſe que o naõ matava offenſa alguma, que fizera, ſenaõ a que naõ perdoára; bem que Deos ſe dá por offendido todas as vezes que naõ perdoamos ao proximo.

Na Villa de Proveſen de Couto do Arcebiſpado de Braga, Ouvidoria de Villa Real, indo o Veneravel Padre com ſua Miſſaõ, foy menos acceito a duas peſſoas principaes; e huma dellas ſe chamava Gaſtaõ Teixeira, que ſe atreveo a dizer ao Servo de Deos, que era eſcuſada a ſua Miſſaõ naquella terra pelo ſer de Chriſtaõs, que foſſe Sua Paternidade prégar áos Mouros. Sahio-ſe o Veneravel Fr. Antonio daquella terra, ſacudindo o pó dos pés, como Chriſto aconſelha; mas dentro de dous mezes matáraõ a Gaſtaõ Teixeira por bem leve cauſa; ſe he que foy cauſa leve impedir a hum tal Miſſionario que prégaſſe.

Eſtando de miſſaõ na Villa de Grandola, e tendo feito oito ſermoens naquella terra, ſem lhe conreſponder o fructo, que eſperava, naõ lhe vindo á rede os peixes grandes da nobreza: porque vendo na agoa clara da celeſtial

dou-

doutrina a malha, que ameaçava ſua dureza, por naõ deixarem odios antigos, deixavaõ a terra, em quanto o Veneravel P. a naõ deixáva; dando-lhe com iſſo occaſiaõ, para que elle, ſeguindo o conſelho de Chriſto, ſe foſſe deſpedir ao pulpito na fórma, em que ſe punha a caminho, aonde diſſe as ſeguintes palavras: *Determinado eſtive a me ir deſta terra, ſem vos dar eſte ultimo aviſo da parte de Deos: que ſe neſte Auditorio eſtá alguma peſſoa que o tema, fuja a toda a preſſa deſta terra, porque eſtá Deos com a maõ alçada contra ella.* Couſa paſmoſa! Como ſe foraõ eſtas palavras proferidas por algum dos Boanerges filhos do raio a imperio de Chriſto, ſe nublou logo o Ceo d'antes claro, e ſereno; aſſoprãraõ rijamente os ventos, varrêraõ as ruas diabolicos remoinhos, fizeraõ-ſe ouvir trovoens medonhos, e fuzilaraõ com promeſſa de raios muitos relampagos, ameaçando incendios de fogo eterno aos que pertendiaõ eternizar o ſeu peccado morrendo no odio. Acabou eſta tormenta da divina Juſtiça em chuveiros de lagrimas, com que pediraõ todos a Deos miſericordia, e ao Veneravel Padre, que ſe naõ foſſe da ſua terra, fazendo-lhe os partidos, que queria; porque ſe perdoáraõ todos de todo o coraçaõ, todos fizeraõ prociſſoens, e penitencias publicas, reformáraõ ſuas vidas, choráraõ ſuas culpas, e finalmente Grandola foy Ninive ameaçada por culpas, e perdoada por penitencias; e Fr. Antonio ſe deixou ficar naquella Villa mais alguns dias, colhendo nas ſuas redes taõ bom lanço de Baleas, como foy para a Balea o fugitivo Jonas. No dia ſeguinte a ſuas deſpedidas do pulpito foy viſto o demonio, que eſtava aos pés de S. Bartolomeu na Igreja daquella Villa, coberto com hum capuz negro por demonſtraçaõ do luto, e ſentimento, que lhe cauſára com os ſeus ſermoens Fr. Antonio, dando a entender quem pôs aquelle capuz ao demonio, que elle ſe veſte de luto todas as vezes, que lhe morre a eſperança

de morrerem as almas morte de culpa.

Prégando miſſionariamente ſeis, ou ſette ſermoens na Villa de Ferreira, e vendo que rompia em mais crua guerra a paz, que procurava aſſentar entre os principaes da Villa divididos em bandos, divizados por odios, de que ſe ſeguiaõ mortes, brigas, e eſcandalos, diſſe no ultimo ſermaõ: *Já que naõ querem obedecer á palavra de Deos por mim prégada, elle mandará hum Prégador da outra vida, ou morrerá hum dos que me eſtaõ ouvindo de morte ſubita, antes que chegue a ſua caſa.* Tomou Deos por ſua conta o cumprimento deſta ameaça; porque hum dos ouvintes indo da Igreja para caſa caheo de repente na rua, cauſando eſta morte repentina em todos os mais arrependimentos de ſuas culpas, e de repente huma tal mudança de vidas, que ſe uniraõ verdadeiramente os animos, fizeraõ-ſe todos amigos, fazendo de tudo termos as lagrimas de ſeus olhos. Quantas vezes huma vida de má morte deo á bondade eſtimaçaõ de primeira ſorte! E quantas huma morte má fez muitas vidas bõas!

Sahindo em certa occaſiaõ de Moura com intençaõ de ir em direitura a Evora, como d'antes tinha dito, chegando ao Guadiana, diſſe a ſeu companheiro Fr. Fernando da Conceiçaõ: *Importa que eſta noite nos mettamos em Beja.* E partindo Guadiana abaixo com inſopportavel trabalho, foy tomar a eſtrada do Pedrogo, e chegando a Beja, foy logo de manhaã prégar inſperadamente ao Convento de Religioſas da Conceiçaõ. Dellas houve muitas, que fizeraõ faſtio daquelle prato da palavra de Deos, guizado por taõ bom cozinheiro como Fr. Antonio, melindre de chegarem a ouvî-lo, importancia de naõ quererem vê-lo. O que tudo conhecido pelo Varaõ Apoſtolico, determinou caſtigar aquelle deſprezo da divina palavra com naõ tornar mais a prégar naquella Caſa; obrigado porèm da ſanta obediencia, que lhe intimou o Guar-

o Guardiaõ do Convento Fr.Fernando Maldonado á inſtancia de algumas outras Religioſas, que de hora a hora o importunavaõ com cartas, houve de ſujeitar o entendimento á reſignaçaõ de ſua propria vontade governada pelos ſuperiores, e tornar ao ſobredito Convento, onde de huma cadeira poſta na grade da Igreja começou a practica neſta fórma: *Aqui vim ja outra vez, e me fuy ſem tençaõ de tornar mais a eſte lugar, porque naõ quero ſe zombe da palavra de Deos; porèm he taõ forçoſa a obediencia, que aonde ella chega, a minha vontade pára. Das que preſentes eſtaõ, Madres, ha de morrer huma eſta noite de morte ſubîta; e eſta ha de ſer o Prégador, que mais as ha de converter*; e benzendoſe deo principio ao ſermaõ. Benzeraõ ſe com elle juntamente todas, naõ tanto pelo imitar, como pelo que ouviraõ, que a huma dellas havia de acontecer: e tomando cada huma por ſi o dito, a que a opiniaõ, que ja ſe tinha do Veneravel Padre, fazia dar inteiro credito; naõ houve nenhuma, que acabado o ſermaõ naõ pertendeſſe ſer a primeira no Confeſſionario; a mais verdadeira no arrependimento, a mais abraçada com o ſeu Crucifixo. Ouviaõ-ſe vozes de arrependimento, ſuſpiros de contriçaõ, ays de dor, ſoluços de compunçaõ, gemidos, e prantos de pezar por ſeus peccados: viaõ-ſe deſmaiados os alentos, aſſeados os enfeites, deſcompoſtas as toalhas, perdidos os brios, e todas feitas humas Magdalenas de lagrimas com caras de defuntas, obrando a imaginaçaõ em todas naquelle dia, o que havia de apurar a morte n'uma ſó a noite ſeguinte. Foy eſta a Abbadeſſa do Convento. Como na cabeça reſide o entendimento, com o golpe dado na cabeça faz Deos aviſo ao corpo todo. Naõ teria culpa aquella Abbadeſſa no que fizeraõ as ſuas Religioſas; mas ſe o povo tantas vezes tem pago pelo Rey, que muito que alguma vez o Rey pague pelo povo! Os caſtigos de Deos tem muita parecen-

recença com os rayos, que tirando a vida a hum, atemorizaõ a todos, e de ordinario cahem nas mais altas torres, e ferem as mais levantadas arvores.

Na Villa do Crato viviaõ dous homens taõ oppoſtos entre ſi, que de qualquer occaſiaõ faziaõ huma cauſa, e fundavaõ huma demanda, mettendo-ſe no Inferno pelos juramentos de calumnia, e odios, que eraõ infernaes em ambos. Vendo o Veneravel Padre que ſeus ſermoens naõ tinhaõ abrandado aquelles endurecidos coraçoens, mandou chamar a cada hum de per ſi, e os admoeſtou, arguio, e increpou do máo eſtado, em que por demandas ſe tinhaõ poſto: dando hum *Væ* a ſuas almas, ſe naquelles odios, e pleitos acabaſſem as vidas. Mas naõ aproveitando nenhuma diligencia, tendo-os o Veneravel Padre a ambos diante de ſi, lhes diſſe: *Ja que naõ querem, irmãos, acceitar eſte aviſo, e dar por eſta admoeſtaçaõ, levantar-ſe-haõ eſtes mortos para ſerem teſtimunhas de ſua contumacia diante do Supremo Juiz, quando lhes pedir conta*; e batendo com o pé ſobre huma ſepultura, quando proferio eſtas palavras, ſe abrio nella huma boca, e cahiraõ tijolos, que podendo ſer acaſo, fez eſte caſo maravilhoſo no effeito, pois pudéraõ mais as ruînas, que as doutrinas mais levantadas.

Eſtes, e outros ſimilhantes ſucceſſos divulgados por todo o Reyno grangeáraõ a Fr. Antonio credito, e opiniaõ de poderoſo, tanto nas obras, como nas palavras; ſendo, como elle meſmo dizia, o Prégador, que mais movia as almas, os ſucceſſos que ſe contavaõ das terras vizinhas; e como elle coſtumava dizer nos ſermoens, que naquelle Auditorio eſtava huma alma a pique de ſe ir ao Inferno, (calando qual era, e entendendo a ſua) cada qual dos ouvintes conhecendo-ſe culpado, e naõ duvidando do que affirmava Fr. Antonio pelas muitas vezes, que Deos o tinha feito verdadeiro, temia, e tremia do Inferno, e buſcava todos os meyos para ſe livrar daquelle ſuſto, e evi-

evitar aquelle risco. Deste temor nasciaõ as confissoens geraes de toda a vida, os bons propositos de emenda, as penitencias a toda a hora, os jejuns toda a semana. Deste temor a reforma das vidas, o melhoramento das consciencias, as lagrimas pelas culpas, e todos os bons effeitos nas almas; e em muitas se vio tornar se amor de Deos, e de sua bondade infinita o temor, que se tinha de sua justiça, convertendo-se em amor filial o temor servil.

CAPITULO IX.

Propõem-se a fórma, e estylos, que guardava o Veneravel Padre no principiar as Missoens. Exercicios em seus caminhos com alguns notaveis successos.

NAsceraõ neste mundo os homens Grandes, e Varões illustres para deixarem em suas acçoens regras vivas a seus imitadores. O theor de sua vida he a que se segue em quem se lhe assemelha; e como Arcas do Testamento, tendo em si a Ley, obrigaõ com ella a naõ declinar para a maõ direita, nem esquerda. Ao justo, diz o Apostolo, naõ foy posta ley; porque elle a põem no que obra. Mandava Deos aos Hebreos, que puzessem os olhos na pedra, de que foraõ roçados, para que roçassem por ella os seus procedimentos. A vara de Araõ foy vara, que produzio flores: pela vara mediaõ os Levitas a sua vida. e pelas flores a obrigaçaõ de serem ramalhetes de virtudes. A primeira palavra de Christo a seus Discipulos era, que o seguissem; e nos seus passos gravou os Mandamentos mais divinos, em suas pizadas deixou os mais divinos conselhos. Conselhos, e preceitos foraõ para a docilidade de seus companheiros, e imitadores Missionarios tantas passadas, quantas deo este insigne Varaõ

1. Reg. 6. 12.
1. Tim, 1. 9.
Isai. 51. 1.
Num. 17. 8.
Matt. 96. & 19. 21.
Marc. 14. 2. 8. 34.
Luc. 9. 23.
Joan. 1. 43. & 12. 26.

para

para bem das almas : quantos meyos buſcava para eſte fim , quantos caminhos tomava para lograr eſte intento, quantas diligencias fazia por ſatisfazer a eſte zelo, quantas acçoens encaminhava, e dirigia a eſta empreza; e aſſim me parece neceſſario contar lhe os paſſos, individuar-lhe as acçoens , e eſcrever da fórma , com que fazia as Miſſoens.

A nenhuma ſahio eſte inſigne Miſſionario, que naõ tiveſſe por antecedencias o deſerto ; foſſe algum Convento, ou Ermida no campo; como foraõ a Ermida do Sepulchro em Viſeu, de Noſſa Senhora da Graça em Elvas, de Santa Margarida na Arrabida, os Conventos dos Padres Capuchos em Lagos, o Noviciado de Xabregas, os os Conventos de Piedoſos, e o de S. Bernardino em Peniche, para onde ſe retirou varias vezes , e do qual dizizia: *Vou-me aos retiros , que me ſaõ neceſſarios pelo diſtrahimento, que tem para ſi quem ſe exercita no amor do proximo : em S. Bernardino temos hum Convento ſolitario, onde me vou fazer penedo* ;e eſcrevendo ao ſeu Provincial , era neſta fórma : *Entendo que me convinha retirar , ou para S. Bernardino , ou Algarve, para que aſſim me livraſſe por algum tempo da Babylonio , e confuſaõ dos negocios , em que agora me occupo, para tornar a elles com melhor eſpirito.* Deſtes retiros fazia monte para orar ; e qual Moyſés Evangelico levan-
Exod. 17. 11. tava as mãos para haver de vencer ; ſe he que ja deſde entaõ naõ vencia, pois vencia Joſué, quando Moyſés orava , e as ſuas oraçoens lhe davaõ córtes á eſpada. Neſta oraçaõ gaſtava dias, e noites, dando ao ſomno taõ pouco tempo, que por naõ perder tempo chegava a perder o ſomno ; e o que dormia , era eſſe pouco, que o meſmo fraquear dos ſentidos lhe fechava, em pé, ou de joelhos, os olhos : e para que eſta ſua oraçaõ foſſe poderoſa para lançar demonios de corpos, e peccados dos animos, lhe ajuntava jejuns a paõ , e agoa com tanta abſtinencia,

que

que em todas as Miſſoens lhe foy neceſſario tirar forças da fraqueza ; mas dizendo com o Apoſtolo : Quando mais fraco , entaõ mais valente ; entaõ mais forçoſo , quando mais debilitado. Em muitas occaſioens fez em ſi eſte dito do Apoſtolo taõ verdadeiro , que levando o em braços por enfermo ao pulpito , prégava como ſaõ; e moſtrando que a meſma dicçaõ *Salus* era ſalvaçaõ para as almas , e ſaude para os corpos, deſcia do pulpito ſem febre, que lhe tirava outro zelo mais ardente. Aſſim lhe ſuccedeo no Torraõ , eſtando com grande febre, aſſim em Oeyras , aſſim em Torres Vedras no Convento de Santo Agoſtinho. E era dito ſeu muito ſabido neſtes ſucceſſos: *Se me naõ curara prégando, eſtivera morrendo; porque o prégar he minha melhor medicina.* Quando ſe achava rouco , dizia : *Vou agora lá ao pulpito dar dous brados , e aſſim paſſará a minha rouquidaõ.* E na verdade aſſim lhe paſſava ; porque em muitos ſermoens o vimos todos começar a prégar com voz taõ rouca , e debilitada , que parecia naõ poder lançar a falla ; mas logo aclarando ſe-lhe a voz, e cobrando força as palavras, admirava a todos a melhora.

Acompanhava ſeus jejuns, e oraçoens a coſtumada mortificaçaõ , e penitencia ; tomando ſobre ſi rigoroſas diciplinas da paz, primeiro que ſahiſſe a fazer guerra ao Inferno ; e ſatisfazendo primeiro pelas penas daquelles , que lhe haviaõ de confeſſar as ſuas culpas Iſto he tomar peccados alheios ás coſtas proprias. O eſtudo para os ſermoens era no livro do ſeu Crucifixo , no qual aprendia mais a vontade amando , que o entendimento comprehendendo ; e deſcobria aquelles theſouros de ſabedoria , e ſciencia , com que fez admirar os mais doutos Cathedraticos em Coimbra. Em huma carta ſua para huma ſenhora de grande eſpirito, e qualidade, ſe lê o que ſe ſegue: *Mande-me V. S. eſſe Chriſto aqui a Monte-mor , para que elle me reprehenda poſto em huma Cruz , e deſta*

cal-

cadeira me enſine, o que ſem eſcrupulo de minha grande ſoberba direy entaõ a V. S. As ſuas livrarias eraõ as eſtradas; porque como o caminhar o naõ apartava da oraçaõ, nella lhe lia Deos de cadeira as mais ſubidas materias. Ao Padre Fr. Manoel de Coimbra, hum de ſeus companheiros, e Prégador de nome, por eſpaço de vinte annos, que lhe admirava a facilidade no prégar tantos ſermoens ſem eſtudo, demandando muito os muitos lugares de Eſcritura, e Padres, com que os provava, e authorizava, reſpondeo ſorrindo-ſe: *Ora cale-ſe, que por eſſas eſtradas me deo Deos luz das Eſcrituras.* Em outra occaſiaõ diſſe a huma Religioſa da Madre de Deos, *que tinha cem ſermoens para prégar na Corte, e que pelos caminhos os formára todos*: eſtes naõ foy Deos ſervido que prégaſſe, por ſe lhe anticipar a morte. A certo Eccleſiaſtico, que o Veneravel Padre convidava para ſer ſeu companheiro, e lhe ler huma cadeira de Moral em Varatojo, e reparava em que pela diſtribuiçaõ das horas aſſinaladas por ſeus Eſtatutos, ſe naõ deputavaõ nenhumas para o eſtudo, diſſe diante dos mais de ſeus companheiros: *Que na oraçaõ enſinava Deos mais, que pelos livros*; dando com eſta reſpoſta a entender, que á oraçaõ devia o ſeu ſaber.

Feita eſta preparaçaõ de ſuas Miſſoens, enſaccando alguns papeis de apontamentos, quadernos de ſermoens, huma Biblia, poſto que a tiveſſe de memoria, hum Breviario velho, e alguns livrinhos eſpirituaes, algumas cartas, a que era forçoſo reſponder, ou pela ſuppoſiçaõ das peſſoas, ou pela importancia das materias, todas porèm de eſpirito, e cujas reſpoſtas deixava para o tempo, que tiraſſe a ſi meſmo, naõ ao proximo; veronicas, e contas para repartir nos povos, diciplinas com variedade de cilicios para mortificar o corpo, eſporas de ſeu eſpirito, com hum pobre habito ſobre ſi, e ſem tunica, pannos menores os com que ſe achava naquella hora, nada de chapeo, nem mur-

murça, deitando a ſacola ás coſtas, Crucifixo ao peſcoço de tal ſorte pendente, que lhe déſſe com os pés no coraçaõ, tomando na maõ hum bordaõ, aquelle, que era de tantas almas arrimo, ſe punha a caminho, fiado no ſeu Crucifixo, que aſſim como era o ſeu Deos, ſeria para elle tudo; de nada mais fazia alforje, nem provimento, dizendo a quem lhe offerecia alguma couſa para o caminho: *Eu naõ marcho como pé de exercito, porque vou ſem carruagem.* Hum dia deſtas ſuas partidas eſcrevia aſſim a huma peſſoa eſpiritual, que communicava: *Hoje, querendo Deos, me parto a ſoccorrer almas, para que ſe acabem culpas, e fazer gerra ao inferno fiado no divino auxilio, que he o meu unico alento, confiancia, preſtimo, e eſforço.*

A determinaçaõ das Miſſoens, em quanto eſteve ſujeito á Provincia, era do ſeu Provincial, e a elle pedia que reſolveſſe onde as Miſſoens haviaõ de ſer, e para onde o Miſſionario havia de ir. Depois que houve ſeparaçaõ do Seminario de Varatojo, era aquella determinaçaõ do Guardiaõ do meſmo Seminario, e nas Miſſoens teve ſempre hum companheiro, que o governava, e levava para as terras, que lhe parecia; porque o obediente Varaõ naõ ſabia dar hum paſſo fóra da obediencia. Tinha-ſe ſempre reſpeito aos petitorios dos Senhores Biſpos, quando procuravaõ eſte bem das Miſſoens para ſeus Biſpados. Procurou-o o ſenhor D. Joaõ de Mello para o de Elvas, e Viſeu; o Senhor Luis de Souſa para o de Lisbõa; o Senhor Dom Martim Affonſo, para o da Guarda; o Senhor Dom Fernando Correa para o do Porto; o Senhor Dom Fr. Luiz da Silva para o de Lamego; o Senhor Dom Joſeph de Menezes para o do Algarve; o Senhor Dom Fr. Alvaro de S. Boaventura para o de Coimbra; o Senhor D. Diogo de Souſa para o de Evora; o Senhor D. Joſeph de Lancaſtro para o de Miranda.

Ao primeiro paſſo, que dava fóra da Portaria, armando-

do-ſe com o ſinal da Santa Cruz, offerecia a ſeu Deos crucificado quantas obras, penſamentos, palavras, acçoens indifferentes, ou meritorias fizeſſe naquella Miſſaõ, que emprendia para maior honra, e gloria ſua, fazendo deſde logo intençaõ deſte fim, e pedindo ao meſmo Senhor lho levaſſe ao cabo, ſervindo-ſe de quanto elle fizeſſe, ou naõ fizeſſe, fallaſſe, ou calaſſe, cuidaſſe, ou naõ cuidaſſe; e acceitando por obſequio feito a Sua Divina Mageſtade aquillo meſmo, que naõ podia deixar de fazer, como dormir, e comer para ſuſtento do corpo, e poder com o trabalho. Logo animava os companheiros para fazerem guerra ao inferno, e darem matracas ao demonio, encomendando-lhes ſe veſtiſſem de alentos, e armaſſem de eſforços, ſegurando-lhes na confiança em Deos os ſeus auxilios para tudo, o que foſſe converter peccadores, e tirar das garras do Leaõ infernal as almas, que o divino Cordeiro com ſeu ſangue fizera preciosas. Demais deſtas, e ſimilhantes materias, que praticava em ordem á Miſſaõ, tinha o Veneravel P. outras practicas com ſeus companheiros, a que davaõ materia os ſeus olhos, porque tomando occaſiaõ do que via pelo caminho, e elevando o penſamento, lhes dava documentos ſabios, moraes, e virtuoſos, e a documentos do viſivel, e humano os inſtruia no inviſivel, e divino. E como ſe entendeſſe a lingua á natureza, e ſoubeſſe o ſignificado de ſuas vozes, ſoletrava ſeus caracteres, interpretava ſuas linguagens.

Pondo os olhos na eſtrada, dizia: „ Pela eſtrada da pa„ciencia ſe vay á Bemaventurança. Naõ temos neſta pe„regrinaçaõ da vida outro mais certo final do bem que „caminhamos, que fazer o que naõ queremos. Ir adi„ante he o que importa, e ainda que haja alguma qué„da, levantar logo he a maior importancia. *Vendo o Sol „dizia*: Deos he como o Sol, noſſas almas ſaõ como a „cera: A cera, por amarella que ſeja, ſe ſe põem ao Sol, „quanto mais vezes a põem, tanto ſe faz mais branca;

aſſim

„ aſſim a alma quanto mais vezes ſe põem na preſença
„ divina, tanto a ſeus ſoberanos raios ſe faz mais pura.
„ *Vendo ſombras, dizia*: Naõ he menos neceſſario na arte
„ da pintura ſaber metter na figura, que ſe pinta, as
„ cores alegres, que as ſombras triſtes; todas ſervem de
„ perfeiçaõ ao retrato, e de maior belleza á figura: aſſim
„ Deos, que pinta a ſua Imagem nas noſſas almas, naõ as
„ aperfeiçoa menos com as ſombras daquillo, que as
„ melancoliza, que com as cores, e conſolaçoens, com
„ que ſua bondade as alegra. Os olhos, com que vemos
„ a Deos neſta vida, he noite eſcura, e tudo ſaõ ſom-
„ bras, ou andar ás apalpadellas: *Olhando para a ter-*
„ *ra, dizia*: Havemos de receber ſimplezmente os ac-
„ cidentes do tempo, como a terra recebe do Ceo os
„ influxos; ſe chove, folga que lhe chova a graça; ſe
„ venta, que a metta debaixo de hum pé de vento; ſe
„ faz Sol, que a illuſtre com a luz do Sol; ſe ha ſom-
„ bras, que huma nuvem eſcura lhe faça ſombra. Iſto faz
„ quem, como a terra, eſtá firme poſto na maõ de Deos,
„ que fundou a terra ſobre o nada, e a tem no ar por toda
„ a parte, tanto mais firme, quanto de ſua maõ mais pen-
„ dente. As noſſas almas ſem lagrimas ſaõ como a ter-
„ ra ſem agoa: por falta de agoa he a terra eſteril, e
„ inutil, naõ dá fructos, nem produz flores, ſó bro-
„ ta abrolhos, e eſpinhos, e ainda que algumas vezes
„ crie algumas arvores fructuoſas, ellas ſe fazem ſyl-
„ veſtres, o fructo inutil, e imperfeito, agreſte, e ſem
„ doçura, fructo em fim do mato. Aſſim a noſſa alma
„ ſem lagrimas, he infructuoſa, naõ dá mais que abro-
„ lhos de vicios, eſtimulos de conſciencia, eſpinhos de
„ eſcrupulos, e ruíns, inquietaçoens; e poſto que pro-
„ duza alguma hora algum penſamento bom, naõ che-
„ ga á madureza da perfeiçaõ devida: ſaõ virtudes
„ agreſtes, fructas bravias, que ſe naõ põem á meſa de
„ Deos na Celeſte Patria. A terra aſſim como he caſa

„ commũa para a vida, aſſim he apoſento commum „ para a morte, qualquer baſta. Nós ſomos a terra, „ Deos o lavrador: o lavrador, para que a terra lhe ſi- „ que bõa, fere-a, queima-a, e abre-a pelo meyo; tudo „ he neceſſario á terra, e a nós, que naõ ſomos outra „ couſa, para dar fructo: *Vendo montes, e valles, di-* „ *zia:* Se huma pequena fé faz mudar os montes, Fé, „ Eſperança, e Caridade como naõ teráõ ainda mayores „ poderes! Deos da parte do Ceo chove as miſericor- „ dias ſobre os montes, e ſobre os valles; os valles „ aproveitaõ-ſe, porque recebem, e entranhaõ em ſi o „ que do Ceo lhes vem; os montes ficaõ amaldiçoa- „ dos, eſtereis, infecundos; porque por mais que o „ Ceo lhes chova, tudo ſacodem de ſi, e ſe ficaõ como „ d'antes, ſoberbos, aſperos, e ſeccos, e eſte mundo „ he valle de lagrimas, e de agonias; máo final fora „ viver nelle como campo de alegrias, ou prado de „ contentamentos: *Vendo flores, dizia.* Eſta vida, que „ hontem foy, e que á manhaã naõ poderá ſer, e ja hoje „ vay paſſando, que he mais que huma flor, que ſe „ murcha! Que he mais que huma luz, que ſe apa- „ ga! E que he mais que huma ſombra, que foge, „ huma figura, que deſapparece! Como náo, que naõ „ ſente o curſo do caminho, que vay fazendo, como „ ſetta, que em hum ponto traſpaſſa os pontos, a que „ tira: como ave, que em hum momento penetra os „ ares, a que voa. Aſſim como entre eſpinhas naſce a roſa, „ aſſim entre as affliçoens a graça. As almas amigas de „ Deos ſaõ como a açucena entre eſpinhas, que, ſervin- „ do-lhe de lancetas verdes, a cada ſopro do Ceo a atra- „ veſſaõ, e laſtimaõ; mas aquelle meſmo rigor, que para „ a açucena he ferida, para o Ceo he fragrancia; e ſer- „ vem como de bocas, poſto que mudas, para enca- „ recer paciencias, e attrahir miſericordias, que ſaõ os „ brincos de ſangria, que nos dá a bondade divina.

„ *Ven-*

Vendo as arvores, dizia: „ Naõ convem tomar maiores „ pezos dos com que pódem os hombros: as arvores „ muito carregadas quebraõ, e cahem: as náos com de- „ maſiado pezo, ainda que ſeja de ouro, vaõ ſe ao fun- „ do. As almas dadas ao eſpirito ſaõ como as arvores, „ entaõ começaõ a florecer, quando principiaõ a arre- „ bentar. Aquella peſſoa eſpiritual, que ſe achar como „ arvore de inverno, ſem huma folha verde de alegria, „ ou conſolaçaõ, deſpida de todo o exterior allivio, con- „ ſole-ſe com que recolhida toda a virtude ao interior, „ renovará ſeu eſpirito com creſcidas forças na Prima- „ vera da alma, e florecerá toda. He muito tenra a ar- „ voreſinha, que tem medo de hum pouco de ar, tendo „ mais razaõ de temer o fogo: Aſſim os que temem a „ reprehenſaõ, e ar da opiniaõ, naõ o peccado, que os „ mette no Inferno. As arvores nos enſinaõ a ſubir para o „ Ceo com as flores dos deſejos, e fructos das bõas obras: „ *Vendo murtas, dizia*: As creaturas ſe fazem imagens „ ſimilhantes a Deos á ſimilhança das murtas, que a pu- „ ros golpes de toſcas moitas ſe convertem em perfei- „ tas figuras: *Vendo fontes, e rios, dizia*: A fonte do „ merecimento eſtá na alma, e aſſim a vontade nos ba- „ ſta, quando naõ podemos fazer outra couſa: o rio, e „ a fonte na ſuperficie da agoa parecem humas pratas, „ hum cryſtal puro, mais que os eſpelhos, e o fundo „ ſaõ huns poucos de ſeixos, e ás vezes tambem hum „ pouco de lodo: he neceſſario alimpar o fundo quem „ naõ quizer deſmentir o ſeu eſpirito. Somos como os „ rios, que pela terra com grande diſtancia correm di- „ vididos, mas elles no mar, e nós em Deos eſtamos „ juntos. Deos he o noſſo centro, para elle devemos „ correr como rio.

Vendo aves, dizia: „ Aſſim como as aves em toda a „ parte do ar pódem voar, aſſim nós em toda a parte da „ terra orar. As virtudes ſaõ azas, com que ſubimos

„ ao Ceo, ſe ao eſtender das azas nos leva o vento as „ plumas. Quem he milhano, traz os olhos nas couſas „ pequeninas da terra: quem he, ou o diſpõem Deos „ para aguia, fita os olhos no melhor do Ceo: *Vendo „ hum gafanboto levantar-ſe para o Ceo, e cahir logo „ ſobre a terra, dizia*: Aſſim ſaõ muitas almas, que „ ſubindo com os deſejos para Deos levadas da inſpira- „ çaõ divina, tornaõ logo a cahir na terra de ſua culpa. *Vendo em certa occaſiaõ eſtar ſobre hum torraõ cantan- tando huma cotovia, e que a ſua muſica parava em lu- to por a levar hum gaviaõ nas unhas, diſſe*: „ Que aſ- „ ſim eraõ muitas almas, as quaes ſe entretinhaõ com „ os encantos da terra, e hiaõ pagar no Inferno os „ regálos da vida, e acabar as voltilhas da letra. *Vendo pedras, dizia*: „ Façamo-nos de marmore, que até naõ „ perdermos o ſentimento a tudo, naõ temos que fa- „ zer grande caſo do noſſo eſpirito; mas naõ ſejamo „ alma de pedra, onde naõ faz móſſa a tempeſtade s „ ainda que ſeja muy rija: peçamos a Deos nos dê hum „ coraçaõ brando, para que naõ vivamos taõ endureci- „ dos. Coſtuma Deos ferir as pedras duras para tirar „ dellas faiſcas de lagrimas, que como faiſcas accenda ó „ o que eſtá frio, e como agoa lavem o que naõ eſtá „ puro. *Vendo fogo, dizia*: O fogo no ferro, ſe cont- „ nua, veſte-o de ſua libré, da-lhe as ſuas condiçoens: „ era frio, e ja queima: era duro, e ja ſe acha brando; „ e ſe iſto faz o fogo no ferro, que fará Deos em huma „ alma, que poſto ſeja como ferro, Deos he mais que „ fogo! O fogo natural accende-ſe a aſſopros, o ſobre- „ natural a ſuſpiros. Muitas almas tomaõ a Deos na „ maõ de ſua memoria, mas como he por pouco tempo, „ naõ lhes faz móſſa a braza divina. Oh ſe muito tempo „ o trouxeraõ entre mãos, iſto he, no amor, e lembran- „ ça, que depreſſa ſe accenderaõ! *Vendo apagar huma „ luz, dizia*: A luz hum ſopro a mata, o fumo fica,

„ arre-

„ arrefece a cera ; eis o ſymbolo da noſſa vida. *Vendo biſouros, dizia*: „ Os biſouros ſe tornaõ borboletas, „ quando Deos quer dar-nos bõas novas. *Vendo hum gozo, dizia*: „ A tentaçaõ de blasfemia he como gozo, „ que tanto mais ladra a quem vay pela rua, quanto „ mais para elle ſe vira : eſta tentaçaõ ſe vence com naõ „ fazer caſo della. *Vendo hum eſpantalho, dizia*: „ Amar a Deos a medo he ter eſpirito de eſpantalho ; e „ naõ convem eſtas cobardias para quem ha de vencer „ o Inferno : ſó aos meninos eſpantaõ cocos ; os que „ já ſaõ grandes folgaõ muito de comê-los : he neceſſa- „ rio moſtrar ao Inferno, que delle naõ fazemos caſo. *Quando via o mar, dizia*: „ O mar, ainda que eſteja „ bravo, e com tempeſtade desfeita, ſempre tem cami- „ nho : o negocio he ſaber uſar das vélas, e dos remos ; „ e em quanto nos naõ affogamos, final he que nos naõ „ perdemos : á véla da proſperidade, e ao remo da ad- „ verſidade ha de caminhar o juſto pelo mar deſte mun- „ do, procurando ſempre fazer viagem. Nas amar- „ guras nos faz Deos peſcar perolas. *Quando via na meſa paõ de centeio, ou broa, dizia*: „ Deos naõ quer „ mais de mim, que naõ deſgoſtar-me eu com o que he „ ſeu goſto, e que lhe agradeça tanto o paõ de centeio, „ e broa, que ainda naõ mereço, como os ovos molles, „ e os bocados doces, que eu nunca mereceria. *Do caramelo dizia* : „ Devemos ſer caramélos, para que „ Deos nos goſte. Quando dá goſto o caramélo ? Quan- „ do ſe desfaz todo. „ Com eſtas reviſtas de tudo, quanto via pelos caminhos, fazia prados, e pratos eſpirituaes a ſeus companheiros.

CAPITULO. X.

Proſegue-ſe a meſma materia do Capitulo precedente com alguns caſos muito ſingulares para louvar a Deos.

OUtra parte dos caminhos paſſava em oraçaõ mental ſó por ſó com Deos, ordenando a ſeus companheiros, que o precedeſſem adiante; e olhando elles para traz, o viaõ fazer muitas genuflexoens, dando por razaõ, quando depois lha perguntavaõ, que ſeria groſſaria fallar com os Reis, e faltar-lhes ás cortezias. Eſta oraçaõ interrompiaõ ordinariamente muitas confiſſoens de peccadores, que para eſte effeito lhe ſahiaõ ao encontro, ou o vinhaõ acompanhando; e elle levava muito goſto de que a ſemente da palavra divina ſe lograſſe nas eſtradas, ſem que a comeſſem as aves chamadas do Ceo naõ porque nelle viviaõ, ſenaõ porque delle cahiraõ. A' viſta dos povos, em que havia de entrar com Miſſaõ, ſe punha de joelhos com todos, os que o acompanhavaõ, invocando o Eſpirito Santo, o amparo da Mãy de Deos, do Archanjo S. Miguel Padroeiro de ſuas Miſſoens, ſeu Padre S. Franciſco, e a Santo Antonio; que ſem influencias do Ceo naõ ha que eſperar fructos da terra. Eſtas imploraçoens do favor de Deos, e ſeus Santos eraõ como letras á viſta, que Deos, e os Santos pagavaõ á viſta dos povos, ajudando, e favorecendo ao Veneravel Fr. Antonio em tanta maneira, que para fazer fructo baſtava aviſtar a terra, que o eſperava, ou ſer viſto nella, ainda que naõ diſſeſſe palavra. Affirmaõ ſeus companheiros, que baſtava dizer-ſe nos povos, e ainda em alguns Conventos, que o Veneravel Padre eſtava já perto, e caminhava para elles, para neſtas azas de ſua fama pôr a ſaude de muitas almas

mas o Sol da Juſtiça divina; compungindo-ſe huns, affervorando-ſe outros, preparando ſe para as confiſſoens, diſpondo-ſe para os perdoens, todos. E o meſmo Veneravel Padre com ſua conhecida humildade dizia: *Que o fructo dos ſeus ſermoens era ſó obra de Deos, em que elle naõ fazia nada*; porque muitas vezes ſem ter prégado, nem chegado a alguns lugares, baſtava a opiniaõ, e devoçaõ, com que eſperavaõ ouvir a palavra de Deos, para muitos ſe emendarem. Que outra couſa fez Alexandre, e Ceſar grandes, ſenaõ vencerem até com a fama de ſeus nomes, e terem na ſua viſta certa a victoria?

Notavel foy o ſucceſſo de Mundi, lugar do Arcebiſpado de Braga, e que ſe faz lugar entre os mais raros do mundo pelo ſingular, e nunca viſto. Ardia em odios aquelle povo, maior por odios, que por vizinhos, ſuas cinzas tinhaõ apagado as memorias do meſmo amor natural, que vive nos pays para com ſeus filhos; porque na meſma caſa o pay era de huma facçaõ, os filhos, e filhas de outra: havia mulheres, que ſeguiaõ a parcialidade, que os maridos encontravaõ; tudo confuſoens, tudo mal querenças: fóra de caſa ajuntamentos, e quebradeiros de cabeças, dentro paixoens, e deſavenças. O Paroco, que havia de deitar agoa em taõ diabolica fervura, era o que aſſoprava a levareda, e em quem ſe cevava aquella chamma com tanto riſco de ſua vida, que feitas em hum motim o foraõ buſcar a caſa as mulherès do Lugar, reſolutas a lhe tirarem a vida; mais que eſta eſtimavaõ a ſua fama. Valeo-ſe elle de huma porta, que lhe cahia para o quintal, e ſahio fugindo para o campo, largando-o as Deboras, e Jaheis do ſeu povo.

Neſte eſtado achára o Veneravel Padre aquelle Lugar, e elle chegára em tal eſtado de enfermo, que tendo o ſeu remedio nos males prégar, naõ poder em Mundi prégar fazia o ſeu mal maior. Para ter algum allivio no que padecia, e no que ſe compadecia, ordenou a ſeus compa-

nheiros que déſſem principio á Miſſaõ, e fizeſſem alguns ſermoens, como fizeraõ, moſtrando-ſe Joſués no meſmo tempo, que o Veneravel Padre ſe portava outro Moiſés orando na cama. Foraõ de Deos as obras, dos companheiros as palavras; conhecéraõ-ſe do enfermo as afflicções, e induſtrias; porque os de Mundi, ouvidos alguns ſermoens, promettéraõ de lavar as mãos do ſangue, que até entaõ deſejáraõ beber huns aos outros, com tanto, que lhes foſſe moſtrado do pulpito o Varaõ Apoſtolico Fr. Antonio, ainda que mudo, e ſem dizer palavra; porque ſe queriaõ render á ſua peſſoa, fazendo de ſua viſta penhor para Deos lhes haver de perdoar as culpas da vida paſſada. Tendo os companheiros feito taõ bem a cama do pulpito á reconciliaçaõ dos animos daquelle povo, foy facil reduzir o enfermo a que em braços delles meſmos ſe paſſaſſe para aquella cama mais alta. Deixou-ſe levar o Veneravel Padre, e mudando de cama, e cabeceira, fez errados os ſinaes de pouca vida; porque foraõ muitas as que da morte da culpa tornáraõ á vida da graça, que he ſó a verdadeira á ſua viſta. Da Serpente de Moiſés foy Chriſto o figurado no Calvario, e figura Fr. Antonio naquelle pulpito; e o que fora levado em braços, vio logo com ſeus olhos abraçarem-ſe os maiores inimigos, e deteſtando odios refinados, tornarem-ſe muito amigos, amando a Deos, e aos proximos com tantos teſtimunhos de verdade, qne nenhum eſcuſava o ſeu peccado; nenhum punha a razaõ de ſua parte, antes todos ſe punhaõ a ſi a culpa, degenerando de filhos de Adaõ, e Eva por ſe parecerem com David na penitencia. Eſte meſmo ſucceſſo conta elle a hum Religioſo, a quem dava conta do ſeu eſpirito, por eſtas palavras: *Que a fé dos ouvintes obre tudo, a experiencia o moſtrou agora; porque eſtando eu em Mundi, doente, e prégando os companheiros, todos eſtavaõ reduzidos, mas naõ quizeraõ fazer nada, ſem que eſte miſeravel animal appareceſſe; e ſem eu ter a*

dra

obra, colhi os fructos de ſua fé Pela meſma ſoffre Deos, e ſe ſerve de mim para iſto; aſſim ſe ſervia de Judas, e até do diabo ſe ſerve para muitas couſas: e pelos perigos, que eu niſto conſidero commigo, me deſejava recolher onde ceſſaſſe eſte engano; e ignorado das creaturas, convertido o applauſo em deſprezo, o louvor em calumnia, pudeſſe lembrar-me de quem ſou, e ſervir a Deos mettendo-me n'uma cova, e morrendo para a vida, e para eſtas eſtimaçoens, em quanto me naõ metteſſem na ſepultura; mas faça-ſe a vontade de Deos.

Depois de deprecar o auxilio divino, e tomar por valias os ſobreditos Santos, feitas primeiro muitas oraçoens, eſconjurava os demonios, mandando-lhes, como Miniſtro de Deos, que ſe foſſem para o Inferno. e como homens inimigos dos homens naõ ſobreſemeaſſem zizanias no trigo limpo da palavra divina, nem como aves a comeſſem, nem como eſpinhos a ſuffocaſſem, nem como taõ empedernidos em ſua obſtinaçaõ endureceſſem os coraçoens daquelles, que o houveſſem de ouvir: concluia pedindo ao Pay das luzes o allumiaſſe, e encaminhaſſe em ſeu ſanto ſerviço; e naõ caſtigaſſe aquella terra, em que entrava, pelos peccados de hum taõ grande peccador, como elle era; e que ſe toda a terra tinha ſido da ſua boca amaldiçoada pela primeira culpa do homem, foſſe aquella Imagem de ſeu Filho crucificado, que tinha nas mãos, Iris tricoloroſo, Arco de concerto, para que por ſeus peccados naõ padeceſſe aquella terra alguns diluvios. Entaõ proſtrado em terra a beijava: logo levantando o Santo Crucifixo (por naõ perder tempo com as bôas vindas, e outros cumprimentos dos que vinhaõ eſperá lo ao caminho) entoava a Ladainha, ou Terço de noſſa Senhora, a que reſpondiaõ homens, mulheres, e meninos, que ou o acompanhavaõ ja, ou ſe lhe hiaõ aggregando adiante, e deſta ſorte, como em prociſſaõ, caminhava para a Igreja, na qual, ſem metter tempo de permeyo para o deſcan-

canço, ſubia ao pulpito, e prégava ao menos tres horas, por mais que do trabalho, e caminhos vieſſe feito em quartos, ſempre bem ouvido, e como ſempre eſtimado, ſendo unico Prégador dos noſſos tempos, que deitando na ſua doutrina ſal ás mãos chêas, naõ houve quem a achaſſe deſabrida, ainda que a levaſſe ſalgada.

Quando a Igreja naõ era capaz de recolher a gente, que concorria a ouvir os ſermoens do Veneravel Padre, como naõ eraõ muitas vezes ainda as mais grandes, prégava naquelles lugares, em que melhor ſe pudeſſem accõmodar os ouvintes, os quaes chegáraõ em algumas partes a numero de dez mil, como em Braga; n'outras a treze mil, como em Barcellos, ſem que Prégador, ou ouvintes procuraſſem nos taes lugares outras commodidades mais, que o Prégador fazer-ſe ouvir, e os ouvintes poderem-no entender. Do Sol, e da chuva nenhum fazia caſo, porque naõ ha reparos para as incõmmodidades do tempo, como os deſejos de aproveitar no eſpirito. Abrazava muitas vezes o Sol, e ſe vinha o mundo abaixo com chuva, mas o Prégador naõ deſcia do pulpito, e os ouvintes naõ desfaziaõ o Auditorio; ſendo alguns taõ bem affortunados, que nem o Sol os moleſtava, nem a chuva os molhava, chovendo, ou ferindo fogo o Sol em muito pequena diſtancia, amparando os Deos do Sol, e da chuva para com a eſperança deſtes favores dar á ſua divina palavra muitos ouvintes. Na Miſſaõ de Ponte de Lima eſtando prégando, onde chamaõ o Areal do Pinheiro, e carregando muito a agoa, diſſe ao Auditorio: *Que ſe naõ inquietaſſem, porque ſe naõ haviaõ de molhar.* Aſſim foy; que ſe contentou a chuva com que o noſſo inſigne Miſſionario choveſſe como nuvem ao Juſto, Verbo de Deos, e como Ceo animado orvalhaſſe perolas de doutrina ſobre o Auditorio. Huma peſſoa digna de mayor credito, por ter todas as qualidades a que elle ſe póde dar inteiro, depõem que prégando

do o Veneravel Padre no Lugar da Erra, em tempo, e hora, que chovia muito, eſtando a dita peſſoa junto ao pulpito, e naõ tendo eſte, nem ella reparo, lhe naõ chegou gotta de agoa, em quanto durou o ſermaõ.

Outra mercê do Ceo experimentavaõ tambem os ouvintes das ſuas vozes dearticuladas por Fr. Antonio; e era ouvirem-no de todas as diſtancias, naõ havendo eſfera para o ſom, e intelligencia de ſuas palavras; que quando Deos quer nem para o valor ha colũnas, nem para a ventura balizas, nem para as potencias eſferas. Prégando em Almada quiz ir ouvî-lo certa mulher honrada, e recolhida; mas a quem o marido naõ dera licença, ſenaõ a tempo, que ella por cauſa da muita gente, que eſtava ao ſermaõ, houve de ficar muito longe do Prégador, e em parte que naturalmente era como impoſſivel que a ſua voz ſe ouviſſe; porèm ouvio a com admiraçaõ de quem a ouvio depois a ella contar o que lhe ſuccedéra. Similhante caſo (mas que faz maior o numero) foy o de Oeyras, onde prégando o Veneravel Padre a milhares de gente, que tinha concorrido a ouvî-lo, e occupando grandes diſtancias, taõ bem ſe ouvia nos pertos, como nos longes ſendo eſtes fóra de toda a chegada das vozes. Vianna de Caminha, Barcellos, e Caſtello de Vide abonaõ eſtas maravilhas com as proprias.

Em alguns Povos fazia ſua entrada de noite; humas vezes por aſſim o querer, outras pòr mais naõ poder; e ou foſſem eſtas ſuas entradas de noite por vontade, ou foſſem por neceſſidade, ſempre Deos ſahia com grande gloria, e nas almas ſe via a noite tornada dia. Huma noite de entrudo (iſto baſta para exaggeraçaõ do deſcuido da ſalvaçaõ no povo, e encarecimento do ſucceſſo) ſe ouviraõ altas vozes de Fr. Antonio, e dous companheiros mais pelas ruas da Villa de Souzel, e o que dellas ſe percebia, era: *Penitencia, Penitencia para os que eſtaõ em culpa, e eſperaõ de Deos miſericordia.* Eſtas vozes nunca ouvidas, e

nun-

nunca eſperadas em tempo, que ſó ſe eſcutavaõ as de muſicas, e cantigas, de violas, harpas, bandurras, e citharas, puzeraõ em ſilencio os riſos, practicas, jogos, bailes, e outros divertimentos, que havia em todas as caſas; applicando ſeus moradores os ouvidos para ſe certificarem no que aquellas vozes diziaõ; depois de inteirados, que eraõ pregoens de penitencias, ſom da trombeta do Juizo, entre paſmo, e admiraçaõ todos mettidos por dentro ſahiaõ para fóra das caſas a reconhecer quem lhes prégava pelas ruas; e dando com o Veneravel Padre, e ſeus companheiros os hiaõ ſeguindo para a Igreja, que daquella noite fez Quarta Feira de Cinza. Tanta foy a lembrança da morte para ſe chorar a vida! Tamanha a reſoluçaõ, que em todos houve de antes ſe deixarem fazer em pó, e cinza, que tornarem a offender a Deos com a mais leve culpa! Seguiraõ-ſe diciplinas, oraçaõ, e penitencias varias, ſatisfaçaõ de culpas proprias, ſinaes ſenſiveis de emendas verdadeiras, eccos daquellas vozes, conreſpondencias da eſperança, com que Fr. Antonio foy prégar áquella terra na noite de tal dia, maõ de Deos, que com palavras de ſeu Servo fazia a ſua obra, deſaggravo da noite das negaçoens de Pedro, pois antes que cantaſſe o gallo, ſe vio Chriſto em Souzel reconhecido.

Em outros muitos Lugares entrava pelas oito, e nove horas da noite, por lhe terem feito confeſſionário do caminho; e ſe maior neceſſidade o chamava á preſſa para outra parte, nem ſendo poſſivel ficar alli o dia ſeguinte, pedia ao Paroco, ou Cura mandaſſe logo tanger ao ſermaõ, e ſubindo ao pulpito áquellas horas, ſobejava ſempre Auditorio, e a cada ouvinte chegava a hora do arrependimento dada por Deos, apontada pelo eſtylo de Fr. Antonio. Para Chriſto curar os enfermos, e endemoninhados de Cafarnau traziaõ-lhos depois de ſe pôr o Sol, e ter ſahido a Lua, dizem os Evangeliſtas: quem cura com medicinas divinas, taõ bôas curas faz nas noites, como

Luc. 4. 40.

nos

nos dias, nem tem que eſperar por Sol, nem que temer as Luas. Paſſava, e prégava por todos os Povos, por pequenos que foſſem, ſe lhe ficavaõ em caminho, fazendo eſcrupulo de fazer o contrario, e dizendo: *Daria eu eſtreita conta a Deos, que me da tanta graça com eſtes Povos, que obra Deos nelles maravilhas, ſe naõ paſſaſſe pelos que poſſo, fazendo nelles o que devo.*

CAPITULO XI.

Materias, ſobre que formava os ſermoens das Miſſoens: Fins, que nelles pertendia, e lhes dava: Referem-ſe varios caſos de ſuas Miſſoens.

SAtisfarey ao titulo deſte Capitulo com o de huma carta ſua para huma Religioſa das muito Religioſas da Madre de Deos, onde diz aſſim: *O que plantamos, e diſpomos, como inſtrumentos miſeraveis, ſaõ couſas commũas; porque a minha prégaçaõ ordinaria he começar lembrando o fim para que fomos creados, e os fins, a que a malicia humana ſe tem conſtituido: perſuadir logo a penitencia, confiſſaõ, ſatisfaçaõ, para que ſe vaõ fazendo deſde o principio: depois moſtrar como eſta offenaida a Ley de Deos: a fealdade do peccado, caſtigos, ſe naõ ha emenda, e remedios para quem os quer ter: Morte, Inferno, Juizo, Ceo. Patrocinio da Virgem, e devoçaõ do Terço, ou Coroa, Paixaõ de Chriſto, Vias Sacras. A todas eſtas couſas precede, nos Povos pequenos principalmente, a doutrina Chriſtaã, e a noticia neceſſaria dos myſterios de noſſa Fé: planta-ſe oraçaõ mental, frequencia dos Sacramentos, paz, e obſervancia da Ley de Deos, penitencias, devoçaõ de noſſa Senhora, e Chagas de Chriſto: fazemos por diſſipar todos os peccados, mas eſpecial-*

pecialmente os odios, laſcivias, occaſioens, cobiças, ſoberbas, diſſençoens, ou diſcordias. Até aqui o Veneravel Padre naquella ſua carta, que póde ſer de guia para os Miſſionarios ſeus imitadores, de marear para todos, os que do mar das culpas quizerem ſalvar almas; de crença, para que o mundo naõ duvide do ſeu zelo, cotejando-o com o de Fr. Antonio, que todos acháraõ verdadeiro, e Deos ſobre todos muito ajuſtado com as regras do officio de Miſſionario Apoſtolico, dictadas por elle meſmo, e eſcritas por Jeremias no Capitulo primeiro de ſuas Profecias. Eſtas, ſendo ſeis, ſe encerraõ em duas: arrancar, deſtruir, diſſipar, e perder vicios, e plantar virtudes. Iſto meſmo eſcreve que fazia o Veneravel Padre nas ſobreditas palavras: *Fazemos por diſſipar: planta-ſe oraçaõ*, com que nos ſeus eſcritos lemos as Eſcrituras, e no que prégava hum manifeſto da vontade divina.

Acabava ſempre os ſermoens com o Acto de Contriçaõ, e ſendo eſte de arrenpendimento, naõ ha quem lhe peze agora de o fazer pelas ſuas meſmas palavras, que deixou impreſſas nas memorias, antes que ſe déſſe ás eſtampas. Eſte Acto de Contriçaõ fazia virado para o Santo Crucifixo, que tomava na ſua maõ eſquerda, para que foſſem mais valentes as bofetadas, que dava na cara propria com a maõ direita. Pinta-ſe S. Jeronymo tendo na maõ hum Crucifixo, e dando com huma pedra no peito: a pedra inſenſivel apura alli o ſentimento do peito; em Fr. Antonio era dobrado o ſentimento, porque a maõ ſentia o que dava, e a face ſentia-ſe da bofetada. Feria Fr. Antonio a face propria, para que as pedras alhêas déſſem lagrimas. Pedia no cabo tres Ave Marias; nas primeiras duas variava as intençoens ſegundo as neceſſidades publicas, ou particulares, applicando-as ás mais urgentes: a terceira era por ſi, e por ſeus companheiros, para que Deos lhes déſſe muito de ſeu eſpirito, e os

ajudaſ-

ajudaſſe a fazer guerra ao Inferno, pondo em paz na terra aos homens de bõa vontade; e para moſtrar o ſeu deſintereſſe lhes offerecia por retorno encõmendá-los todos os dias a Deos em eſpirito da verdade; pedindo-lhes juntamente que todos levantaſſem huma maõ para cima por demonſtraçaõ de que o partido ſe acceitava. Todos a levantavaõ pelo deſejo de ter parte nas ſuas oraçoens, e tambem em Chriſto, que tem parte em Chriſto quem por ſi tem as oraçoens de hum Juſto.

Rezadas as Ave Marias, deſcia o Veneravel Padre do pulpito, e, ou ao pé delle, ou no Cruzeiro da Igreja (ſe lá o deixava chegar a multidaõ de gente, que o repreſava) feito Calvario de Jeſus crucificado, eſperava que chegaſſem os Dimas a confeſſar publicamente os latrocinios, a juſtiça de Deos nos caſtigos por ſeus peccados, e a dar palavra de reſtituir os bens alheios; que os Centuriões, e os que com elles eſtavaõ, vendo o que Deos obrava em virtude dos ſermoens de ſeu Servo Fr. Antonio, tiveſſem medo de Deos, e confeſſando-ſe verdadeiramente, o confeſſaſſem por Deos verdadeiro; que os véos dos Templos de Deos vivos, cegueiras, e ignorancias venciveis dos myſterios da Fé, e dos preceitos divinos ſe raſgaſſem á força de arrependimentos, ays, ſoluços, e ſuſpiros; que toda aquella terra, em que prégava, ſe moveſſe a pedir perdaõ dos peccados, odios, aleives, e eſcandalos paſſados, vendo que com elles tinhaõ outra vez crucificado o Filho de Deos, que alli ſe lhes repreſentava em huma Cruz; que os coraçoens de pedra, e empedernidos na culpa ſe quebraſſem de ſentimento por terem a Deos offendido, e que monumentos, e ſepulchros dealbados por hypocriſias, ſe abriſſem confeſſando-as, e deteſtando as; e finalmente que muitos corpos mortos de mais dias que Lazaro, levantando as campas de ſeu pejo, e vergonha, reſuſcitaſſem á vida da graça, acuſando-ſe de peccados em muitas confiſſoens naõ confeſſados. E chegando todos ao San-

Santo Crucifixo, beijando-lhe os pés huma, e muitas vezes pela mercê, que lhes tinha feito em lhes dar conhecimento de seu erro, e melhoramento de seu máo estado, mostravaõ claramente, que naõ estavaõ seus coraçoens arrependidos longe daquelle Senhor, em que punhaõ os beiços.

Ao mesmo tempo por entre estrondo de vozes, rumor de soluços, soadas de ays, catadupas de lagrimas, arruido de suspiros se percebiaõ huns brados do Veneravel Fr. Antonio, convidando a todos com os braços daquelle Senhor, que os deixara na Cruz abertos pera metter no coraçaõ a todos, os que se arrependessem por verdadeira contriçaõ. A estes brados acudio em Grandola certo homem, que tinha levantado a outro taõ execrando testimunho, que açoutando elle mesmo a Christo com o seu testimunho falso, dizia que vira a outrem está-lo açoutando; e desdizendo-se publicamente do seu dito, mereceo o perdaõ daquelle Senhor, que por lho alcançar de seu Pay Eterno foy por elle, e por todos os mais açoutado, morto, e crucificado. Acudio em Alter do Chaõ huma mulher do mundo, laço do Inferno, reclamo do peccado, de máos, e bons tropeço, e affeando em vozes altas as suas culpas, de que outros ja tinhaõ dito bellezas, se confessou geralmente dellas; e, ou fosse devoçaõ, ou penitencia, perto de hum anno correo a Via Sacra, e em dia de Ramos, a tempo, que hia a gente para a primeira Missa do Convento da Piedade, a viraõ estar de joelhos, e com os mãos postas, rosto coberto ao pé da Cruz do Calvario; e tornando da Misa, fazendo reparo no muito, que aquella mulher se detinha naquella Estaçaõ, e que naõ acudia ao chamado, lhe descobriraõ o rosto, e acháraõ que ja naõ tinha vida, elles sim que invejar a morte naquella postura. Similhante morte a esta foy a de outra mulher similhante na morte, naõ na vida, por nome Maria Bautista: a qual se resolveo a correr todos os dias a

Via

Via Sacra pelo que della ouvira ao Veneravel Padre em Santarem, onde entaõ prègava, e onde ella vivia: e eſtando hum dia na ſettima Eſtaçaõ poſta de joelhos diante da Cruz, diſſe ao Senhor: Meu Deos, ſe ha de ſer algum dia, ſeja agora; e ficou morta poſta na via da vida eterna.

Acudio em Aveiro huma moça, a quem certo mancebo com promeſſas de caſamento levára a ſua honra, e com mayor maldade lha negava por juramento, e juſtiça; e levantando-ſe em pè a altas vozes, que interrompiaõ as lagrimas, diſſe: Que perdoava áquelle mancebo quanto contra ella tinha delinquido, por amor daquelle Senhor crucificado. Caſo raro! Ouve-a o meſmo mancebo, e levado do meſmo eſpirito, para q̃ Deos lhe perdoe, diz que naõ quer ſer perdoado; ſenaõ que, confeſſando as promeſſas, lhe dá a maõ de eſpoſo, e por teſtimunha o Santo Crucifixo, edificando maravilhoſamente o Auditorio.

Acudio em Braga certa peſſoa bem conhecida por ſua nobreza, e por ſua Chriſtandade depois deſte caſo mais conhecida, a qual tinha huma demanda de conſideraçaõ, e empenho no Juizo Eccleſiaſtico com poucas eſperanças de ter por ſi a ſentença, diſputada ſua pouca juſtiça, e muita inteireza do Miniſtro, a que tocava; intentou dá-lo por ſuſpeito, e para iſſo ſe valeo de mulheres com taboleiros á cabeça cobertos, as quaes entrando a horas de Ave Marias no pateo do Deſembargador, havião de ſahir dahi a pouco com elles deſcobertos, e dizendo da porta para fóra, que eraõ preſentes, e mimos da parte contraria, para que deſta ſorte houveſſe teſtimunhas, com que o provaſſe. Aſſim ſuccedeo, como elle o pintou; mas Deos, que daquellas tintas queria fazer outras figuras, moveo de tal ſorte a eſte Fidalgo pelos ſermoens de Fr. Antonio, que lhe deo hum eſcrito para elle ler do pulpito, em que confeſſava a ſua maldade, e lhe pedia, que em ſeu nome pediſſe perdaõ ao tal Miniſtro, e diante de todo o povo lhe reſtituiſſe o credito, que

ſeu dânado animo lhe tinha tirado. Oh força da divina graça, que obrigas a fazer do credito proprio capa de S. Martinho, e á naõ reparar na opiniaõ propria, com tanto que ſe repare a alhêa! Mas oh que grande fidalguia illuſtrar a ſua caſa com acçaõ taõ chriſtaã, e catholica!

Prégando o Veneravel Padre em Villa-Viçoſa, teve por ouvinte huma mulher, em que todos tinhaõ que ver, e que notar, naõ tanto pela formoſura, e gálas, quanto pela arte, com que ella, Venus do mar, e do amor infame eſcolio, ſolicitava a perdiçaõ de huns, deſmentindo o naufragio de outros; e perdida ella, queria perder a todos: pondo á porèm em baixa mar de ſuas vaidades, e torpes penſamentos a efficacia da doutrina, que ouvira, foy viſto de todo o Auditorio aquelle abrolho até entaõ do Inferno banhar-ſe com ondas de muitas lagrimas por ſuas culpas; e pedindo huma tiſoura, á viſta de todos cortou os cabellos, raſgou os veſtidos, para tomar o Habito de Terceira, em que acabou a vida no Recolhimento das Convertidas de Evora. Santo Antonio he o Santo das couſas perdidas, Fr. Antonio tinha virtude para converter peccadoras.

Prégando em Vianna de Caminha, tinhaõ alli morto hum filho unico de pay nobre, e rico, chamado F. Preto: o matador auſente em Caſtella tinha mettido quantas valias pudéra, para que o pay perdoaſſe a morte de ſeu filho; mas elle, que em tal perda nunca achára conſolaçaõ, ſe naõ deo tambem nunca por achado com quem lhe pedia o perdaõ, obrando nelle mais a repreſentaçaõ de ſua magoa, do que quantas razoens a caridade lhe propunha. Com eſta pedra do deſerto fallára o noſſo Prégador Moiſés em dous ſermoens, e duas vezes a ferira com as palavras, que proferia. Naõ eſperou mais para ſe abrandar aquella dureza, e dando o perdaõ com muitas lagrimas, déo tambem hum papel para ſe ler do pulpito, que dizia deſte maneira: F. Preto pede ao Padre Fr. Antonio das

Chri-

Chagas, que do pulpito, donde prega, para que venha á noticia de todos, diga: Que elle puramente pelo amor de Deos perdoa ao matador de seu unico filho; e para que claramente se veja que só do amor de Deos foy constrangido á dar este perdaõ, declara, que elle por amor do mesmo Senhor naõ só perdoa a morte de seu filho, mas offerece ao matador todo o dinheiro necessario para se livrar da justiça, porque sabe naõ tem cabedaes para se livrar della. Lido o papel do pulpito, por quem o dictára prégando, passou todo o Auditorio a attençaõ dos ouvidos para a busca dos olhos, com que entre innumeravel povo buscavaõ o padraõ do maior perdaõ, que jámais se vio entre os feitos dos homens; pois na morte de hum filho unico perdoava a de tantas vidas, quantas pudéra ter huma larga descendencia, suas memorias, que com a cor do sangue saõ mais vivas, as esperanças de sua casa, os logros de sua riqueza, o allivio de sua vida, a consolaçaõ na sua morte, o bordaõ da sua velhice, o seu bem todo neste mundo, e o que mais he, que fazendo do perdoar honra, do perdaõ adopçaõ, adoptava em filho seu mortal inimigo, dando-lhe honra no que perdoava, vida naõ lha pedindo a justiça, fazenda na que lhe offerecia. Achado pela diligencia dos olhos, foy logo posto nos braços de todos, e nelles levado ao pé do pulpito a tomar posse do lugar da maõ direita de Christo, por este acto merecedor do melhor do seu Reino.

Em o lugar do Pezo da Regua junto do rio Douro, onde o Veneravel Padre foy tambem fazer Missaõ, havia hum homem taõ revoltoso, e de máo viver, que ninguem tinha vida com elle; naõ chegava o numero das pessoas ao de suas queixas, huns as tinhaõ na honra, outros na fazenda, fazendo elle garbo de que se queixassem, com tanto que o temessem. Ouvidos os primeiros sermoens, quizera todo o povo aggravado dar perdaõ por amor de Christo a quem devera procurá-lo; mas

nem elle apparecia, nem para o achar aproveitára toda a diligencia. No ultimo sermaõ, e deste ainda no ultimo discurso, começou o Veneravel Padre a inflammar se, e com grande fervor de espirito a intimar á caridade fraternal, e o amor do proximo, notando o Auditorio ao mesmo tempo que todas as acçoens, que fazia, (expressaõ da doutrina, que prégava) eraõ para huma janella, que lhe ficava defronte do pulpito sem tirar os olhos della, continuando nesta fórma por algum espaço; eis que por aquella mesma parte se começa a alterar o Auditorio, levantar-se a gente, e por entre o cardume a ver-se o peixe, a que Fr. Antonio estendêra a rede, e naquelle pouco tempo tivera de olho. *Deixem passar esse homem*, brada o Veneravel Padre, *e chegar junto deste pulpito*. Estranho successo! Chega o homem ao pulpito, e o Prégador deixa de olhar para a janella, tendo já a seus pés rendida a alma, que namorava, pallado de dor o alvo, a que tirava sua doutrina, admirando se todos de que visse, e conhecesse este Nathanael debaixo da figueira escondido por detraz daquella janella, sem nunca o ter visto, nem conhecido, como quem nunca fora áquella terra; e attonitos do portento, foy nelles a contriçaõ hum pasmo, os perdoens sem conto, as lagrimas sem numero, e finalmente a reducçaõ daquelle ruim para todos exemplo, em que todos puzeraõ os olhos.

Na Igreja de S. Pedro de Faro, Cidade do Reino do Algarve, prégando o Veneravel Padre missionariamente, succedeo o caso seguinte. Haviaõ morto naquella Cidade a hum Joaõ Ribeiro, e por esta morte prezo a quem nella naõ entrára, posto que sahisse culpado; e ouvindo o matador prégar ao Veneravel Fr. Antonio, publicamente confessou ser elle, o que o matára, antepondo sua salvaçaõ á propria vida, que arriscava por aquella confissaõ da sua boca; mas alcançando logo perdaõ da parte, com quem tam-

tambem preponderava mais a ſalvaçaõ, que a vingança, pela doutrina, que ouvira, ſe vio naquella occaſiaõ, o que ſe vê neſta relaçaõ, livre a innocencia, perdoada a culpa, e por hum tiro á vida tantos lances, e obras devidas á Divina Miſericordia, que nas palavras de Fr. Antonio punha a ſua efficacia, e a força de ſua graça.

Na meſma Cidade morava hum homem do mar, cuja filha por amar a hum mancebo deo o que naõ devera ſobre promeſſas de caſamento; porèm o mancebo arrependido das promeſſas a deixou no numero das virgens loucas. Tratou ella de o obrigar por juſtiça, que he ſó a que obriga depois, como o amor d'antes, e mettendo o na cadêa, correo demanda. O moço, para ſe livrar, induzio hum ſeu amigo, para que entrando de noite no pateo das caſas da dita moça, ſahiſſe de madrugada á viſta de quem juraſſe contra ſua honeſtidade; elle o fez como ſe lhe pedira, (que ha peccadores de taõ má caſta, que ſaõ amigos alem da ara) com que o prezo teve por ſi a ſentença, a moça contra ſi a fama. Eſte tal peccador da honra, que naõ levára, em hum ſermaõ do Veneravel Padre confeſſou publicamente ſua maldade, e reſtituindo por eſta maneira a fama áquella moça, foy por ella perdoado em publico. Mais que a honra, perdoou a fama.

Na Villa de Moura vivia Filippa das Chagas, Moura na vida, como na vivenda. Eſta era de publica peccadora, e que com ſuas culpas renovava cada hora a Chriſto as Chagas. Ouvio prégar o Veneravel Miſſionario, e entrando-lhe com a fé o arrependimento pelos ouvidos, com tal reſoluçaõ deo volta á ſua vida, que contra ſua honeſtidade ſe naõ ouvio mais palavra. E teſtimunhava ella, que de ſua converſaõ fora Deos o Author, mas Fr. Antonio o inſtrumento; de Fr. Antonio a diſpoſiçaõ, poſto que de Deos a moçaõ.

No lugar da Erra ſe deſdiſſe publicamente hum Clerigo de hum falſo teſtimunho, que tinha levantado a cer-

to homem grave daquella terra, o qual tinha ſuſtentado em Juizo com muitas falſidades, dizendo, e provando que o tal homem era Chriſtaõ novo, naõ o ſendo mais que da ſua boca; e ſendo finalmente ſentenciado, e condenado em huma grande ſomma de dinheiro para a parte pela injuria, eſta, e aquella ſomma lhe perdoou tambem a parte, que ſe achava no Auditorio, nunca mais Chriſtaõ velho, que neſta occaſiaõ, em que a exemplo de Chriſto dava perdaõ a quem tanto o tinha aggravado, pagando no que podia a eſte Senhor o ter dado por elle na Cruz o ſeu ſangue, dando por ſeu amor o dinheiro, que he ſangue, e ſangue de cruzes.

Na Cidade de Lagos, Reino do Algarve, perdoou Joaõ das Neves a morte de ſeu filho, e as cuſtas que ſe tinhaõ feito na devaſſa, com taõ grande exemplo de Chriſtandade, que o Conde de Sarzedas, que governava aquelle Reino, e fora preſente ao perdaõ, e ſermaõ de Fr. Antonio, o publicou neſta Corte em abono de hũ, e outro. Na Villa da Lourinhaã mataráõ a Joaõ Ferreira filho de Ruy Rodrigoes: foraõ muitas as petiçoens, que ſe fizeraõ ao pay, para que perdoaſſe ao matador; muitas as peſſoas, que o quizeraõ obrigar com ſua authoridade, e reſpeito; porèm nenhuma pode com elle o que naõ podia comſigo, que era perdoar a morte de ſeu filho. Paſſados dez annos, foy o Veneravel Padre prégar áquella Villa, e o que em dez annos ninguem pudéra, obrou elle n'uma ſó hora. Hora dos perdoens era a dos ſeus ſermoens, e em huma ſó hora fazia perdoar mais mortes, e degredos em virtude da doutrina, que prégava, do que perdoaõ os Reys em hum dia da ſemana ſanta.

Em Almeida ouvindo prégar certo Capitaõ ao Veneravel Padre, e ouvindo a Deos nelle, recebeo por mulher a huma occaſiaõ, que havia muitos annos tinha em caſa, ſem ſerem poderoſas para lha deitarem fóra as juſtiças da terra; e o que naõ temia a eſpada da Igreja deſembaba-

bainhada pelo ſeu Prelado, temeo os fios da eſpada da divina palavra na boca de Fr. Antonio, cortando pela honra, que dizia naõ ſer ſua caſar com ella, por naõ cortar pelos intereſſes da ſalvaçaõ da ſua alma. Similhante caſo, mas no fim diverſo, foy o de Setuval, onde hum homem nobre daquella Villa fazendo do eſcandalo nobreza, por muitos annos naõ foy poſſivel perſuadî-lo a que a verdadeira nobreza era a virtude, naõ o vicio: mas ſahindo de hum ſermaõ, que ao Veneravel Padre ouvira, deo logo ſahida a quantas difficuldades ſeu goſto lhe propunha, a quantas neceſſidades o preſtimo daquella mulher acudia.

CAPITULO XII.

Continua-ſe a materia do Capitulo paſſado, e apontaõ ſe algumas propriedades do bom Prégador, qual era o Veneravel Fr. Antonio.

NA Villa de Santarem havia huma mulher, a quem ninguem pudera dobrar, para que, deixada a ſua teima, quizeſſe fazer vida com ſeu marido, que levava muito a mal eſte apartamento; e tomando ao Veneravel Padre por medianeiro deſtas pazes, ou por Anjo da paz em guerra taõ caſeira, foy a mulher chamada, e admoeſtada, repreſentando-lhe o Servo de Deos os fins do matrimonio, os perigos do apartamento, o dominio do marido, a ſujeiçaõ, que Deos quer na mulher, o vinculo entre hum, e outro, que ſó a morte corta de todo; finalmente, o amor, que o marido lhe tinha, merecedor do ſeu amor della. Tudo ouvio, mas a nada ſe moveo a incontrataſtavel mulher, que naõ podia ver o marido, antes de toda aquella doutrina tirava por barbara conſe-

quencia naõ haver de fazer vida com quem ella a naõ tinha. Succedeo, que dahi a huns dias prégando o Veneravel Fr. Antonio, e achando-ſe no Auditorio eſta mulher, foy a primeira, que chegando-ſe ao pulpito pedio perdaõ de lhe haver deſobedecido, e a todos os preſentes do ſeu eſcandalo, reſoluta a fazer tudo quanto para ſalvaçaõ da ſua alma o Veneravel Padre achaſſe ſer neceſſario. Deſta ſorte muitas vezes largando a ſedéla ſe prende o peixe, que na preſſa do puxar largaria o anzol. He a palavra divina ſemente deitada á terra; eſta nem ſempre naſce aos oito dias; ſe a terra eſtá fria naſce mais tarde, e mais cedo ſe a terra eſtá quente. O lavrador, que o conhece, naõ deſeſpera na tardança, porque ſabe naõ eſtar perdida a ſemente. Eſte conhecimento tinha o noſſo ſemeador Evangelico, e por iſſo nunca deſconfiava daquellas almas, que logo naõ davaõ por ſuas palavras; ſemeava, e Deos dava as naſcenças quando lhe parecia.

Outra propriedade, e ſciencia de bom ſemeador tinha ainda, e era accõmodar, e appropriar a ſemente á terra. Tanto ajuſtava com o Auditorio ſua doutrina, que lhe acontecco indo prégar ao Hoſpital deſta Corte dar antes de ſahir de caſa o ſermaõ ao Irmaõ Fr. Eſtevaõ da Piedade, que o acompanhava, para que o levaſſe, e lho déſſe á entrada da Igreja. Fê-lo aſſim o companheiro, mas vindo o Veneravel Padre ja da Sacriſtia para o pulpito, lhe tornou a dar o ſermaõ, dizendo: *Que havia de prégar outro; porque eſtavaõ no cerco peixes de maior ſuppoſiçaõ, e que neceſſitavaõ de malhas mais esforçadas.* E prégando ſem eſtudo antecedente, moſtrou ſer conſummado Pregador naquelle repente. Depõem Fr. Fernando da Conceiçaõ, que acompanhando o Veneravel Padre á Capella Real, onde hia prègar, ao tempo que ſe levantou no pulpito para ſe benzer, diſſe: *Arrecaday lá eſſe rol, que ja naõ prégo tal ſermaõ.* E perguntando

guntado ao depois porque naõ prègara o ſermaõ, que levava, reſpondeo : *Que naquelle inſtante lhe tinhaõ occorrido couſas, que era mais ſerviço de Deos fallar nellas, que prégar as que trazia eſcritas.* E que iſto experimentara elle Fr. Fernando muitas vezes, como tambem que repetindo-lhe algumas couſas, que o Veneravel Padre tinha dito nos ſermoens, affirmava elle : *Que de tal ſe naõ lembrava que diſſeſſe, nem tiveſſe tençaõ de dizer.* Dizia Chriſto Senhor noſſo : As palavras, que eu digo, naõ as digo de mim, porque o Pay, que em mim eſtá, eſſe he o que faz as obras. E ſe Deos por Fr. Antonio fazia as ſuas obras, como podia elle conhecer por ſuas as palavras? O certo he, que na hora de prègar lhe dictava o Eſpirito Santo o que havia de dizer, e do que naõ he noſſo naõ nos lembramos tanto. Joan. 14. 10.

As terras, que ſe ſoltaõ em herva com as primeiras agoas, coſtumaõ os lavradores deixá-las para mais tarde, permittindo-lhe o alegrar-ſe com ſuas boninas, e veſtir-ſe de flores, e malmequeres na Primavera; gála, que lhe corta o arado depois de feito o veſtido. Ora vejamos o noſſo lavrador Apoſtolico ſemear ſobre flores para recolher precioſidades. Na Villa de Alcacere do Sal ſe lhe pedio hum ſermaõ na feſta da Máy de Deos com invocaçaõ de noſſa Senhora das Brotas : pedio-ſe-lhe tambem que viſto ſer dia de feſta quizeſſe veſtir o ſermaõ daquelle dia de outra cor, que naõ veſtia os da penitencia; porque deſejava aquelle Povo ouvî-lo prègar a entendimentos, viſto naõ ter ja que avaſſallar nas vontades rendidas deſde o primeiro ſermaõ ás ſuas ordens. Sóbe ao pulpito Fr. Antonio das Chagas, e começa a prègar Antonio da Fonſeca Soares, ſubtil, diſcreto, rhetorico, culto, florido, e vaõ, diſpenſando com o ſeu natural até a graça, frontal do ſermaõ, como elle lhe chamava. Poſtos os olhos no Prègador ouvia a Auditorio o que admirava comſigo; que Fr. Antonio naõ ſon-

te convenceſſe aos ouvintes, ſe naõ que a ſi ſe venceſſe todas as vezes, que prègava n'outra fórma; fazendo arte de palavras toicas, raſteiras, ſimplez, e ſignificativas, com tanto que foſſem uteis; e eſtudo denaõ dizer as que ſó ſervem de deleitar, e lhe punha na boca o ſeu natural. Tomada a graça, eis que ſe vê levantar Fr. Antonio ſobre a natureza, e mudar de eſtylo para melhorar o Auditorio, a quem fallou deſta manei-ra: *Que fructo tendes tirado de ouvir a Antonio da Fonſeca, fallando como homem do mundo, perdido, vaõ, e quimerico? Ora ja que o ouviſtes como ſecular fantaſtico em a vida, ouvi-o agora como Prégador da peniteneia.*

E dito iſto, fazendo outra figura moſtrou do pulpito a preſſa, com que paſſava a do mundo no theatro da vida humana, quaõ pouco importava fazê-la de Rey, ou de Roque, de nobre, ou plebèo, de rico, ou de pobre, pondo toda a importancia em merecer o Ceo, que tem huma erernidade por permanencia, e huma igualdade ſoberana. Com tanto eſpirito, e efficacia diſcorreo neſta materia, que converteo em fructo quantas flores de primeiro deitara ao Auditorio, publicando todo elle, que ſó Fr. Antonio ſabia miſturar o util com o doce.

E na verdade foy dom muito particular no Servo de Deos ſaber temperar aſperezas com brandura, dourar pirolas, deſmentir magoas, adoçar reprehenſoens, deitando nellas tanto de ſal, que dando-lhe pique naõ chegaſſem a eſcandalizar; donde vinha, que os ſeus reprehendidos ficavaõ advertidos, naõ deſconfiados. De conſerva parece que tinha as reprehenſoens, que dava. Ninguem como elle aſſim cortou por todos, ſem que offendeſſe a nenhum, aſſim os nomeou no publico, ſem que lhes deixaſſe iras no peito. Naõ houve peſſoa, por grande que foſſe, que avaliaſſe falta do reſpeito o naõ fazer elle excepçaõ de peſſoas prègando no pulpito. E ainda nas ſuas cartas para peſſoas, cujos titulos naõ diziaõ todas as gran-

grandezas, dava elle pennadas, que só por serem suas deixárão de ser offensas. Tanto era isto assim, que em hũa dellas começa por estas regras: *Bendito seja Deos, que cuidando eu que moo a V. M. com minhas durezas, ainda assim se naõ da por sentida de tantas cousas duras, como saõ todas as minhas.* Esta he a fortuna daquelles, a quem Deos dá muito de sua graça, que de nenhuma cousa lhe formaõ culpa. Das mesmas negaçoens de Pedro houve quem fizesse mysterio, das incredulidades de Thomè firmezas da nossa Fè.

Estas narraçoens de casos particulares naõ derogaõ as generalidades, que se inculcaõ por elles, e que fora taõ impossivel referî-los todos a minha penna, como foy mandá-los á memoria por quem nas Missoens lhe fazia companhia. Basta dizer nesta materia o que o mesmo Veneravel Padre della escrevia: em huma carta feita na Misaõ de Viseu diz o que se segue: „ Até agora temos „ por aqui muitas pazes naõ esperadas em materias gra- „ ves, muitas confissoens, que he o melhor, muita oraçaõ, „ e diciplina todos os dias, que tem sua graça. *Escrevendo da Guarda a hum Prelado Religioso, diz assim*: „ He grande desaventura que os povos depra- „ vados fiquem unidos perdoando-se mortes, affrontas, „ fazendas, e abracem a oraçaõ, penitencias, e santos „ exercicios da Terceira Ordem, Via sacra, oraçaõ „ mental, e Terço de nossa Senhora, que em todas as „ Missoens deixamos, e que os Religiosos &c. *Escrevendo do Porto ao mesmo Prelado faz mençaõ do seguinte fructo*: „ Em todos os povos grandes deixo a „ oraçaõ mental, Vias sacras, Terço, ou Coroa de „ nossa Senhora, e nos pequenos Via sacra, e Terço, „ e as cousas do melhor modo, que posso, encami- „ nhando a que perseverem segundo as disposiçoens que „ podemos. *Por carta sua de Braga falla desta maneira*: „ Seja Deos bendito, que se obraõ cousas,

„ que

„ que claramente ſe vê que as naõ faz eſte miſeravel „ homem, ſenaõ a paſmoſa, infinita, e eſtupenda mi- „ ſericordia de Deos; ſeja elle bendito, que me dá „ tanta graça com eſtes povos, que obra Deos nelles „ maravilhas. *Por carta de Villa Real dá as novas ſe- guintes*: „ Muito me alegro de ver as infinitas mi- „ ſericordias, que Deos uſa comnoſco, e com eſtes „ povos, onde ſaõ notaveis as couſas, que ſua bonda- „ de tem feito; porque quaſi todos eſtavaõ em odios, „ e os mais delles ſe tem concordado, e ajuſtado no exte- „ rior de ſeus bandos, e parcialidades, e no interior mui- „ to reformados, abraçando os exercicios, confiſſoens, „ e reſtituiçoens, com que peſſoas de qualidade pu- „ blicamente pedem perdaõ de aleives, e teſtimunhos „ falſos, que em quaſi todos eſtes Povos ſe tinhaõ „ dado, commettendo graviſſimas maldades, e cri- „ mes. *Em carta do Sardoal participa eſte fructo da ſua Miſſaõ*: „ Naõ ſe póde crer o fructo, que „ ſe colhe de almas, e a deſtruiçaõ do reino do de- „ monio, e o augmento no Imperio de noſſo Senhor „ Jeſus Chriſto; as pazes, que ſe fizeraõ, he hum pra- „ zer. *Por carta de Trancoſo para o ſeu Provincial dá eſtas noticias*: „ Noſſo Senhor vay continuando „ por eſtas partes os maravilhoſos effeitos de ſua miſe- „ ricordia, e aſſim era neceſſario; porque todas eſtas „ terras eſtavaõ mettidas no inferno com eſtupendos ca- „ ſos, e vicios, que ſe ſabem pelos eſcandalos, primei- „ ro que pelos arrependimentos. *Para o meſmo he ou- tra carta, em que ſe vê eſte Capitulo*: „ Paſmo- „ ſas ſaõ as maravilhas, que Deos obra neſtas terras, „ eſpecialmente em S. Joaõ da Feſqueira, que era o „ pégo do demonio, e na Meda, e na Ervedoſa, onde „ ſe ajuſtaraõ inimizades de muitas terras inteiras, que „ pareciaõ impoſſiveis. Seja Deos bendito, que tudo „ obra. Eu naõ ſirvo mais que de teſtimunha inutil „ de ſua bondade infinita.

CA-

CAPITULO XIII.

Rendidos a Chriſto os peccadores, que ſe achavaõ no Auditorio, vay Fr. Antonio pelas caſas com o ſanto Crucifixo na maõ render as peſſoas, que naõ tinhaõ aſſiſtido ao ſermaõ: A outras eſcreve, e he obedecido: Contaõ ſe eſtranhos ſucceſſos, e caſtigos dos que naõ deraõ por ſeus aviſos.

O Meſmo Prégador, ou Prégadores Apoſtolicos, que Chriſto queria foſſem Sol para allumiar o mundo todo, queria tambem foſſem candêa para dar luz aos que eſtiveſſem em caſa fugindo do Sol. Moſtrey a Fr. Antonio Miſſionario Apoſtolico, luz univerſal dos Auditorios, a que prégava: (eraõ eſſes todo hum povo, huma terra toda) agora o veremos ir de rua em rua, de caſa em caſa buſcando aquellas peſſoas, que ou eraõ partes nos perdoens, ou complices nos odios, ou pedras de eſcandalo, ou cauſa de diſſençoens, e por encaſados nos ſeus peccados ſe deixavaõ eſtar em caſa caens fugitivos da face, e palavra divina, que ſe via, e ouvia na Igreja. Matth. 5. 15.

Perto de Salir do Mato, Villa dos Coutos de Alcobaça, vivia hum mancebo nobre, e caſado, a quem o Vigario da Vara tinha deſcompoſto com taõ más palavras, que mulher, e marido, como meieiros nos bens, o eraõ tambem naquelles males. Chegando áquella Villa o Veneravel Padre em Miſſaõ, ſoube do caſo, e tambem do firme propoſito, em que eſtava o moço de naõ perdoar ao Vigario, por mais que lho pediſſe Fr. Antonio, e lho mandaſſe Jeſu Chriſto. A elle recorreo primeiro que tudo o Veneravel Padre, e depois de ter hum quarto de oraçaõ na

na Capella Maior, ſubio ao pulpito, dando ſinaes de victoria, que Deos na oraçaõ lhe ſegurava, com a alegria, que ſe lhe via na cara; e acabado o ſermaõ, levantou-ſe o mancebo dizendo em vozes altas, que elle de todo o coraçaõ perdoava ao dito Vigario por amor de ſeu Senhor Jeſus Chriſto, mas que como ſua mulher era a mais offendida, ſeria neceſſario fazer com ella lhe foſſe neſte perdaõ companheira.

Foy o Veneravel Padre, depois de prégar, a caſa da ſobredita mulher, que o naõ tinha ouvido, e baſtou eſta circunſtancia para naõ ter cumprido effeito a diligencia, poſto que de boca diſſe friamente, que perdoava. Deos porèm, que naõ he ſervido que ſe ponha o Sol, ſem que deponhamos a noſſa ira, permittio que eſta mulher paſſaſſe a noite ſeguinte muito deſinquieta, com imaginaçoens de que ſe perdia, e condenava a ſua alma, e pedindo licença ao marido foy muito de manhãa ella, mas já outra, ouvir o Veneravel Padre á Villa das Caldas, para onde tinha partido o dia d'antes. E no cabo do ſermaõ, em voz, que todos ouviraõ, qual a mulher de Pilatos, diſſe: Que ella tinha padecido muito por imaginaçoens, e viſagens aquella noite, por naõ ter dado o perdaõ de todo o coraçaõ: que daquella hora o dava para ſalvaçaõ de ſua alma. Iſto naõ he ter os coraçoens na maõ, mas he tê-los nas palavras.

Jarás lugar do Arcebiſpado de Braga nos dá hum caſo, que em Abel, e Caim teve principio. Vem-nos os vicios por linhas direitas, ſó a virtude conta tranſverſaes as ſuas linhas. Taõ refinado era o odio, que tinha hum irmaõ ao outro, quanto o era a polvora, que deitava na eſpingarda, com que por vezes lhe atirára; niſto mais refinado que a polvora, porque eſta aſſim como depreſſa toma fogo, tambem ſe apaga logo; mas o odio daquelle irmaõ tanto mais ſe accendia, quanto mais diſparava reſoluto a lhe tirar a vida, poſto que lhe cuſtaſſe a ſua. Bruto, que, por naõ largar o odio, queria acompanhar ſeu inimigo até

até o meſmo Inferno. Conhecida a obſtinaçaõ daquella alma, provou Fr. Antonio com ella todos ſeus remedios, eſgottou as medicinas, prégou, inſtou, arguio, pedio, increpou com toda a paciencia, e doutrina; mas vendo que naõ actuava a graça por eſtar proſtrada a natureza á força do mortal odio, que predominava, deixou a Deos, para que obraſſe com aquella alma o que com elle naõ cooperava, e deſpedindo-ſe lhe fallou deſta maneira: *Segure-ſe irmaõ, que eſſe odio, em que eſtá obſtinado, he cadéa, pela qual o demonio o arraſta para o inferno, e ja que eſtá taõ pertinaz neſſa culpa, appare lheſe para o golpe da divina eſpada.* Ficou naõ ſó pedra, mas pederneira com o fogo do odio no coraçaõ. Recolheo-ſe o Veneravel Padre ao Convento de S. Fructuoſo junto a Braga, onde indo hum dia para dizer Miſſa, vio a ſeus pés aquella pedra lavrada ja pelos toques da divina graça, e naõ ſó lavrada, mas illuſtrada da maõ de Deos com a cera de ſua infinita miſericordia, pedindo-lhe efficazmente com muitas lagrimas, que de ſeu coraçaõ empedernido fizeſſe ara, em que offereceſſe a Deos o ſacrificio, porque elle manda deixar o outro, que he a reconciliaçaõ com ſeu irmaõ, ao qual elle deſde aquella hora, como tal, amaria, ſem nunca mais o offender em couſa alguma, fazendo parar as demandas, raſgar os feitos, que corriaõ ao paſſo de ſeus odios. Levou-o o Servo de Deos nos braços até o pôr nos dos companheiros, cedendo a Chriſto a gloria com naõ tomar a hombros eſta ovelha perdida.

Na Villa de Monçaõ ſe diſſe ao Servo de Deos, que naquelles contornos viviaõ duas peſſoas Eccleſiaſticas taõ eſquecidos do ſeu eſtado, que nem os Prelados com ſuas viſitas, nem os Viſitadores com ſuas admoeſtaçoens, e pronunciaçoens, nem os muitos annos com ſeus avitos, nem os amigos com ſeus conſelhos, nem as mortes repentinas com ſeus exemplos, nem com ſua fealdade os met-

mos

mos peccados tinhaõ feito aballo para deixarem as occaſioens, que entretinhaõ de portas a dentro. A' viſta de taõ difficultoſa empreza naõ deſconfiou o Veneravel Padre de a conſeguir, ſe Deos, como coſtumava, o quizeſſe ajudar. Buſcou naquelle povo amigos de taes peſſoas, que tomaſſem á ſua conta trazê-los a ouvir ſuas prégaçoens; mas elles, que fugiaõ da luz por naõ verem ſuas ceguei-ras, e por outra parte viaõ armadas as redes, com que o caçador Evangelico prendia ſimilhantes aves, naõ quizeraõ deſcer dos montes, antes pondo-ſe mais a monte, nem ouvir queriaõ os chamados deſtes amigos. Nos voos entaõ da ſua penna lhes mandou o Veneravel Padre a cada hum ſua carta, em que ſe continha eſte requerimento, e comminaçaõ da divina juſtiça: *Como Miniſtro de Deos, ainda que indigno, da parte do meſmo Senhor requeiro a V. M. que á manhaã ſe veja commigo neſte povo, e advirta, que ſe aſſim o naõ fizer, o cito para o Tribunal da divina Juſtiça, onde dará eſtreita conta do recado, que engeitou da divina Miſericordia.*

Dadas as cartas, (Oh poder de Deos!) deraõ as mãos aquelles, que tantas vezes contra o meſmo Deos as leváraõ, quantas na Miſſa o levantáraõ, e pondo-ſe a caminho reſolutos ja a tomar outro muito diverſo, vieraõ apear-ſe aos pés do Veneravel Padre, e ſaudando o Varaõ ſanto, como a tal o ouviraõ, e ouvido, obedeceraõ com tantos ſinaes, e demonſtraçoens de verdadeiro arrependimento, que dellas eraõ o menos as lagrimas correndo a rios nas deſpedidas. Naõ faltou quem de ſeus companheiros advertiſſe ao Veneravel Padre, antes de mandar as cartas, que eraõ aſperas para ſimilhantes peſſoas, com quem a brandura póde ordinariamente mais, que o rigor. Mas a iſto reſpondeo: *Deixay, que a aſpereza deſta medicina ha de oproveitar mais, que a brandura.*

Naõ

Naõ padece duvida que as medicinas aſperas, e deſabridas, poſto que curaõ, atormentaõ; nem fica bem curado da doença, quem fica muy ſentido da medicina: pouco importa ao doente convaleſcer do achaque, ſe ha de morrer do remedio. Iſto, que nas doenças corporaes he principio muito certo, nas eſpirituaes he tudo pelo contrario; pois ſem ficarmos muito ſentidos, naõ podemos dizer que ficamos bem curados: a meſma penitencia, que debilita o corpo, dá forças ao eſpirito. Os Martyres por cauterios de fogo ſegurãraõ o viver em Chriſto. Naõ eſtariaõ tantas almas debaixo da chave de Pedro, ſe naõ temeraõ os fios da eſpada de Paulo. Sabia o noſſo Medico Empyreo, mais que Empyrico, tomar muito bem o pulſo aos enfermos, e governando-ſe mais pelas conjunçoens dos divinos auxilios, que dos Aſtros, applicar aquellas medicinas, que dadas por outrem, e em outras horas, ſeriaõ damnoſas, dando a todos que aprender, e a todos que admirar verem a eſte ſegador Apoſtolico cortar a eſpiga no meſmo tempo, que a abraçava, para a metter no celleiro de Chriſto. Daquelle Serafim de Iſaias, que com hum carvaõ abrazado, faiſca ardente, e cauterio flammante purificou a boca do Profeta, e juntamente a alma da culpa, diſſe S. Pedro Chryſologo que dera tal tempera ao fogo da braza, que purificava, e naõ queimava; remediava, mas naõ atormentava. Iſai, 6. 6.

Huma ſó mulher em Setuval faltou ao que o Servo de Deos lhe pedia, perdendo lhe o reſpeito, para ſentir a ira do ſeu Senhor crucificado. Fora elle huma noite acompanhado de ſeu companheiro, do Padre Manoel Favacho, e outras peſſoas a caſa de huma Maria Gomes, caſada com André Jorge, a qual vivia com ſua mãy retirada de ſeu marido ſem outra ſentença de divorcio, mais que querer ella fazê-lo, no que naõ conſentia ſeu marido, antes em companhia do Veneravel Padre lhe vinha rogar com a ſua. Nem a hum, nem outro quiz ouvir,

antes mettendo-ſe n'uma caſa fechou a porta por dentro, moſtrando quanto eſtava fóra de vir no que ſe lhe pedia: levantou entaõ as vozes o Servo de Deos para poder ſer della ouvido, e lhe fez huma exhortaçaõ com razoens muito efficazes, perſuadindo-a a fazer vida com ſeu marido como Deos mandava, elle lhe requeria, e aquelle Santo Crocifixo, que tinha nas mãos, tomado por valia, lhe merecia. Ella porèm, fechando-ſe mais que a porta, reſpondeo que bateſſem a outra. Voltou-ſe o Servo de Deos para o marido, e depois de o conſolar, diſſe a todos, que eſtavaõ preſentes: *Que brevemente pagaria ſeu peccado aquella rebelde, porque naõ tardava o caſtigo a quem deſprezava a Jeſus crucifícado.* Dalli a poucos dias indo ella ja de noite, e deſta Corte, a encontrou ſeu marido n'uma rua, e conhecendo-a, lhe tirou a vida, morrendo na rua pelo mal que recebeo a Chriſto em ſua caſa.

A certo homem na Provincia de Alemtejo odiado com muita gente foy buſcar o Veneravel Padre, roganlhe pelo Senhor, que tinha nas mãos, perdoaſſe os agravos, que ſe lhe tinhaõ feito, pois para nos dar exemplo perdoára por amor delle, e de todos mayores opprobrios no Calvario. Mereceo a ſua reſpoſta, que o Veneravel Padre o ameaçaſſe com a ira do Senhor crucificado. E dando dentro de tres dias huma graviſſima doença áquelle homem, mandou logo pedir ao Servo de Deos, que andava ainda perto do ſeu povo, quizeſſe por amor de Deos tornar áquella terra, e trazer-lhe ao Senhor, que taõ bem cumpria a ſua palavra, offerecendo lhe todos os rendimentos de huma peſſoa, que deſeja ſaude no corpo, e ſalvaçaõ para a alma.

CA-

CAPITULO XIV.

Fructos eſpirituaes, que nas confiſſoens ſe colhiaõ dos ſeus ſermoens: Tempo que levavaõ as confiſſoens, com alguns caſos raros do conhecimento, que o Veneravel Padre tinha dos peccados alheios.

COmparou Chriſto Senhor noſſo ſua divina palavra á rede lançada no mar, que peſca toda a variedade de peixes. Hum ſó peſcador do ſeu barco lança a rede no mar, mas ſaõ neceſſarios muitos peſcadores para recolherem a rede, depois de fazer o lanço ou na praia, ou no barco. Aſſim hum ſó Prégador faz o lanço do pulpito, mas para deſemmalhar os peixes myſticos dos peccadores ſaõ neceſſarios muitos Confeſſores. Dizia o Veneravel Padre, *que o Prégador era o varejador, e os Confeſſores os apanhadores*; fazendo da palavra divina azeitona, que com ſeu oleo allumîa, e aduba, e como pura verdade anda ſempre ſobre a agoa. Procurava o Servo de Deos trazer ſempre comſigo companheiros baſtantes, para que ſe naõ ſentiſſe falta de Confeſſores; como quem tambem entendia o que eſcrevia ao ſeu Provincial neſta materia: *Faltando companheiros naõ ſe fazem as Miſſoens taõ bõas: porque naõ ha quem queira, ou quem ſaiba confeſſar como importa, ou naõ querem os penitentes confeſſar-ſe com outros.* Fallava o Veneravel Padre de lugares pequenos, nos quaes fóra dos Curas naõ ha outros Confeſſores. E ainda nos lugares grandes tem lugar o que diz dos penitentes, aos quaes parece que confeſſar a eſtranhos he metade menos de pejo nas confiſſoens de ſeus peccados. Mas nem por trazer companheiros ſe forrava elle do trabalho do confeſſionario, antes era o Confeſſor mais procurado, e por iſſo Matth. 13. 47.

o mais continuo. Tendo prégado tres, e mais vezes no dia, ſe hia pôr a confeſſar como ſe naõ prégára, e aturava muitas vezes até a meia noite, começando na madrugada, deſcontando as horas da Miſſa, ſermoens, exercicios, e diciplina, que tomava com os povos. Em horas de comer, e deſcanço naõ fallo, porque o comer era em hum momento, e ſeu deſcanço o trabalho. Digamo-lo por palavras ſuas aqui trasladadas: *A penas começamos a Miſſaõ em huma terra, já nos chamaõ para outra, e aſſim lidando com varias fadigas, he preciſo deſcançar trabalhando nellas.* Em outra carta: *Como era impoſſivel reſponder de terra por cauſa das confiſſoens continuas, que chegavaõ deſde a madrugada até perto da meia noite, puz as eſperanças de lér, e eſcrever nas agoas, quando me embarquey no Tejo; porèm como até no barco naõ ceſſou eſte exercicio, foy-ſe-me eſte allivio pela agoa abaixo.* Aſſim mais em outra: *Naõ foy poſſivel reſponder por me occuparem as confiſſoens o dia todo, e cuidando pudeſſe eſcrevêr em o Tejo, houve o meſmo impedimento, e foy bom lugar para ſe affogarem culpas, mas naõ para ſe eſcreverêm cartas. Naõ ſe entriſteça V. M. ſenaõ de meus peccados, e ame muito a Deos, e de-lhe graças, porque até em o mar vaõ ſuas miſericordias de monte a monte.* Do barco fez Chriſto muitas vezes púlpito, e Fr. Antonio Confeſſionario. Luc. 5. 3.

Querer referir os ſerviços de Deos, que ſe faziaõ nos Confeſſionarios, ſeria querer contar ao Sol os atomos, eſtrellas ao Ceo, arêas ás prayas, ao mar eſcumas, ás arvores folhas, aos campos flores, e boninas. De caſos raros nas confiſſoens ſe podia fazer maior livro do que anda impreſſo, ſe o publicá-los os meſmos penitentes fora ceder em todo da ſua fama, e abſolver os Confeſſores do ſigillo, que os obriga. O que podemos dizer he, que as Miſſoens curaõ chagas muito antigas, facili-

cilitaõ o pejo de confeſſar a peſſoas conhecidas, tiraõ reparos, que ſe fazem de confiſſoens muito largas, franqueaõ confeſſar-ſe mulheres recolhidas; e como os que vendem pelas ruas ſaõ chamados a todas as portas, aſſim os Miſſionarios, que curſaõ as terras, deixaõ dos bens de Deos em todas as caſas. O Reverendo Frey Joſeph da Madre de Deos, Prior que era de Caſal Comba Biſpado de Coimbra, e depois companheiro, e imitador do Veneravel Frey Antonio, depõem, que em dez dias, que eſteve de Miſſaõ naquella terra, ſe confeſſaraõ, e commungáraõ mais de cinco mil peſſoas. Do que ſe vê que acudia gente das terras vizinhas, e que ſe naõ livrava das confiſſoens daquellas, a que naõ chegava com as Miſſoens.

Eſte exercicio do Confeſſionario, a todos penoſo, era mais ſuave para o noſſo Miſſionario Frey Antonio; porque nelle naõ tinha o que mais cuſta, que he eſperar de alguns confeſſados, que depois de grandes rodeos tomem o caminho de confeſſar os ſeus peccados, e á força de perguntas acabem de dizer as ſuas culpas. Frey Antonio naõ havia miſter de tomar lingua dos peccados, que elle via nas almas, e deſcobria nas caras. Pedro Moniz Pereira, morador no Trucifal, Fidalgo bem conhecido, e naõ menos verdadeiro, affirma debaixo de juramento, que prégando o Veneravel Padre em Sacavem na ſemana ſanta de 1678. o fora elle ouvir, e de mais a mais confeſſar, o que fizéra com a melhor diſpoſiçaõ, que pudéra. E depois diſſo fora convidado do Veneravel Padre para o ouvir dia de Paſcoa, dizendo-lhe com a ſua graça, que tinha muitas para aquelle dia. Madrugou para o ouvir Pedro Moniz, e achando-o para dizer Miſſa na Sacriſtia, lhe tomou a benção, e pondo-lhe os olhos na cara, diſſe: *V. M. cuida que vem muito gentil homem; pois engana-ſe, engana-ſe, que o eſtava muito mais quinta feira de Endoenças.*

E era assim, que elle naquelle dia ficára sem escrupulo de consciencia; e no de Paschoa se achava com a culpa, que só a Deos era notoria, mas seu servo. Fr. Antonio pela menos gentileza inculcava.

Debaixo do mesmo juramento certifica Manoel Carrilho Roma, Cidadaõ da Cidade de Evora, e nella escrivaõ da Provedoria, confessado, e amigo do Veneravel Frey Antonio: Que cahindo em hum peccado mortal, e tendo pejo de o confessar a elle, naõ acabava de se determinar em buscar outro Confessor; e indo buscar huma tarde ao Servo de Deos, (naõ o tendo nunca confessado, senaõ de manhaã) em o vendo lhe disse: *Que fizesse hum acto de contriçaõ em quanto elle hia ao Coro, e que logo vinha confessá-lo*: Accrescentando: *Isso lá por dentro naõ está bom.* Vindo do Coro lhe perguntou Manoel Carrilho, que fundamento tivera para lhe dizer o referido? Respondeo, *que no semblante lhe conhecêra a tristeza interior, que tinha.* Do que inferindo elle que o Veneravel Padre sabia já do seu peccado, se lhe deitou aos pés, e a elles se confessou logo; que o melhor meio para os peccados naõ serem sabidos he confessá-los.

Frey Miguel de Mello e Sá, Fidalgo de muita qualidade, e verdade, certifica pelo habito de Malta, de que he Commendador, que indo visitar o Veneravel Padre ao Convento de S. Bernardino de Religiosos Recoletos, onde estava retirado dando forças a seu espirito, lhe dissera elle á despedida: *Da parte de Deos digo a V. M. que naõ vá fazer o que tem no pensamento, porque será grande offensa de Deos*: requerimento, que assombrou a Miguel de Mello, porque nem por sombras communicára a ninguem o seu intento, que na verdade era de commetter hum grave peccado; e com lhe dizer que se enganava, o deixou desconsolado. Mas tornando no dia seguinte o abraçou o

Ve-

Veneravel Padre com muita alegria, dizendo : *Que lhe dava aquelle abraço por naõ ter feito aquella maldade, a que fora tanto contra ſua vontade.*

Na Miſſaõ de Caſal Comba, de que já fizemos mençaõ, trouxeraõ á preſença do Veneravel Padre a Iſabel Bautiſta natural de Botaõ, termo de Coimbra, noviça que tinha ſido no Convento de Sá de Aveiro de Freiras Terceiras do Padre S. Franciſco, donde ſua Máy a tinha tirado para, qual a da Cananea, chorar laſtimas de ſua filha. Dous annos a teve enferma, e de doença taõ mal opinada, que huns a julgavaõ tentada, outros energumena. Taes eraõ as vilagens, que fazia, taes os berros, que dava, e tal a cara, que demudava, que mettia medo a quem a via. Eſtas deformidades fazia maiores a deſeſperaçaõ de ſua ſalvaçaõ, que apprehendida pelo entendimento lhe tirava o juizo, e furioſa, ſobre tentada, ſe deitava por terra, ſe torcia, deſcompunha, e atroando o ar com vozes ſe fazia laſtima dos olhos, compaixaõ aos ouvidos. Os Medicos, depois de dous annos, dando por eſgottada a Medicina, e confeſſando ſer o mal de ordem ſuperior á ſua ſciencia, ſe deſpediraõ, dizendo, que ſó Deos, ou quem tiveſſe ſeus poderes, lhe podia dar remedio. Muitos Religioſos, que foraõ chamados para lhe fazer os Exorciſmos, naõ ſoubéraõ nunca reſolver ſe era eſpirito aquelle mal. Apreſentada ao Veneravel Padre, e perguntando-lhe elle que mal era o ſeu, lhe reſpondeo, que as ſuas penas eraõ tantas, que ſó com as do Inferno podiaõ ter comparaçaõ ; e que o mais, que padecia, era na alma e naõ poder acabar comſigo confeſſar-ſe, ou ir á Igreja dous annos havia. O mais, que houve de practica até ſua perfeita melhora, refere a meſma Iſabel Bautiſta por letra ſua, em que diz deſta maneira : *Chegando eu ao Padre Fr. Antonio das Chagas me diſſe, que me naõ agaſtaſſe, que havia de ter remedio ; e que ainda que eu eſtava com-*

tantas deſconfianças de minha ſalvaçaõ, que Deos me queria muito. E me perguntou de quantos annos era: Reſpondi, que naõ ſabia; e elle me diſſe, *que eu era de vinte e oito annos*; o que na verdade achey ſer aſſim depois de mo haver dito. E tambem me diſſe, ſem creatura alguma o ſaber, *que eu por muitas vezes fizera diligencias por me matar*, e outros penſamentos máos, que naõ tinhaõ ſahido do meu interior. Tambem me diſſe, *que eu havia de melhorar, mas naõ logo, como eu queria*, e naõ podendo eu crer que teria remedio, mo ſegurava por meio das confiſſoens, e communhoens a miudo, como me ſuccedeo; porque á primeira confiſſaõ, que logo fiz com o Padre Fr. Antonio, me ſenti com melhoria, e da ſegunda conheceraõ todos que os meus males eſtavaõ remediados. Até aqui a ſua informaçaõ por carta, que ſobſcreve, e confirma o Padre Fr. Joſeph da Madre de Deos já nomeado neſta hiſtoria, e Prior naquelle tempo de Caſal Comba: por eſtas palavras: Tenho por muito verdadeira eſta mulher; e foy muito admirada, e notoria por aquellas partes eſta maravilha, e que a doença foſſe couſa ſobrenatural tenho por certo pela mudança taõ extraordinaria, que nella vi, eſpecialmente no roſto; pois tendo-o taõ monſtruoſo, que punha horror a quem a via, depois de ſe confeſſar duas vezes com o Veneravel Padre, dentro de dous mezes a vi ſam, e muito bem parecida Perſeverou, e perſevera ainda hoje com grande exemplo de vida no habito de Terceira, ſendo o que deixou de ſer, agora para ſeu bem, d'antes para ſeu mal.

Muytas peſſoas ſimplez tinhaõ para ſi, que em o Servo de Deos, do pulpito que foſſe, olhando para alguem particularmente, lhe via os coraçoens, e todos ſeus peccados; e deſta opiniaõ naſcia, que chegando a algumas terras, antes que ſe aviſtaſſem com elle, ſe confeſſavaõ de ſeus peccados. Eſta era a gran, que contra-

pu-

punhaõ a ſeus olhos. Depõem o Padre Fr. Manoel de Jeſus Maria, companheiro, que foy do Veneravel Padre, q̃ aos ſeus pés veyo hum penitente remettido pelo meſmo Veneravel Padre pelo naõ poder confeſſar, ao qual depois de confeſſado perguntára, porque razaõ vinha de taõ longe fazer huma confiſſaõ taõ ordinaria, como fora a ſua, com o Padre Fr. Antonio? Ao que reſpondeo, que o Servo de Deos conhecia os peccados, que cada hum commettia, e como elle naõ tinha bõa memoria, ſe queria confeſſar com quem lhe foſſe lembrando os peccados, que deixaſſe o eſquecimento. Depõem outro companheiro Miſſionario, que em certa terra, eſtando huma noite recolhidos, déra ao Veneravel Padre hum impeto de eſpirito, e levantando-ſe fóra de horas, chamou por elle, dizendo era neceſſario irem logo fóra, e chegando a huma caſa livrára o Servo de Deos a ſenhora della de morrer injuſtamente ás mãos de ſeu marido reſoluto em a matar naquella hora, e ponto, em que Deos alli trouxe ao Veneravel Fr. Antonio.

Eſta opiniaõ, a que chamey dos ſimplez, teve por ſi hum author dos mayores engenhos do noſſo tempo, o Doutor Jeronymo Ribeiro, Cathedratico de Eſcritura na Univerſidé de Coimbra, Chantre da Sé da meſma; e que ſabendo morrer feito Capitaõ de Miſſionarios, convertendo almas, ſe graduou por ſabio das melhores ſciencias, fazendo-ſe ſuperior ás meſmas invejas. Confeſſou elle a muitas peſſoas, e em particular ao Doutor Braz Ribeiro da Fonſeca, Lente que foy de Prima em Leys na Univerſidade de Coimbra, hoje meritiſſimo Deſembargador do Paço, do Conſelho de ſua Mageſtade, que eſtando em ſua caſa diſputando comſigo meſmo hum ponto muito difficultoſo, e dando-lhe por ſahida huma hereſia, a que naquelle inſtante aſſentia, entrará a viſitá-lo o Veneravel Fr. Antonio, ſendo eſtas ſuas primeiras palavras: *Iſſo em que V. M. cuida, he erro*

ma-

manifeſto, bote V-M. fóra eſſe penſamento. Naõ foy neceſſario mais para aquelle Doutor ſabio mudar de parecer, ficando com tal opiniaõ do Veneravel Padre, que dalli em diente nunca perdeo ſermaõ naquella Cidade, indo tomar lugar muitas horas antes do ſermaõ; e outras tantas eſperava para ouvir todos os dias a ſua Miſſa, e tomar-lhe a bençaõ, naõ querendo lhe diſſeſſem que elle eſperava por naõ alterar o ſeu eſtylo nas horas de dizer Miſſa; e para que todos louvaſſem a Deos no Veneravel Fr. Antonio pelos ſegredos, que lhe revelava, a todos dava noticia do que com elle lhe ſuccedera.

CAPITULO XV.

Louvaveis occupaçoens, divinos empregos, com que paſſava noites, e dias nas Miſſoens eſte grande Miſſionario: Eſtimaçaõ, e zelo, que tinha da ſalvaçaõ das almas: Sentimentos de as naõ ter convertido todas.

NAõ ha na vida myſtica aquellas regras certas, que ſantamente obſerva a contemplativa. Porque neſta he ſempre o meſmo Deos, com que ſe trata, e a meſma alma, que poſto algumas vezes varie de exercicios, naõ lida com diverſidade de ſujeitos, a que he força ſe accõmode a vida myſtica, que trata do aproveitamento do proximo, governando ſuas operaçoens pelos accidentes do tempo, diſpoſiçoens da gente, e eſperanças do fructo; deixando muitas vezes a Deos por Deos, a oraçaõ pela acçaõ, o deſerto pelo povoado, a ſolidaõ pelo concurſo, a conſolaçaõ propria pela alheia, e a ſi por outrem; tomando por ſuas aquellas horas, e por ſeus aquelles dias, que lhe levava a ſalvaçaõ, e converſaõ das almas. Foy Chriſto o primeiro Meſtre

deſta

deſta vida, fazendo-a de orar no monte, e no Templo, de prégar no templo, da barca, e no deſerto, convertendo peccadores, remediando neceſſidades, e dando á contemplaçaõ as noites, e ao bem das almas os dias; bem que ainda das noites lhe levava muitas horas. A' ſua imitaçaõ ſeu Servo Fr. Antonio, quando andava nas Miſſoens acordava os companheiros pelas quatro da madrugada, dizendo-lhes com o Apoſtolo: *Ja ſaõ horas de levantar do ſomno.* Logo ſe punha em oraçaõ, a que ſe ſeguia huma aſpera diciplina: depois deſta a ſua reza, e algum eſtudo, quando era neceſſario, ou para os ſermoens, ou para os confeſſionarios.

Vinda a manhaã, hiaõ todos trabalhar na vinha do Senhor, precedendo a Miſſa, que todos os dias dizia. Se naõ havia ſermaõ de manhaã, no confeſſionario a paſſava practicando da oraçaõ mental, ou fazendo pazes retardadas de outros dias, ou dando conſelhos eſpirituaes a muitas peſſoas, que como a Oraculo o buſcavaõ de todo o Reyno. Pelo meyo dia, e ás vezes pela huma, e duas horas ſe lhe recolhia para a ſua pouſada, onde o comer era taõ parco, como em ſeu lugar ſe dirá. Pouco depois de comer hia prégar, e eſtava tres horas no pulpito, como elle de ſi meſmo teſtimunha em huma carta feita em Amarante, onde diz: *No mais que Voſſa Paternidade aponta, he quaſi impoſſivel; porque eu vou prégar pouco depois de comer, e eſtou tres horas no pulpito; e depois entramos aos exercicos &c.* No cabo dos ſermoens ſe colhiaõ os fructos ja apontados, tomavaõ-ſe diciplinas, e entrava na oraçaõ mental com os povos: corriaõ-ſe as Vias ſacras, onde eſtavaõ plantadas, e ſe o naõ eſtavaõ, de novo as inſtituhia. Rezava o Terço de noſſa Senhora com a ſua Ladainha na Igreja. Ouvia a todos os que de diſtantes terras o vinhaõ buſcar para ſe confeſſar, e conſolar com elle. Defiria a muitas petiçoens, que ſe lhe faziaõ para alcançar

çar perdoens das partes, e livramentos de cadêas. O que tudo lhe levava demais do dia grande parte da noite: neſta ſó tres para quatro horas dormia, dando ao ſomno outras tantas horas como prégava do Pulpito. Quarenta dias deo Chriſto aos homens depois de reſuſcitado por quarenta horas, que deſcançára no ſepulchro; como enſinando a todos os Prégadores Apoſtolicos, que he riſtituiçaõ, em que ficaõ aos proximos, o deſcanço, que daõ a ſeus corpos, a que devem ſatisfazer com avanços no trabalhar.

He todo o encarecimento do muito, que ſe trabalha, dizer, que ſe naõ pára de noite, nem de dia. Eſte encarecimento dá o Veneravel Padre Fr. Antonio ao ſeu trabalho: *Parece*, diz, *naõ he Deos ſervido, que eſcreva largo a ninguem; por quanto tendo tomado eſte dia para deſaffogarme de cartas, deſde a madrugada, excepto hum breve eſpaço, me naõ deixáraõ ategora. Agora me furto de noite, porque de dia naõ he poſſivel.* Furto chama a eſſe breve repouſo, que dava ao corpo, para pôr demais a mais no ſeu trabalho; porque ao corpo devemos o neceſſario ſuſtento, e neſte entra tambem o ſomno. Saõ porèm eſtes os furtos, que com pedir perdaõ a ſeus corpos, ſatisfazem inteiramente os Santos. Quando falla em reſponder a cartas, ſe haõ de entender cartas, a que hum Padre taõ eſpiritual como Fr. Antonio deveſſe reſpoſtas, ou pelo grande das peſſoas, ou pelo importante das materias; que a chuſma das outras no ſobreſcrito para Fr. Antonio levavaõ já o reſpondidas para ſeu dono. Nunca ſe recolhia para deſcançar, ſem primeiro pedir a Deos perdaõ dos defeitos, e lhe dar graças pelos recibos. Antes de ſe encoſtar benzia a cama com muitas cruzes, e oraçoens, e poſto o manto eſperava o ſomno, ou para dizer melhor, a ſeu Senhor; pois a quem lhe eſtranhava deitar-ſe com o manto poſto reſpondia com as pala-

palavras de Chriſto : *Bemaventurado o homem, que ſeu Senhor, quando vier, achar vigilante.* Luc. 12.

He certo, que eſtes exercicios, (uſo das meſmas palavras do Veneravel Padre) e occupaçoens haviaõ miſter homens de ferro ; mas aqui eſtá o poder de Deos, que com palhas vaãs, e homens taõ fracos faz o que quer, ſervindo-ſe dos mais vis inſtrumentos, para que ſe veja que he ſua a obra. Homem de ferro era na verdade, ou ſe fazia Fr. Antonio ; ao referido trabalho accreſcentava o pezo de cadêas, e cilicios de ferro ; e dava taõ máo trato a ſeu corpo, que lhe fez diſſo eſcrupulo o Religioſo, que tinha por guia de ſeu eſpirito, ao qual ſatisfaz eſcrevendo : *Cadéas já as naõ trago, porque deſde a Meda antes de S. Joaõ da Peſqueira ſe ajuntaraõ meus companheiros, e por obediencia mas tiraraõ. Diciplinas naõ tenho por penitencia: jejum naõ he mais que o ordinario, (eraõ tres dias na ſemana a paõ, e agoa) e tres dias naõ jejuey quando eſtive doente : o comer ſaõ hervas, e peixe : naõ comemos ovos, nem lacticinios neſte Advento ; iſſo fazem os mais, que tem mais trabalho, naõ he muito que o faça eu.* Em outra carta para o ſeu Provincial dá de ſi eſta conta : *Eu ando tezo pela bondade de Deos, ainda que com o ordinario trabalho de prégar todos os dias, e aſſiſtir ás noites aos exercicios, e diciplinas, que onde eſtamos ſaõ quotidianos, e nelles entraõ tambem os povos.* Em outra carta ainda para o ſeu Padre eſpiritual, que lhe mandava moderar o rigor, com que ſe tratava, nos dá a entender a auſteridade da ſua vida : *Nas boſetadas*, diz, *fiz o que Voſſa Paternidade me ordenou, no comer farey o que me manda : no ſomno farey tambem por naõ deſobedecer: a cama he, a que ſempre foy. Dizerem que dormia no chaõ, foy porque queriaõ que deitaſſe huma coberta por baixo, ou por cima, e eu naõ a acceitey, mas agora o farey : as diciplinas ſaõ forçoſas, por-*

porque nos acompanhaõ os Fieis nellas. Aſſim dava Fr. Antonio razaõ do bem, que fazia, anticipando o ſeu juizo para ter menos que dar no outro.

Os caſtigos, que dava a ſeu corpo, eraõ a fim de o ter ſempre ſujeito ao eſpirito, e ſem ſobroço de rebelhoens no Reino proprio, ſe dar com todas ſuas potencias á conquiſta dos alheios, ententendo que Deos aſſim o queria pelos fundamentos, que nas ſeguintes palavras declára: *Entendo na verdade, que noſſo Senhor quer eſte meu emprego, vendo como ſe me facilitaõ couſas, que me naõ paſſavaõ ha pouco tempo pela imaginaçaõ, &c.* Eſta vontade de Deos por elle entendida era taõ bem praticada, que nenhuma couſa deſte mundo tinha comparaçaõ, nem eſtimaçaõ na ſua, como o emprego da ſalvaçaõ das almas. Naõ a vida, que tanto ſe eſtima, porque dizia em carta propria: *Eu ando, como Deos ſabe, aa cabeça louco, dos ouvidos mouco, do peito rouco, do eſpirito naõ ſey ſe eſcuro; mas he preciſo prégar até morrer.* Naõ a honra, que ſobre tudo ſe preza, porque ſe vio nelle rejeitar o Biſpado de Lamego, em que o nomeou Sua Mageſtade, e reſiſtir bravamente ao Reverendiſſimo Frey Joaõ dos Prazeres, que pertendia lhe ſuccedeſſe por motu proprio no Provincialado; e entre outras razoens para o fazer mudar de parecer lhe grava a conſciencia por eſtas palavras tiradas de huma carta ſua: „ Naõ poſſo deixar de encarregar a Voſſa Paternidade de que ordenando o aſſim, „ dará conta a Deos de mais de dous milhoens de almas; „ que ſegundo o que nos ſuccede em humas terras, po- „demos com facilidade entender que ſe livraraõ do „inferno. E quando Voſſa Paternidade queira que lhe „ fiquem ás coſtas hum ſem numero de almas, que cada „ dia ſe tiraõ do peccado mortal, e que ſem eſtes meios „ nos moſtra a experiencia que ſe deixaõ eſtar no in- „ferno, eu eſtou corrente em fazer quanto Voſſa

„ Pa-

„Paternidade me mandar, porque creio naõ ſerá con-
„tra a Regra, nem contra a minha conſciencia, e tira-
„do iſto, ſe Deos me naõ deſamparar, naõ hey de fal-
„tar á obediencia.

Eſte deſprezo de tudo, o que naõ era ſalvar almas, ſe fundava na ſumma eſtimaçaõ, que fazia dellas. Moſtrou Chriſto Senhor noſſo quanto eſtimava noſſas almas no muito, que por ellas padeceo, e no muito, que por ellas deo. Naõ ſe conhece tanto o valor de huma almá conſiderando-a creada, como redimida; feitura de Deos Creador, como emprego de Deos Redemptor. Fr. Antonio naõ comprou almas, porque naõ teve cabedaes para iſſo, que eſſes ſó os teve o Filho de Deos vivo; naõ morreo por ellas, porque, ſobejando-lhe deſejos, faltáraõ-lhe tyrannos. Aſſim o diſſe em muitas occaſioens: e quando nos ſeus derradeiros annos o apertavaõ as vertigens, todo o ſeu ſentimento era, que alguma dellas lhe tiraſſe a vida, que elle por amor de ſeu Senhor quizera acabar nos fios de huma eſpada, na ponta de huma lança, ou no alto de huma forca de Inglaterra, ou Barbaria. Chorava muitas vezes mais com affectos, que a prantos, naõ ſe poder reproduzir, e multiplicar preſenças, para que em todas as partes do mundo ſe ouviſſe o ſom da ſua voz annunciadora do Reino de Chriſto, declamadora de penitencia. Se lhe diziaõ que bem tinha que fazer em Portugal: Reſpondia, *que pequeno era o fogo, que naõ paſſava de huma clamiré; e ſó grande aquella caridade, que naõ ſe contentando com hum ſó Reino, ſe eſtendia ao mundo todo.* Se lhe aconſelhavaõ que tomaſſe algum deſcanço para poder continuar o trabalho: Reſpondia, *que quem dava aquelle conſelho, naõ devia ter fóme, nem ſede das almas.* Ao Illuſtriſſimo Dom Joaõ de Mello, que lhe pedia ſe detiveſſe em Viſeu mais alguns dias, que poderiaõ durar as calmas, déo por eſcuſa, que ſe deixaſſe de tratar das almas pe-

las

las commodidades do corpo, temia o arrebataſſem os demonios E a ſeus companheiros trazia á memoria o caſo de hum Religioſo do meſmo Habito, e officio, o qual deixando de prégar por ſe alleviar, teve huma viſaõ, em que ſe lhe repreſentáraõ muitas almas pedindo a Deos juſtiça contra elle; e o Senhor lhe mandava cortar a lingua, por a ter ocioſa em tanto prejuizo das almas, que tinhaõ a vida nas ſuas palavras.

Eſtando o Veneravel Padre irreſoluto na Provincia, a que encaminharia ſua primeira Miſſaõ, depois de Varatojo eſtar feito Seminario, lhe eſcreveo o Deaõ da Sé de Faro no Reino do Algarve, o Doutor Manoel Guerreiro Camacho, pedindo-lhe encarecidamente, que foſſe em Miſſaõ áquelle Reino; e entre outras razoens, que dava para elle haver de preferir o Algarve ás demais Provincias do Reyno, era huma eſtar o Algarve mais vizinho da peſte, que entaõ andava em Caſtella por aquella parte. Eſta razaõ, que a outrem fora para naõ ir, viſto o perigo da vida, que ameaçava, foy a total para elle ſe reſolver em deixar as demais terras por aquella, em que no riſco da ſua vida ſegurava o morrer por caridade. Foy com ſette companheiros, mas divididos em duas Miſſoens; por virtude das quaes purificadas as almas, mais que os ares das aereas poteſtades, e reformados os povos nas vidas, e coſtumes, por cuja diſſoluçaõ Deos manda ordinariamente a péſte, naõ foy neceſſaria ao Algarve outra bandeira de ſaude. A eſta Miſſaõ lhe foy hum próprio com aviſo, de que eſtava ſeu irmaõ Dom Joaõ Soares, Priormór de Aviz, graviſſimamente enfermo, e o chamava a toda a preſſa para lhe pôr nas mãos a ſua alma, e levar deſta vida a conſolaçaõ de o ter na morte á cabeceira. Porèm o Veneravel Padre ſe deixou ficar continuando a Miſſaõ, que por ſer do ſerviço de Deos era para elle pay, e mãy, irmaõ, e irmaã; ſe naõ foy, porque

que ſabia que naõ era ſeu irmaõ ovelha perdida, que o obrigaſſe a largar as noventa e nove com riſco de ſe perderem. Ouvio-ſe-lhe dizer neſta occaſiaõ: *Faça eu o negocio de Deos, que elle fará o meu.* Eſte contrato de ſociedade parece tinhaõ entre ſi, Deos, e Fr. Antonio, eſte tomou á ſua conta converter a Deos quantas almas pudeſſe; Deos fazer a ſeu ſervo a vontade. E poſto que Deos ſempre fazia o que queria, Frey Antonio naõ queria outra couſa, vivendo por eſta maneira ainda neſte mundo vida de bemaventurado. Com ſuas proprias palavras havemos de fechar eſte Capitulo, e confirmar o que eſtá dito. Eſcrevia a huma ſua irmaã Religioſa, e dizia na carta: *Haveis de deſejar a ſalvaçaõ de cada hum, como a voſſa meſma. Tanta pena vos ha de dar ver que ſe perde qualquer alma, como ſe foſſe a voſſa propria; ſe naõ fazeis iſto perfeitamente, naõ guardais a Ley de Deos perfeitamente. Vede quaõ poucos a guardaõ! Choray iſto muito, porque iſto he que faz chorar os bons. Encommenday muito a Deos, que tenha piedade dos máos, ſem vos eſcandalizar de nenhum. Oh doutrina do Ceo, quem te guardára á riſca, logo fora ſanto &c.!* Aſſim ſe canoniza Fr. Antonio pela ſua boca, quando a outrem canoniza; pois tanto á riſca guardou eſta doutrina, que dava; e tanto, como tem dito, eſtimava huma ſó alma.

CAPITULO XVI.

Breve, e compendiosa noticia das Missoens, que fez o Veneravel Padre antes de se separar da Provincia o Convento de Varatojo.

NAõ puderamos satisfazer ao promettido neste Titulo, se naõ foraõ as memorias, que destas Missoens, como das demais acçoens deste grande Servo de Deos, achamos no exemplarissimo Convento da Madre de Deos. Que como das pedras preciosas só entendem os Lapidarios, e só elles nos diamantes brutos descobrem inestimaveis fundos; assim só estas santas Religiosas pelas regras da santidade soubéraõ fazer juizo da virtude do Veneravel Fr. Antonio muito antes que o mundo o avaliasse por homem grande na virtude; e levantandolhe figura pelas observaçoens, que faziaõ de seus costumes, e vida, mais que por outra Astrologia, foraõ pondo em lembrança tudo, o que podia servir ao diante para a historia. Diz assim a sua memoria.

Em o ultimo dia de Abril do anno de 1672. chegou o Padre Fr. Antonio a esta Corte chamado do seu Prelado para alguns negocios do serviço de Deos. Pedimos ao Padre Provincial, que entaõ era da primeira vez o M. R. P. Fr. Balthazar dos Reys, o mandasse confessar esta Cõmunidade: elle o deixou na vontade do mesmo Padre, o qual se escusou dizendo: *Lhe parecia mais serviço de Deos ir tirar almas de occasioens de peccados, do que deter-se, onde era menos necessario: que quando fosse vontade de Deos viria.* E passando a Setuval, prégou naquella Villa por espaço de hum mez com grande fructo. De Setuval foy para Elvas acompanhar o Senhor D. Joaõ de Mello na Visita de todo seu Bispado. Acabada a Visita, veyo

veyo a Monte-mór o Novo, onde teve huma enfermidade graviſſima, e correo voz que era morto. Convaleſcido, miſſionou todas as mais terras de Alemtejo, e teve algumas contradiçoens do Illuſtriſſimo Arcebiſpo de Evora D. Diogo de Souſa, por naõ ter ainda conhecimento das ſolidas virtudes, e zelo verdadeiro deſte grande Miſſionario; fazendo-o reparar, como vigilante Paſtor, ſeu novo modo de prégar, e o ſequito de taõ grande numero de povo, que pudéra dar cuidado, ſe naõ fora bem guiado. Mas depois que ſe inteirou do Prégador, e do fructo, que fazia nas almas, ſoltou todos ſeus reparos em licenças, ſuas contradiçoens em honras, todos ſeus receyos em agrado da peſſoa, e ſuas Miſſoens. Eſta he a fortuna da virtude, que poſto tenha as veſperas triſtes, os dias ſempre ſaõ alegres. Como de ſi he amavel a virtude, ſempre a vem a amar, huns mais cedo, ontros mais tarde. Neſtas Miſſoens de Alemtejo paſſou o anno de 1673.

No de 1674. tornou a prégar a Quareſma a Setuval, e na ſemana da Paſcoa veyo tambem a eſta Corte chamado outra vez do ſeu Prelado. Fez algumas practicas eſpirituaes neſte Convento da Madre de Deos; e perſuadindo-o muitas peſſoas a que prégaſſe na Corte, reſpondeo: *Que entendia naõ ſer ainda vontade de Deos; mas que naõ tardaria muito.* Partio para Sacavem fazer alguns ſermoens: dalli a Benavente; e deixando aquella terra em paz, tendo achado ſeus moradores com grandes odios, paſſou a prégar em Almada, e mais Lugares, e Villas da outra banda; paſſando-ſe tambem a ella cada dia muita gente deſta Corte levada da fama do Prégador, o qual deſtas levas de gente formava terços de virtude. Tornou a Setuval para dar ordem a hum Recolhimento de mulheres. De Setuval o trouxe á Corte huma obediencia do ſeu Provincial, porque lhe mandava vieſſe aſſiſtir ao Capitulo de Entremeio. Chegou no fim de Julho: dete-

teve-se no Convento de Xabregas alguns dias, e outros no da Madre de Deos; e daqui se retirou para a Serra da Arrabida, onde na Ermida de Santa Margarida determinava fazer a sua Quarentena de oraçaõ, jejum, e diciplina. Mas dando-lhe humas sezoens malignas, se foy curar ao Convento de S. Francisco de Setuval. Convalescido, se pôs a caminho, e chegou ao Convento da Madre de Deos em 27 de Settembro: daqui foy para o Noviciado de Xabregas, onde esteve recolhido até os primeiros dias de Novembro, em que começou a primeira Missaõ desta Corte, prégando todos os dias, que se contáraõ daquelles até vespera de Natal. Na segunda Oitava desta festa veyo confessar esta Communidade, gastando nestas confissoens, e tambem nos sermoens, que fez na Igreja, e em outros Conventos de Religiosas, e em Santa Engracia, estando presente Sua Magestade com os Senhores da Corte, até 20 de Janeiro.

Dia da Conversaõ de S. Paulo repetio outra vez o Recolhimento do Noviciado de Xabregas, e sahio delle na Quaresma de 1675 a prégar segunda vez na Corte. Nas Oitavas da Pascoa foy em Missaõ a Cascaes, e terras circumvizinhas, em que se deteve até Maio, que voltou a Lisbôa; e passados alguns dias neste Convento, partio para Leiria. Nesta Cidade se deteve pouco por naõ vir o Prelado na composiçaõ, que pertendia Fr. Antonio, e era a expectaçaõ de todo o Reyno, naõ sua, porque addivinhou o succesſo, e foy mais por comprazer ao seu Prelado, que por cuidar que teria sua ida melhor effeito; mas naõ perdeo o caminho, convertendo sua Missaõ as terras, que Leiria tem ao redor, por grande fortuna das almas. Tornou para o Convento da Madre de Deos nos primeiros dias de Agosto, e prégou na festa de S. Caetano na sua Casa, e em muitos Conventos de Freiras. E depois de assistir ao Capitulo da Provincia, fugindo ja ás atroadas do Bispado, se foy em 25 de Novembro com o novo Pro-

vin-

vincial até Beja, prègando em todos os Lugares, porque paſſava, de Beja a Moura: aqui lhe deraõ humas ſezoens; as quaes paſſadas, declinou para Evora, onde o Senhor Arcebiſpo ja nomeado lhe fez muitas honras.

Aquelle Março de 1676 o nomeou S. Mageſtade Biſpo de Lamego. Nas Oitavas da Paſcoa do meſmo anno partio em Miſſaõ para Eſtremoz, e correndo até Abrantes, fez maravilhoſo fructo em todas as terras, por onde veio. Recolheo-ſe no fim de Julho ao Convento, de S. Bernardino, devotiſſimo retiro da Recolleiçaõ da Provincia dos Algarves, ſitio junto a Peniche; alli ſe deteve atè a feſta da Porciuncula; e em 11 de Agoſto chegou a eſte Convento ſecretamente, porque naõ quiz ſe ſoubeſſe de ſua vinda, em quanto naõ eſtava provida a Mitra, que engeitára, e lhe durava o temor de lha pôrem a força na cabeça. Feitas algumas praticas neſte Convento, procurou o retiro, que em huma quinta da outra banda lhe offerecia o Conde de Figueiró para hoſpicio, e ſempre que fugia para eſtes retiros, dizia: *Que era para remendar as redes do eſpirito, que pois Deos o fizera peſcador das almas, era neceſſario tratar algum tempo da ſua, para que as outras lhe naõ eſcapaſſem pela malha.*

Remendadas as redes em Alfeite, (aſſim ſe nomea a quinta do Conde) ſe reſtituio a eſte Convento em 18 de Settembro; e confeſſando as Religioſas atè dia de noſſo Padre S. Franciſco, ſahio a fazer alguns ſermoens em Conventos de Freiras, e tornou para a Madre de Deos. Nos ultimos de Outubro partio em Miſſaõ para Coimbra; e por ir miſſionando chegou lá no fim de Novembro, e fez o primeiro ſermaõ na Dominga antes do Advento, e continuou a prègar atè o Natal. Neſte, e mais Biſpados da Beira, e entre Douro, e Minho, gaſtou dous annos, poucos para taõ abundantes fructos, como fez nos Povos, naõ fallando no que em ſi fez; retirando-ſe tres vezes neſtes dous annos ao Hoſpicio do Sepulchro, que o

Senhor Biſpo de Viſeu lhe fizera para eſte effeito. Em Novembro de 1678 fallou na Caſtanheira ao Reverendiſſimo Samaniego, Geral de toda a Ordem, ſobre haver hum Seminario á parte da mais Provincia, em que os Miſſionarios fizeſſem alto da continua marcha, em que ſua profiſſaõ os trazia. Approvou o Reverendiſſimo ſeu deſignio, e feitos, e confirmados os Eſtatutos para o futuro Seminario, tomou por ſua conta o Reverendiſſimo fazer expedir os Breves neceſſarios em Roma, para onde hia em direitura.

No ſeguinte dia tornou o Veneravel Padre Fr. Antonio a ver-ſe com Sua Reverendiſſima, e pondo-lhe nas mãos os Eſtatutos, e Patente, que lhe dera, para nenhum Superior da Ordem lhe impedir, que naõ trataſse dos meyos neceſſarios a taõ bons, e louvaveis intentos, lhe pedio: *Que conſideraſſe Sua Reverendiſſima muito devagar, ſe no ponto da ſeparaçaõ poderia haver alguma imperfeiçaõ; e ſe a preſumiſſe, poſto que levemente, raſgaſſe aquelles papeis, dos quaes elle em tanto procurava o bom deſpacho, em quanto julgava que delle ſe ſeguiria a Deos gloria; mas que o podia enganar o ſeu juizo, e ſó do de S. P. Reverendiſſima, como Prelado taõ exemplar, e douto, ſe podia eſperar todo o acerto.* Tomou o Reverendimo os papeis para os entregar em Roma a quem com elle agenciaſſe a graça do Summo Pontifice: e para moſtrar quanto entendia ſer do agrado divino o pertendido Seminario, ordenou por ſanta obediencia ao Veneravel Fr. Antonio, que procuraſſe o favor de S. Mageſtade com recõmendaçoens ao ſeu Embaixador em Roma o Illuſtriſſimo D. Luiz de Souſa, Arcebiſpo de Braga, para que ſurtiſſe effeito a diligencia, que elle peſſoalmente faria.

Da Caſtanheira o chamáraõ as deſunioens, e ranchos, que nos moradores de Coruche havia. Socegados eſtes, paſsou a Aviz, onde eſteve até 19 de Janeiro de 1679. E vindo

vindo a eſte Convento, no qual por ordem dos Prelados Geraes fazia a primeira entrada aportando em Lisbõa. Daqui foy para Varatojo, que poſto naõ eſtiveſse ainda ſeparado, eſtava ja dedicado pelo Capitulo antecedente a ſer Seminario. Ajuſtadas algumas couſas com o novo Guardiaõ encaminhadas a mayor perfeiçaõ, ſahio em Miſsaõ pelas terras vizinhas, moſtrando-lhes a conveniencia, e importancia eſpiritual, que da ſua vizinhança ſe podiaõ prometter. Na Quareſma deſte anno teve cartas do Illuſtriſſimo Senhor D. Luiz de Souſa digniſſimo Arcebiſpo de Lisbõa, e do Marquez de Fronteira, Provedor entaõ da Miſericordia, nas quaes lhe pediaõ encarecidamente quizeſſe tomar por trabalho, e ſerviço de Deos vir á Corte prégar na Sé, e Miſericordia aquella Quareſma. A ambos ſe eſcuſou, dizendo: *Que entendia fazer mais ſerviços a Deos por onde andava*, e com a meſma reſoluçaõ reſpondeo a Suas Mageſtades n'outras occaſioens.

Teve a Semana Santa em Varatojo, e paſſada a Paſcoa, prégando nos Lugares de ſeu caminho, entrou neſta Corte a 17 de Abril. Confeſſou eſta Communidade, e a tres de Mayo dia da Cruz fez o primeiro Sermaõ da ſegunda Miſſaõ de Lisbõa da porta para fóra deſta Igreja, por naõ caber a gente nella, duráraõ os ſermoens até o fim de Julho, e neſſes dias aſſiſtio no Hoſpicio, que para Religioſos ſuſtenta a excellente piedade do Duque em ſeus meſmos Palacios. Pela feſta da Porciuncula, depois de ouvir muitas confiſſoens, ſe recolheo vinte dias em huma Ermida, que tem o Confeſſor deſte Convento na Cerca de fóra; e acabados elles, foy com o Padre Provincial a Sacavem, e naquelle Lugar fez alguns ſermoens. Tornou para eſte Convento em 7 de Settembro a confeſſar as Religioſas; e a vinte, e dous do meſmo foy tomar poſſe do Hoſpicio da Cordoaria Velha, que entaõ lhe deo S. Mageſtade. E tornando para a Madre de Deos a ſeis de Outubro de 1679. pôs a Via ſacra, que começa n'eſta

Igreja, e acaba na de Xabregas. Em dez do meſmo mez veyo com a Rainha a eſte Convento, e prégou em ſua preſença na entrada de huma Religioſa. Voltou para o Hoſpicio, e nelle ſe offereceraõ alguns negocios do ſervi-ço de Deos, que lhe leváraõ naõ poucos dias, que ſe contáraõ até os primeiros de Novembro, em que ſahio em Miſſaõ por alguns Lugares deſte Arcebiſpado: e poucos dias antes do Natal ſe reſtituio a Varatojo, onde teve a feſta viſitado de Deos com humas ſezoens.

No ſegundo dia de Janeiro de 1680 partio para Santarem, onde achou o Illuſtriſſimo Arcebiſpo em Viſita: prégou, e pôs a Via ſacra naquella Villa com tanta gloria de Deos, e exaltaçaõ da ſua Cruz, que foraõ tres os Heraclios, que a leváraõ na prociſſaõ: O Illuſtriſſimo Arcebiſpo, os Condes de Unhaõ, e Villa-Verde. Feita eſta funçaõ, paſſou a Benavente, e Salvaterra, onde ſe encontrou com as peſſoas Reaes. E tendo-lhe chegado o Breve de ſeparaçaõ do Convento de Varatojo para Seminario de Miſſionarios, como temos dito, veio apreſentá-lo ao Prelado em dez de Fevereiro do meſmo anno, ſendo Provincial o M. R. P. Fr. Bento de Santo Thomás: em ſeu cumprimento foy tomar entrega daquelle Convento com os companheiros, que o quizeraõ ſeguir, aſſim Obſervantes de ambas as Provincias, como da Piedade, Santo Antonio, e Arrabida. Fez-ſe eſta entrega a ſeis de Março de 1680. Em Varatojo o deixarémos, e tambem por ora eſte Itinerario, ou Cómentarios de ſuas Miſſoens, para fazermos Capitulos de tudo, o que ſe póde querer ſaber do Convento de Varatojo, e deſta mudanca, que o Veneravel Padre fez da ſua Provincia, ſobre que houve tantos diſcurſos, que para ſatisfazer aos curioſos ſerá neceſſario moſtrar por eſtes eſcritos, que naõ foy cana Fr. Antonio, que ſe deixaſſe levar de leves ventos.

CA-

CAPITULO XVII.

Que Convento ſeja o de Varatojo: Privilegios, que tem de ſeu Real Fundador: Numero de Religioſos, que ſuſtentava: Apontaõ ſe grandes conveniencias, que nelle tinha a Provincia, e os companheiros, que na ſua poſſe entraraõ com o Veneravel Padre.

O Convento de Varatojo, nome, que lhe dá o Lugar a elle contiguo, ſito na ladeira de hum monte a pouca diſtancia da Villa de Torres Vedras, Villa nobre, e antiga deſte Reino no Arcebiſpado de Lisbõa, foy fundado por ElRey D. Affonſo V. no anno de 1470. com Real liberalidade, e magnificencia: toda merecia o ſitio, que o naõ ha melhor para hum Convento. Bons ares, Ceo benigno, terreno freſco, agoas muitas, e ſalutiferas, que diſpenſadas por varias fontes, e regiſtos daõ agrado aos olhos, prazer aos ſentidos; enchem lagos, trasbordaõ tanques, regaõ hortas, alimentaõ arvores, criaõ flores, e mataõ a ſede ás aves; eſtas por agradecimento eſtaõ ſempre provando as ſuas vozes naquelles pomares, e boſques; eſtes convidaõ com ſua ſolidaõ á oraçaõ, com ſeu retiro ao allivio, e deſaffogo do eſpirito. Religioſos de oraçaõ, e eſpirito houve ſempre naquelle Convento: o meſmo Rey fundador viveo nelle dentro da clauſura em caſas humildes, veſtindo do meſmo panno, que os Religioſos, tendo largado o governo a ſeu filho ElRey D. Joaõ II. ſeguia as Communidades com os ſeus Religioſos, e com elles rezava no Coro. De Anjos o fazia parecer a quem obſervava, que para Ceo na terra naõ faltava áquelle Convento nada. Conſerva-ſe ainda hoje no Convento huma cadeira, em que ſentado o piedoſo Rey á janella, cuvia

ouvia o Povo, e deitava eſmólas á pobreza. Aſſim o Rey fundador, como ſeu filho, a Senhora Rainha D. Maria, mulher delRey D. Manoel, depois ElRey D. Sebaſtiaõ deraõ muitos privilegios áquelle Convento; porèm como nenhum ſe guarda mais, que no Archivo do Convento, eſcuſado he pôr aqui o ſeu traslado.

Quarenta Religioſos era a lotaçaõ do Convento tido pelo melhor da Provincia: porque ſe pelo retiro conduzia para o eſpirito, por outras circunſtancias naõ era de menos commodidades para o corpo. Appeteciaõ-no os doentes por ſeus bons ares: os eſtropeados do trabalho de outros Conventos para deſcanço; que como fica deſviado de povoado, naõ ha nelle acompanhamentos, e outros taes exercicios, que notavelmente debilitaõ os Religioſos. Nem para ſuſtento dos ſeus era neceſſario trabalhar muyto, porque a caſa lhe trazia a piedade Chriſtaã dos Povos vizinhos, e ricos, as eſmólas ſem o cuſto de pedí-las, e conduzí-las. Por eſta razaõ havia tambem ſempre em Varatojo hum Curſo de Filoſofia, e huma geral apoſentadoria para os velhos da Provincia.

Todas eſtas conveniencias deſprezadas pelos Padres do governo fizeraõ mais meritoria a vontade, com que deſmembráraõ da Provincia aquelle Convento, para ſervir de Seminario ao V. Padre Fr. Antonio, e ſeus companheiros, dando-lhes a melhor caſa, como a filhos muito amados, e fazendo-lhes nella a terça, que para conſolaçaõ ſua vem já hoje emSetuval accreſcentada; e por toda a parte a ſua gloria, de que os primeiros Miſſionarios Apoſtolicos Franciſcanos, que houve neſte Reino, ſahiſſem da Provincia dos Algarves: gloria que vale mais que a melhor Caſa.

A de Varatojo conſideravaõ o Veneravel Padre, e ſeus companheiros ſer-lhes mais a propoſito para ſeus ſantos intentos, e acolheita de Miſſionarios, aſſim por ſer Convento de S. Antonio, e a elle dedicado, (eſperança grande

de de haver de repartir com elles muito do ſeu eſpirito, quando outro Elias lho naõ alcançaſſe de Deos dobrado) como tambem pelas meſmas conveniencias, que nelle tinha a Provincia; pois lhe naõ era menos neceſſario o retiro para a oraçaõ, o deſcanço para ſeu maior trabalho, o eſtudo de Moral para confeſſar, Curſo de Artes, e Theologia para prégar, lugar ſadio, e freſco para convaleſcer, e finalmente Convento, que os pudeſſe ſuſtentar ſem ordinaria, nem couſa alguma certa, nem eſmóla annual, ou de Miſſas, Habitos, e ſermoens. O que tudo ſe achava no Convento de Varatojo; e convinha ſe achaſſe em huma ſó Caſa, que para os Miſſionarios era toda huma Provincia.

Tomada a poſſe de Varatojo a 6. de Março, como já ſe diſſe, dia que era de Santa Colleta, ficou o Veneravel Padre, e todos os daquelle Convento ſujeitos immediatamente aos Geraes da Ordem, e com poderes ſeus para poder aggregar a ſi todos aquelles ſujeitos, que nas demais Provincias Franciſcanas ſe ſentiſſem com eſpirito de Miſſionarios, ſem que lho pudeſſem impedir ſeus Superiores; e tambem para poder acceitar outros de letras, eſpirito, e partes, que do ſeculo vieſſem pedir o Habito, até numero de trinta naõ mais. Em virtude deſtes poderes ſe achava o Veneravel Padre, quando foy para Varatojo, com os ſeguintes companheiros, e Miſſionarios.

O P. Prégador Fr. Luiz de S. Franciſco,
O P. Prégador Fr. Ambroſio Duraõ.
O P. Prégador Fr. Manoel de Jeſus.
O P. Prégador Fr. Franciſco de S. Joaõ.
O P. Prégador Fr. Domingos dos Prazeres.
O P. Prégador Fr. Lourenço da Purificaçaõ.
O P. Prégador Fr. Manoel da Conceiçaõ.
O P. Confeſſor Fr. Antonio de S. Bento.
O P. Confeſſor Fr. Manoel do Sepulcro.
Todos eſtes da Provincia dos Algarves.

O P.

O P. Prégador Fr. Corentino de Santa Maria, Francez de naçaõ, e da Provincia da Arrabida.
O P. Fr. Joſeph de Santa Maria, Confeſſor, da Provincia de Santo Antonio.
O P. Prégador Fr. Luiz de Santo Ignacio, da Provincia de Portugal,
O P. Fr. Antonio de S. Diogo, da meſma.
O Irmaõ Fr. Luiz da Eſtrella, da meſma.
O P. Prègador Fr. Manoel de Coimbra, da Provincia da Soledade.
O P. Prègador Fr. Antonio de Coimbra, da meſma.
O P. Prègador Fr. Manoel das Entradas, da Provincia da Piedade.
O P. Prègador Fr. Manoel Carreiro, da meſma.
O P. Prègador Fr. Jorge das Entradas, da meſma.

Alguns deſtes companheiros eraõ ja Miſſionarios veteranos, e tinhaõ acompanhado o Veneravel Padre em ſuas Miſſoens com grande zelo, e fructo das almas, e de todos puderamos fazer grandes elogios, ſe nos fora poſſivel fazê-los de huns, ſem começar por outros, ou metter na cabeça ao mundo, que he igual gloria ſer primeiro, que tirá-la ao primeiro de naõ ter ſegundo. Quanto mais, que me eſcuſa de ſeus elogíos o grande fructo, que fizeraõ nas almas por todo eſte Reyno; pois, como eſcreve S. Joaõ Chryſoſtomo na vida de S. Filogonio, eſte fructo he o mayor elogío. E S. Paulo naõ queria outra eſcritura do muito, que em Corintho trabalhara, mais que ler-ſe nos Corinthios como em carta os efeitos de ſua Doutrina.

Aos ſobreditos podemos logo ajuntar os Noviços, que no meſmo tempo vieraõ a tomar o Habito, e a profeſſar ja o novo modo de vida do Seminario, que foraõ O P. Fr. Manoel da Reſurreiçaõ, Collegial de S. Pedro, Conego Doutoral de Lamego, Deputado do Santo Officio, e Opoſitor ás Cadeiras de Canones na Univerſidade de Coimbra

imbra, e agora Meritiſſimo Arcebiſpo da Bahia no Eſtado do Braſil, por eleiçaõ de Sua Mageſtade.

O P. Fr. Joſeph da Madre de Deos, Prior que fora de Caſalcomba, e Viſitador do Biſpado de Coimbra.

O P. Fr. Joaõ de Jeſus Maria, Reitor do Seminario de Lamego.

O Irmaõ Fr. Sebaſtiaõ para Leigo.

O Irmaõ Fr. Manoel do Sacramento para Leigo.

O Irmaõ Fr. Peregrino.

Dos primeiros alguns tornáraõ para as ſuas Provincias por naõ caberem na eſtreiteza de Varatojo, ou por achaques, como quer o Veneravel Fr. Antonio, deitando-o a melhor parte, como ſe lê em huma ſua carta, onde diz aſſim: *E. folguey muito que ſe foſſe, e eu lho aconſelhei, porque os ſeus achaques naõ eraõ para eſte rigor, e ſe he rigor o em que vivemos, he goſto; porque iſto buſcamos.*

CAPITULO. XVIII.

Acçoens memoraveis, que fez o Veneravel Padre depois de eſtar no Convento de Varatojo feito Seminario. Declara-ſe o fim de ſua ſeparaçaõ da mais Provincia: Alegria dos companheiros na eſperança de ſe renovar naquelle Convento o ſeculo dourado da Regra de ſeu Padre S. Franciſco. Murmura-ſe pela Provincia deſta ſeparaçaõ; e ultimamente ſe ſatisfaz a tudo o contra elle dito.

NAõ farey mais neſte Capitulo, que eſcrever com a penna do Veneravel Padre o que elle meſmo eſcreve a huma Religioſa pela carta, que começa: „ Hoje foy „ Deos ſervido que fizeſſemos junta, e ſe fizeſſe o ter-

„ mo

„ mo de encorporaçaõ, para que ſoubeſſem os que vem
„ para eſte Convento, que vem a ſer filhos deſta Caſa,
„ aſſim como atègora o eraõ de ſuas Provincias. E eſta
„ he a ordem do Padre Geral; porque de outro modo
„ fora o vir para Varatojo hum couto de deſenfados, ou
„ de melindres; pois em havendo qualquer diſlabor ſe
„ haviaõ de poder tornar para onde quizeſſem, e fora
„ neceſſario, que para condiçoens de vidro ſerviſſe eſte
„ Convento de parteleira; ſendo ſómente erigido para
„ Eſcóla de perfeiçoens de eſpirito, e animos grandes
„ deſtinados a mayores emprezas da noſſa Ordem, que
„ ſaõ: guardar puriſſimamente a Regra, e ajudar as al-
„ mas, tratando com toda a perfeiçaõ do bem, e exerci-
„ cios das noſſas. Seja Deos bendito, que todos com
„ fervoroſo contentamento ſe aſſináraõ, e abraçáraõ;
„ e ja naõ tornaráõ como lá ſe eſperava; porque eſtaõ to-
„ dos mais unidos, do que ſe imagina &c. *Por outra refere o que ſe ſegue.*

„ Todos, os que eſtamos neſte Convento tomámos re-
„ ſoluçaõ de viver ſegundo a mais eſtreita, e pura obſer-
„ vancia da Regra, e pobreza de noſſo Padre S. Fran-
„ ciſco, ſem ordinaria, nem couſa alguma certa, nem
„ eſmóla annual, nem de Miſſas, Habitos, e ſermoens:
„ e como totalmente ſe fecha a porta a dinheiro, naõ
„ he neceſſario Syndico; e ſem elle faremos conta de vi-
„ ver, fundados na palavra, e providencia de Deos,
Matth. 6. Luc. 16. „ que diz no Evangelho: *Que naõ cuidemos no que havemos de comer, e veſtir; e que olhemos para as aves do Ceo, de quem tem cuidado o Pay celeſtial.* „ Nenhu-
„ ma duvida tenho de que iſto ſe conſerve; e he tal a
„ alegria dos Religioſos todos, que claramente ſe vê o
„ Eſpirito Santo em todos. E em reſoluçaõ, ou deſte
„ modo nos havemos de conſervar com a graça de Deos,
„ ou Varatojo ha de tornar para a Provincia, e eu para
„ onde Deos quizer. Naõ mandámos logo á Provincia o

or-

„ orgaõ, e outras couſas, que nos ſaõ deſneceſſarias,
„ por ſer parecer deſtes Religioſos, que ſaõ alguns
„ muito doutos, que o naõ podemos fazer ſem licença
„ do Geral. E com ella o faremos com grande goſto, e
„ grande fome de renovar-ſe neſte noſſo tempo aquelle
„ dourado de meu Padre S. Franciſco. Niſto, e em ou-
„ tras couſas de perfeiçaõ andáraõ os Religioſos fer-
„ vendo eſtes dias, ſeja Deos bendito &c.

Pelo meſmo tempo quiz S. Mageſtade delRey D. Pedro, que Deos guarde, deixar memorias de ſua piedade, e grandeza, perpetuando huma eſmola de 325U. cada anno para ſuſtento, veſtiarias, e outras deſpezas, que aos Religioſos Miſſionarios de Varatojo foſſem neceſſarias. E poſto que o Servo de Deos eſtava certo de ſi, que por nenhum acontecimento viria em acceitar aquella eſmóla, ainda que a veſtiſſem de ordinaria; com tudo, tentando os animos dos Religioſos, propôs eſta offerta delRey em huma junta de todos, e todos como elle foraõ de voto, que em nenhuma fórma ſe admittiſſe. Do que ficou o Veneravel Padre taõ contente, que depois de agradecer aos conſultados aquella reſoluçaõ taõ conforme á primitiva pobreza da ſua Ordem, vindo-lhe eſta alegria do coraçaõ, entoou a boca o Hymno *Te Deum*; e com toda a Communidade foy ao Coro dar graças áquelle Senhor, que naõ quiz as grandezas dos Reys pelo que valiaõ, ſenaõ pelo que ſignificavaõ. Porey aqui a carta em reſpoſta da de Sua Alteza, que era neſta fórma.

SE-

SENHOR.

„ PRoſtrados aos pés de V.A. eu, e todos eſtes Reli.
„ giosos beijamos a maõ a V. A. pela grande eſmó.
„ la, e mercê, que V. A. nos tem feito, álèm do Real
„ patrocinio, que em todas as occaſioens temos experi.
„ mentado; e em quanto me durar a vida, tal qual ſou,
„ pedirey a noſſo Senhor pague a V. A. eſta taõ grande
„ caridade, e piedade. Com tudo, como a Real gran.
„ deza de V. A. he mayor que a noſſa neceſſidade, e a
„ puriſſima obſervancia da noſſa pobreza Evangelica
„ conſiſte em naõ ter couſa certa, e em mendigar o ne.
„ ceſſario, foy reſoluçaõ de todo eſte Convento, ze.
„ lando a mayor perfeiçaõ, viver ſem Syndico, e ſem
„ ordinaria, nem eſmóla annual alguma, como nos pri.
„ meiros tempos de meu Padre S. Franciſco, que nos
„ deixou a mendiguez por morgado, e a divina Provi.
„ dencia por theſouro.

„ Eſta he a cauſa, porque, eſtimando ſummamente o
„ animo, com que V. A. nos honra, e nos faz mercê,
„ naõ acceitamos a eſmóla, que V. A. nos manda dar
„ com maõ taõ larga; porèm como dos tempos paſſa.
„ dos ficáraõ algumas dividas da veſtiaria, e outras ne.
„ ceſſidades do Convento, e de preſente he neceſſario
„ reparar a Igreja, que eſtá muy dãnificada, grande fa.
„ vor, e caridade ſerá, que V. A. ſe ſirva de mandar por
„ eſta vez ſómente ſe applique a Octavio Anſelmo, e ſe
„ pague a divida, e com o mais ſe repare a Igreja por
„ via de algum Almoxarife, ou Miniſtro de V. A. neſta
„ terra; por quanto daqui adiante naõ havemos de ter
„ Syndico, que naõ he neceſsario para os Conventos,
„ que naõ levaõ eſmóla por Miſsas, ſermoens, e Habitos,
„ e aſſim temos tençaõ de viver, (ſe Deos nos ajudar) e
„ quando tenhamos alguma neceſſidade grande, recorre.
„ mos ao Real animo de V. A. „ E eſ-

„ Eſtá taõ longe de eſquecer-ſe o noſſo agradecimen-
„ to da grande mercê, e eſmóla que V. A. nos faz, que
„ álèm dos treze Frades, que temos por officio rogar a
„ Deos por V. A. e offerecer por eſte intento noſſos po-
„ bres ſacrificios, toda eſta Cõmunidade faz todos os dias
„ particular commemoraçaõ a Deos por V. A., e em
„ todas as Miſſas, oraçoens, e exercicios tem V. A. a
„ mayor parte, como principal protector, e bemfeitor
„ noſſo, álèm das razoens commũas de noſſo Principe,
„ e Senhor, a quem, como taõ obrigados, deſejamos ſer
„ agradecidos. E eſpero na Bondade divina, que deſtes,
„ e tantos outros beneficios ha de V. A. receber o pre-
„ mio de Deos em todas aquellas felicidades da alma,
„ e da vida, que perpetuamente havemos de pedir, e
„ eſperamos alcançar de Sua Divina Mageſtade, que
„ guarde a V. A. por muitos felices annos. Varatojo 4
„ de Junho de 1680.

Inutil Vaſſallo, Capellaõ, e ſervo de V. A.

Fr. Antonio das Chagas

Diſto ſe fez tambem aſsento, e outro de que ſe naõ pediſse mais, que paõ amaſſado pelas portas, e ainda eſſe ſó o que foſse neceſsario; e que quando as neceſſidades foſsem muito urgentes, entaõ ſe recorreria aos bemfeitores, para que as remediaſsem.

Aſſim hia diſpondo o Veneravel Padre as couſas do novo Seminario, que aproveitando-ſe do primitivo fervor dos Religioſos, ficaſse caminho feito no exemplo para os vindouros, reforçando com Leys, e Eſtatutos aquellas meſmas reſoluçoens, que voluntariamente abraçavaõ os eſpiritos, fazendo por lançar a barra ao Non plus ultra da pobreza, e eſtreiteza da vida Evangelica, deixando atraz os exemplos da vaã Filoſofia, e pondo por diante

os que nos deixaraõ Macarios, Arſenios, Antonios, e Paulos nos deſertos, naõ tirando os olhos da vida de ſeu Padre S. Franciſco, que lhes era o eſpelho para reformarem o que com ella naõ dizia; o traslado para copiarem em ſi as virtudes, que nelle foraõ mais ſingulares, com tanta conſolaçaõ do Veneravel Padre, como elle encarece em huma carta neſta fórma: *Crea V. M.* (eſcreve o Veneravel Padre) *crea V. M. que ſem invençaõ lhe fallo, que paſſo com a mayor conſolaçaõ, que nunca tive; porque tenho mais clara a vontade de Deos, e naõ ha mayor conſolaçaõ, que eſta vontade divina.*

Mas para que ſoubeſſe por experiencia propria o que em outra carta para o ſeu Provincial aconſelhava, e era: *Ter por favo de mel na ponta da lança de Jonathas todo o goſto deſte mundo, pois á maneira de rio, quando chega ao mar, que he o ſeu fim, ſe lhe torna a doçura de ſuas agoas em amarguras*; e começou o Servo de Deos a ouvir quanto delle ſe murmurava por tirar hum Convento taõ bom, como Varatojo, á ſua Provincia, e com elle a obediencia, que profeſsava, ſem outra razaõ, mais que a em que ſe fundava de perpetuar as Miſsoens, que exercitava, ás quaes ſó podia dar duraçaõ á meſma Provincia concorrendo com os ſujeitos capazes de toda ella, como até entaõ fizera; o que naõ podia ſupprir hum ſó Convento por mais que lhe chamaſsem Seminario de Miſſionarios; porque eſtes mais ſe fazem, do que naſcem feitos. E naõ podia ſer, que acceitando trinta ſujeitos para Miſſionarios, que dizia, ſerem neceſsarios, trouxeſsem todos os requiſitos neceſsarios. Culpavaõ-no de ter ſolicitado o Breve do Summo Pontifice, empenhado a ElRey noſso Senhor, e Padre Geral neſte negocio; e naõ ſey ſe torciaõ a recta intençaõ, com que o Servo de Deos fallou neſta ſeparaçaõ. A tudo ſatisfarem os com ſuas meſmas palavras, tiradas de varias cartas ſuas a diverſas peſsoas, com quem ſe abria neſtas materias; e ſaõ as ſeguintes

„ De

„ De tudo o que se diz sobre a nossa separaçaõ, „ nenhum caso faço, nem se deve fazer; e só se deve „ muito considerar, que fim nos move, que serviços de „ Deos se fazem; e assim neste particular estou quieto, „ seja Deos bendito; porque naõ fiz o que fiz, porque „ me louvem, nem deixarey de o fazer, porque me vi- „ tuperaõ: e o que desejo he acertar com conselho „ de almas prudentes, doutas, e espirituaes, a que se „ faça o que he gloria, e honra de Deos, augmento da „ Religiaõ, e salvaçaõ das almas &c.

Em outra carta escrita de Varatojo em 12. de Agosto de 1681. diz assim: „ Tudo, o que dizem de mim „ sobre este ponto da separaçaõ, cuido que me faz pro- „ veito; porque acho, que me faz harmonia a huma paz „ suave, que nella sinto, e hum grande amor, que foy, „ e he dadiva de Deos, o qual tenho a elles sujeitos, os „ quaes em me conhecerem, e me despertarem a memo- „ ria do que se póde esperar de mim, tem para mim „ grande serventia. Naõ permitta Deos que elles pe- „ quem; e digaõ, e façaõ o que quizerem, que tudo he „ accender-me o amor. Queira Deos, que seja imitaçaõ „ nesta parte do meu Senhor S. Francisco de Sales, como „ V. M. diz, mas falta-me a materia; porque atégora „ naõ conheço perseguiçaõ exterior, nem cousa de que „ me possa sentir. Na verdade, que se naõ fora dar-lhe „ escandalo, eu lhe pudéra dizer muitas cousas de mim, „ que me fizessem a face mais vermelha, e o coraçaõ „ mais medroso; mas espero em Deos, que nunca esti- „ vesse azedo, se Deos me naõ desamparasse. Elles tem „ razaõ, porque se tem tirado da Provincia huma casa, e „ muitos Frades de prestimo, e de espirito, ainda que para „ bom fim. E que menos demonstraçoens pódem fazer „ que este sentimento? E com esta pena, que mais ho- „ nesta póde ser a queixa, que fallar nas minhas vaidades, „ e no nada, que em tudo sou, e fuy? O mesmo escur-

„ſo faço de mim ſem peccado, melhor o faraõ elles.
„Se eſte negocio he de Deos, elle o ha de conſervar;
„e ſe naõ he, eu peço a eſte Senhor, ſe naõ conſerve,
„ainda que eſte he o meu deſejo em tudo.

Em carta de 16. de Novembro do meſmo anno feita em o meſmo Convento, declara quem foy o mais empenhado neſta ſeparaçaõ, por eſtas palavras: „Quanto
„ao particular do que lá ſe diz de mim, pouco dizem,
„e pudéraõ dizer maiores males, ſe de mim ſe informa-
„raõ para eſte fim; porèm na materia de eſcrever a Sua
„Santidade naõ fallaraõ verdade, porque nunca tal me
„paſſou pelo ſentido. O caſo foy, que o noſſo Reve-
„rendiſſimo Padre Geral por ſeus dictames, e Eſtatu-
„tos apartou eſte Convento da Provincia, onde to-
„mey o Habito, para Collegio de Miſſionarios, e o
„confirmou por Sua Santidade, ficando ſujeito á obe-
„diencia do meſmo Geral, que foy o requerente deſte
„negocio. E naõ ha niſto outra novidade &c.

E porque a alguns deſtes murmuradores, e mal intencionados pareceo que o Veneravel Fr. Antonio fizera a ſeparaçaõ levado de alguma conveniencia, e commodidade propria, que em Varatojo lhe conſideravaõ; poremos aqui as palavras de huma ſua carta, que deſmentem eſta imaginaçaõ: „A mim, *diz*, me tem dado
„cuidado a tardança do papel, que eſpero, (*era Bulla da ſeparaçaõ*) „mas facilmente me accommodo niſto;
„porque pella parte da natureza menos vontade tenho
„de que iſto ſe faça, do que iſto ſe impida, ou naõ con-
„ſiga. O ninho, que deſejava para as minhas aves, naõ
„deſejava a natureza muito para ſi; que em andar fóra
„delle tem o ſeu exercicio, e ainda o que lhe parece
„merecimento. Mas he preciſo ou naõ ter os compa-
„nheiros, que ſe offerecem, ou ter para elles aquelle ni-
„nho. A iſto me leva o deſejo de fazer a Deos algum
„maior ſerviço &c. Neſte particular affirmava o ſervo
de

de Deos a Religioſas, que ſaõ de maior credito, que tinha huma notavel averſaõ ao ſitio de Varatojo; porque era o meſmo eſtar naquelle Convento, que apertar-ſe-lhe o coraçaõ, entriſtecer-ſe, e melancolizar-ſe de maneira, que para disfarçar eſta ſua triſteza era neceſſario violentar a natureza, e buſcar em Deos motivos de alegria, na razaõ conveniencias da vivenda; nenhumas para ſua peſſoa, todas para os Miſſionarios, e familia.

Falta por reſponder aos que diziaõ, que era tirar o fundamento da perſiſtencia das Miſſoens, ſeparando-ſe os Miſſionarios da Provincia; porque ſó eſta lhe podia dar a todo o tempo ſujeitos eſcolhidos, e ſobrecellentes, o que hum ſó Convento naõ daria; e faltando Miſſionarios, acabavaõ-ſe as Miſſoens, que era o fim, e perpetuava-ſe o meio, que era o Convento, em prejuizo da Provincia; porque ficava ſeparado.

Naõ podemos negar aos Prelados da ſanta Provincia dos Algarves o zelo da ſalvaçaõ das almas, e deſejos do ſerviço de Deos, que ſe fazem, e tem feito nas Miſſoens; pois elles as procuráraõ, elles as fomentáraõ, e ajudáraõ de maneira, que ſe elles naõ foraõ, nem o Veneravel Padre Fr. Antonio fora Prégador, pois o naõ queria ſer, nem fora a Caſtella aprender a miſſionar, nem houvera Miſsoens ſuas em Portugal, nem obrára nellas o que ſe tem dito, ſe os meſmos Prelados lhe naõ deraõ companheiros, e eſses muito a ſeu goſto, todas as vezes, que os pedio, e foraõ neceſsarios. Porèm naõ ſe póde tambem negar, que os Prelados nem ſempre ſaõ os meſmos; que deſejaõ acabar huns o que outros principiáraõ, empenhando-ſe em tornar ao nada a creaçaõ alheia, como ſe fora injuria ſua o que a ſeus anteceſſores gloria. E aſſim podia ſucceder nas Miſsoens da Provincia vivendo ainda Fr. Antonio, quanto mais ſendo morto. Pois neſtes termos ja naõ havia Capitaõ, que fizeſse ſoldados, nem Miſſionario, a quem ſe tiveſsem tantos reſpeitos,

e a meſma virtude deſcahe ſem arrimos, o meſmo zelo deſmaya ſem apoyos. Por outra parte a vida de Miſſionarios de ſi trabalhoſa, e nada amiga da natureza, ficando ſó nos impulſos da devoçaõ, naõ podia ter as permanencias da Regra, e profiſsaõ. Eſta permanencia era todo o empenho do Servo de Deos pelo muito, que lhe deſejava a gloria, que pela ſalvaçaõ das almas lhe accreſce accidentalmente, e que naõ quizera tiveſſe ſó a duraçaõ da ſua vida como vida daquelle, que álèm da morte o amava. Naõ era menos relevante a razaõ, que alguns tiveraõ por total deſta ſeparaçaõ; e vinha a ſer: que muitos, e grandes ſujeitos, que deſejavaõ largar o mundo, ſacrificando a Deos ſuas peſſoas, talentos, e letras, naõ queriaõ tomar o Habito de S. Franciſco na Provincia, ſenaõ em hum Convento, onde ſe conſideraſſe mayor aperto, e ſocego, e donde elles pudeſſem mais livremente ajudar as almas do proximo com o ſuor do ſeu roſto, buſcando a Deos no Habito, e deſculpa para com o mundo no rigor, e Inſtituto.

O que tudo viſto, e bem premeditado pelo Veneravel Padre, e alguns de ſeus primeiros companheiros, deſejando que da eſcada de Jacob feita de degráos de
Gen. 28. ſuas miſſoens, pelas quaes ſe viaõ ſubir ao Ceo tantos milhares de almas, naõ ſó ficaſſe memoria na pedra, ſenaõ conſiſtencia de eſcada ſempre poſta; procuráraõ Convento á parte da Provincia, e elle foy o de Varatojo; naõ porque foſſe mais do ſeu goſto, ſenaõ porque ficava mais a propoſito para o ſeu intento; ſempre porèm com intençaõ de o largarem á Provincia, tanto que a piedade Chriſtaã lhes offereceſſe outro em ſitio conveniente; e outro ficaria ſempre Varatojo por ter vivido nelle Fr. Antonio.

CA-

CAPITULO XIX.

Toma o Veneravel Padre por Protector de ſuas Miſſoens ao Archanjo S. Miguel: Motivos, que teve para iſſo: Continua-ſe o Itinerario de ſuas Miſſoens, e jornadas até vir do Algarve, e ſe tratar do Convento de Setuval.

PArecendo-lhe ao Veneravel Padre ſer conveniente ao progreſſo de ſuas Miſſoens ter na Curia Celeſtial junto ao Eterno Sacerdote, chamado por Deos Pontifice, hum Protector, que as amparaſſe, defendeſſe, e lhe alcançaſſe as graças neceſſarias para que ſeu zelo naõ paraſſe, ſeu fervor naõ esfriaſſe, e o bem das almas foſſe adiante; e naõ ſe deliberando no Santo, que ſeria, por naõ ſer facil na igualdade a eſcolha, conferio com ſeus companheiros eſte ponto. Cada hum votava ſegundo a ſua devoçaõ particular, dando o primeiro lugar ao Santo, a que tinha mais amor. Neſte empate de devoçoens eſtavaõ, quando certa peſſoa muito eſpiritual, e Religioſa lhe deo conta de huma repreſentaçaõ intellectual, ou viſaõ imaginaria, que paſſou deſta maneira.

Na noite do dia do Archanjo S. Miguel ſe lhe repreſentou muy vivamente eſte ſoberano Eſpirito, e junto delle huma tocha, que dava grande luz, pela qual entendera a doutrina do Veneravel Padre, e que S. Miguel o tomava á ſua conta, e debaixo de ſua protecçaõ. Feſtejou o Servo de Deos eſta ſignificaçaõ da vontade do glorioſo Archanjo, examinado bem o ſujeito, que áquella luz déra entendimento; e tomado por Protector eſte Cuſtodio univerſal das almas, lhe dedicou as Miſſoens; fazendo dalli em diante myſterio, de que nas mais das

Igrejas, em que prégava, lhe ficaſſe defronte do pulpito eſte ſoberano Eſpirito pintado, ou eſculpido. Digamo-lo com ſuas meſmas palavras em huma carta para a peſſoa, que lhe participára o que vira: „ Quaſi em todas as ter-„ras, eſpecialmente nas pequenas, em que tenho pré-„gado, foy couſa notavel, que ſempre me ficou em „ frente do pulpito o Senhor S. Miguel, ou em Capella „ propria, ou Imagem ſua; e naõ ſe póde crer o fructo, „ que ſe colhe de almas, e a deſtruiçaõ do Reino do de-„ monio, e o augmento no Imperio de noſſo Senhor Jeſus „ Chriſto. Bem parece, que elle vence o demonio; por-„ que a penitencia ferve, o Inferno treme, a gloria de „ Deos creſce: naõ ha mãos a fazer pazes: o que ſuccede „ nas confiſſoens he huma alegria. O Senhor ſeja louva-„ do. Só Fr. Antonio he cada vez peyor.

Continuou áquella alma a apparencia da meſma luz, em quanto durou a vida do Veneravel Padre, a quem dava conta do mais, ou menos de luz, que ſe lhe repreſentava. E elle lhe eſcrevia: *Atice lá eſſa luz, que ſaõ murroens de Fr. Antonio.* Succedeo, que encomendando eſta meſma Religioſa, e grande ſerva de Deos a elle o Veneravel Fr. Antonio quatro ſemanas antes de Deos o levar, naõ teve já repreſentaçaõ alguma da luz coſtumada, como ſinal de que a de Fr. Antonio ſe apagava. Naõ qualificamos eſta viſaõ por milagroſa, nem a referimos com mais certeza, que a da fé humana; e ſe lhe chamamos viſaõ, he pelos viſos de luz Divina, com que o Servo de Deos allumiava as almas, quando as tirava das trevas de ſuas culpas. Ou era luz da tocha, que elle em certa occaſiaõ diſſe tinha na lingua, que lhe dava luz para dentro, e para fóra. Mas ou foſſe eſte, ou outro o motivo, o certo he, que o Archanjo S. Miguel foy eleito em Protector das Miſſoens no ſeu principio, e depois do Seminario.

Baſtara por motivo pintarem a eſte Eſpirito ſobera-

no

no com balanças pezando almas, e a que nellas mais peza, he a reproba, a que menos, a predeſtinada: peza menos a predeſtinada, porque as obras bõas, porque ella ſe ſalva, ſaõ nada nos olhos de Deos ſem a ſua graça: pezaõ mais os peccados da reproba, porque neſtes ſó entra o que he noſſo, e todo o humano he pezado, e tem a inclinaçaõ para baixo. Goſtava Fr. Antonio de ſe pôr naquella balança; nella ſe pezava cada dia, e cada hora, achando ſempre que a ſua alma tinha o pezo do peccado, que o levava ao Inferno; e que todas as mais almas eſtavaõ menos carregadas de culpas, e por iſſo na balança das predeſtinadas. Aſſim eſcrevia: „ Neſtas Miſſoens naõ „ acho que haja nada máo mais que eu. Acabey a Miſſaõ „ da Guarda com grande dita: ſeja o Senhor louvado, „ que de taõ baixos inſtrumentos lança maõ para eſtu„ pendos beneficios de ſua miſericordia infinita. Na ver„ dade affirmo a V. P. que o maior milagre de Deos neſ„ tas Miſſoens he naõ me ter deitado no Inferno, que „ aſſim o merecem meus peccados; mas ſem duvida, „ que, para que todos confiem em ſua infinita miſericor„ dia, eſpera pela emenda de minha culpa, e põem dian„ te de todos eſte exemplo de ſua bondade immenſa. „ Repita-me V. P. muitas vezes, que ſou ſoberbo, e que „ ſerey maldito, e condenado ao Inferno, ſe Deos naõ „ tiver miſericordia de mim. Conheço que ſou vaõ, „ ſoberbo, deſobediente, preſumido, ingrato, vazio, „ terrivel, e muito mais ainda, que nenhuma outra „ couſa mereço mais que o Inferno, e que naõ ſou digno „ dos auxilios de Deos, que em vaõ recebo. O Conde „ de Sarzedas he hum Anjo, e ſua caſa me parece toda „ de Deos. Naõ ſey ſe eſte meu contentamento ſerá luz „ de raio, que deſça para o Inferno.

Outras vezes ſe punha no puro natural ſem a graça divina, e ſe conſiderava o nada, que ſem ella era, eſcrevendo neſta forma: „ Sua Mageſtade, que Deos guarde, co-

„ mo

„ mo taõ grande Principe, faz por ſe parecer com Deos „ en hazer algo de nada: mas o nada ſó Deos o póde „ chegar a ſer. Dou a V. S. as graças da caridade, com „ que ſe lembra deſta pobre alma, que naõ tem de ſeu „ mais, que ſuas culpas, ſem ter nada da graça; nada „ do que importa; nada do que aproveita. Em bons de- „ ſejos ſe me vay tudo: nada he o que obro, porque o „ mais, que faço, he nada. Naõ ſeja cauſa de V. S. me „ faltar com ſuas oraçoens conſiderar o pouco, que va- „ lem as minhas, e o nada que eu valho, e ſou. Affirmo „ a V. S. que ainda agora naõ ſey tirar-me do nada, que „ ſou. Como o nada nada póde, nada vale, e para nada „ preſta, confeſſo o que ſou, pedindo a V. S. perdaõ „ de naõ poder vencer-me para aquellas regras, até que „ Deos faça alguma couſa do nada. „ Sim fez Deos deſte nada alguma couſa, porque o fez luminaria grande de ſua Igreja, Evangeliſta da ſua doutrina, Elias do ſeu zelo, Prégador muito do ſeu goſto, e agrado, Ceſar merecedor de tudo, por ſe reputar Balthazar na balança do conhecimento proprio. Dan. 5.27.

E já he tempo de continuar o Itinerario, cujo fio cortamos no Capitulo 16. deſta Hiſtoria, e torna a pegar referindo o que ſe ſegue: Dando principio o Veneravel Padre á obſervancia dos novos Eſtatutos em Varatojo, ſe deteve alguns dias naquelle Convento, e tornou a eſte da Madre de Deos na quarta Dominga da Quareſma. Confeſſou a Communidade até veſpera de Ramos; prégou a ſegunda feira da Semana Santa na Capella Real, e o Mandato na Sé, e outros ſermoens em Xabregas depois de Paſcoa, e tambem em algumas Freguezias. Reſtituio-ſe outra vez a Varatojo: e paſſados alli alguns dias, ſahio em Miſſaõ, que lhe levou até o fim de Julho: e recolhendo-ſe pela Porciuncula ao Convento, teve nelle o mez de Agoſto, e no primeiro de Setembro tornou a eſta Corte de caminho já para a Miſſaõ do Algarve. De-

te-

teve-se em Setuval até a festa de nosso Padre S. Francisco, obrando maravilhosos effeitos com seus sermoens; nada menos depois de chegar ao Algarve, em cujos Povos, por mais necessitados do paõ da doutrina, foy mais festival a sua abundancia, tomando o Veneravel Padre muito á sua conta naõ lhe ficar lugar, com que naõ repartisse deste paõ espiritual. Voltando desta Missaõ chegou a esta Casa em 14 de Mayo de 1681 vespera de Ascensaõ do Senhor, dando o seu dia ao Convento de Xabregas, como dava todas as vezes, que assistia na Corte em tal dia, para elle de summa devoçaõ, e acçaõ de graças por sua entrada na Religiaõ. De Xabregas se foy para o Hospicio, onde o apertaraõ as vertigens, que ja trazia do Algarve, e queixoso dellas passou a Setuval por hum negocio, que se offereceo do serviço de Deos, e voltou com alguma melhoria. Em dous de Junho veyo confessar esta Communidade, mas naõ pode continuar as confissoens, por lhe dar aos quatro hum grande accidente, de que se cuidou que morria. E levado para o Hospicio, achou nelle o seu Guardiaõ de Varatojo, o qual sabendo de seu mal lhe vinha assistir, e consultados os Medicos, lhe mandou abrir fontes, e fazer outros remedios, que pareceraõ concernentes. Em 16 do mesmo mez se veio aqui despedir bem enfermo; e com ser o seu mal capital esteve todo o dia confessando as Religiosas. A 17 se pôs a caminho de Varajo, e lá lhe foy crescendo o mal, desorte que a penas teve dia de allivio; e em querendo ter alguma applicaçaõ de ler, ou escrever, ou qualquer outro exercicio exterior, ficava morrendo.

Dezasette mezes e meyo, que teve desta mortal enfermidade, naõ pode fazer mais sermaõ, que hum de Santo Agostinho no seu Convento de Torres Vedras, em que se notáraõ as prodigiosas circunstancias, que ja ficaõ apontadas no Capitulo 9. desta Historia. Agumen-

tá-

táraõ-ſe as queixas naquelle Inverno por ſer Varatojo muy humido. Aconſelháraõ-lhe os Medicos, que mudaſſe de ſitio, e Sua Mageſtade ordenou ao Guardiaõ, que o fizeſſe mudar para o Hoſpicio da Corte. Obedeceo a eſte imperio, e áquelle conſelho, e chegou ao Hoſpicio em dous de Fevereiro de 1682. Nelle cobrou algum alento com as medicinas, que ſe lhe fizeraõ; e como naõ queria ſaude para a ter ocioſa, veio a eſte Convento em dia de S. Joſeph; e eſteve alguns mais aproveitando-os em practicas eſpirituaes, e ouvir as Religioſas em materias de ſuas conſciencias. Nos ultimos de Março tornou para Varatojo a aſſiſtir ao Padre Fr. Paulo de Santa Catharina, primeiro Viſitador daquelle Seminario. Paſſou-ſe para eſta Corte no ultimo de Abril para diſpor algumas couſas pertencentes ao novo Seminario. E poſto que com repetiçoens do ſeu achaque, aſſiſtia no Loreto ouvindo de confiſſaõ a muitas peſſoas, que no ſeu conſelho fundavaõ as mayores reſoluçoens de ſe apartar dos vicios, e tirar de máos eſtados. Veſpera da Aſcenſaõ veyo a eſta Caſa para ter o dia em Xabregas; e nos ultimos de Mayo paſſou a Setuval a fundar o novo Seminario, que alli ſe faz, e nós no ſeguinte Capitulo daremos a razaõ de ſe fazer

CA-

CAPITULO XX.

Razoens, que movéraõ ao Veneravel Fr. Antonio para acceitar, e tratar da nova fundaçaõ de Setuval. Deita-lhe o Illuſtriſſimo Arcebiſpo de Lisbõa a primeira pedra, com outras glorias deſte dia.

INdo o Veneravel Padre já na derrota da Miſſaõ do Algarve, como ſe diſſe, e achando de caminho bõa diſpoſiçaõ nos moradores de Setuval para ouvirem a palavra de Deos, e conreſponderem a ſuas inſpiraçoens, ſe deteve naquella Villa fazendo varios ſermoens com o fructo, que elle inſinúa por huma ſua carta, que nos eſcuſa de outra eſcritura. Diz pois aſſim: „ Seja Deos „ bendito, que ſe tem acabado a Miſſaõ, mas naõ as pe„ nitencias, deſenganos, e maravilhas de Deos, que „ aqui obra cada dia; e anda eſte Povo tal, que elle a ſi „ ſe naõ conhece, eſtando ha poucos tempos ſubmergido „ em hum mar de vicios, e entregue a Comedias, e ou„ tras temporalidades, com quem foy a minha primeira „ guerra, até que Deos as botou fóra. Naõ ha quem „ já tenha horror ás couſas de Deos: grandes, e pe„ quenos vaõ á oraçaõ, e ſe andaõ arraſtando publica„ mente pelas Vias ſacras. Os Prelados, e os mais Sa„ cerdotes, e gente principal ſaõ as guias. Cuſtoume „ muito no principio pôr huma caſa de oraçaõ na Mi„ ſericordia, onde eſtou: já naõ ſaõ menos de cinco „ neſta terra, e naõ cabe a gente nellas. Inſtituhi huma „ devoçaõ, chamada Eſcola de Chriſto, com obriga„ çaõ de toda a peſſoa ter meia hora de oraçaõ mental, „ e as mulheres em ſuas caſas todos os dias o Terço de „ noſſa Senhora, e Acto de contriçaõ, e outras cou-

„ las

„ſas, ſem encargo de culpas, ou gaſto. E he para lou-
„var a Deos, ver que naõ ha em nenhuma eſfera quem
„naõ abrace iſto. Digo-lho, para que louve a Deos,
„cuja he a obra; e ſaiba que vou muito contente deſta
„Miſſaõ, ainda que o diabo ſe ficou com algum dizi-
„mo. Daqui naſceo na terra tanta inclinaçaõ, e amor,
„que querem que eu faca aqui o Convento, e que en-
„tregue Varatojo á Provincia, e ſe offerecem todos; e
„aſſaz conveniencias havia aqui mais, que alli, por fi-
„carem mais capazes os Miſſionarios de ſe repartirem
„por todo o Reino, e em Povo, onde pódem fazer mais
„fructo. Emfim, ſe Deos me trouxer, fallaremos niſto.
„V. M. me mande dizer o que lhe parece ſobre eſta
„fundaçaõ de Setuval, que a mim me parece melhor,
„que em outras partes, por ſer ſitio retirado, em hum
„Povo grande junto da Corte, com porto de mar,
„donde para o Algarve, Porto, e Minho pódem ir
„os Miſſionarios com grande commodidade; e no co-
„raçaõ do Reino, por onde mais ſuavemente, que de
„Torres Vedras, nos podemos repartir; e o principal,
„porque ſe reſtitua Varatojo á Provincia, e eſta fi-
„que ſem queixa, a duraçaõ dos Miſſionarios ſem du-
„vida, as Miſſoens com melhor conveniencia, o Rei-
„no com alguma eſpiritual utilidade &c.

Eſtas razoens, e conveniencias eſpirituaes, e tempo-
raes, mas em ordem ás eſpirituaes, fizeraõ dar o ſim de
acceitaçaõ aos moradores de Setuval; os quaes entre to-
dos os deſte Reino ſe pódem gloriar deſte ſeu generoſo
offerecimento, e de darem morada de aſſento, ou pouſa-
da eſtavel a Chriſto, na que deraõ a ſeu peregrino Fr.
Antonio, ſendo certo, que recebe a Chriſto, quem rece-
be a hum Miſſionario Apoſtolico; pois naõ eſtá menos
no ſeu Miſſionario, que recebemos, do que eſtá no ſeu
pobre, que veſtimos; antes eſtá no Miſſionario Franciſ-
cano por ambos os titulos. E poſto que a alguem pare-

ceſ-

ceſſe leviandade em Fr. Antonio mudar taõ depreſſa de Seminario, a elle ſe lhe dava pouco de parecer inconſtante, com tanto que o ſerviço de Deos permaneceſſe. Que nem David na mudança da Arca de caſa de Abinadab para a ſua Cidade, teve de ver que a Micol parecesſem indecoroſas leviandades os ſeus bailes; porque na Arca feſtejava a Deos, que ſe naõ muda; mas quer a noſſa mudança para o que he ſua maior gloria. E neſta materia eſcrevia reſoluto a hum ſeu amigõ neſta fórma: „ A mudança de Varatojo ha ſe de fazer, ſe hou„ ver conhecida melhoria, e ſegurança. Naõ ſe me dá „ de que iſto pareça leviandade, aſſegurando-ſe a du„ raçaõ, que he o meu ponto, e tirando-ſe a eſpinha da „ Provincia, que he o meu deſejo. 2. Reg. 6.

Conhecida pois a melhoria do ſitio, e lugar para a fundaçaõ de Seminario, pelas vantajens, que evidentemente levava a Varatojo (empenho igual da Provincia, e de Fr. Antonio; deſte para o largar, da Provincia para o reunir) em hum ſabbado, que ſe contavaõ 27. do mez de Junho de 1682. ſe deitou a primeira pedra na Igreja de noſſa Senhora dos Anjos para o novo Convento, que em Setuval ſe principiava para Fr. Antonio, e ſeus companheiros Apoſtolicos Miſſionarios. Era quadrada a pedra, e de marmore branco. Liaõ-ſe nella gravadas de huma das partes as letras ſeguintes: *Fundamentum enim aliud nemo poteſt ponere præter id, quod poſitum eſt, quod eſt Chriſtus Jeſus*, e ſaõ do Apoſtolo S. Paulo na ſua primeira Epiſtola aos Corinthios no Capit. 3. numer. 11. Querem dizer: Ninguem póde pôr outro fundamento de mais do que eſtá poſto, que he Chriſto Jeſus. De outra parte lhe correſpondia a ſeguinte inſcripçaõ para perpetua memoria: *Eſta pedra, que por fundamento ſe deita neſte Convento para Miſſionarios Apoſtolicos, foy lançada neſte edificio, e Igreja de noſſa Senhora dos Anjos*

em

em 27. de Junho de 1682. sendo Summo Pontifice da Igreja o Papa Innocencio Undecimo: Arcebispo de Lisboa o Illustrissimo Senhor D. Luis de Sousa, do Conselho de Estado, e Capellaõ Mór de Sua Alteza o Sereníssimo Principe Dom Pedro. Chegaraõ esta pedra fundamental carregada a hombros em hum andor os Prelados das Religioens, que ha em Setuval, e eraõ: o Guardiaõ de S. Francisco, o Prior de S. Domingos, o Reitor da Companhia de Jesus, o Prior dos Carmelitas, Descalços, o Prior dos Calçados, o Reitor dos Trinos, o dos Paulistas, e Guardiaõ dos Arrabidos.

Deo-a á terra o Illustrissimo Arcebispo, e com ella o desengano de que naõ faziaõ os Missionarios mudança para aquella Villa com fundamento de tirar outros interesses della, que os da salvaçaõ das almas, pois naquelles alicerses deixavaõ as moedas; e tirando da bolsa arrojou de todas as que corriaõ neste Reino, es-
Matth. 13. condendo hum thesouro naquelle campo para ser tantas vezes achado, quantas para comprar o Ceo forem os Fieis áquelle Convento, sendo S. Illustrissima o primeiro comprador Evangelico por cem moedas, que logo deo de esmóla para a obra. Isto he comprar por muito ouro o pasto de suas ovelhas, e naõ pelo vêlo de ouro tomá-las ás costas. Disse Missa no mesmo dia, e sitio o Senhor Arcebispo: prégou o Padre Diogo Lobo da Companhia de Jesus sobre o thema, que lhe deo Isaias no Capitulo 28. deixando aos ouvintes neste numero pela subtileza do seu engenho, pela felicidade do seu estylo. Foy grande o concurso de toda a sorte de gente: Clero, Nobreza, e Povo mostráraõ neste dia quanto Fr. Antonio tinha unido aquelles tres Estados, d'antes desavindos em pleitos, differentes em animos, ateados em odios: ajudavaõ os homens a encher os alicerses, e para o mesmo effeito debaixo dos mantos traziaõ pedras as mulheres. Tanto de pedra, e cal

e cal queriaõ todos que ficaſſe naquella terra a reſoluçaõ de Frey Antonio ſe mudar para ella.

Duas circunſtancias ainda fizeraõ mais alegre, e plauſivel eſte dia. Foy a primeira, derogar o Senhor Arcebiſpo o Edictal, que tinha mandado paſſar, e publicar naquella Villa, pelo qual prohibia a todo o Clerigo do Habito de S. Pedro qualquer ſerventia em Igrejas da Ordem por couſas, que para iſſo teve, e occaſiaõ, que daõ os Freires muitas vezes. E como todas as Igrejas ſaõ da Ordem de Sant-Iago, e eraõ muitos os Clerigos, que para ſi, e ſuas familias tinhaõ o ſuſtento naquellas ſerventias, era tambem muito geral o ſentimento, que abrangia a muita parte do Povo intereſſado naquelles emolumentos dos Clerigos; e naõ menos a demais gente pela deſconſolaçaõ, que ſentia em que nos dias de feſta naõ houveſſe nas Igrejas Miſſa cantada por falta de Sacerdotes, que foſſem ao Altar, e cantaſſem no Coro. Intercedeo o Veneravel Padre Fr. Antonio: compadeceo-ſe o Senhor Arcebiſpo, e deo de comer a muita gente com ordenar ao Clero, que ſerviſſe como d'antes nas Igrejas Militares. Se alguma hora foy louvavel aquelle dito de hum Gentio: O que eſcrevi eſcrevi: eterna mente ſe louvará no Illuſtriſſimo Arcebiſpo naõ eſtar pelo que havia eſcrito, e fazer o goſto da fundaçaõ duplicado, vendo o Povo da interceſſaõ do Veneravel Fr. Antonio taõ bom principio. Joan. 19. 21.

Foy a ſegunda circunſtancia, que tendo Franciſco Pereira (era o Senhor da quinta, em que o Convento ſe edificava) caſado huma ſua eſcrava com o caſeiro, e por dote feita eſta promeſſa: Que vendendo-ſe a quinta, pela meſma eſcritura de venda, que ſe fizeſſe, dava deſde logo á tal eſcrava, e ſeus filhos liberdade; a alcançáraõ no meſmo dia, que ſe tomou a poſſe, ſendo eſtes os primeiros paineis, que ſe viraõ na Igreja de noſſa Senhora dos Anjos: mercê, que Deos lhes fizera em

os livrar do cativeiro por meio da venda, que a todos cativa. Preſagios bem advertidos de haver Deos de livrar de tanto maiores cativeiros, quanto maiores ſaõ os dos vicios, por intervençaõ de Fr. Antonio, e ſeus companheiros.

Demorou-ſe o Veneravel Padre em Setuval os dias, que lhe foraõ neceſſarios para diſpôr o que mais convinha á nova fundaçaõ, prégando muitas vezes nos meſmos dias, e buſcando o Reino dos Ceos do pulpito, para Deos lhe dar quanto houveſſe miſter para a obra ſe continuar; e paſſando a Alcacere, e Palmella, achou naquelles Povos igual affecto, e igual contentamento ao de Setuval, por terem em ſeus arredores hum Convento, em que eſtavaõ poſtas as eſperanças de tantos milhares de almas; humas para eſcaparem das ondas, outras para ſe ſaberem haver nas bonanças, e todas para em Fr. Antonio terem Piloto, Meſtre, e Guia de ſuas conſciencias, allivio nas penas, conſolaçaõ nas queixas, direcçaõ nas obras, zelador das ſuas honras, honrador de ſuas peſſoas, paz em ſuas paixoens, e guerras, ajuſte em ſuas deſavenças, e finalmente hum lucro de todos para Chriſto, fazendo-ſe todo com todos o imitador de Paulo Fr. Antonio.

Luc. 12. 31.

1. Cor. 9.

Naõ deixarey de eſcrever aqui por lance da divina Providencia, e como approvaçaõ do muito que contentava ao Ceo eſta nova fundaçaõ, o que ſe naõ póde crer ſem admiraçaõ: Que comprando-ſe hum monte por quatorze mil reis ſó para ſe arrazar, para que ficaſſe o ſitio do Convento mais deſaffogado, lhe tem dado as ſuas ruinas toda quanta pedra, e arêa ſe tem gaſto atégora na obra; e ha quem ſuba a valor de dez mil cruzados a ſua importancia. Quando Deos ajuda, o mar dá a cal, os montes as arêas, e os ventos as madeiras neceſſarias para as obras. Coſtuma o vento fazer das arêas montes, e Deos dos montes arêas, naõ para con-

contar deſcendencias, como pelas do mar conta, ſenaõ para moſtrar agrado do que ſe obra pelos miudos de ſua Omnipotencia. Gen. 32. 12.

Em 17 de Julho tornou o Veneravel Padre para eſta Corte, e veyo ao Convento da Madre de Deos no primeiro de Agoſto confeſſar as Religioſas; e eſtando praticando na grade do Coro, lhe deo aquella grande vertigem, de que ao diante ſe fará menção. Em 17. do meſmo ſe recolheo a Varatojo, e partio para as Caldas continuando os banhos até dezaſeis de Setembro; no qual dia lhe ſobreveio hum terrivel accidente, que chamou outros achaques, e finalmente a morte em vinte de Outubro dia da glorioſa Santa Eyria do anno de 1682. pelas ſeis horas da manhãa, horas de naſcer o Sol; porque naſcia para o Ceo, quando ſe punha eſte Sol na terra. Aqui acaba o Itinerario das Religioſas da Madre de Deos, que ategora ſeguimos para computar os tempos; e agora commentaremos; pois naõ fora juſto, que dos feitos deſte Ceſar Franciſcano deixaſſem de ficar Commentarios, como ficáraõ do Romano para memoria de ſuas obras, glorias, e triunfos.

CAPITULO XXI.

Pratîca o Veneravel Padre ſua meſma doutrina na doença: Pondera-ſe a ſua conformidade com a vontade de Deos, e outras virtudes, que aperfeiçoou nas enfermidades.

Ditames, e Apophthegmas foraõ ſempre deſte Servo de Deos: „ Naõ haver felicidade neſte mundo, „ como coroar os annos deſte deſterro com hum fim di- „ toſo. Que as medicinas tambem podiaõ ſer penitencias, „ e que curar-ſe a alma, com o que ſe cura o corpo, naõ „ era pequena deſtreza, nem pouca dita. Que hum: Lou- „ vado ſeja Deos, no meyo das afflicçoens valia mais, que „ mil vezes: Bendito ſeja Deos, no meyo das conſola- „ çoens. Que dava Deos azas nas penas: que nas en- „ fermidades ſe achava mais depreſſa a perfeiçaõ, que „ na ſaude; porque era maior couſa acompanhar a Deos „ na Cruz, que meditar nella. E que a cama ſervia de „ Cruz, onde a paciencia dava azas, a conformidade „ voos, poſto que naõ houveſſe alguma outra oraçaõ „ mais, que huma entrega reſignada na vontade de Deos, „ que nos deixou modos, e facilitou meios para nos unir „ comſigo, tendo os ſeus maiores deleites em viver com- „ noſco, principalmente nas afflicçoens, que ſaõ o leito, „ onde dorme, e as flores, em que deſcança. Que ſe podia „ fazer, naõ ſómente Cella, mas Coro da enfermaria; por- „ que nella deitados podiamos louvar a Deos, proſtrados „ na enfermidade, e na cama o podiamos ſervir, pois naõ „ ſe agrada Deos tanto da diſpoſiçaõ do corpo, como da „ reſignaçaõ do eſpirito. Que tinhamos eſte bem na vida, „ que de tudo podiamos fazer moeda para comprar o „ Ceo, pois os ſaõs a faziaõ da ſaude, empregando-ſe

„ em

„ em penitencias, com que seguiaõ a vida de Christo Se-
„ nhor nosso: os enfermos a faziaõ da enfermidade,
„ convertendo em paciencia todas as penas; e estas, ain-
„ da que formassem cruzes, tambem faziaõ, e serviaõ de
„ azas para voar tanto mais, quanto mais se davaõ a sen-
„ tir. Que naõ havia outro verdadeiro mal mais que of-
„ fender a Deos, e ser condenado ao Inferno.

Sobre estes seus dictames, e maximas assentavaõ bem as suas acçoens, e conformidades nas doenças, e achaques; e porque debuxava com a penna, o que a sua boca doutrinava, por cartas suas constará o que neste particular podiamos affirmar. Em huma diz estas palavras: „ Era-me necessario este mal, e outros, assim como nas „ pinturas saõ necessarias sombras, e naõ só cores ale-„ gres: nestas se alegra a natureza, nas outras a graça; e „ ainda que esta pintura seja monstro, faltavaõ sombras „ á pintura. *Em outra a hum Religioso*: „ Dê Vossa Pa-„ ternidade muitas graças a Deos pelos meus males, por-„ que nelles descubro maiores misericordias suas, que „ nos meus bens. *A huma Religiosa*: „ Que todos estes „ dias tenho vertigens, e em lendo, ou escrevendo, por „ pouco que seja, me faz grande damno; e assim passo „ fazendo vida de estatua. Seja Deos bendito, que me „ soffre, e favorece até quando parece me castiga. Ha „ muito tempo, que naõ digo Missa, e apenas me sinto „ capaz de a ouvir. Seja Deos bendito por tudo: elle „ nos dê sua graça, porque com esta naõ só este mal, mas „ o Inferno he Paraiso. Peça-lhe V. M. me dê aquella „ alegre paciencia, e amorosa conformidade, que hey „ mister. V. M. naõ se entristeça senaõ de minhas cul-„ pas. Louve a Deos por tudo: faça por se alegrar con-„ siderando que hey de morrer, e que os dias da vida „ de cada hum tem termo prescrito diante de Deos: qui-„ zera eu viver bem, que viver muito a muitos ruins foy „ concedido: *Para hum amigo*.„ Hontem tive hũa gran-

„ de vertigem, e com os remedios me achey peyor; „ porque me creſceraõ os eſvaecimentos, e tudo me he „ neceſſario para conhecer a minha miſeria, e a grande „ miſericordia, que Deos tem de mim, pois me dá tem- „ po, e aviſos baſtantes para a minha emenda; e aſſim „ cada vertigem me parece hum auxilio, que naõ ſey „ merecer, nem agradecer a Deos. Faça-o V. M. por „ mim, e a todos os que vir eſpirituaes peça, que pelos „ meus males dem graças a Deos, que nelles me enſina; „ que ſó o eterno bem devemos deſejar: *Para hum Religioſo.* „ Saõ tantas as dores, que padeço, que as ſente „ tambem a cabeça; ainda aſſim melhor he dores, que „ flatos da cabeça, mas faça-ſe a vontade de Deos, que he „ o travelleiro, em que deſcanço; e ſeja elle bendito. Já „ me deſinquieta pouco ter, ou naõ ter eſtes ma- „ les; viver mais, ou viver menos, preſtar, ou naõ preſ- „ tar para ſervir ao Altiſſimo, e ao meu proximo. Con- „ vem que eu naõ queira mais de mim, que aquillo que „ de mim quer Sua Divina Mageſtade: *Para hum amigo.* „ Eſtes dias paſſey ſem vertigem, e hoje me ſinto com „ grande deſaffogo, ſeja Deos bendito. Daquella amoro- „ ſa, e piedoſa maõ de Deos igualmente haviamos de eſ- „ timar tudo, o que nos vem; porque tudo he bem; e „ taõ doce he o bem, como o mal: ſe pômos os olhos „ naquella eterna vontade, que ja deſde entaõ diſpôs para „ nollo bem, e aproveitamento até o que nos parece „ damno: ſeja Deos por tudo bendito, e aſſim ſe faça em „ nós todos o que elle tem ordenado deſde a eternidade. *Para outro amigo*: „ Hoje tive huma grande vertigem: „ ſeja o Senhor bendito, que todos eſtes deſpertadores „ me manda, para que mais vezes me lembre delle; e deſ- „ ta cinza vivente, que cada hora póde cahir, naõ he eſta „ cruz pezada; a de meus peccados he ſó a que naõ pó- „ de ſer leve.

Aſſim nas maximas, como nas cartas vemos a Fr. An-

to-

tonio retratado: ſe naõ he que o retrataõ as maximas, e Deos o retoca nas cartas a tempo, que lhe dava huma maõ de penas. E poſto que a eſte ſeu retrato chame de monſtro o Veneravel Padre por ſua humildade; monſtruoſidade ſoy o exemplo de virtudes, que acamáraõ as ſuas enfermidades. Couſa monſturoſa foy a paciencia nas dores, a obediencia aos medicos, a indifferença nas curas, a mortificaçaõ nos remedios, a igualdade de animo nas peyoras, e melhoras, o ſocego de eſpirito, a paz da alma, o deſapego do mundo, a honeſtidade do ſeu corpo, o ſentido nos ſeus ſentidos, o poder, que, na mayor fraqueza do corpo, moſtrou que tinha ſobre as potencias de ſua alma, e para fazer traveſſeiro da vontade Divina, ouvindo-ſe a cada paſſo da ſua boca: *Em quanto dura a vida, dure a penitencia. Se recebemos de Deos os bens, os males porque os naõ receberemos?*

Nos primeiros tempos da ſua enfermidade dava alguns ays por deſaffogo da ſua pena, e allivio das dores que padecia; mas parecendo-lhe menos perfeiçaõ eſtes ays do ſentimento natural, e que arguiaõ menos goſto no padecer aquella queixa no ſentir; ſacrificou a Deos, aſſim as dores, como as ſuas vozes. Em tanto, que para ſe ſaber ao depois a parte, em que a dor era mais Intenſa para ſe lhe applicar a medicina, foy neceſſario que lhe ordenaſſem rompeſſe o ſilencio, e pela queixa déſſe a conhecer a parte mais offendida do ſeu mal. Queixava-ſe depois deſta obediencia por parte da natureza; mas com advertencia ao companheiro, que lhe aſſiſtia, que cada queixa ſua adoçaſſe com a lembrança do muito, que Chriſto padecera neſte mundo. E deſta maneira tinha ſatisfaçaõ na ſua queixa: e com a Payxaõ de Chriſto na memoria ſe eſquecia de quanto padecia naquella cama: *Se houvera*, dizia, *melhor couſa neſte mundo, que o padecer, Deos o déra a ſeu Filho mais amado: mas como naõ havia couſa melhor, deo-lhe as Cruzes por morgado*

Alguns dias antes, que o Senhor o levaſſe para ſi, pedio ao Padre Guardiaõ lhe mandaſſe dar o Santiſſimo Sacramento por modo de Viatico. Recebeo-o com ſumma devoçaõ; e poſto que a fraqueza era grande, ſe pôs de joelhos ſobre a cama, fiando daquelle paõ de fortes a ſua manutenencia. Preparara-ſe elle para o Sacramento com huma larga confiſſaõ de toda a ſua vida; e eſſa muitas vezes repetida, porque ſe naõ contentava com ter a conſciencia limpa, ſenaõ muito purificada; as ſuas culpas perdoadas, ſenaõ de todo apagadas; os ſeus peccados remittidos, mas que lhe naõ foſſem imputados. Convertia em lagrimas todas as memorias das culpas paſſadas, repetia os arrependimentos, que ſe achaõ com facilidade, onde para a emenda vivem firmes os propoſitos. Tomado o Santo Viatico, e tendo dado graças ao Senhor por taõ grande beneficio, pedio perdaõ a todos o Religioſos de qualquer eſcandalo, que delle tiveſſem até aquella hora, em que eſtava, de pagar o commum tributo á natureza. Ja ſe vio em outra hora de pagar tributo dar-ſe nome de eſcandalo ao exemplo. Foy a reſpoſta de todos aquelles Eliſeos dobrarem o nome de pay com muitas lagrimas pela auſencia para o Ceo do ſeu Elias; e ſuppeditando ſuas vozes os ſoluços, mal ſe ouviaõ humas meyas palavras, que ſem fazerem ſentido denotavaõ o mayor ſentimento, conſoantes do ſeu deſamparo, vogaes do ſeu encarecimento. Naõ he grande a pena, que deixa ſer verboza a lingua: a dor de reſpeito põem a lingua em ſilencio. Sette palavras ſe contaõ de Chriſto na ſua Cruz; ſe foraõ mais as palavras, póde ſer que menor fora a terribilidade de ſuas penas

CA-

CAPITULO XXII.

Continua ſem eſperanças de vida a doença, e o exemplo de Fr. Antonio nas diſpoſiçoens para morrer: danos na morte que deſejar.

AQuelle meſmo Prégador Apoſtolico, aquelle meſmo Miſſionario Evangelico, a quem tantas vezes ouvimos dizer do pulpito, que era a noſſa vida flor de feno, que depreſſa cahe, empola de agoa, que ſe ergue, eſcuma do mar, que corre; a eſſe meſmo temos de deſcrever neſte Capitulo, quaes elle nos dava a conhecer do pulpito: flor do feno ja proſtrada em huma cama para ſer comida da terra: empola de agoa, que ſe vay desfazendo, depois de chegar ao ſeu augmento: eſcuma do mar tornada ao que dantes era, corrido o curſo, a que ſeu ſer chegava. E ſe tambem nos dizia, que o inſtante ſómente, em que eſtamos, era a vida, que ſó tinhamos; pois o paſſado ja naõ era, e o futuro eſtava por vir ainda; iſto meſmo, que dizia, eraõ as couſas, que fazia da cama, em que eſtava, procurando a toda a preſſa aproveitar os inſtantes, que Deos lhe dava de vida, querendo antes eſperar a maré da morte, do que a maré eſperaſſe por elle; porque, ſe nos acha prevenidos, naõ ha maré de agoas mortas, que deixe de ſer de roſas.

Pedio ao ſeu Guardiaõ, pelo amor de Deos, lhe déſſe hum habito pobre, e huma cova, que ſerviſſem de mortalha, e ſepultura, excepçaõ da mayor pobreza, com que ſahiraõ deſta vida ainda os que della naõ quizeraõ nada. Proteſtou, que elle pouco, ou nada, de que uſava, eſtava naquella cella, e era da Ordem, e que até o uſo ordinario, que della ſe lhe tinha permittido, renunciava de todo o ponto, e ſupplicava a elle

Guar-

Guardiaõ, como seu Prelado, que de tudo dispuzesse como lhe parecesse. Advertindo, que hum Santo Crucifixo, que, como Deos a Jacob, lhe fora guarda, guia e companheiro por todos seus caminhos, e Missoens, pertencia á Senhora Condessa de Penaguiaõ Dona Luiza Maria de Fáro, e que se ella o mandasse pedir se lhe devia dar; porque com esta condiçaõ lhe fizera aquella Senhora delle esmóla: mas que quando ella por sua grandeza o naõ repetisse, que teria grande consolaçaõ daquella Imagem ficar aos companheiros, monumento, e penhor do amor que lhes tinha, final, e prova do muito, que Christo os amava. Isto foy deixar-lhe o Imperial Laba o, debaixo do qual tantas vezes vencêra o mundo, pecc do, e inferno; a Vara de Moysés para obrarem maravil as, e prodigios contra Faraós empedernidos; a Pedra do deserto para as agoas da vida eterna a todos, os que tivessem sede della; e querer que, prégando com elle seus companheiros, fosse prégado Christo crucificado, que era todo o empenho do Apostolo, e toda a consolaçaõ na morte de Fr. Antonio.

Por esta maneira despio elle aquelle temor, que confessa tivera sempre de encontrar em alguma cousa a pureza de sua Regra; especialmente a santa pobreza, a qual dizia consistir naõ só em se despir huma creatura de todo o creado na terra, mas ainda do apego aos mesmos dons do Ceo; pedindo a nosso Senhor fosse servido de que elle naõ morresse proprietario, e agradecendo-lhe o particular beneficio de naõ só renunciar o mundo, mas hum dos mayores enganos, abrindo-lhe os olhos para ver, e para chorar o pouco, com que tantos andaõ cegos. Seguro daquelle temor o Veneravel Padre, desapropriando-se do que naõ era propriedade, (pois se nelle havia alguma, era só de ser proprio, que Deos mandava com avisos ás almas peccadoras, e esquecidas de sua salvaçaõ) ficou sómente com

o uso

o uſo, que tinha de eſtar ſempre na preſença de Deos por oraçaõ muito levantada: e fazendo-lhe de ſi templo, e oratorio, contemplava naquelle oratorio, orava ſem intermiſſaõ naquelle templo, em que tambem levantava Ara para de cada dor, e tormento offerecer a Deos hum ſacrificio. Diſſe na doença, ſem advertir que lhe haviaõ de tomar a palavra: *Que por mais terriveis que foſſem os accidentes, nunca lhe puderaõ impedir o orar.* E na mayor força das dores eſtar o juizo taõ ſocegado, que poſsa occupar-ſe neſte exercicio, naõ he da fragilidade da natureza, mas da valentia da graça. Aſſim o eſcreve, e pondera o Padre Fr. Manoel de Coimbra em carta para huma Religioſa da Madre de Deos, dando-lhe conta dos termos da doença do Veneravel Padre. Frequentava amoroſas jaculatorias, reſinava actos de amor de Deos, repetia os da contriçaõ, e conformidade com a vontade Divina.

„ Aqui me quero meu Deos, *dizia*, e aſſim vos que-„ ro, onde vós quereis que eu eſteja, poſto que ſeja até „ o fim do mundo; porque ſendo eſta a voſsa vontade, „ deſsa Cruz farey a minha, deſta paciencia uſo, deſtas „ dores goſto, e por tudo vos louvarey, meu Deos, que „ ſejais bendito por me dardes ainda neſta vida o pra-„ to dos eſcolhidos, a iguaria dos predeſtinados. Mas „ ſe eſta vida ha de acabar mais cedo, quando ha de ſer „ meu Deos? Quando ha de ſer iſto de acabar-ſe eſta „ miſeravel vida, e ficar-me na voſſa morada? Oh Deos „ meu, amor meu, ſummo, e eterno bem, ultimo, e „ querido fim deſta miſeravel creatura, deſta deſterrada „ alma, vá eu para Vós como a fonte para o rio, como „ o rio para o mar, como o fogo para o ſeu Ceo, como „ vara do fumo ſahido do fogo do amor, que vos tenho, „ dos deſejos, em que vivo, de me ver unido comvoſco.

„ Imenſo pégo de amor, abyſmo eterno de belleza, „ ſobre admiravel maravilha, ſebre infinita Mageſtade,

„ mar

„ mar de ardentiſſimas perfeiçoens, e formoſiſſima im-
„ menſidade de Omnipotencia, e formoſura, de bonda-
„ de, e ſabedoria; quando, quando ſerá o dia, que pro-
„ funda, e intimamente enterrando-me dentro de Vós me
„ verey todo rodeado, transformado, ſubmergido, ala-
„ gado, abſorto, e entranhado neſse Oceano de Divin-
„ dade! Quando, quando me derreterey neſse ardente
„ abyſmo de chammas! E desfeito todo em amor, naõ
„ acharey nada de mim, mais que o ſentir que naõ
„ ſou nada, e que Vós, meu Deos, ſois tudo! Abri,
„ pois, abri, meu Jeſus, eſse Reyno de reſplandores,
„ eſse Ceo de ſuavidades, eſse naõ ſey de admiraçoens,
„ eſse álèm de tudo o que he bello, ſuperior a todo o
„ creado, e fóra de todo o ſabido, para que em Vós
„ ja transformado, e convertido totalmente a Vós, vos
„ ache ſó em tudo, e tudo veja cheio de Vós, o que em
„ Vós ſe move, e ſuſtenta. Oh ſe eu pudera, meu Se-
„ nhor, amar-vos como mereceis! eſsa fora a minha glo-
„ ria: naõ deſejo outra bemaventurança, nem deſejo
„ outro bem no Ceo, nem na terra.

Com eſtes amores, e ſaudades de Deos, ſuſpiros pela celeſte Patria, memorias da eterna vida, começou Fr. Antonio a morrer, porque naõ morria: e rogando por vezes a ſeu companheiro, que lhe abriſse a janella para ver o Ceo, os olhos ſe lhe hiaõ no que viaõ; ficando-lhe as ſaudades para mitigar as dores; as eſperanças para entreter as penas; que como as conſiderava paſſadiço para os Palacios eternos, e a paciencia ponte ſobre o rio da culpa propria, quanto mais ſe via de penas, e dores traſpaſsado, mais paſsos lhe parecia ter andado, e mais caminho para o Ceo, que era o ſeu.

Naquelles ultimos dias pedio por muitas vezes lhe leſsem algum livro eſpiritual; que como neſta liçaõ teve principio a ſua converſaõ, pelo goſto deſta converſaõ o fazia da liçaõ. Se naõ era ſinal de eſtar ſeu nome eſcri-

to

to no livro da vida o goſtar na morte de livros eſpirituaes, que he hum dos melhores ſinaes: ou para que o digamos na ſua meſma fraſe: *Com aquelles papeis eſpirituaes queria levantar levaredas do ſogo do amor de Deos, tanto nelle mais ateado quanto mais o madeiro de ſeu corpo ſe hia ſeccando.* E chegando a termos, que já naõ tinha uſo de mãos, braços, nem pés, ſe alegrava muito de lhe dizer o companheiro, que naquella fórma morrera ſeu Senhor crucificado, pelo deſejo, que ſempre o acompanhára de ſe fazer retrato do ſeu Crucifixo. Offerecia-lhe á honra da deſúndez, em que ſe vira na ſua Cruz, outra para elle muito penoſa, que era deixar-ſe deſcompor para alguma obra da natureza. Martyrio grande para quem taõ amigo era da honeſtidade.

Na manhãa da veſpera do ſeu tranſito, e do dia de S. Pedro de Alcantara lhe diſſe hum particular amigo ſeu, vendo-o com ſemblante alegre: Hoje he dia de S. Pedro de Alcantara, e diz Santa Tereſa, que lhe foy revelado, que tudo, o que ſe pediſſe a Deos em nome deſte Santo, teria bom deſpacho. Aperte Voſſa Paternidade com elle, para que lhe alcance ſaude, e vida; que eu tenho pedido a todos os Religioſos deſte Convento digaõ hoje as Miſſas por eſta tençaõ. Foy a reſpoſta do Veneravel Padre: *Eſſa diligencia coſtumaõ fazer os bons amigos; mas naõ ſe deſconſole por lhe naõ ſucceder, porque ſe tem feito pela minha vida tudo, quanto ſe podia fazer, aſſim com particulares rogativas á Divina Mageſtade, como diligenciando todos os meios humanos, naõ he vontade de Deos que eu viva; e a vida ſem ſer por vontade de Deos he morte; como a morte por ſua vontade he a melhor vida. Eu eſtou muito conforme com o que ſua Divina Mageſtade he ſervido diſpôr: naõ me lembra outra couſa mais, que dizer: Faça-ſe a ſua vontade.* E promettendo a eſte amigo de ſe lembrar

delle, ſendo Deos ſervido de o levar a parte, aonde pudeſſe ſer ouvido de Sua Divina Mageſtade, como confiava, e confiára ſempre dos merecimentos, e ſangue de ſeu Senhor Jeſus Chriſto, o deixou igualmente e dificado, que conſolado.

Neſte dia penultimo de ſua vida, e penultimo da ſua pena ſe reconciliou por muitas vezes, naõ obſtante ter ſe reconciliado muitas em todos os mais dias. Que os juſtos naõ largaõ a taboa da penitencia por mais que nos pareça eſtarem já com o pé em terra: levaõna ao Ceo por teſtimunho de terem eſcapado do naufragio; ou para que nella eſcreva o Senhor a Ley, que tem poſta, que ſe naõ perdoem culpas ſem ſinaes de
Marc. 2. 9. penitencia. Iſto meſmo denotava o leito, que ao Paralitico mandou tomar ás coſtas. Das quatro para as cinco da tarde pedio o Sacramento da Unçaõ; e dizendo ſe-lhe que naõ era ainda tempo, olhou para o Padre Frey Luiz de S. Franciſco ſeu Confeſſor, e diſſe-lhe: *Dem me a Santa Unçaõ pelas Chagas de Chriſto.* Deraõ-lha, e elle acompanhou os Religioſos na reza dos Pſalmos, e Ladainhas, ſegundo ſuas particulares devoçoens, e ceremonias, dando outroſi os Amens ao Miniſtro do Sacramento. E logo aproveitando-ſe da voz, que lhe hia já faltando, (mal podia durar a voz acabando de ſer, quem tinha o ſeu ſer na voz) fez huma breve practica a toda a Communidade, que fora muito para ſe eſcrever, ſe quando ſe chora de vontade, naõ varrêra da memoria o que ſe ouve. Em ſumma acho apontadas as ſeguintes palavras.

„ Padre Guardiaõ, e mais Irmãos, Filhos, e compa-
„ nheiros, peço lhes que naõ ſintaõ o apartar-me de ſua
„ companhia, porque he aſſim vontade de Deos. E por
„ ſeu amor lhes peço façaõ muito por obſervar em tudo a
„ Regra de meu Padre S. Franciſco, e quatro, ou cinco
„ couſas mais que lhes digo. Muito amor de Deos, e do

„ pro-

„ proximo, fundamento principal de toda a virtude:
„ grande caridade com todos: zelo interior da ſalvaçaõ
„ das almas, fazendo por ellas toda a diligencia: mui-
„ ta humildade, humildade, humildade, (repetindo-a
„ tres vezes, e as duas ultimas com taõ grande fervor,
„ que pareceo impulſo ſuperior) e muita pobreza, caſ-
„ tidade, obediencia, e uniaõ entre ſi. „ Mais hia di-
zendo, quando a voz rouca, e pegada na garganta lhe
fez pauza, e pôs o diſſe naquella ſua oraçaõ poſthuma.

Fallou pelos mais o Padre Guardiaõ, e diſſelhe: Naõ ſe moleſte, Irmaõ, e Pay noſſo, naõ ſe moleſte mais, que nós eſperamos em Deos, que nos ha de ajudar a obſervar pontualmente, quanto nos diz de palavra, e nos enſinou com ſua vida. O que importa he que ſe lembre deſtes ſeus filhos em Chriſto, quando ſe vir em melhor lugar do que eſte, em que nos deixa, mas onde Deos ha de ſer ſervido de por nós ſer louvado, e glorificado, conforme noſſo propoſito, e Inſtituto. As demais palavras naõ deixáraõ já ouvir os ays, ſoluços, e ſuſpiros dos companheiros: e ellas meſmas affogadas nas lagrimas, que dos olhos cahiaõ na boca, embaraçadas ficavaõ na lingua. Faltáraõ palavras á maior eloquencia todas as vezes, que a penna, que os havia de eſcrever, ſe pôs na ſetta para magoar.

Retirada a Comunidade laſtimoſamente ſentida, ficou o Convento todo em ſilencio de vozes, mas em arruido de ſuſpiros: punhaõ os Religioſos os olhos huns nos outros, e pelos olhos ſe comunicavaõ os ſeus ſentimentos; nenhum tinha lingua para fallar, porque a todos abrangia igualmente a cauſa de tanta pena. Recolhiaõ ſe para as Cellas, cuidando cada qual de fazer o ſeu pranto ſingular, e por todas as Cellas era o pranto geral. Hiaõ ſaber em que eſtado ſe achava o enfermo, e achava novos motivos o ſentimento. Aquelle Convento, que com Fr. Antonio vivo era ſó hum

Va-

Varatojo, hum ſó nome unido, em que todos conſideravaõ o ſeu Paraiſo; morto Fr. Antonio, ſe lhes repreſentava já com hum, e, no meio, Vara, e Tojo, eſtimulos do ſoffrimento, encontros do ſeu deſcanço, abrolhos do ſeu Paraiſo. E finalmente conſiderando, que em hum ſó Fr. Antonio das Chagas perdiaõ Pay, Irmaõ, Meſtre, Companheiro, Amigo, Fundador conſolaçaõ, allivio, e todo ſeu bem neſte mundo, ſe naõ ſe eſpalhavaõ como ovelhas, morto o ſeu Paſtor, deſejavaõ todos juntos morrer com o ſeu Fundador.

Ficára acompanhando o Veneravel Padre ſeu Confeſſor Fr. Luiz, a quem elle diſſe: *Dai-me cá aquelle Senhor, que de doze annos a eſta parte tem obrado maravilhas em Portugal.* Era eſte o ſanto Crucifixo, Venera do ſeu peito, Juiz, que depois dos ſermoens fazia audiencias do pulpito. Com elle á cabeceira paſſou muita parte da noite em ſoliloquios, e actos de amor de Deos tanto de coraçaõ, que apenas os denotava a boca: e ſe nos las naõ deixára muito de antemaõ eſcritas, naõ puderamos trasladar aqui ſuas proprias palavras. „Meu Deos do meu coraçaõ, meu chagado Jeſus Chriſ„to, meu Amor crucificado, tende dó, e miſericordia „de mim: tende dó, e compayxaõ deſta pobre alma. „Naõ olheis para minhas culpas como para offenſas „voſſas, ſenaõ como chagas minhas; e ſeja tanto maior „a compaixaõ, quanto he maior a chaga. Neſſe eſpelho „de vós crucificado naõ acabo de ver minhas culpas „com tantas chagas vivas: dai-mas vós, Senhor, a ſentir „como mas deſtes a conhecer; porque ſou taõ miſera„vel, que, como carne podre; quanto maior he a cha„ga, tanto menor he a dor da ferida. Poſto, meu Deos, „que eu abri eſſas feridas com minhas culpas, naõ me „fecheis vós, Senhor, as portas, que voſſo amor dei„xou abertas. A eſſas portas chego a pedir eſmóla de „miſericordia para eſta pobre alma: eſmóla, meu Deos,

Amor

„ Amor do meu coraçaõ, eſmóla de miſericordia para „ huma alma peccadora: eſmóla para eſta voſſa taõ vil, „ taõ ingrata, e taõ ruim creatura: eſmóla para Fr. „ Antonio das Chagas, que nas voſſas pôs todas ſuas „ confianças, e tomou eſte ſobrenome, para que ellas „ lhe valeſſem na hora da ſua morte. Com ellas, meu „ Deos, abriſtes o Paraiſo, naõ permittais pois, que „ o voſſo Chagas o ache ſechado. Mereça huma vez o „ nome, o que ſó ao voſſo ſangue ſe deve.

Pelas onze da noite moſtrou-ſe mais alentado; porque ſem ajuda ſe foy arrojando fóra da cama, forcejando para ſe deitar no chaõ, e morrer nelle; que como a ſua morte havia de ſer ſomno, ahi queria morrer, onde coſtumava dormir, mais elle o fazia por imitar a ſeu Padre S. Franciſco. Advertido o ſeu movimento pelo Padre Fr. Luiz, ordenou-lhe, que ſe deixaſſe eſtar na cama, e elle, que naõ ſabia pôr hum pé fóra da obediencia, ſe tornou para o lugar, que deixára. E dahi a pouco diſſe: *Deixem-me ir com eſtas almas, que aqui eſtaõ, para onde me querem levar.* Mas que muitas ſe acharião com elle naquella hora para fazerem companhia, a quem por tratar dellas naõ tinha huma hora ſua! Tornou-ſe a reconciliar por muitas vezes até pela manhãa; e porque ás cinco della ſe ſahira o Padre Fr. Luiz da Cella, reconciliou-ſe ultimamente com o Padre Fr. Lourenço da Purificaçaõ; e pondo nelle os olhos, lhe fez eſta pergunta: *Que fazem alli aquelles perús?* Reſpondeo Fr. Lourenço: aqui naõ eſtaõ perús. Conheceo entaõ o Servo de Deos aquellas más aves, e levantando a cabeça, e ſoltando a voz com o meſmo eſpirito, e tom, com que prégava, eſconjurou aquellas aves da maior pena, dizendo-lhes: *Que quereis aqui demonios malditos, e amaldiçoados de Deos? Ide logo para as penas eternas, a que eſtais condenados.* E tornando ao ſeu ſocego, que aos juſtos naõ daõ os demo-

nios grande cuydado, foy continuando actos de amor de Deos pegado com o seu Crucifixo; e o que elle entaõ lhe diria, nos diz o Apostolo: *Desejo desatar-me, e estar com Christo.*

Philip. 1. 23.

Pelas seis horas da manhãa do dia vinte de Outubro do anno de 1682. a huma terça feira, em que a Igreja rezava de Santa Eyria, estando os Religiosos no Coro recitando as palavras do Verso: Preciosa he na vista de Deos a morte dos seus Santos, se lhes deo rebate, que entrava o Servo de Deos no artigo da morte. Acudiraõ com pressa, e acharaõ-no ainda com plena advertencia, posto que nem respondia, nem fallava. Crivel he que Deos era entaõ o que lhe fallava no coraçaõ; posto seu Servo naquella solidaõ de espirito, que tanto encõmendava ás almas, que espiritualmente governava; definindo esta solidaõ de espirito por hum viver só com Deos, ficando a alma feita hum deserto, os sentidos hum ermo, onde Deos, como acha sózinha a sua creatura, vem logo fallar-lhe ao coraçaõ; ou era sõmno suave do espirito, com que a alma dorme para tudo, o que he mundo, sem querer acordar deste sõno, feito o coraçaõ sentinella do Senhor, que tem á vista; mas olhando para o santo Crucifico de quando em quando, cotejava as suas amarguras com as de seu Senhor Jesu Christo; e achava que soffria pouco á vista de quem tanto soffreo por seu amor. E que o merecimento estava em sentir muito, e em padecer muito, como fosse a boca fechada, e naõ rompesse a impaciencia: como se conformasse a alma, ainda que se estivesse consumindo a vida.

Metteraõ-lhe a véla na maõ, significadora da Fé verdadeira, em que vivêra, e morria, tendo elle o dia d'antes mandado rezar o Symbolo de Santo Athanasio, que hia protestando a cada Artigo, e apertando a vela com a sua maõ: nas primeiras palavras do Credo, que os Religio-

gioſos aſſiſtentes foraõ dizendo, abrio o Servo de Deos os olhos, tornou logo a fechallos, e fechando tambem a boca deo ſeu eſpirito ao Senhor, ficando o ſeu cadaver imagem do ſilencio, eſtampa da guarda dos ſentidos, exemplar de Religioſos. Fechou elle meſmo a boca, que os mortos deixaõ aberta, porque ſe naõ duvidaſſe, que morrêra; pois ſendo a ſua empreza: *Prégar até morrer*, em quanto tiveſſe a boca aberta, moſtrava que tinha vida. Fechou a boca, que aos mais doutos fez ficar aberta por paſmo de ſua admiravel doutrina: fechou aquella boca, que Grecia chamára de ouro, ſe, como Chryſoſtomo, vivera nella Fr. Antonio. Fechou a boca para naõ dizer mais; encarecimento do bem que tinha prégado neſte mundo, a que ſó reſtava o premio no outro. Poſto porèm que já naõ abre boca, aindá Fr. Antonio nos prége; que dura a pezar da morte a doutrina, que fica eſcrita. Sirva neſta occaſiaõ da ſua morte, o que em outra encommendava: „ Aprendamos deſte exemplo, que nos „ deixou a morte, o pouco caſo, que ſe póde fazer da „ vida; porque ſe eſta quebra como vidro, paſſa como „ vento, deſapparece como ſombra, corre como agoa „ ao mar, e ſe murcha como flor ao Sol; de tantos de„ ſenganos juntos quem naõ haverá que tire huma cer„ teza de que tudo, quanto ha na vida, ſe naõ he Deos, he „ fumo, que nos cega, traiçaõ, que ſe nos arma, mal, que „ ſe nos encobre, bem que ſe nos finge: O que impor„ ta he, que eſtes deſpertadores nos ſirvaõ para aper„ feiçoar a emenda, ou melhorar a vida; porque naõ „ ſaber tirar alguma utilidade de perdas he a maior infe„ licidade. Eſta he a miſeria, e engano deſta caduca vi„ da, gritar-nos Deos pelos ſucceſſos todas as horas, e „ naõ haver quem ouça, deſenganando-ſe do meſmo, „ de que ſe aſſombra ſentindo-ſe. Em fim, ſomos como „ os moradores do Nilo, que naõ ouvem o ſeu eſtron„ do, que atroa aos outros cada dia. Os ſinaes, que ſe

„ fazem pelos mortos, saõ huns rebates, com que Deos „ aviza aos vivos; e todos, ou quasi todos, ficamos „ muito em paz com nossos peccados, até que chega „ de subito o dia taõ ignorado das almas sempre esque- „ cidas, e imbebidas no engano, e vaidade do mundo. „ Oh! se quizesse meu Deos, que alguns déssem ouvidos „ a suas vozes, (que isto he qualquer successo porque „ nos falla) e com isso abrissem os olhos, (que cegaõ a „ olhos vistos pelo que naõ he para ver, senaõ para „ chorar) mas tambem somos como toupeiras, que só na „ hora da morte abrimos os olhos da razaõ, com que „ dentro, ou fóra de nossas almas haviamos de olhar as „ imagens de nossa mortalidade; e os semblantes do de- „ sengano, naõ os da vaidade.

Morreo o Veneravel Padre em cincoenta e hum annos, tres mezes, e vinte dias de sua idade: viveo na Religiaõ vinte annos, cinco mezes, e dous dias: entrára nella fazendo trinta annos, dez mezes e dezoito dias: de Missionario teve os ultimos doze annos. Mais pudéra viver segundo sua constituiçaõ natural; teve porèm tres virtudes, que como Parcas lhe cortáraõ os fios, e encurtáraõ os dias da vida: Cloto da penitencia, Lachesis da abstinencia, e Atropos de sua mortificaçaõ continua.

CA-

CAPITULO XXIII.

Enterro do Veneravel Fr. Antonio: Devoçaõ dos Fieis, que à elle concorrêraõ: Milagres da fé, com que o invocáraõ.

ADmiraçaõ foy univerſal tanto dos Medicos, que lhe aſſiſtiraõ por ordem, e mercê delRey noſſo Senhor, como das gentes, que acudiraõ a ver morto aquelle, que ſempre quizeraõ vivo, naõ ſe lhe demudar a cor do roſto, ficando taõ alvo, e taõ o meſmo, que d'antes era, que ſe lhe naõ conhecia a falta de vida por variaçaõ alguma da cara. Taõ bõa cara fez á morte, que para a morte ſer bem acceita no mundo quiz fazer exemplo em Fr. Antonio. He epitheto inſeparavel do nome, Morte, o adjectivo, pallida; perdeo em Fr. Antonio eſte epitheto, porque foy branca. Aquelle elemento da terra, que extincto o calor natural predomina nos corpos mortos, fazendo-os por iſſo mais pezados, e frios, tambem lhe dá de ſua meſma cor baça, e eſpeſſa. No cadaver de Fr. Antonio, pelo que ſe vio, naõ predominou o elemento da terra, que como nada quiz, nada tinha della. Predominou o ar, fogo, e agoa, por eſtranha operaçaõ da natureza. O ar pelo de vivo, que dava depois de morto: o fogo pelo córado, e a agoa pela candura. Naõ ſe fez menos reparo na alvura dos pés, em que ſenaõ conhecia calo algum, tendo andado em alparcas quaſi todo o Reyno, ſem ſerem poderoſos o pó para lhos desluzir, as correias para lhos tomar, as pedras para lhos trilhar. Mas que muito, ſe dizia o Veneravel Padre da ſua vida, que era vida de relampago: eſte cega de alvo, e o ar he ſeu caminho. Formoſos chama Iſaias aos pés dos Evangelizadores da paz; eſpecioſos S. Paulo aos pés dos prégadores Evan-

Iſai. 52. 7. Rom. 10. 15.

vangelicos : formoſos ſaõ pelo que correm, eſpecioſos pelo que deſcorrem; e ſendo toda a ſua eſpecioſidade, e formoſura o andar muita terra feitos correios de vida, proprios de bons avizos, expreſſos de celeſtiaes annuncios ; plantas haviaõ de ſer deſtas formoſuras, e deſtas eſpecioſidades ſymbolo os pès delle grande, e incomparavel Miſſionario. Sem horror ſe lhe chegavaõ, e com muita veneraçaõ os beijavaõ todos, os que de perto, e de longe trouxera a devoçaõ, amor, e piedade nos braços da eſperança de levarem alguma reliquia ſua para caſa, ou de nelle tocarem contas, fittas, e veronicas. Tinha-ſe por ditoſo o que lhe cortava hum bocadinho de Habito ; e procurando todos eſta dita, o puzeraõ tanto á curta, que aguarentado o Habito até os joelhos, ficou parecendo Romeiro para ſer peregrino em tudo. Naõ foraõ baſtantes as juſtiças de Torres Vedras para impedir eſtes roubos da Piedade Chriſtaã; ſendo que para eſte effeito aſſiſtiraõ de dia, e de noite junto ao eſquife. Raramente póde conſtratar a juſtiça o que huma vez ſe conſiderou intereſſe da alma.

No dia ſeguinte á ſua morte, que ſe contavaõ 21 de Outubro, precedendo hum ſolemne Officio, e huma grande quantidade de Miſſas por ſua alma; que, ſegundo piamente cremos, ſe lançariaõ na receita do theſouro da Igreja, ſe deo ao corpo de Fr. Antonio ſepultura mettido em hum caixaõ, de que foy depoſitario o Capitulo daquelle Convento, em lugar, que jamais fora de deſcanço a outro morto. E aſſim havia de ſer, para que a terra foſſe leve áquelle corpo morto, que tanto ſe encarregou de almas em vivo. Aſſiſtiraõ ao Officio todo o Clero, Nobreza, e Povo de Torres Vedras, Trucifal, e mais arredores. As Cõmunidades de Santo Agoſtinho, dos Padres Arrabidos do ſeu Convento do Barro, e outros Religioſos de S. Jeronymo, e S. Vicente de Fóra, que ſe achavaõ por aquellas partes, e a quizeraõ ter nas honras a todos por Fr. Antonio

tonio merecidas. Nos seus companheiros naõ fallamos, assim porque se suppõem, como porque se naõ pódem contar entre vivos, os que naquella occasiaõ, dor, e sentimento tinhaõ amortecidos. Mas logo que se acabou o enterro, para que suas lagrimas naõ fossem suspeitas da fé da resurreiçaõ, as enxugáraõ com razões, que lhes sobejavaõ para consolaçaõ; pois pelo nosso bem menor naõ devemos chorar o maior bem dos que, morrendo em graça, acabaõ a carreira perigosa desta vida, para descançarem honrados com o bravîo da gloria. He officio da vida correr até o fim; naõ ha que estranhar que a vida faça o seu officio, ainda que haja muito que sentir na perda temporal, que temos. Desta jornada, que fazemos desta caduca vida, huma só gloria temos, e he coroar o fim com huma ditosa morte; e sendo a de Fr. Antonio correspondente á sua santa vida, mais parece que podia deixar inveja, que lastima. Assim succedeo, porque foy vontade de Deos, que succedesse assim. E se isto naõ tem duvida para quem tem fé, e juizo, ainda que a natureza se doa, deve abraçar-se a razaõ com a vontade de Deos, a quem amamos sobre todas as cousas, se nos ajustamos mais com o seu gosto, que com a nossa vontade. Com estas, e similhantes consolaçoens alleviava o Veneravel Padre os lutos, dos que lhe davaõ parte de mortes de parentes, e amigos. E destas mesmas se valeriaõ seus companheiros, porque havia o mesmo espirito em todos.

Sanch. l. 2. sum. c. 43. n. 5. Bellarm. l. 1. de Sanct. c. 10 Palao, Tamburr. Rocaful. Bonac. apud Leandrum tom. 5. tract. 7. q. 23. disp. 3. de cultu viror. insign. nondum beatificat. Molesius in Addit. qq. consuetud. Neapolit. tom. 2. cons. 45. & passim omnes DD.

O que mais succedeo no dia do enterro, e seguintes a varias pessoas, que aos merecimentos do Servo de Deos attribuem cousas maravilhosas, referiremos com aquella resalva, que se deve dar a tudo o que a Igreja Catholica Romana nos ordena; suppondo com os Doutores da mesma Igreja, que se podem invocar, e dirigir as oraçoens particulares áquelles Varoens, que temos por Santos antes de Canonizados, seguindo o exemplo dos Santos Gregorio Nazianzeno nas vidas de Athanasio, e Basilio: a

Jeronymo nas vidas de Paula, e Euſtochio: a Bernardo de Malaquias, e muitos outros, que ja imitáraõ a S. Lucas nos Actos dos Apoſtolos. Porque ſe podemos orar a eſtes taes Varoens em vivos, poſto que naõ ſaibamos que ſaõ Santos, com muita maior razaõ lhe podemos rogar depois de mortos, ſe na morte houve ſinaes de ſantidade. E ſe lhe chamamos Santos, naõ he para paſſar do culto particular, e eſte ainda ſem eſcandalo, ſe naõ ſó para ſignificar que eſte nome, Santo, denota no ſeu original idioma alguma ſingularidade eſtremada. E finalmente o fim, e intento de apontarmos neſta Hiſtoria os feitos, e heroicidades, virtudes, e milagres deſte ſanto Varaõ he, para que ſua vida ſirva a todos de exemplo no caminho da perfeiçaõ, e em todas as acçoens de hum verdadeiro Chriſtaõ, declarando, que todos os caſos, que eſcrevemos, ſaõ tirados de inquiriçoens authenticas, ou teſtimunhos jurados de peſſoas, a que ſe podia dar credito ſem eſſes juramentos.

No meſmo dia do fallecimento do Veneravel Fr. Antonio em Varatajo, acabando de rezar o Terço no ſeu Oratorio com ſua mãy, e criadas Dona Brites Thereſa de Mendoça, que naquelle tempo vivia em Alemquer, e hoje he digna conſorte do Doutor Diogo Marchaõ Themudo, Deſembargador do Paço, do Conſelho DelRey noſſo Senhor, e ſobre todos os titulos Miniſtro do amor de todos, pedio huma Ave Maria pela alma de Fr. Antonio, ſem ter noticia alguma da ſua morte, nem ainda da ſua enfermidade. E confeſſando logo o erro, que lhe parecia ter cõmettido, naõ tardou muito, que naõ ſoubeſſe que era morto Fr. Antonio no dia em que por ſua alma pedira a Ave Maria. Sem ſaber o que dizia houve ja quem foſſe Profeta. E coſtuma Deos por muitos modos dar as primeiras noticias da morte de ſeus ſervos ja com appariçoens, ja com revelaçoens, e viſoens, e tambem por ſonhos, do que ſaõ ſem conto os exemplos. Huma Freira

de

de S. Joaõ de Setuval, que tinha muita communicaçaõ, e devoçaõ com o Veneravel Padre Fr. Antonio, a noite do dia, em que Deos o levou, teve hum ſonho, pelo qual entendeo que elle era morto, ſem que ninguem lho diſſeſſe. O ſonho com todas as circunſtancias referio a meſma Religioſa á Condeſſa de Penaguiaõ Dona Luiza Maria de Faro, cuja qualidade, juizo, e conhecida virtude nos ſeguraõ eſta verdade.

Maria Franciſca, mulher de Joaõ Gomes do Lugar das Adegas, Freguezia de S. Mamede da Ventoſa, termo de Torres Vedras, tinha ido ao Convento de Varatojo com hum filho ſeu, por nome Pedro, de idade de ſette annos, e entrevado de muitos tempos, ſem o poder curar a Arte dos Medicos, para que o viſſe o Doutor Antonio Mouraõ, Lente de Prima de Medicina na Univerſidade de Coimbra, que viera por ordem de Sua Mageſtade aſſiſtir na doença ao Veneravel Padre. Viſto por elle o menino, e que tinha ja os nervos das pernas encolhidos, lhe receitou as Caldas, remedio ultimo da noſſa Fyſica, para que leve a agoa, o que naõ conſumio de fazenda o fogo da doença. Morto o Servo de Deos Fr. Antonio, acudio a mãy do enfermo com outras vizinhas do ſeu Lugar a achar-ſe no enterro, trazidas pela fama de ſuas raras virtudes, e ſantidade; e chegadas á Igreja tocáraõ as ſuas contas no corpo, que ja eſtava nella; e tornando para ſuas caſas, achou Maria Franciſca o ſeu entrevado no meſmo lugar, em que o tinha deixado; e applicandolhe ás pernas as contas, que trazia tocadas nos pés do Veneravel Padre, lhas lançou ao peſcoço. Admiravel ſucceſſo! Em continente ſe levantou o que fora aleijado, e encoſtado a dous bordoens, para os deixar por memoria da interceſſaõ para com Deos de Fr. Antonio, andou os primeiros oito dias, e paſſados elles ficou totalmente livre, e expedito no andar, ſem nunca mais ſe queixar, nem ſentir leſaõ alguma nas pernas, concorrendo muita

gente a ver eſta primeira maravilha do Servo de Deos Fr. Antonio depois de morto, e acclamando-o Anjo da Joann. 5. 2. Piſcina, que fazia mover as pernas tolhidas, como o outro as agoas mortas. Depõem eſte caſo muitas peſſoas, e eſpecialmente Maria Franciſca ſobredita na inquiriçaõ de Torres Vedras.

O Padre Joaõ Barboſa, Clerigo do Habito de S. Pedro, e morador em Torres Vedras, por certidaõ ſua jurada in verbo Sacerdotis, e tambem por depoimento ſeu na inquiriçaõ feita na dita Villa por ordem do Illuſtriſſimo Arcebiſpo, affirma, que ſendo em dous de Novembro de 1682 eſtando muito atormentado de intenſiſſimas dores de dentes, lembrando-ſe que tinha em caſa hum pequeno do Habito, que cortára ao Veneravel Fr. Antonio, o tomára, e puzera na face da parte, onde tinha as dores, rezando ao meſmo tempo hum Padre noſſo, e Ave Maria, e pedindo ao Veneravel Padre pela fé, que elle tinha, de que ſua alma eſtava no Ceo, lhe tiraſſe aquellas dores de dentes. E que ditas eſtas palavras immediatamente ſe lhe foraõ as dores, como ſe nunca as padecera.

Dona Ambroſia, filha de Antonio Botado, do Lugar da Ponte do Rol, termo da ſobredita Villa, padecia muitas dores de huma inchaçaõ no roſto procedida de corrimentos: pôs a face offendida ſobre os pés do Veneravel Padre eſtando morto no eſquife, e logo ſe ſentio ſaã do achaque.

Manoel da Coſta, criado do Conde de Avintes, D. Antonio de Almeida, eſtando com huma grande febre, e ſinaes de huma grave doença, que coſtumava dar-lhe, cobrio a cabeça com huma carapucinha branca emnodoada de ingredientes da botica, de que o Servo de Deos por cauſa das ſuas vertigens uſava, e ſem applicar outra medicina, cobrou logo ſaude muito perfeita.

O meſmo Manoel da Coſta vindo a Lisbõa da quinta de Dous Portos, onde com ſeu amo aſſiſtia, poucos dias de-

depois da morte do Veneravel Padre, achou em caſa de hum ſeu amigo outro muito atribulado de dores: deo-lhe hum pequenino de Habito, que o Servo de Deos trouxera, e tomando-o o amigo enfermo com veneraçaõ, e confiança em ſua interceſſaõ, ficou livre da tribulaçaõ.

Miguel Cabral de Azevedo, morador na ſua quinta de Val de mulheres, termo de Alemquer, affirma em huma certidaõ jurada aos Santos Evangelhos, e paſſada a 3 de Março de 1683, que ſendo no mez de Dezembro do anno antecedente, eſtando ſua mulher Dona Maria apertada de humas dores de gotta em hum pé com grande inchaçaõ, como por vezes lhe tinhaõ dado, dizendo-lhe ſua irmaã Margarida Rebella, que puzeſſe no pé hum retalho do Habito do Veneravel Fr. Antonio das Chagas com fé de que lhe applacaria as dores; fê-lo aſſim, e ſucedeo-lhe aſſim; porque coſtumando durar lhe aquelle mal tres, ou quatro dias ao menos, impedindo-lhe o levantar-ſe, e ainda bulir-ſe, neſta occaſiaõ logo o pé deſinchou, e as dores a deixáraõ para naõ tornarem até o tempo, em que elle affirmante jurava o ſucceſſo.

Manoel Borges da Silva, natural, e morador na Villa de Santarem, por certidaõ ſua jurada, e juſtificada depõem o ſeguinte: Tendo eu huma irmaã por nome Elena Borges da Silva, muito attribulada com huma hypicondria frenetica, varia do juizo, que a fazia eſtar continuamente em gritos, e inquietaçoens, ſem os Medicos lhe darem remedio, obrigando-me a tê-la fechada por ſe naõ deitar por alguma janella, como ja tinha feito; e tendo eu por noticia que o Padre Domingos da Silva tinha reliquias do Habito do Veneravel Fr. Antonio, lhe fuy pedir me déſſe huma por amor de Deos; e deitando-a ao peſcoço da enferma, advertindo-lhe que rezaſſe cinco Padres noſſos, e cinco Ave Marias ás Chagas de Chriſto, fazendo o meſmo todos, os que havia em caſa, pedindo a Deos noſſo Senhor, que pelos merecimentos, e interceſ-

ſaõ

ſaõ de ſeu Servo Fr. Antonio das Chagas a livraſſe de taõ grande ancia: logo improviſamente aquietou, e foy cobrando juizo perfeito, no qual a conſerva Deos ſaã, e valente até o dia de hoje 6 de Junho de 1684.

Dona Ambroſia de Siqueira, mulher de Ruy de Siqueira do Lugar de Palaios, termo de Alemquer, por tempo de oito mezes padeceo dores uterinas; a que ſobreveyo grande inchaçaõ de eſtomago, ſem que para nenhum deſtes males houveſſe medicinas, que lhe foſſem bõas. Até que tomando huma pequena parte da camiza do Veneravel Padre, que lhe ſervira na doença, e pondo-a no lugar da queixa, encõmendando-ſe a elle, melhorou de repente; e aſſim o jura aos ſantos Evangelhos na certidaõ, que paſſou o dito ſeu marido em Palaios a 14 de Abril de 1683.

Em o Convento de Odivélas he Religioſa Dona Ignez de Meſquita, a qual padecia havia ja oito annos o meſmo achaque, de que ſarou a mulher do Evangelho com tocar as extremidades do veſtido de Chriſto: tendo gaſto com Medicos neſſes oito, o que a outra em doze, ſem remedio, antes com tanto tormento, e enfado, que naõ a deixando o mal livre hum ſó inſtante, era obrigada a eſtar ſempre aſſentada ſobre lançoes dobrados, ſem poder andar, nem fazer qualquer outro exercicio. O mais que lhe ſuccedeo, e a medicina, com que ſarou, foy ella dictando á Madre Porteira daquelle Convento Dona Catharina de Souſa e Mello, e he o que ſe ſegue: Quando falleceo o noſſo muito amado Padre Fr. Antonio das Chagas, lembrando-ſe Dona Ignez de ſua ſantidade, e grande caridade, lhe rezou tres Padre noſſos com tres Ave Marias, e lhe pedio com grande fervor, e fé lhe alcançaſſe de Deos algum deſcanço naquella continuaçaõ de achaque; e logo immediatamentte lhe ceſſou o fluxo por eſpaço de nove ſemanas, ſem lhe ficar ſinal de tal enfermidade, nem para o evitar ter feito alguma outra diligencia, nem remedio.

De-

Depois lhe continuou atégora, e ſabbado veſpera de noſſa Senhora do Roſario a apertou de qualidade, e a pôs em tal fraqueza, que ſe vio no mayor aperto; e lembrada nelle da mercê, que ja recebera por interceſſaõ do noſſo Santo, ſe pôs a rezar-lhe humas camandulas, e acabando-as lhe ceſſou o fluxo inteiramente, e continúa a mercê até eſta hora, em que eſtou eſcrevendo eſta, hoje 8. de Outubro de 1686.

No meſmo Convento Franciſca Serraõ, Converſa, e grande devota do noſſo ſanto Fr. Antonio, (aſſim era nomeado naquelle Real Convento) era ſujeita a taõ rigoroſas dores de dentes, que a obrigavaõ a ſangrias naõ poucas vezes. E tendo huma repetiçaõ dellas, mais inſoffriveis que nunca as dores, ſe pegou com o Servo de Deos, pedindo-lhe, que lhe alcançaſſe de Deos, quando mais naõ foſſe, hum pequeno intervallo de tormento taõ importuno. Confeſſa ella, que naõ tinha ainda bem acabado a petiçaõ, quando ſentio hum eſtá-lo no ceo da boca, arrojo de huma poſtema, arca de máos humores, cauſa de ſua dor de dentes, e livre por eſta maneira taõ plenariamente, que lhe naõ ficou dor, nem donde vieſſe.

Manoel Duarte, caſado, e morador na Villa de Torres Vedras, Boticario por officio, tinha huma filha de ſua mulher Iſabel da Rocha, poſta tanto no ultimo de ſua vida por huma febre maligna, que o Licenciado Joaõ Soares, Medico daquella Villa, lhe mandou dar a Santa Unçaõ, e com eſte Sacramento dos mortos a deixou, indo-ſe tratar dos vivos. Mas ſua mãy, que naõ duvidava de Deos poder dar ſaude, e vida a ſua filha, ſe houveſſe quem lhe metteſſe por valia, cobrio a enferma com hum Habito, que trouxera o Veneravel Fr. Antonio, (de poucos dias morto) e com grande fè pedio a Deos lhe valeſſe naquelle tranſe por merecimentos do Veneravel Padre. Eiſ-que ſe alargaõ os pulſos, deixa a febre a ſua malignidade, e a chorada morte ſe ri ja da doença paſſada.

Eyria

Eyria Rodriguez, mulher de Paſcoal Rodriguez, criado do Conde de Sarzedas, D. Luiz da Silveira, foy ſette annos achacada das pernas, que tinha cheas de vivas, e profundas chagas, ſem haver remedio algum, que lhe aproveitaſſe, nem Medico, ou Cirurgiaõ, que a curaſſe. Neſta deſeſperaçaõ de remedios pôs a ſua confiança na interceſſaõ, e merecimento do Veneravel Fr. Antonio das Chagas, e fazendo parche de hum retalhino do ſeu Habito, o pôs ſobre huma das chagas, e ſarou logo de todas, experimentando, que para curar chagas tinha o Veneravel Padre, ou virtude no nome, ou no ſobrenome virtude.

Franciſco Deça, Tenente da Torre de Belem, peſſoa, que abona de verdadeiro ſeu raro procedimento, e intima amizade, que teve com o Veneravel Fr. Antonio, depõem que tendo hum inchaço grande de huma parte do peſcoço, que lhe hia tomando a garganta, e já ſe ſentia com dor nella; para ſe livrar deſte cuidado applicou huma carta do Veneravel Padre á parte da queixa; adormeceo logo, e acordando dahi a pouco, conheceo, que quem lhe dera o ſomno, lhe tirára com elle dor, e inchaço, como ſe nunca tal tivera.

Joſeph de Cabedo de Vaſconcellos, natural, e morador na Villa de Setuval, refere de ſi o caſo ſeguinte, Eſtando eu (diz elle no ſeu depoimento, e certidaõ jurada) com hum grande corrimento, e defluxaõ de eſtillicidio, que me impedia o ler, e eſcrever, e cauſava agudas dores nos olhos, chegou a minha caſa hum Irmaõ Donato de Varatojo, que me deo a nova de ter o Veneravel Fr. Antonio paſſado da preſente vida, e juntamente me deo hum bocadinho do Habito, que tinha ſido do dito Padre; o qual eu pûs nos olhos com muita devoçaõ, e logo me achey taõ melhorado, que eſcrevi quatro cartas, e finalmente livre totalmente do achaque.

No

No Convento de Varatojo experimentou o Padre Fr. Joaõ de Jeſus Maria, companheiro que foy do Veneravel Padre, a lembrança, que delle tinha lá do Ceo, onde eſtá; porque tomado de huma terrivel dor, e pondo ſobre ella huma prenda do bendito Padre, ceſſou logo a dor, naõ ceſſando elle de louvar a Deos por dar tal virtude ás reliquias do ſeu Servo Fr. Antonio.

Dom Rodrigo Darſa, Juiz dos Orfaõs da Villa de Setuval, depoem, que tendo hum filho ſeu, e unico, deſconfiado dos Medicos pelas poucas eſperanças, que lhe dava de vida a malignidade da febre, mandara pedir a Joſeph de Cabedo alguma prenda do Veneravel Fr. Antonio; e que mandando-lhe huma reliquia do Habito, que fora do ſeu uſo, a deitára ao peſcoço do enfermo; e na meſma hora ſe vira nelle taõ conhecida melhoria, que os Medicos a tiveraõ por milagroſa.

Manoel Vieira, barbeiro na meſma Villa, deſconfiado da vida por outra febre maligna, com o meſmo remedio acima applicado lhe faltou o creſcimento, e ſe deſpedio a febre.

Iſabel Correa, viuva, e moradora em Setuval junto a Santa Maria defronte de Diogo Mendes, mulher pobre, e que tinha hum filho homem do mar, remedio da máy, e de huma irmaã donzella, que ſuſtentava, adoecendo de qualidade, que chegou a ſer ungido, e havido já por morto para todo o remedio, ſarou com admiraçaõ de todos, os que ſabiaõ do eſtado, a que tinha chegado, e ſouberaõ lhe dera a vida Dona Angela, mulher de Diogo Mendes, com lhe dar, e applicar hum retalho do Habito do Veneravel Fr. Antonio.

Maria da Trindade, irmaã do Padre Manoel Carvalho, natural, e moradora na ſobredita Villa, depõem por ſeu juramento, que eſtando com hum accidente, que lhe tomava a reſpiraçaõ quaſi de todo, ſem poder valerſe de alguma medicina, pegou de hum fuzil da cadea, que o Vene-

o Veneravel Padre cingia, e applicando-o com grande fé á garganta, que tinha inchada, em continente botou pela boca grande quantidade de humor, que cauſava o tumor, e falta de reſpiraçaõ; e em agradecimento de tamanho beneficio votou de trazer ao peſcoço o dito fuzil toda a ſua vida.

Pedro Coelho, tendeiro, e morador na meſma Villa junto ao Sapal, depõem que tendo huma filha tanto no ultimo de ſua vida, que á cabeceira lhe puzera a mortalha, depois de hum lethargo acordára, e diſſera a ſua mãy, que rezaſſe pela alma do Veneravel Fr. Antonio das Chagas, porque eſtivera alli com elle aquella hora; e que na meſma ſe achára a enferma livre do mal, que padecia, attribuindo todo ſeu bom ſucceſſo á viſita do Medico, que lhe aſſiſtíra, como ella dizia.

Pedro Gonçalves, o Britipe, na meſma Villa, deixado já dos Medicos por deſeſperaçaõ de ſeus remedios, cobrou perfeita ſaude, tanto que ſua mulher lhe botou ao peſcoço parte do Habito do Veneravel Fr. Antonio.

Manoel da Matta, natural de Carcavellos, depõem, que Maria da Conceiçaõ do meſmo lugar, termo de Caſcaes. havendo hum anno, que padecia inchaçaõ, e dores em hum peito com certo eſtupor de quando em quando, em hum bocadinho do Habito do Veneravel Fr. Antonio tivera o ſeu remedio.

Iſabel Cordeira, viuva, e moradora na Villa de Torres Vedras, depõem por juramento, que ſendo ſugeita a inchar-lhe hum braço com tanta porçaõ de humor, que já de huma vez eſtivera á morte daquelle achaque; repetindo-lhe eſte, quizera o Medico ſe ſangraſſe logo, e tambem hum filho ſeu Beneficiado da Igreja de Santa Maria; mas que ella o naõ conſentira, dizendo, ſe havia de valer de mais facil, e preſencial remedio, que eraõ humas contas, dadiva do Veneravel Fr. Antonio; e pondo-as no braço obrou a maõ de Deos por interceſſaõ de ſeu Servo

a ſau-

a ſaude, que em mãos de Cirurgioens, e Medicos, quando naõ padecera duvidas, tornaria em largos dias.

Dona Filippa de Almada, moradora junto do Santo Chriſto da Carnota, termo de Alemquer, depõem, que trazendo a cara inchada, e grandes dores nella, ſe lembrára que tinha hũa reliquia do Habito do Servo de Deos: e pedindo-lhe que por ſeus merecimentos lhe alcançaſſe do meſmo Senhor livrá-la do mal, que padecia, pôs a reliquia ſobre a parte, e ſarou de repente. Depõem mais, que deſejando confeſſar-ſe com hum dos companheiros do Veneravel Padre, pela devoçaõ, que lhe tinha a elle neſta vida, e naõ vendo meio para eſta ſua conſolaçaõ, e allivio eſpiritual, ſe puzera a rezar pela alma do Servo de Deos Fr. Antonio, pedindo-lhe trouxeſſe ſeus companheiros a parte, que lhe foſſe poſſivel hi-los ouvir, e ir-ſe confeſſar. Notavel ſucceſſo! No dia ſeguinte á ſua petiçaõ a foy avizar o Cura da Freguezia, que tinha nella Miſſionarios de Varatojo: couſa naõ eſperada, por quanto tendo chegado por muitas vezes com ſuas Miſſoens ás Freguezias circumvizinhas, nunca miſſionáraõ naquella, por muito deſviada, e fóra de ſua derrota.

Dona Maria de Souſa, Religioſa no Convento de Santa Clara de Evora, teſtimunha tirada na inquiriçaõ, que ſe fez naquella Cidade, depõem, que eſtando com huma dor de eſtomago muito atflicta, ſe encomendára ao Veneravel Padre, e que pondo ſobre a parte da dor huma carta da ſua letra, fora de edictos para o mal, que ſe auſentára.

O Padre Fr. Joaõ da Aſſumpçaõ, Confeſſor das Deſcalças do Calvario de Evora, depõem que depois da morte do Veneravel Fr. Antonio, ſentindo terriveis dores de gotta, recorrêra á interceſſaõ do Servo de Deos, e virtude de ſuas letras, e applicando á gotta huma carta ſua, logo melhorára, e de entaõ para cá ſem repetiçaõ.

O Padre Manoel Peixeiro Soares, Confeſſor das Re-

ligioſas da Ordem de S. Domingos no Caſtello de Moura por certidaõ ſua jurada in verbo Sacerdotis, paſſada em 15. de Janeiro de 1683. refere da Madre Sor Franciſca de Santa Clara, que por huma carta do Veneravel Fr. Antonio poſta ſobre o eſtomago livrára das grandes dores, que nelle padecia, naõ ſe atrevendo o mal a parar hora, nem ponto, onde Fr. Antonio por carta fazia preſente a ſua virtude.

No Convento de S. Joaõ de Setuval penalizava a Sor Ignacia, filha de Jorge de Cabedo, huma inchaçaõ com dores, e temor de ſer cancro, em hum peito, mandou-lhe ſua mãy Dona Anna huma prenda do noſſo Veneravel Padre Fr. Antonio com grande fé na ſua interceſſaõ; e colheo os fructos da ſua fè, porque ſem mais outra medicina ſarou inteiramente ſua filha naõ ſó do mal, que padecia, mas tambem do que temia.

No meſmo Convento o Padre Fr. Matheus de Lima da Ordem de S. Domingos, e Procurador daquella Caſa, adoeceo de febre maligna ſem lograr nada do que comia; e appellando de taõ grande mal para o favor de Deos, mediante o Veneravel Fr Antonio, por cujo merecimentos o eſperava, applicou ao eſtomago huma reliquia ſua, e experimentou logo na repentina melhoria o acerto da ſua eſperança.

Manoel de Magalhaens Cerqueira, Contador do Meſtrado de Aviz, affirma por certidaõ ſua jurada pelo Habito de Chriſto, de que he Cavalleiro, que ſeu filho Antonio padecia o achaque de dor de pedra muito a miudo, e que em hum accidente della, com dores laſtimoſas para toda ſua caſa, fora ſua mulher Dona Iſabel buſcar huma carta do Veneravel Padre, e que pondo-lha naõ houvera mais dor por entaõ, nem lhe viera mais até aquella hora, que eſte referimento ſe lhe pedia.

CA

CAPITULO XXIV.

Chega a noticia da morte do Veneravel Padre a Lisbõa: Sentimento por ella da Mageſtade delRey D. Pedro noſſo Senhor. Manda ao Conde de Villar Mayor, ſeu Gentil-homem de Camera, e Conſelheiro de Eſtado, e Veador de ſua Real Fazenda, que participe por carta ao Guardiaõ, e mais Religioſos Miſſionarios de Varatojo o ſeu ſentimento, com exhortaçoens á perſeverança na virtude, e Miſſoens, encomendando lhes que eſcrevaõ a vida de ſeu inſigne Fundador: Ordena ao R. Fr. Balthazar dos Reis, Provincial da Provincia dos Algarves, que por toda ella faça inquirir da ſanta vida, e louvaveis coſtumes, virtudes, e obras maravilhoſas do Veneravel Fr. Antoniõ das Chagas. Põem-ſe aqui as Patentes paſſadas a eſte fim, e Commiſſoens do Illuſtriſſimo Arcebiſpo para ſe fazerem ſummarios de teſtimunhas em Setuval, e Torres Vedras, e tambem Capitulos de cartas de alguns Senhores Biſpos: de que ſe vé o conceito, que tinhaõ da virtude do Veneravel Padre.

HE a morte dos Juſtos chamada ſomno na Eſcritura, e do ſomno tem o ſer muitas vezes ſonhada, antes que ſabida: naõ porque o mundo deſeje a morte dos Juſtos, ſenaõ porque ſabe, que naõ he digno delles, e por iſſo ſonha com as ſuas mortes. Aſſim o podemos dizer da brevidade, com que ſe ſoube em Lisbõa, que o Venerayel Fr. Antonio era morto em Varatojo, ſem que ſe mandaſſe expreſſo com eſte aviſo. Pinta-ſe a morte com azas, eſtas daõ preſſas, e fazem ſoadas. Taõ ſoada, como ſentida foy a morte do noſſo abalizado Varaõ Fr. Antonio, coroando eſte geral ſentimento o que moſtrou ElRey

Deut. 31. 16. 2. Reg. 7. 12 Matt. 9. 24. Joan 11. 11. Act. 7. 60. 1. Cor. 15. 51. 1. Theſſal. 4. 13.

noſſo Senhor D. Pedro Segundo do nome, mas o primeiro na eſtimação da virtude; ſendo por eſta razaõ taõ affeiçoado ao Veneravel Padre, que goſtava muito de o ver, e ouvir, e ainda de reſolver algumas materias pelo ſeu parecer: nomeou-o Biſpo de Lamego; eſcreveo apertadamente ao ſeu Embaixador em Roma o Illuſtriſſimo Arcebiſpo de Braga, Primaz das Heſpanhas, com o primado das ſciencias, D. Luiz de Souſa, ſobre o negocio da ſeparaçaõ de Varatojo: tomou eſte Seminario debaixo de ſua Real protecçaõ; e finalmente para que ſe viſſe, que eſte ſeu Real amor naõ tinha termo na morte de Fr. Antonio, lhe mandou dizer muitas Miſſas por ſua alma; e ordenou ao Conde de Villar-Mayor Manoel Telles da Silva, ſeu Cameriſta, (e ao tempo, que eſcrevemos eſta Hiſtoria, Embaixador Extraordinario á Corte de Neobourg, e Conde Palatino do Rheno, para conduzir a Sereniſſima Maria Sofia, Rainha deſtes Reinos, e Senhorios de Portugal, pelo caſamento ajuſtado com El-Rey D. Pedro II., Fidalgo a quem nenhuns titulos faráõ grande pelo acharem ja feito a mãos do valor, a beneficio de ſeu illuſtre ſangue, a poderes da juſtiça, a foros da inteireza, e a merecimentos de ſuas grandes partes, e virtudes) que ſignificaſſe por carta ſua aos Religioſos de Varatojo quanto os excedia no ſentimento de ſua perda; porque a que elles ſó conſideravaõ da vida de Fr. Antonio, como columna do ſeu Convento, avaliava elle por de firmeza de todo ſeu Reyno; que dos Reynos ſaõ eſteyos os juſtos, e virtuoſos; e taes procuraſſem ſer, imitando a ſeu Fundador, cuja vida, e perfeiçaõ della eſtimaria ſe eſcreveſſe para honra, e gloria de Deos, e conſolaçaõ de ſeus vaſſallos, que, poſto que eſcrita, conſideraria a Fr. Antonio com vida. E para que tiveſſe Real effeito eſta ſua ſoberana vontade, a expreſſou ao Reverendo Fr. Balthazar dos Reys, Provincial da Provincia dos Algarves, Mãy de illuſ-

illuſtres Varoens, e exemplariſſimos Religioſos, e que entre ſeus mais generoſos filhos conta a Fr. Antonio das Chagas pelo Benjamin, filho de ſua maõ direita. Em-cumprimento da Real vontade, mandou logo o dito Provincial Patentes por todos os Conventos da Provincia, para que em toda ella ſe fizeſſem exactas inquiriçoens da vida, coſtumes, e virtudes do grande Servo de Deos Fr. Antonio das Chagas. As quaes ſó por ſi ſaõ teſtimunhos de ſua ſanta vida, e dignas de que as inſertemos neſta Hiſtoria, como fazemos agora.

Patente do Guardiaõ de Xabregas.

„ FR. Franciſco de S. Filippe, Prégador, Definidor
„ habitual, e Guardiaõ do Convento de Santa Ma-
„ ria de Jeſus de Xabregas. &c. Por quanto a Divina
„ Mageſtade, uſando dos theſouros de ſua miſericordia;
„ he maravilhoſo em ſeus Santos para mayor triunfo, e
„ gloria de ſua Igreja, e reparte com elles o precioſo
„ theſouro de ſua graça, ſegundo a diſpoſiçaõ, e bene-
„ placito da ſua vontade divina; e porque achamos fa-
„ zer eſte particular mimo, e ſingular favor com ſigna-
„ lada grandeza a hum Religioſo de noſſa Profiſſaõ, e
„ Regra, filho deſta noſſa Santa Provincia dos Algarves,
„ por nome o Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas,
„ Prègador, e Miſſionario Apoſtolico, o qual com vi-
„ da louvavel, e ſinalados indicios de virtude, aſſiſtio
„ alguns annos nella, depois dos quaes, pagando a com-
„ mũa, e indiſpenſavel penſaõ da natureza, acabou o fe-
„ lice curſo de ſua vida no noſſo Religioſo Convento
„ de Santo Antonio de Varatojo, que de preſente ſer-
„ ve de Collegio de Miſſionarios, onde havendo ſe
„ moſtrado verdadeiro filho de noſſo Seraf.co Pay, e
„ imitador de ſua vida, e pontual obſervante de ſua Re-
„ gra, viveo, e morreo, aſſim para com os Religio-

„ ſos do dito Convento, como para com os moradores
„ daquelle Povo, com opiniaõ de Santo, e como tal
„ foy reſpeitado na vida por todo eſte Reyno, e he ho-
„ je venerada ſua memoria depois da morte. E porque
„ querendo Noſſo Senhor manifeſtar-ſe magnifico nos
„ meritos de ſeus Santos, quer ſe publiquem as memo-
„ rias, e lembranças de ſuas glorioſas obras, para mayor
„ honra, e gloria ſua: tocou logo o coraçaõ do noſſo
„ Principe D. Pedro, que Deos guarde, como taõ pio,
„ e deſejoſo da obſervancia da Ley de Deos, e inclina-
„ çaõ particular, que tem aos Varoens de bõa vida,
„ eſpecialmente aos filhos deſta Santa Provincia dos
„ Algarves, ſervindo de deſpertador á noſſa obrigaçaõ
„ o cuidado, que teve de advertir ao noſſo Padre Pro-
„ vincial Fr. Balthazar dos Reys, Prègador do dito Se-
„ nhor, e Definidor Geral da Ordem, para que man-
„ daſſe expedir Patentes para ſe haver de juſtificar,
„ e inquirir do dito Veneravel Padre Fr. Antonio das
„ Chagas, aſſim no particular de ſua louvavel vida, e
„ ſantos coſtumes, como em toda a generalidade de ſuas
„ virtudes, e milagres. O que o dito Padre Provincial
„ fez por huma Patente geral para toda a Provincia, em
„ virtude da qual, e poderes, que nella nos dá, rogamos
„ ao Reverendo Padre Fr. Manoel de Santa Maria Ma-
„ gdalena, Prégador, e Commiſſario Delegado deſta
„ Commiſſaõ, e para que mais mereça, lho mandamos
„ em virtude da Santa Obediencia, tire particular, e
„ juridica inquiriçaõ do naſcimento, procedimento, e
„ vida do dito Veneravel Padre, tanto do eſtado ſecu-
„ lar em os primeiros paſſos de ſua criaçaõ, como tam-
„ bem dos exercicios eſpirituaes, e abſtinencias, ora-
„ çaõ, meditaçaõ, jejuns, e mortificaçoens, em que
„ gaſtou o decurſo de ſua vida no eſtado Religioſo,
„ e tambem dos maravilhoſos prodigios, que ſe viraõ,
„ e com admiraçaõ ſe notaráõ nos ultimos tranſes de ſua
„ glo-

„ glorioſa morte. E para que eſta diligencia faça fè,
„ concedemos a V. R. toda a authoridade, e poder ne-
„ ceſsario, quanto podemos, e devemos em Direito:
„ e tirará V. R., ſe neceſsario for, teſtimunhas ſecula-
„ res, que tiveraõ razaõ de ſaber do contheudo na Paten-
„ te do noſſo M. R. P. Provincial &c. Xabregas a 15 de
„ Março de 1683.

Fr. Franciſco de S. Filippe.

Patente do Guardiaõ de Evora.

„ FR. Ignacio de S. Bernardo, Prégador, e Guardiaõ
„ em o Convento de S. Franciſco de Evora, ſervo
„ de todos os Religioſos ſubditos &c. Ao Reverendo
„ Padre Meſtre Fr. Chriſtovaõ da Conceiçaõ, Leitor
„ de Veſpera actual no meſmo Convento, e Qualifica-
„ dor do Santo Officio, ſaude, e paz em o Senhor &c.
„ Por quanto o M. R. P. Fr. Balthazar dos Reys, Pré-
„ gador de Sua Alteza, Diffinidor Geral da Ordem, e
„ Miniſtro Provincial deſta Provincia dos Algarves,
„ por Patente ſua, remettida por todos os Conventos
„ da Provincia, mandou ſe tiraſſe hum teſtimunho ju-
„ ridico em fórma, que fizeſſe fé, da vida do Venera-
„ vel Padre Fr. Antonio das Chagas, Miſſionario Apoſ-
„ tolico, que Deos levou deſta vida preſente para a eter-
„ na, em o Convento de Santo Antonio de Varatojo,
„ immediato na obediencia aos Reverendiſſimos Padres
„ Miniſtros Geraes, de ſuas penitencias, mortificaçoens,
„ e mais actos meritorios, com que neſta vida viveo,
„ trabalhando em o ſerviço de Deos, deſde o tempo,
„ que recebeo o Habito de Frade Menor neſta Santa
„ Provincia, na qual profeſſou; e como filho della,
„ conhecidas pelos actos externos as ſuas virtudes, per-
„ tence á Provincia, como Mãy ſua, inquirir, exami-

„ nar, e fazer diligencia em fórma juridica, para que „ ſendo Deos ſervido declarar ao mundo a ſantidade, „ com que viveo, ſe naõ ache deſcuido nos Prelados „ em o exame de ſua vida, que corre tanto por obriga- „ çaõ noſſa: e porque he neceſſario que com brevida- „ de ſe faça eſta diligencia, pela preſente lhe rogo, e „ para que mais mereça, por obediencia lhe mando, „ que tire neſta Cidade hum teſtimunho authentico de „ todo o ſobredito &c. Dada em Evora ſob noſſo ſinal; „ e ſello do Convento, em 4. de Settembro de 1683.

Fr Ignacio de S. Bernardo.

O Guardiaõ de Setuval, que tinha o nome do Veneravel Fr. Antonio das Chagas, quiz por ſi proprio fazer a inquiriçaõ naquella Villa, e Convento; com que nos eſcuſou o trabalho de trasladar aqui a ſua Patente, ſendo-o a todos pelas ſobreditas a rara opiniaõ de ſantidade, com que o Veneravel Fr. Antonio poſſou deſta vida, e teve na ſua. Os Religioſos de Varatojo recorreraõ ao Illuſtriſſimo Arcebiſpo, para que mandaſſe, como mandou, ao ſeu Vigario da Vara de Torres Vedras Diogo Rodrigues de Almeida, e ao ſeu Vigario Geral de Setuval o Doutor Manoel Alvares da Coſta, que perguntaſſem ás teſtimunhas apontadas pelos ditos Religioſos, que bem ſoubeſſem das virtudes, e caſos maravilhoſos obrados pelo Veneravel Fr. Antonio em vida, e depois de ſua morte, nomeando Promotor, que foſſe citado para as ver jurar *Ad perpetuam rei memoriam.* E por virtude deſta Commiſſaõ de Sua Illuſtriſſima ſe fizeraõ dous ſummarios de teſtimunhas em Setuval, e Torres Vedras, pelas quaes pudéra logo ſer canonizado Fr. Antonio, ſe valera a canonizaçaõ do Povo, que ainda em vida o teve por homem ſanto, opiniaõ, de que naõ deſdizia a dos Senhores Biſpos deſte Reyno, pois eſcrevia aſſim o Illuſtriſſimo Arcebiſpo de Evora D. Fr. Domingos de Guſmaõ ao Veneravel Padre. M. R. P.

M. R. P. Fr. Antonio das Chagas.

„ MUito eſtimey eſta carta de V. P. porque me pro-
„ mette nella a ſua vizinhança ; grande conſola-
„ çaõ terey de que eſte goſto ſe me naõ dilate ; e para
„ iſſo mandey logo paſſar a Proviſaõ na fórma , que
„ V. P. verá ; e eſteja V. P. muy certo que lhe naõ hey
„ de faltar em couſa alguma , em que poſſa moſtrar-lhe
„ o meu affecto , e no entretanto que nos naõ podemos
„ ver, peço a V. P. as ſuas oraçoens com aquelle cuida-
„ do , que lhe mereço , e de que neceſſito , porque eſ-
„ pero que com eſſe ſoccorro me ajude Noſſo Senhor,
„ e dê graça , para que todas as minhas acçoens ſejaõ
„ dignas do ſeu agrado , que he o que ſó deſejo. Vaõ as
„ Patentes dos companheiros , e por eſta carta dou a
„ V. P. faculdade para communicar as licenças a quaeſ-
„ quer companheiros que eſcolha no ſanto miniſterio ,
„ em que anda ; e juntamente dou a licença , que V. P.
„ pede para o R. Padre Fr. Manoel do Sepulchro poder
„ confeſsar neſte noſſo Arcebiſpado. Guarde Deos a
„ V. P. Evora 8 de Dezembro de 1678.

„ V. P. diſponga de todo eſte Arçobiſpado a ſu vo-
„ luntad, pues tendrè muy ſegura mi conciencia , cor-
„ riendo las matas eſcabroſas , que hay en el , por el
„ ſanto zelo de V. P. Todo aquello, que fuere neceſsa-
„ rio para la ſanta compañia , ſe le aſſiſtirá a V. P. pues
„ aſſi lo tengo ordenado.

Siervo de V. P.

Fr. Domingo Arçobiſpo de Evora.

O Se-

O Senhor D. Martim Affonſo de Mello por carta ſua feita na Guarda em 23 de Settembro de 1677 para huma Religioſa.

„ EU começo ja a ſentir grandes ſaudades do R. Pa-
„ dre Fr. Antonio das Chagas ; porque diz, que
„ ſe quer ir á manhaã daqui, e crêa V. M. que fica-
„ mos muito deſamparados ſem a ſua companhia , e
„ preſença ; e que ſegundo he amado deſtes Povos ,
„ creio, que todos o iraõ ſeguindo. He grande Varaõ
„ Apoſtolico , e faz grandes fructos na Igreja de Deos.
„ Elle lhe augmente a vida para os continuar , e para
„ ſalvaçaõ de infinitas almas , &c.

E em carta para o meſmo Veneravel Padre de 30 de Settembro de 1682 moſtra ainda mais a veneraçaõ , em que o tinha , e os reſpeitos que lhe tributava; começando deſta maneira a carta de ſua maõ propria.

„ MEu Pay , e meu Senhor. Recebi a carta de V. P-
„ e ainda que de maõ alheia, a eſtimei muito , de-
„ ſejando ver a V. P. livre de toda a queixa para lograr
„ muitos annos de vida , e ſaude, para bem deſte Reino
„ e da ſalvaçaõ de tantas almas. Os Reverendos Padres
„ Miſſionarios , que andaõ neſte Biſpado , tem feito
„ grande fructo nelle , e o R. P. Fr. Manoel de Coim-
„ bra com muito particular trabalho ; depreſente eſtaõ
„ neſta Cidade , e tem corrido ja muita parte do Biſpa-
„ do , e naõ ſe haõ de recolher ſem o correrem todo.
„ Bejo a V. P. as mãos por ſe lembrar deſte Biſpado, on-
„ de ſou , ainda que indigno, Prelado delle. A eſmó-
„ la, que V. P. pede para a nova fundaçaõ de Setuval, fa-
„ zia conta dar ainda ſem eſta lembrança de V. P. e com
„ effeito offereço duzentos mil reis para ella, e vay car-

ta

„ta para o meu Feitor de Setuval os dar, ſe os tiver to-
„dos juntos, ou em partidas, aſſim como ſe forem ven-
„cendo, e cobrando: V. P. mande a carta a Setuval a
„quem corre com eſſas obras, para receber eſte dinhei-
„ro, e dar quitaçaõ delle para as contas do meſmo Fei-
„tor, e tudo em que V. P. me occupar me achara com
„bóa vontade para o ſervir, eſperando muito nas ora-
„çoens, e ſuffragios de V. P. que lhe mereço. Eu fico
„com ſaude, a Deos graças, muito a ſerviço. de V. P.
„Deos guarde a V. P. como póde, e deſejo. Guarda
„30. de Setembro de 1682.

M. Biſpo da Guarda.

O Senhor Biſpo do Porto D. Fernando Correa de Lacerda conhecido por ſuas virtudes, e obras, que deixou impreſſas, eſcreveo ao Veneravel Padre Fr. Antonio huma carta em 30 de Abril de 1678, cuja copia he eſta.

„NAõ eſcrevo a V P. por lhe naõ accreſcentar a oc-
„cupaçaõ, e tambem porque me tenho por indi-
„gno deſta conreſpondencia, todas as vezes que acho
„quem me dê novas de V. P. as procuro, e me alegro
„eſpiritualmente de ſaber que V. P. vay fazendo no ſer-
„viço de Deos taõ grandes progreſſos: e eſpero de ſua
„divina miſericordia, que elle ha de dar a V. P. diſpoſi-
„çaõ, para que continue eſte Apoſtolico trabalho.
„Aqui me diſſeraõ, que V. P. determinava recolher-ſe
„a Viſeu, como no anno paſſado, donde veje que V. P.
„foge de mim por determinaçaõ. Bem ſey que o Se-
„nhor Biſpo daquella Dioceſi tem muitas virtudes, e
„em mim ha muitas iniquidades; mas iſſo meſmo per-
„ſuade que V. P. deve vir para Santa Cruz, e naõ ir
„para Fontelo; porque o Senhor Biſpo naõ ha miſter
„a mais minima advertencia; para mim he pouco huma

„Miſ-

„ Miſſaõ inteira: e V. P. he razaõ que acuda onde ha „ mais que ſe remedee &c.

O Senhor D.Fr. Luiz da Silva Biſpo da Guarda, Meritiſſimo de mayor cadeira por ſeu ſangue, letras, e virtude, principalmente pela da caridade, com que ſe faz na Guarda outro S. Joaõ Eſmoler, Patriarcha de Alexandria, paſſando de Biſpo Cortezaõ á de Lamego, que o Veneravel Padre recuſara, e onde tinha aſſiſtido em Miſſaõ antes daquella promoçaõ, e feito a Deos tantos ſerviços, quantos nunca ceſſaráõ de encarecer os Povos; achando na ſua Dioceſi eſtas memorias, com deſejos de outra Miſſaõ de Fr. Antonio, querendo por eſta via conſolar, e remediar a muitas almas, como taõ ſolicito do bem eſpiritual de ſuas ovelhas, que ſe póde chamar Biſpo Miſſionario pelo eſtylo, com que prèga nas Viſitas por todas as ſuas Igrejas, eſcreveo ao Veneravel Fr. Antonio a carta, que aqui trasladamos do original, que temos em noſſo poder.

„ TAnto que apalpey os ſerviços, que V. P. fez a „ Deos neſte Biſpado, me magoey de V. P. ſe exi- „ mir donde podia fazer a Deos mayores ſerviços, e ſe „ expôr a que pela ſua deixaçaõ vieſſe eu para occaſio- „ nar eſcandalos; mas ja que iſto naõ tem remedio, para „ que todo eſte Biſpado ſe fortifique, e confirme nos „ exercicios, que V. P. lhe plantou, me acho obrigado „ a lhe rogar muito em o Senhor, a quem ſerve, nos „ torne a communicar a ſua doutrina; porque com ella „ eſpero eu poſſa aproveitar de alguma ſorte a vontade, „ que tenho de que todos amemos, e ſirvamos a Deos, „ que conſerve a V. P. em ſeu amor, e o guarde como „ póde. Lamego 15 de Julho de 1677.

D. Fr. Luiz Biſpo de Lamego.

Mui-

Muitos outros extractos de cartas de Biſpos, Senhores, e Prelados cheios de abonos, e creditos do Veneravel Padre, poderamos ajuntar aos eſcritos, ſe ou ſua humildade as naõ raſgára, ou os ſeus Religioſos fizeraõ pelas conſervar alguma diligencia; mas naõ he eſta ſó omiſſaõ, de que os condena a providencia, e admiravel intelligencia, que teve huma ſenhora Religioſa do Convento da Madre de Deos, filha eſpiritual ſua, e a quem o Veneravel Padre Fr. Antonio confeſſou as mayores obrigaçoens em vida, e deve depois da morte eſta obra, que por ſer devida naõ he pequena divida. Ella ſó ajuntou os materiaes, fez os apontamentos, procurou as certidoens, ſolicitou os ſummarios, deo calor ás inquiriçoens, advertio nas memorias, e obſervou as acçoens, que eraõ dignas de eſcrever, e finalmente foy grande parte neſte todo da vida do Veneravel Fr. Antonio.

CAPITULO XXV.

Teſtimunho do Reverendiſſimo D. Fr. Joaõ dos Prazeres, Biſpo de Angra, Confeſſor por muitos annos do Veneravel P. Fr. Antonio, eſtando ainda na Provincia; e outros de inſignes Prelados.

CErtifico com toda a verdade, que eſtando eu lendo a Cadeira de Prima de Theologia em Evora no noſſo Convento de S. Franciſco, chegou áquelle Convento, vindo de Coimbra a ter ferias, o Padre Veneravel Fr. Antonio, onde me pedio foſſe ſeu Confeſſor ordinario, pelo ter ſido até entaõ o Padre Meſtre Fr. Franciſco de S. Diogo, Biſpo eleito titular de Evora; que ſe achava auſente. E poſto que eu me conſiderava ſem a capacidade neceſſaria para o governo de huma alma, em que os ſinaes da graça divina moſtravaõ ſer chamada a grandes au-

augmentos de perfeiçaõ, e conſummados exercicios de virtudes, animey-me com tudo a ſer inſtrumento, com o qual Deos aperfeiçoaſſe a perola, que ſua divina graça tinha engaſtada em taõ fervoroſa vontade; e lhe dey o fim de ſer ſeu Confeſſor, como fuy em quanto as Miſſoens, que fez, nos naõ dividiraõ.

Deo principio á ſua obediencia eſpiritual, dando-me conta de toda ſua vida em huma confiſſaõ geral. Muitas outras tinha feito, mas eſta fez cõmigo para me dar luz inteira de ſua alma; e no intenſo pezar, que conheci nos actos exteriores della confiſſaõ, fundo o primeiro teſtimunho, que poſſo dar, de que a confiſſaõ foy verdadeira, e muito ſem duvida a vocaçaõ, que Deos fez deſte Veneravel Padre, e muy legitima a converſaõ das liviandades da ſua vida para hum theſouro grande de virtudes, e para huma muito ſublime altura de perfeiçaõ. Conheci deſde logo, que nos ſeis annos, que ſó tinha de Religiaõ, tinha aproveitado tanto no eſpirito, que ſe achava no eſtado da uniaõ com Deos, e que o meſmo Senhor fora o ſeu Meſtre na virtude, naõ peſſoa humana; tanta era a perfeiçaõ, que em ſua alma reconhecia. Continuou em me dar conta de ſeus exercicios todos os dias, e por elles aſſentey cõmigo, que naõ tinha inſtante de tempo, que, ou por obra, penſamento, ou palavra naõ empregaſſe em cuidar, obrar, e fallar no que Deos ſe houveſſe de agradar. Sempre que o confeſſey, me vali de materia da vida paſſada para a abſolviçaõ, por duvidar que ma déſſe na vida preſente, ou que foſſe ſufficiente.

He eſte o milagre mais prodigioſo, que nos homens de bõa vida ſe póde admirar; e mais nos havemos de certificar para conhecer hum ſujeito ſanto pela pureza de conſciencia, em que vivéo, e ſeus Confeſſores depõem, do que por muitos milagres, que na vida fizeſſe. Poſſo teſtimunhar, e aſſim o deponho, que em quanto confeſſey o Veneravel Padre Chagas, nunca cõmetteo culpa voluntaria

taria de advertencia venial, já naõ fallo em mortal. Posso tambem teſtimunhar, que aſpirou ao mais perfeito da virtude, naõ ſe contentando com a mediania; e por mais prodigios, que obraſſe de virtudes, ſempre lhe parecia naõ ter feito nada. Exercitou-ſe logo que tomou o Habito o Padre Chagas na virtude da penitencia com valoroſo animo, declarando-ſe acerrimo inimigo de ſi meſmo, pelo haver ſido de Deos no ſeculo. E em breve acabára a vida por rigores de penitencia, ſe eu lhe naõ fora á maõ, e preſcrevera regra, e modo nella. Tres dias na ſemana jejuava a paõ, e agoa: nenhum deixava de tomar cruel diciplina de ferro por longo eſpaço. Seu corpo cingia com humas cadêas de ferro, ſegurando-ſe como malfeitor, que dizia ſer contra ſeu Deos, e Senhor. Uſava de toda a ſorte de inſtrumentos, que conduziaõ a ſujeitar as rebeldias da carne, e quebrantar os brios do appetite. No comer era taõ parco, e no beber taõ moderado, que para provar vinho foy neceſſario pôr-lhe muitas vezes obediencia, e muitas vezes o foy buſcar ao Refeitorio para o obrigar com minha preſença a bebê-lo, por me parecer conveniente a ſeu trabalho, e ſaude. No comer ſe abſtinha de todo o goſtozo, dizendo: *Que ſó o groſſeiro, e deſenxabido lhe ſabia bem, e fazia proveito.* Dormia pouco, viſto naõ poder eſcuzar de todo o ſomno. Muitas noites paſſava no Coro do noſſo Convento de Evora, que no Veraõ tem de quente, o que no Inverno de frio, e em hum, e outro tempo com exceſſo. A cama ordinaria huma cortiça, a Biblia, ou algum livro de ſeus eſtudos por cabeceira, e ſeu manto curto, e velho era todo o mais apparamento da cama.

Na mortificaçaõ, eſpecie de penitencia, foy ſingularisſimo: ſou teſtimunha de viſta, poſſo affirmar, que lhe naõ vi acçaõ, em que naõ notaſſe grande mortificaçaõ, naõ dando a nenhum de ſeus ſentidos huma hora de tregoas para naõ padecer. Eſtudava continuamente como havia

de

de privar do natural appetite a todos; e ainda naquellas couſas, de que menos caſo ſe faz, apurava elle a ſua mortificaçaõ. Naõ ſó tratava como eſcravo a ſeu corpo, ſenaõ como cativo do mais cruel ſenhor, pois ſe pingava com lacre, e cera; e muitas vezes nas partes mais ſenſiveis da natureza. E para melhor exprimir em ſi a fórma de ſervo, ſujeitava a ſua vontade a qualquer Religioſo, que o pudéſſe encaminhar; e o que me parece terrivel martyrio, naõ tinha vontade propria por fazer a daquelles, que com ſuas acçoens tinhaõ alguma antipatia, offerecia-lhes, e dava-lhes obediencia, com elles praticava, e a elles buſcava por mais ſe mortificar em os ouvir. E quando lhe faltavaõ eſtas contradições dos que ſe lhe oppunhaõ ao ſeu natural, elle era ſeu mayor oppoſto, obrando o contrario de tudo, a que ſe ſentia inclinado, fazendo as vezes de tyranno por naõ ceſsar o ſeu martyrio.

Igualmente obſervava eſte rigor nos actos do entendimento, ſujeitando o ſeu aos pareceres alheios nas materias de urbanidade, e trato cõmum; e poſto que a razaõ eſtiveſſe da ſua parte, ſempre cedeo, confeſsando-ſe por ignorante ainda naquellas materias, em que podia ler de cadeira. E eſtas confiſsoens fazia tanto de véras, que por pouco ſcientes que foſsem os contraditores, a elle ficava parecendo, que no parecer proprio hia errado, e que era acerto ſeguir o alheio. Muitas vezes lhe ouvi dizer: *Nada entendo deſta materia*; e era materia, que muito bem ſabia. Outras vezes dizia: *Eu para nada preſto, nem ha quem menos poſſa diſcurſar nas materias, que eu, todos podem reſponder com acerto, eu em nada acerto do que reſolvo.* E por experiencias, que fiz em muitas occaſiões, achey que lhe naõ ficava no coraçaõ outra couſa do que dizia com a boca. Da meſma fonte de ſua humildade naſceraõ todas aquellas repugnancias, e reſiſtencias, que fez a ſer Prégador, e ter officio da ſalvaçaõ das almas, repreſentando as ſuas faltas de virtude, eſpirito,

e le-

e letras; o riſco de ſe perder a ſi, por querer apparentemente ſem ſufficiencia ſalvar a outros; que para Prègador Apoſtolico Miſſionario ſe requeria affouteza fundada em largos eſtudos, e noticias dos Padres, e ſagradas Eſcrituras, o que nelle naõ havia; como nem memoria para eſtudar hum ſermaõ em menos de quinze dias. Mas ordenando-lhe eu que, ſem embargo de ſuas razoens, tiveſſe por mayor querer-ſe Deos ſervir de ſeus talentos, partes, e prendas, para bem, das almas, abaixou a cabeça, e pôs maõ á obra, que fez taõ perfeita, como ſe vê da ſalvaçaõ, que obrou em milhares de almas por meyo de ſua doutrina neſte Reyno.

E cobrou tal affeiçaõ ao officio de aproveitar almas, que conheci nos ſeus affectos hum incendio abrazado de fervores para levar ao Ceo os peccadores. E dizendo-lhe eu algumas vezes, que deixaſſe de prégar nos dias, que ſe ſentia indiſpoſto, e cançado; me reſpondia; *Mais me vale a mim com meus brados mover a hum peccador a hum acto de arrependimento, que conſervar a ſaude com muitas forças, e poupar a vida por muitos annos; morrerey de venturoſo, ſe a morte ſe me occaſionar de melhorar huma alma.* Muitas vezes ſe recolhia, e ſujeitava á perſuaſaõ dos companheiros, conſentindo que o negaſſem a quem o vieſſe buſcar; porèm apenas preſentia que o procuravaõ, ja ſahia do retiro, e tudo deixava pelo regalo que ſentia em conſolar a peſſoa, que o buſcava; porque era quaſi ſempre para communicar a conſciencia.

Na pobreza foy taõ ajuſtado com a eſtreiteza da Regra de noſſo Padre S. Franciſco, que nem atomo, ou jota deſdiſſe della. Outra couſa mais que hum Habito, humas bragas, e hum lenço, corda, alparcas, e Breviario, como proprio lhe naõ conheci: Eu lhe miniſtrava papel, tinta, e pennas em quanto tive delle cuidado no Convento de Evora. Nunca conſentio que na cella, onde ſe re-

colhia, lhe ficaſſe alguma couſa de comer, por mais que lho pediſſem, e applicaſſem para as fraquezas do eſtomago, que muito o perſeguiaõ. Para ſuas jornadas naõ ſó naõ permittio nunca ſe lhe fizeſſe alforje, ſenaõ que nem nas mangas haviaõ de levar ſeus companheiros couſa, que metter na boca em huma neceſſidade, como foy acompanhando-o eu, e outros Religioſos de Sacavem para Varatojo; porque chegando á Cabeça da Serra de Montachique, ſe cerrou a noite, tendo-nos chovido muito de tarde; e aſſim molhados, e moleſtados do caminho, demandámos hum caſal, que eſtá defronte da Ermida de S. Simaõ, por naõ haver morador na eſtalagem; e pedindo pouſada, naõ achámos alli eſta obra de miſericordia, o que muito eſtimou o Veneravel Padre Chagas, o qual com varias razoens nos animava a offerecer a Deos aquella repulſa, e alegrar-nos com os infortunios, que o corpo padecia, e a noite ameaçava. Buſcámos outro caſal, deſandando outra vez o caminho, onde achámos agaſalho com huma ſardinhá ſalgada, e paõ de centeio. E repreſentando noſsos companheiros ao Padre Chagas, que para aquellas, e ſimilhantes occaſioens ſe podia diſpenſar com os companheiros, para que levaſsem algum provimento nas mangas; elle, naõ com menos graça de engenho, que fervor de eſpirito, nos reſpondeo: *Bõa cobardia! Como havemos de requerer as Commendas com dobrados merecimentos, ſe fizermos a guerra com abundancia de viveres? Batalhar com o Inferno, e padecer fomes, he que dá a gála, e o triunfo.* Deſtas neceſſidades padeceo muitas, mas nem por iſſo as ſuas prevençoens foraõ outras.

Na obediencia foy exactiſſimo, tanto ao ſeu Confeſſor, como ao Prelado, e imagino, que mais que os dias de ſua vida foraõ os caſos eſtranhos de ſua obediencia. Sempre com cara alegre acudia ao que o Prelado lhe mandava, ainda em couſas, que eu ſabia que a ſua vontade repugnava.

va. Naõ fallo nos reſplandores, com que ſe ornou ſua alma na inviolavel attençaõ do voto da caſtidade; porque para fallar neſta virtude dos Anjos todos os termos ſaõ eſcuros. Só digo, que com o diabo teve crua guerra, e particulares conflictos, ſendo todo o empenho do inimigo fazê-lo cahir na tentaçaõ, e o do Padre Chagas alcançar delle glorioſas, e meritorias victorias, abrindo para iſſo chagas vivas com fogo em ſeu proprio corpo, com que a fogo, e a ſangue vencia o feyo eſpirito da deshoneſtidade, ſahindo ſempre taõ ayroſo da batalha, que naõ perdendo nunca o merecimento, fez perder ao demonio a eſperança de vencê lo.

Eſtas ſaõ algumas das particularidades, que conheci deſte Veneravel Varaõ: e entendo, que pelas muitas virtudes, e caſos prodigioſos, que o ſublimáraõ a mais alta perfeiçaõ, e opiniaõ, ſe póde numerar entre os que merecem, por ſua vida irreprehenſivel, que os reputem os Fieis dignos de ſe ter fé, que offerecendo-lhe no particular, e occulta piedade, rogativas, e deprecaçoens Catholicas, ſeraõ ouvidos de Deos; e por ſeus merecimentos alcançaráõ bom deſpacho em ſuas petiçoens. Porque álèm da voz commũa, e univerſal fama dos Povos deſte Reyno, que o tratáraõ, e conhecèraõ do ſeu zelo a interior pureza de ſua alma; nos meſmos Reynos eſtranhos, a que chegou a noticia de Fr. Antonio, he acclamado ſanto, juſto, virtuoſo, e bemaventurado. E eu confeſſo que venerey ſempre neſte Veneravel homem muitos dons ſobrenaturaes do Eſpirito Santo, e muitos gráos de graça habitual, que ſantificava o ſeu eſpirito. Eſte he o meu ſentir, e parecer. 21 de Mayo de 1683.

Fr. Joaõ dos Prazeres Biſpo de Angra.

A eſte teſtimunho podemos ajuntar o que dava do Veneravel Padre ſeu primeiro Confeſſor o Senhor Biſpo de

Targa D. Fr. Francisco de S. Diogo, dizendo: O P. Fr. Antonio das Chagas he homem de grande entendimento, e que naõ tem vontade propria.

O Reverendissimo Fr. Joseph Ximenes Samaniego, Ministro Geral de toda a Ordem Franciscana, hoje dignissimo Bispo de Placencia, disse na grade da Madre de Deos, que vira ao Padre Fr. Antonio com o rosto taõ alegre, e resplandecente, que o admirára; e que havendo elle tratado muitos espiritos, tinha o seu por muito bem fundado, e cria era verdadeiramente humilde; e que nem neste Reyno, nem nos outros, por onde tinha discurrido, havia muitos homens como elle. E querendo encarecer muito o acerto que fizera na eleiçaõ do Reverendissimo Fr. Marcos de Çarçoza para Commissario Geral, depois de dizer delle, que era douto, valoroso, prudente, espiritual, zeloso, pobre, verdadeiro filho de S. Francisco, e grande Missionario da Andaluzia, concluio: que em fim era outro Padre Chagas. Assim o disse, e assim o refere o M. R. Padre Fr. Balthazar dos Reys, Provincial duas vezes da Provincia dos Algarves, Prégador de Sua Magestade, e o primeiro Diffinidor Geral da sua Provincia, com quem fallava o Reverendissimo Samaniego, quando fez este encarecimento depois de feito o Capitulo, em que fora a eleiçaõ do Padre Carçoza. E porque o Reverendissimo Samaniego he hum dos sujeitos mais eminentes em letras, e virtudes do nosso tempo, naõ deixaremos de accrescentar ao dito, que pertendendo justificar para com Sua Magestade as acçoens, e procedimento do dito Diffinidor Geral naquelle Capitulo, pelo que se lhe impôs nesta occasiaõ de menos attençaõ á sua Real vontade, se valeo do Veneravel Fr. Antonio por carta sua de 27 de Agosto de 1682. feita em Madrid, em que lhe diz quanto estima a nova fundaçaõ de Setuval, pelo entranhavel affecto, que tinha ao Seminario, nascido do firme con-

ceito-

ceito, que ſempre formára de quanto do ſerviço de Deos era, e havia de ſer.

O Reverendiſſimo Commiſsario Geral ja nomeado, eſcrevendo-lhe tambem neſta occaſiaõ, e ſobre a meſma materia, depois de bem explicada, lhe pede, e roga, que ſe interponha com Sua Alteza, e por entre parenteſis: *De cuya gran prudencia y Chriſtianidad no puedo dudar que prefiera el informe de V. P. a qualquier otro.* E por ſobre firma põem eſtas palavras: *Siervo, que deſea conocer a V. P,*

Fr. Marcos, Comiſſario General.

Eſte meſmo Prelado dizia do Veneravel Fr. Antonio, que era outro S. Paulo; e dando-ſe-lhe certo papel eſcrito da ſua letra, quando depois da morte do Veneravel Padre veyo a eſte Reino, o pôs nos olhos, e ſobre a cabeça como reliquia.

VIDA
DO VENERAVEL PADRE
FR. ANTONIO
DAS CHAGAS.

Virtudes, e dons ſobrenaturaes, que nelle reſplandecêraõ.

LIVRO II.

DEpois de relatarmos parte das maravilhas, com que Deos noſſo Senhor ſe moſtrou admiravel neſte ſeu Servo, procedemos a dizer ſuas raras virtudes; ou para que eſtas dem credito áquelles milagres, ou para que aquelles milagres ſe creaõ deſtas virtudes. Dos quatro Evangeliſtas, Marcos, Lucas, e Joaõ, primeiro que a doutrina, eſcrevêraõ os milagres de Chriſto; ſó S. Mattheus, primeiro que os milagres, nos participou a ſua doutrina: pertendéraõ os tres, ſe déſſe fé á doutrina, que Chriſto enſinava, pelo portentoſo das obras, que

que fazia; e S. Mattheus fazer criveis as maravilhas, que o Senhor obrava pela excellencia da doutrina, que prégava. Sabido he, que naõ depende necessariamente, nem da fé, nem dos bons costumes, o dom de fazer milagres, pois os fez Judas sendo ja ladraõ, e profetizou Caifaz naõ crendo em Christo. Porèm assim como a frequencia dos verdadeiros milagre he argumento forçoso da verdade de nossa Santa Fé; assim tambem o he de serem santos, e virtuosos aquelles, por quem Deos faz esses milagres: querendo o mesmo Senhor que, por via de milagrosos, sejaõ seus Servos, e Santos venerados, tomados por advogados, e finalmente canonizados. Pelo mesmo nome de virtudes se entendem na Escritura os milagres. Raramente houve quem fizesse milagres sem o raro das virtudes. Respondia o Veneravel Padre a huma carta, em que se lhe louvava hùm sujeito de grande espirito, e dizia desta maneira: „ Daquelle Servo de „ Deos todos devem dizer perolas, e por isso naõ me ad- „ miro que V. M. diga preciosidades. Na verdade o te- „ nho por santo, porque acho nelle dous sinaes, que co- „ mo diz Gerson, bastaõ para que por taes se possaõ ca- „ nonizar, isto he: verdadeira humildade com virtude „ de fazer milagres; e elle tem outras muitas, que o fa- „ zem mais facil ao louvor, que á imitaçaõ. „ Supposta esta sua doutrina, a si se punha Fr Antonio a diadema, quando ao outro Servo de Deos canonizava; porque foy sua humildade muito verdadeira.

Matt. 11. 21. & 25. Matt. 14. 2. Marc. 6. 5. & 14. Luc. 6. 19. Act. 2. 22.

CAPITULO. I.

Da virtude da Humildade, baze, e fundamento de todas as mais virtudes do Veneravel Padre.

2. Cor. 12. Rusboch. ibi ap. Marian.

HE a humildade virtude taõ propria de hum Chriſtaõ, que ſe appropriou Chriſto eſta virtude no tentir do Apoſtolo, quando dizia Para que habite em mim a virtude de Chriſto. Eſta virtude de Chriſto era a da humildade, e eſta mandava Chriſto aprender delle. Aprendeo a tam bem o Veneravel Padre, que chegou a ſer humilde de propriedade, e de humildades hum grande Meſtre. O Abbade Iſaias, Padre de grande reputaçaõ entre os Anacoretas, define a humildade pela eſtimaçaõ, em que o humilde ſe põem a ſi meſmo, avaliando-ſe pelo maior peccador do mundo, e incapaz de fazer couſa bõa, nem que o pareça aos olhos de Deos Similhante definiçaõ a eſta do Santo Abbade lhe dá o noſſo Veneravel Padre, dizendo: *Que conſiſte a verdadeira humildade em ſe ter o humilde por peyor que todos, quantos ha no mundo, ainda que ſejaõ más mulheres, e homens perdidos; entendendo que ſe Deos lhes dera a elles, o que nos deo a nós, que elles ſeriaõ melhores do que nós ſomos.* Aſſim o entendia, e aſſim o ſentia elle de ſi, reputando-ſe pelo mayor peccador do mundo, e crendo que em todo elle naõ havia peyor alma que a ſua, nem quem mais mereceſſe o Inferno, e deſamparo de Deos. Naõ fallava, nem eſcrevia a peſſoa alguma, a quem naõ pediſſe oraçoens, entendendo que ſó por ellas poderia alcançar a miſericordia de Deos: *Se eſta náo*, dizia, *ſe naõ ſalvar nas amarras das oraçoens alheas, ſem duvida fará naufragio na coſta de minhas miſerias. A*

Matth. 11.

Abb. Iſaias tom. 2. Bibl. PP. orat. 1.

naõ

naõ ſer tanta a miſericordia de Deos cõmigo, e as oraçoens de muitos, tenho para mim, que já eſtivera no Inferno, ou muito perto delle. A primeira vez que diſſe Miſſa na Madre de Deos, communicou ás Religioſas, que nella eſtivera conſiderando: *Que ſe Deos lhes moſtraſſe o eſtado de ſua alma, ſem duvida o veriaõ, como vio Santa Thereſa a hum máo Sacerdote, rodeado de demonios no Altar.* Certa Religioſa, filha ſua eſpiritual, lhe pedio hum dia, que ſe foſſe Deos ſervido de o levar primeiro que a ella, quizeſſe alcançar de Deos podê la vir doutrinar a eſte mundo, ou foſſe por ſonhos, ou por qualquer outra maneira, com que ſe fazem ouvir os defuntos. Reſpondeo o humilde Padre: *Em nenhuma fórma deſeje V. M. tal couſa, porque ſe eu cá apparecer depois de morto, ſerá rodeado de cadéas, e chammas de horrivel fogo, que lhe cauſaraõ, ſobre horrivel pavor, conſideravel damno.*

Era nelle couſa muito ordinaria, tanto nas praticas, como nos ſermoens, e cartas, encarecer ſeus pecados, e eſcandalos paſſados, dizendo, prégando, e eſcrevendo: *Eu ſou, e fuy o peyor homem de todos, indigno de que o Ceo me cubra, a terra me ſoffra, e o dia me amanheça*: exercitando por eſte caminho a humildade propria, e encaminhando as almas para naõ deſeſperarem da miſericordia Divina, por demaſiadas que ſoſſem as ſuas culpas. Eſcrevia a huma de ſuas irmaãs, e começava a carta: „ Irmaã, e Senhora. E ha quem faça caſo „ de Fr. Antonio? Bendito ſeja hum Deos taõ bom, „ que aſſim deixa enganar a gente com a peyor alma, „ com a mais má creatura, que tem o mundo. Que fize„ ra eſte Senhor por quem o amára muito, ſe eſtes fa„ vores faz a quem o aggrava tanto! „ Eſcrevia a huma Religioſa em occaſiaõ de Jubileo, e fazia-lhe eſta petiçaõ: „ Applique V. M. elle Jubileo, quanto póde, „ pela mais má alma, que houver na Igreja de meu Senhor

„ nhor Jeſus Chriſto, que entendo me ficará em caſa o
„ proveito.

Naõ taõ ſómente ſe tinha pela peyor alma do mundo, ſe naõ que ſe conſiderava hum demonio do Inferno. A huma mulher, que no Adro da Igreja da Madre de Deos ſe lhe lançou aos pés, chamando-lhe Santo, levantou com grande afflicçaõ, dizendo lhe: *Que conſideraſſe que via nelle hum diabo veſtido em hum Habito.* Em reſpoſta de huma carta para certa Religioſa eſcreve o que ſe ſegue: „ As ſimilhanças, que V. M. me achou „ com o demonio, naõ ſaõ taõ fóra de propoſito, que ſe „ naõ poſſaõ dizer de ſiſo. „ E em outra carta. „ Em „ quanto tardar a futura ſucceſſaõ, naõ irey á Corte, „ porque o livrar me de algumas occaſioens me faz „ fugir della neſte tempo; mas desfeitas eſtas poeiras, „ naõ deixarey de apparecer a V.M. neſſas portas, e naõ „ ſerá a primeira vez, que ás do Paraiſo appareceſſe o „ demonio. A minha vida he ſer relampago; e poſto „ que aſſim nos vejamos, com tudo podemo-nos ver „ aſſim. Naõ he máo para a minha inclinaçaõ mal faze- „ ja, que ſeja com ſuſto; e as couſas más naõ appare- „ cem, quando ſe eſperaõ, ſe naõ quando menos ſe „ cuida.

Sendo taõ conhecidamente diſcreto, que deveo fortunas ao ſeu juizo, e engenho, admirava-ſe de que peſſoas de eſpirito, e letras fizeſſem algum caſo das ſuas palavras, e que outras de bom entendimento goſtaſſem de o ouvir, dizendo, e crendo verdadeiramente: *Que naõ havia homem mais neſcio que elle, pois naõ podia haver igual peccador.* Em carta ſua para hum amigo lhe dizia: *Miſeravel de Portugal, onde Fr. Antonio peccador he o ſeu Prégador; e onde naõ he pequena maravilha ſoffrê lo. Eu ſou hum bruto,* (eſcrevia elle de ſi) *que olho para os diamantes ſem a eſtimaçaõ, que devo fazer delles; e ás vezes recebo a luz, como ſe o naõ*

ſou-

ſoubera, e tudo deſperdiço, ainda quando me aproveito, ou ſe aproveitaõ outros. Se lhe faziaõ perguntas em materias de eſpirito, reſpondia: *Iſto, e iſto dizem os Santos em ſeus livros, que eu nem tenho eſtes favores do Ceo, nem que eſperar mais que arder nas profundezas do Inferno por meus peccados; e ſe a miſericordia Divina me naõ tivera ſuſtentado nas amarras das oraçoens alheias, já lá eſtivera em corpo, e alma.* Conſultado em huma materia de eſpirito, depois de eſcrever o ſeu parecer, accreſcentou: *Iſto he o que entendo, e por ſer parecer meu, naõ deve V. M. fazer delle muito caſo, tendo por mais ſeguro, ou o que o Padre Confeſſor mandar, ou o que o Padre N. diſſer, ou qualquer outra peſſoa de eſpirito, que todos ſabem diſto mais que eu.* Quando houve de reſponder á carta, que teve de S. Mageſtade com a nomeaçaõ do Biſpado de Lamego, pedio ao Padre Fr. Manoel de Jeſus Maria, ſeu companheiro de muito pouco tempo de Habito, e pouco para conſultado, que lhe dictaſſe a reſpoſta com agradecimentos da honra, que S. Mageſtade lhe fazia, e razoens para a naõ acceitar, fundadas na ſua inſufficiencia, que confeſſava ſer tanta, que nem para as pôr em carta, e a S. Mageſtade tinha capacidade. Em outra occaſiaõ eſtando doente o Servo de Deos, ouvio fazer ſinal para os Religioſos do Convento irem á Igreja rezar a Ladainha de noſſa Senhora; e dizendo a hum Irmaõ Leigo, por nome Fr. Luiz da Eſtrella, que lhe aſſiſtia, que foſſe com a Communidade, tornou a chamá lo, e a dizer-lhe: *Que antes que foſſe lhe déſſe o ſeu parecer ſobre o que faria naquella cama, em quanto ſeus Irmãos louvavaõ a Deos na Igreja, viſto Deos o ter alli prezo, e naõ poder fazer-lhes companhia.* Deo ſuas eſcuſas o Irmaõ Leigo, mas apertado do Veneravel Fr. Antonio pelo pedido, lhe defirio deſte modo: Padre Fr. Antonio, em quanto os Religioſos eſtaõ na Igreja louvando o Senhor, ponha-

nha-ſe V. R. na ſua preſença, e faça actos de amor de Deos. Naõ quiz mais ouvir aquelle, que ſe julgava ſabio, e prudente do ſeculo, á falta dos ſegredos divinos communicados a humildes, e pequenos; e dizendo ao Irmaõ que ſe foſſe, nos deixou eſte exemplo de humildade taõ grande, como fazer-ſe diſcipulo de hum Leigo, quem era meſtre nas materias de eſpirito.

Depõem debaixo de juramento o Padre Fr. Fernando da Conceçiaõ, primeiro companheiro de ſuas Miſſoens, que em chegando aqualquer Convento da Ordem, naõ ſó ſe punha, mas oppunha aos officios mais humildes, e ainda ſordidos dos Conventos, lavando a louça na cozinha, os Habitos, e pannos menores na lavandaria, fazendo-ſe inferior aos meſmos Leigos, Noviços, e Coriſtas neſtes, e outros exercicios abatidos. Ninguem já mais ſe lhe quiz lançar aos pés, que naõ cahiſſe ſobre a ſua cabeça: ninguem ſe lhe quiz humilhar, que o naõ achaſſe hum furo mais abayxo. Naõ houve quem, pondo-ſe dejoelhos para lhe tomar a bençaõ, naõ experimentaſſe eraõ os ſeus joelhos mais dobradiços, achando ſempre razoens para eſtas ſubmiſſoens. A certo Senhor Biſpo, que ſe inclinava muito para lhe tomar abençaõ, pegou da maõ, e beijando-lha diſſe: *Naõ era decente, que Sua Senhoria ſe abateſſe tanto por tomar a bençaõ a Fr. Antonio, que era hum feijaõ fradinho.* Entrando a pôr a Via ſacra no Convento da Madre de Deos, o correo quaſi todo de joelhos; e porque as Religioſas na meſma poſtura lhe tomavaõ a bençaõ, poſto que já com reſalva de que pelo eſtado Sacerdotal ſe lhe devia toda a reverencia, moſtrou ſe affligia, dizendo: *Que a ellas por Freiras da Madre de Deos he que ſe devia aquella reverencia, e naõ a elle, que era huma vil creatura.* Antevendo, que ſegundo a devoçaõ, que todos lhe moſtravaõ, e opiniaõ, que delle tinha o mundo, podia a piedade Chriſtã honrar com os cultos, e toques de pés, e máos a ſeu cor-

po

po depois de morto, como costuma a todos, os que morrem com opiniaõ de virtude, e santidade, pedio hum dia antes de sua morte ao Padre Fr. Lourenço da Purificaçaõ, hum de seus companheiros, que em elle espirando lhe enchesse de immundicias pés, mãos, e cara, para que pelo mao cheiro ninguem chegasse a seu corpo morto; mas nem o companheiro lhe obedeceo neste particular, nem houve quem duvidasse ser o Veneravel Padre bom cheiro de Christo para Deos, nem a morte pôs termo a esta humildade do Veneravel Padre. Ainda depois de morto era humilde Fr. Antonio por esta sua humildade antecedente. Cor. 2.15.

Assim como a soberba he amor da excellencia propria, assim a humildade he huma negaçaõ de toda a propria excellencia. Muitas lhe considerava todo este Reino, e por ellas era geral o agrado, e veneraçaõ, com que todos punhaõ nelle os olhos, e se lhe mostravaõ naõ menos reverentes, que devotos. A que Povo chegou, que naõ sahissem seus moradores a recebê lo com applauso? Porque caminhos passou; que em sendo reconhecido dos passageiros os naõ visse logo a seus pés prostrados? Que ruas andou, que de cada casa naõ sahisse gente a lhe tomar a benção? Que ajuntamento de gente, que a vista de Fr. Antonio naõ desfizesse? Que jogo, ou divertimento, que em elle apparecendo naõ desapparecesse logo? Que Senhor o encontrou, que naõ parasse, e o honrasse? Que sorte de homens, que se lhe naõ offerecesse? Que lingua, ou que Povo, que o naõ acclamasse tanto, justo, e virtuoso? Porèm como os humildes naõ so se temem dos peccados, senaõ dos mesmos beneficios divinos, quando saõ muitos, considerando-se náos, que quanto de ouro, e de diamantes trazem mais pezo, tanto nas tempestades correm mais risco; ou arvores, a quem naõ derrubou com tempestades o vento, mas derrubou com abundancias o fructo; por isso S. Pedro dizia: Afastai vos

de

de mim, Senhor, que sou hum peccador indigno. Naõ deixava de amar S. Pedro, mas via-se, ou temia-se ir a pi-
Luc. 5. 8. que com a carga dos beneficios. E S. Francisco encommendava a seu companheiro, lhe dissesse muitas vezes, que merecia o Inferno, ainda que lhe parecesse o contrario. Esta doutrina sua praticava elle da maneira, que agora diramos.

Escrevera-lhe huma Senhora Religiosa, e começava a carta: *Padre, e Senhor.* E elle começou a resposta: „ Se-„ nhora minha, este Padre bem se póde levar, mas este „ Senhor mal se póde soffrer Nunca mais me falle em „ Senhor, porque os monturos naõ servem mais que para „ os ciscos. Tudo, o que naõ he isto, naõ diz bem nelles. „ Eu sou hum miseravel monturo, em que assentaõ mui-„ to bem os desprezos, muito mal esses tiples das esti-„ maçoens. „ A's pessoas, que o buscavaõ a titulo de Santo, e lhe davaõ este nome, fazia elle por persuadir com muitas razoens a que se enganavaõ com elle; e se persistiaõ na sua opiniaõ, se levantava, e os deixava sem resposta, dizendo: *Naõ podia ouvir cousas taõ claramente falsas.* Ao Religioso, a que commettêra o cuydado de reprehendê-lo, e advertí-lo de tudo, quanto lhe pareceste necessario a seu espiritual aproveitamento, escrevia huma carta nesta fórma: „ Acerca daquella „ alma, que apertou muito o diabo, naõ me lembra de „ tal. E estranho muito a V. P. que lhe metteſſem em „ cabeça aquelloutro succesſo, que me diz se diz „ por lá; que naõ houve tal, nem eu tenho esses espiri-„ tos de profecia, nem faço esses milagres; e admiro-me „ de que haja gente taõ simplez, que crea isso de leve. Costumava disfarçar as maravilhas, que delle se diziaõ, com estas palavras: *Bendito seja Deos, que até nos aleives sou venturoso: levantaõ-me testimunhos honrados. Agente, que olha para mim com bons olhos, de tudo faz misterios.* Outras vezes, que seus companheiros lhe en-

encareciaõ quanto amado era de todos, rompia neſte Adagio: *Todos ao ruim, e o ruim para todos.*

Dos maiores applauſos, ſequitos, e veneraçoens, em que ſe vio, nada appropriava a ſi, tudo attribuia a Deos, firme naquelle ſeu humilde conhecimento: „ De que „ tudo, o que naõ era eſtar já no Inferno, era ſummo „ favor, que Deos lhe tinha feito: e que de ſi naõ tinha „ nada, que de Deos naõ recebeſſe, para lhe tornar em „ gloria. As pedras, *dizia*, ſe lançaõ agoa, naõ he „ porque dellas naſça, ainda que corra por ellas: natu- „ ralmente ſaõ ſeccas, e duras; mas lá pelos ſegredos „ da terra lha communica o mar. E quem vê rebentar „ do penedo as fontes, diz: Ieſus, que excellente agoa „ corre deſte penedo! O mar das miſericordias Divi- „ nas lá pelos meatos de ſua ſabedoria, e bondade eter- „ na, faz que vejamos algumas vezes ſahir, ou correr „ de hum peccador penedo duro, e para Deos muito „ ſecco, como Fr. Antonio, as agoas de ſua graça; e ſe- „ ria deſvanecimento grande querer o penedo para ſi a „ gloria da agoa, que naõ he ſua. „ Conſiderava ſe pe- derneira, que feria fogo, com que Deos accendia ou- tros, e elle ſe ficava frio, e duro como d'antes era. De- põem o Padre Fr. Domingos da Reſurreiçaõ, que lhe ouvira dizer muitas vezes nos applauſos de ſuas Miſsões, e ſermões: *Que o Povo venerava, e feſtejava nelle a pala- vra de Deos, que prégava, e ao ſanto Crucifixo, que com- ſigo trazia.* Em certa occaſiaõ de tanto concurſo, e ap- plauſo, que mais o levavaõ nos braços, que pela maõ para o pulpito em huma Igreja deſta Corte cheа de innu- meravel gente, ſe lhe chegou huma peſſoa de confiança a perguntar-lhe, ſe tinha alli algum lugar a vaidade. Reſpondeo: *Neſtes caſos mais me tenta a impaciencia, que a vangloria.*

Por eſpaço de muitos annos naõ houve obrigá-lo a rezar Evangelhos, ou formar Cruzes ſobre os enfermos; e

aos

aos que lho pediaõ, aconſelhava: *Que buſcaſſem outros Religioſos, que o fariaõ melhor que elle; porque ſe elle lhe puzeſſe as mãos na cabeça, ficariaõ cegos, ou ſurdos, e confirmados nos males, de que ſe queriaõ livrar.* Mas alguns tempos antes de ſua morte fazia todas eſtas couſas ſem repugancia, e dava por cauſa deſta ſua incoherencia, e mudança: „ Que já o naõ atormentavaõ „ tanto os temores, que tivera naquellas materias; e „ eſtava certo, que ninguem poderia crer, ou eſperar „ delle virtude alguma; e que como toda eſtava na „ Cruz de Chriſto, ſeu ſanto nome, e Evangelho, e „ por outra parte via a fé, e devoçaõ das creaturas, pe„ la qual Deos muitas vezes obrava couſas prodigioſas „ para maior honra, e gloria ſua, fazia eſcrupulo de „ tirar a Deos eſta gloria accidental, e ás almas os be„ neficios, que Deos á ſua fé poderia bem ſer que ti„ veſſe decretados debaixo da condiçaõ, que foſſem por „ elle perſignados, e rezados os Evangelhos. Que o „ páo, e pedra, de que ſe faziaõ as Cruzes, naõ tinhaõ „ nenhuma graça, nem eſta ſe podia buſcar nas ſuas mãos.

Hum dia de Corpus, eſtando o Servo de Deos neſta Corte de Miſſaõ, foy na Prociſſaõ encorporado com a Communidade de S. Franciſco de Xabregas: e foy tal a commoçaõ da gente, e tal o concurſo della para lhe tomar a bençaõ, e beijar o Habito, que como embargada a Prociſſaõ, naõ dava paſſo: toda ella ſe via interrompida, e deſcompoſta, ſem que houveſſe Vara, que a ordenaſſe, nem reſpeito, a que ſe obedeceſſe. Tomou entaõ o Provincial por expediente mandar ſahir da Prociſſaõ o Veneravel Padre com ſeus companheiros: o que elle fez ſem replica, nem dizer palavra; ſalvo eſtas a ſeus companheiros com muita galantaria, e naõ menos humildade profunda. *Na Prociſſaõ do Corpo de Deos ſempre apparece huma tourinha para divertir o Povo: Eu fiz muito bem eſta figura, que ſó para iſſo tenho*

preſ-

preſtimo. Quando paſſando pelas ruas ſe aſſomava gente ás janellas para o ver, dizia ao companheiro: *Naõ lhes ponhamos culpa, que paſſa o elefante.*

Em Ilhavo, termo de Aveiro, e huma das bõas terras, que alli tem Chriſtovaõ de Almada, Provedor da Caſa da India, e Fidalgo de muita conta, o eſtava eſperando todo o Povo com as ruas enramadas; e acompanhando-o o Prior por ellas, lhe diſſe: Padre Fr. Antonio, deſte modo entrou em Jeruſalem Chriſto Senhor noſſo. Reſpondeo: *He verdade, Senhor, que com ramos receberaõ em Jeruſalem a Chriſto, mas o aſninho foy o que pizou os ramos.* Pondo a Via ſacra neſta Corte, e Convento da Senhora da Gtaça, lhe furtáraõ as alparcas, naõ pelo valor, mas pela valia, que a piedade conſiderou naquella reliquia ſua. E levando-o como por força hum devoto ſeu á caſa do primeiro çapateiro, que ſe lhe offereceo para lhe mandar fazer outras, diſſe no caminho: *Pelo cabreſto levaõ eſta beſta a lhe deitar as ferraduras para poder caminhar mais depreſſa.*

Effeito he da humildade naõ ſe agradar o humilde de couſa alguma que faça; eſte effeito ſe via em quanto Fr. Antonio obrava. Naõ conſentia que ſe fallaſſe nos ſeus ſermoens, nem quiz que ſe imprimiſſe papel algum ſeu; merecendo todos elles ſahir a luz, ſó Fr. Antonio os condenava á do fogo. Eſta ſentença dá principio a huma ſua carta para certa Religioſa: *Senhora minha, he chegada a hora. Em nome Deos lhe mando que queime todos os meus papeis, ſe acaſo o naõ tem ja feito, excepto algum, que com ſimplicidade eſteja nú da vaidade, de que eſtará veſtido tudo, o que he meu.* Porque o Vigario do Coro de Xabregas imprimio o Acto de Contriçaõ, dando-lhe o ſeu nome, ſem que elle o ſoubeſſe, prevenio a hum dos Senhores Inquiſidores amigo ſeu, para que ſe áquelle Tribunal foſſe outra alguma obra com nome de ſua, o aviſaſſe para

impedî-la. Fez hum Romance ao Divino, que devia ſer bem excellente; porque ſe lhe ouvio dizer em huma occaſiaõ: *Que naõ pulſara melhor a ſua véa*; mas por iſſo meſmo, que lhe ſahio a ſeu goſto, o affogou no mar, para que lhe tiraſſe o ſal. Os que no mundo fez profanos, deſejou ſummamente recolher, promettendo jejuar hum anno inteiro a paõ, e agoa, e trazer cilicio por quem lhos entregaſſe, ou queimaſſe. E como neſta parte fazia tanta diligencia, andando elle por tantas partes deſte Reyno, naõ he de admirar que ſe achem taõ poucas obras ſuas. Por ſerem de ſeu grande engenho, e juizo, naõ ha que lhe eſtranhar o incendio. Faz depois o juizo humano, o que d'antes precederá ao Divino.

As ſuas oraçoens tinha em taõ pouca conta, que a huma ſenhora Abbadeſſa eſcrevia o que nós agora: „ Eu farey o que V. M. me manda no particular de encommendar a Deos eſſas creaturas: mas receio que, „ ſe Deos naõ puzer á minha oraçaõ os defenſivos de „ ſua clemencia, venha algum garrotilho de novo pelo mundo, que nos ponha em mayor anguſtia. As „ minhas oraçoens perdem por minhas, o que por oraçoens merecem. „ A hum Religioſo da ſua Provincia eſcrevia: „ Tal ſou eu, que até V. R. ſentirá em ſi o „ pouco, que valem minhas pobres oraçoens; que avalerem mais, tremera eu menos dos impoſſiveis de „ agradecido a quem tanto devo. „ Dos ſeus conſelhos ſentia iſto, que eſcreve a huma ſobrinha ſua: „ Quanto ao eſtado de V. M. naõ me atrevo a lhe dar „ conſelho; porque os meus pareceres, ou ſempre tem „ erros, ou ſe acompanhaõ de eſcrupulos, que naõ „ tem ſahida. „ A huma Senhora Titular, que o conſultára em alguns pontos de eſpirito, e materias de conſciencia, depois de dizer o que entendia, lhe pedia perdaõ nella fórma: „ Peço perdaõ a V. S. de quanto

lhe

„ lhe tenho dito; porque poderá ſer que a curta viſta „ do meu juizo ſe enganaſſe em tomar a altura ao eſpiri- „ to de V. S. como quem entende taõ pouco de eſpiri- „ to como eu. Mas approveite-ſe V. S. deſta vibora, „ pois ainda que nella haja a mayor peçonha, dizem os „ Naturaes que tambem de ſua cabeça ſe faz a melhor „ triaga. Seja Deos muito bendito. „ O de que mais ſe pudéra contentar era dos grandes ſerviços de Deos, que obrava nas Miſſoens, e de ſer inſtrumento da miſericordia Divina para ſalvaçaõ de muitas almas: Vaſo de eleiçaõ, para que o nome de Deos foſſe divulgado, e ſantificado; porèm elle dando a Deos tudo, diminuia em ſi até no que era inſtrumento. *Coſtuma Deos* (dizia elle fallando neſtas materias) *coſtuma Deos por canos immundos, e podres communicar agoa limpa, e clara ás arvores, para que creſçaõ, e fructifiquem.*

O ſegundo effeito da humildade do Veneravel Padre ſe via em ſe humilhar a todos, naõ querendo preceder a ninguem. Foy neſte particular taõ exemplar, que ainda os mais humildes tem nelle que aprender, e imitar. Era Fundador do Seminario de Varatojo, guia, e Meſtre de todos ſeus Miſſionarios, mas naõ ſe pode acabar com elle, que foſſe ſeu primeiro Guardiaõ. Era Diſcreto mais velho, mas nunca ſe ſentou no lugar, que lhe tocava no Refeitorio: o lugar, que tomava, era o ultimo dos Prégadores do Convento, fazendo-ſe infimo de ſupremo. Succedeo por vezes irem fóra a negocios preciſos Guardiaõ, e Preſidente; competia a Fr. Antonio, como Diſcreto mais velho, preſidir á Communidade, e fazer officio de Prelado; porèm elle ſempre affectou occupaçaõ, que o eſcuſaſſe. Dizia: *Que naõ tinha preſtimo, nem para Guardiaõ de Eſtombar.* Que he o mais inferior Convento da Ordem, e Provincia dos Algarves. Pertendeo o Reverendiſſimo Fr. Joaõ dos Prazeres, Biſpo que foy de Angra, e antes Provincial da dita Provincia, que o V. Pa-

dre lhe ſuccedeſſe no Provincialado, e por atalhar difficuldades, que encontraſſem eſtes ſeus intentos, ſe quiz valer de Motu proprio do Pontifice; faltava-lhe ſómente o conſentimento de Fr. Antonio: eſte procurou com rogos, e com razoens, ſendo a primeira, que lhe repreſentou, ſua muita amizade, merecedora de que lhe fizeſſe a quella vontade; e mais ſendo elle para taõ bom fim, como era a gloria de Deos, a reformа da Religiaõ, melhor obſervancia da Regra, e conſolaçaõ da maior parte da Provincia; que poſto que Fr. Antonio ſe naõ pudeſſe fazer de todos amado, a todos ſe fez amavel, e digno de amor.

Sabidos eſtes intentos do ſeu Provincial, eſteve o Servo de Deos taõ fóra de conſentir que foſſem por diante, que deſmaginou, e proteſtou ao meſmo Provincial, que tudo, quanto neſte particular intentaſſe, ſeria debalde. Iſto meſmo lhe ouçamos dizer a elle: *Tambem peço a V. Paternidade pela Virgem Maria noſſa Senhora, e todo o bem de V. Paternidade, que nem pelo penſamento lhe paſſem certas imaginaçoens, de que tive noticia; porque tudo, quanto Voſſa Paternidade niſto intentar hé ir fora de caminho, e a minha incapacidade, e conciencia me obrigaraõ a fazer todas as demonſtraçoens para me livrar diſſo.* Eſtas demonſtraçoens, que inculcava, eraõ metter-ſe Cartuxo, para o que tinha ordem, prevenindo-ſe para o ultimo aperto, em que ſe viſſe. *E poderia*, eſcreve o Veneravel Padre, *haver eſcandalo no mundo de apertarem tanto cõmigo em huma couſa taõ injuſta, como era quererem me fazer Prelado a força, naõ ſendo eu para ſubdito, que me fariaõ mudar de Religiaõ.* Eſta diligencia, por naõ ſer Prelado, de fazer-ſe Cartuxo, naõ ſabemos que atégora vieſſe ao penſamento de algum Religioſo. Feniz ſerá Fr. Antonio dos humildes em todo o tempo. Franquea a paſſagem de qualquer outra Religiaõ para a Cartuxa a declaraçaõ Pontificia

de

de que he aquella Religiaõ entre todas a mais apertada; porèm para com o humilde Fr. Antonio naõ era aquelle modo de vida de taõ grande aperto, como apertarem-no para ſer Prelado, pois vendo-ſe neſtes apertos, lhe pareciaõ menos rigoroſos os outros.

Na meſma occaſiaõ reſpondendo a hum Religioſo da Provincia, que lhe déra conta do que o ſeu Provincial maquinava, lhe ſegura o ſeu Naõ neſta forma: „Muitas vezes tenho conſiderado aquelle ponto, para „que ſe deſejavaõ Motus proprios; e he couſa eſta, que „me pudéra deſaſocegar, ſe naõ vira que me importa „ter que padecer. He certo, que ſe o tempo me naõ „virar o miolo, ou Deos me fizer huma nova vontade, „que he iſſo impoſſivel que ſe acceite; porque ainda que „a Sua Santidade naõ deva haver deſobediencia, con„ſolo-me com que póde haver recurſo, e ſeguro a Voſ„ſa Reverencia, que ſe pela Abbadia paſſada (era o „Biſpado, que naõ aceitára) fiz alguma diligencia, „que por eſtoutra farey dez vezes dobrada. E ainda que „com todos os votos me vira, me parece taõ mal, que em „nenhum caſo o acceitára, excepto conhecendo que pec„cava mortalmente. E para me livrar deſte eſcrupulo „tenho certeza na minha conſciencia, que naõ ſou pa„ra iſto: nem a graça, que Deos me tem dado, ſegun„do cuido, ſe eſtende muito mais que ao ſeculo.

Foy Sua Mageſtade ſervido de o nomear Biſpo de Lamego, pertendendo pôr ſobre o candieiro da Igreja eſta tocha, que tanta luz em ſeu Reino dava. Mas o Veneravel Padre, que naõ queria tirar-ſe debaixo do meio alqueire de ſua humildade, agradecendo a Sua Mageſtade a mercê, que lhe fazia, pode tanto, que alcançou delle a maior, que podia ſer, e foy a de lhe acceitar a eſcuſa, que elle fundava no conhecimento de ſua incapacidade, deſcrevendo-a deſta ſorte: „Em ſua Alteza, „que Deos guarde, he muy louvavel que ponha os

„olhos no Habito de meu Padre S. Franciſco ; porque „em mim naõ hi outra couſa , em que pôr os olhos ; „porèm de hum peccador miſeravel , como eu, o ac- „ceitar aquillo , para que naõ ſou , nem preſto por ne- „nhuma via , como naõ ſeria abominavel ! Hum moſ- „quito naõ tem hombros para hum monte , huma her- „vinha debil , e inutil affoga-ſe com pouca agoa , naõ „, he neceſſario hum mar. Mar era o favor, com que S. A. „ me queria encher , pezo mais que de hum monte a di- „gnidade , em que me queria pôr ; naõ tenho hombros „ para tanto pezo : o que eſte lugar tem de honra , he „para mim ruina : para o que tem de obrigaçoens , naõ „ tenho eu ſufficiencia ; e aſſim niſto naõ tenho que fal- „lar , que defender até a morte , iſſo ſim. Mas creio „da bondade Divina, que , para que a ſua palavra te- „nha em mim alguma força , permittio eſte ſucceſſo „taõ extraordinario , louvemo-lo por tudo. Affirmo a „ V. M. , que ſe ainda aſſim entendera que era ſerviço „ de Deos o acceitar , naõ reſiſtira ; mas entendo o tan- „to pelo contrario , que nunca me julguey mais Frade „ de meu Padre S. Franciſco , que em naõ eſtar por eſta „ obediencia ; porque me naõ ligaõ , nem ataõ as que „ ſaõ contra minha alma. Tambem me parece, que , ain- „da que ſou hum Lucifer de ſayal , me naõ move a vai- „ dade a tanto , que engeite iſto por ſoberba. Rogue V. „ M. a Deos, me dê ſua luz, e graça, e que naõ permit- „ ta que ſeja para ſi trevas , quem he para outros luz.

A hum Guardiaõ, que lhe dava os parabens da nomea- çaõ , eſcreve deſta maneira : „ Bem ſey o zelo , e amor, „ com que Voſſa Reverencia deſeja os meus augmen- „tos ; mas como noſſo Senhor me deo luz , e conheci- „ mento de que naõ preſto para nada, naõ convèm que „ eu tome carga ſobre meus hombros , com que naõ „ poſſa : Eu arvore miſeravel com fructos deſiguaes ao „ que ſou , que poderey eſperar , ſenaõ a minha ruina ?

„ E ſen-

„ E ſendo huma barquinha taõ rota, e fraca, que eſ-
„ perarey de mim, ſenaõ naufragio? Melhor me
„ acho com os meus piolhos, mais ſeguro eſtou com
„ os meus remendos, e quero mais hum cantinho
„ de huma pobre Cella, em que ſiga a meu Padre S.
„ Franciſco, que os mayores titulos, e ſenhorios do
„ mundo. Eſcolhi viver humilhado na caſa de meu
„ Deos ſobre toda a honra, que acompanha os que ha-
„ bitaõ nos Palacios da terra. Psalm. 25. 11.

Por outra carta ſua eſcrita de Evora em 28 de Março de 1676 á Madre Abadeſſa do Convento da Madre de Deos, que o ajudára na ſua eſcuſa com a Senhora Rainha, falla na meſma materia, ſuppondo, que o ſeu Provincial lhe tinha mandado por obediencia, que acceitaſſe o Biſpado; e poſto que haja de ſervir a poucos ſua doutrina, ſervirá a todos de admiraçaõ ſua humilde reſoluçaõ. A carta he eſta: „ Dou a V. M. as graças pela
„ diligencia, que fez com a Rainha noſſa Senhora,
„ que Deos guarde, e as razoens ſe talháraõ pelas
„ minhas ideas: e he certo, que, ou teymem, ou naõ,
„ ja ſe ſabe no mundo, que eu ſou peyor que todos;
„ e por iſſo tal vez no mal teimarey: que a ſoberba, ſe
„ Deos a naõ tirar, quem a ha de vencer? Os meſqui-
„ tos tem atrevimento para fazer das ſuas nas caras dos
„ Principes; que muito he, que até morrer, e matarem-
„ nos, ſeja o zunido o meſmo! Com hum naõ, redon-
„ do como hum pelouro, eſpero me ajude Deos. Que
„ como o coraçaõ ſe reſolve a naõ querer nada do mun-
„ do, a tudo perde o medo. E vendo eu que tenho
„ por mim a Madre de Deos, e que eſtas almas ſe
„ põem da minha parte, e que eſte Santelmo me appa-
„ rece, naõ temo os demonios, nem o mundo, nem as
„ batalhas, nem as tempeſtades. O Padre Provincial fez
„ o que entendia, creyo que o zelo he bom, e que ſe-
„ rá o dos mais Padres, mas naõ parece que paſſaõ de

„ temporalidades todas as razoens, que me allegaõ. E „ ſaiba V. M. de mais amais, que nenhum Prelado pó- „ de mandar ao ſubdito, que ſeja Biſpo, ou Arcebiſ- „ po por obediencia, por ſer couſa de ordem mais alta, „ a que naõ chega a ſua juriſdiçaõ; porque eſta ſó ſe eſ- „ tende ás couſas da ſua Regra, e as commũas, que naõ „ encontraõ as conſciencias.

Ainda acho outra carta ſua para huma Religioſa, que falla na meſma materia, digna de ſe eſcrever por ſua: „ A obediencia dos meus Prelados me tem prompto pa- „ ra quanto quizerem de mim, como naõ ſeja contra „ a minha alma, e conſciencia; para os açoutes naõ te- „ nho replica: e ſe me metterem nos carceres, naõ fa- „ ço conta de fazer ſupplicas. Tudo o mais de honras, „ e dignidades, para que naõ vim á Religiaõ, ainda „ que ſejaõ ſantas para outros, em mim até imaginadas „ he couſa ridicula. Os moſquitos contentaõ-ſe com „ picar, e zunir: eu ſou moſquito de Deos, pico, pa- „ ra que eſpertem os que dormem, zuno, para que to- „ dos acordem. Naõ quero mais nada, que ver a todos „ abrir os olhos, e que os ponhaõ no Ceo. Se fora Ele- „ fante, fizera tromba a quem me naõ eſtimara, e moſ- „ trara dentes a quem com o ſangue me enfurecêra. Mas „ depois que cuidey no ſangue derramado de meu Se- „ nhor Jeſus Chriſto, o que ſó quizera, era ſabê-lo „ imitar, ſeguir, e obedecer pelo caminho, ou vere- „ da de meu Padre S. Franciſco. E aſſim nem peſſoa „ grande, nem pequena, nem rogos daqui, ou dalli „ me podem diſto apartar, em quanto me naõ deſam- „ parar a luz, que me dá o Ceo. Eſte he ſó o ponto, „ em que naõ hey miſter que me convertaõ.

Aſſenta o Venaravel Padre neſtas ſuas cartas, e doutrinas, que nenhum Prelado póde obrigar a hum ſeu ſub- dito, para que acceite algum Biſpado: e vale tanto como dizer, que naõ eſtá obrigado o ſubdito a acceitar o Biſ-

pado,

pado, que ſeu Prelado lhe manda acceite por obediencia. E porque naõ aponta os fundamentos deſta reſoluçaõ, e Doutores, que ſeguio, ſendo eſte ponto controvertido entre elles, nos pareceo neceſſario eſte ſupplemento, para que ſe veja o ſolido de ſua doutrina, e a ſegurança de ſua conſciencia. Primeiramente ſupponho que pecca o Religioſo, que appetece ſer Biſpo: *Ancarranus & Cardinal. in Clement. Pleriſque in* 4. *col verſ.* 7., e S. Boaventura ſobre a Regra dos Menores cap. 2. in 2. p. 3. part. diz, que ſente mal do Frade Menor, que deſeja ſer Biſpo, porque iſto he deſejar ſahir-ſe da Ordem, contra o que ordena a ſua Regra, que nenhum ſaya fóra della. E ſe o Apoſtolo S. Paulo diſſe, que deſejava couſa bóa quem deſejava hum Biſpado; naõ diſſe que era bom o deſejo, ſenaõ que o Biſpado, que ſe deſeja, era bóa couſa: como o ladraõ, que deſeja a capa, que vê bóa, mas o ſeu deſejo he ſem bondade nenhuma, Só he bom appetecer hum Biſpado, como meyo para alcançar o martyrio. *Archidiac. cap. Qui Epiſcop.* 8. *quæſt.* 1. E Santo Agoſtinho eſcreve, que he indecente á humildade do eſtado Religioſo appetecer ſimilhante Dignidade, poſto que ſe entenda a adminiſtrará decentemente: ſaõ eſtas as ſuas palavras: Lugar ſuperior, que tem encargo de governar o povo, poſto que ſe adminiſtre decentemente, indecentemente ſe appetece. Neſte particular naõ teve a humildade de Fr. Antonio de que ſe accuſar, como nem em deixar de obedecer ao mandado do ſeu Provincial.

1. Tim. 3.

Aug. l. 19. de Civit. Dei.

Porque o eſtado Epiſcopal he de maior perfeiçaõ, e de maior obrigaçaõ, que o do Religioſo, e aſſim naõ o póde o Prelado obrigar com obediencia, para que o acceite: por quanto o Prelado regular, ſegundo doutrina de S. Bernardo *l. de præcep. & diſpenſ.*, naõ póde accreſcentar o voto, e obrigaçaõ do ſeu ſubdito; o Papa ſim, que o poderá obrigar, em quanto eſtá á ſua conta o cuidado

Paſ-

Paſtoral ; e bem univerſal de ſua Igreja : mas naõ em razaõ do voto de obediencia , que fez o Religioſo , porque eſte naõ obriga a mais daquella perfeiçaõ , que he conforme a Regra da Religiaõ. *Ludov. Lop. in ſuo Inſtruct.* 1. *p. c.* 50. *Rodrigues* , *& alij cum Herrera Deciſ.* 4. *Obedient.* E vimos a concluir , que nem por exceſſivamente humilde deixou Fr. Antonio de ſer perfeytamente obediente.

Naſce tambem da humildade huma paz da alma , com que o humilde ouve quanto ſe diz contra elle ; antes procura ſe lhe digaõ as ſuas faltas, goſtando de ſer murmurado , e cenſurado , e tido em ruim conta ſem culpa ſua. Que como ſó tem os olhos no ſeu deſprezo lança-os a tudo , o que lhe póde ſer de abatimento. Sahio neſta Corte a ler-ſe huma poeſia profana acreditada com nome ſuppoſto do Veneravel Frey Antonio; teve elle noticia deſta affronta de ſeu nome , e penna ; e o que a ſentio manifeſta em huma carta para certa Religioſa : „ Ao homem , *diz* , que neſta Corte fez a poeſia , eſtou „ muito obrigado ; porque ſe deo eſcandalo , com que „ nome havia de ſer , ſenaõ com o deſte pecador ? Eſtou- „ lhe obrigado , porque vay dando hum geito a que o „ mundo ſe naõ engane cõmigo. Tal qual ſou , propo- „ nho encomendá lo a Deos , que elle coitado deve ſer bom homem.

Reſpondendo a outras cartas , porque ſe lhe dava conta de algumas couſas , que delle ſe diziaõ , e murmuravaõ , diz o ſeguinte : „ Deſta mulher , que diz que eu „ deſcobri o ſigillo , naõ me poſſo lembrar que eu o „ ouviſſe de confiſſaõ. Porque naõ me lembro que neſta „ Corte confeſſaſſe mulher alguma ha muitos annos. „ Mas bem he, que de mim diga alguma couſa , que naõ „ terá graça paſſar livre neſte jugo do amor de Deos. „ Sobre a peſſoa que lá fallou o que V. M. ſabe , o me- „ lhor he encõmendá-lo a Deos , achando razaõ até a

quem

„quem a naõ tem, para mortificar o noſſo entendimen-
„to, e aquietar a vontade, que ſempre buſca por on-
„de ſe vingue, até nos que tratãõ de perfeiçãõ. Todos
„os que nos affligem, nos provãõ, e os maiores ami-
„gos, que temos, ſãõ os que tomãõ por ſua conta cru-
„cificar-nos: e aſſim os devemos eſtimar como inſtru-
„mentos de Deos para noſſo bem, ainda que nos pare-
„çãõ mal. Proponho encõmendar a Deos a peſſoa, em
„que V. M. me falla. Deos a livre de tudo, o que
„for ſua offenſa. Do mar ſe naõ tira agoa, que naõ ſeja
„ſalgada; de mim ſe naõ póde dizer couſa, que naõ
„ſeja ruim. O que ſe diz de mim naõ importa nada.
„Convem muito que eu naõ dê motivo para o que for
„erro. Alguma ambiçaõ tivera das calumnias, ajudan-
„do-me Deos, ſe eſſas naõ prejudicaraõ ás almas que
„olhaõ para donde ſahe a doutrina. Admiro-me, que
„ſe diga taõ pouco de mim. Grande he a bonda-
„de de Deos, pois eſconde nas minhas culpas as de
„maior vulto, e ſó deſcobre as de menos máo ſemblante:
„veja o que devo a Deos! Tudo, o que ſe diſſe de
„mim, teve ſua graça; e para nada me preſtára quem
„de mim ſentira bem, ou odiſſera. Quantos tem a ſua
„meditaçaõ nos meus preteritos, e futuros, me fazem
„algum proveito com ella; porque me enſinaõ muitas
„couſas, que eu naõ ſoubera, ſe eſta memoria, que
„tem de mim, faltára. Quanto lá ſe anda dizendo deſ-
„te novo Seminario, ſaõ laços, com que o Inferno
„quer atar, e prender alguns animos zeloſos, para que
„façaõ diſcurſos ſobre o noſſo eſtado. Naõ tenho iſto
„por cruz, nem prova, porque naõ nos daõ eſſes na-
„da, que padecer, antes nos ſervem de deſpertadores
„para melhor obrar, e os encõmendar a Deos. Só ſen-
„timos que lhes falte a caridade, que deſejamos me-
„recer, e acarear em todo o poſſivel: nem as muitas
„agoas contrarias a poderaõ apagar, porque nunca
„lhes perderey o amor. Quan-

Quanto goſtaſſe eſte Servo de Deos de ouvir os ſeus defeitos, e cenſuras de ſuas acçoens, ſe moſtra evidentemente daquella ſua rara humildade; com que procurou ter ſempre peſſoas religioſas, que o advertiſſem de quantas acçoens ſuas pareceſſem mal a quem quer que foſſe; pedindo-lhe encarecidamente, quena preſença por palavra, e por carta em auſencia o ajudaſſem a humilhar, e conhecer com reprehenſoens, affeando-lhe o que obrava, e eſcurecendo-lhe ainda os mais luzidos procedimentos de ſua vida. O que tudo eſcuſaremos de particularizar, tomando por trabalho trasladar aqui algumas reſpoſtas ſuas a cartas das taes peſſoas. Em huma ſe lê: „ Dou a V. R. as graças pelo que neſte papel lhe „devo: ſó quizera que me moſtrára as minhas culpas „mais claras. Que me fallára niſto mais de ſiſo, para „que me compungiſſe a laſtima, que tinha de mim, di„zendo-me: Frey Antonio, tenho grande dó de vos ver „taõ ſoberbo, deſobediente, amigo da voſſa vontade, „&c. porque eſtas palavras núas ſaõ eſpadas, que fe„rem, e embainhadas na diſcriçaõ, e cautélas fazem „pouca móſſa em quem tem taõ pouco eſpirito: mas, de „qualquer modo que ſeja, agradeço o magiſterio, por„que conheço o deſejo, que V. R. tem de me ver me„nos perdido: e ainda mal, porque o mais de que V. „R. me diz he aſſim. E por iſſo lhe peço por amor de „Deos, que mais tezamente mo diga, e menos enfa„rinhadamente me eſcreva: poderá ſer que o que nin„guem fez atégora, V. R. o faça com a graça de „Deos. Torno a agradecer a V. R. a diligencia, que faz „pelos meus remedios, eſtimando todos eſtes aviſos, „e hey de obſervá-los quanto puder, por merecer que „ſe continuem; e que V. R. ſe mortifique em repetí-los; „porque bem ſey quanto lhe cuſta iſto. Eſta carta guar„darey, para que me ſirva de guia no caminho da Di„vina Miſericordia, e de minhas paixoens, e ſentidos:

e ſe-

„ e ſegure-ſe V. R. que me compungio, ainda que me „ naõ converteſſe de todo.

Em outra para o meſmo Religioſo: „ Meu Padre „ cada vez vou conhecendo mais o que devo a V. R. e „ cada vez eſpero que o deſejo de o ſaber merecer ſeja „ mais. Agora naõ poſſo reſponder pela preſſa, com que „ faço eſta: ſó peço a V. R. faça que ſe diga áquella „ peſſoa, que diſſe, que ſe eſtivera na ſua maõ, naõ ha- „ via eu de prégar mais; que ſe lhe pede da parte de „ Deos, que ſe nelle ha zelo de Deos, e bem do pro- „ ximo, falle com o meu Prelado, e lhe diga todas as „ razoens, que ſe lhe offerecem para iſto; porque podem „ ſer taes, que façaõ com que elle ſe incline a iſſo: e eu lo- „ go lhe obedeço. E prometto entaõ fazer por eſta crea- „ tura alguns jejus mais aſperos, que gora ſe me naõ per- „ mittem. E V.R. lho metta muito em conſciencia, que „ me fará niſto grande proveito; e maior fructo he tirar- „ me a mim de hum erro, que eu com muitos remediar al- „ guns. Bem vejo que ſou ſoberbo em tudo, e bem he que „ ſe me carregue a maõ niſto, porque quando naõ me hu- „ milhe, ao menos me conheça. E em tudo, o que V.R. „ me puder reprehender, peço por amor de Deos o „ faça, e que me falle muito rijo; que affirmo me fa- „ zem muito bem as ſuas advertencias. E quizera que „ V. R. me pagára o deſejo, que tenho de o ver ſanto, „ em tratar eſte peccador como merece.

Em outras para outro Religioſo, de quem fiou o meſ- mo magiſterio: „ Em tudo, o que V. P. ſente de mim, „ penetrou os fundos deſte mar; ſe he que a minha vai- „ dade tem fundos, onde naõ póde ter fundamentos. „ Conheço que ſou vaõ, ſoberbo, deſobediente, pre- „ ſumido, ingrato, vaſio, terrivel, e muito mais ainda; „ que nenhuma outra couſa mereço, mais que o infer- „ no. Hipocrita tenho por ſem duvida que V.P. me tem „ addivinhado, porque muito folgo de dar bom exem-

plo

„ plo, e acho em mim todos os finaes de zelo: excepto „ dous, hum fer muito alegre, e outro, que naõ con- „ vem dizer, nem dar conta mais que a Deos. A varieda- „ de he maior que a que V.P. me diz, porque facilmente „ mudo de parecer, de reſoluçaõ, e conſelho. Conſtan- „ cia pouca, palavra nenhuma, ainda que Deos ſabe as „ cauſas. Mas como vejo que diſto, que ás vezes faço pa- „ ra bem, ſe ſegue mal, neſte particular me emendarey. „ Queira noſſo Senhor, que por eſtes gritos mudos, com „ que me falla o papel, e tinta deſta carta de V. P. ou- „ ça eu ſua infinita miſericordia, e que traga nos ouvi- „ dos d'alma eſtas trombetas, que me põem diante o „ meu dia do Juizo. Rogue porèm V.P. á Divina Ma- „ geſtade que aſſim como fez a V. P. deſpertador para as „ minhas advertencias, faça de ſuas oraçoens medicinas „ para a cura da minha alma, e da minha negligencia.

Quem jamais deo ouvidos de taõ bóa vontade a ſeus louvores, como o noſſo Servo de Deos a ſuas reprehençoens? Quem aſſim eſcutou os vivas, como elle as cenſuras? Quem ſe pagou tanto de liſonjas, como elle de calumnias? Quem leo com tanto goſto ſeus panegyricos, como elle ſeus defeitos? Quem eſtimou tanto as approvaçoens do que obrava, como Fr. Antonio reprovaremlhe o que fazia? Quem pertendeo, e procurou tanto a gloria, como eſte humilde Padre ſua confuſaõ propria? Para confitmaçaõ de tudo acima referido poremos aqui as palavras do Depoimento do Padre Fr. Manoel do Sepulchro, que ſaõ eſtas: Entendi ſempre que eſte Veneravel Padre ſe quiz exercitar na virtude da humildade com particular affecto, pela qual razaõ me encarregava o advertiſſe em ſuas acçoens; e que o eſpertaſſe com certos finaes para as encaminhar a mayor perfeiçaõ. Naõ fallo em muitos actos de humildade, que por diante de mim fazia particularmente; porque baſta dizer que entendi nelle que amava com eſpecial amor eſta virtude.

Em

Em conſequencia da meſma humildade nunca diſſe palavra, de que pudeſſe reſultar louvor ſeu em nenhuma materia, nem a queria ouvir; e ás peſſoas, que eſpiritualmente governava, tinha poſto preceito, que nem o louvaſſem, nem referiſſem louvor algum, que outrem lhe déſſe. A huma eſcrevia: „Nisto de parecer com „Santos me naõ falle V. M. mais neſte mundo; mas an„tes lhe encommendo que eſpreite muito, com que „diabo me pareço mais; para que em quanto tenho „tempo na vida para chorar meus peccados, poſſa fa„zê-lo, e mais vem quatro olhos, que dous; ja que „me naõ póde empreſtar os olhos para chorar, em„preſte-mos para ver. E faça muito por me naõ que„rer Profeta, porque ſe fizer eſtes reparos no que lhe „digo fingellamente, naõ lhe eſcrerey, nem faliarey.

A outra peſſoa: „Deſejey ſaber que prodigio he o „que V. M. diz que vio em o dia, em que eſtes, ainda „ſendo louvores de noſſo Padre S. Franciſco, por quem „os referio, eſtiveraõ taõ deſauthorizados, que pude„raõ ſer faſtios: mas ſe he couſa, que me póde cautar „vaidade, naõ mo diga V. M., louve a Deos, que ſeu „he tudo o bom, e ſe he bom, naõ póde ſer meu. „Vaõ os rios para o mar, tornem para donde vieraõ; e „aonde tiveraõ principio, tenhaõ o fim. „Para a meſma em outra carta: „Baſta-me que V. M. crea a certeza „do que lhe digo, ſem que rompa fóra déſſa nuvem o „trovaõ, que póde ſervir de credito: e aſſim lhe man„do, que naõ diga nada diſſo.

A huma Religioſa filha eſpiritual ſua deo huma mortificaçaõ muy cuſtoſa, porque lhe mandou moſtrar huma carta em que ſe dizia bem delle, e eſcrevendo á dita Religioſa lhe diz aſſim: „Faça V. M. tal mortificaçaõ, „porque he razaõ que faça penitencia por me mandar „cá aquella carta, e naõ lhe ſucceda mais moſtrar me, „nem dizer me couſa ſimilhante; porque naõ ſou taõ

bom

„ bom, que naõ folgue com iſſo, ſe Deos me naõ ti„ rar o folguedo. O mais eſtimey muito (iſto era, que lhe havia tambem dito, que certo Religioſo, ſem nomeá-lo, o havia calumniado muito) „ e ſaiba V.M. o nome „ deſſe Religioſo, porque ſe ſahir Guardiaõ neſte Ca„ pitulo, hey de ir morar com elle, ſe me quizer no „ ſeu Convento. „ A tanta perfeiçaõ de humildade chegou o Veneravel Padre, que as murmuraçoens, e calumnias lhe ſerviaõ de conſerva, os louvores, e gabos de amargura. E aſſim dizia a huma peſſoa daquellas, que tinha tomado por apontadores de ſuas faltas: „ Peço-lhe muito, que me eſcreva, ſempre que impor„ te, advertindo-me, e dizendo-me quanto entender „ convem, por zelo de Deos. E ſaiba que lhe naõ hey „ de agradecer tanto couſa alguma, quanto agradeço „ aquillo, que lhe parece que me deſgoſta, ou morti„ fica. Porque como na verdade naõ ha goſtos mais que „ os eſpirituaes, ſó o que para Deos me aproveita, me „ deleita.

He effeito ſingular da humildade, eſcrevia o Abbade Iſaias a ſeus Monges, naõ ſe defender o humilde, nem ſe juſtificar do que ſe lhe imputa de mal. Deſculpar he amor proprio: juſtificar he ambiçaõ do bom conceito alheio. O humilde (he doutrida do Veneravel Padre) de nada ſe queixa, de nada ſe doe, nada ſente, nada eſtranha: em qualquer eſtado, que Deos o ſoffre, o tem por felicidade ſumma. Contenta-ſe naõ com amar, ſenaõ com ter deſejo de amar, de ſoffrer, de naõ ſentir. Eſtima as cruzes, ama os deſprezos, goſta das contrariedades, ignora as deſculpas; porque neſte nada, do que a natureza buſca, acha Deos, que he tudo o que deſeja, o que unicamente ſuſpira, o que ancioſamente anella, o que ſingularmente abraça. Vejamos agora ao eſpelho deſtas doutrinas como Fr. Antonio ſe veſtio dellas. *Deſculpar-me*, dizia, *tenho por culpa mayor*. Havia algumas murmuraçoens

na

na Provincia entre os parciaes della, que o Veneravel Padre ſe inclinava mais a huma parte que a outra; ſobre eſſas murmuraçoens aſſentava elle eſteſeu dictame: „No que toca á ſuſpeita, que ſe tem de mim, naõ faço conta de me juſtificar mais que com Deos, e com „V. M. que ſabe o meu coraçaõ: os mais importa me „muito que me tenhaõ em má conta, e que eu me „naõ deſculpe, nem acredite com nenhum. Bem ſabia „a Mãy de Deos que S. Joſeph, vendo-a com ſinaes „de Mãy, cuidava mal della; e ainda aſſim naõ ſe deſculpou, nem juſtificou com Santos, pondo a ſua cauſa na maõ de Deos. Eu ſó eſtando louco, ou deſamparado de ſua graça, fizera o que neſſe particular ſe „cuida de mim, que he totalmente contra o meu entendimento, e obrigaçaõ; ſó com V. M. me declaro, „e ſó o que quizera he, que ſe naõ fizera niſto algum „peccado. As inclinaçoens, que ſe imputaõ, naõ me „daõ cuidado, maior mo deraõ as deſaffeiçoens. Mas „como todos me queiraõ parcial, ſendo impoſſivel „ſe-lo de algum, ſe Deos me naõ deixar da ſua maõ, „he força que ſe queixem todos. Muita mercê me fazem niſto. Na verdade me parece amor. Naõ quero „cuidar outra couſa. Deixe V. M. dizer de mim; que „bem diz quem diz mal. E o que mais me ſerve, he, „que aſſim ſe falle de mim. Eu naõ faço conta de entrincheirar-me, como quem ſe põem em defenſa, „ainda que lá ſe me façaõ tantos reparos. E ſó me fará „mal que iſto me naõ faça aballo, ou para ſentir minhas „culpas, ou para ter alguma mortificaçaõ, que oferecer „a Deos. Em fim, ſou alma de pedra, onde naõ faz „móſſa a tempeſtade, ainda que ſeja rija. Peça V. „M. a noſſo Senhor me dê hum coraçaõ brando, para „que naõ ſeja taõ duro. Tambem me deo vontade de „rir de ſe dizer de mim, que fuy tóra da Provincia ſem „obediencia. Acho muita graça niſto; porque tem

„ mil galantarias eſta moralidade da minha vida.

Provêm tambem da humildade, eſtando na doutrina do meſmo Santo Abbade, trazer os olhos ſempre poſtos na terra: para a terra olha quem naõ tem pé de ſoberba. Acha-ſe o humilde por indigno de levantar os olhos ao Ceo, nem ainda de os pôr na cara de peſſoa alguma, conſiderando nella huma ſimilhança da face divina. Nos primeiros annos de Religioſo naõ deo mais liberdade a ſeus olhos, que para verem onde punha os pés. Depois por tratar com muitas peſſoas de reſpeito, e do Povo, e lhe parecer que avaliariaõ por menos affecto do coraçaõ o naõ pôr nellas os indices da affeiçaõ, olhava para as peſſoas, mas com tanto reſguardo neſtas viſtas, que divertindo a applicaçaõ, naõ divizava a quillo meſmo, que eſtava vendo: e como ſe tiveſſe já gaſta a potencia viſivel, aſſim ſe ſabia haver, que abrindo os olhos dava fé dos vultos, naõ dos roſtos. Niſto reparáraõ algumas peſſoas; e elle confeſſou a huma dellas, que havia já muitos annos, que uſava deſta traça, e que variando os objectos, naõ ſe ſeguravaõ em nenhum os ſeus olhos. Nem era juſto que foſſem eſtes ſingulares em ſeus objectos, ſendo elle emprego univerſal dos olhos de todos.

Coroemos eſta ſua taõ provada humildade com outra maior prova, que era botar-ſe aos pés, e pedir perdaõ a quem o affrontava, e injuriava, ſem da ſua parte dar cauſa, ou haver culpa: aſſim o depõem o Irmaõ Fr. Eſtevaõ. da Piedade, pelo que vio; e aſſim ſe ſabe pelo caſo, que agora ſe refere. Depois do V. P. eſtar ſeparado da Provincia, foy huma manhaã a Xabregas viſitar o Padre Provincial, como fazia ſempre que vinha a Lisbõa, com intençaõ de voltar logo para o Convento da Madre de Deos, onde tinha occupaçaõ; porèm vindo á practica o ponto da ſeparaçaõ da Provincia, o Provincial, que, poſto que exemplar, era colerico por natureza, e pouco ſenhor de ſi nos primeiros movimentos, tomou tanto fogo, que

de

de mais de deſcompoi a Fr. Antonio de palavras aſperas, e pezadas, o ameaçou com que o chamaria á culpa, e lhe daria huma grande diciplina. Reſpondeo lhe o Servo de Deos, que ſua Paternidade tinha muita razaõ, e faria no que dizia huma couſa muito bem feita. E ſahindo ſe da ſua Cella, diſſe ao companheiro, que ſe naõ havia de vir do Convento, em quanto a Communidade naõ jantaſſe; e ſe foy ao Refeitorio eſperar a diciplina, que ſe lhe naõ deo, faltando o Provincial ao que promettêra, por ſaber que naõ liga a promeſſa de couſa injuſta. E tal era caſtigar ſem culpa a hum Religioſo, que, poſto foſſe culpado, naõ era já ſeu ſubdito. Antes encontrando dahi a alguns dias ao V. Fr. Antonio, depoſta a furia de canhaõ antes do tiro, lhe fallou com muito agrado. E porque neſta occaſiaõ dous Padres graves, que eſtavaõ com o Provincial, ajudáraõ a carregar, e offender ao Servo de Deos, como ſe deveſſe dar ſatisfaçaõ do aggravo, que ſe lhe fizera, os foy buſcar ás Cellas, e deitando-ſe-lhe aos pés, lhes pedio perdaõ, confundindo-os, e compungindo-os eſte humilde acto para cahirem no mal, que tinhaõ feito; e hum delles, que era Lente, ſe lhe offereceo por companheiro para Varatojo. Que dar bem por mal foy hum dos motivos, que o mundo conſiderou em Chriſto para ſeguí-lo.

CAPITULO. II.

Rara Obediencа do Veneravel Fr. Antonio.

A Virtude da Obediencia, mãy da humildade, como quer S. Joaõ Climaco, teve tambem por filho ſeu ao noſſo Fr. Antonio, e filho taõ obediente, que o era de juizo, e vontade, deſejando fazer o que ſe lhe mandava ainda antes de ſe lhe mandar, e addivinhando a vontade dos Superiores para lhes obedecer com huma reſignaçaõ verdadeira, hum entendimento cego, e olhos fechados, ſem eſcuſa, ſem replica, e ſem demora para tudo, o que naõ era contra ſua conſciencia. Ouçamos os ſeus Apothegmas neſta materia, e entaõ diſcorreremos pelas acçoens de ſua vida, exemplos eſtremados de ſua obediencia.

Obedecer até os deſpropoſitos he o meu deſtino, como naõ ſeja acceitar Mitras, nem anneis de ouro, ou couſa contra a minha conſciencia. De tudo tomo por partido, como naõ ſeja jugar as Mitras, fazer o que ſe me mandar a olhos fechados, poſto que ſejaõ deſpropoſitos; porque a obediencia, que me deixa ayroſo, tenho-a por tentaçaõ, mais que por merecimento. Naõ acho deſculpa na replica, ou na tardança, por iſſo vim logo, ainda que me foy cuſtoſo. A noſſa vontade ha de ſer naõ ter nenhuma, mais que a Deos, entendida pelos preceitos, votos, conſelhos, e ſucceſſos, onde naõ ha peccado. Determino obedeecer em tudo, o que naõ ſejaõ Biſpados, e peccados. Naõ temos neſta peregrinaçaõ da vida outro mais certo final do bem, a que caminhamos, que fazer o que naõ queremos. Iſto houvera de ſer ſempre, para que ſempre ſe achaſſe em nós a vontade de Deos, que ſó ſe acha, onde ſe naõ acha a noſſa.

Pôr

Pôr nas mãos de Deos he o melhor acerto, porque ſeguir os proprios dictames nos mette em caſa ás vezes o precipicio. Ter rendido o entendimento a Deos, e a qualquer peſſoa por elle, naõ he menos que ter a vontade rendida. O ponto he pôrmo nos na mão de Deos, e deixa-lo obrar. O livro, ſe o dobraõ, dobra-ſe; ſe o viraõ, vira ſe; ſe o fechaõ, fecha-ſe; ſe o põem a hum canto, ſe o abrem pelo meyo, deixa fazer de ſi o que quer quem o tem na maõ; e aſſim devem ſer as almas obedientes. Eſperemos a vontade de Deos ſem armas; e render a tudo, o que elle ordenar, he vencer. A regra de Chriſto he ver o que á natureza repugna, e ahi pôr a força, e dar a batalha, obedecendo ás couſas da graça, e acabando totalmente as vontades, e rebeldias da natureza. As melhores oraçoens, e mortificaçoens ſaõ os actos de obediencia, que he virtude mais heroica, ſe he perfeita. Naõ he pouco obedecer, ſoffrer, e ter por Oraculo a hum cepo ſem voz, ſe tal qual he, eſtamos a elle atados por amor de Deos. As noſſas repugnancias ſaõ a vontade de Deos: e aſſim para que eſta ſe obedeça, naõ ha couſa como fazer o que a noſſa repugna, e para o que vier eſtar armado de reſoluçaõ. O verdadeiro obediente ha de ſer como a grimpa ſem voz, que ao vento da obediencia, e da obrigaçaõ ſe mude, ou eſteja ſem movimento, naõ fazendo juizos, nem diſcurſos.

Eſta ſua doutrina géral para todos, particularizou, e individuou tanto em ſi o V. Padre, que fallando-ſe neſta Corte em que o Prelado maior o mandava vir a ella para fallar a Sua Mageſtade ſobre couſas pertencentes ao Capitulo, que ſe fazia na Provincia, diz aſſim a quem lhe dava eſta noticia: *Eu naõ tenho petiçoens no Paço, ſalvo o que me mandar a obediencia, como naõ ſeja contra a minha conſciencia; e naõ ſendo, quanto mais diſparatada for a petiçaõ, mais graça terá para mim. Obediencia he huma virtude, que entaõ tem mais de obediencia, quanto*

to de nós menos tem; exercita-se na contraria, e esta he a sua discriçaõ: porque no que era acerto, e razaõ, pouco se merece. Folgára que me mandáraõ fazer despropositos toda a minha vida, e que os fizera eu sem carranca; e sem esgaravatar com o juizo; porque nos acertos ha mayor perigo pelos applausos, e complacencia, nos despropositos menos. Além disto, a mim me naõ toca alcançar bom despacho; fazer o que me mandaõ, e fazê-lo bem, he só o que me toca. Em outra carta sobre a a mesma materia falla na mesma fórma: *Ir ao Paço segunda vez acerca do Capitulo, foy cousa, que nunca me passou pela imaginaçaõ, nem pelos ouvidos, que me lembre; porque ainda que importára muito, só a obediencia me pudéra levar a estas cousas, como testimunharáõ essas cartas. E se outra vez me mandarem, estou promptissimo para ir sem replica: porque entaõ o ir he obrigaçaõ, e o fallar conforme minha consciencia o será tambem, ou seja pro, ou contra; que contra isto ninguem me póde obrigar.*

Estando hum dia practicando de espirito na grade da Madre de Deos, lhe déraõ recado da parte do seu Provincial, que fosse fallar a certo Fidalgo, que com elle tinha negocio. Em continente levantando se da cadeira, deo por satisfaçaõ ás Religiosas o seu exemplo com estas palavras dignas de ficarem impressas naquella cadeira por timbre de sua obediencia: *A hum Mando naõ ha mais que hum Obedeço.* Quando lhe diziaõ algumas pessoas zelosas do serviço de Deos, que era necessario valer-se do patrocinio Real, para que em Roma se expedisse o Breve da Erecçaõ do Seminario de Varatojo, sempre respondeo pela mesma boca: *Que naõ havia de fallar huma só palavra nesta materia, se lho naõ mandasse a santa Obediencia.* Nem fallou, em quanto o Reverendissimo Geral da Ordem lho naõ ordenou por carta sua de Roma.

Com a mesma cara, e vontade obedecia aos Prelados, que

que o favoreciaõ, como aos que o encontravaõ; aos que governavaõ bem, e aos que governavaõ mal; naõ buſcando nelles outra razaõ para lhes obedecer, que a de ſerem lingua, e voz de Deos. Eſcrevendo de Aviz em veſpera de Reys do anno de 1679. diz aſſim: „ Atégora naõ „ ſey quem he noſſo Provincial, eſpero á manhaã pelo „ Correio, e nelle a certeza: para que a qualquer que for „ o ame, e obedeça, no que naõ for contra Deos. Obede- „ çamos todos qualquer que vier: porque o noſſo intento „ naõ he obedecer ao homem, ſenaõ nelle a Deos, ou por „ amor de Deos. Eu a qualquer obedecerey com bóa von- „ tade: mas com eſte Prelado, que dizem nos daõ, tenho „ eſperanças de que a obediencia ſeja mais goſtoſa.

Parecia-lhe pouco obedecer ſó a ſeus Superiores legitimos: profeſſava a obediencia a outros Religioſos nas materias de ſeu eſpirito, e governo delle: aos companheiros para a direcçaõ de todas ſuas acções eſpirituaes, e temporaes: e finalmente a toda a creatura, pondo-ſe em naõ querer obrar nada por vontade propria. E a ſua conſideraçaõ era a que declára em huma carta para ſuas irmaãs Religioſas, dizendo nella: *Tudo o que vos mandarem fazer, fazey, como ſe vo-lo mandára Deos dizer por hum pagem ſeu, que iſſo he qualquer creatura, que vos manda; e logo ireis ſentindo outro maior goſto, que he a reçaõ, que Deos dá a ſeus bons Servos. Aprendey a obedecer, e ouvir a Deos na voz dos Prelados, e nas ſuas creaturas.* Das primeiras vezes, que o mandáraõ ſeus Prelados a confeſſar no Convento da Madre de Deos, ſe reparou, que pedindolhe as Religioſas ſe detiveſſe mais algum dia, ou fizeſſe mais alguma practica: Reſpondia, *que o faria, ſe ſeu companheiro lho ordenaſſe.* E eſtranhando-lhe algumas peſſoas tanta ſujeiçaõ a ſeu companheiro, levantou mais de ponto a ſua obediencia, dizendo: *Que naõ ſó ao ſeu companheiro, ſenaõ a huma cachorrinha, que o ſoubeſſe guiar, queria, e devia obedecer.* Deſte meſmo dito

lhe fez cargo hum Religioſo dos que fizera revedores do ſeu procedimento, e a que elle ſatisfez, dando razaõ do ſeu dito por eſte modo: *Naõ duvido, que naõ diſſeſſe com humildade eſſas couſas de obediencia, que eu tinha ao companheiro, e que deſejava ter a huma cachorrinha, que me guiaſſe: aſſim devia ſer para eu ſer o que devo.* Até para ſe deitar na cama tomava o parecer dos companheiros, para ſaber a que parte ſe deitaria, tendo para ſi que ſó na cama da obediencia ſe póde dormir com ſegurança.

Mayor encarecimento ainda de ſua obediencia he o depoimento do Padre Meſtre Fr. Joaõ da Natividade, Lente de Theologia no ſeu Convento de S. Franciſco de Evora, ao qual todas as vezes que chegava o Veneravel Padre a pernoitar, por andar perto com ſuas Miſſoens, gaſtava a mais da noite em oraçoens, eſtaçoens, diciplinas, levando apoz ſi muitos Religioſos para eſtes exercicios. Mas quando eſtes lhe faltavaõ, elle ſó tomava huma aſpera, e cruel diciplina com cadêas de ferro, taõ rijo, que parecia dar em hum rochedo, naõ em corpo humano. E algumas vezes ſuccedeo, que eſpreitando o dito Meſtre Depoente, ſem o Veneravel Padre ſaber quem era a centinella, que lhe fazia final com as mãos de parar com a diciplina, como ſe fora do ſeu Prelado, obedecia, e a deixava. E iſtò fazia, diz o meſmo Depoente, por ſaber que o Veneravel Fr. Antonio tinha promettido obediencia a qualquer creatura de Deos, ſuppondo que elle era o peyor de todos. Oh humildade obediente, e obediente humildade! Taõ aſſinalado era na obediencia eſte Servo de Deos, que para obedecer naõ era neceſſario que foſſe Superior o que lhe fizeſſe o final. Superior ſeu era qualquer, que o queria ſer, ou parecer. E ſendo todo ſeu empenho reduzir a poder de caſtigos ſeu meſmo corpo á obediencia do eſpirito, preponderava mais para com elle a obediencia do eſpirito, que a ſujeiçaõ do corpo.

Mais raro caſo ſe nos offerece ainda. Sabe-ſe com certeza,

teza, que, por ſe humilhar, tinha o Servo de Deos encommendado a huma peſſoa ſem letras, nem capacidade para o poder advertir, que ſempre o fizeſſe, e reprehendeſſe com aſpereza, propondo obedecer-lhe pontualmente. Dava-lhe conta das materias, que tratava, naõ ſendo de conſciencia, ou ſegredo alheyo; ſeguia o ſeu parecer quanto lhe era poſſivel; e quando pela importancia, ou qualidade dos negocios o naõ fazia, diſſo meſmo lhe dava razaõ, e ſatisfaçaõ. Pedia-lhe mortificaçoens, em que ſe exercitaſſe; e para huma occaſiaõ dos ſeus coſtumados retiros lhas pedio particularmente. Apontou-lhe a tal peſſoa entre outras mortificaçoens a dos olhos, excepto em olhar para o Ceo, para o mar, e para as Imagens de Chriſto Senhor noſſo, e ſua Mãy Santiſſima, por ſaber que eſtas viſtas lhe excitavaõ muito a devoçaõ. Permittio Deos que o ſeu Servo entendeſſe o contrario do que ſe lhe dizia, e fizeſſe da excepçaõ regra, e da regra excepçaõ. Obedeceo pontualmente ao engano, como pudera á obediencia; mas obediencia era, pois com a obediencia ſe enganava; e obediencia taõ cuſtoſa, que algumas vezes fallando comſigo naquelle retiro, ſahia neſte ſentimento: *He poſſivel que naõ poſſo olhar nem huma vez para o Ceo, onde eſtá o meu Deos! Para aquelle lugar ſupremo, em que Deos naõ he offendido, antes ſummamente louvado, e por iſſo todo o meu regalo vé-lo! Nem para o mar, que muitas vezes, fazendo ſe do Ceo eſpelho ſe faz do Ceo retrato, e ſe veſte da cor cerulea, e celeſte, ſymbolo da Divina Immenſidade! Nem para as Imagens, que, ſendo memorias dos ſeus Prototypos, avivaõ, os meus eſquecimentos, e pondo-me diante o que foraõ no que repreſentaõ, me incitaõ a ſer o que naõ tenho ſido! Porèm que couſa naõ tem de bõa a victima, e he melhor a obediencia! Aſſim ha de ſer, porque aſſim mo mandaõ. Nem pòde deixar de ſer, porque naõ hey de deixar de obedecer.* Confeſſou depois o Veneravel Padre, que neſ-

ta

ta ſua cegueira de olhos, ou obediencia cega, lhe déra o Senhor tanta luz, que tirára daquelle retiro hum grande aproveitamento. Paſſadas as trevas, eſperava Job de Deos a luz, mas á de Fr. Antonio deo Deos luz nas meſmas trevas. Eſtas foraõ ſempre a vontade propria, e ſempre luz a obediencia, que o illuſtrava.

O Padre Meſtre Fr. Franciſco de S. Diogo, fallando do Veneravel Padre, cujo Confeſſor fora em algum tempo, dizia: Que era hum homem de grande entendimento, que naõ tinha vontade propria. Nunca engatinhou, (uſo de ſuas proprias palavras) ſempre correo, depois que ſe converteo: o modo de engatinhar he ir para Deos ao geito da natureza, o correr he buſcar a Chriſto pelas valentias da graça: vivendo ſempre em huma amoroſa violencia, com que nos crucificamos contra tudo, o que queremos fóra da obediencia, ou vontade de Deos. Offerecia-lhe a excellente piedade, e tres vezes grande liberalidade do Conde de Figueiró D. Joſeph Luiz de Lancaſtro hum Hoſpicio para elle, e ſeus companheiros, quando ſe recolheſſem das Miſſoens a concertar as ſuas redes: (fraze do Veneravel Padre) era em Alfeite eſte Hoſpicio, para o intento o mais a propoſito. Quando ſe quiz ſaber delle, ſe o acceitava, reſpondeo: *Do Hoſpicio naõ quero nada, mais que fazer o que me mandaõ: ſe me mandarem irey para elle; ſe naõ, nada farey. Porque neſta vida o meu negocio he o nada* Com o nada negocieu a Divina Omnipotencia, e Fr. Antonio por ſua obediencia. A Omnipotencia Divina fez tudo do nada; e Fr. Antonio, conhecendo o ſeu nada, fez tudo, quanto Deos delle queria. Tudo para elle era a obediencia, e nada quanto fóra della ſe lhe propunha.

Eſta meſma inteireza de obediencia aconſelhava a quantas almas eſpiritualmente encaminhava: „ E até a „ Deos, *dizia*, ſe havia de deixar por Deos na obedien- „ cia. Se V. M. eſtiver (*he conſelho ſeu*) ſe V. M. eſtiver com

„ com a conſideraçaõ em Deos, ou algum de ſeus attribu-
„ tos, e no meſmo tempo ſe lhe mandar outra couſa; fa-
„ ça o que ſe lhe manda, e o que tiver de obrigaçaõ, mor-
„ tificando o deſatôcego de a tirarem de Deos, porque
„ fica melhor em Deos. *A outra Religioſa*: Faça V. M.
„ a mortificaçaõ, que lhe encomendey, excepto ſe a Pre-
„ lada ordenar outra couſa, porque a qualquer obediencia
„ naõ ha regra contraria. Primeiro que tudo convem obe-
„ decer a Prelados, e Preladas, ainda que lhe tirem a ora-
„ çaõ, e o mais que quizerem: porque ſendo eſſa obedi-
„ encia por amor, melhor he o amor, que a oraçaõ, e que
„ tudo o mais. O barro naõ governa ao olleiro, põem-ſe
„ nas ſuas mãos para que ſem reſiſtencia faça elle a ſua
„ obra. Na roda eſtá V. M. poſta, a obediencia a pôs neſ-
„ ſa pena; negue o entendimento, e vontade, e fique ſe
„ em paz, que o merecimento naõ eſtá no que nos pa-
„ rece bem, ſenaõ no que ſe nos reprezenta mal.

Finalmente, eſtimava a obediencia dos Superiores mais que a honra, mais que a vida, e mais que a ſalvaçaõ da alma propria: o que ſe póde crer do capitulo de huma ſua carta para certo Religioſo, que he contramandado de hum deſejo, que lhe tinha ſignificado, e diz aſſim: „ Depois de ter mandado a carta para o correio paſſado, „ me ficou algum eſcrupulo no que eſcrevi a V. R. ſobre „ dizer-lhe que V. R. naõ faltára á obediencia pela cir-
„ cunſtancia, que advertia em me dizer aquelle ſegredo.
„ Neſtas materias ſempre o mais ſeguro he o melhor, e
„ aſſim por naõ andar com interpretaçoens aos textos da
„ obediencia, digo a V. R. que ainda que importe a mi-
„ nha vida, honra, e ſalvaçaõ da minha alma, naõ he von-
„ tade minha que V. R. commetta por livrá-la nenhuma
„ imperfeiçaõ; porque menos vay em que eu me perca,
„ do que em Deos ſer offendido.

CA

CAPITULO III.

Eſtreitiſſima pobreza do Veneravel Padre.

A Virtude da pobreza, de que Chriſto fez o primeiro degráo na eſcada de ſua Bemaventurança, e a que o pobre humilde S. Franciſco chamava Rainha das virtudes, teve em Fr. Antonio hum taõ pobre vaſſallo, que pudéra contender da coroa, ſe naõ renunciára toda a propriedade da pobreza verdadeira. O que ſentia della nos inculca por eſta ſua doutrina: „ A Regra de meu Padre „ S. Franciſco primeiro que tudo ſe fundou na ſanta „ humildade, e a outra columna na ſantiſſima pobreza: „ que conſiſte naõ tanto no exterior, como no interior „ de naõ deſejar nada, aborrecendo toda a affeiçaõ ain- „ da áquelle pobre uſo, que nos he neceſſario. Por iſto „ convem que ſe veja eſte interior, e que ſe conreſpon- „ da no exterior ao menos. Porque naõ o fazer aſſim he „ ſer hypocrita. E ainda que em outras virtudes devemos „ ſer recatados, na ſanta pobreza devemos ſer publi- „ cos, porque he fundamento da noſſa Regra. E quem „ diſto naõ for muito obſervador, ainda que o vira fa- „ zer milagres, naõ crera que era filho de meu Padre „ S. Franciſco, que nem para eſmólas quiz tocar o di- „ nheiro, que achou na eſtrada.

A eſta ſua intelligencia ajuntaremos a eſtimaçaõ, que fazia da ſanta pobreza. Jura Manoel Carrilho Roma, já citado neſta Hiſtoria, que ouvira dizer ao Veneravel Padre: *Que ſe Deos lhe deſſe a eſcolher, ou ſer Imperador do mundo todo com certeza de ſua ſalvaçaõ, ou ſer Frade de S. Franciſco pobre com a ſua graça, para que o naõ offendeſſe; antes havia de eſcolher ſer Frade de S. Fran-*

Franciſco como era, do que Imperador do mundo, que he o a que mais ſe chega. Mas ahi chegava pelo deſprezo, quem ſe prezava ſobre tudo de ſer pobre Frade de S. Franciſco, naõ tendo neſte mundo outra inveja mais que a da pobreza; e por iſſo quando via paſſar pelas ruas algum pobreſinho roto, e deſpido, dizia logo a ſeu companheiro: *Eys alli vay hum homem mais imitador da pobreza de Jeſus Chriſto, do que eu ſou.* E como envergonhado dava ſuſpiros, deſejando ver-ſe em taõ pobres trajes. E houve occaſiaõ, em que quiz dar o ſeu manto a hum pobre mal veſtido, e lho impedio ſeu companheiro Fr. Fernando. Que era iſto mais que inveja de mais pobre eſtado, mais, ou menos remendos?

Dividia o Servo de Deos em interior, e exterior a ſanta pobreza, como ſe vio da ſua doutrina, e nós a dividiremos tambem aſſim, para a deſcrevermos com mais diſtinçaõ, e clareza. E começando pela exterior, era notavel a da ſua cella, ſingular a de ſua peſſoa. As alfayas da ſua cella eraõ o chaõ, em que dormia ſobre huma tabua coberto com huma manta, e a Biblia por cabeceira. Nem era muito que, tendo-a pôr cabeceira, a tiveſſe na cabeça. Hum Breviario velho, alguns livrinhos da livraria publica, huma caveira, hum teſto com azeite por candea: ſem mais bofete, nem cadeira, nem ainda hum pucaro de agoa. Com ſer devotiſſimo da Mãy de Deos, e de alguns Santos particulares, nem por iſſo ornava com ſuas imagens as paredes: porque naõ queria veſtir de devoçaõ as propriedades. Achava que nas Chagas do ſeu Crucifixo (movel mais da peſſoa, que da cella) tinha quanto lhe era neceſſario para levantar a Deos, e ſeus Santos o penſamento. E aſſim dellas fazia Ermidas, em que ſe mettia, em que orava, e ſe affervorava. E ſe para o corpo huma ſó cella era de ſobejo para o ſeu nada, das cinco Chagas fazia outras tantas cellas de ſua alma. Que quando ſaõ muito grandes os eſpiritos, naõ ſaõ taõ faceis de accommodar como os corpos.

Era

Era taõ conhecida eſta ſua exterior pobreza nos Conventos, em que vivia, e nos Povos, em que prégava, que já ſabiaõ a caſa, que lhe haviaõ de preparar, e a cama, que lhe haviaõ de buſcar; porque ſe havia algum Hoſpital na terra, ahi he que ſe agaſalhava: e quando era forçoſo divertir para outra alguma caſa particular, elle buſcava modos, com que no comer, e no dormir naõ ſentiſſe ſua pobreza faltas de Hoſpital. A cama, que em toda a parte admittia para ſi, e ſeus companheiros, ſe compunha de huma eſteira, e coberta; e ſe lhe deitavaõ colchaõ, elle o tirava fóra, como por vezes lhe vi fazer em minha caſa, e tambem que de quanto ſe punha na meza, ſó deitava maõ das ſopas, e vaca, dizendo, *que o ſeu eſtomago ſó iſſo appetecia.* Quando logo veio da Miſſaõ de Caſtella, e ſe apoſentou na Ermida de noſſa Senhora da Graça extramuros de Elvas, o mandou viſitar o Senhor Dom Joaõ de Mello, Biſpo daquella Cidade, com hum grandio-ſo mimo, que elle naõ acceitou, e ſómente conſentio ficaſſem humas cortiças para lhe ſervirem a elle, e ſeu companheiro de camas.

Em ſua peſſoa guardava taõ eſtreita pobreza, que ſe faltára a Regra de ſeu Padre S. Franciſco, nelle ſe podia lêr, e por elle reformar. Hum ſó habito ſem tunica, e humas ſó bragas, e alparcas tinha do ſeu uſo. Quando lhe era neceſſario lavar, ou remendar o habito, o pedia empreſtado a algum Religioſo, ou ſe condenava a eſtar fechado em alguma caſa, ou cella naquelle dia. Quando o uſo lhe conſumia totalmente, a ſobredita veſtiaria em ſuas Miſſoens, com humildade a pedia ao Guardiaõ do primeiro Convento, a que chegava: ou entrava na cella de algum Religioſo, e ſe aproveitava do habito, ou bragas que nella achava, deixando-lhe as que trazia. No que naõ commettia furto por nada diſto ſer contra a vontade de ſeu dono, antes ſe terem por ditoſos todos aquelles, a quem Fr. Antonio deixava os habitos de ſuas virtudes.

Abo-

Abominava tudo, o que era ter couſas dobradas. Naõ tinha mais de hum lenço; e ſem elle ficava, em quanto elle, ou outrem o lavava. Em huma occaſiaõ vendo a peſſoa, que lho havia de lavar, que por roto naõ tinha já ſerventia, lhe offereceo dous, e naõ houve remedio ac ceitar mais de hum. Tomando-lhe certa peſſoa ſecular por devoçaõ as ſuas contas, e vendo outras peſſoas que lhe naõ ficava ao Veneravel Padre por onde rezaſſe, lhe offerecêraõ cada huma as ſuas. Naõ acceitou, dizendo, *que antes queria naõ ter nenhumas, que ter duas.* A caixa do tabaco, que tomava de ordem dos Medicos, havia de ſer ſó huma, e ſe eſta ſe lhe abria, ou quebrava, ou lhe davaõ outra provîda, a acceitava com condiçaõ, que lhe haviaõ de tomar a ſua. Naõ conſentio nunca, que para os caminhos, por diſtantes, e deſpovoados que foſſem, ſe levaſſe couſa alguma de alforje, affectando occaſioens de ſentir faltas do neceſſario; como experimentou em muitas no tempo, que ainda naõ era taõ conhecido, e o ſeu modo de prégar, e opiniaõ de virtude o naõ tinhaõ ainda feito acceito áquellas peſſoas, que ao depois ſe tinhaõ por venturoſas em elle lhes querer as ſuas eſmólas. Naõ acceitava mimos, nem preſentes, poſto que lhos mandaſſem parentes ſeus. E a huma parenta, que lhe fizera hum preſente de doces, e vélas, ſendo elle Commiſſario dos Terceiros em Evora, ſe eſcuſa deſta maneira: „ Fico queixoſo deſte mimo, que V. M. me faz, „ porque como eu naõ hei miſter nada mais que oraçoens, nada quero de ninguem, mais que encõmendarem-me a Deos. E a nenhuma peſſoa acceito couſa alguma; e agradecendo a V. M. eſte favor, como que „ o acceitára, peço perdaõ de me naõ aproveitar delle. „ Se V. M. tem deſejo de que iſto ſirva para enfermos, „ informe-ſe donde os haverá mais neceſſitados, e terey „ eu particular goſto de que V. M. e os mais lhes façaõ „ a caridade, que puderem. As vélas tambem naõ to-

„ mo;

,, mo ; ſe V. M. tiver devoçaõ de as mandar á Meza , faça ,, o que lhe parecer , e a mim me encõmende muito a ,, Deos. A huma Senhora , que lhe mandava ás Miſſoens alguns quadernos de papel para apontar os ſermoens , e reſponder a cartas , poſto que foſſe com licença , e beneplacito de ſeus Superiores , ſignificava quaõ pouco lhe era neceſſario : por ſer forçoſo entregar ao fogo ainda as cartas , que eraõ para de guarda , em razaõ de ſe deſcarregar do pezo : ,, E naõ ſerem (*dizia* ,, *elle*) as jornadas de hum Frade de S. Franciſco como ,, as de Alexandre Magno , que tinha cofres de Dario , ,, em que guardava as Iliadas de Homero. *E n'outra carta para a meſma Senhora* : ,, Para os quadernos , que ,, eu queria , V. M. manda de ſobejo. O mais he força ,, que ſique , porque he deſneceſſario , e naõ caminho ,, como pé de exercito , porque vou ſem carruagem.

De dinheiro fugia como de contagio. Pôrlhe algum de ſeus companheiros a maõ , era para com Fr. Antonio o meſmo , que pô-la no chaõ pela mais indigna acçaõ. Depois de ter acabada a ſua Miſſaõ em Arrifana de Souſa, lhe mandáraõ Provedor , e Irmãos da Caſa da Miſericordia offerecer certa eſmóla pecuniaria, dizendo que ſeria para ajuda do caminho. O Veneravel Padre naõ ſó a naõ acceitou, ſenaõ que eſtranhou muito ſer aquella a primeira terra , que lhe fizera ſimilhante aggravo ; e que por ſer contra ſua pobreza naõ eſtaria alli mais nem hum ſó dia. Aſſim o diſſe , e aſſim o fez , por muito que o Padre Guardiaõ, e Religioſos do Convento de Santo Antonio naquella Villa procuráraõ que fizeſſe mais alguma detença.

Certo Senhor Biſpo neſte Reino, depois do Veneravel Padre dar fim á Miſſaõ , que fizera por todo ſeu Biſpado , lhe offereceo huma ſomma de dinheiro para o ſeu novo Convento , ou qualquer outra neceſſidade, a que quizeſſe applicá lo. Reſpondeo-lhe o Veneravel Padre: *Que aquelle offerecimento eſtava taõ fóra de o deixar agradecido* , *que*

que antes ſe hia de ſua preſença eſcandalizado. A huma ſenhora, que lhe encomendára hum ſermaõ de feſta na Madre de Deos, e feito elle lhe mandava a eſmóla, moſtrou tanto ſentimento, quanto cabe em huma ira ſanta, contra quem põem pedras de eſcandalo no caminho de hum juſto. Na Villa de Pinhel compuzera o Servo de Deos a hum prezo devedor com ſeus acrédores, e vindo eſtes para em ſua preſença ſe lhes contar o dinheiro, que importava a divida, nunca o procurador do prezo pode ajuſtar a conta. Para o livrar deſta fadiga, ſe intrometteo hum dos companheiros Miſſionarios a contar as moedas, e fazer os pagamentos. Idos os ſeculares, reprehendeo aſperamente ao tal contador, e o comminou de que ſe lhe tornaſſe a ſucceder pôr maõ em dinheiro, ſe houveſſe por deſpedido de ſeu companheiro, e Miſſionario.

Já diſſemos que naõ acceitára 325U. reis, que S. Mageſtade applicava cada anno por congrua ao Seminario de Varatojo; e com o meſmo eſpirito de pobreza ſe eſcuſou, por boca do Padre Guardiaõ do dito Seminario, ao Conde de Avintes D. Antonio de Almeida, para lhe naõ acceitar a eſmóla de huma arroba de vaca em cada ſemana.

A pobreza interior, que conſiſte em naõ deſejar nada, aborrecendo toda a affeiçaõ ainda áquelle pobre uſo, que nos he neceſſario, exercitava o Veneravel Padre com tanto extremo, que procurava que o habito, e bragas, que lhe mandava dar o Prelado, foſſem do mais triſte burel, e panno, que houveſſe. Pertendeo, deſde logo que tomou o habito, andar deſcalço, e deſcoberto, e cingido com huma toſca corda pela cintura. Aos ſeus ſermoens eſcritos, que lhe tinhaõ tanta ſerventia, como ſe póde conſiderar em hum Miſſionario, que cada dia, e em cada dia tantas vezes prégava, tinha taõ pouca affeiçaõ, que como ſe aborreceſſe os partos de ſeu proprio entendimento, deo por ordem a ſeu companheiro Fr. Fernando da Conceiçaõ, que os déſſe a qualquer Religioſo, que ſe quizeſſe

 apro-

aproveitar delles. Naõ deſejava dinheiro, tem-ſe viſto neſte Capitulo. Naõ deſejava honras, vio-ſe no Capitulo de ſua humildade. Naõ deſejava cargos, conſta das diligencias, que fez por naõ ſer Biſpo, nem Provincial da ſua Provincia. Naõ deſejava eſtimaçoens, antes as declinava quanto podia. Naõ deſejava accreſcentamentos de ſua caſa, e parentes, antes, quanto em ſi era, ſe os naõ impedia, naõ os promovia. Aſſim ſe colhe de huma carta ſua para certa Religioſa, que parece tinha parte no favor, e mercê, que S. Mageſtade queria fazer aos parentes do Veneravel Padre; na qual lhe diz: „ Que cada vez o move „ mais noſſo Senhor a que inteiramente naõ queira nada „ deſte mundo, mais que a ſua honra, e gloria, e bem „ das almas; e que eſtá reſoluto a naõ impedir o bem de „ ſeus parentes, pois impedindo o de qualquer proximo „ peccaria gravemente: mas que eſtava muito mais re„ ſoluto ao naõ procurar por nenhuma via. Que ſe ella „ entendeſſe, ſegundo ſua conſciencia, que fazia bem „ em favorecer a ſeus irmãos em alguma couſa, que ſe„ guiſſe a inſpiraçaõ de Deos, mas naõ lho diſſeſſe: por„ que, ſe lho diſſeſſe, poderia ſer que o impediſſe. E ſou„ beſſe lhe naõ havia de agradecer eſte favor, pois naõ „ fazia nada por amor delle. *Naõ deſejava finalmente couſa alguma deſte mundo*; *e confiadamente dizia*: „ De „ Deos eſpero o que tenho que eſperar: deſte mundo „ naõ quero nada, e por iſſo deſejo deſprezar igualmen„ te o ſeu bem, e o ſeu mal. Nada ſou, nada quero, „ nada deſejo, mais que a meu Senhor Jeſus Chriſto, „ e eſſe crucificado.

Daremos fim a eſte Capitulo com huma pobreza de eſpirito taõ levantada, que para lhe chegar Frey Antonio ſeria neceſſario pôr debaixo dos pés naõ ſó todo eſte mundo, mas ainda alguns dons do outro: „ He (*dizia o Veneravel Padre*) muito pouco pobre de eſpirito quem „ ainda tem muitas vontades, poſto que ſejaõ com cor

de

„ de virtudes : porque a primeira couſa , que quer o Se-
„ nhor , he que ſe diſpa a alma até das meſmas virtu-
„ des , que impedem a verdadeira paz ; e ainda da eſti-
„ maçaõ , e caſo , que fazemos dos dons de Deos , ape-
„ gando-nos a elles , e naõ querendo viver ſem elles , de
„ que naſce logo o deſaſocego , e guerra no eſpirito.
„ Poucos tem , e poucos conhecem a ſanta pobreza :
„ porque naõ conſiſte ſó em deſpimento de tudo o cre-
„ ado na terra , mas ainda do apego aos meſmos dons
„ do Ceo. Deſde a hora , que a alma aquieta com al-
„ gum dom de Deos , logo começa a arrefecer no de-
„ ſejo de aproveitar. Deſpia-ſe o Veneravel Padre até
dos deſejos eſpirituaes de Deos lhe dar o Ceo , ou algum
goſto neſta vida : naõ querendo neſte mundo gloria ne-
nhuma, nem ainda eſpiritual; nem mais que acompanhar a
Chriſto na Cruz. Naõ ſe via nelle apegamento , nem
mais affeiçaõ, ou conſolaçaõ, a eſte, que áquelle ſerviço de
Deos , dizendo : *Que ſimilhantes affeiçoens eraõ muitas
vezes nuvens fundas da natureza , centros do amor
proprio , que tambem tem ſua capa de eſpirito , e ſuas
ſobrepellizes de ſantidade.*

CAPITULO IV.

Caſtidade , que guardou o Servo de Deos depois de tomar o Habito de S. Franciſco.

MUitos (eſcrevia S. Iſidoro Peluſiota) ſendo de an-
tes laſcivos , ſe tornáraõ caſtos : e nem por iſſo ha-
vemos de dizer que ſe mudou nelles o temperamento ,
pois alguns eraõ ainda mancebos , e eſtavaõ na flor de
ſeus annos. O que podemos dizer he , que melhoráraõ
de propoſitos , e aborrecêraõ os vicios. De idade de

trinta annos tomou o Habito Frey Antonio, e cingindo com o cordaõ de S. Franciſco ſeu corpo, cingio juntamente ſeus lombos por continencia, apertando a virtude as larguezas, e verduras da idade: e concorrendo Deos para eſte dom da ſua graça com tanta, que por eſpaço de cinco, ou ſeis annos depois de Religioſo naõ ſoube que couſa era tentaçaõ contra a caſtidade, e perſuadindo-ſe, como elle meſmo confeſſava, que Deos lhe tinha já dado eſta virtude, foy caſtigado por eſta ſua preſumpçaõ com terriveis tentaçoens da ſenſualidade; aſſim para humilhálo, como para que ficaſſe entendendo, que victoria, que conſiſte na fugida, naõ he victoria, que ſegure a huma alma. Falla elle de ſi neſte tempo, e diz eſtas palavras: *Sou creatura fragil, e a Babylonia das armas, com que me inveſte o inferno todos os dias, he muita, mas tambem he ſuperior o auxilio de Deos.*

Contra eſtas tentaçoens ſe armava com diciplinas, com jejuns, oraçoens, e mortificaçoens, queimando-ſe com vélas até fazer chagas, e pingando-ſe com lacres, para que os eſtimulos da carne obedeceſſem ás dores da caſtidade. Mas o remedio em ſi mais approvado, era pôr-ſe de joelhos, e levantando as mãos para o Ceo, dizer no ſeu coraçaõ áquelle Divino Cordeiro, que ſó de virgens, e caſtos ſe quer acompanhado: *Senhor, o que eſta tentaçaõ tem de flagello, cruz, e tormento, eu o acceito, por ſer eſſe o voſſo goſto; mas o que a meſma tentaçaõ tem, ou póde ter de culpa, ou deleite, ainda o mais leve da natureza, eu o deteſto, abomino, e aborreço.* Eſtas palavras, por elle laſtimoſamente eructadas, lhe ſerviaõ do que a ſeu Padre S. Franciſco as neves, e as brazas, a S. Bento as ſylvas, a Santo Ignacio as alagoas. Aſſim curava Frey Antonio eſta enfermidade com palavras da ſua boca, em que Deos punha a virtude, para que todas as ſuas foſſem recommendaçoens da caſtidade; que ſem eſta nem ha Prégador, que faça fructo, nem

Miſ-

Miſſionario, que naõ perca o officio. Depois de Chriſto eſcolher os ſeus Apoſtolos, permittio ainda, que cahiſſem em alguns peccados, como de ſoberba, ambiçaõ, vingança, ira, avareza, murmuraçaõ: negaraõ-no, deſampararaõ-no, &c. mas naõ permittio que contra a caſtidade houveſſe nelles o peccado mais leve, como peccado naõ ſó feio, mas indigno do officio, e nome de Apoſtolo.

Huma peſſoa, que por qualidade, e virtude merece todo o credito, depois da morte do Veneravel Fr. Antonio pedio no Convento da Madre de Deos alguma reliquia ſua com fé de que nella teria remedio para arrancar certa inclinaçaõ pouco decente em peſſoa, que lhe tocava em ſangue: porque dizia ter experimentado em couſa ſua tanta virtude nas palavras do Veneravel Padre, que ſó com fallar á peſſoa, que naõ tinha dado por nenhuma outra, deixára logo a occaſiaõ, que o infernava, e que eſta virtude de ſuas palavras eſperava ella das ſuas reliquias. E he aſſim, que coſtuma Deos pôr a virtude naquellas couſas, com que ſeus Servos vencem o mundo, diabo, e carne. E ſe Fr. Antonio vencia a ſuas tentaçoens com palavras, que muito he que com ellas curaſſe affeiçoens depravadas, e cortaſſe converſaçoens deshoneſtas!

Naõ ſó era caſto, ſenaõ cauto. Recatava-ſe das viſtas e converſaçoens de mulheres; ſendo-lhe taõ penoſo o ſeu trato, que dizia: *Confeſſar, e converſar mulheres he o que mais me cuſta neſte meu modo de vida; porque poſto que ſejaõ ſantas, he mais ſeguro fugir dellas.* Na fugida eſtá a victoria: eſta he a alcofa tecida de palma, em que de Damaſco fugio S. Paulo, he correr á victoria a fugida. Jámais ſe lhe ouvio palavra ocioſa, nem conſentio dizer-ſe em ſua preſença. Finalmente a honeſtidade do ſeu corpo era de qualidade, que fazia pundonor de lhe naõ verem ſeus meſmos companheiros a perna, quando curava a fonte. E ſe naõ póde chegar a mais a honeſtidade, nem nós a dizer mais de ſua caſtidade. 2. Cor. 11. 21.

Deſtas tres virtudes proximamente referidas, Pobreza, Caſtidade, e Obediencia foraõ os votos de ſua Profiſſaõ na Religiaõ; e elle, por confiſſaõ de todos, o mais obſervante neſtes tres votos. Baſtará pôr aqui o depoimento de hum, em que louvaremos os dos outros. O Padre Prégador Fr. Domingos das Chagas, ſeu contemporaneo no Convento de Béja, e condiſcipulo na Filoſofia, jura, que havendo elle praticado algumas vezes com o Veneravel Padre em os tres votos da Religiaõ, elle de todas ſe inflammáva de qualidade, que rompia neſtas palavras: *Pela obſervancia deſtas tres joyas dera eu, ſe tivera, mil vidas.* E que coſtumava dizer, *que no ſubdito naõ havia de haver mais vontade, que a do Prelado. Da pobreza, que nella imitavamos a Chriſto. Da caſtidade, que nos fazia parecer com os Anjos.* E que obſervava com tanta perfeiçaõ eſtes tres votos, que em trinta e tres annos, que elle teſtimunha tinha de Habito, naõ vira Religioſo, por reformado que foſſe, que nas taes virtudes o excedeſſe.

CAPITULO V.

Sua continua mortificaçaõ.

In vit. PP. p. 2. cap. de virt. Pat.

SE muito conduz (enſinava o Abbade Arſenio) para ſe deſpir o homem velho, e veſtir o novo, a conſideraçaõ da morte, nada menos a mortificaçaõ da carne, a qual he nos Chriſtãos huma verdadeira imitaçaõ da Cruz, em que crucificamos noſſos maos penſamentos, palavras, e obras, como moralizava o Abbade Arnoldo; e como ſem aquella authoridade, que ſe deve á Antiguidade, eſcrevia o noſſo Veneravel Padre a huma Senhora Titular, dando-lhe a ſeguinte doutrina: „ As arvores, Senhora, „ pó-

Arnold. de 7. verb. Dom. t. 1. Bibl. PP.

„ pódem eſtar cheas de fructos, e juntamente verdes, e „ com alguma flor; nas do eſpirito requere-ſe que ſe aca- „ be a flor, e que ſe acabe a verdura, para chegar á trans- „ formaçaõ de Chriſto crucificado, que he o que eu „ prégo ſem ſer S. Paulo: e aſſim deve eſtar crucificado „ tudo na arvore da Cruz da mortificaçaõ, que eu eſti- „ mo mais que a oraçaõ. Neceſſario he que ſe ſeque a „ flor da diſcriçaõ, e ſe ſeque a verdura de noſſas pai- „ xoens, e inclinaçoens naturaes; e que ſe ponha todo o „ cuidado em ſazonar os fructos das obras virtuoſas, „ ſem que concorra a arvore para a folha, e para a flor „ com a ſubſtancia, que tira aos fructos. Similhante a eſta era a doutrina, que em muitas cartas ſuas para va- rias peſſoas eſpirituaes achamos eſcrita; e nós eſreve- mos agora: „ As mortificaçoens ſó ſe devem deixar „ por naõ faltar á obediencia, ou á caridade, ou quan- „ do a ſaude falta. Em todo o mais tempo naõ ha morti- „ ficaçaõ, que, ainda que ſeja de pouco cuſto, naõ ſeja „ de grande preço, Neſte mundo naõ tenho achado „ que haja couſa bõa, mais que amar a Deos, e mor- „ tificar-nos a nós, ficando humildes ſem preſumpçaõ „ do que temos feito. Em tres couſas conſiſte a verda- „ deira ſantidade: em amor para Deos, mortificaçaõ pa- „ ra nós, e caridade para o proximo; mas tudo iſto ſem „ humildade he edificio ſem fundamento. Nenhumas „ meditaçoens ſaõ taõ bõas como a ſimplez memoria de „ Deos, e querer por ſeu amor mortificar as mais me- „ morias, juizos, conceitos, raivas, deſconfianças, deſe- „ jos, e impaciencias, que ſaõ a lenha do ſacrificio, „ que Deos eſpera, ſe para elle a vontade ſe torna. Fa- „ cilmente ſerá ſanta aquella alma, que mortificando „ em tudo os ſentidos interiores, negar a ſua vontade „ por honra, e gloria de Deos, que tem goſto deſta noſ- „ ſa morte eſpiritual; pois diſſe aos que o queriaõ ſe- „ guir: Quem quizer ſer perfeito, e ſeguir-me, negue

Marc. 8. 34. „ a ſua vontade. Eſta he a cifra de toda a perfeiçaõ; e „ niſto ſe deve pôr mais cuidado, que em outra oraçaõ „ alguma.

Huma ſó ara, mas dobrada, diz Jacob Baſilio nos ſeus Emblemas, que havia nos Templos, e que eſta com huma voz muda enſina a todos, que em huma ſe offereciaõ a Deos incenſos dos votos pios, e em outra os membros, e ſentidos mortificados. Eſta ara da mortificaçaõ no templo de ſi meſmo tinha o Servo de Deos continuamente occupada em a oblaçaõ das mortificaçoens, que a Deos offerecia de noite, e de dia. Mortificava-ſe no ſomno, dando taõ pouco ao corpo, que bem parecia nelle ter o ſomno ſimilhança com a morte, pelo pouco, que eſta põem em matar, e elle gaſtava em dormir. Tres horas era o que ordinariamente dava na noite ao reparo das forças, que conſumiaõ vinte e huma de trabalho, e vigilias. Eſſe meſmo ſomno naõ era deſcançado, porque ſe deitava ſempre com algum cuidado para mortificar o ſomno, e taõ compoſto, como andava de dia, eſperando a vinda de ſeu Senhor, a quem deſejava abrir, antes que puzeſſe a maõ para bater. A cama era, a que diſſemos no Capitulo de ſua pobreza. Na meſa era onde mais a ſua mortificaçaõ ſe regalava, porque naõ havia prato, em que naõ mortificaſſe o goſto. Se comia delle, deixava o melhor, reçaõ que dizia ſer do Menino Jeſus. Dizia tambem, *que o comer tudo, era final de pouca mortificaçaõ, e que o verdadeiro imitador de Chriſto devia enſopar cada bocado nas ſuas Divinas Chagas, para que nem comendo ſe eſqueceſſe de ſua Paixaõ Santiſſima.* Se naõ comia, niſſo meſmo ſe mortificava; porque foy em ſecular de taõ grande comer, como era o ſeu calor natural, e ainda depois de Miſſionario confeſſava o ſeu primeiro companheiro Fr. Fernando, que nunca da meſa ſe levantava ſatisfeito, e que ſe abrira a eſcotilha, era pouco, quanto ſe lhe punha na meſa. Adoecendo na Miſſaõ,

que

que fez em Coimbra, e assistindo lhe os Doutores Antonio Mendes, e Manoel Freire, Lentes de Medicina naquella Universidade, lhe naõ receitáraõ outra mais que esta: Que comesse, que dormisse, que naõ fallasse. Do que bem se vê, que o pouco comer, o nada dormir, o muito prégar era todo o seu mal.

Contra o seu natural appetite de comer se armou com jejuns a paõ, e agoa, jejuando meyo anno desta sorte em o tempo, que foy estudante, e por toda sua vida. Alèm das Quaresmas da Igreja, e Regra, jejuava mais duas no decurso do anno, começando da Epifania, e acabando dahi a quarenta dias; e da Assumpçaõ de nossa Senhora até dia de S. Miguel. No demais tempo jejuava cada semana, quartas, sextas, sabbados a paõ, e agoa, e quando se mettia alguma festa em os dias deste jejum, o mudava para outro dia da mesma semana. Nas Missoens era para admirar a sua abstinencia, porque comia pela manhaã depois da Missa qualquer cousa, e com esse pouco passava todo o dia, e acabadas todas as funçoens, lá pelas nove, ou dez horas da noite tomava huma refeiçaõ taõ limitada, que era pasmo a todos ver como podia com tanto trabalho, ajudando-o a natureza taõ pouco. E dizia elle ordinariamente: *Que naõ podia comer ainda esse pouco de muito cançado.* Muitas vezes caminhava de manhaã duas, e tres legoas em jejum, para dizer Missa no primeiro lugar, a que chegasse. Depois de dizer Missa prégava largamente, e de ordinario antes que se desjejuasse.

Nos poucos dias, que comia carne, era só ao jantar huma reçaõ de vaca, e á noite só comia o que podia ser collaçaõ. Nas mesas dos Senhores escolhia sempre o prato mais grosseiro, e iguaria menos senhoril, e dizendo-lhe algumas pessoas grandes: Padre coma; naõ o tente o demonio. Respondia: *Peyor he o demonio da gula, que o da vaidade.* Por compridas que fizesse as jornadas, nunca perdeo o jejum. Em occasioens se vio taõ fraco, que che-

chegando á primeira caſa,ou monte, que ſe lhe offerecia, pedia hum pequeno de paõ por amor de Deos, e fazendo daquelle limitado comer eſtreita conſoada, proſeguia a jornada ſem comer mais naquelle dia.

Naõ foy nunca poſſivel obrigarem no a comer algum guizado. Nas fructas, e mariſcos, a que era inclinado, mortificava mais o goſto. Aſſiſtindo no Convento da Madre de Deos, comia dos comeres Quareſmaes, paſto annual daquellas ſantas Religioſas; e porque hum dia lhe puzeraõ na meſa hũa deſtas iguarias para elle nomeadamente, em razaõ de ter dito ſeu companheiro, que goſtava della o Veneravel Padre, lhe naõ pôs maõ,nem boca. No meſmo Convento pedindo huma tarde de Veraõ, e muita calma, hum pucaro de agoa, lha déraõ em hum cheiroſo. Moſtrou que ſentia tratarem-no como naõ merecia; e diſſe: *Naõ pediria mais agoa naquelle Convento, por mais que o apertaſſe a ſede*, e fez o que diſſe. Em quanto comer ſoube que era para elle, deitou agoa, ſe o pode fazer ſem ſer viſto, e jamais ſe queixou de lhe faltar a tempera, por naõ ter outro goſto, que o da temperança, negando a ſeus appetites tudo, o que os adoçava; e naõ procurando o ſabor, com que a natureza ſe alegra em ſeus prazeres, e goſtos, ſenaõ o fel, e diſſabor, com que a graça ſe põem mal com a natureza, lançando maõ do que aborrecia, e aborrecendo o que amava, tendo o amargoſo por doce, e o doce por amargo.

A mortificaçaõ interior, que mais lhe agradava nas almas alhêas, foy a em que mais ſe eſmerou,e com maior empenho, pertendeo. Para iſſo ſe cobrou a ſi meſmo aquelle odio, que Chriſto encõmenda tenhamos a noſſas almas; e tratando-ſe como inimigo, desfazia, e pizava ſeus vãos penſamentos, vanglorias,e appetites, jactancias, altivezas, e toda a outra maquina de enganoſa, e mundana vaidade, aborrecendo-ſe, e atormentando-ſe a ſi para amar com todo o amor a Deos. Eſta generalidade-

Joan. 12.

eſpe-

eſpecificáva a mortificaçaõ, que tinha todas as vezes, que prégava, e toda a hora que fallava; porque naõ querendo S. Bernardo mais de hum Religioſo perfeito, que apontar ſuas palavras duas vezes com a lima, primeiro que as mandaſſe á lingua, o Veneravel Padre para mortificar o ſeu natural era forçado a fugir de dizer as ſuas palavras levantadas, floridas, cultas, limadas, ſundas, creſpas, ſelectas, enfaticas, alluſorias, criticas, e agudas, e andar inveſtigando as mais toſcas, ſimplices, e groſſeiras, no que punha hum continuo eſtudo, que vinha a ſer hum inceſſante martyrio. Que mudar de eſtylo natural naõ he menos cuſtoſo, que mudar de corrente a hum rio, e de propenſaõ a tudo, o que buſca o ſeu centro. Por ſe conhecer entendido fazia neſcio ſeu entendimento por amor de Deos: *Que o juizo* (dizia elle) *he como a agulha, quanto mais aguda, e delgada, mais pica a maõ, que coze com ella.* Fazia arte de eſpirito em vencer ſua contradiçaõ, obrando tudo aquillo, a que ſua vontade repugnava, ou a eſtimaçaõ propria naõ queria. Mortificava os meſmos deſejos eſpirituaes, dizendo: *Que não queria o eſpirito daquelles, que por falta de mortificaçaõ não chegão a ſaber em que conſiſte a ruina dos eſpiritos, e união de Deos, que ſe não goza por meyo de conſolaçoens, ſenão por meyo de contradiçoens.*

Entre as ſuas obras ſe acha hum exercicio de mortificaçaõ para toda a ſemana. E aſſim mais humas ſeis azas de Seraſim para voar á perfeiçaõ com as pennas da mortificaçaõ.

CA-

CAPITULO VI.

Rigoroſa, e aſpera penitencia do Servo de Deos Fr. Antonio.

AQuella perfeita, e fructuoſa penitencia, mãy da miſericordia, meſtra das virtudes, que levanta os cahidos, recrea os deſeſperados, deita fóra a avareza, dá de maõ ao furor, foge da luxuria, firma o amor, calca a ſoberba, contém a lingua, compõem os coſtumes, aborrece o mal, exclue os vicios, humilha-ſe aos ſuperiores, e ſe ſugeita aos inferiores; que tem no coraçaõ a contriçaõ, na boca a confiſſaõ, e na alma toda a humildade, (como a deſcreve Santo Agoſtinho) he a penitencia, que eſcrevemos de Fr. Antonio. Mas ſe naõ baſta huma ſó penna para encher as generalidades da penitencia, á de Santo Agoſtinho ajuntemos a do Abbade Cellenſe, que tambem nos debuxa eſta penitencia, que o Veneravel Padre Fr. Antonio fazia, pelo que diz do verdadeiro penitente. Eſte, (eſcreve o Santo Abbade) eſte tem na boca a verdade, no coraçaõ a caridade, na conſciencia a pureza, no habito a humildade, no comer a abſtinencia, no andar a modeſtia, a caſtidade no roſto, a oraçaõ em todo lugar, a meditaçaõ em todo o tempo, a afflicçaõ em todo o corpo, a devoçaõ em toda a alma, os ſeus deſejos em Deos, e as lagrimas para Deos de noite, e de dia; e lavando ſua alma com a agoa deſtas lagrimas pelas culpas paſſadas, enxugando-a com a toalha da verdade, accendendo-a na caridade, purificando-a pela confiſſaõ, ornando-a com humildade, cingindo-a por abſtinencia, ſobreveſtindo-a de modeſtia, glorificando-a por caſtidade, ſuſtentando-a por meditaçaõ, ungindo-a com devoçaõ, a fazia receber no Ceo por deſejos, venerar no mundo pelos

D. Aug. exhort. ad pœnit. t. 2. Bibl. PP. hum. 43.

Petr. Cellenſ. Abb. 1. de panib. c. 3. t. 9. Bibl. PP.

los homens, e honrar por alegria dos Anjos. Todos eſtes fructos da penitencia ſe viaõ ſazonados na arvore do verdadeiro penitente Fr. Antonio com tanta felicidade, que nem para a deſpojar delles havia Outono, nem para os dar deixava de ſer Eſtio todo o anno. Em cada hum deſtes Capitulos de ſuas virtudes iremos admirando hum deſtes precioſos fructos; neſte o do caſtigo, que dava a ſeu corpo Fr. Antonio, e a que chama fazer penitencia o mundo.

He o peccador penitente juiz, e algoz de ſi meſmo; porque conſiderando nos ſeus crimes, e culpas commettidas contra a Divina Mageſtade, que naõ quer a morte do peccador, ſenaõ que ſe converta, e viva, procura purgar por dor, e tormentos neſta vida a morte, que ſem ella, e ſem elles ſe lhe daria na outra; e por eſta conſideraçaõ ſentenciando-ſe a ſi proprio, dá á execuçaõ a ſentença por ſua propria peſſoa, carregando ſe de ferros, cobrindo-ſe de cilicios, abrindo-ſe com diciplinas, matando-ſe com fomes, abrazando ſe com ſedes, expondo-ſe a calores, naõ ſe reſguardando das chuvas, nem fe affrarando contra os frios, e outras ſimilhantes penitencias, que os antigos Anacoretas nos deraõ a conhecer, e o noſſo Veneravel Padre ſoube excogitar, para nelles termos imitaçaõ, nelle exemplar.

Foy ſua primeira penitencia, e que lhe durou até fazer a Miſſaõ do Minho no anno de 1677 onde lhas tiraraõ ſeus companheiros, humas quatro cadeas, que pezavaõ ſeis para ſette arrates de ferro, e acabavaõ em huma argola, com que cingia o peſcoço, duas a cintura, e duas os braços. Sobre eſtas cadeas trazia hum cilicio de aſperas ſedas a modo de juſtilho, que lhe tomava da cintura até os hombros; e quando queria mudar de cilicio, punha outro de arame com bicos agudos para a carne, e tinha hum palmo de largo: a continuaçaõ delle lhe fez quebrar muitos daquelles bicos no corpo; o que elle deitava á

ſua

ſua propria dureza, dizendo ao ſeu Padre eſpiritual, *que tinha a carne muy dura, e por iſſo quebravaõ os bicos do cilicio nella.* Affirma com juramento o Padre Fr. Manoel do Sepulcro, que trouxe o Veneravel Padre por algum tempo hum alfinete pregado no corpo, mudando-o de lugar por naõ fazer mal á ſaude o remedio da caſtidade. Uſava de diverſidade de diciplinas, e humas de cadeas de ferro taõ groſſas, que parecia impoſſivel poderem ſe continuar ſem grande damno da ſaude: tomava-as em todo o corpo, chegando a tanta inſenſibilidade com o uſo, que dizia: *Naõ ſer penitencia a diciplina.* Porèm variando os ſeus golpes para as ſolas dos pés (muitas vezes até lhe rebentar o ſangue pelas unhas) retractou o ſ u dizer das diciplinas.

As alparcas, que trouxe nos ſeus primeiros annos de Religioſo, podiaõ ſer ſymbolo da hypocriſia, ſe naõ foraõ acintes da vangloria, porque era ſó couro alheio, o que por de cima apparecia, e o dos proprios pés as ſolas, que pizavaõ, e ſe gaſtavaõ na terra. Nunca uſou de chapeo, e muito tempo, á imitaçaõ de S. Pedro de Alcantata, naõ pôs capello na cabeça, trazendo-a ſempre deſcoberta a todo o rigor do Sol, e da chuva; com que ſe lhe fizeraõ nella humas gretas, e aberturas, como coroa de romaã, de que tomáraõ occaſiaõ os Prelados para lhe mandarem, que quando caminhaſſe por tempo rigoroſo, naõ caminhaſſe deſcoberto. Nas noites do Inverno dormia com a janella aberta para padecer o frio; e aſſiſtindo no Convento da Madre de Deos, pelas quatro horas da manhaã em o mez de Janeiro já eſtava no Confeſſionario, e com a janella aberta, ſendo que tem eſta Caſa qualidades de fonte, muito quente no Veraõ, demaſiadamente fria no Inverno. E ſe lhe eſtranhavaõ abrir a janella ao freſco do Inverno, reſpondia: *Que tinha grande conſolaçaõ de ver o Ceo*: disfarçando os rigores do tempo, a que voluntariamente ſe ſacrificava, com as conſolaçoens, que affecta-

damen-

damente perſuadia. E o certo era, que fazendo o amor de Deos de ſeu peito Ethna, contraſtava quantas neves, e frios o Olympo ſubminiſtra.

Prégando muitas vezes no campo, por ſe accommodar aos Auditorios maiores que as Igrejas, lhe acontecia, como em Braga, e Barcellos, choverem-lhe diluvios de agoa na cabeça, e elle continuar os ſermoens na meſma pauta, e ſem encurtar nada, como ſe foraõ acintes, que quizeſſe fazer á chuva, e naõ era ſenaõ rebate do calor do eſpirito, com que prégava, ſendo muito para admirar no meſmo tempo Prégador, e Auditorio: eſte, por ſe naõ alterar, nem enfadar de o ouvir com tanto incommodo; aquelle, por molhar mais a palavra, quanto mais chovia. Porèm como prégava penitencia, que he a taboa, em que nos ſalvamos do diluvio dos peccados, e naufragio dos vicios, em que nos perdemos, que muito que naõ temeſſem mares, que foſſem de agoas, huns, e outros!

Poſto que achaſſe commodo para paſſar os ribeiros a pé enxuto, ſe mettia pela agoa, que ás vezes lhe dava pela cintura, e com o meſmo Habito aſſim molhado dormia, e ficava, até que o calor do corpo o enxugava, do que lhe procedêraõ muitos achaques, e enfermidades. Algumas noites de grandes tempeſtades lhe dava a elle hum furaçaõ de eſpirito, e tomando o ſeu Crucifixo nas mãos, ſahia pelas ruas, fazendo exclamaçoens, e actos de contriçaõ, e no cabo hum, *Senhor Deos miſericordia.* E era o Senhor ſervido, que a eſtas ſuas vozes ceſſaſſem as tempeſtades, e que as tormentas ſe ſangraſſem com a agoa de muitas lagrimas, que ſe choravaõ pelas culpas. Quando voltava da Miſſaõ do Algarve, ao dia, em que tiveraõ principio as grandes vertigens, que lhe foraõ apouquentando a vida, tinha precedido caminhar com os pés molhados toda a jornada, ſem ſe desjejuar, nem comer de tarde mais que humas laranjas, e hum pouco de leite, e ter paſſado duas noites ao pé de huma arvore. Nas

com-

continuas bofetadas, que em ſi dava no pulpito, fez huma notavel penitencia; porque as dava com quanta força tinha, e como a quem as merecia. De huma ficou ſurdo do ouvido direito; de outra ſe lhe deſconjuntáraõ alguns oſſinhos junto do lagrimal, com que naõ podiaõ deixar de ſer muito ſenſiveis as bofetadas neſtas partes lezas. Porèm iſſo meſmo era o que o Servo de Deos pertendia; que ſe naõ forra ao ſentimento, quem quer merecer penando.

Sendo tantas, como as referidas, as ſuas penitencias, eraõ para o ſeu deſejo poucas, e na ſua eſtimaçaõ nenhumas, porque as contrapunha ás ſuas culpas. De varias cartas ſuas para o ſeu Provincial, e para o ſeu Padre eſpiritual tiraremos o que agora eſcrevermos: „ Todo o „ meu eſcrupulo he o bom trato, que dou a eſte miſera„ vel corpo, (fallo como quem eſtá diante de Deos) de„ vendo eu pôr-lhe o fogo, e tormentos do Inferno neſ„ te mundo: Caſtigo aſſaz pequeno de meus horrendos „ peccados; mas deſculpo-me cõmigo meſmo, buſcando „ no ſerviço de Deos razoens contra eſte odio, que me „ devo ter. Nas penitencias naõ tenho que diminuir, „ porque entendo que nenhuma faço, e facilmente me „ inclino aos que me aconſelhaõ as commodidades do „ corpo. Sou taõ miſeravel, que, como carne podre, „ quanto mayor he a chaga, menos he a dor da ferida. „ Neſte retiro (*era o de Viſeu*) naõ durmo em cama, „ nem deixo outras penitenciaſinhas de abanamoſca, que „ tem graça todos os dias: corro tambem deſcalço por lu„ gares humidos todos os dias a Via ſacra neſte deſerto; „ mas iſto parece deſenfado pela formoſura do ſitio, ain„ da que meus companheiros me reprehendem, e di„ zem, que naõ como, que ando enganado do demonio; „ e ainda que eſtas, e peyores enfermidades haja no eſ„ pirito, no corpo naõ ſinto grandes desfallecimentos. A „ cabeça he qual foy ſempre, e muito peyor por minha

„ cul-

„ culpa do que Deos a fez. Mas ainda aſſim, a pezar das „ boſetadas, naõ ſente agora mais que hunas pequenas „ xaquecas, que ſaõ couſa de riſo a reſpeito das que „ alguns tempos tenho, quando prégo &c.

Naõ ſó fazia penitencia pelas culpas proprias, ſenaõ que pelo que naõ tinha peccado, fazia penitencias, tomando ás ſuas coſtas as culpas alhêas. Exaggeraçaõ fora minha, quando o naõ moſtrára por carta ſua, e ſua verdade naõ fora taõ notoria. Diz pois a carta feita em Silves no Algarve: „ Huma de V.M. recebo neſta Cida„ de de Silves, e taõ depreſſa como ſempre; e hoje mais „ que nunca, por eſtar eſte dia 4 de Fevereiro de 1681. „ deſtinado a huma Prociſſaõ da Penitencia, onde ire„ mos deſcalços, e com cordas ao peſcoço dar ſatisfa„ çaõ, como pudermos, do que neſta terra ſe tem falta„ do a outra, que lhe deraõ em penitencia de haver af„ frontado o ſeu Biſpo ha mais de trezentos annos; em „ cujo caſtigo amaldiçoou eſta terra, que em outro tem„ po tinha 14000. vizinhos, e hoje naõ chegaõ a 200. e „ he mais povoaçaõ de ruinas, que de caſas, onde as „ torres choraõ, e os muros abertos fallaõ pela boca de „ ſeus eſtragos, que os peccados foraõ cauſa de ſeus caſ„ tigos. „ Taõ amigo era Fr. Antonio deſta virtude da penitencia, que á maneira dos que chegaõ a tal perfeiçaõ de vida, que naõ daõ materia para a abſolviçaõ, a buſcaõ na vida paſſada; aſſim elle deſenterrava culpas paſſadas, naõ ſó ſuas, ſenaõ tambem alhêas, para dar nova materia a ſuas penitencias. Eſte meſmo affecto, que ſempre teve á penitencia denotaõ os ſeus Axiomas, que deixou eſcritos depois de bem praticados; e ſaõ os ſeguintes.

„ Orar até cahir, penitencia até adoecer. Mas ſe a oc„ cupaçaõ extraordinaria por obediencia, ou caridade „ nos tira o tempo, ou enfraquece o corpo, he juſto „ que ſe cure delle, naõ para o ter de conſerva no mi„ mo,

„ mo, ſenaõ para o ter capaz no trabalho. A náo ſe a naõ „ occupaõ, e lhe naõ daõ trabalho, para nada preſta, até „ com as tempeſtades ſe adianta, e com a carga, e occu- „ paçaõ ſe melhora. Aſſim ſaõ noſſas almas no mar deſta „ vida, ſe Deos nos occupa, e nos carrega, ricos eſtamos, „ logo ſervimos, e para o Ceo, que he o noſſo porto, „ mais ſeguros navegamos; ſe naõ temos occupaçaõ, „ ou alguma carga de penitencia, ou obediencia, o an- „ darmos leves nos faz ás vezes virar, e perder nas on- „ das, a qualquer aſſopro dos ventos do noſſo engano, „ e vaidade. As purgas perſuadem o rigoroſo para in- „ troduzir o conveniente; aſſim ſe haõ de receitar as „ penitencias, para que nos habilitemos para as delicias.

CAPITULO VII.

Sua admiravél paciencia.

HE a paciencia (moralizava Santo Agoſtinho) a oitava das Bemaventuranças, porque as mais virtudes aperfeiçoaõ, mas a paciencia conſumma, e coroa. Conſummado foy o Veneravel Fr. Antonio neſta virtude, pois ao meſmo paſſo, que ſuas grandes penitencias, achaques, e dores o conſumiaõ, pela paciencia o conſummavaõ, e coroavaõ, verificando-ſe nelle ſua meſma doutrina, porque fazia das virtudes, que exercitava, tinta, com que eſcrevia. „ O final (*diz elle*) que ha neſta vida de ſer „ Bemaventurado, he padecer alguma couſa por Deos. „ A paciencia he que faz perfeitas as obras, e leva ao ca- „ bo as virtudes. O caminho da paciencia leváraõ todos „ os Santos, que eſtaõ no Ceo; e nenhum ſe gabará „ que foy áquelle lugar por conſolaçoens, ſenaõ por „ tribulaçoens; e ainda que muitos tiveraõ goſtos eſpi- „ ritua-

„ rituaes, nenhum foy ao Ceo ſem grandes trabalhos, e
„ mortificaçoens. Se aos Bemaventurados lhes déraõ
„ a eſcolher hoje o vir padecer ao mundo por Deos, ſe
„ privariaõ da gloria a troco de acreditar o amor, que
„ tem a Deos, vindo a padecer neſte mundo as cruzes,
„ que muitos engeitaõ, ou violentamente levaõ. Se a
„ Cruz parece bem no peito, porque naõ parecerá
„ melhor no coraçaõ, e na cabeça, onde póde ſer co-
„ roa? Eſtimá-la he o que importa, deſejá la he o que
„ ſe pratîca; mas folgar com ella, quando chega, he
„ o que ſe naõ coſtuma, poſto que ſeja o que mais apro-
„ veita. Ditoſas aquellas almas, para quem Deos faz
„ ouro, o que para outras he chumbo. Naõ nos falte
„ aquella paciencia, com que os que ſoffrem ſe coroaõ.
„ O certo he, que o fino do eſpirito naõ ſó conſiſte
„ em padecer, e ter goſto de penar, mas em penar, e
„ padecer ſem goſto, ſem eſcolha, e ſem eleiçaõ de
„ couſa alguma, ficando ſó pendente de huma fè qua-
„ ſi ſumida, e de huma eſperança, e caridade apenas
„ imaginada, mas certa na bondade infinita de Deos,
„ que para o noſſo bem nos vay purificando por eſtas
„ agoas, em que todo o goſto ſe affoga, ſe alaga, e ſe
„ ſepulta: para que deſſes fundos naſce aquella paci-
„ encia, e cruz, que ſerve de eſcada á alma para a vida
„ eterna. Virtudes heroicas naõ ſaõ açoutar, nem pôr
„ cilicios; ſenaõ paciencia, mortificaçaõ, e caridade.
„ Mais depreſſa ſe acha Deos nos eſpinhos das afflic-
„ çoens, e penas, que nas roſas das conſolaçoens.
„ Naõ temos outra ponte ſobre o rio da noſſa culpa,
„ mais que a penitencia, e a ſanta paciencia, que he ar-
„ te de padecer: e como iſto nem os Santos o pódem
„ eſcuſar, todo o bem, e todo o amor de Deos conſiſ-
„ te em ſaber padecer com arte, aprendendo de Chriſ-
„ to crucificado a ſermos retratos ſeus, vivendo crucifica-
„ dos. Eſta caduca vida cercada de perigos, taõ cheia de

„ de ſpenhadeiros, naõ foy dada para gozar, ſenaõ para
„ padecer: cuſtoſa arte he eſta para a ignorancia, e mi-
„ mo da natureza, mas muy proveitoſa para o eſtado da
„ graça: porque ſem penas naõ ſerve para nada a vida,
„ nem voaõ para o Ceo as almas: huns padecem no cor-
„ po, outros na alma, outros em tudo. Dita, e fe-
„ licidade da alma he, que em cada tormento ſaibaõ
„ diſpôr, e fazer hum ſacrificio; porque neſtes quan-
„ to o noſſo goſto morre, tanto o merecimento vive, e
„ a perfeiçaõ ſe chega. A perfeiçaõ conſiſte em nos go-
„ zar de tudo, o que nos ſuccede ſem culpa; ou ſeja bem,
„ ou ſeja mal, puramente, porque aſſim he vontade de
„ Deos; e aſſim era a diſpoſiçaõ Divina deſde a eterni-
„ dade. E convèm para chegar a iſto, que naõ tenhamos
„ nem amor, nem goſto, nem vontade propria, nem eſ-
„ colha, ou eleiçaõ alguma, nem deſejo de conſolaçaõ
„ ſenſivel, nem ainda eſpiritual, ſenaõ como ſombra,
„ que ſegue o corpo, ſeguir os movimentos do Divino
„ beneplacito, havendo-nos paſſivamente em tudo, pa-
„ ra que ſe imprima em nós o Divino agrado na imita-
„ taçaõ da Vida, Morte, e Paixaõ de noſſo Senhor
„ Jeſu Chriſto: para iſto, ainda que haja triſteza, e re-
„ pugnancia do corpo, baſta que haja promptidaõ, e
„ reſignaçaõ no animo; porque deſta ſorte ſe aprovei-
„ taõ as marés do Eſpirito Santo, convertendo tudo pe-
„ la conformidade, e indifferença em bonança da conſ-
„ ciencia, cuja gloria he aquietar entre as eſpinhas,
„ onde creſcem as flores de Deos. Naõ ſe perde a paci-
„ encia por ſentir muitas ondas de ira, ſenaõ por con-
„ ſentir algum deſejo de vingança. Se a Santidade de
„ Chriſto naõ ſubio ao Ceo, ſenaõ padecendo, nós ou-
„ tros como poderemos ſubir ſem fazer eſcada do pade-
„ cer? A paciencia alegre, a oraçaõ amoroſa, e a per-
„ ſeverança firme agradaõ muito a Deos. Neſta vida,
„ ainda que ſe viva ſem culpa, naõ ſe paſſa ſem pena:
„ fa-

„ fazer dellas azas, voando para Deos com todas, he of-
„ ficio dos Serafins, e naõ ſe merece menos padecendo,
„ que amando. A bondade de Deos até dos trabalhos,
„ e males nos faz caminho para o querermos; e ſe nos
„ prova como ouro, levanta-nos por fogo, e agoa, para
„ que neſtas provas nos tire o que temos da terra, de fé-
„ zes, e de eſcorias de culpas, de que ſe naõ livraõ fa-
„ cilmente nem ainda os mais perfeitos. Naõ ſey que ſe-
„ ja outra a eſtrada do Ceo, mais que amar, e padecer
„ por amor de Deos. Tudo o que he do noſſo goſto,
„ he mundo: tudo o que he contra elle, he vereda do
„ eſpirito, mas aſpera, e rigoroſa. Tambem a pacien-
„ cia, e conformidade he o mayor reſpeito, que temos
„ a Deos na vida entre os diſſabores della. Eſtas ſaõ as
„ iguarias dos predeſtinados, convèm naõ eſperdiçar o
„ prato dos eſcolhidos. Se for grande a prova, ſeja igual
„ a paciencia; porque tambem noſſo Senhor nos dá o
„ auxilio á medida do trabalho. Pouco aproveita na ora-
„ çaõ propôr grandes paciencias, ſe chegando a occa-
„ ſiaõ faltar a tolerancia. O ouro naõ ſe tira das minas
„ ſem grandes fadigas: a virtude ſem contrarios entor-
„ pece, e he virtude gottoſa, que naõ dá hum paſſo: a
„ virtude com contrarios he como a agoa por deſpenha-
„ deiros, que ainda que a maltrataõ, fazem-na mais pu-
„ ra, deixaõ-na mais clara.

Eſta era a eſtimaçaõ, que o Veneravel Padre fazia da paciencia, eſte ſeu alto ſentir acerca della; e ajuſtado a ſuas meſmas regras aſſim obrava, que em nada faltava á ſua doutrina: fazia dos trabalhos ſacrificios, da cruz vontade, da paciencia uſo, e dizia que naõ tinha nenhumas dores, ainda quando as padecia mais terriveis. No ultimo anno da ſua vida, eſmalte ultimo de ſua tolerancia, padeceo o Servo de Deos dores taõ grandes, que lhe puderamos chamar do Inferno, ſe naõ foraõ deſta vida, em que teve o ſeu Purgatorio: pois he certo (como dizem

os Santos) que o naõ ha de ter quem com paciencia levar a perſeguiçaõ interior, e exterior da carne, mundo, e demonio neſte mundo. As taes dores deſcreve o padecente Fr. Antonio por eſte modo: „ Agora ando com huma „ fogueira na cabeça, e com meyo corpo frio. Sou „ huma maſſa de contrariedades, e de labyrinthos: „ Bendito ſeja Deos. Terriveis ſaõ as ancias, xaquecas, e „ pulos do coraçaõ, vágados, e vertigens da cabeça, que „ poſto eſteja bõa para padecer, naõ eſtá de preſtimo „ para nada mais. Dormindo mais do que coſtumava, „ naõ acho melhoria, e ſe me quero violentar para naõ „ dormir, logo repete a vertigem. Como, ainda que „ ſem goſto, comeres de mais ſubſtancia, e ſinto-me „ fraco: ſe leyo huma carta, ou leyo huma hora, ja „ eſtá perdida a cabeça. Mandaõ-me que naõ faça ne- „ nhuma couſa deſtas, e nem com tudo paſſo bem. Eis- „ aqui o eſtado, em que me acho quanto ao corpo; „ quanto ao mimo, ſou taõ miſeravel, que no meyo des- „ tas ondas durmo: naõ ſey ſe he modorra de Jonas. Se- „ ja Deos por tudo louvado, que atégora naõ tenho „ mal de pena, de que me poſſa queixar; de culpa te- „ nho muitos de que me devo ſentir, e deſtes coſtumaõ „ aquelles ſer deſpertadores para a emenda da alma, „ quando he melhor a conſciencia, e a vida, que a mi- „ nha taõ deſcuidada, por iſſo ſerá mayor a conta. Eſ- „ ta cruz das vertigens naõ he pezada; a de meus pec- „ cados he ſó a que naõ póde ſer leve.

Em outra carta pintava os ſeus males de outras cores, e dizia: „ Naõ lhe dem cuidado os meus males, que „ ſaõ tudo nada, hum pouco de vento, e o meſmo he „ a vida, e vida, morte, e achaques tudo he o meſmo: „ e tudo he bello, doce, ſuave, excellente, e harmo- „ nioſo, ſe aſſim ſe ſerve a Deos. „ Deſta maneira desfazendo, e negando a materia, fazia, e acreditava mais ſua incrivel paciencia; que chega eſta ao mais que

póde

póde chegar, tanto que ſe faz inſenſivel no padecer: *Ocioſa alfaya fora a paciencia, ſe ſe naõ guardara para os trabalhos.* Dito era eſte de Fr. Antonio Mas ſe naõ póde haver paciencia, ſem que ſe ſintaõ trabalhos, como chamaremos á ſua, ſenaõ ocioſa? Vay porèm muito de naõ ſentir por conformidade, a deixar de ſentir por coſtume. A conformidade com a vontade de Deos obrigava a dizer a Fr. Antonio, *que o naõ ſentir era hum dos ſeus mayores negocios, e o alegrar-ſe em tudo hum dos ſeus maiores proveitos.*

Fazia razaõ de padecer o Senhor crucificado, que trazia comſigo, dizendo: *Junto de hum Deos crucificado por mim, como convem que eu eſteja ſem padecer por ſeu amor! Eſta he a razaõ de o trazer ſempre commigo.* Outras razoens de menos conſideraçaõ, mas muito para conſideradas, davà ainda dignas de ſe eſcreverem aqui por recommendaçaõ da paciencia, e eraõ eſtas: *As perſeguiçoens, e penas deſta vida para quem tem os cuidados na celeſte Patria, por huma parte ſaõ penas, e por outra parte azas, com que ſe voa: e o goſto de padecer, faz que ſe naõ eſtranhe o penar, e que viva ſem queixa o ſentir.* Alegrava-ſe o ſeu eſpirito com o que ſentia o corpo, abraçando-ſe, e reſignando-ſe no Divino beneplacito, que he a alegria do eſpirito: cantando as ſuas penas como gloria, e para gloria da divina vontade. Levava com bom coraçaõ a ſua Cruz, conſiderando, que Chriſto Senhor noſſo levava o mayor pezo da ſua parte: que o padecer era fructo de Deos, eo favo de mel poſto na ponta da lança de Jonatas: que todo o mal de pena era bom, naõ ſó para purgar as culpas, ſenaõ tambem para nos aperfeiçoar na graça: que Deos fazia muita mercê aos Martyres em lhes dilatar os tormentos, goſtando muito de os ver padecer por ſeu amor, para depois com mayor goſto os premiar.

Deſte ſeu goſto no padecer naſciaõ as graças, que

dava a Deos pelos seus achaques, dores, trabalhos, e enfermidades, acceitando-as da sua maõ como mimos, e favores seus muito particulares. Assim o mostra por varias cartas, de que estas saõ as copias: „ Ainda a cabe„ça anda como minha; porèm tudo saõ meyos, e mo„tivos de louvar a Deos, que põem estes despertado„res, para que naõ durma a alma, antes vele em sua „presença. Seja Deos bendito, quasi todos estes dias „tenho vertigens, e em lendo, ou escrevendo, por „pouco, que seja, me faz grande damno; assim passo „fazendo vida de estatua. Seja Deos bendito, que as„sim me soffre, e me favorece, ainda quando parece „me castiga. De Deos ha de vir a saude, se for de „prestimo para seu serviço; em quanto elle se naõ ser„ve mais, que dos meus males, ajude-me V. M. a dar„lhe graças por tudo, que por tudo merece ser louva„do. Segunda feira, quando lá se estaria dando conta „da minha melhoria, estive eu perto de a dar a Deos „da minha alma, que foy a vertigem das mayores: se„ja Deos louvado por tudo, e pelas mais que vierem, „que he a melhor cousa, que tenho tido atégora; e „ainda que se sentem como cousa, que parece mal, será „hum dos mayores bens, que terey nesta vida; por„que com elles na cama, se tiver paciencia padecen„do, merecerey mais, que no pulpito prégando. Es„tar nos pulpitos, posto que seja por caridade, he von„tade minha, padecer na cama havendo paciencia he „vontade de Deos; e quanto esta he melhor que a „outra, tanto eu com ella estarey melhor. Cada ver„tigem me parece hum auxilio de Deos, que lhe naõ „sey merecer, nem agradecer; faça-o V. M. por mim, „e a todos, os que vir espirituaes, peça que pelos meus „males dem graças a Deos. „ Tanto era o agradecimento em que o Servo de Deos Fr. Antonio se considerava empenhado, por Deos lhe dar que padecer nelte

mun-

mundo, que como David ás creaturas, convidava elle a outras peſſoas, para que foſſem mayores os louvores, e acçoens de graças na mayoria das linguas; e ſobre iſto fazia louvores divinos dos meſmos ays, e ſuſpiros, que dava, e do ar, que reſpirava.

CAPITULO VIII.

Paſmoſa conformidade, que tinha com a vontade de Deos.

HE ſem duvida, que na conformidade com a divina vontade conſiſte toda noſſa perfeiçaõ, e rectidaõ, porque a vontade humana para ſer recta deve ſer conforme á divina, a qual, como ſeja perfeitiſſima, ſantiſſima, juſtiſſima, e rectiſſima, he regra, medida, cauſa, e origem de toda a rectidaõ, que ſe acha na vontade humana, e ſe com ella ſe confórma a vontade creada, entaõ he recta, juſta, e acceita a Deos; ſe ſe naõ conforma, he injuſta, torta, vicioſa, e aborrecida de Deos. Donde vem chamar a Eſcritura aos conformes com a vontade divina, rectos do coraçaõ, o que explica Santo Agoſtinho por eſtas palavras: He juſtiça de Deos, que ora eſtejamos ſaõs, ora doentes. Se quando eſtamos ſaõs, e temos ſaude, achamos que a vontade de Deos he doce, e quando temos doença nos parece amargoſa; naõ temos rectidaõ de coraçaõ, porque naõ queremos que a divina vontade ſeja regra da noſſa, ſenaõ que pela noſſa ſe governe a divina. Iſto prenotado, a penna de Fr. Antonio ſerá o indice deſta ſua rectidaõ do coraçaõ. D. Aug. in Pſ. 35.

Eſcrevia a ſuas irmaãs Religioſas, e dizia de ſi, o que nós agora pertendemos dizer com elle: „ De mim vos „ digo, que ainda que ſou mais ruim, e cada vez peyor, que

„ que naõ quero mais reçaõ da graça de Deos, e de ſeus „ favores, que aquelle quinhaõ, ou grande, ou pe- „ queno, que elle me quer dar, e que vivo taõ conten- „ te ás vezes entre cobras, e lagartos, ſylvados, e aſ- „ perezas, como entre ſabores do Ceo, e glorias do „ eſpirito; porque o meu Deos tudo me dá para meu „ bem: os açoutes ſaõ para me enſinar, os abraços para „ me obrigar, os bens, e males para me provar. Naõ „ quer mais de mim, que naõ deſgoſtar-me eu com o que „ he ſeu goſto: e que lhe agradeça tanto o paõ de cen- „ teyo, e boroa, que ainda naõ mereço, como os ovos „ molles, e os bocados doces, que eu nunca mereceria. „ Aproveitay-vos deſta arte, e tanto ſe vos dará de ſer „ tontas, como prudentes, tanto folgareis de eſtar do- „ entes, como de eſtar ſans; porque Deos naõ ha miſter „ as voſſas oraçoens, e as voſſas diciplinas. Tudo iſto „ achareis em muitas figuras pintadas, joelhos no chaõ, „ olhos no Ceo, e mãos poſtas, penitentes, e outras „ muitas couſas; mas tudo iſto he fingimento, porque „ naõ ha nellas eſpirito, nem conformidade. Quem tem „ conformidade com Deos, tem verdadeiro eſpirito, e „ quem tem eſte, ſempre lhe vay bem.

Abono deſta ſua conformidade com a vontade de Deos foraõ todos os ſucceſſos de ſua vida religioſa, e ſeráõ todas as acçoens ſuas, que referirmos neſta eſcrita; porque foy o meſmo reſignar ſua vontade na de Deos pela obediencia, que ficar-ſe em huma pura indeterminaçaõ, e indifferença da vontade propria. Diſſe algumasvezes: *Que ſe ſe acabaſſem as Miſſoens*, (poſto que era couſa, que mais lhe podia doer pelos ſerviços, que nellas ſe faziaõ a Deos, entendendo que era vontade ſua) *nenhuma pena teria*; *que como naõ procurava mais, que dar lhe goſto em tudo, ſe naõ foſſe o de Deos que as houveſſe, eſſa ſeria a ſua vontade.*

Diſſe tambem a huma peſſoa filha eſpiritual ſua, a quem

quem encommendava a conformidade, e indifferença : „ Que ſe ſoubeſſe que Deos lhe havia de tirar o juizo , „ e ſe havia de ver corrido dos rapazes pélas ruas , atirando-lhe com lodo , e dizendo-lhe muitos deſprezos; „ ſeria eſte o ſeu goſto, pelo ter poſto no Divino beneplacito. E da meſma ſorte ſe ſe viſſe prezo , e caſtigado pelo Santo Officio ſem culpa , e todas as peſſoas, a „ que por mais razoens era devedora ſua caridade; que ſe „ ſuas irmaãs Religioſas , e ſobrinhas commetteſſem „ culpas graves , e infames , que deſacreditaſſem a ſua „ geraçaõ ; naõ teria diſſo mais pezar , do que havia de „ ter de qualquer outra peſſoa , que cahiſſe nas meſmas „ culpas , pelo que tinhaõ de offenſas de Deos , e perdiçaõ das almas. E outroſim , que ſe entendêra ſer „ vontade de Deos , que elle mattaſſe a todos ſeus parentes , como Abrahaõ a Iſaac , o faria ſem repugnancia. „ Foy aquella reſoluçaõ o mayor exemplo da obediencia na Ley de Natureza , e era eſta de Fr. Antonio o mayor credito de ſua conformidade com a vontade Divina. Se Abraham obedecendo creo contra o que podia eſperar, Fr. Antonio conformando-ſe dizia : *Saya o que ſahir*: *diga-ſe o que ſe diſſer* : *venha o que vier*. Maximas de ſua indifferença , dictames da mais alta perfeiçaõ, que conſiſte em nos conformar com a Divina vontade, naõ ſó no volito formal , mas ainda no material, que teve ſempre Fr. Antonio ſobrecellentes em ſuas virtudes.

Neſta da conformidade he ſabido exemplo , que trazem os eſpirituaes , de Santa Maria Ogniaca, á qual ſendo revelado , que ſua mãy fora condenada ao Inferno por ſeus peccados , enxugou as lagrimas , que pela morte da tal mãy chorava todas as horas , moſtrando, pelo enxuto dos olhos , quanto os tinha poſtos nos Decretos divinos , para ſe conformar com ſuas ſoberanas reſoluçoens ; e que ſe alegrava na juſtiça de Deos , aborrecendo aquella , a quem Deos aborrecia. E nós a eſte exem-

exemplo traremos muitos do Veneravel Fr. Antonio, porque só nos exemplos, que nos deo, deixou de ser unico, por fazer mayor o numero. Escrevia de Loulé, onde estava na Missaõ do Algarve, a huma Religiosa, a quem communicava as noticias, que lhe tinhaõ vindo do perigo de vida, em que ficava seu irmaõ D. Joaõ Soares, Prior Mór de Aviz, e dizia-lhe: „ Partirey para o Alemtejo passada a Dominga de Lázaro, e cuido „ se Deos me der vida, que irey passar as Endoenças a „ Evora; e dahi, sendo Deos servido, ajudar a morrer „ meu irmaõ Fr. Joaõ, se ja naõ estiver na outra vida. Por „ tudo dou muitas graças a Deos, e me alegro in„ timamente da divina vontade, e de tudo quanto „ ella determinar. Dê V. M. tambem graças a Deos „ por isto.

Em carta para suas irmaãs falla na morte de outro seu irmaõ Religioso com esta resignaçaõ: „ Seja Deos bendi„ to, que nos levou para si a nosso irmaõ Fr. Francisco, „ e o livrou de hum mundo péssimo, de hum tempo pe„ rigoso, e por sua bondade immensa lhe daria o Ceo, „ que he o fim para que nascemos, e vivemos nesta vida. Soou nesta Corte, que o Veneravel Padre morrêra na Missaõ do Porto, e respondendo a huma Religiosa, que significára o seu sentimento, lho estranha nesta fórma: „ Agora vejo que V. M. naõ tem nenhum desapego, „ nem resignaçaõ, pois por lhe dizerem que eu estava „ enfermo, chorou. Que sentimentos saõ estes? Quem ser„ ve a Deos naõ sente nada, louva a Deos em rudo, e „ por tudo lhe dá graças. Cuidava eu, que se lhe che„ gassem novas que eu era morto, se alegrasse muito em „ Deos, e disselle: Ou este Frade era bom, ou máo: ou „ foy ao Inferno, ou ao Ceo Se ao Ceo, naõ ha que sentir: „ se ao Inferno, convem conformar com Deos, e louvá„ lo; porque levando-o taõ cedo lhe escusou o cõmet„ ter mais peccados, a que se seguem mayores tormentos.

Em

Em cabeça propria punha Fr. Antonio a conformidade alheia, para que foſſe toda ſua, a que praticava, e enſinava.

CAPITULO. IX.

COoperar com Deos na ſalvaçaõ das almas, dizia S. Dionyzio ſer a couſa mais divina; e Ricardo Victorino, que naõ ſabia pudeſſe Deos fazer mayor beneficio a huma peſſoa, que dar lhe o dom de ſalvar almas, fazendo-o ſeu Coadjutor pelo zelo da caridade. Se houvera alguem, que pudeſſe cooperar com Deos ná compoſiçaõ, e diſpoſiçaõ do Ceo, Terra, Eſtrellas, e Elementos, he certo que ſe teria pelo melhor do mundo; pois he mais ſervir a Deos na compoſiçaõ de huma alma, que deſcompòs a culpa, do que cooperar com Deos na formaçaõ do Ceo, e da terra. Introduz S. Joaõ Chryſoſtomo a Deos fallando com hum Miſſionario Apoſtolico, Prégador Evangelico, qual Fr. Antonio, e diz que a practica era eſta. Eu fiz o Ceo, e a terra, dou-te a meſma faculdade para que da terra faças Ceo. Allumiey o mundo com o Sol, e com a Lua, allumia-o tu com mais luminoſos Planetas, com luzes mais claras, quaes ſaõ as verdadeiras doutrinas para os que vivem nas trevas de ſeus erros, peccados, e ignorancias. Naõ podes fazer hum homem, mas juſto, e grato a Deos pódes. Vê quanto te amo, pois te dou poder para fazer mayores couſas do que eu faço. As mais das obras, que Deos fez, foy em virtude de ſua palavra: dizia Deos, e a obra, que ſe fazia, era effeito do que Deos dizia. Para que os Miniſtros Apoſtolicos tenhaõ a meſma efficacia em ſuas palavras, diz o Profeta Jeremias que Deos naõ ſó lhes póem as palavras na boca, ſenaõ que os faz fallar pela ſua lingua. O noſſo Servo de Chriſto ſegregado

Chryſ. in Gen. apud. Marcant. tr. 4. de florib. Virga Aaron.

Jerem. 13. 19.

gado para prégar o ſeu Evangelho, por mais cooperar com Deos na ſalvaçaõ das almas, naõ ſe contentou com fallar, e prégar por huma ſó boca, e lingua de Deos, ſenaõ por tantas bocas ſuas, quantas ſoraõ as ſuas Chagas. Eſte foy o ſobrenome, que tomou na Religiaõ, e eſta a razaõ de prégar com o ſanto Chriſto na maõ, que dava a hum Religioſo ſeu Padre eſpiritual, eſcrevendo lhe o que ſe ſegue: „ Poſſo dizer a V. R. que devo muito a Deos, „ e a ſuas Santiſſimas Chagas, pois em todo lugar, e tem- „ po, ou nellas, ou nelle ſe póde viver, prégar, fal- „ lar, eſcrever, andar, e comer; e ainda que eu naõ „ tenha iſto ſempre, he por culpa minha, naõ por „ falta da bondade immenſa de Deos: *Eſta era tambem a razaõ porque pedia pelas meſmas Chagas de Chriſto a hum ſeu amigo*: „ Que com ſuas oraçoens lhe al- „ cançaſſe de Deos huma viva memoria, e impreſſa eſ- „ tampa de ſua morte, e paixaõ na alma, para que com „ ella andaſſe reſgatando almas, trilhando demonios, e „ diminuindo Infernos.

Prégando Fr. Antonio por tantas, e taõ divinas bocas, que muito he que reduziſſe do máo eſtado a tantos milhares de almas, quantas neſte Reino ganhou para o de Chriſto, cujo numero ſe naõ excede a Arithmetica, fez perder o algariſmo, e errar muitas vezes a conta aos que pretendêraõ fazê-la por ſua extraordinaria quantia! E ſó por mayor depõem hum de ſeus companheiros, que paſſáraõ de tres mil os perdoens, que ſe deraõ, de mortes de pays, irmaõs, filhos, e parentes As reſtituiçoens, que ſe fizeraõ de fazenda, e honra, foraõ ſem conto; as reconciliaçoens ſem numero; as confiſſoens geraes tantas como as arêas, e como as folhas das arvores as remiſſoens dos aleyves, tomando por deſenfado todo o trabalho, que lhe cuſtava reduzir almas a Chriſto. Convidado em Setuval por vezes para peſcarías, acceitava as offertas por ter occaſiaõ de fazer alguns lanços de almas, deitando ſuas redes

redes ſobre os peſcadores ao meſmo tempo, que eſtes a peixes, prégando-lhes das proas dos barcos no mar, e em huma Igreja de noſſa Senhora da Troya em terra. E naõ contente com fazer neſte Reino tanto fructo, deſejou paſſar ao Braſil, navegar a Inglaterra, entrar pela Mourama, chorando ſempre o pouco fructo, que ſuas Miſſoens tinhaõ feito em Reino taõ limitado como o noſſo, o que ſe verá melhor de ſuas palavras, que deſtas regras, e por iſſo poremos aqui ſuas palavras: „ Poucas ſaõ as cruzes, „ que tenho, e nada o que faço, pois ſe me vay o tempo „ ſem dar hum paſſo no aproveitamento alheio, ou pro„ prio; e he certo que ſe eu tivera amor de Deos, „ chorára muito, vendo tantos mundos de almas por con„ quiſtar para o Ceo: pois chorou hum Gentio naõ ha„ ver mais mundos, que vencer. E ſe eſte ſentia tanto, „ que lhe faltaſſem mundos, para adquirir mais de van„ gloria humána; que fará quem vê que ſobejaõ tan„ tos, quantas ſaõ as almas, ſem fazer nada para tri„ unfo da gloria, e honra Divina! O certo he, que de „ envergonhado, e corrido do nada, que faço, e te„ nho feito, dando Deos tanto, me irey recolher em „ hum Convento em podendo, para chorar meus pec„ cados, e erros.

Eſte deſejo de converter o mundo era nelle taõ ardente como o fogo. Eſte naõ aquieta. ſem que ſaya fóra a chãma. *Eu* (eſcrevia o Veneravel Padre) *em breves dias, ainda que taõ pouco ardo, ſahirey fóra por eſtes Povos atear eſta faiſca com a graça de Deos.* Eſte meſmo deſejo o fazia ſer apreſſado no ſeu officio; que como das ſuas Miſſoens dependia o remedio eſpiritual das conſciencias, o deſejo de as aproveitar lhe dava azas para voar. Convaleſcido de huma doença, eſcrevia aſſim de Caſalcomba. „ Eu, ſeja Deos bendito, depois que me„ lhorey, fiz por dar o ſalto taõ ligeiro, quanto pude, „ que em tudo pareceo leve, excepto nos meus peccados

„dos, que tem ſuas gravidades. Mas ſeja Deos louva-„do, acho-me agora bem; e por iſſo faço eſcrupulo „de naõ trabalhar, e continuar eſte exercicio, que ain-„da que para mim naõ ſirva, para outros ſerve. „Aquelle Sol de Malaquias trazia azas, porque havia de curar doenças. A virtude da medicina punha nas azas, com que voava. Mata o remedio por dilatado talvez mais, que o achaque por contrahido.

Mas naõ lhe chamemos deſejo, pois elle chama a eſte ſeu zelo negocio: *Cada qual faz o ſeu negocio*, (eſcreve o Servo de Deos ao ſeu Padre eſpiritual) *eu devo tratar do meu, que he a ſalvaçaõ das almas.* Que mais diſſe S. Cypriano, ou que melhor eſcreveo do zelo, que tinha da ſalvaçaõ de ſuas ovelhas, quando dizia, e eſcrevia no livro *de Pudicitia*, que prégar ſobre o Evangelho, e eſcrever Tratados para inſtruir ao ſeu Povo nos principios da Fé, era o ſeu negocio quotidiano? Tanto ſe deo a eſte negocio, que repreſentando-ſe-lhe algumas vezes', que ſe perdia nelle, nem por iſſo ſe atreveo a deixá-lo. Aſſim o dizia ao ſeu Provincial o Reverendiſſimo Fr. Joaõ dos Prazeres por eſtas palavras. „Mui-„tas vezes me tem vindo tentaçoens, ou inſpiraçoens „de me ir metter em huma cova, aonde ninguem me „veja, para fazer penitencia de meus peccados. Mui-„tas vezes cuido que me perco; e outras vezes me „lembra, que V. Paternidade me diſſe, que havendo-„me de perder foſſe por eſte caminho. Mas paſſo por „tudo, appellando para a bondade de Deos, e oraçoens „de muitas almas, q̃ por eſtes Povos ſe lembraõ de mim.

Hoc mei, & operis, & muneris quotidianum & votivum negotium eſt.

Maravilhoſa couſa he a que ſe conta na vida de S. Dunſtano, Biſpo de Cantuaria, o qual eſtando orando dia da Aſcenſaõ do Senhor na ſua Igreja, foy rodeado de huma multidaõ de Anjos, que lhe diziaõ o vinhaõ buſcar para o levar para o Ceo, ſe he que eſtava diſpoſto para iſſo. Reſpondeo-lhes o Santo, que quanto a ſi preſ-

tes

tes; e apparelhado eſtava; porèm que lhe ſeria penoſo deixar ſem prégaçaõ o ſeu Povo em dia de taõ grande feſta. Acceita a eſcuſa, vieraõ por elle ao outro dia. Demos conreſpondencia a eſta caridade taõ eſtupenda na de Fr. Antonio, que, pelo que diz huma ſua carta, ſe lhe aſſemelha, e iguála. „ Acerca da morte, ſey que he „ grandiſſima imperfeiçaõ naõ deſejá-la, pois he neceſſa- „ ria para ver, e gozar a Deos; mas confeſſo, que ſem ter „ muito amor á vida, de bõa vontade vivera até correr „ eſte Reyno miſſionando: mas naõ me deſaſocega „ o contrario diſto; faça Deos ſua Divina vontade. Hum, e outro julgavaõ eſtar primeiro o bem commum, que o ſeu particular; a doutrina dos Povos, que os ſeus commodos; o repartir o paõ da doutrina aos neceſſitados della cá na terra, que ir comer o paõ da Bemaventurança mais depreſſa; o amor do proximo, que o ſeu proprio; a doutrina do Apoſtolo, que o ſeu bem ultimo.

Deſiderium habens diſſolvi, & eſſe cum Chriſto, multo magis melius permanere autem in carne neceſſarium propter vos. Philip. 1.

Neſte amor do ſeu proximo ſe eſtremou Fr. Antonio de qualidade, que o chegou aos pontos da mayor caridade. Ve-ſe eſta (diz Chriſto) em dar a vida por quem ſe ama. Fr. Antonio naõ a deo com effeito, mas ſacrificou-a no affecto. Faltou lhe a occaſiaõ, por mais que lhe ſobraſſe de reſoluçaõ: eſperou apé quedo a morte; eſta, ou o temeo, ou Deos naõ foy ſervido que elle morreſſe de péſte no Algarve, donde eſcrevia o que ſe ſegue. „ Cá ſe vay „ tremendo cada vez mais com as novas, que tem chega- „ do de que a péſte tem pegado em Cadiz, e ſe nos vay „ pondo muito vizinha. Deos defenda eſte Reyno de „ taõ grande açoute; mas ſe por eſta banda o trouxerem „ noſſos peccados, cá nos ficaremos fazendo o noſſo „ officio, e fazendo ao demonio a guerra poſſivel, em „ quanto vivermos. *Em carta para certa Religioſa, diz aſſim*: „ Que ſeja o Antichriſto naſcido naõ o poſſo „ eu dizer, que o naõ ſey. Suſpeito eu, pelo eſtado do „ mundo, que naõ deve eſtar longe o ſeu naſcimento,

„ ou a ſua vinda ao mundo. Folgára muito viver no ſeu „ tempo, para que com a graça de Deos pudeſſe dar a „ vida por meu Senhor Jeſu Chriſto.

Se porèm o amor do proximo naõ chegou a matá-lo, e a crucificá-lo chegou. „ Entendo (dizia elle) que ſe „ condena a mayor parte dos Fieis, por ſe naõ aprovei- „ tarem dos meyos neceſſarios para a ſalvaçaõ, pois até „ confeſſando-ſe, he ſem exame, dor, e propoſito de „ emendar a vida, ſem o qual naõ ſaõ perdoadas as cul- „ pas. Outros ſem apartar-ſe das occaſioens dos pecca- „ dos, ſem tirar-ſe de odios, bandos, e diviſoens, de- „ ſejos de vingança: outros ſem reſtituir o alheio, póden- „ do, e retendo o contra vontade de ſeu dono: outros „ ſem dar ſatisfaçaõ da fama, e honra, que tiráraõ, ou „ prejudicáraõ, e por milhares de outros peccados. Eſ- „ tas, e outras muitas couſas, que por experiencia co- „ nheço que ſaõ perdiçoens de quaſi todo o mundo, „ me crucificaõ com hum grande, e ardente deſejo „ (ſendo o peyor de todos) de poder clamar, e gritar a „ todos, que ſe naõ percaõ por onde eu me vi perdido, „ e donde ainda naõ eſtou eſcapado; pois até naõ che- „ gar ao porto ha riſco de naufragio; e ainda no meſ- „ mo porto nos podemos perder, e ir ao fundo, como „ no pégo. „ O mundo crucificava a Paulo, e a Fr. An- tonio crucificava-o o zelo da ſalvaçaõ do mundo.

Que amaſſe ao proximo como a ſi meſmo, ſe deixa bem ver deſte conſelho, que dava a ſua irmaã Religioſa: *A todos voſſos proximos tratay como irmãos, e a quem vos tratar peyor, amay como ſe fora eu.* De maneira, que pelo amor, que ſua irmaã lhe tinha a elle, mandava regular o amor, que havia de ter aos outros. Ainda o naõ encarecemos bem por eſta regra, com ter muito de Divina; porque o Servo de Deos para melhor amar a ſeu proximo naõ tomava por ſi a medida ao amor, ſenaõ pelo de Deos, que he o mayor. De ſi queria ſe diſſeſſe mal,

mal, e cuidaſſe o peyor, com tanto que Deos naõ foſſe offendido ; do proximo naõ conſentia que ſe cuidaſſe, nem diſſeſſe mal algum. A ſi naõ ſe deſculpava , aos proximos naõ queria ſe puzeſſe culpa. A certa peſſoa de qualidade, que lhe eſcrevera com menos abonos de hum ſujeito de poſto Religioſo, pôs na reſpoſta eſta advertencia : „ Fico com grande cuidado ſobre o que V. M. „ me diz ; mas peço-lhe que naõ crea o que me refe- „ re ; porque de Chriſto diſſeraõ : e eſſa peſſoa tem mui- „ tos , que naõ vivem namorados do ſeu zelo. *A outra peſſoa eſcrevia*: „ Naõ refira nunca defeitos alheios ; „ porque ainda que ſejaõ ſem queixa da lingua , ſaõ „ queixume fino no fundo da alma. *A ſeu irmaõ dizia*: „ Se virdes que alguem obra mal, de nenhum modo o „ murmureis , mas antes logo para com Deos uſay das „ quellas palavras : Munday-me , Senhor , dos meus „ defeitos , que naõ ſaõ ſabidos , e perdoay a voſſo ſer- „ vo os alheios.

Pelo nome de proximo ſe entendem todos, altos , e baixos, pobres, e ricos, livres, e cativos, amigos , e inimigos; e a todos ſem accepçaõ , nem excepçaõ de peſſoas mettia o Servo de Deos no coraçaõ, tratando-os com o meſmo carinho , e reſpeito ; e para moſtrar que nem o naſcimento , nem a fortuna, nem o procedimento era para com elle vantajem, a todos nomeava por almas, quando fallava em particular de algum nas ſuas praticas. Por qualquer alma deſejava dar a vida, e por cada huma, que reduzia do eſtado da culpa, tinha huma notavel alegria. Com a meſma ſoffria as impertinencias , e importunaçoens dos ruſticos , as ſoberanias dos generoſos , as ſeveridades dos cavalheiros , as indignaçoens dos eſcandaloſos , e as moleſtas confiſſoens dos ignorantes; fazendo-a elle primeiro de ſeus peccados aos penitentes, para lhes facilitar o dizerem os proprios , e os inſtruir na fórma , em que ſe deviaõ confeſſar. Ninguem o buſcou p[ara] bem

bem de ſua conſciencia, que o naõ achaſſe a toda a hora, ou elle a naõ tiveſſe por muito bem empregada. Se o tomávaõ por medianeiro para algum ſerviço de Deos, ou para alguma eſmóla, ou por valia para fallar a alguma peſſoa, deſejava preſtar para todos com o meſmo goſto; e eſcrevendo tudo, o que ſe lhe pedia, para ſua lembrança, a peſſoa alguma faltou nunca com a reſpoſta, precedendo as paſſadas, que tinha dado na diligencia. Aos mal affectos ſervia com a meſma vontade, e ainda mayor, ſe he que o meſmo amor podia ſer deſigual; porque reconhecia nelles ſerem os inſtrumentos de ſua perfeiçaõ, aſſim como as limas, que roem martellos, que golpeaõ fornalhas, que abrazaõ, ſaõ inſtrumentos do ouro para chegar a ſer joya. E neſta conformidade eſcrevia a huma Religioſa: *Ame V. M. quem mais lhe der que merecer, que eſſas ſaõ as verdadeiras amigas no mundo; que os que nos gabaõ, e adulaõ, inimigos ſaõ. A lanceta, que nos tira o ſangue, mais amiga he noſſa, que o comer goſtoſo, com que adoecemos.* A certo Religioſo da ſua Provincia, que dizia muito mal delle, deſejou ſaber o nome, para que ſahindo por Guardiaõ no ſeguinte Capitulo, o foſſe ſervir no ſeu Convento.

Se fez aggravo em ſua vida a algum proximo, todo o ſeu cuidado depois de Religioſo era buſcar vias para reſarcir o damno, ou deſaggravá-lo. Déra huma bofetada em hum ſoldado, ſendo-o ainda Fr. Antonio, e encontrando-o em Setuval, eſtando prégando naquella Villa, o aggravado ſe lhe chegou com muito agrado; entaõ pegando-lhe da maõ Fr. Antonio deo com ella huma bofetada no ſeu roſto. Foy a bofetada com maõ alheia, porque Fr. Antonio naõ vingava injuria propria, reparava a que tinha feito. E deſta maneira ficou o ſoldado deſaggravado pela ſua maõ morta, e induſtria do Servo de Deos, que lhe ſupprio a vida, cooperando com o Author da natureza. Aquelle requinte da caridade de S. Paulo:

Quem

Quem de vós eſtá enfermo, que eu o naõ eſteja por compaixaõ da meſma doença? Se póde ver em Fr. Antonio para mais moderno exemplo: *Os voſſos males* (a ſuas irmaãs Religioſas) *ſoffrera eu de bõa vontade, porque vós os naõ tivereis. E poderá ſer que os ſoffrera eu muito peyor. Mas ja que Deos me dá a mim ſaude, e a vòs enfermidades, ſirvamo-lo todos, eu lidando, e vós ſoffrendo.* Mais he tomar ſobre ſi a voſſa doença, que acompanhar-vos nella. Mas ſempre menos que S. Paulo, Fr. Antonio, porque ao que diz de ſi o Apoſtolo, devemos fé divina, e ao dito de Fr. Antonio ſó humana.

Concluamos eſte Capitulo com a guerra, que fez eſte Servo de Deos ás Comedias, peſte da Republica, fogo da virtude, cebo da ſenſualidade, tribunal do demonio, conſiſtorio do vicio, ſeminario de eſcandaloſos peccados, cegueira de olhos abertos, que com todos eſtes titulos, e outros mais infames as definem os Santos em ſeus Tratados. Em Setuval as achou o Veneravel Padre, e o que fez, nos diz elle: *Eſtava eſte Povo ha poucos annos ſubmergido em hum mar de vicios, e entregue a Comedias, e temporalidades, com quem foy a minha primeira guerra, até que as deitey fóra.* Para evitar as Comedias, depõem o Padre Fr. Manoel do Sepulchro, que dizia do pulpito infamias, e vilezas dos Comediantes. E determinou eſcrever a ElRey de Caſtella, para que naõ conſentiſſe tal gente em ſeus Reynos; por ſerem huma grande parte da occaſiaõ de ſeus caſtigos. E he certiſſimo, que peſſoas muito graves, e ſantas aſſentaõ, que as calamidades publicas as cauſáraõ em grande parte as Comedias, por contêrem doutrina de Balaõ, que enſinava a Balac deitar eſcandalos aos filhos de Iſrael. Apoc. 2. 14.

CAPITULO X.

Amor de Deos, e ſua continua preſença, em que ſeu Servo Fr. Antonio andava.

ESta materia, que reduzimos a hum ſó Capitulo, pudéra dar Capitulos a hum livro inteiro; pois ſendo mayor de todos o livro das creaturas, todas ellas eraõ folhas, e ſerviaõ de paginas, em que lia o Veneravel Padre a arte do Amor Divino, e as amabilidades de hum Deos todo para querido. As regras deſta arte exercitava, como as enſinava, deſta maneira: „ Vendo huma creatura coſ-„ tume-ſe a dizer comſigo: Tirado o que alli eſtá de „ Deos, naõ he nada; porque nada era tudo, antes „ que Deos alli puzeſſe ſua Omnipotencia: logo alli „ naõ eſtá nada mais do que eſta de Deos. E fique-ſe „ neſta memoria de Deos. Se vir flor, Eſtrella, ou Sol, „ entenda que alli ſe lhe communica hum naõ ſey que „ da Divina formoſura: ſe vir livro, que alli ſe lhe „ deſcobre tanto, ou quanto da Divina ſabedoria: ſe „ vir couſas de comer, conſidere que alli põem Deos „ hum tudo nada de ſua ſuavidade immenſa: ſe vir „ rios, ou fontes, que arrojadas, e ancioſas ſe deſpe-„ nhaõ ſem reparo para chegar ao ſeu centro, diga no „ ſeu coraçaõ: E eu parado, como lagoa, e congelado „ como mar do Norte, nem corro, nem me derreto, „ nem me arrojo áquelle ſummo bem, que he ſuave cen-„ tro noſſo, e em que o pezo do noſſo amor ſó tem deſ-„ canço!

Com eſtas regras, e conſideraçoens fazendo de tudo, quanto via, memorias, e de todas as creaturas eſpelhos, em que via vislumbres, e hum como ar, que lhe davaõ da

da bondade daquelle Senhor, que he ſó Deos bom, ſe incitava a amá lo, accendendo-ſe tanto no ſeu amor de amicicia, e complacencia, que para ſegurar o credito do muito, que ſe póde dizer neſte particular, nos he neceſſario que tome elle o riſco por ſua conta, firmando-ſe em huma ſua carta, em que dizia: „ Eſpero eu „ em Deos, que naõ falte, antes ajude a V. M. tan„ to nelle apoſento do nada, que lhe communi„ que o tudo, que he hum fino, ardente, inceſſavel, „ infatigavel, perſeverante, eterno, e álèm de tudo, „ quanto ſe diz, puro, brando, forte, exceſſivo, ve„ hemente, incomprehenſivel amor de Deos, que nun„ ca ſe farta, nunca ſe enfaſtia, nunca ceſſa, ſempre „ arde, ſempre voa, ſempre ſe abſorbe no pego im„ menſo, invadeavel, infinito, inexplicavel ſobre pro„ fundo, álèm de immenſo, e mais que infinito, álèm „ de ſobreamavel, e incomprehenſivel bondade, bon„ dade, bondade, bondade, bondade, e infinitas bon„ dades de Deos. Oh meu Deos, quem naõ diſſera „ mais, nem cuidára mais, nem vivera em mais, nem „ amára mais; e amára mais, ardêra mais, ſervira mais, „ até totalmente ficar abſorto, transfundido, ſobrele„ vado, incluſo, morto, e ſumido em voſſa bondade im„ menſa. Bendito ſeja para ſempre taõ bom Senhor. Fi„ que-ſe embora, que naõ eſtou agora para muito eſcre„ ver.„ Aſſim acaba aquella carta, e ſeria nunca acabar querer louvar taõ ſubida doutrina do Divino amor. Naõ continuou a eſcritura, porque eſtampou logo em ſi de melhor letra a ſua eſcrita. Lamina ficou do amor Divino aberta ao buril do aſſumpto, que hia diſcurſando, e contemplando. Naõ eſtava para eſcrever quem ſe começava a illuminar, e ſe ſentia accender. Aproveitou-ſe da maré, que hia apontando, e deixando-ſe levar do amor de Deos, que lhe aſſoprava, navegou pelo mar immenſo da bondade Divina, em que deſcobrio

aquelles promontorios, e eſcuros termos de mais, e naõ mais: infinitos, e mais que infinitos: amaveis, e álém de ſobreamaveis, e aquelle eterno circulo do amor Deifico, que ha nos Bemaventurados, ſegundo Santo Agoſtinho: Pelo melhor, do melhor, para o melhor. E lançando da maõ a penna da ancora, deſcançou no porto ſanto de hum amoroſo rapto, dando a Deos muitos abraços por ardentes ſuſpiros, e abrazados deſejos de ſe unir com elle, como principio, donde ſeu amor ſahio, fonte, donde naſceo, origem donde manou, e centro, onde finalmente aquieta, quando nelle ſe recolhe, ſe mette, e ſe entra de todo, para depois de eſtar mettido nelle hũa alma, ſe eſtender pela immenſidade daquelle ſer infinito, para ſe alargar naquelle pégo de amor, para arder naquelle mar de luz, para ſe derramar, e transformar de todo naquelle ſummo bem, ſobre infinito, ſobre admiravel, ſobre eterno: pégo, Oceano, abyſmo da immenſa, eterna, infinita, e incomprehenſivel ſobre infinita, álem de immenſa, e muito mais que incomprehenſivel, e incomparavel gloria, bondade, formoſura, inexplicavel infinidade de infinidades de amor, e amabilidades. Tudo ſaõ palavras ſuas, extaſis eſcritos, em que ficava todas as vezes, que formando azas das pennas, com que eſcrevia, voava até a bondade Divina, em que ſeu eſpirito deſcançava.

Nem o Veneravel Padre quiz dizer outra couſa, quando diſſe, que naõ eſtava muito para eſcrever, ſenaõ que preſcrevera para elle tudo o mais, que naõ era eſtar no eſtado da uniaõ, abſorbido naquelle doce abyſmo da formoſura Divina. Aſſim ſe deve entender de ſua doutrina, lingua do que obrava: *O meyo*, (dizia elle) *para chegar a Deos, he qualquer virtude, e exercicio della; mas todo o exercicio, palavra, letra, meditaçaõ, por eſpiritual que ſeja, impede a uniaõ, que he eſtar a alma ja ſem acçaõ alguma ſua ſubmergida naquelle abyſmo de amor,*

de

de gloria, de perfeiçaõ. Depõem o Padre Fr. Fernando da Conceiçaõ, que por muitas vezes o vira taõ abſorto, e alienado de ſeus ſentidos, que como ſe eſtivera fóra do corpo o ſeu eſpirito, naõ ſentia os alfinetes, com que elle o picava. E era aſſim, que cerrando a memoria na Eſſencia Divina, eſtendia a alma, deixava ir o eſpirito no fogo, e abrazado deſejo de ſe unir, e entranhar com Deos, ſumindo-ſe, abſorbendo-ſe, transfundindo-ſe, anniquilando-ſe, e deſapparecendo, ſem deixar nada de ſi, e ſobre tudo accomodando-ſe paſſiva, e activamente á obra do Eſpirito Santo. Fr. Eſtevaõ da Piedade, ſendo Porteiro do Convento de Evora, ajudou hum dia a Miſſa, que diſſe o Servo de Deos na Capellinha da dita Portaria; e depois de a dizer, recolhendo ſe a dar graças, lhe correo Fr. Eſtevaõ as cortinas; e paſſado algum tempo acudindo a huns gritos, que deo o Servo de Deos, elle ſe lhe botou aos pés, como louco; e fóra de ſi pela paixaõ do amor Divino, que delle ſe tinha apoderado, e levantando tamanho incendio, que as mãos com que o quiz levantar Fr. Eſtevaõ pelos braços, lhe ficáraõ deitando chammas de fogo, em que ardia a çarça de Fr. Antonio.

Aſſiſtindo no Convento da Madre de Deos, o vio por muitas vezes a Irmaã Cecilia de Jeſus, que ſerve de fóra, dizer Miſſa com o roſto muito inflammado, e reſplandecente; e neſtas occaſioens quando acabava de dar graças, e ella o eſperava para lhe fallar, ou confeſſar-ſe, vinha o Veneravel Padre deſorte, que naõ podia dar paſſo, nem fallar; e era neceſſario fazer-ſe grande força para dizer alguma palavra; vindo-ſe pegando pelas paredes como quem ſe naõ ſegurava bem nos pés. E perguntando-lhe a Irmaã Cecilia que tinha: reſpondeo de huma vez: *Que naõ ſabia o que era, porque antes de dizer Miſſa nenhum achaque ſentia.* Replicou a dita Cecilia, que bem ſe via que Deos tomava poſſe de ſuas poten-

cias

cias, e ſentidos, e o naõ deixava capaz de fallar com ninguem. Ao que elle ſe calou por naõ deſmentir o favor, nem o manifeſtar: Outras vezes vindo de dizer Miſſa para o Confeſſionario, o ouviraõ as Religioſas com taes affectos, e fervores, que parecia ſe excedia a ſi meſmo: dizia couſas altiſſimas do beneficio, que devia á dignidade Sacerdotal, e elevando-ſe a ſi ſobre ſi, eraõ taes as ſuas practicas, que ſe hiaõ os eſpiritos a traz de ſuas palavras, achando-ſe aquellas Religioſas no Ceo, mettidas dentro dos gozos daquelle Senhor, que a ſeus Servos faz poderoſos em obras, e palavras para a elles ſobrelevar as almas.

Entrando no Convento da Madre de Deos a pôr a Via ſacra no anno de 1674., ſe lhe moſtrou o ſanto Sudario, e tendo-o nas mãos, foy taõ grande a inflammaçaõ, e mudança, que ſe lhe vio no roſto, que ſó com o de Moiſés podia fazer exemplo. Para eſte ninguem podia olhar depois que Deos ſe dignou de lhe fallar cara a cara: aquelle cegava os olhos com a luz, que o retrato da verdadeira lhe infundira na alma, e ſe deixava ver na cara. O Irmaõ Fr. Luis da Eſtrella depõem ſob juramento, que nos ultimos tempos da vida do Veneravel Padre vindo de cõmungar, por já naõ poder dizer Miſſa, ſe punha em oraçaõ, e elle o vio por duas vezes com roſto taõ reſplandecente, que lhe tirava a viſta dos olhos. O Padre Fr. Fernando da Conceiçaõ, ſeu companheiro, depõem, que o vio alguma vezes taõ elevado, e abſorto na Miſſa, que era neceſſario advertir-lhe em que ponto eſtava della; e que depois da communhaõ era que mais ſe alienava. Certificou Joſeph de Cabedo de Vaſconcellos, que aſſiſtindo o Veneravel Padre em ſua caſa por occaſiaõ de Miſſaõ em Setuval, buſcando-o hum dia, o achou em hum retiro della taõ elevado na oraçaõ, e inflammado em amor de Deos, que as chammas do ſeu roſto lhe cauſáraõ admiraçaõ; e maravilhado ſe chegou a elle, chamando-o para o negocio

cio, a que hia; mas vendo que lhe naõ reſpondia, entendeo que naõ eſtava em ſi, poſto que ſó Deos ſabía ſe eſtava no corpo, ſe fóra delle; e por naõ lhe ſer moleſto, o deixou regalar no amor Divino. No Locutorio da Madre de Deos diſſe em certa occaſiaõ o Veneravel Padre, *que acabante de dizer Miſſa, ficava deſorte, que nem via, nem ouvia, ſem declarar a cauſa.* Mas he couſa ſabida, que faltaõ os ſentidos, onde naõ ha mais que gozar; porque o gozo, ſe he grande, embarga o ſentir, enfraquece o ver, e diſpenſa no ouvir, calando a alma, perdendo os ſentidos, enfeitiçando as potencias, ficando encantado o verdadeiro eſpiritual ſem ſaber nada de ſi.

Muitos ſaõ os ſinaes, por onde ſe conhece ſe amamos, ou naõ amamos a Deos de todo o coracaõ, apontados pelos Santos, e advertidos pelo exame, e obſervaçaõ dos juſtos, e virtuoſos. Entre eſtes foy Santo Agoſtinho, o que depois do Apoſtolo primeiro os eſcreveo, e o noſſo Veneravel Fr. Antonio o ultimo, que os dictou no ſeu eſpelho de eſpirito, para ver os ſinaes do perfeito amor de Deos. Eſpelho o intitula, porque nelle ſe via, e para que nelle ſe veja quaõ perfeitamente a Deos amava. Nos eſpelhos quando parece que olhamos para o vidro, vemos a nós meſmos, e aos outros. Porêmos pois á viſta eſte ſeu eſpelho; e nelle veremos o amor, que a Deos tinha Fr. Antonio.

I. SINAL.

O primeiro ſinal do amor (diz o eſpelho) he cuidar ſempre no que ſe ama; e quanta he a lembrança, e memoria, tanto he o amor, como diz o grande Agoſtinho: Se naõ cuydamos muito em Deos, naõ o amamos muito; e he impoſſivel que folguemos de metter no coraçaõ o que naõ trazemos no ſentido. Se Deos he noſſo amor, elle he noſſo cuydado. A força, com que o amor entra dentro da alma, naõ permitte que a memoria eſteja ocioſa. Eſte he o tex-

Menſura amoris memoria eſt.

o texto, e de Fr. Antonio ſerá tambem a gloſſa; noſſa a applicaçaõ de ſua doutrina.

Naõ ſe póde negar que ſaõ os cuidados inſeparaveis companheiros dos olhos: alli pomos os olhos, onde temos poſtos os cuidados. Quando o Santo Job quiz concertar os ſeus cuidados, diz que fez o concerto cõ ſeus olhos. E o noſſo Veneravel Padre diz de ſi aſſim: *Eu ſey peſſoa, que até com os olhos abertos anda como ſe vira eſte Senhor crucificado, ou chagado. E neſta lenha material ſe conſerva o fogo do amor.* Se pois a olhos abertos, e fechados ſempre trazia a ſeu Deos nos olhos, quem duvida que elle lhe levava todos ſeus cuidados, e penſamentos? Taõ enfraſcado andava no amor Divino, que toda a ſua conſideraçaõ era que eſtava metido naquelle amor, como Noé na ſua Arca, como o Maná na Urna, como os meninos de Babylonia na fornalha, como Joſeph no poço, a fim de naõ divertir o penſamento do amor, em que ſe ſuppunha encerrado. Iſto meſmo nos dizia neſte conſelho, que dava a huma Religioſa: „ V. M. por „ agora naõ tem que cuidar em mais, que em amar a „ Deos quanto puder, ou ſeja deſte, ou daquelle mo- „ do, que dentro, e fóra eſtá Deos: e ainda que V. M. ſe „ imagine fóra, ſaiba que todos andamos mettidos dentro „ do amor. Note eſta palavra, que naõ he neceſſaria ou- „ tra, nem outro recolhimento, ſe ſouber conſervar eſta „ memoria, que todo o lugar do mundo eſtá cheio de „ amor de Deos, e dentro do amor andamos todos „ mettidos, mais que hum peixe no mar: e aſſim o que im- „ porta he cuidar no amor, orar, andar, ſentar, deitar, „ comer, fallar, e fazer todas noſſas obras dentro deſte „ immenſo, eterno, ſummo, infinito, incomparavel, „ ineffavel, incomprehenſivel pégo, abyſmo, ſobre ſu- „ perior, áléns, e infinitos álèm de mais de tudo o que „ digo. Nada do que digo; porque tudo he nada, e „ nada póde explicar eſte ſobre immenſo amor, eſte

Pepigi fœdus cum oculis meis ne cogitarẽ Job. 31.

amo-

amoroſiſſimo Deos. Eſta ſua repetiçaõ de palavras em fallando do amor Divino, he o maior ſinal do amor, que tinha a Deos. Nelle foy taõ aſſinalado, que ſe lhe buſcaſſem o coraçaõ, acharíaõ nelle as ſettas de Agoſtinho, e o dardo de Tereſa por diviza. Eſte primeiro ſinal do ſeu eſpelho, o naõ cuida mal, da caridade de S. Paulo. Pois naõ cuida mal dos outros, quem todo ſeu cuidado tem poſto em Deos, naõ porque o ſuſtenta, ſenaõ porque o ama. Non cogitat malum 1. Cor. 13.

II. SINAL.

O ſegundo ſinal he, ſe goſtamos de fallar de Deos a miudo, vem-ſe o coraçaõ á boca. He o amor como o azeite, logo revê por fóra, e dá ſinaes de que eſtá dentro: como Sol na nuvem, e na chaminé o fogo.

S. Paulo nos faz o meſmo ſinal, que Fr. Antonio, dizendo, que a caridade he benigna; e o Angelico Doutor, que benignidade vale tanto como bõa igneidade, bõa chãma de fogo, e que aſſim como o fogo adelgaçando faz que ſe extravaze o liquido; aſſim a caridade, que reveja por fóra o amor, que eſta dentro. Quanto goſtaſſe de fallar de Deos o Veneravel Padre, ſe vê de quantas palavras proferio, de quantas regras eſcreveo, de quantas converſaçoens authorizou, e oraçoens offereceo; ſuas palavras levavaõ ſempre o meſmo fim de ſuas obras, maior honra, e gloria de Deos, e ſalvaçaõ das almas. Eſte era o fim, a que tirava em ſuas converſaçoens, practicas, e ſermoens. E ſe algumas vezes fallava em outros negocios menos eſpirituaes com peſſoas, que para elles o buſcavaõ, elle lhe buſcava geito para ſahir com Deos, poſto que entraſſe com o mundo, moralizando as temporalidades, e levando á Divina Providencia os ſucceſſos, ſubindo á Cruz os deſgoſtos, enſinando a dar graças a Deos pelos deſpachos, a pór nas maõs de Deos as pertençoens, e a fiar tudo de Deos, nada dos homens. E o que elle dizia de palavras, ſe Benigna eſt.

lê

lê no que escrevia na seguinte carta : ,, Amigo, e Se-
,, nhor meu, estimo estas regras de V. M. quanto devo.
,, Sinto com tudo, que as novas daquelle despacho naõ
,, fossem como era o meu desejo ; mas ainda assim me
,, persuado, que foy de Deos particular beneficio ; e
,, que debaixo desta perda se esconde o temporal, e
,, espiritual remedio de V. M. e assim me parece, que
,, naõ sómente deve V. M. dar graças a Deos, mas ainda
,, a S. A. e ir-lhe beijar a maõ pela mercê, que fez ao seu
,, opposítor, e por fazer huma cousa mais justa em dá-la
,, ao maior merecimento, &c. Naõ se ponha V. M. da
,, parte da desesperaçaõ, que o ser Profeta de males,
,, quando se pódem esperar bens, naõ he remedio, nem
,, acerto. Faça Deos sua Divina vontade : e quem nelle
,, se póem, naõ se deve entristecer, porque tem hum
,, Deos infinitamente bom, e poderoso, que nos ne-
,, ga o que por alguma razaõ nos está mal, e nos concede
,, sempre o bem, posto que o naõ pareça. Daniel em Baby-
,, lonia, e na fornalha viveo como em Jerusalem. Ponha
,, V. M. em Deos as esperanças, e crea que lhe naõ fal-
,, tarâõ as venturas.

A primeira palavra, que se lhe ouvia ao encontrar de alguma pessoa, ou entrar em alguma casa, era esta: *O amor de Deos esteja com V. M., ou nesta casa*, e pelas mesmas palavras se despedia ; sendo este o Alfa, e Omega de suas entradas, e sahidas. Tantas vezes dizia: *Louvado seja Deos*, quando practicava em quaesquer materias, que houve curiosidade em certa pessoa Religiosa para as contar em huma só hora, e faltando-lhe já contas para ir passando, trocou a pertençaõ em admiraçaõ. Em todas as cartas, que escrevia, punha estas saudaçoens abaixo da Cruz : *O amor de Deos arda, e ferva em nossas entranhas. O amor de Deos more na alma de V. M. O amor de Deos arda na nossa alma por perpetuas eternidades.* Este principio de cartas introduzio em seus companheiros, e delle o to-

má-

máraõ algumas peſſoas, que á ſua imitaçaõ lhe daõ o meſmo principio. Inventou novas contas para cada dia ſe dizer por ellas a modo de Ave Marias eſtas palavras: *Meu Deos, e meu amor, tende miſericordia de mim*: novos Roſarios do amor de Deos, mandando rezar por elles a cada conta: *Meu Deos do meu coraçaõ, amor eterno meu*: e a fazer eſtes actos de amor: *Meu Deos, em vós creyo, em vós eſpero, a vós ſobre tudo amo.*

III. SINAL.

Se folgamos de ouvir fallar em Deos. Naõ ha quem ſe naõ alegre gavando-lhe, ou fallando lhe no que ama. Hum ſuave ſobreſalto cauſa nas almas, que tem entregue o ſeu coraçaõ a meu Senhor Jeſus Chriſto, ouvir fallar nelle. Deos he ſetta; em ſe bulindo na ſetta, de que hum eſtá atraveſſado, logo dá ſinal, de que a ſente.

Naõ tem enveja o que ama, diz o Apoſtolo; antes eſtimando como proprias as prendas, e louvores da peſſoa amada, goſta de os ouvir de toda a boca, e a toda a hora. Eſte era o noſſo Fr. Antonio, para quem era de tanta conſolaçaõ o ouvir fallar de Deos, e dizer ſeus louvores, que eſta era ſó a muſica, que o deleitava, eſtas as vozes, a que applicava a orelha. E para que ſó eſtas foſſem as materias das ſuas practicas, em chegando ás grades dos Conventos, e aviſtando as peſſoas ſpirituaes, que cõmunicava, as ſuas primeiras fallas eraõ eſtas perguntas: *Como lhes foy a VV. MM. cá com Deos eſtes tempos, ou eſtes dias?* Enſinava a andar continuamente na preſença de Deos por hum louvor continuado, dizendo ſempre a boca: *Meu Senhor Jeſus Chriſto ſeja bendito, e louvado.* Aos ouvidos, que dedicára a ouvir confiſſoens de ſeus proximos, fazia aquella ſabìda advertencia de Santo Agoſtinho, que ha confiſſaõ de pec-

Non æmulatur.

peccados, e conſtaõ de louvores Divinos, para que naõ eſcutaſſem com menos attençaõ eſtes louvores, que a Deos ſe davaõ, que aquelles peccados, de que os peccadores ſe arrependiaõ.

IV. SINAL.

Se os deſejos de Deos ſe põem por obra. Arvore, que naõ dá fructo, má arvore: náo, que vem da India vazia, triſte náo: jardim, que naõ tem huma flor, máo jardim: mulher, que caſa, e naõ pare, triſte caſamento: alma, que deſeja fazer por Deos grandes couſas, e naõ faz nada, miſeravel alma.

Eſta tal alma faz mal no que naõ faz, deixando de fazer o que convem. A caridade naõ faz o que he máo, mas obra o que he bõm, continúa o Apoſtolo. Foy Fr. Antonio varaõ de deſejos, mas grande homem de obras. Varaõ lhe chamo de deſejos por aquelles, que naõ pode executar; mas grande homem de obras, porque para com Deos he, como ſe fora obra, toda a tençaõ, e deſejo impoſſibilitado: com que neſſes meſmos bons deſejos, que naõ executou, foy obrador pela poſſibilidade que lhe faltou. Nas mais obras, e ſerviços de Deos naõ ſómente foy inſigne operario, ſenaõ aventureiro famoſo, pois para mais trabalhar tomava por empreitadas as obras divinas, que ſaõ a ſalvaçaõ das almas. Eſcrevia elle a huma peſſoa de qualidade, acabada a Miſſaõ de Coimbra, e lia ſe eſte capitulo da ſua carta: „ Nenhuma „ duvida tenho em tornar a Lisbõa, tanto que por cá der „ fim a eſtas empreitadas, ſe Deos me der vida: antes „ lhe digo a V. M. que eſpero em Deos que na reviſta „ ſe faça algum ſerviço a Deos mais conſideravel, que o „ primeiro. Faça Deos ſua Divina vontade. Tarde irey „ a eſſa terra, (*era Lisbõa*) e ainda indo a ella ſerá „ por pouco tempo; que a agoa apodrece, ſe naõ tem exer-

Non agit perperam.

„ exercicio, e nos campos faz fructos, nas Cidades la-
„ mas. Aſſim a doutrina Evangelica. „ Arvore foy Fr.
tonio; que deo fructos de paz nos animos, que reconci-
liou, do Paraiſo, nas almas, que tirou do máo eſtado; de
honra nas reſtituiçoens, que obrigou a fazer da alheia; de
honeſtidade, em tantas peſſoas, quantas por ſuas admoeſ-
taçoens fizeraõ voto de caſtidade, ou aborreceraõ a
ſenſualidade. Foy náo do Inſtituidor dos Miſſionarios car-
regada de paõ para repartir, e partir pelos neceſſitados.
Foy jardim, em que ſe admiráraõ tantas flores, quantos
ſaõ os nomes das virtudes. E poſto que de ſi diſſeſſe,
que tinha tambem dado em eſteril, fecundo o moſtraõ
tantos filhos ſeus, como ſe contaõ hoje de Religioſos
Miſſionarios neſte Reyno, os quaes, ainda que tenhaõ
de S. Franciſco a Regra, e o Habito, tem o modo de
viver, e guardaõ os Eſtatutos do ſeu Padre. Fr. An-
tonio.

V. SINAL.

Se viſita a muido os Templos, e lugares dedicados a
Deos. E ſe he Religioſa, veja ſe viſita muitas vezes o San-
tiſſimo Sacramento, ainda que naõ ſeja mais, que com
hum Padre noſſo, e Ave Maria. Se ama o Coro, e ſan-
tos exercicios: ſe reza com devoçaõ, e reverencia o Offi-
cio Divino.

Para tudo iſto he neceſſaria fé, com que crê tudo a caridade. Crê, que Deos eſtá particularmente nos Tem- Omnia credit
plos, preſencialmente no Diviniſſimo Sacramento, e no
meyo dos que congregados em ſeu nome rezaõ no Co-
ro o Officio Divino, e por iſſo o buſca neſtes lugares,
crendo tambem que em toda a parte eſtá por eſſencia,
potencia, e preſença.

Naõ paſſava o Veneravel Padre por Igreja, em que naõ
entraſſe a fazer oraçaõ, e adorar o Santiſſimo, imitando
niſto a ſeu Padre S. Franciſco. Iſto meſmo aconſelhava a

todos: e eſtas viſitas do Santiſſimo pôs nos exercicios, que diſpôs para toda a ſemana, e ſe lem nas ſuas obras eſpirituaes, Nos Conventos, a que chegava, naõ ſó hia a Matinas, e mais horas Canonicas, ſenaõ que como ſe o naõ cançáraõ os caminhos, e trabalhos das Miſſoens, paſſava as noites no Coro, e Capellas das Igrejas fazendo oraçaõ, e tomando diciplinas. O Officio Divino rezava ſempre, que tinha lugar para o fazer, de joelhos com grande devoçaõ, e na meſma poſtura, ou em pé o rezava com ſeus companheiros todas aquellas vezes, que as occupaçoens lhe permittiaõ eſta conſolaçaõ de todos.

VI. SINAL.

Se dá eſmóla aos neceſſitados, e naõ por vangloria. E ſe naõ tem que dar, ſe com ſuas oraçoens, diciplinas, bom exemplo, e bons conſelhos ajuda os proximos.

Non eſt ambitioſa

He propriedade da caridade naõ ſer ambicioſa, antes por amor de Deos deſeja dar quanto tem de eſmóla. He a caridade hum interior affecto a Deos, por quem elle he: e eſta ſe póde conſiderar em quanto olha para Deos como objecto, ou em quanto ſe exercita nos proximos como exercicio. Caridade chamamos á eſmóla, que damos aos proximos.

Como Fr. Antonio era pobre de prata, e ouro, ajudava eſpiritualmente o proximo com as Miſſoens, Confiſſoens, Prégaçoens, conſelhos, practicas, e cartas eſpirituaes; tratando em todas as materias de eſpirito, dirigindo, e encaminhando as almas á perfeiçaõ, e ſalvaçaõ. Era Padre eſpiritual de mais de tres mil peſſoas, que com elle ſe communicavaõ por carta, quando naõ podiaõ de palavra. Eſte era hum dos ſeus grandes trabalhos, e notavel fadiga nas Miſſoens, ſer obrigado a reſponder a milhares de cartas por ſuas eſpirituaes importancias, e a que elle chamava Cruz de papel, e martyrio eſpiritual, e dizia: *Que ſem ſer Serafim, tinha a ſua Cruz de pennas.*

nas. Ouçamos o mais, que diz nas deſculpas, por faltar com reſpoſtas. „ Naõ poſſo reſponder como quero, „ porque entre tudo o que me falta, excepto o amor de „ Deos, o tempo he o menos que tenho. Como para „ mim o tempo he cada vez menos, por digerir as occu- „ paçoens de perto, falto algumas vezes ás couſas de „ longe. Naõ poſſo mais, porque a huma grande parte „ deſte Reyno tenho que reſponder. Daõ-me ſentimento „ as preſſas, pelas em que me vejo eſcrevendo hum ſem „ numero de cartas em breves horas. As cartas, que eſtaõ „ em Vianna, ainda eſtaõ de conſerva, porque álèm de „ eſtarem ja avelladas, eu naõ tenho tempo para reſpon- „ der á terceira parte; porque ſe me eſcreve de huma „ grande parte deſte Reyno, e ſó de Freiras, Frades, „ e Abbades naõ he crivel o numero, e na verdade que „ aſſim no corpo, como no eſpirito ando cançado, e „ deſejará retiro, naõ ſó pelo que importa o recolhi- „ mento, mas porque he faſtio de tudo tanta occupa- „ çaõ. Os retiros tenho dado em que ſaõ mayores im- „ pedimentos; porque nelles quem me naõ buſca em „ peſſoa, me viſita por eſcrito. „ Huma maõ de papel em reſpoſtas de cartas lhe vio gaſtar em hum ſó dia o Padre Fr. Corentino de Santa Maria, ſeu companheiro.

VII. SINAL.

Se ſoffre com alegria, e paciencia as neceſſidades doenças, affrontas, e miſerias, que Deos permitte para noſſa prova; para que ao ouro de noſſas almas neſſa fornalha ſe tire o que tem da terra, e as fezes, que impedem a uniaõ Divina.

Eſta he a caridade paciente de S. Paulo na interpretaçaõ de S. Gregorio, com que ſoffremos, e toleramos com bom animo, e alegre roſto os infortunios, e adverſidades deſte mundo. Naõ neceſſita eſte ſinal de moſ- Charitas patiens eſt

tra a quem ler os Capitulos de ſua conformidade, e paciencia. Só temos de accreſcentar a iſto o que o Veneravel Padre deixou eſcrito, e he ſobreſcrito do ſeu eſpirito, lingua de ſeus deſejos, e alegria nos trabalhos: *Os que eſtaõ no Veraõ da graça, no Eſtio do amor de Deos, abrem-ſe, expõem-ſe, anelaõ, ſuſpiraõ pelas meſmas afflicçoens, que eraõ o ſeu faſtio: amaõ as mortificaçoens, os deſprezos, as adverſidades no goſto, no eſpirito, de fóra, e de dentro, fazendo açucar do Ceo das ſuas amarguras.*

VIII. SINAL.

Se fazemos com goſto tudo, o que nos manda Deos em ſua Ley, e temos de obrigaçaõ, ſegundo noſſos eſtados.

Tudo faz, e com goſto, o que de Deos eſpera tudo. He a eſperança, a que accómoda os genios humanos, dá calor, e goſto aos exercicios, e por ella tudo ſe obra, ninguem ſem eſperança faz nada. O lavrador, ſe naõ fora a eſperança da novidade, nunca ſemeára a terra: o eſtudante, ſe naõ cuidára que ſe havia de melhorar pelas letras, nunca queimára as peſtanas, nem puzera letra nas poſtillas: o ſoldado ſegue a milicia, porque eſpera medrar por ella: o navegante naõ ſe embarcára, ſe naõ eſperára de vir rico para ſua caſa. Se o Cabo de Bóa Eſperança o fora na realidade, como he no nome, todas as náos, que partem para a India, tornariaõ a arribar a Lisbóa. Os juſtos, que amaõ a Deos, toda a ſua eſperança põem nelle; e como Deos he toda a ſua eſperança, e ſem eſſa ſe naõ faz couſa nenhuma, tudo fazem por amor delle com muito bóa vontade. Guardaõ ſeus preceitos, ſeguem ſeus conſelhos, imitaõ ſeus exemplos, e naõ ha goſto para elles como fazerem tudo, o que Deos manda, tendo para ſi, que naõ preſtaõ para nada. Deſtes era o noſſo Veneravel Fr. Antonio, em quem a taboa dos dez Mandamen-

Omnia ſperat.

mentos da Ley de Deos, depois de Religioſo, naõ teve quebra: os conſelhos de Chriſto naõ acháraõ duvida: ſeus exemplos tiveraõ quéda: a Regra de ſeu Padre S. Franciſco eſtreitiſſima obſervencia, e ſeus particulares Eſtatutos a melhor guarda, e ſempre, *Servo inutil Fr. Antonio*, na ſua firma.

IX. SINAL.

Se arrefece em nós o amor, que d'antes tinhumos ao mundo; porque ſe eſte naõ esfria, he ſinal que o amor de Deos naõ ſe accende, nem ha tal amor. Naõ ſe póde ſervir pontualmente a dous Senhores, nem com huns meſmos paſſos caminhar para o Norte, e para o Sul. Quando o amor de Deos começa, he ſinal certo, que o do mundo acaba. A alvura na parede deita fóra a negrura; e ſe a negrura do amor do mundo reina, ainda naõ ha alvura do amor de Deos.

A caridade nunca cahe, ou deſcahe, diz a eſte propoſito S. Paulo: ſempre permanece; nem quanto em ſi he, deixara as almas neſta vida, ſe a naõ deitára fóra huma culpa mortal, com quem naõ póde eſtar, nem ſubſiſtir; porque ſenaõ compadece Deos, e Belial, amor de Deos, e do vicio. Numquam excedit

Eſcrevia o Veneravel Padre da Miſſaõ do Algarve, e dizia: *Os frios ſaõ regalados, mas notavel o fogo, que Deos accende nos coraçoens.* Em outra carta ſua: *Toda a frieza, que nos ata, e embaraça, he falta de amor de Deos, que ſe houvera amor, a meſma pena, que na frieza nos eſpanta, no ardente do amor grande alegria nos dera.* Taõ pouco frio tinha o que dizia iſto, que dormia com as janellas abertas em tempo de Inverno, a cabeça trazia ſempre deſcoberta, e o Habito ſem tunica. O amor de Deos era para eſte Jacob o ſeu panno, e a ſua roupa. Quanto arrefeceſſe no amor do mundo, eſtá claro pelos fervores,

Quia tepidus es, & nec frigidus, nec calidus, incipiam te evomere de ore meo. *Apoc.* 3. 16.

com que servio a Deos depois de Religioso. Calido era, e frio, naõ tepido como o Bispo de Laodicea: calido no amor Divino, frio no amor mundano; naõ parou no meio destes dous extremos, por naõ fazer a Deos máo estomago, sendo elle tanto do seu seio.

X. SINAL.

Se honra, e estima os Servos de Deos, e gostosamente os serve, ouve, consulta, e obedece, em especial aos Padres espirituaes; ou se aborrece atar o espirito, ou vontade á obediencia. Quem quizer aproveitar em breve, tenha Padre espiritual, e governe-se por elle.

Isto he o Naõ se ensoberbece da caridade; porque servir, e sujeitar a outrem he impulso da humildade. O nosso Veneravel Padre tinha muitos Padres espirituaes, huns para o confessarem, outros para o aconselharem, outros para o advertirem, outros para o humilharem. E dizia, *que as almas eraõ como as heras, que naõ sobem sem arrimo, ainda que seja hum tronco.* A huma Religiosa, cujo aproveitamento espiritual tinha tomado por sua conta, dizia assim em carta propria: *Como he preciso que eu vá para taõ longe, estimara que no entretanto V. M. escolhera algum sujeito, por quem se governára; porque quanto maior juizo temos, em maior perigo estamos; e se entregamos a vontade, e entendimento em direcçaõ alhea, obrigamos a Deos, a que cuide de nós.* O seu primeiro Confessor depois de Frade foy o Senhor D. Fr. Francisco de S. Diogo Bispo de Targa: em falta sua succedeo o Reverendissimo Fr. Joaõ dos Prazeres, Bispo que foy de Angra, até a Missaõ da Beira: e a estes succedeo o Reverendo Fr. Luiz de S. Francisco seu companheiro, e antigo Missionario.

Non inflatur.

XI. SINAL.

XI. SINAL.

Se folga de ſe dar ao retiro, e ſilencio, para que eſtando fóra do mundo converſe, e falle com Deos. Quem ſe naõ retira de creaturas, deleites, e peccados, naõ chega á uniaõ de Deos.

Por iſſo a charidade naõ goſta da maldade, como teſtifica o Apoſtolo. E Fr. Antonio goſtava tanto dos retiros, que em podendo deixava os povoados; e para andar, e viver ſempre retirado formava huma ſolidaõ, e deſerto em ſi meſmo. Fechava-ſe na caſa do amor de Deos por eſquecimento de tudo o mais: e dando volta á chave, era impoſſivel que andaſſe mais que Deos na ſua memoria, e coraçaõ. Iſſo fazia por hum acto de ſimplicidade, eſpancando quanto lhe vinha ao ſentido, ſe naõ era Deos, ou de Deos, ou para Deos. Mettia-ſe naquella ſolidaõ, a que elle chamava Memoria de Deos, taõ ſó, e taõ deſerta de tudo o mais, que nada mais lhe paſſava pela lembrança; e o amor de Deos fazia com que ſe deſpejaſſe, e ficaſſe totalmente ſolitaria de lembranças de creaturas com humas ſuas palavras muitas vezes repetidas: *Deos, e nada mais.* Punha o goſto na memoria, onde conſiderava eſtar o Pay; a eſperança no entendimento, onde eſtá o Filho; o amor na vontade, onde eſtá o Eſpirito Santo, e recolhia-ſe neſte fundo, que eſſencialmente eſtá em Deos. Convertia os faſtios para os peccados, para a conformidade os alvoroços, para a Cruz os ſuſpiros, e para tudo mais os ſilencios, conhecendo, que no ſilencio das potencias ſe deſcobrem grandes ſegredos de eſpirito.

Non gaudet ſuper iniquitate.

XII. SINAL.

Se tem oraçaõ continua, e tudo, o q̃ faz, he por dar cõtentamento a Deos, e por naõ ſahir de ſua preſença, em q̃ deve

andar por amor, e memoria continua, conſervando para iſſo a pureza de intençaõ, e da conſciencia, chegando-ſe a meudo á Sagrada Communhaõ?

Fundou o Veneravel Padre eſte final em taõ altiſſimas materias de eſpirito, que naõ ſó todas, mas qualquer dellas he voz, que publica, he final, que demoſtra o amor de Deos em huma alma. Oraçaõ he elevaçaõ do penſamento a Deos; e quem traz o penſamento em Deos de continuo, quem duvida que pertende por amor addivinharlhe os penſamentos? „ O penſamento, *eſcrevia eſte Santo Varaõ a ſua irmaã Religioſa*, „ o penſamento „ he como a ſetta do relogio, Deos he como o ponto „ do meyo dia, ſe a ſetta eſtá fixa no meyo dia, bem vay, „ mas ſe ſe deſvia daquelle ponto para huma parte, „ ou para outra, ou para baixo, muito errada vay: e „ tanto andais apartada de Deos, quanto a ſetta ſe „ aparta do meyo dia. Todas as couſas da terra ſaõ baixas, e por iſſo naõ convem pôr baixo o penſamento, „ que he ter baixos penſamentos, e baixos eſpiritos. „ Subi para o mais alto com a voſſa ſetta, fixay-a bem „ em ſeu ponto, iſto he erguer o penſamento a Deos, „ fixay-o nelle de maneira, que nunca o poſſais tirar: „ força vos ha de cuſtar ao principio, e eſta força naõ „ he mais que aquella violencia, que vós haveis de fazer em torcer a vontade, e o entendimento, e naõ „ deixar entrar nelle nada que naõ ſeja Deos, ou couſa „ em que o louveis: e ja que tendes a Deos por hoſpede de cada oito dias, fazey que ſenaõ paguem com „ ingratidoens tantos ſinaes de amor, nem percais na „ froxidaõ, e deſcuido, o que ſem duvida alcançareis „ com mortificaçaõ, e cuidado, „ Ninguem jamais eſcreveo taõ bem de eſpirito, que naõ eſtiveſſe eſpiritualizado. Ninguem lerá eſte conſelho de Fr. Antonio, que naõ diga tomou primeiro para ſi eſte conſelho: porque naõ ha palavra neſta ſua doutrina, que naõ denote a ſua

a ſua experiencia. Era elle hum bem concertado relogio, ſetta era o ſeu penſamento, e taõ poſto em Deos a toda a hora, que em todas lhe apontava o meio dia. E valendo-ſe de ſua natural altiveza naõ abaixava de ponto, ſendo todo o ſeu naõ querer, nem cuidar em nada do mundo,

Uſava de oraçaõ continua de aſpiraçoens, trazendo ſempre o coraçaõ elevado á memoria de Deos, repetindo muitas vezes eſtas palavaas: *Meu Deos, amor eterno meu, nada mais que vós*: defendendo-ſe de todas as mais memorias, como de qualquer ruim penſamento, deſejando amar, e contentar a Deos de continuo. Deſpia a vontade de todos os appetites naõ ſó corporaes, mas eſpirituaes, naõ ſe lhe pegando a affeiçaõ, nem as conſolaçoens do Ceo, mais que nuamente a Deos, e a ſua vontade com pureza de intençaõ, que he amar a Deos, porque elle he digno de ſer amado: ſem outro algum reſpeito do Ceo, ou dos intereſſes, que temos no Amor divino; nem por ſer ſantos, ou perfeitos, ſenaõ puramente porque elle quer, como, e quantas vezes quer que o amemos; paſmando-nos de que hum taõ grande Senhor, que naõ tem nenhum proveito de que o amemos, queira o amor de taõ miſeraveis creaturas ſem intereſſe ſeu, nem merecimento noſſo.

Nem as continuas, e diverſas occupaçoens, nem tanta variedade de exercicio cortavaõ o fio á preſença de Deos, em que o Veneravel Padre andava inceſſantemente; porque quando naõ podia ſer por memoria de Deos, era por tençaõ de em tudo o ſervir, e fazer tudo por ſeu amor, gloria, e honra; alvo, e intento principal em todas ſuas acçoens. E abraçando por amor de Deos os meſmos impedimentos de ſua preſença por memoria, ſua tençaõ ſubſtituia eſta lembrança. E porque o cordaõ de tres fios mais difficultoſamente ſe quebra, por naõ interromper a preſença de Deos, em que anda-

va

va todas as horas, a segurava por huma destas tres maneiras. Continua tençaõ de agradá-lo; perpetua, e simplez memoria sem esquecê-lo; ardente, e aspirante amor de atrahî-lo. Estes actos de amor de Deos saõ os que a caridade naõ irrita, mas approva.

Non irritatur.

XIII. SINAL.

Se folgamos, e nos alegramos de que todos amem, louvem, queiraõ, e obedeçaõ a Deos.

Este final he o undecimo effeito da caridade na penna do Apostolo. Alegra-se toda, e com todos os que seguem o caminho da verdade. De Setuval escrevia o Veneravel Padre, e dizia: „ Saiba V. M. que vou muito „ contente desta Missaõ, porque naõ ha em nenhuma „ esfera quem naõ abrace os exercicios espirituaes, que „ instituhi digo lho para que louve a Deos, cuja he a „ obra. *E de Lagos escrevia nesta forma*: Aqui temos „ continuado até hoje nesta util fadiga com admiravel „ fructo, seja Deos bendito, muito contente &c. *Estando já ultimamente doente em Varatojo escrevia a esta Corte a hum Religioso*: Muitas graças dou a Deos „ por saber andaõ nessa Corte Missionarios. Prouvera a „ Deos que todos prégáraõ o amor, e temor de Deos; „ paraque todos tiveraõ meios mais efficazes para se salvar.

Congaudet veritati.

XIV. SINAL.

Se fazemos quanto em nós he por estender em muitas almas o amor de meu Senhor Jesus Christo: cançando-nos o possivel porque seja estimado, santificado, e louvado na terra: que reine em todas as almas, e que em quanto pudermos, se destrua o reino do peccado, e imperio do demonio, de quem devemos ser publicos, e ca-

e capitaes inimigos, por honra, e gloria de Deos, que seja louvado para sempre. Amen. Non quærit, quæ sua sunt.

Tudo saõ dictames da caridade, a qual naõ procura, nem busca nada para si, senaõ para Jesus Christo, e seus Fieis. Contra o que escrevia o mesmo Apostolo aos Filipenses. Todos buscaõ para si, naõ para Jesus Christo. Mas muito conforme ao que de si dizia o mesmo S. Paulo: Naõ busco o que he util para mim, senaõ o que he conveniente á salvaçaõ de muita gente. Outro Paulo foy Fr. Antonio neste dizer, e neste obrar. Convidavaõ-no para Confessor da Madre de Deos, lugar que além do credito, tem opiniaõ de descançado; e elle respondia a quem o convidava: „ Para eu ser aqui Confessor, he „ muy cedo: e ando muito bem disposto, e capaz de „ me metter no mar para as pescarias de Deos, que pa„ ra a calma, e para o frio me tem dado bom tempera„ mento; se o Senhor for servido, que viva accinte da „ razaõ: pois naõ devia viver quem vive para peccar; „ e naõ presta para nada: alguma hora, quando naõ „ para Confessor, para Sachristaõ servirey, se Deos „ for servido. *Em carta para hum Amigo no Brasil mostra o sentimento de naõ poder lá chegar, escrevendo-lhe nesta conformidade*: „ O que eu sinto he naõ ter „ forças, e saude para chegar ao Brasil, e todo o mun„ do: mas quererá nosso Senhor, que quando eu naõ „ possa, possaõ outros com mais capacidade, e espiri„ to dos que aqui estaõ congregados, ser trombetas do „ Ceo nessa terra, e acordar do somno do peccado tan„ tas almas adormecidas na sua perdiçaõ, e malicia. Contêm esta carta huma como profecia do que vemos agora, ir para o Brasil o senhor D. Frey Manoel da Resurreiçaõ Arcebispo da Bahia, depois de eleito Bispo de Pernambuco, que por sua muita capacidade, grandes letras, e espirito desempenhará muito bem no Brasil a palavra de Fr. Antonio; e dará a enten- Philip. 2. 2. Cor. 10.

der

der aos homens, que aquelle graõ de trigo morto neſte Reino faz fructo em todo o mundo, onde chegaõ os imitadores de ſeu eſpirito, os ſequazes do ſeu zelo, os profeſſores de ſeu Inſtituto, e os filhos do Seminario de Varatojo. Deſempenho de todo o ſobredito ſerá a copia da carta, que Sua Mageſtade eſcreveo ao Guardiaõ de Varatojo ſobre eſta nomeaçaõ do Arcebiſpo, que he a que ſe ſegue.

Copia da carta, que Sua Mageſtade foy ſervido eſcrever a Fr. Luis de Santo Ignacio, Guardiaõ do Seminario de Varatojo.

„ EU El-Rey vos envio muito ſaudar. Pelo muito „ que importa ao ſerviço de Deos, tenhaõ letras, „ e virtude os Biſpos, e por concorrerem eſtas partes no „ Padre Fr. Manoel Pinheiro, o nomeey Biſpo de Per„ nambuco, o que acceitou com muita repugnancia, fa„ cilitando-lhe ſo o fazê-lo o conhecimento, de como „ podia agradar a Deos naquelle Biſpado; parece-me „ fazer-vo-lo a ſaber por eſta carta, para que o tenhais „ entendido, e que naõ hey de faltar nunca com tudo, „ o que for proteger-vos, aſſim para conſolar-vos na au„ ſencia de hum taõ bom companheiro, como para ani„ mar a outros ſujeitos, que ſejaõ dignos de os ſuſtitui„ rem em hum exercicio taõ ſanto, e tanto do ſerviço „ de Deos, como meu, em que continuamente vos em„ pregais. Eſpero o fareis ſempre com tanto fervor, co„ mo me aſſeguraõ as experiencias de como exactamente „ aſſim o haveis obſervado. Eſcrita em Lisboa a 2 de Se„ tembro de 1686.

REY.

Moſtrou grande conſolaçaõ quando o Senhor Arcebiſpo de Goa, D. Manoel de Souſa de Menezes lhe pedio

dio companheiros ſeus para levar comſigo á India, como levou, e lá tem feito grandes ſerviços a Deos com ſuas Miſſoens, e rara pobreza de vida, que na India he a Feniz da Arabia.

Todos eſtes quatorze ſinaes do amor de Deos, que ſe divizavaõ no noſſo Veneravel Padre Fr. Antonio, pertendia elle desfazer com hum ſó ſinal, que em ſi achava, de que o naõ amava, e o ſinal era de vida, dizendo: *Summamente me envergonho de ver que vivo, depois que tive huma ſuſpeita, de que deſejava amar a Deos. E o ſinal de que o naõ amo he ver que vivo*; *ſe de huma leve faiſca faço eſte diſcurſo*; *quem, tendo vida, póde cuidar que, como Salamandra, póde viver no incendio?* Do viver faz argumento de naõ amar, porque com a morte queria comparar o ſeu amor. Doze ſimilhanças achou que tinha o verdadeiro amor de Deos com a morte o Veneravel Padre Fr. Antonio; as quaes por andarem já impreſſas com outras obras ſuas eſpirituaes, deixamos de pôr neſte lugar, que era ſeu, como tambem das faiſcas do amor Divino, do eſpelho de eſpirito, em que ſe deve ver, e compôr huma alma, que quer chegar á uniaõ de Deos; da oraçaõ para alcançar ardentemente o amor de Deos; da eſcada eſpiritual, por onde chegamos dentro de nós a ſua divina Mageſtade. O que tudo brevemente ſahirá á luz, Deos querendo, por ſer eſta a obra, de que o aproveitamento eſpiritual do proximo mais neceſſita, e o merecimento, que deſejo para com Deos, me requer a toda a hora.

CA-

CAPITULO XI.

Modeſtia ſingular do Veneravel Padre, e outras virtudes ſuas.

Philip. 4. 5. MOdeſtia tomada em toda a accepçaõ, que S. Paulo deſejava foſſe conhecida dos homens nos ſeus Filippenſes, foy no Veneravel Fr. Antonio huma muito ſingular de ſuas virtudes, ou a tomemos por igualdade de animo no proſpero, e adverſo; ou por moderaçaõ, clemencia, lenidade, manſidaõ, e paciencia, com que levamos a bem o mal, que nos fazem os noſſos proximos, alegrando-nos em o Senhor ſómente, naõ em outra couſa menos que elle; e obrando com tanta modificaçaõ em todas noſſas acçoens, que os fieis tenhaõ exemplo, e aos infieis naõ demos eſcandalo; pois toda ſua vida Religioſa naõ tendo nota alguma de culpa, teve-a de conhecidamente modeſta. Em todos os ſucceſſos, quer de tormenta, quer de bonança, botou o léme a huma ſó banda de ſua uniforme conſtancia: nunca o aſſuſtou virar-lhe a fortuna a cara, nem ſe alegrou por lha dar. O meſmo era trazendo-o o mundo nas palmas,
Pſal. 130. 1. e ás coſtas, que dando-lhas. Sempre pode dizer com David, que ſeu coraçaõ ſe naõ deſvanecia, nem em ſeus olhos cabia ſoberba pelas eſtimaçoens dos grandes da terra, e maravilhas, que Deos por elle obrava, entendendo humildemente, que ſobre ſi era tudo, quanto naõ cabe em hum vil inſtrumento, qual elle era, do poder Divino. Dizia, que os bens, e males do mundo todos quaſi eraõ de huma cor nos Servos de Deos; porque nem eſtimavaõ huns, nem deſeſperavaõ com outros. O amor, agrado, benevolencia, e lhaneza, com

que

que ſe havia com todos ; a humanidade, e paciencia , com que ſoffria as importunaçoens , e deſpropoſitadas pertençoens de muitos ; a aſpereza das palavras dos que ſe offendiaõ de ſuas admoeſtaçoens, era tanta, que dava que fallar , e tambem que admirar. Se moſtrava rigor de Elias, quando havia de derrubar a idolatria, logo tornava á ſua brandura para ſoccorrer a viuva de Sarepta. Auſteridades pareciaõ de Moyſés , quando jogava da eſpada de ſua doutrina contra os peccados de hum povo ; mas manſidoens do meſmo Moyſés, quando dahi a nada pedia a Deos lhe perdoaſſe culpa, e pena. Rigoroſo era Fr. Antonio a obrigaçoens de ſeu officio, benigno , e clemente a propriedades do ſeu animo.

Toma-ſe vulgarmente eſte nome de Modeſtia , por huma compoſtura exterior, que comprehende, álèm da moderaçaõ do veſtido, as acçoens, e maneyos do corpo todo , movendo-ſe por ſuas regras as maõs, compaſſando-ſe os pés , levantando-ſe, ou abaixando-ſe os olhos, fechando-ſe a boca , e conſervando-ſe ſem alteraçaõ a cara : comendo , rindo, fallando, andando , e fazendo tudo por eſtas regras da modeſtia. Ajuſtou-ſe o Veneravel Fr. Antonio a ellas de maneira, que parecia a meſma modeſtia retratada. Ninguem olhou para a ſua cara, que lha naõ viſſe ſerena ; ainda quando eraõ rayos as palavras da ſua lingua , ficava ſem alteraçaõ o ceo da boca, que os fulminava. O ſemblante grave , e alegre, ſem ſeveridade triſte, nem alegria demaſiada, pondo em duvida a quem para elle olhava, ſe era mais para temer , ou para amar : mas reſolvendo todos, que era digno de hum amor reverencial. Os olhos trazia ſempre baixos, e taõ coſtumados a naõ ſerem curioſos, que perguntando-ſe-lhe mais de muitas vezes , que lhe parecia de algumas couſas dignas de reparo no caminho, ou rua, por onde tinha paſſado, reſpondia : *Naõ vira nada.* E era aſſim, porque ſua modeſtia era a lamina ardente, que o cegava.

Naõ

Naõ padece duvida ſerem as Religioſas da Madre de Deos, neſte Reyno, naõ ſó compendio da ſua mais qualificada nobreza, ſe naõ exceſſo da graça em contrapontos da natureza, reſumo, e cifra da perfeiçaõ religioſa; que aprendem de taõ grande Meſtra como he a Madre de Deos venerada de todos na ſua Igreja. He Libano, Amana, Sanir, e Hermon deſtas eſpoſas de Chriſto o ſeu Convento, donde ſaõ chamadas por morte a coroar ſe na eternidade. Eſte Convento enriqueceraõ os Reys ſeus Fundadores com ſantiſſimas reliquias, eſte Ceo eſtrellaraõ com excellentes pinturas, eſte paraiſo da terra variaraõ de curioſidades, que pelos olhos affeiçoaſſem ás virtudes; e eſte templo ennobrecêraõ com muitas, e bem alfeadas Capellas, em que ſe vem Imagens devotiſſimas, e perfeitiſſimas; de tudo o mais nada, porque he incrivel o aperto de ſua pobreza, e Regra. Neſte Convento pois (cujas entradas appetecem ainda os Magnates da Provincia em occaſioens de viſita, ou enterros) entrou o Veneravel Padre Fr. Antonio tres vezes muito rogado, e de nenhuma vio nada, nem deo mais paſſos, que os preciſamente neceſſarios ao que hia. Da primeira vez, que pôs a Via ſacra, andou tomando as medidas pelos Clauſtros, alto, e baixo, nos quaes eſtaõ quinze Hermidas, e em nenhuma entrou, nem as vio. Da ſegunda vez entrou a confeſſar huma Religioſa doente no primeiro leito da enfermaria, naõ paſſou delle, nem a ver a Capella, que tem a meſma caſa muito para viſta. Entrou terceira vez na entrada de huma Noviça, preſente a Rainha, e naõ paſſou do Coro, onde ſe lhe deitou o Habito. Taõ feitos trazia ſeus olhos a naõ verem ſenaõ o neceſſario, que ſem neceſſidade naõ viaõ ainda o licito.

Cant. 4.

As maõs trazia de ordinario dando-ſe huma á outra, quando caminhava; ou ambas pegadas no ſeu Crucifixo, ſe a neceſſidade do bordaõ as naõ dividia. Os paſ-

ſos

ſos eraõ contados pela gravidade, ſem affectaçaõ, nem leviandade. A cabeça algum tanto inclinada a Deos, que ſempre trazia na lembrança, e em cuja preſença ſe conſiderava. Nunca virou a cabeça, ſem que o corpo todo déſſe volta; e finalmente naõ faltou em couſa alguma de quantas a modeſtia dá por regra.

CAPITULO. XII.

Sua fervoroſa oraçaõ, e altiſſima contemplaçaõ.

POſto que nos puderamos contentar com o que no diſcurſo deſta Hiſtoria temos eſcrito de ſua oraçaõ, foy ella tanta, que nos naõ deſobriga de lhe dar Capitulo particular, e em todos tiveramos que dizer, ſe naõ reſervaramos o mais para eſte lugar. He a oraçaõ, como diz o Veneravel Padre em hum Tratado, que fez della: „ Elevaçaõ da mente a Deos, he hum abraço da al„ ma com Deos, hum incendio do coraçaõ, hum rou„ bo doce dos ſentidos, e hum ſomno da alma ſuaviſ„ ſimo: ninguem a deſeja ſem auxilio, ninguem a co„ meça ſem eſpecial favor, nem a continúa ſem graça „ de Deos muito particular. Por tres caminhos ſe anda „ neſta via do amor Divino: no primeiro ſe exercita „ a penitencia, e negaçaõ de nós meſmos, e ſe diz: *Via Purgativa.* „ No ſegundo creſce o noſſo amor „ com os beneficios de Deos, e ſe diz: *Via Illuminativa.* „ No terceiro ſe une o noſſo amor com a vontade de „ Deos, e ſe diz, *Via Unitiva*; eſta he fim, aquelle „ meyo, e a outra principio do caminho da perfeiçaõ. „ Na primeira ſe exercita a caridade, na ſegunda ſe accen„ de, na terceira ſe inflamma. Começa faiſca, proſe„ gue chamma, continúa levareda. Nos principios a „ madeira verde faz fumo, que nos excita a lagrimas;

„ depois já ſecca ſe faz fogo, que com qualquer „ ſopro ſe fomenta. E ultimanente feita em braza arde „ ſem ſer aſſoprada.

Psalm. 89. 1. Ou conſideremos a oraçaõ deſte Moyſés homem de Deos na Via Purgativa, ou na Illuminativa, e Affectiva, ou Unitiva, ſempre o acharemos poſto em via de oraçaõ muito perfeita, orando ſem intermiſſaõ, e ſem eſperar pela hora Nona para ir ao Templo fazer oraçaõ; como quem julgava que tanto ſe apartava de Deos, quanto della. A' ſua Via Purgativa pertencem aquelles rios de lagrimas, que chorava por ſuas culpas, aquellle medo, e temor, em que vivia, de ſe perder, repreſentando-ſe-lhe que o tinha ja ſentenciado á divina Juſtiça ao fogo do Inferno, pelo muito, que a tinha offendido no mundo. Eſta repreſentaçaõ, e apprehenſaõ foy com tal efficacia huma noite eſtando a Matinas, que foy grande miſericordia divina naõ affroxar elle na ſua eſperança. Mas como Deos he taõ benigno, que naõ conſente ſejamos tentados mais, que até onde podemos moſtrar-nos valoroſos, foy ſervido que chegando elle com a réza áquelle Verſo do Cantico. *Benedictus*: *Para que ſem temor, livres das mãos de noſſos inimigos, o ſirvamos*, ſe ſentiſſe ſubitamente illuſtrar com huma luz, e conhecimento taõ claro da miſericordia Divina, que todos ſeus peccados á viſta daquella miſericordia lhe ficáraõ parecendo o que á viſta do mar huma ſó gotta de agoa; da terra toda huma ſó arêa, de todos os campos huma ſó hervinha, e de todas as arvores a minima folha. Eſte ſucceſſo contou o meſmo Veneravel Padre para conſolar a huma Religioſa tentada da meſma deſconfiança.

Actor. 3. 1.

Mas nem por Deos noſſo Senhor lhe dar tanta confiança em ſua infinita miſericordia, deixou elle nunca de obrar a ſua ſalvaçaõ com grandes receyos da perdiçaõ, e hum grande conhecimento, de que era particular mercê

do

do Ceo naõ eſtar ja ardendo no Inferno. Eſte conhecimento lhe fazia naõ ſentir tanto a eſcura noite das ſequidoens de eſpirito, aterrando-o algumas vezes os rayos de deſconſolaçoens, diſſabores, e deſabrimentos no ſenſitivo, e intellectual, ſem a luz de relampago; porque Deos coſtuma, quando he ſervido, deſterrar as trevas, com que prova a muitas almas. Se lhe duravaõ muito tempo as ſeccuras, e tempeſtades de ſeu eſpirito, naõ perdia o animo, poſto que perdeſſe o allivio. Entregava a Deos por amoroſo ſacrificio todas ſuas triſtezas, enfados, e melancolias, ſem buſcar conſolaçaõ, nem deſafogo nas creaturas, aquietando-ſe o ſeu coraçaõ tanto nas brazas, como nas delicias, e nas eſpinhas, como nas roſas. „ De mim vos digo (*eſcrevendo a ſuas irmaãs*) :, que ainda que ſou mais ruim, e cada vez peyor, que „ naõ quero mais reçaõ da graça de Deos, e de ſeus fa„ vores, que aquelle quinhaõ, que elle me quer dar, ou „ grande, ou pequeno, e que vivo taõ conſolado, e con„ tente ás vezes entre cobras, e lagartos, como ſylvados, „ e aſperezas, entre ſabores do Ceo, e glorias do eſpirito.

Para chegar a eſta perfeiçaõ ſe valia do grande amor, que tinha a Jeſus crucificado, trazendo-o em ſua alma impreſſo; e o modo, com que o imprimia, diz elle meſmo que era, trazendo tudo crucificado: crucificado o coraçaõ ſem allivio, crucificada a vontade ſem conſolaçaõ, crucificada a memoria, olhos, e mais ſentidos ſem ter algum refugio, e deſta maneira andando em Chriſto crucificado, tinha valor para no meyo deſte deſerto, em que tudo he ſecco, tudo ſerpentes, tudo ſoledades, naõ ſuſpirar pelas cebolas do Egypto; iſto he, qualquer allivio, ou conſolaçaõ de creaturas, eſperando a de Deos ſómente quando, e como lhe pareceſſe. Deſta ſorte deſfazia as nuvens, que ſe interpunhaõ entre elle, e a luz divina, que da noite eſcura lhe fazia paſſagem para hum claro dia.

A' Via Illuminativa reduziremos aquelle acto de Fé, que elle fazia antes de entrar na oraçaõ; e aquella ſua doutrina, que dava a huma de ſuas irmaãs antes de ſer Freira, e era eſta: „ De dous modos vemos a Deos, e „ de dous modos he a Viſaõ de Deos: huma he Viſaõ „ clara, e eſta ſó a tem os Bemaventurados no Ceo: ou„ tra ſe chama Viſaõ eſcura, e eſta tem os que no mun„ do chegaõ a fazer actos de Fé. Eſte acto de Fé naõ he „ mais, que dizer huma creatura com todo ſeu cora„ çaõ: Meu Deos, eu creyo de todo meu coraçaõ que „ vós eſtais aqui dentro de mim, fóra de mim, ſobre mim, „ e ao redor de mim. E logo crer iſto ſem duvida ne„ nhuma, e naõ pôr a cuidar como elle alli eſtá, que „ iſto entaõ he meditaçaõ, e diſcurſo; ſenaõ crer, e „ crer que quanto menos iſto ſe cuida, e menos ſe con„ ſidera, enraõ ſe crê melhor. Porque em vós crendo „ que Deos eſtá em vós, e comvoſco, ſem ſaber como, „ e que vos eſtá como eſpreitando, logo vos accendeis „ em amor, que he o mayor bem de todos: melhor, „ que ter viſoens, extaſis, e revelaçoens, que iſto „ tudo ſe póde ter em peccado mortal. Só o amor de „ Deos ſe naõ póde ter ſenaõ em graça. Antes importa „ muito ás peſſoas eſpirituaes, que totalmente tirem de „ ſi o deſejo de viſoens, e conſolaçoens; porque he go„ loſina eſpiritual. E em quanto a creatura naõ chega á „ uniaõ de Deos, ainda que ſe déra caſo, que vos ap„ parecera hum Chriſto crucificado, tinheis obrigaçaõ „ de duvidar ſe o era; e de lhe dizer: Senhor, naõ he iſto „ o que eu quero, nem deſejo. O que eu quero, he que „ ſe faça em mim a voſſa vontade: e tratar de vos pôr „ na ſolidaõ, iſto he, dizendo: Deos na minha memo„ ria, Deos na minha vontade, Deos no meu enten„ dimento, e nada mais. E como a ſolidaõ do eſpirito he „ nada, he neceſſario pôr-vos nelle nada deſte modo: „ Nada quero nada deſejo, nada tenho, nada mereço,

na-

,, nada procuro mais que o amor de meu Senhor Jesus &c.
,, Neste nada, e na solidaõ, com que se diz: Deos na
,, minha vontade, e nada mais &c., está quasi toda a
,, chave do jogo. E a razaõ he, porque Christo naõ
,, está sempre comvosco, quanto á humanidade, e por
,, isso se vay, e está sempre quanto á Divindade. E
,, quanto esta he melhor que a humanidade, tanto a
,, deveis querer mais; porèm sempre convêm que co-
,, meçeis pela vida de Christo. E sabey, que agora es-
,, tais no Cabo de Bõa Esperança, que isto saõ as sequi-
,, doens, froxidoens, e mais impedimentos do espirito:
,, se passardes adiante, vivireis em altissimos favores de
,, Deos, e vivireis nelle, e andareis por cima dos Ceos.
,, Se vos deixardes vencer das froxidoens, desgostando,
,, e apartando-vos da oraçaõ, perdereis a Deos, e per-
,, dereis tudo. Por, isso ainda que naõ seja mais que of-
,, ferecer a Deos o tempo, convem que lhe offereçais
,, sempre as horas, que costumais ter de oraçaõ.

Assim contemplava o nosso Portuguez Areopagita; e assim apostilava a mysticaTheologia, que nem em menos se podia dizer mais, nem elle de outra maneira inculcar-nos seus grandes progressos na Via Illuminativa, por ser caminho, em que ninguem soube fallar sem andar com a luz da Fé, e disposiçaõ humilde para os recibos sobrenaturaes, que saõ no entendimento a similhança de Deos por representaçaõ a modo de espelho, e a vontade por impressaõ a modo de sello, e outras illuminaçoens, com que Deos premîa, e aperfeiçoa huma alma sua querida. Dizia do nosso Veneravel Padre seu Confessor, o Reverendissimo Bispo de Angra, que jamais se enganava no que, consultado Deos na oraçaõ, resolvia, e que por Oraculo do Ceo se podia venerar. Em todas as materias, que lhe tocavaõ, ou consultavaõ com elle, era a primeira cousa, que respondia: *Peça V. M. a Deos me tenha da sua maõ, e me dè luz, pois me fez lanter-*

na. Pedirey, e peça V. M. a Deos, que me dê a ſua luz para ver o que hey de fazer, ou reſolver. Allumie me noſſo Senhor, para que eu entenda a ſua vontade; e aſſim lho peça V. M. E eſta luz procurava elle na oraçaõ, onde Deos o allumiava, e determinava, ſegundo os Decretos de ſeu Divino beneplacito.

Chegou ao eſtado da uniaõ por ambos os caminhos, que apontaõ os Contemplativos: foy o primeiro o da conſideraçaõ na Paixaõ de Chriſto, que elle approva, dizendo: *Muita gente douta, e eſpiritual naõ ſabe como ſe póde unir a alma com Deos na memoria da Paixaõ de Chriſto; mas neſta ſe unia com elle S. Bernardo, e o noſſo S. Boaventura, e os grandes Santos, como meu Padre S. Franciſco, aqui achavaõ a uniaõ, e transformaçaõ. Eu, ſe andara por eſtes pontos, por aqui emprendera o caminho, que o tenho por verdadeiro, e livre de enganos.*

Foy o ſegundo caminho o de huma ſede inſaciavel, que tinha de gozar mais a Deos do que ſe lhe communicava. Porque levantando continuamente o coraçaõ a Deos em ardentes ſuſpiros, e abrazados fervores, naõ parava ſua alma nunca no eſtudo daquelles celeſtes deſejos, na ſede daquelles entranhaveis ſuſpiros, com que ſe começaõ a provar as eternas doçuras neſta vida. Neſtas Divinas levaredas ardia tanto o ſeu coracaõ, que erguendo-ſe até o Ceo ſeu eſpirito, parecia que arrebatado das chãmas do Eſpirito Santo ſe lhe desfazia em fogo a alma. E elle aſſoprava eſte meſmo fogo, em que ardia, com as ſuas coſtumadas aſpiraçoens: *Meu Deos, meu amor, meu Creador, meu Redemptor, Pay meu, ſumma gloria minha, toda minha delicia, ſummo bem meu, ultimo fim de meus deſejos, meu Deos, todas minhas couſas*, e outras, que o meſmo amor Divino do coraçaõ lhe trazia á boca. Logo pondo os olhos da alma na formoſura, bondade, e mais perfeiçoens Divinas, ſe admira-

va

va, paſmava, e ſuſpendia em tal fórma, que affirmaõ ſeus companheiros, ficáva como morto, ſem ſinaes alguns de vivo. O Reverendo Fr. Luiz de S. Franciſco ſeu ultimo Confeſſor, e dos primeiros companheiros, affirma, que lhe diſſera em huma occaſiaõ o Veneravel Padre: *Eu naõ me entendo a mim meſmo na oraçaõ, que tenho; porque apenas ponho diante dos olhos da alma os meus peccados a fim de os chorar, e aborrecer, logo a memoria, entendimento, e naõ ſey ſe a vontade, ſe me abſtrahem demodo, que naõ ſey o que alli faço, nem ſe he iſto ocio eſpiritual, ou pirguiça de eſpirito.* Houve occaſioens, em que eſtando orando ſe lhe ouviraõ dar aſſopros, acçaõ natural, quando he tanto o fogo, que nos chega a queimar; ſe naõ he que reſpirava a enchente do Eſpirito Santo, que onde chega, aſſim como inſpira, tambem reſpira, e porque inſpira ſe ſuſpira, e adſpira.

He muito para eſcrever neſte lugar o que eſte Servo de Deos nos deixou eſcrito deſte ultimo eſtado, a que chega huma alma de todo perfeita neſte mundo, qual ſe póde conſiderar a ſua de ſua meſma practica. „ A graça de „ Deos, e o Amor de Deos he a natureza, e o ſer „ de Deos, que todo he amor, aſſim como nós ſomos „ corpo, e alma. E daqui vem que quem vive em gra- „ ça, e em amor, vive em Deos, e Deos vive nelle, e „ Deos he o que obra nelle. E porque como entaõ a „ creatura participa da Divina natureza, aſſim como a „ vide, que vive unida á cepa, della recebe o ſucco, „ e o humor de que vive, e de que dá fructo: aſſim a „ creatura unida com ſeu Creador vive, e reſpira os „ alentos da graça Divina, que como ella creſce cada „ vez mais, e dá fructo de bõas obras. E como a gra- „ ça, e amor de Deos he infinito, logo que a creatura tem „ alguma couſa delle, ferve, e deſeja ardentemente „ ſahir de ſi toda, e chegar-ſe áquelle infinito Senhor,

„ como a panella, que tem grande fogo, eſte ſóbe „ em cachoens fóra da panella, e ſe deſeja ir, e ſahe. „ Porque aquelle calor de fogo, que entrou na agoa, de- „ ſeja unir ſe com o fogo, que eſtá fóra, que he o ſeu cen- „ tro: e deſeja tambem deitar fóra a toda a agoa, que „ lho impede: que iſto he a noſſa vida, e a panella „ noſſo corpo, e a quentura o amor de Deos, de que „ as fervuras naſcem.

Muitas outras doutrinas ſuas a eſte propoſito deixamos, pelo que temos de as publicar nas obras eſpirituaes deſte eſpiritual Varaõ: dictadas pelo ſeu eſpirito, approvadas pela ſua experiencia, encaminhadas á direcçaõ das conſciencias, e magiſterio das almas. Saõ eſtas, luzes da oraçaõ, exercicio breve para a ſanta oraçaõ, e outros tratados uteis, myſticos, e devotos.

CAPITULO XIII.

Apontaõ-ſe outras virtudes do Veneravel Padre Fr. Antonio das Chagas.

ASſim o Capitulo do amor de Deos, como o paſſado da oraçaõ nos eſcuſavaõ do trabalho deſte Capitulo, ſe nos contentaramos com publicar ſuas demais virtudes em reſumo, e confuſo. Porque ſegundo o que a huma ſua irmaã eſcrevia o Veneravel Padre: *O exercicio de todas as virtudes he em que conſiſte o amor de Deos; e ter oraçaõ naõ he outra couſa mais, que ter muito amor a Deos, ou deſejar ter-lho.* Mas na vida de hum Servo de Deos, como Fr. Antonio, taõ eſclarecido em virtudes, naõ ſerá bem que ſe notem ſombras, e topem eſcuridades, mais que as da Fé, primeira das virtudes.

He a Fé Divina hum credito aſſentado na alma de hum

hum Chriſtaõ dos myſterios de Deos, argumento do que naõ vemos, e ſubſtancia do que eſperamos. Quaõ viva, e quaõ perfeita foſſe a Fé de Fr. Antonio alcança o diſcurſo, fazendo-o pelo de toda a ſua vida. Pois a ſua converſaõ do mundo para a Religiaõ, da largueza para o aperto, da liberdade para a ſugeiçaõ: a negaçaõ de ſua vontade, a pureza de ſua conſciencia, o trabalho de ſuas Miſſoens, o deſejo de converter almas, o rigor de ſuas penitencias, o firme propoſito de naõ reincidir nas culpas, e continuos ſuſpiros pela celeſte Patria, com entranhaveis deſejos de morrer por Chriſto, que outra couſa foraõ mais que argumentos claros, indicios manifeſtos, e hum evidente ſinal de ſua Fé aſſiſtida de perfeita caridade? Aquelle trabalhoſo cuidado de enſinar os myſterios da Fé aos Povos, as oraçoens aos meninos; e naõ acceitando couſa alguma por mimo de ninguem, ſó tomar contas, e veronicas para repartir por paſtores, e ruſticos, que denotava, ſenaõ firmezas de fé, em quem tantos eſpeques lhe punha, para que a naõ arruinaſſe a ignorancia? A cordial devoçaõ á Virgem ſacratiſſima Senhora noſſa, a quem rezava todos os dias a devoçaõ da Benedicta; e em toda a parte introduzio a devoçaõ do ſeu Terço: *E ſem a qual*, dizia, *ninguem teve aberta a porta do Ceo, nem agradou a Deos*; a Santa Thereſa, S. Joſeph, Santo Antonio, S. Franciſco de Sales, S. Franciſco Seraſico, Santa Clara, S. Pedro de Alcantara, e ſuas imagens, adorando nellas as copias em ordem ao original; venerando o que via, para arder em o que cria, teſtimunhos eraõ de ſer ſua fé muito verdadeira. A reverencia, com que adorava a Deos em os veneraveis olhos dos Santos, como pedaços de ſua virtude, e de ſua perfeiçaõ, e partes generoſas de Chriſto Senhor noſſo, que faz com elles hum corpo myſtico na ſua Igreja, e quer que demos aquelle culto á creatura pelo muito, que amou a ſeu Creador, acreditavaõ a fé do Veneravel Padre de Ortodoxa, Apoſtolica, pura, e

Ro-

Romana. As graças, que dava a Deos pelo bom ſucceſſo do ſanto Officio neſtes miſeraveis tempos, em que os meſmos olhos da fé ſe viraõ obrigados a acordar a Chriſto, que parece dormia, para o acharem mais de acordo, e pedir-lhe ſe lembraſſe deſte Reino, e fizeſſe ceſſar a tormenta, que levantára a perfidia Judaica, naõ eraõ argumentos certos de que o bem da fé era o beneficio, porque a Deos ſe conhecia mais obrigado? Eſcrevia de Varatojo em 26. de Setembro de 1681. e dizia aſſim a hum amigo: „ Muitas graças dou a noſſo Senhor pelo bom „ ſucceſſo do ſanto Officio, grande bem foy para eſte „ Reino, eſtando taõ perigoſos na fé outros da Chriſ„ tandade. *Em outra carta*: „ As couſas da Inquiſiçaõ „ ſempre eſperey na bondade de Deos ſe puzeſſem, como „ nelle ſe eſperava, que naõ permitte que a ſua Igreja „ ſe arruine, nem a náo de S. Pedro naufrague. *A hum Fidalgo, que lhe dera a nova do bom ſucceſſo do ſanto Officio*: „ Muitas graças dou a Deos, e a V.M. parabens „ pelo bom ſucceſſo do ſanto Officio; ſendo a cauſa de „ Deos, a reſoluçaõ da Cadeira de S. Pedro; a diligen„ cia do Senhor Arcebiſpo, podia retardar-ſe, naõ „ duvidar-ſe o bom deſpacho. A Arca de Noé cuſtou „ a obra de cem annos, eſte negocio, ainda que nos le„ vou tanto tempo, naõ cuſtou muito, porque a gran„ deza delle, ſendo para bem de tantas almas, e vidas, „ faz parecer pequeno o vulto da tardança. A miſeri„ cordia de Deos, ainda que ás vezes nos veſte o Ceo „ de carrancas, no fim converte os raios em chuva. O „ que importa he darmos graças a Deos por hum taõ „ grande bem do noſſo Reino, e da noſſa fé.

He a Eſperança, ſegunda virtude das Theologaes, huma prenda interior, que põem Deos na alma por ſegurança de que o ha de ir lograr, e louvar na gloria; e conſeguir, e conſervar ſua graça neſta vida mortal, como meio para aquelle fim. Dá-nos o Veneravel Padre a en-

entender o largo deſta ſua eſperança por eſtas palavras a huma Religioſa : „ Quizera eu ter muito tempo para „ ſaber de V. M., a troco de que ſe lembraſſe deſte pec- „ cador, e me pediſſe muitas oraçoens a ellas ſantas Re- „ ligioſas, para que Deos me perdoaſſe meus horren- „ dos peccados, que cada dia ſou digno de maior infer- „ no. Mas ainda aſſim he tal a bondade Divina, que „ nella me alegro, e me animo quanto mais a deſme- „ reço ; porque acho, que ſobre o negro de minha mi- „ ſeria luſtra mais o branco da Divina miſericordia. *Eſcrevendo a outra lhe diz:* „ Peça a Deos lhe dê „ grande fortaleza, e amor, porque muitas vezes me „ vejo mettido no Inferno ; e ſó me naõ vejo nelle „ porque a eſperança ſe naõ perde. Importunando ao Veneravel Padre, como diz o meſmo Manoel Carrilho Roma, já nomeado neſta Hiſtoria, para que lhe diſſeſſe o eſtado, em que andava na materia de eſpirito, pela muita amizade, que havia entre ambos, lhe reſpondeó : *Que tinha humas, como certezas, de que Deos lhe tinha perdoado ſeus peccados, e que o queria ſalvar ; e que ſó entaõ teria verdadeira alegria, e deſcanço eſpiritual, quando Deos o chegaſſe a eſtar com elle taõ unido, que pudeſſe dizer com S. Paulo : Vivo eu, mas naõ eu.* Oh eſperança ſanta, e generoſa, que quanto eſperas, tanto alcanças ! Oh eſperança, ſoccorro de noſſa fragilidade, que quanto alentas, tanto aſſeguras ! Quem póde duvidar da gloria da alma de Fr. Antonio, ſe para ella precedêraõ aquellas como certezas de ſua eſperança ?

Naõ fazemos titulos de mais virtudes, porque o mais naõ termina infinidades. Eſtas nas ſuas virtudes ſaõ mais faceis de crer, que de dizer ; como ſeja certo, que ſaõ cadêas as virtudes dos Juſtos, e cada huma Torre de David, de que pendem mil eſcudos, joya de muitas pedras, que acompanhaõ humas ás outras. Nenhum Santo foy con-

conſummado em huma ſó virtude, ſem que muitas outras lhe ſerviſſem de realce, ou eſmalte. Mayor de todas he a Caridade, mas nem por mayor ſe póde conſiderar na carencia daquellas virtudes, que ou tem por effeitos, ou partes integrantes. Da humildade dizem os Santos Padres, que he o fundamento de todo o edificio eſpiritual, com que toda a virtude, que edifica, ſem eſtar ligada com a Humildade, naõ faz edificio, ſenaõ ruina. Humildade, e Caridade foraõ as duas virtudes, em que mais ſe eſmerou o Veneravel Fr. Antonio; e aſſim, ou por humilde, ou por caritativo houve nelle hum mar de virtudes, hum monte de perfeiçoens, e hum Ceo de luzes. Digamo-lo pelo teſtimunho do Reverendo Padre Fr. Jorge da Magdalena, Deputado do Santo Officio, Padre de ſua Provincia dos Algarves, que deixou o mundo ja feito grande, para ſer Frade de grande nome. Julguey, (diz elle) julguey haver no Veneravel Fr. Antonio grande candura, e ſimplicidade, notavel zelo Chriſtaõ, benevolencia prompta, e igual para com todos, natural benignidade, huma affabilidade ſem diſtracçaõ, grande aborrecimento ao peccado, hum deſprezo do mundo, e de todas as couſas terrenas, huma eſtimaçaõ á pobreza, huma veneraçaõ á obediencia, hum affecto cordial á pureza, e finalmente huma ardentiſſima caridade, fonte de todas as virtudes. Quem jamais ſe chegou a elle, que ſe naõ ſentiſſe trocado, ou melhorado com ſuas exhortaçoens? Quem o converſou, que ſe naõ aproveitaſſe de ſuas practicas? Quem recorreo a elle affligido, ou neceſſitado, que naõ voltaſſe conſolado, ou remediado?

CA-

CAPITULO XIV.

Dom, que teve, de Profecia.

ENtre os muitos, e ineſtimaveis dons, e graças particulares com que o Senhor das virtudes illuſtrou a ſeu Servo Fr. Antonio das Chagas, foy huma, dar-lhe eſpirito Profetico, graça de Profecia. Podemó-lo aſſim dizer com tanta mais certeza, quanta era a ſua diligencia pela encobrir, e qual outro Bautiſta, negar. De varias cartas ſuas colheremos negaçoens de ſuas Profecias. Em huma para huma Religioſa lha nega deſta maneira: „O „que V. M. póde ter de conſolaçaõ, he ſaber de certo, „que ainda naõ ſou Profeta, nem tenho eſperanças de „o ſer: Faça ſe a vontade de Deos, que he o que importa. „ A outra fallando no Capitulo, que ellava para ſe fazer na ſua Provincia, ſe deſnega de Profeta, dizendo: „ Eu bem claro o diſſe a huns, e outros. Faça-ſe a vontade de Deos. Receyo que haja algumas „perturbaçoens da conſciencia. Mas como naõ ſou Profeta, naõ ſe póde fazer caſo dos meus receyos. „ A huma ſua irmaã: „ Folgo muito da conformidade, que „tendes com Deos; porque niſto vou ja vendo que, „ſem ter virtude de Profeta, vos profetizey com a razaõ, „que Deos vos havia de fazer Santa. „ Ao ſeu Confeſſor, e Padre eſpiritual eſcrevia de Amarante: „ Acerca daquella alma, que apertou muito o diabo, naõ me „lembra de tal, e eſtranho muito a V. P. que lhe mettaõ na cabeça aquelloutro ſucceſſo, que me diz ſe diz „por lá. Nem houve tal, nem eu tenho eſſes eſpiritos „de Profecia, nem faço eſſes milagres; e admiro-me „de que haja gente taõ ſimplez, que crea iſſo de leve. V. P.

„ V. P. que me conhece principalmente zombe deſſas „ hiſtorias, e peça a Deos me allumie, e eſperte para „ que me doa de minhas culpas. „ A certa Religioſa, que obſervara algumas profecias ſuas, e lhe dava a entender eſtas obſervancias, increpou o Veneravel Padre com eſtas palavras: „ Faça V. M. por me naõ querer „ Profeta; porque ſe fizer eſtes reparos no que lhe „ digo ſingelamente, nem lhe eſcreverey, nem fallarey, „ porque Deos naõ me tem dado eſte Dom.

De duas maneiras obra o eſpirito de Profecia; ſegundo no lo enſina o Doutor Angelico: ou denunciando por revelaçaõ Divina muito ao certo os ſucceſſos de futuro: ou conhecendo os ſegredos do coraçaõ humano. De huma, e outra ſorte nos daraõ os caſos, que referirmos, fundamento para conſiderar no Veneravel Fr. Antonio aquelle eſpirito.

D. Thom. in Paul. 1. Cor. 12.

A Madre Sor Maria do Salvador, Abbadeſſa do Convento de Santa Clara de Evora, no anno de 1683 depõem por juramento os caſos ſeguintes. Eſtando ella Abbadeſſa, antes de o ſer, muito enferma, e ja ſem eſperanças de vida, entrára o Veneravel Padre no ſeu Convento a pôr, e enſinar a correr a Via ſacra; e porque ella era ſua confeſſada, lhe pediraõ as Religioſas foſſe vê-la, e confeſſá-la á ſua Cella. Foy o Veneravel Padre, e vendo-a lhe diſſe logo: *Que naõ havia de morrer daquella doença, e mais que naõ era Profeta.* Na meſma occaſiaõ, paſſando por onde eſtava doente huma Pupilla, ſem couſa que déſſe cuidado, nem conſideraçaõ de perigo, lhe diſſe: *Que ſuppoſto eſtava feazinha da cara, que eſtava a ſua alma muito formoſa.* E ſuccedeo, que em pouco mais de vinte e quatro horas deo a alma a ſeu Creador. Cujo chamamento denotára o Veneravel Fr. Antonio pela formoſura daquella alma, por ſer coſtume do Eſpoſo Divino encarecer bellezas na eſpoſa quando a chama.

Dona

Dona Maria de Souſa, Religioſa no meſmo Convento, e filha eſpiritual do meſmo Padre, depõem, que tendo-lhe elle apontado algumas penitencias, em que ſe havia de exercitar; lhe ordenou hum dia por carta ſua, que naõ fizeſſe mais as ditas penitencias, porque Deos tinha tomado á ſua conta o dar-lhas. E achando-ſe ella no meſmo tempo bem diſpoſta; logo que teve a carta naõ pode dizer que tiveſſe mais hum ſó dia de ſaude. Donde collegio, que Deos lhe tinha revelado, que a queria penitenciar por ſua maõ.

Acabada a Miſſaõ, que fez o Veneravel Fr. Antonio na Caſtanheira, ſe foy deſpedir das Religioſas do Convento de Santa Clara. Acudiraõ todas á porta para lhe tomar a bençaõ, e huma, que tinha o Habito menos ſaõ, duvidava no ſeu interior de lhe apparecer, e ſe foy deixando ficar para as ultimas, entaõ ſe metteo entre outras, e dando lhe a ſua bençaõ Fr. Antonio, lhe diſſe eſtas palavras: *Madre, com Habito novo, e com Habito roto faça por ſer Santa.* Tomou ella o conſelho, e admirou o eſpirito.

Outras duas daquellas Religioſas lhe pediraõ neſtas deſpedidas, que as encõmendaſſe a Deos, porque hiaõ ás Caldas obrigadas de enfermidades, e achaques. A huma diſſe: *Naõ vá V. M. ás Caldas de nenhum modo*: repetindo-lhe tres vezes eſte conſelho. A outra diſſe: *Vá V. M. que eſpero em Deos, que ha de vir bõa.* E ſuccedeo, que a primeira tomados os banhos morreo, e a ſegunda com o meſmo remedio ſarou.

O Irmaõ Fr. Luiz da Eſtrella aſſiſtente ao Veneravel Padre na ſua ultima doença, vendo que ſe queixava das dores, que padecia, diſſe de ſi para ſi: Tambem Fr. Antonio ſe queixa, e a nós diz-nos que o naõ façamos? Mal tinha murmurado dentro de ſi por eſte penſamento, quando lhe diſſe o Veneravel Padre: *Filho, naõ vos eſcandalizeis por eu me queixar, que me manda a obediencia,*

diencia, para que as minhas queixas guiem as medicinas, e para que deſaffogue a natureza, e ſe veja a minha eſpiritual fraqueza.

Eſtando o Servo de Deos no Confeſſionario da Madre de Deos, foy a elle huma Religioſa com intençaõ de lhe communicar certa materia de ſua conſciencia, mas antes de lhe tocar nella, lhe diſſe elle quanto podia eſperar da reſpoſta, ſe lhe tivera feito pergunta alguma naquella materia.

No meſmo Convento ſe lhe pedio que encomendaſſe a Deos hum negocio de muita importancia, que ſe havia de findar em Janeiro, ſegundo eſtava determinado. Reſpondeo, *que o encomendaria a Deos, para que tiveſſe bom effeito no ſeguinte Mayo.* Pareceo a quem lho pedira, que o Veneravel Padre ſe enganára, ou naõ percebêra bem o tempo, que ſe lhe diſſera havia de ter termo o negocio; mas como conſideraſſe tambem, que naõ fazia ao caſo para as oraçoens, que ſe pediaõ, a circunſtancia do tempo, naõ replicou ao que diſſe Fr. Antonio. E moſtrou o ſucceſſo, que nelle naõ fora engano, nem falta de percepçaõ do que ſe lhe dizia, ſenaõ luz, e conhecimento certo do futuro, porque aquillo, que ſe tinha por infallivel havia de ſer em Janeiro, naõ teve ſeu cumprimento, ſenaõ em Mayo. E do tal negocio naõ ſabia o Veneravêl Padre couſa alguma, mais do que naquella occaſiaõ ſe lhe communicára.

A eſta meſma Religioſa diſſe, a ſegunda vez que lhe fallou, que havia de ter huma tentaçaõ, e tribulaçaõ, de que ella até entaõ naõ tivera experiencia alguma, prevenindo-a com algumas razoens, e defenſivos eſpirituaes para quando a ſentiſſe: paſſáraõ ſe tres annos ſem que a tribulaçaõ vieſſe, e a ultima vez, que lhe fallou, tornou a certificá-la no que lhe tinha dito, pedindo-lhe ſe lembraſſe delle, quando aquella Cruz a carregaſſe. Dahi a hum anno, morto ja o Veneravel Padre, lhe ſobreveyo

veyo eſta tentaçaõ menos moleſta por premeditada, e ſe lembrou do Servo de Deos, que tanto de antemaõ lha denunciára.

Fallando o Veneravel Padre com o Padre Conſtantino Taveira, Conego de Guimaraens, em hum homem conhecido de ambos, por nome Luiz da Silva, diſſe que havia de morrer violentamente, e foy aſſim, que indo a Roma a certo negocio, lá o matáraõ a punhaladas.

Prégando de Miſſaõ em Guimaraens, certa mulher, que vivia com eſcandalo publico, moſtrou que ſe reduzia a melhor propoſito, reformando o traje, retirando-ſe das occaſioens, frequentando as Igrejas, e dando-ſe a extraordinarias penitencias, e recompenſando em acçoens de virtude, quantas obras, e tempos lhe levára a maldade. Edificava-ſe a gente, e como fructo de ſua doutrina deraõ parte ao Veneravel Padre. Mas elle naõ moſtrou que ſe alegrava, dizendo, *que áquellas penitencias havia de faltar a perſeverança.* Como elle o diſſe, aſſim o viraõ todos; porque paſſados poucos tempos tornou aquella mulher a reincidir nas meſmas culpas, porque fizera as penitencias, e como caõ immundo ao ſeu vomito. Sem perſeverança naõ ha luz, que naõ pare em ſombra, nem verdade, que naõ paſſe a figura. A comedia ſe faz Tragedia, e para em luto a alegria.

Miguel de Mello e Sá, indo para a Cõmenda, que tem de Malta, e entrando no Convento de S. Franciſco do Porto, onde fazia o ſeu caminho, ſahio de huma Cella, em que entaõ eſtava, o Veneravel Fr. Antonio, a dar-lhe as boas vindas, por ſerem amigos de muitos annos; mas vendo-o veſtido de luto, e ſabendo delle, que era por morte de ſeu irmaõ Franciſco de Mello, Prior de Ourem de pouco fallecido, o deixou com o Padre Guardiaõ daquelle Convento, pedindo-lhe entretivelle o hoſpede por algum tempo, e neſte ſe foy pôr em oraçaõ a que deo principio huma riia diciplina, e tornando a buſ-

car o dito Maltez com a cara rifonha lhe diſſe : *Alegre-ſe V. M. que ſeu irmaõ eſtá na gloria gozando de Deos , e por ſeu amor lhe peço , que diga que acçaõ fez na morte de tanta humildade , que mereceſſe perdoar lhe Deos o Purgatorio, a que eſtava deſtinado ?* Admirou-ſe Miguel de Mello da pergunta , mas ſatisfazendo a ella diſſe o que ſabia , e vira por eſta maneira. Eſtando meu irmaõ no ultimo da vida me ſegurou que eſtava muito conforme com a vontade de Deos para acceitar a morte, viſto elle naõ ſer ſervido que viveſſe. E pondo a palma da maõ direita , que para eſſe effeito deitára fóra da cama , no lume de huma grande luz de cera , que perto ardia , me foy neceſſario tirar-lha , porque a naõ recolhia ; e eſta acçaõ repetio por muitas vezes , dizendo-me : que aquelle fogo era facil de tolerar , mas que naõ ſabia em que fogo iria arder , tendo merecido por ſeus peccados hum , e muitos Infernos. E ditas eſtas palavras, paſſou deſta vida , para Deos premiar com os logos da gloria aquelle ſeu conhecimento proprio , que na humildade teve o principio , e fez as vezes de Purgatorio , ſegundo o que piamente ſe crê revelou Deos a Fr. Antonio.

Manoel Carrilho Roma, outras vezes citado neſta Hiſtoria , indo hum dia pela manhaã cedo , em que fazia muito frio , a S. Franciſco de Evora buſcar o Veneravel Padre , e pedir lhe encommendaſſe a Deos ſua mulher Joanna de Almeida , que deixára com dores de parto , e ſinaes de perigo , o achou na Sacriſtia reveſtido para dizer Miſſa , e chegando-ſe-lhe communicou o a que vinha com encarecimentos de ſeu aperto , e neceſſidade de valia para Deos lhe dar bom ſucceſſo a ſua mulher , e para melhor o merecer, e impetrar lhe foy ajudar á Miſſa. Nella entrára o Veneravel Padre tremendo de frio , mas tanto que chegou ao Canon, ſe começou a inflammar , e abraziar , dando huns grandes aſſopros , como que ſe anciava com o fogo , que dentro de ſi tinha ; e acabada a Miſ-

Miſſa tornados á Sacriſtia, repetio outra vez Manoel Carrilho a recomendaçaõ da oraçaõ por ſua mulher. Entaõ lhe reſpondeo o ſervo de Deos: *Que já naõ era neceſſaria, que ſe foſſe para caſa, porque nella acharia quem lhe pudeſſe chamar pay em uſando da ſua lingua, e a ſua mulher fóra de perigo, e triſteza, por Deos lhe ter dado huma bõa hora.* O que elle achou em ſua caſa foy tudo o que o Veneravel Padre lhe tinha revelado na Sacriſtia.

De hum dos companheiros, com que ſe fundou o Seminario de Varatojo, prediſſe o Veneravel Padre, que naõ havia de morrer nelle. E paſſado anno e meio depois da ſua morte, ſe deſpedio aquelle Religioſo do Seminario, e ſe tornou a encorporar na ſua Provincia. Dous mezes, e alguns dias mais, que teve de vida depois deſta mudança, foy eſtar em a quinta de hum amigo ſeu perto de Varatojo, e morrendo nella foy enterrado naquelle Seminario; por ſe naõ eſtender o vaticinio de Fr. Antonio, alêm de morto, a ſepultado.

Jorge de Cabedo, filho de Joſeph de Cabedo de Vaſconcellos, Fidalgo da primeira qualidade em Setuval, onde he morador, ſe embarcou na memoravel Armada, que foy a Saboya, e tardando a ſeus pays, irmaãs, e parentes as novas, que de ſeu filho, e irmaõ deſejavaõ ter ſempre bõas, tomáraõ por expediente recorrer ao Veneravel Fr. Antonio; de cujo eſpirito fiavaõ, que alcançaria de Deos as noticias, que naõ tinhaõ por falta de cartas. E pedindo-lhe com muitos rogos, e naõ menos lagrimas, que o encõmendaſſe a Deos, e lhe déſſe bõas novas ſuas: retardou o Veneravel Padre alguns dias o deſpacho deſtas petiçoens, até que na manhaã do S. Joaõ lhe entrou por caſa com cara annunciadora de huma bõa nova, que vinha a ſer eſta: *Senhores tenhaõ VV. MM. grande conſolaçaõ, porque o Senhor Jorge de Cabedo eſteve a noite paſſada colhendo as lampas em terra*

com grande feſta, e eſtá bom. Baſtáraõ eſtas palavras do Servo de Deos, como ſe foraõ as de Tobias, para enxugar na máy, avó, e irmaãs as lagrimas. Tanta era a fé que tinhaõ nas ſuas aſſeveraçoens, e palavras! Vindo o ſuſpirado filho da ſua viagem ſe averigou a verdade deſta noticia, que o Veneravel Padre déra, confeſſando elle ter paſſado a noite de S. Joaõ em hum Lugar chamado Omtiga perto de Villa Franca com ſeus camaradas, e muita feſta, por lhe terem fechado logo á noite as portas daquella Cidade, e Fortaleza.

Ad hanc vocem ceſſavit mater ejus flere, & tacuit. Tob. 5.28

Criſtovaõ de Laſetá, Fidalgo a quem a ſingularidade do ſeu nome dá os reſpeitos de ſua qualidade, eſtando auſente de ſua caſa em hum Lugar, em que tambem ſe achava o Veneravel Padre, eſte lhe deo a entender, que lhe tinha naſcido hum filho com muito bom ſucceſſo da máy. E naõ podendo o Servo de Deos ter delle noticia alguma humana ao tempo, que lhe diſſe, chegando a ſua caſa, achou Chriſtovaõ de Laſetá, que nem ſe enganára o Profeta, nem elle ſe enganava no credito que lhe dava em tudo, o que dizia.

Duas Religioſas do Convento do Caſtello de Moura depõem, que por ſerem filhas eſpirituaes ſuas ſe communicavaõ com o Veneravel Padre por cartas, e que muitas vezes antes dellas lhe pedirem os remedios, ou deſcobrirem os achaques de ſuas almas, lhe mandava elle receitas para as medicinas, proprias daquellas doenças. Hum Donato do Convento da Madré de Deos deſejando cõmunicar ao Servo de Deos algumas couſas de ſua conſciencia, e dar-lhe parte de humas tribulaçoens, em que ſe via, nunca teve tempo no que o Veneravel Padre aſſiſtia naquelle Convento, e indo-ſe para o Hoſpicio, lá o foy buſcar com o meſmo intento, mas igual fortuna, porque toda huma tarde eſteve eſperando que lhe deſſem lugar as viſitas, e occupaçoens preciſas. Vinda a noite, chegou o Veneravel Padre á porta, e lhe

diſſe

diſſe, que naõ eraõ ja horas de lhe fallar, que continuaſſe certo exercicio, que coſtumava, e fizeſſe outros, que lhe apontou, e ſe deſviaſſe de algumas couſas, que tambem lhe advertio; e deſpedindo-ſe ficou o Donato admirado de que ſem lhe haver fallado, nem participado couſa alguma das a que hia, naõ ſó ſoubeſſe o que elle fazia, ſenaõ que lhe aconſelhaſſe o que mais lhe convinha ſem preceder informe de ſua alma. Deſtes caſos ſe pudéraõ accumular muitos, como tambem de peccados que fazia confeſſar a quem por pejo os determinava encobrir, moſtrando que os ſabia pelos geitos, que para iſto dava, e perguntas que fazia; porèm he parte da grandeza de Varoens inſignes naõ comprehender a penna o imenſo de ſuas glorias, o infinito das acçoens de todas as ſuas vidas. Nas dos Juſtos, e Santos ha ainda outra razaõ mais relevante para os Eſcritores deixarem algumas couſas, que pudéraõ accómodar nas ſuas regras, e he, que os taes aſſumptos no Ceo, onde eſtaõ, tem a Deos mais da ſua maõ, e com o ſeu favor obraõ mayores maravilhas na terra, do que obravaõ em vida; e como ſempre as vaõ obrando, naõ falta tambem quem vá eſcrevendo, e accreſcentando ao que eſtá eſcrito, vindo a ſer os ſupplementos creditos dos aſſumptos, ſem deſcredito dos Eſcritores, e ſeus livros.

Authorizemos eſte Capitulo com a copia de huma carta do Illuſtriſſimo Senhor D. Joſeph de Lancaſtre Biſpo de Leiria, que nos eſcuſa de propor a materia, ou accommodá la por ſua muita clareza. Diz pois aſſim a carta: „ O Padre Fr. Antonio das Chagas ſe criou neſ„ ta Cidade de Leiria, onde ſeu Pay foy Juiz de Fóra. „ Naõ ha memoria em que tornaſſe á dita Cidade depois „ de Religioſo, mais que na occaſiaõ, em que ſe acha„ va o Biſpo, que entaõ era deſte Biſpado, com huma „ notavel deſuniaõ com o ſeu Cabido; e fazendo-ſe em „ Lisbõa muy apertadas inſtancias ao Padre Fr. Antonio,

„ para que vieſſe a compô-los, diſſe que ſe bem entendia „ ſer o motivo, porque o perſuadiaõ a eſta jornada, „ muy agradavel a Deos, e de que receberia muito „ grande ſerviço, por ſerem as diſcordias occaſiaõ de „ muitas offenſas ſuas, e por eſta razaõ fomentadas „ ſempre pelo inimigo de noſſas almas, e mais empe- „ nhado em as conſervarem os que occupaõ mayores, „ e primeiros lugares nas Republicas, tomando por mi- „ niſtros os mais eſcandaloſos, que nellas ha, como „ aquelles que ſaõ intereſſados em haver deſunioens, „ por ſerem eſtas as com que encobrem ſeus eſcanda- „ los, e lhes daõ mais liberdade para continuarem em „ ſeus vicios; porque o cuidado, e o tempo que ſó ſe „ devia empregar em os extinguir, e caſtigar, ſe gaſta, „ e perde em procurar a ſatisfaçaõ, e vingança de pro- „ prios aggravos, os quaes muitas vezes ſaõ mais ſup- „ poſtos que verdadeiros; e naõ ſó por conſelho Evan- „ gelico ſe devem perdoar, mas ainda por prudencia „ humana diſſimular, e deſprezar. Sendo eſta obriga- „ çaõ muito mais apertada em os Prelados, que o Apoſ- „ tolo S. Paulo naõ quer que ſejaõ litigioſos, iracun- „ dos, e violentos, encarregando-lhes a benignidade, „ e ſoffrimento nas injurias proprias, para ficarem mais „ livres, e com mayor valor para impedirem as que ſó „ forem contra Deos, e as de que reſultar eſcandalo a „ ſuas ovelhas, e prejuizo das almas, ou notoriamente „ forem contra a immunidade das Igrejas, que lhes eſ- „ taõ encarregadas.

„ Porèm que elle naõ podia dar reſpoſta á inſtancia, „ que ſe lhe fazia, ſem primeiro encommendar a Deos „ eſte negocio, que pelas meſmas razoens referidas pe- „ dia toda a conſideraçaõ; e que a reſoluçaõ delle foſſe „ muito conſultada com Deos, para que ſe ſeguiſſe o „ effeito, que foſſe de mayor honra, e gloria ſua, „ que era o que ſe devia pertender. E depois de alguns

dias

„ dias reſpondeo, que tinha conſiderado, que a ſua vin-
„ da a eſta Cidade naõ havia de ſer de effeito algum,
„ e que neſta ſuppoſiçaõ naõ era juſto perdeſſe o tem-
„ po, que em outras partes podia empregar com mayor
„ utilidade do ſerviço de Deos, e bem das almas. E
„ neſta reſoluçaõ continuou dando muito particula-
„ res razoẽs de tudo, o que havia de ſucceder, e com
„ tanta miudeza, como depois ſe experimentou, naõ
„ havendo circunſtancia, que naõ tiveſſe antecedente-
„ mente premeditado. „ Até aqui a carta do Illuſtriſſi-
mo Senhor Biſpo, abono grande do eſpirito profetico
do Veneravel Fr. Antonio, porque ſe vê della, que as
mais miudas circunſtancias que haviaõ de ſucceder, ex-
primio eſte Servo de Deos, depois de as alcançar pela
oraçaõ, mas muito antes de terem ſer na execuçaõ.

Uſou o Servo de Deos muitos annos de huma cadêa
de ferro, que lhe cingia o corpo, como ja temos dito; eſta
tirava de ſi de tempos em tempos para a alimpar do gado
comichoſo, que no meſmo ferro acha agaſalho. E achan-
do-lha na cella do Convento de Piedoſos de Elvas, onde
o Veneravel Padre ſe recolheo alguns dias, o Padre Fr.
Antonio de Coimbra, Cuſtodio da ſua Provincia o trien-
nio paſſado, lha eſcondeo. E vendo ſeu companheiro Fr.
Fernando, que naõ apparecia, moſtrou ter diſto ſenti-
mento. Diſſe-lhe entaõ o Veneravel Fr. Antonio: *Dei-
xay, Deos prenderá com ella algum lobo.* Mudou logo
o ſobredito Fr. Antonio de Coimbra de eſtylo no prégar;
e ſe começou a ver, que era Catena Aurea a ſua doutrina.
He a virtude dos Santos a verdadeira alquimia, pois do
ferro faz ouro, da terra Ceo, da pobreza riqueza, da en-
fermidade valentia, dos trabalhos deſcanço, das penas
azas, das injurias liſonjas, da morte vida, da paciencia
gloria, e dos meſmos roubos ganancias.

No anno de 1675 diſſe a huma Religioſa do convento
da Madre de Deos, que ſe preparaſſe para huma pena,

que havia de ter brevemente, e como ſe tinhaõ por oraculos as ſuas palavras, ſe foy a Religiola diſpondo, e reſignando na vontade de Deos para tudo, o que elle permittiſſe: e eſta prevençaõ lhe ſervio para levar com mais conformidade a morte de ſua mãy, que falleceo quatro mezes depois do aviſo do Veneravel Padre.

No meſmo anno eſtando a Marqueza das Minas, Dona Maria Magdalena de Noronha, deſconfiada dos Medicos, e naõ havendo peſſoa alguma, que tiveſſe eſperanças da ſua vida, diſſe o Servo de Deos na grade do Convento da Madre de Deos, que naõ havia de morrer a Marqueza daquella doença, e prevaleceo eſte ſó voto da vida para a ter a Marqueza.

Em o mez de Settembro do anno acima, mandando o Medico do ſobredito Convento ungir a Madre Sor Catharina das Chagas, filha de D. Franciſco Tello de Menezes, e Abbadeſſa que tinha ſido duas vezes com oitenta annos de idade, e ſobre eſta doença da velhice, huma febre maligna com delirios, e os mais ſymptomas perigoſos, que acabando a vida por inſtantes fazem parecer, que ſe morre a cada inſtante. Diſſe-ſe o eſtado da moribunda ao Veneravel Padre, que aſſiſtia no Convento naquelle tempo, e reſpondendo elle, *que a tinha encommendado muito a Deos aquella noite, e cria que naõ havia de morrer*, lhe pegáraõ da palavra, e fizeraõ algumas perguntas, a que reſpondeo ſorrindo-ſe: *Aſſim mo diſſeraõ. Foy hum ſonho; naõ façaõ caſo diſſo, mas eſpero em Deos que ha de viver.* Viveo, e o dito de Fr. Antonio ſe cumprio. Depois, todas a vezes, que elle vinha áquelle Convento lhe dizia Sor Catharina: Quando V. R. tornar a eſte Convento naõ me achará ja viva. E huma deſtas vezes lhe reſpondeo o noſſo Vidente: *Sim hey de achar a V. R. quando tornar, e eu hey de morrer primeiro.* Aſſim foy, que tendo Fr. Antonio trinta e hũ annos menos de idade, que a dita Religioſa, e

naquel-

naquelle tempo ſaude muito perfeita, lhe tomou a dianteira no correr para a outra vida.

No anno de 1677. eſcreveo a Abbadeſſa do meſmo Convento a Madre Sor Maria Magdalena, irmaã do Conde da Ericeira D. Fernando de Menezes, cuja virtude, e eſpirito faz merecedora aquella illuſtre Caſa de quanto ſe admira nella, ao Veneravel Fr. Antonio, que miſſionava no Minho, com alguma deſconſolaçaõ de que tiveſſem paſſado ſette annos, ſem lhe virem Noviças, que encheſſem onze lugares, que eſtavaõ vagos, com grande detrimento de huma Communidade pequena, que acode pontualmente a todas as horas do Coro, e ſerviço do Convento, pois ſendo todas Senhoras; todas ſaõ ſervas das ſervas de Deos, que vale tanto como humas das outras, e naquella occaſiaõ para ſe ſentir mais a falta, ſe achavaõ muitas dellas impoſſibilitadas por doença. Reſpondeo-lhe o Veneravel Padre: *Naõ ſe deſconſole V. R. que eſtou vendo entrar por eſſe Convento huma frota de Noviças.* Foraõ nove as que entraraõ brevemente, ſem que houveſſe noticia, ou eſperanças de algumas, nem elle as podia ter naturalmente, porque as meſmas Noviças eſtavaõ áquelle tempo bem fóra de o querer ſer em tal Convento, e aſſiſtindo elle á entrada de huma dellas no anno de 1679, e fazendo hum Sermaõ diante da Rainha, que tambem aſſiſtia áquelle acto, perſuadio muito a algumas ſenhoras do ſeu ſequito a ſeguir o exemplo da que deixava o mundo, e abraçar-ſe com o Senhor crucificado, que tinha nas mãos. E logo convertendo a exhortaçaõ para huma daquellas Senhoras, lhe diſſe: *Que para ella ſe encaminhavaõ particularmente as ſuas vozes, que ſe naõ fizeſſe ſurda para ouvir o que Deos della queria, e ſe ficaſſe logo naquella Caſa, pois nella havia de ſer Freira.* Reſpondeo, que havendo de o ſer, reſoluta eſtava o ſê-lo em outro Convento. Perſiſtio o Servo de Deos no que tinha

nha dito, e ella variou na reſoluçaõ de eſcolher outro Convento, com que dentro de dous mezes entrou no da Madre de Deos, dando com a ſua entrada gloria a Deos, admiraçoens aos homens, que a naõ eſperavaõ, e creditos de Profeta a Fr. Antonio, que naõ ſó eſperava contra a eſperança, ſe naõ que via as entregas na meſma reſiſtencia, e as vontades na meſma repugnancia.

A huma Abbadeſſa do meſmo Convento, diſſe: *Que no ultimo anno do ſeu triennio havia de ter hum trabalho*; e em duas occaſioens que teve de pena, lhe perguntou, ſe era aquelle o trabalho, que lhe tinha anteviſto; reſpondeo: *Que naõ, nem era couſa, que tocaſſe á Communidade, porque ſó ella a havia de ſentir.* E veyo a ſer huma conſideravel doença, que lhe deixou humas dores continuas, e entendeo foy o trabalho, que o Servo de Deos lhe tinha denunciado, e naõ pode ſaber delle, por o levar Deos no meſmo tempo.

Em Outubro de 1681, eſtando ja doente em Varatojo, e com grandes vertigens, lhe repreſentou hum amigo ſeu a pena, que tinhaõ as Religioſas da Madre Deos de lhe faltar a ſaude, de que dependia o bem de tantas almas. Reſpondeo: *Que ainda havia de ir áquelle Convento agradecer as Madres eſta caridade, e que todas as Religioſas o haviaõ de ver.* No Março do ſeguinte anno, dia de S. Joſeph, fez oraçaõ na Igreja do dito Convento, e foy viſto de todas as Religioſas, porque até huma, que eſtava entrevada, fora levada em cadeira ao Coro naquelle dia.

Na ultima alleviaçaõ, que fez no meſmo Convento em Agoſto de 1682, diſpôs muitas couſas por differente modo do que coſtumava, e chamando a Abbadeſſa, e outras Religioſas das mais antigas, lhe advertio algumas couſas, que convinhaõ para mayor perfeiçaõ. A outras diſſe expreſſamente: *Que naõ havia de tornar mais*

áquelle

aquelle Confeſſionario. E a huma, *que ſe deſpedia della para huma jornada taõ larga, como era a da outra vida.* A's mulheres, que ſervem de fóra, indo lhe tomar a bençaõ, diſſe do pateo: *Que o encommendaſſem a Deos, porque naõ havia de tornar mais aquelle Convento.* Nem tornou, porque dentro de dous mezes acabou eſta vida mortal.

No anno de 1675 eſtando o Veneravel Padre na cella do Confeſſor do Convento da Madre de Deos o Meſtre Fr. Joaõ de Santo Eſtevaõ, practicando ſobre materias do ſerviço de Deos, lhe louvou o Meſtre tê-los elle feito grandes, e accreſcentou, que para os continuar lhe havia o meſmo Senhor de dar muita vida, e muito da ſua graça. Ao que reſpondeo: *Iſto naõ mais ſeis, ou ſette annos de vida.* Naõ cahem no chaõ as palavras, que cortaõ pelo coraçaõ, nem leva o vento as que carrega o ſentimento. Moſtrou que o tinha o Confeſſor do termo, que o Veneravel Fr. Antonio punha á ſua vida, coſtumado a cumprir ſua palavra. E naõ menos moſtrou elle que ſentia ter-lhe ſahido aquella pela boca, diante de quem lha tomava em profecia. Acudia a diſtançá-la com razoens para naõ poder ter larga vida, aſſim pela largueza, com que no mundo vivera eſtragando-a, como pelo exceſſivo trabalho do continuo prégar, e miſſionar, em que ſe exercitava. Paſſaraõ-ſe os ſeis annos, e aos ſette, que prefinia o de oitenta e dous o levou Deos.

Practicando com o meſmo Confeſſor na ſua cella hum dia antes de ſe partir do Convento da Madre de Deos na ultima alleviaçaõ, que nelle fez, diſſe, depois de aſſentarem ambos em algumas couſas concernentes a ſeus eſpiritos, e obrigaçoens: *Porque eu naõ tornarey aqui mais.* Turbou-ſe o Meſtre Confeſſor em eſpirito naõ ſó pelo que lhe ouvia, ſenaõ tambem pelo que lhe tinha ouvido annos antes, e nós temos referido proximamente; e conferindo no ſeu coraçaõ humas, e outras palavras, temeo

logo

logo o que creo das primeiras, e deo por conſummada a vida de Fr. Antonio nas ultimas. Tem reſquicios, porque ſe dá a conhecer a luz, e tem ſinaes, porque ſe dá a entender a dor, por mais que a queiraõ eſconder. Reparando nelles o Veneravel Fr. Antonio, diſſe para o Confeſſor: *Que galante couſa ſerá ſe V. R. tiver iſto por profecia?* Divertio o Confeſſor a practica reſpeitando a ſua modeſtia; mas naõ pode divertir a magoa de acabar taõ depreſſa huma vida, que poſto enchelle em breve muitos tempos, eſvaecia as eſperanças, e fruſtrava os deſejos de quantos lha quizeraõ muito comprida para gloria de Deos, e ſua propria melhora. Mas ſahio certa a profecia.

O Doutor Ignacio Freire de Andrade, Prior do Machial deſte Arcebiſpado, indo prêgar o Veneravel Padre á ſua Igreja, fez hum concerto com elle de ſe encomendarem a Deos reciprocamente todos os dias. Faltou o Prior da ſua parte, porque nem hum ſó dia ſatisfez á promeſſa. Tornando o Servo de Deos ao Machial, diſſe Miſſa na Igreja, e quando levantava a Deos cahio o Prior no ſeu deſcuido, e de mais de ſe arrepender interiormente delle, propôs comſigo de o revelar ao Veneravel Fr. Antonio. Acabada a Miſſa, pedio-lhe foſſe jantar com elle, porque tinha certa couſa que lhe dizer. Eſcuſou-ſe o Veneravel Padre a offerta, que lhe tinhaõ feito com os Religioſos do Convento da Ordem, que alli ha: E *que quanto á couſa, que lhe queria dizer, elle a ſábia ja, e era que levantando a Deos ſe lembrára de que naõ tinha cumprido a ſua palavra, e contrato, que entre ambos ſe aſſentára.* Ficou o Prior confuſo, e attonito de que Deos revelaſſe o ſeu penſamento a Fr. Antonio; e foy o menos que fez botar-ſe lhe aos pés, pedindo-lhe perdaõ daquella culpa, que deitava á ſua memoria.

Havendo dous annos, que a Madre Sor Luiza da Conceiçaõ, filha do Conde de Val de Reys, lhe naõ fallava, nem-

nem escrevia por andar nas Missoens da Beira, o Veneravel Padre lhe escreveo nesta fórma: *Entendo que este he hoje o estado do espirito de V. M.* (referindo-lhe cinco cousas que ella sentia) *e que deve fazer este exercicio &c. E posto que agora passe mal, cedo se achará melhor*, e assim succedeo. E vindo depois ao confessionario, fallando-lhe a dita Religiosa nesta materia com veneraçaõ de sua intelligencia, lhe respondeo o Servo de Deos, *que quando lhe escrevera se puzera aos pés de hum Christo, e que ahi dictára a carta; mas que como isso fóra, nem o sabia, nem ja lhe lembrava.* Quem senaõ admira de S. Paulo dizer, que naõ sabe se foy arrebatado ao terceiro Ceo, dentro, ou fóra do corpo! Mas este he o saber dos Santos, fazer-se nescios no que póde ser materia para louvores proprios. Crivel he, que posto o Veneravel Padre aos pés daquelle Christo, ouvio as palavras, que elle aos mesmos pés dizia á Magdalena, quando em outro tempo a instruhia para ser huma das maravilhas da Graça: porque em ordem á perfeiçaõ das almas taõ altos póem os pontos a humas, como outras. E o mesmo que dizia vivendo neste mundo, he o que nos encõmenda no seu testamento depois de crucificado.

Luc. 10. 39 Estote ergo & vos perfecti sicut Pater vester celestis perfectus est. Mat. 5. 45.

CAPITULO XV.

Dons de Deos, e graça sua para curar enfermidades, que houve no Veneravel Fr. Antonio.

ORdena-se o poder de fazer milagres, tanto para a Fé, como para a doutrina. Fez Deos muitos milagres na sua primitiva Igreja, para que sua fé se creste por milagrosa, e faz Deos milagres pelos seus Prégadores

dores, para que a ſua doutrina ſe abrace, e ſe ouça, e ſe accredite. Prégavaõ os Apoſtolos, e Deos cooperava com elles, confirmando a teſtimunhos de portentos, e maravilhas, que aſſombravaõ a terra toda, quanto elles
Marc. ult. diziaõ de palavra. Prégava o Veneravel Fr. Antonio, e prégava taõ ſaã doutrina, que ninguem duvidou foſſe doutrina de Deos por verdadeira, e ſalutifera. Seguiaõ-ſe effeitos maravilhoſos de ſeus ſermoens, e ſendo a doutrina, que enſinava, conhecidamente de Deos pelos effeitos, effectivos havia de ter os poderes de Deos, para os prodigios. Diremos de alguns, porque naõ vieraõ á noſſa noticia todos, e alguns ſem aquella legalidade, que era neceſſario para termos confiança de os pôr neſta Hiſtoria. Que vay muita differença de Eſcritor a Pintor, eſte pinta no painel o milagre, que lhe contaõ, ſem averiguar a verdade, por eſta naõ ſer de eſſencia da pintura; mas o Eſcritor ha de fazer por apurar a verdade do que eſcreve, primeiro que eſcreva o que ſe lhe conta; porque ſem verdade a hiſtoria he novella, e todo livro fabula, enredo, e quimera, de que ſó ſe ſerve a poeſia. Vem-ſe milhares de milagres nas paredes, porque ſe trata ſó de encher paredes com milagres; achando-ſe muitas vezes graça, no que huma foy actuaçaõ, e bondade da natureza. Por certidoens, e depoimentos jurados conſta o que eſcreveremos agora.

Joſeph da Coſta Tavares, Sargento Mayor da Comarca de Sylves, e morador em Villa-Nova de Portimaõ, Reyno do Algarve, tinha huma mulata havia ja annos taõ cortada de terriveis accidentes, que lhe davaõ a cada paſſo que ſe via no da morte por qualquer accidente. Naõ tinhaõ aproveitado as curas, mais que para eternizar a doença; eraõ de balde as medicinas, reſoluto o mal a naõ obedecer a ellas: com que deſeſperado o remedio humano, trataraõ os ſenhores da mulata de implorar o Divino, que ſendo o primeiro ſempre, noſſa pouca fé o conta por ulti-

ultimo. Pediraõ ao Veneravel Padre com encarecimento igual ao amor, que tinhaõ á enferma por ſeu bom ſerviço, que lha encõmendaſſe a Deos, e toſſe ſervido de lhe deitar a ſua bençaõ. Chamou elle a mulata, e mandando-a pôr de joelhos, e benzendo-a com humas palavras, que naõ percebêraõ os circunſtantes, (baſtava ſerem Latinas, para naõ ſerem entendidas) deo-lhe depois diſto a ſua bençaõ, e lhe diſſe: *Mando-vos em nome de Deos todo Poderoſo, que naõ tenhais mais accidentes, nem vos torne a perſeguir eſte mal.* Obedeceo o mal taõ pontualmente, que nunca mais teve a mulata accidentes.

Outro caſo mais de accidentes, mas o meſmo na ſubſtancia, curados aſſim meſmo por palavras, e obediencias de Fr. Antonio nos dá o Convento da Madre de Deos, onde he ſervente de fóra a irmaã Cecilia de Jeſus; á qual deo hum medonho accidente, que tirando-lhe o juizo a obrigava a fazer couſas ſem elle. Chamou-ſe o Veneravel Padre, que naquelle tempo aſſiſtia no meſmo Convento para as funçoens muitas vezes ja declaradas; e laſtimando-ſe elle do eſtado em que punhaõ os accidentes áquella enferma, que cinge o habito com virtude, lhe mandou por ſanta obediencia, que naõ tiveſſe mais accidentes. E perdêraõ elles a confiança de lhe dar muitas vezes; nem ella ſoube mais, que couſa elles eraõ, havendo vinte e ſette annos que ſe lhe tinhaõ feito conhecidos.

No meſmo Convento huma Religioſa, a quem diſſemos devia o Veneravel Fr. Antonio eſtas memorias, e que naõ quer ſeu nome impreſſo, mais que no livro da vida, tinha huma chaga dentro de hum olho, e ſem que lha pudeſſem curar quantos remedios applicáraõ os Medicos, continuando as dores a pezar dos linitivos. Soube-o o Servo de Deos em Ponte de Lima, onde ſe achava de Miſſaõ no anno de 1678, e eſcrevendo á dita Religioſa, lhe receitou a ſeguinte medicina: *Sare V. M. que*

aſſim

aſſim lho mandou por obediencia, e peça a Deos que lhe dê ſaude, que eu em ſeu nome lho mando. Recebida a carta, foy-ſe logo a Religioſa ao Coro fazer a petiçaõ, que ſe lhe ordenava, e ſarou da ſua chaga ſem mais outra medicina. E dando conta do ſucceſſo ao interceſſor de tamanho beneficio, lhe reſpondeo: *Louve ve, V. M. a Deos por lhe dar a entender, que até para o corpo he bom obedecer.* Aſſim curava eſte milagroſo Medico os males da natureza, que vinhaõ a ſer os ſeus remedios diſpoſiçoens para a graça, preſervativos da culpa, recommendaçoens da obediencia, e advertencias para as almas. Ao Paralytico mandou Chriſto carregar ás coſtas o ſeu leito para moſtrar que tinha poder para perdoar peccados, que ſaõ de Deos os milagres, cujo fim ſaõ eſpiritualidades.

Mat. 5. 9.

O Padre Fr. Joaõ da Aſſumpçaõ, Confeſſor das Deſcalças do Calvario de Evora, depõem, que da primeira Miſſaõ do Veneravel Padre em Setuval, pedira hum homem daquella Villa a ſeu companheiro o Padre Fr. Fernando da Conceiçaõ, quizeſſe fazer com o Padre Fr. Antonio foſſe a ſua caſa deitar huma bençaõ a ſua mulher, que eſtava ja ſem falla, e no ultimo de ſua vida. Propôs-lhe o companheiro a afflicçaõ do pobre homem, e a conſolaçaõ que ſe propunha em a bençaõ que lhe pedia para a enferma, accreſcentando por motivo mais forçoſo, que podia ſer neceſſidade de confiſſaõ, ou ao menos reconciliaçaõ, pelo que pedia foſſem viſitar a aquella enferma. Foy, e dando-lhe por bõa entrada a beijar o Santo Crucifixo, que comſigo trazia, e começando logo a mulher a fallar fez hum Acto de Contriçaõ pelo dictame do Veneravel Padre, e elle algumas commemoraçoens por ſua ſaude. E ſahindo para fóra, diſſe a elle depoente, que naõ havia de morrer a mulher daquella enfermidade. Paſſados oito dias, indo elle Fr. Joaõ pelas ruas, em que iſto ſuccedêra, perguntou por aquella mulher ſe era morta,

ta,

ra, ou viva? E ſoube eſtar ja ſãã, e fóra de todo perigo, mas muito reconhecida da mercê, que Deos lhe fizera por oraçoens do Padre Fr. Antonio.

O Licenciado Henrique da Coſta, Medico no Trucifal, e aſſiſtente em Coimbra no Tempo, que foy de Miſſaõ a ella o Veneravel Padre na era de 1677 depõem os caſos ſeguintes. Eſtava doente na meſma occaſiaõ no Collegio de S. Boaventura da Provincia dos Algarves hum Religioſo por nome Fr. Manoel de S. Joſeph, o qual padecia alguns achaques gallicos, adquiridos no ſeculo, como chagas, e puſtulas nos cantos da boca, e peſcoço. E ouvindo dizer que ſarava de qualquer eſpecie de morbo gallico quem tomava o Mercurio doce, o tomou em quantidade de quinze grãos, ſem nenhuma preparaçaõ, e diſpoſiçaõ para o tal medicamento; e por iſſo lhe deo huma ſupurgaçaõ, que durou quarenta e oito horas continuas. E vendo ſe naquelle evidente perigo de vida, chamou o Veneravel Padre para ſe confeſſar com elle, e tomar o Santo Viatico. Acudio elle, naõ ſó a ſeu chamado, mas ao ſeu perigo, porque dizendo-lhe, *que tiveſſe grande pezar de haver offendido a Deos, e que elle lhe daria graça, e ſaude muito perfeita*, lhe deitou por muitas vezes a ſua bençaõ, e foy ella tanto de Deos, que o enfermo amanheceo ao outro dia ſaõ, e nunca mais teve queixa alguma do ſobredito mal, dando muitas graças a Deos por tamanho beneficio, e a Fr. Antonio pelo livrar de mal taõ perigoſo, como fora o ſeu remedio. Em Lycaonia foy tido S. Paulo pelo Deos Mercurio, e cuſtou-lhe muito tirar eſta opiniaõ do povo, moſtran- Act. 14. 12
lhe com razoens muito efficazes, que elle era homem como os demais, e Mercurio naõ era Deos, ſenaõ quanto o faziaõ os homens. De maneira, que S. Paulo era contra Mercurio, e contra era Fr. Antonio, como temos viſto no ſucceſſo referido.

No meſmo tempo vindo o Veneravel Padre de praticar

no Convento de Cellas, lhe ſahio huma mulher com hum menino nos braços ſem movimento algum de vivo, dizendo com grande ancia: Padre ſanto, day ſaude a meu filho. Reprehendeo-a o Servo de Deos por chamar ſanto ao mayor peccador do mundo, e foy andando ſeu caminho: Inſtou a mulher com gritos, e rogos exceſſivos, que moveraõ a huma multidaõ de eſtudantes, e Religioſos, que acompanhavaõ ao Veneravel Fr. Antonio, para lhe pedirem que deitaſſe a ſua bençaõ ſobre aquelle menino: condeſcendeo elle com os rogos, e foy o meſmo cobrir a ſua bençaõ o menino, que elle pegar no peito da mãy, e acclamarem todos a Fr. Antonio por milagroſo.

A mulher de Bento da Mota, morador neſta Cidade, padecia annos havia hum grande mal em hum dos peitos, accinte até entaõ dos remedios, mas occaſiaõ para Fr. Antonio moſtrar, que com a graça de Deos era ſobre todos. Pedio a enferma licença a ſeu marido para mandar chamar o Servo de Deos a ſua caſa, e foy o recado, que importava dar-lhe huma palavra. Como eſtavaõ por diante mayores ſerviços de Deos, em que elle ſe occupava, lhe reſpondeo, que eſſa palavra lhe podia vir dar na Igreja onde ella o acharia. Veyo a enferma á Igreja do Convento de Xabregas, onde entaõ reſidia o Servo de Deos, e depois de ſe confeſſar com elle, lhe pedio por amor do meſmo Senhor, que puzeſſe a ſua maõ ſobre o peito achacado. Naõ foy poſſivel conſeguî-lo; mas como inſtaſſe com lagrimas, e demonſtraçoens de deſconſolaçaõ: pegou o Veneravel Padre no Chriſto, que trazia ao peſcoço, e lho chegou ao peito, dizendo, *que o Senhor tudo fazia, e ſó elle a podia remediar.* Como em effeito remediou, porque deſde aquella hora ſe ſentio livre do achaque ſem nenhuma outra medicina. E publicáraõ marido, e mulher eſte maravilhoſo ſucceſſo por deſaffogo de ſeu contentamento, e credito da virtude do Veneravel Fr. Antonio. Foy huma das teſti-

teſtimunhas de ouvida ao Bento da Mota, D. Joaõ da Silva, igualmente Ceſar no tudo, e no nada, que quiz em ſua vida.

Demos agora lugar a huma certidaõ jurada do Padre Luiz Alvarez, Sacerdote do Habito de S. Pedro, morador no Lugar do Trucifal, termo da Villa de Torres Vedras, que proſegue no theor ſeguinte: Certifico, que padecendo eu grande enfermidade nos olhos, e tal, que nem podia ler, nem eſcrever couſa alguma por mo naõ conſentirem as dores, e naõ me aproveitando ſangrias, purgas, e outros medicamentos, que por eſpaço de hum anno me applicavaõ os Medicos, mandando-me ultimamente abrir fontes, e deixar os eſtudos por naõ perder de todo a viſta. E outro ſim mais padecia grandes flatos na cabeça, que me davaõ duas, e tres vezes cada dia com tanta força, que para naõ cahir no chaõ me encoſtava, ou aſſentava primeiro, e ſe me hia a viſta dos olhos com ſuores por todo o corpo. E vindo neſte tempo, que haverá ſette annos, pouco mais, ou menos, prégar a eſte Lugar o Padre Fr. Antonio das Chagas, (cuja alma creyo inffallivelmente goza da viſta de Deos) eſtando eu quaſi deſconfiado de achar remedio a eſtes achaques, que tenho dito, e fiando-me nos merecimentos de ſua virtude, diſſe a hum tio meu, em cuja caſa o dito Padre aſſiſtia, que me parecia que ſe Fr. Antonio me puzeſſe a maõ pelos olhos, e cabeça, e me lançaſſe a ſua bençaõ, q̃ havia de ter ſaude; e que aſſim eſtava reſoluto a lhe pedir me fizeſſe eſte favor, mas indo para lho pedir tres, ou quatro vezes, de todas deixey de o fazer, por me parecer que a ſua rara modeſtia naõ conſentiria que eu fiaſſe tanto de ſua virtude, e merecimentos, que me perſuadiſſe a que por elles alcançaria ſaude. E determinado finalmente a lhe naõ dar eſta moleſtia, e vindo-ſe chegando a noite offenſiva do meu achaque, me deſpedi delle, e indo a beijar-lhe a manga, me correo elle a maõ pe-

los olhos, e ma chegou á cabeça, e deitou a ſua bençaõ, ſem que eu lhe pediſſe couſa alguma deſtas, e aſſim juro in verbo Sacerdotis, que o que eu lhe queria pedir, iſſo meſmo me fez, ſem que eu lho pediſſe por palavras, nem déſſe a entender com ſinaes externos. E recolhendo-me eu para caſa atonito, e contente ſobre modo de me ter feito aquillo meſmo, que eu lhe queria pedir, dahi em diante logrey taõ perfeita ſaude nos olhos, que nem fiz fontes, nem deixey de continuar os meus eſtudos, como me aconſelhavaõ os Medicos. E nunca mais me repetio a tal enfermidade, antes tenho perfeita viſta, ſem dor alguma nos olhos. Dos flatos naõ melhorey taõ repentinamente, como dos olhos, mas pouco a pouco ſe foraõ gaſtando, com que de todo eſtou livre delles. O que tudo attribuo á maõ do Padre Fr. Antonio das Chagas, e aos ſeus merecimentos. E por ſer verdade todo o ſobredito, paſſo eſta certidaõ, e a juro in verbo Sacerdotis. Trucifal 28 de Fevereiro de 1683.

O Padre Luiz Alvarez.

Na Villa de Peniche eſtava Maria Farta, mulher de Antonio Franco de Abreu, depois de oito mezes de cama, e naõ ter que applicar a medicina, de todo tolhida, e mirrada, tendo ja por morte a vida, e a vida por morte prolongada, quando indo prégar hum ſermaõ dos Irmãos Terceiros o Veneravel Padre á meſma Villa, foy levado áquella caſa pelos Religioſos do Convento de S. Franciſco, que álèm da devoçaõ lhe confeſſaõ obrigações. E pondo-ſe o Veneravel Padre á cabeceira da enferma, fez huma commemoraçaõ, e quando foy ao dizer da oraçaõ ſe elevou tanto nella, que perguntou, tornado em ſi, ao Guardiaõ, que o acompanhava, até onde a tinha rezado? Diſſe lho o Guardiaõ, e elle a proſeguio até o cabo, e diſſe á enferma: *Naõ ſe agaſte, irmaã, que eu pedirey a Deos nas minhas oraçoens, tal qual*

ſou

ſou, que ponha ſeus divinos olhos nella; e vindo para a caſa de fóra diſſe a ſeu marido: *Irmaõ Miniſtro dos Terceiros, naõ ſe deſconſole, que daqui a tres, ou quatro dias a ſenhora Maria Farta ha de ter ſaude, ponha-lhe eſta medida do Santo Sudario da Madre de Deos.* Pos-lhe a medida, e Deos, que naõ coſtuma dar por ella, a deo neſta occaſiaõ taõ acogulada de ſaude naquella caſa, que ſe vio logo a enferma farta de ſaude, e Farta de nome.

Non enim ad menſuram dat Deus. Joann. 3.

O Padre Lucas de Mattos, Sacerdote de Miſſa, e morador no Lugar de Ponte do Rol, termo de Torres Vedras, depõem na inquiriçaõ tirada pelo Ordinario naquella Villa, que attribuio ſempre á virtude, e merecimentos do Veneravel Fr. Antonio das Chagas, o ſarar de repente de hum grande achaque, que lhe durava havia mais de hum anno em huma perna, por lhe ceſſar o tal achaque no tempo, que ſe apartou do dito Veneravel Padre, e da ſua companhia, em que andára ſeis dias; e ter comido couſa, que elle lhe deo pella ſua maõ; a qual poſto que acceitou, e comeo na fé de que lhe faria bem por virtude de quem lha dava, era totalmente oppoſta ao achaque da perna, e que a ſua fé o naõ enganára, porque elle ſarára ſem outra diligencia.

Dona Antonia, mulher de Manoel Ribeiro, moradora na Villa de Torres Vedras, depõem, que andando pejada de ſeis mezes, mas ſem indicio exterior do ventre avultado, nem ſentimento de que trouxeſſe em ſi creatura viva, a apertára muito a conſideraçaõ de poder ſucceder-lhe o que a huma parenta ſua, que pario bichos por criança. E naõ ſabendo o que fizeſſe para ſe livrar deſta peneſa aprehenſaõ, lhe occorreo ir buſcar o Servo de Deos a Varatojo, e cõmunicar-lhe a ſua affliçaõ, pedindo-lhe ſuas orações, para que Deos lhe déſſe melhor ſentença do que tivera ſua parenta. Foy a Varatojo, e dizendo-lhe os Religioſos, que o Padre Fr. Antonio eſtava ja taõ deſcahi-

cahido da doença, que nem deícia á Igreja, ſe lhe dobrou a pena, e creſceo a ancia, tomando ja por principio da deſgraça, que temia, faltar-lhe o remedio, que buſcava, e finalmente ſe reſolveo em naõ ſahir da Igreja, ſem que os Religioſos lhe trouxeſſem o Veneravel Fr. Antonio para lhe fallar, e tomar a bençaõ. Pode a importunaçaõ com Deos, e por iſſo pode Fr. Antonio levantar-ſe, e vir á Igreja conſolar aquella afflicta. Depois de a ouvir, ſe virou para o Altar Maior, e feita huma breve oraçaõ, fez o ſinal da Cruz ſobre ella, a petiçaõ ſua, e lhe diſſe: *Que ſenaõ deſconſolaſſe, que lhe havia de dar Deos huma bõa hora, e havia de parir hum Servo do Senhor.* Foy-ſe D. Antonia para caſa, e antes de chegar a ella ſentio maiorias no ventre, em tal fórma, que ſeu marido fez reparo, e contando-lhe o que tinha paſſado com Fr. Antonio, eſperáraõ ambos ſem duvida alguma o cumprimento da promeſſa; e naſcendo-lhes hum filho, naõ lhe cuſtou tanto a parir como os outros, e foy o mais manſo, e bem aſſombrado de todos. Reſta ſó ſer Servo do Senhor; porèm eſte, que lhe deo o ſer, lhe dará graça para o ſervir.

Marianna de Oliveira, moradora na Villa de Setuval, havia tres dias, que eſtava de parto, e ja com a candêa na maõ depois de ungida: paſſava neſte tempo pela ſua porta o Veneravel Padre, chamaraõ-no a toda apreſſa os pays da moribunda, para que lhe encomendaſſe a Deos a alma de ſua filha, ou ſe Deos foſſe ſervido dar-lhe vida, foſſe elle a valia. Lançou-lhe o Servo de Deos as ſuas contas ao peſcoço, e fazendo oraçaõ por ella, pario logo hum menina morta, e a mãy ſe vio livre do perigo, dando todos os que alli ſe acharaõ graças a Deos pelo muito que ouvia a ſeu Servo.

Depõem o Reverendo Fr. Ambroſio da Conceiçaõ, Definidor actual da Provincia dos Algarves, e companheiro que foy do Veneravel Padre por muitos annos,

que

que eſtando com elle de Miſſaõ em Coimbra, e Collegio de S. Boaventura, viera a elle hum Domingos Ribeiro, Rendeiro das ſizas da meſma Cidade, com hum filho ſeu enfermo, e entrevado havia ſeis mezes, que lhe tinha gaſto muita fazenda ſem aproveitar nada na cura, e agora vinha nos braços de huma moça, por ſer de menor idade. E pedindo ao Servo Deos lhe deitaſſe a ſua bençaõ, elle lha deitou de paſſagem por ſer muita a gente. E de paſſagem foy a bençaõ, porque paſſou o menino enfermo da enfermidade para a ſaude, que dahi a dous dias publicou ſeu pay gozava taõ milagroſa, que andava ja brincando, e ſaltando com outros meninos na ſua rua. A's paſſagens de Chriſto por Samaria deveraõ os dez leproſos a ſua cura; a paſſagem de Chriſto por Jericó reſtituio ao cego a ſua viſta: quando a virtude, que obra, he permanente, fazem-ſe milagres de paſſagem. Luc. 17. 12. Luc. 18. 38.

O Porteiro da Inquiſiçaõ de Coimbra, chamado Eſtevaõ da Silveira, tinha hum filho, que naquelle tempo ſeria de idade de cinco, ou ſeis annos, pouco mais, ou menos, o qual tinha grandes inflammaçoens na cabeça, de que lhe procediaõ boſtellas ſempre rebeldes ás curas. Pòs-lhe o Veneravel Padre a maõ na cabeça, dizendo a ſeu pay lhe naõ fizeſſe mais curas; e ſarou o menino ſem ellas, nem lhe repetio mais o achaque. De que he teſtimunha de viſta o Reverendo Padre Meſtre Fr. Manoel do Horto, da Provincia dos Algarves, bem conhecido por ſuas letras, e procedimento de grande Religioſo. E aſſim o depõem na inquiriçáõ de Lisbõa.

Muitos outros caſos deſte genero deixamos de propoſito, por naõ amontoar provas ao meſmo intento.

CAPITULO XVI.

Dom de lingua, que teve o Veneravel Padre.

Itaque linguæ in signum sunt non fidelibus, sed infidelibus. 1. Cor. 14. D. Th. ibi.

INtitúlo eſte Capitulo dom de lingua, e naõ de linguas, porque eſte dom, na doutrina do Apoſtolo, da-o Deos aos ſeus Prégadores para prégar aos infieis, naõ a fieis; ou como enſina Santo Thomás: Naõ he dado aos fieis, para que creaõ, porque ja crem, ſenaõ aos infieis, para que ſe convertaõ, e reduzaõ. E prégando o Veneravel Fr. Antonio entre Chriſtãos de hum Reino taõ Catholico como eſte noſſo, eſcuſava eſte dom de linguas, e ſó o de lingua lhe era neceſſario para ſe ſaber accõmodar nos ſermoens, e practicas, nos pulpitos, e confeſſionarios ao eſtado, e natureza de cada hum, entendendo a lingua a todos. Naõ negava elle ter-lhe Deos dado eſte dom, antes em duas cartas ſuas acho que o confeſſa por eſtas palavras: „ A experiencia me tem moſtrado, que „ me naõ deo Deos graça mais que para ſer inſtrumento „ de que ſe reduzaõ peccadores do ſeculo: admiro-me „ de que o Padre Provincial naõ ponha os olhos na minha vocacaõ, e ſufficiencia, tendo tanto conhecimento do nada, para que preſto, excepto eſte dom de „ Deos de fallar deſta, ou daquella maneira. E entendo „ em minha conſciencia, que fóra de outra couſa que „ ſeja prégar, e confeſſar, e recolher-me a huma cella, „ naõ preſto para nada. Eſta he a verdade; em quanto „ Deos me naõ fez taraméla, naõ me atrevia a fallar „ nem huma ſó palavra de eſpirito &c.

A ſegunda vez, que entrou no Convento da Madre de Deos, depois de Miſſionario, diſſe Miſſa na Igreja, a que aſſiſtio toda a Communidade, e acabada a Miſſa, foy ao lu-

lugar onde ſó fallaõ as Religioſas; para o ouvirem acudiraõ todas, e as primeiras palavras, que diſſe, foraõ eſtas: *Na Miſſa pedi a noſſo Senhor me déſſe luz para o que havia de dizer a VV. RR. e o que me occorreo foy iſto, e iſto.* E continuou huma breve practica com tal eſpirito, e efficacia, que naõ ſó penetrou os coraçoens de muitas com particular luz, e conhecimento do eſtado de ſuas almas, ſenaõ que como ſe de muito tempo as tivera governado, aſſim foy guizando ſua doutrina, que cada huma nella achou o prato, que lhe ſervia, e o comer, de que neceſſitava, e fazendo goſto do ſeu eſpiritual aproveitamento começáraõ a communicá-lo por cartas, e naõ tendo ninguem obrigaçaõ de eſcrever as ſuas culpas, nem ainda para confeſſá-las, ſaõ eſtas Religioſas taõ amigas de ſuperogaçaõ em ſuas obras, que naõ ha nenhuma, que por papel, e tinta deixe de conſultar ao ſeu Confeſſor materias de ſua conſciencia. He bem verdade, que naõ ha perigo de ſe perder a reputaçaõ, onde ſó ſe trata de chegar á mayor perfeiçaõ. Succedeo algumas vezes, que naõ podendo o Varaõ de Deos, por falta de tempo, reſponder por eſcrito ao que por papel ſe lhe propuzera, indo fallar eſpiritualmente á grade, practicando em commum ſatisfazia ás perguntas de cada huma, como ſe ſó com ella fallára, por tal arte, e deſtreza, que ſe deixa bem ver o dom, e graça, que Deos lhe déra de lingua, para cada qual o ouvir na ſua.

Diſſe o Veneravel Padre em certa occaſiaõ a huma Religioſa, para a obrigar a mortificar a repugnancia, que tinha de fazer, o que elle lhe aconſelhava: *Que tinha huma tocha na lingua, que lhe dava luz para dentro, e para fóra.* E que dom mais particular de linguas? O Santo David achou dor, e trabalho debaixo da lingua: Salomaõ ſeu filho nas mãos da lingua a morte, e a vida: o Profeta Iſaias na boca de Deos huma lingua como fogo abrazador. Mas tocha na lingua! Só a po- Pſal. 10.7. Prov. 18. 21. Iſai. 1.27.

demos

demos conſiderar em Fr. Antonio aproveitando-ſe do meſmo que dizia, e aos outros com a meſma doutrina que para ſi tomava: obrador, e naõ ſó Prégador da palavra Divina, que he o em que S. Tiago póem a bemaventurança. E na verdade aſſim era, porque perſuadido o Servo de Deos a que o Eſpirito Santo lhe punha na lingua as palavras, e doutrinas que prégava: que eſta he a ſua promeſſa aos Prégadores, que prégaõ a ſua palavra: pela meſma doutrina, que eſte Servo fiel prègava, ſe doutrinava; e deſta maneira allumiava a tocha da ſua lingua para dentro, e para fóra. Em huma occaſiaõ diſſe ás Religioſas da Madre de Deos, que tinha dentro de ſi huma voz, que naõ era ſua. E prègando em algumas partes foy viſta huma pomba ſobre a ſua cabeça, fazendo o Eſpirito Santo eſte favor a Fr. Antonio prègando, que fizera a S. Cregorio eſcrevendo. Lem-ſe em algumas de ſuas cartas eſtas palavras: *Ja paſſou a levareda*: em outras: *Chegou a levareda*. A huma ſua irmaã, depois de ſe ter alargado muito em ponderar as mercês, que Deos lhe tinha feito, e em a exhortar a amá-lo muito, acaba a carta com eſte remate: *Bem cuidey que naõ paſſaſſe de ſeis regras, mas chegou a levareda: queira Deos, que atee, e arda neſſe coraçaõ de neve.* He a levareda lingua do fogo, orgulho da chamma, eſpirito da braza, facho do incendio, e pavio de tocha, que ſe levanta para allumiar em quanto a materia naõ ceſſa de arder. Ardia, e allumiava-ſe Fr. Antonio á luz de ſuas meſmas levaredas, com que ateava o fogo de amor de Deos nas almas: ardia pelo que dictava, allumiava-ſe no que eſcrevia a huma ſenhora titular: *O fogo naõ aquieta ſem que ſaya fóra a chamma. Eu em breves dias, ainda que taõ pouco ardo, ſahirey fóra por eſtes povos a atear eſta faiſca com a graça de Deos.* Era a ſua penna lingua, e a ſua lingua penna de eſcrivaõ, que eſcreve muito depreſſa. O eſcri-

Jacob. 1. 26

Lingua mea calamus ſcribæ &c. Pſal. 44. 3.

crivaõ eſcreve para ſi, ainda quando eſcreve para outrem: para elle ſe conta a raza, poſto que as partes levem a ſentença. Fr. Antonio prégava, e eſcrevia de Deos, ſeus attributos, e beneficios, e os effeitos da ſua doutrina ficavaõ primeiro na ſua alma. Naõ enche o mar nos rios, ſem que primeiro trasborde nas ſuas prayas; nem a boca diz palavra, ſenaõ depois do coraçaõ ſe ſentir com abundancia. Em carta para huma Religioſa acho Texto, com que explique outro: diz elle aſſim: *Peça V. R. a Deos me dê eſta luz, que toda a que eu tiver a eſtimarey para que V. R. ſe poſſa melhor ſervir, e eu allumiar.* Eſſes tratadinhos eſpirituaes, que nos deixou eſcritos, fazia para ſe affervorar a ſi, e encaminhar aos proximos. A ſua irmaã Religioſa dizia em huma carta: *Para o exercicio do amor de Deos fazey muito por metter na cabeça eſſe papelinho, que lá vos deixey, e naõ digais a Deos mais nada, porque iſto vos baſta para vos accender.* Quem accende o fogo he que logra a ſua luz primeiro: a faiſca, que pegou na iſca, primeiro affuzilou na cara de quem a tirou da perdeneira. Eiſ-aqui como a lingua do Veneravel Fr. Antonio era tocha, que lhe dava luz para dentro, e para fóra.

Ou entendia por tocha a palavra Divina, trazendo ſempre na memoria aquelle Verſo do Pſalmo 118. *Voſſa palavra, Senhor, he forte fogo, mas aſſim a quer o voſſo Servo.* A primeira vez, que foy ao Convento da Madre de Deos obrigado de ſeu Confeſſor, e Padre eſpiritual o Reverendo Fr. Franciſco de S. Diogo, chamado vulgarmente o Perola, pedio á Religioſa, que entaõ era Abbadeſſa, a Madre Maria Magdalena, que merece nomear-ſe por ſer panegyrico do ſeu nome, que quando no Officio Divino rezaſſe aquelle Verſo no primeiro Pſalmo de Noa, ſe lembraſſe muito delle. Queria o Servo de Deos que outrem lhe aſſopraſſe o fogo da palavra Divina, com que elle accendia, e luſtra-

Ignitum eloquium tuum &c. Pſ. 118. 140.

va

va as almas, para que a ſua ſentiſſe as primeiras chãmas. Aquelle meſmo Verſo na lingua da Religioſa, com lembrança ſua quando o rezaſſe, era fogo para lhe dar luz a elle, e na lingua de Fr. Antonio era farol, e tocha com que allumiava o proximo.

Nada tinhaõ ſuas palavras, que as abaixaſſe de Divinas, antes, para que em tudo o foſſem, abateo elle a altiveza de ſuas palavras, podendo dizer com S. Paulo aos Corinthios, que naõ prégava com palavras levantadas, e ſubidas, quaes eraõ as ſuas naturaes, ſe naõ com as mais commũas, e intelligiveis, que todos pudeſſem perceber, por naõ vaziar a Cruz de Chriſto. As propriedades da palavra Divina traz o Apoſtolo na ſua Epiſtola aos Hebreos: onde diz, que he a palavra Divina viva, e efficaz, mais penetrante que a eſpada de dous gumes, com diſcriçaõ de penſamentos, e intençoens do coraçaõ. Para eſtas propriedades, como para traslado, iremos olhando em quanto eſcrevermos das palavras, ſermoens, practicas, e Epiſtolas de Fr. Antonio.

Et ego cum veniſſem ad vos, veni non in ſublimitate ſermonis &c. 1.Cor.2.1. Ut non evacuetur Crux Chriſti. 1. Cor. 1. 18. Heb. 4.

Eraõ as ſuas palavras vivas, quanto ao movimento, e operaçaõ. Que moçoens ſe naõ viraõ neſte Reino por todas as terras em que prégava Fr. Antonio! Para eſtas moçoens eraõ moçoens todo, e qualquer dos ſeus ſermoens. Frotas inteiras de almas ſahiaõ das Igrejas movidas de ſuas palavras para ao mar de ſuas lagrimas deitarem de ſi fazendas mal adquiridas, levarem anchoras de ambiçoens eſcandaloſas, e torpes firmezas, cortarem amarras de occaſioens antigas, metterem debaixo as ondas de ſuas paixoens, e mal querenças, e deſferir as vélas a vozes, e ecços de diciplinas, e penitencias por ſuas culpas, que lhes ſeguravaõ as melhores ſalvas. Duravaõ havia ja annos as differenças entre o Illuſtriſſimo Biſpo de Coimbra D. Fr. Alvaro de S. Boaventura, e o ſeu Cabbido, ſem que nem a morte de alguns Capitulares,

que

que morreraõ na demanda, fizeſſem capitular huma paz taõ deſejada. Foy o Veneravel Fr. Antonio prégar á Sé na Miſlaõ de Coimbra, e o primeiro que ſe moveo para abraçar a paz, e depôr os odios, (ſe he que naõ póde deixar de os haver onde todo o empenho he vencer) foy o meſmo Biſpo, pedindo perdaõ publicamente ao ſeu Cabbido. E acabando hum Sermaõ do Veneravel Fr. Antonio, o que nem o braço ſecular pudéra conſeguir. Que naõ fora nunca neceſſario ajuda do braço ſecular, ſe os Prégadores prégáraõ como devem prégar!

Na meſma Cidade, e no Collegio de S. Pedro eſtudava Porcioniſta D. Fernando de Ataide, filho do Conde da Atouguia, de deſoito annos de idade, allaltou-o huma febre maligna de taõ má caſta, que ſe naõ contentava com lhe tirar a vida, ſenaõ que lhe fazia tiro á alma; porque, variando-lhe o juizo, começou a delirar, que eſtava condenado ás penas do inferno, e que ja naõ tinha remedio, negando-ſe com eſta apprehenſaõ aos verdadeiros remedios da ſalvaçaõ. Compadecido o Doutor Manoel Pinheiro, ſeu amigo, e companheiro, do perigo eſpiritual do enfermo, tratou, como taõ douto, e eſpiritual que era, e he agora, (pois naõ fez mais, que habituar a ſua vida) de o diſſuadir com aquellas razoens, e doutrinas Catholicas, que lhe miniſtráraõ ſeu eſpirito, e zelo. Mas vendo que naõ aproveitára nada em muito tempo que tomou eſte trabalho; continuando D. Fernando na ſua maxima, e dizendo-ſe-lhe naõ chegaſſe por ſer hum Sacerdote, que cada dia dizia Miſſa, e elle hum condenado, que ja eſtava ardendo no inferno, e perſuadindo-ſe, que poderia ſer delirio, ou algum humor melancolico, que cauſaſſe aquellas deſeſperaçoens no enfermo: conſultou os Medicos com alguns dos Collegiaes ſeus companheiros, e o que reſolveraõ, foy, que ſuppoſto ſe perſuadiaõ que havia alli algum humor, que movia aquella paixaõ, com tudo

do, que naõ duvidavaõ, que com elle ſe miſturaſſe o demonio para fazer a ſua, e veſtindo-ſe do ſeu humor enganar aquella alma; que eraõ de parecer ſe lhe applicaſſem os remedios eſpirituaes. Mandou-ſe logo chamar á Companhia o Padre Meſtre Pedro de Amaral, grande Letrado, e de conhecida virtude, e aſſiſtindo ao enfermo eſpaço conſideravel, o deixou no meſmo eſtado, ſahindo-ſe com admiraçoens de tal deſeſperaçaõ, que parecia delirio a todos os que ſabiaõ ſeu bom procedimento.

Fez-ſe entaõ hũa carta ao Veneravel Fr. Antonio, que reſidia no Collegio de S. Boaventura, e ſe lhe mandou pelas onze horas da noite, pedindo-lhe nella quizeſſe por ſerviço de Deos acudir áquelle enfermo, que eſtava no eſtado, e perigo referido. Reſpondeo: *Que a ſua hida áquellas horas lhe parecia naõ ſer de importancia, e que entendia ſer aquillo algum delirio, por conhecer a Chriſtandade do ſujeito. E que melhor lhe podia valer donde eſtava, pedindo áquella Communidade o encommendaſſe a Deos, e que no dia ſeguinte iria vê-lo*; como foy ás oito, ou nove horas da manhaã; e entrando na cella do enfermo, ſe ſahio a gente para fóra, e ficou ſómente por breve eſpaço o dito Doutor, que ouvio ſaudar o Veneravel Padre ao enfermo com alegre ſemblante, e reſponder-lhe elle, que eſtava ja condenado ao inferno, e naõ tinha remedio. Replicou o Veneravel Padre: *Que ſe lembraſſe que Chriſto Senhor noſſo chamára á ſua vinha obreiros em varias horas do dia; e que igualmente pagára aos que foraõ pela manhaã, e aos que perto da noite.* E continuou ſó por ſó a practica com o enfermo hum grande eſpaço, depois do qual ſahindo para fóra da cella diſſe aos Collegiaes: *Que podiaõ entrar, que elle eſtava quieto, deſmaginado, e muito confiado na miſericordia Divina; ſobre tudo muito conforme com a Divina vontade para a vida*

a vida, e para a morte, que noſſo Senhor lhe déſſe. Aſſim o acháraõ os companheiros, e abraçando, e beijando hum Crucifixo, que lhe deixára o Servo de Deos, muito conſolado de haver eſtado com elle; e recebidos os Sacramentos, e com o Chriſto no peito á raiz da carne, fazendo muitos actos de reſignaçaõ, e conformidade, deo ſua alma dentro de poucos dias áquelle Senhor, que a ſi meſmo ſe lhe deixára em penhor de o haver de ſalvar. Naõ houve naquelle Collegio, e Cidade quem ſoubeſſe do caſo, que o naõ qualificaſſe de milagroſo pelas ſobreditas circunſtancias, e outras, que acreditavaõ por Divinas as palavras, com que o Veneravel Fr. Antonio moveo ao enfermo para deixar aquellas durezas, e deſperaçoens, em que o diabo o tinha poſto, e tornar ás ternuras, e affectos com que morreo abraçado com o Santo Crucifixo, por cuja conta ficou acompanhá-lo naquella hora em auſencia de ſeu ſervo, que tinha ja partido de Coimbra. Em auſencia de Moyſés fabricáraõ os Hebreos hum Deos de ouro, que os encaminhaſſe: na de Fr. Antonio huma imagem de Deos verdadeiro, e crucificado he o ſeu ſubſtituto, para ſalvaçaõ de D. Fernando. E que palavra de Deos mais viva, que a de Chriſto ſeu Filho, por quem Fr. Antonio fallou áquelle enfermo! Na imagem paſſa o homem, diz David. Confiado na Imagem de Chriſto crucificado paſſou Fr. Antonio de Coimbra ſem que lhe déſſe cuidado algum aquella alma, que eſtava para partir deſta vida. Pôs aos hombros do Divino Paſtor a ovelha perdida, e foy embuſca das noventa e nove, que o meſmo Paſtor lhe encõmendára.

Exod. 32. 1

In imagine pertranſit homo, Pſ. 38. 7.

Luc. 15. 5. Mat. 18. 12.

Muitos outros ſucceſſos cabiaõ neſte lugar, a que dá excluſiva a ſimilhança, e o noſſo propoſito de eſcrever ſó o que baſta; para ſe ſaber a grande moçaõ da palavra Divina, que Fr. Antonio prégava, ſinal certo de ſer viva; que naõ ha vida onde o movimento, e operaçaõ falta.

Di-

Dizia o Veneravel Padre da ſua vida, *que era hum perpetuo movimento* ; e quem o naõ diria vendo que naõ parava n'uma terra, n'uma ſó Provincia, ſenaõ que de continuo andava em Miſſoens por todo eſte Reino , naõ tendo parte certa , Convento , ou caſa : Caim fugitivo , como elle por humildade ſe comparava ? O que obrava ſe tem viſto no mais deſta Hiſtoria , e aſſim paſſaremos á efficacia de ſuas palavras , por referirmos de novo algumas couſas.

CAPITULO XVII.

Efficacia , que Deos pôs em ſuas palavras , e doutrina para perſuadir os ouvintes.

ENtre os mais documentos , que me vieraõ ás mãos para eſcrever eſta Vida,foy hum teſtimunho,que deo della o Reverendo Padre Meſtre Fr. Joaõ de Santo Eſtevaõ, Leitor Jubilado na ſua Provincia dos Algarves a indultos de ſua ſciencia , e Confeſſor do Convento da Madre de Deos a contemplaçaõ de ſua virtude , eſpirito , e prudencia : o qual me pareceo traſladar aqui , porque ſem accreſcentar , nem diminuir nos abſolverá do promettido neſte Capitulo. Diz pois aſſim o ſeu teſtimunho.

Snppoſto que da efficacia de ſuas palavras , e doutrina cada peſſoa , que o ouvio, póde ſer bôa teſtimunha ; pois ninguem o ouvio , que logo naõ ſentiſſe interiores abálos , e ſoberânos impulſos para melhorar de vida , ainda os da mais eſtragada ; o que Deos logo fazia manifeſto com evidentes demonſtraçoens para gloria ſua : direy com tudo , o que vi em hum Povo , onde eſtava fazendo Miſſaõ , e he o que, ſegundo a fama publica, ſuccedia em todos. Che-

Chegou o Veneravel Padre a hum Povo grande, e nobre deſte Reino, a primeira vez que alli fora, e conhecido de muito poucas peſſoas, prégou á porta da Igreja do Convento de S. Franciſco, para que juntamente o pudeſſem ouvir aſſim as peſſoas, que eſtavaõ dentro da Igreja, que era bem grande, como as que ficavaõ fóra para largo campo, eſtariaõ todas de Auditorio quatro mil almas. Prégou com ſeu coſtumado fervor, e eſpirito, e foraõ ſuas palavras taõ penetrantes, e cheas de huma efficacia Divina, que no fim do ſermaõ ſe levantáraõ innumeraveis peſſoas a reconciliar-ſe publicamente com quem viviaõ em odio; entre as quaes vi que ſe levantáraõ muitas mulheres nobres, e honradas, ſegundo logo publicava quem as conhecia, e ſem attençaõ a ſuas qualidades, nem a ſua decoroſa compoſtura, perguntavaõ humas por outras para ſe perdoarem aggravos, que publicamente faziaõ manifeſtos a gritos, e brados, e com eſtes taõ agradavel harmonia, que naõ havia coraçaõ, que ſe naõ deſhizeſſe em lagrimas, por de pedra que foſſe a ſua qualidade. O meſmo faziaõ muitos homens honrados largando capas, e eſpadas, e buſcando com os braços abertos a ſeus contrarios para ſe perdoarem com aquelles meſmos, que pouco d'antes buſcavaõ com armas para ſe vingarem.

No meſmo Povo, e na meſma occaſiaõ vivia huma mulher pobre, a quem tinhaõ morto ſeu marido, naõ ſó injuſtamente, como ſe dizia, ſe naõ com algum propoſito: circunſtancias, que accreſcentavaõ a cauſa de ſeu ſentimento, e faziaõ difficultar o perdaõ de taõ grande offenſa, que naõ queria dar a viuva ao matador, que, provado o delicto, e elle prezo na cadea, tinha por ſem duvida haver de perder a vida por ſentença. Eſtava a viuva fóra da terra quando o Veneravel Padre prégou nella, e vindo depois delle partido, como no Povo ficáraõ retumbando os eccos do Pregoeiro de Deos, ouvi-os a mulher na noticia, que ſe lhe deo,

e lamentando ſe de o naõ ouvir, fez eſte ecco tanto abálo em ſua alma, que foy buſcar hum Religioſo áquelle Convento, e desfeita em lagrimas ſe confeſſou, e diſſe queria dar hum legal perdaõ ao matador de ſeu marido, para que livraſſe da morte da juſtiça, como em effeito deo, e o matador por elle eſcapou.

A eſta mulher, por pobre, e com cinco filhos pequenos, ſe offerecêraõ algumas peſſoas nobres, e piedoſas, por meio do Religioſo, que a confeſſara, para lhe darem certa quantia de dinheiro para ſe remediar, porque o matador era tambem pobre, e naõ tinha cabedal para de algum modo lhe recompenſar a perda, que tivera na morte de ſeu marido. Porèm ella o naõ quiz acceitar, dizendo lhe, parecia que naõ perdoava de coraçaõ ſe o acceitava, e que pelo ſeu perdaõ ſó queria que Deos lhe perdoaſſe a ella. Que o que ouvia dizer dos ſermoens daquelle Servo de Deos a eſtavaõ obrigando a eſta reſoluçaõ, e que como ſe o eſtivera ouvindo a eſtavaõ perſuadindo os eccos da ſua doutrina, mediante as noticias, que lhe dava. Seja-nos licito interromper a narraçaõ, para fazer eſta ponderaçaõ. Se tanta efficacia tinhaõ as faiſcas deſprezadas, e a que o Veneravel Padre já dera coſtas, que incendios naõ cauſaria o fogo da palavra Divina na boca de Fr. Antonio aſſoprando-o, e ateando-o do Pulpito! Se no lenho verde, e ſem o ter diſpoſto, aſſim pegara aquelle divino fogo, nos Auditorios, que eſta Trombeta do Juizo fazia ſeccar, e mirrar de temor, que chammas de chamamentos Divinos ſe naõ veriaõ levantar!

Em outro differente Povo, eſtando o Veneravel Padre prégando, foy tanto o fervor com que reprehendeo os vicios, e tanta a efficacia com que perſuadia a penitencia, logo, e já, pois ninguem ſabia que horas teria de vida; que no meio do ſermaõ ſe levantou hum

hum homem de bem, e chegando-ſe a mim, que caſualmente me achára preſente em companhia do Veneravel Fr. Antonio, com ſemblante turbado, roſto accezo, e tremendo todo, me diſſe: Padre, pelas Chagas de Chriſto confeſſe-me. Com muita vontade o farey, reſpondi eu, como ſe acabar o ſermaõ. Ao que tornou o penitente: Padre, confeſſe-me logo, que naõ ſey ſe chegarey ao cabo do ſermaõ Iſto dizia com tanta ancia, e moſtras de ſer toque Divino, que fiz eſcrupulo de lhe dilatar a confiſſaõ, e o fuy logo confeſſar. Tanto como iſto perſuadiaõ as palavras do Servo de Deos! E aſſim era rara a peſſoa, que ouvindo-o ſe naõ ſentiſſe com mudanças de animo; do que ſe ſeguiaõ em muitas, reſoluçoens naõ eſperadas pelo diſtrahimento das vidas, as quaes ao depois eraõ edificaçaõ, e admiraçaõ por ſua permanencia, e duraçaõ.

As vezes, que o ouvi prégar, ou converſar em materias de eſpirito, e exercicio de virtudes, notando a efficacia de ſuas palavras, ponderava, e via ponderar a muitas peſſoas doutas, e eſpirituaes, que naõ era aquella efficacia natural; porque pelas circunſtancias, effeitos, melhoras das almas, repentinas mudanças, e commoçoens internas em todo o genero de peſſoas, que o ouviaõ, ſe divizava bem trazerem as ſuas palavras huma certa qualidade, que parecia eſpecial dadiva de Deos, e dom do Eſpirito Santo, com que attrahia os animos por huma doce violencia; moſtrando, o que parecia a alguns, que primeiro ſentiaõ em ſi o ſaudavel rendimento, que produziſſem acto voluntario de render-ſe. Com que ſeus conceitos, palavras, e perſuaſoens moſtravaõ ter mais alto principio, do que o do juizo humano. Quem o naõ julgaria deſta maneira, vendo que ſuas palavras eraõ como fulminantes rayos, penetrantes ſettas para converter peccadores, e para confirmar Juſtos em ſeus bons propoſitos. Se os paſ-

ſados caſos ; e innumeraveis deſte genero qualificaõ eſte diſcurſo , muito mais o caſo ſeguinte , de que tambem fuy teſtimunha.

Ouvira prégar ao Veneravel Padre certa mulher , que vivia com pouco , ou nenhum temor de Deos , ſegundo as enormes culpas, a que ſe arrojava ; porèm com tanta cautéla , que naõ era tida em ruim conta. Mas vendo-ſe ao eſpelho da doutrina , que o Veneravel Fr. Antonio prégara, ſe achou taõ fea, como ferida , e de repente taõ trocada , que ella meſma ſe cauſava horror a ſi propria na conſideraçaõ de ſeus peccados , e horrendos vicios. E preparando-ſe deſde logo para confeſſá-los, e deteſtá los, chegou, no dia ſeguinte ao ſermaõ , aos pés de hum Confeſſor , que acompanhava o Servo de Deos , com indiziveis moſtras de arrependimento , o qual hia em aumento em todo o genero de culpas , de que ſe hia accuſando : ſendo as ſuas confiſſoens de muitos annos meros ſacrilegios,com que offendia a Deos , encobrindo voluntariamente peccados ; e naõ menos as communhoens , que recebia em culpas taõ amontoadas. Mas chegada a hora de ouvir a voz de Deos pela lingua do Veneravel Padre , foy tanto o ſeu arrependimento , dor , e contriçaõ , que naõ contente com ter feito huma confiſſaõ muito inteira de ſuas culpas , e peccados , pedia ao Confeſſor lhe déſſe por penitencia ir dizer os ſeus peccados pelas ruas , e praças publicas , affirmando , que todas as infamias , que ſe podiaõ conſiderar neſta vida , eraõ nada em comparaçaõ dos deſejos , que tinha de dar a Deos huma ſatisfaçaõ publica para ſalvaçaõ da ſua alma. Deſperſuadida deſte imprudente lance de penitencia , lhe deo o Confeſſor a ſaudavel , e conveniente á ſua alma , replicando ella , que era pouca , e eſtava prompta a fazer a mais rigoroſa : e deſejava foſſe ſacramental para ſer mais meritoria ; porque d'outraſorte ſe naõ aquietava o ſeu coraçaõ

raçaõ, medindo as ſatisfaçoens dos peccados, pelo muito que tem de offenſas, e de extenſaõ de injurias feitas ao Summo Bem das almas. E aſſim replicava com tanta dor inſtando por maiorias de penitencia, que o Confeſſor lha minorava a cada inſtancia; e finalmente aconſelhando-lhe, e animando-a a que perſeveraſſe naquelle arrependimento, e propoſito de emendar a vida, lhe prometteo de que o mais, que a ella parecia faltar de penitencia, tomava elle á ſua conta; com que a deſpedio muito conſolada. Deſte caſo ſe póde inferir a força, e efficacia das palavras do Veneravel Padre, pois aſſim abrandavaõ coraçoens, como eſte, empedernidos, endurecidos, e obſtinados; trocando-os taõ repentinamente do eſtado da culpa ao da graça, que parece andavaõ os ſoberanos impulſos á obediencia de ſuas palavras &c.

Quanto foſſem, de mais de efficazes, penetrativas ſe deixa bem ver do que elle meſmo reſpondia a huma peſſoa, que dellas ſe ſentia ferida. Era eſta a reſpoſta: *Quanto aos toques, que V. M. ſentio nas minhas palavras, lhe digo, que naõ faça caſo do inſtrumento, ſenaõ da maõ, que o move. Quiz Deos moſtrar a V. M. quanto he para querido, pois até por taõ vil creatura lhe mandou eſſes recados. Quando as palavras ferem o coraçaõ, eſtas ſe chamaõ palavras Divinas, que tem a efficacia de penetrativas, até quando parecem mais brandas.* Por ſuas meſmas palavras ſe verifica, que eraõ as ſuas Divinas: porque o inſtrumento da palavra he a lingua, e ſendo o inſtrumento da palavra de Deos Fr Antonio, era tambem lingua da palavra Divina; e eſta era a que ſe ouvia da ſua lingua, e que ſahia da ſua boca, com qualidades de eſpada de huma, e outra parte aguda: *a* ou a ſimilhança de eſpada duvidoſa: *b* ſimilhanças, e propriedades, que á palavra Divina daõ S. Paulo, e S. Joaõ. Vejamos eſta ſua eſpada de dous fios ferir pene-

a Apoc. 1. 16. & 19. 15.

b Heb. 5 12.

trantemente a dous Religioſos, cortando os pelos meſmos fios, com que ſe queriaõ matar hum ao outro, ſem que o temor de Deos, e da vida beata, e pena da Religiaõ, os fizeſſe apartar deſta reſoluçaõ. Entre irmãos foy o primeiro homicidio; cada hum deſtes queria foſſe ſegundo Abel o outro. Nimguem ſe admire de haver tal odio entre Religioſos, porque no Ceo peccáraõ os Anjos, e noſſos primeiros pays no Paraiſo. Paraiſo ſaõ as Religioens, e Ceos ſublunares, no Ceo ha Eſtrellas errantes, no Paraiſo havia ſerpentes.

Chegou o Veneravel Padre áquella terra, e Convento de Tavira, Reino do Algarve, em que eſtavaõ recluſos, em jaulas differentes, eſtes dous Leoens, ou Martes. E ſabida a culpa, diſſe ao ſeu Prelado, que os mandaſſe vir á ſua preſença, para ver ſe ſuas palavras lhes faziaõ móça. Vieraõ, e ouviraõ a practica, que lhe fez o Servo de Deos, e foy ella de tanto effeito, que a ambos ſe lhes partiraõ as almas de ſentimento penetrando-lhes os coraçoens até a diviſaõ do eſpirito. Naõ houve alli pedir ſatisfaçoens, nem propor deſculpas, ou razoens: porque ſó tratava cada hum de acudir á ferida, que em ſi ſentia da palavra Divina; e deitando-ſe aos pés daquella lingua de Deos, a elles depuzeraõ os odios para ſe fazerem amigos nos ſeus braços, que para reconciliar inimigos trazia ſempre abertos: por ſe parecer com aquelle Senhor, que todo dia tinha as mãos abertas para receber o Povo, que nelle naõ cria, antes o contradizia, e na Cruz tem os braços, e mãos pregadas para os naõ fechar a almas arrependidas. Preſeveráraõ daquelle dia em diante com eſtreita amizade.

Iſei. 65. 2. Rom. 10. 11.

Antes do Veneravel Padre prègar na Corte, diſſe huma peſſoa titular no Locutorio de certo Convento muito mal do ſeu modo de prégar com o Chriſto, e dar bofetadas, cenſurando eſtas novidades por hypocricias, e quando menos por eſcuſadas. Mas a primeira vez, que o ouvio

ouvio, tornou ao meſmo lugar a ſe desdizer; porque de tal ſorte o compungio, que lhe fez chorar muitas lagrimas; e accreſcentava elle, que fizera muito em ſe poder ter para naõ dar bofetadas. Outro Fidalgo da meſma qualidade apoſtou com outros, que o naõ havia o Padre Fr. Antonio fazer chorar; mas perdeo a apoſta, ganhando-ſe nas muitas lagrimas, que o Sermaõ lhe fez chorar por ſuas culpas. Saõ as lagrimas indices da dor, vapores do ſentimento, eſcumas das amarguras, defluxo do martyrio, teſtimunhos do que ſe naõ crê, proteſtos do que ſe duvîda. E por todos eſtes principios havia de chorar quem ſe apoſtaſſe a ouvir a Fr. Antonio, que fallava com eſpada de huma, e outra parte aguda, e eſpada duvidoſa, como intitula o Apoſtolo a palavra Divina. Depõem o Reverendiſſimo Fr. Manoel da Reſurreiçaõ, Arcebiſpo da Bahia, que na Miſſaõ, que fez em Coimbra o Veneravel Padre, via elle chorar, todas as vezes, que o via no pulpito, ou foſſe de vocaçaõ, ou compunçaõ, a certo homem nobre, que vivia eſcandaloſamente; e que effeito deſtas ſuas lagrimas fora apagar a ſenſualidade notoria, e exercitar-ſe em obras de virtude dalli em diante.

De toda a ſorte de gente houve muita, que naquelles primeiros tempos das Miſſoens do Servo de Deos ſentiſſe differentemente do que ao depois, que o conheceraõ, e ouviraõ, acháraõ na verdade. Tocando-lhe neſta materia huma Religioſa, que veyo a ſer ſua filha eſpiritual, e tinha ſido das que antes de o conhecerem ſe naõ conformava com o que de ſuas couſas ouvia, dando-lhe diſto meſmo conta, elle lhe reſpondeo com muita brandura: *Tinha me grande horror? Folgarey que aſſim ſeja; porque as peſſoas, em que a palavra de Deos tem feito mais fructo, foraõ as que me tinhaõ mayor averſaõ.* Aſſim o diſſe elle, e aſſim o comprovaráõ os caſos ſeguintes.

Chegou a Coimbra noticia de que o Veneravel Fr. An-

tonio hia prégar de Miſſaõ áquella Cidade, Athenas deſte Reyno nas ſciencias. E ſobre muitos diſcurſos, que ſe fizeraõ ſobre o fim deſta Miſſaõ, houvè alguns, que concluiaõ ſer indubitavel a perda de opiniaõ, e reputaçaõ em hum homem, que tendo eſtudado pouco ſe deixava levar da confiança, que lhe deraõ os applauſos da Corte para ir prégar a huma Univerſidade, em que a cortelania de ſeus grandes ſujeitos, e admiraveis engenhos, naõ havia de neceſſitar a ſeus entendimentos, para que approvaſſem huns Conceitos mal fundados, humas Authoridades naõ viſtas nos Padres, e huns lugares da Eſcritura, por quem naõ podia ter della intelligencia alguma, ſalvo houveſſem de crer, que ſua ſciencia era infuſa. Eſtes diſcurſos, que faziaõ muito pendor nos animos, teve por precurſores de ſua chegada a Coimbra; mas diſcurſos, apprehenſoens, e juizos foraõ por elle, tanto que foy viſto, e ouvido do pulpito Fr. Antonio. Invejando a Corte os applauſos com que foy ouvido naquella Cidade, e a opiniaõ, que delle concebêraõ os mais Doutos Meſtres, Oppoſitores, Lentes, e Eſtudantes da Univerſidade: confeſſando todos a boca chêa, que era conhecidamente aſſiſtida do Eſpirito Santo a ſua lingua, e muito para louvar a Deos a ſua ſciencia. A acceitaçaõ do mais povo foy tanta, que concorrendo a ouvî-lo innumeravel gente, que nem na Sé, nem na Igreja de Santa Cruz tinha lugar, dos ſeus terreiros, e adros fez muitas vezes pulpitos, como Chriſto os fazia dos barcos, e deſertos.

Na Miſſaõ de Braga, vindo eſperar ao Servo de Deos muita gente ao Convento de S. Fructuoſo, que fica perto, chegou certo Sacerdote a hum de ſeus companheiros, fazendo-lhe eſta pergunta: Que vem fazer a Braga o Padre Fr. Antonio? Reſpondeo-lhe: Vem prégar a palavra de Deos, e a penitencia, como faz em toda a parte onde chega. Entaõ lhe tornou o Sacerdote: Diga ao Padre

Fr.

Fr. Antonio, que em Braga ha muitos Prégadores muito doutos, e muito ſantos; que naõ neceſſitamos da ſua doutrina, e póde bem ſer, que os que cá temos préguem com mais letras, e eſpirito, que elle. Deo-lhe o companheiro eſte recado; e elle, ſorrindo-ſe, diſſe: *Demos graças a Deos, que temos huma grande Miſſaõ em Braga, e iſto foy traça do demonio para ver ſe podia impedi la.* Naõ ſe enganou o Servo de Deos no que prediſſe da Miſſaõ, porque foy huma das mais fructuoſas entre as ſuas. E mais foy ainda, que ſem ſe lhe dar a conhecer, nem nomear o Clerigo do recado, indo-ſe elle deſpedir no cabo da Miſſaõ de algumas peſſoas principaes com o meſmo companheiro, e alguma gente, vio entre ella ao dito Clerigo, e diſſe para o companheiro: *Aqui vem conhoſco o Clerigo, que me mandou aquelle recado: louvemos a Deos pois o vemos taõ outro.* Nem era ja o meſmo, porque o tinhaõ mudado os ſermoens, que ouvira a Fr. Antonio, ficando-lhe taõ devoto, e affeiçoado, que o naõ largava em quantos exercicios eſpirituaes lhe podia fazer companhia, ſeguindo-o até pelas ruas. Tanto com ſuas palavras feria o amor nas almas, e tanto fazia cahir na verdade de ſua doutrina com a eſpada duvidoſa da Divina palavra.

Eſta meneava com tanta deſtreza, e graça, que cortando igualmente pelos vicios de toda a ſorte de gente, nem os grandes ſe offendiaõ, nem os pequenos ſe eſcandalizavaõ. E ou os reprehendeſſe com ſeveridades, ou os admoeſtaſſe com ternuras, ſempre eraõ penetrantes as ſuas feridas; e como tirava ás almas, naõ fazia a liberdade do ſeu zelo differença de peſſoas. Nos corpos, e naõ nas almas, ſaõ todas as noſſas differenças. Eſta ſua liberdade no prégar ſe póde ver na que tinha no eſcrever. A huma Senhora Titular, que igualava virtudes com qualidades, depois de lhe exercitar a paciencia com deſenganos, que lhe eſcrevia, lhe pede per-

daõ neſta fórma : „ Tambem peço perdaõ a V. S. ſobre „ tantas ſangrias dar-lhe a purga paſſada. Mas ſe todo o „ Martyr teve ſeu Diocleciano ; que muito que para „ mayor merito tenha V. S. em mim hum taõ vil verdugo &c. „ Eſte nome ſe dá a ſi o Veneravel Padre, appropriando-ſe hum officio, que ſerve na Republica de ſeparar a cabeça de hum corpo ; e taes eraõ as palavras de Fr. Antonio, que penetravaõ atè a diviſaõ da alma, e eſpirito. Em outra carta lhe dizia : „ Perdoe-me V. S, „ os atrevimentos, que vaõ em traje de aviſos. *A' meſma Senhora.* „ Eu naõ ſey na verdade como V. S. faz, „ ou finge que faz tanto caſo de huma folha de papel, „ que naõ ſerve mais que de folha aguda para ferir, até „ quando mais groſſeiramente he folha para eſcrever. „ Mas ja ſey o porque folga V. S. que neſta folha ſe lhe „ digaõ ſuas culpas, por eſcuſar os exames de ſua con„ ſciencia, em que V. S. ainda ſummamente falta: pois „ naõ acaba de conhecer, que importa pouco ſaber o „ mal, ſe ſe lhe naõ applica o remedio : ou ao depois de „ applicado ſe torna ao contrario do bem, que ſe tem „ ſabido.

Heb. 4. 12. Pertingens uſque ad diviſionem animæ, ac Spiritus.

Certa peſſoa de qualidade, tendo compoſto hum livro, porque conſtaſſe ao mundo eraõ Pares ſeu valor, e engenho; mandou-o ao Veneravel Padre, antes de o dar á eſtampa ; ou foſſe ambiçaõ de cenſuras, ou ſegurança de approvações. Leo-o elle, e tornando-lho foy com eſte ſeu parecer : „ Vi eſte papel de V. S. e eſte ſuor taõ luzido „ de ſeu entendimento, eſta taõ honeſta fadiga dos en„ genhos humanos, que lhe parece a V. S. que me pare„ ceria a mim? Pareceo-me na verdade hum louvavel, e „ virtuoſo emprego dos amadores do ſeculo, mas certo „ hum eſperdiçado tempo, e hum mal ſentido roubo dos „ eſpiritos Chriſtaõs. Oh ! ſe V. S. puzera, e empregára „ em examinar a ſua conſciencia, e a ſua vaidade, o tem„ po, que gaſtou em examinar os Mappas, deſcrever

as

„ as terras, conſiderar os mares, as gentes, e os coſtu-
„ mes: as guerras, e os encontros, as fortunas, e os
„ infortunios, que ſaõ corpo deſta hiſtoria; que differente
„ fora o fructo, que achára na alma! Se as anotomias,
„ que V. S. faz dos ſujeitos, e dos negocios, ſe a ba-
„ lança, em que peza os perigos, e os intereſſes, ſe a
„ obſervaçaõ com que olha eſtes, e aquelles pareceres,
„ eſtes, e aquelles tratos, a fizera V. S. de ſi meſmo,
„ e olhára bem para ſi, que certo fora mediar V. S. mais
„ no conhecimento proprio, que as ſuas prendas no
„ alheyo! „ *E depois de continuar com admiravel dou-*
trina ao intento, acaba com eſte conſelho: „ Ponha V. S.
„ mayor cuidado em emendar a ſua vida, que o ſeu
„ papel. Delhe maior cuidado a ſua ſalvaçaõ, que as ſuas
„ hiſtorias: cuide mais no que o ha de levar á eternida-
„ de, do que no que lhe leva o tempo. E perdoe-me eſ-
„ tas minhas atrevidas confianças &c.

A Joaõ Fernandes Vieira, que lhe eſcrevêra de Pernambuco fazendo lhe grandes offertas, paga na coſtumada moeda, com que a todos dizia o que achava ſer neceſſario para bem da alma, poſto que a acceitaçaõ lhe pareceſſe duvidoſa. „ Corra-ſe, *lhe dizia*, de que ſer-
„ ville muitos annos á carne, ao mundo, e ao demo-
„ nio com mais extremos, que a meu Senhor Jeſu
„ Chriſto: que fizeſſe mais diligencias por ſe ir ao in-
„ ferno, que por ir ao Ceo: que lhe deva menos a gra-
„ ça, que a culpa: a alma, que a honra: a eternida-
„ de, que o tempo: o Ceo, que a terra: e que eſtan-
„ do taõ perto da ſepultura, aonde ha de ſer pizado, e
„ fumido, ainda viva na vaidade, e engano deſte peri-
„ goſo ſeculo &c. O primeiro ſermaõ, que fez no Con-
vento da Madre de Deos, foy ouvir a Rainha com a Senhora Infanta, que tinha ſeis annos de idade ſómente. Eſtando ja a Rainha na grade da Igreja, lhe diſſe o Arcebiſpo, e Veadores, que ſeria bem prégaſſe Fr.

An-

Antonio na tribuna em huma cadeira, para que melhor o ouviſſe como deſejava, mandou-lhe ſignificar eſta ſua vontade. Reſpondeo: *Que ſe prégaſſe na tribuna, o naõ ouviria tam bem a gente, que eſtava na Igreja; e que elle naõ vinha prégar a Palavra de Deos ſó á Rainha: e prégou do pulpito, naõ da tribuna.*

Por eſte eſtylo eſcrevia, e com eſta liberdade prégava, ſem perdoar a eſcandalos, e abominaçoens de peccados, poſto que gozaſſem de immunidade nos templos: *Pelas cabeças*, dizia, *havemos de começar*; e em quanto as naõ via inclinadas ao que era gloria de Deos, e proveito de ſuas conſciencias, a ellas feria com as palavras, e encaminhava ſuas Doutrinas. Algumas vezes moſtráraõ os dentes grandes balêas a eſte Jonas; porèm elle ſe conſiderava já nas prayas de Ninive prégando penitencia por ordenaçaõ Divina. E com aſſim cortar por todos os que o mereciaõ por ſeus peccados, nem por iſſo deixavaõ muitos de lhe cortar reliquias dos ſeus habitos. Veneramos as reliquias dos Santos, porque foraõ templos, orgãos, e inſtrumentos, pelos quaes o Eſpirito Santo obrou maravilhoſas couſas neſte mundo. Que muito pois ſe reſpeitaſſem reliquias do Habito de Fr. Antonio, ſe por elle fallava o Eſpirito Santo, e vencia Deos pela eſpada de ſua palavra, que lhe puzera na lingua, com taõ admiraveis ſucceſſos como ſe lem neſta hiſtoria! Naõ tem que temer os Prègadores Evangelicos, os Miſſionarios Apoſtolicos o odio, ou indignaçaõ dos eſcandaloſos por reprehenderem ſeus peccados; porque toma Deos á ſua conta todo o riſco, que pódem correr por eſta cauſa, e o pagar-lhes em veneraçoens eſſas, que temiaõ averſoens. Cuſtou, he verdade, no Bautiſta a cabeça a liberdade com que prégava; porèm o meſmo Herodes, que paſſou o Decreto para ſe lhe tirar, ſe entriſteceo quando lha chegáraõ a pedir; e a naõ ter promettido com juramento, nunca cumprira

1. Cor. 6.

Bundero de vener. ſanct.

Tit. 24. a 7.

ſua

ſua promeſſa. Hum Herodes, que ſeja o peccador eſcandaloſo, moſtrará ſentir-ſe de que lhe eſtranhem a culpa, porèm na alma lhe fica a eſtimaçaõ de quem lhe prèga a penitencia.

Para mais os animar, poremos aqui a doutrina, que dava a hum Provincial algum tanto brando de condiçaõ, na qual doutrina ſe vê a liberdade com que Fr. Antonio prégava, e o fundamento em que ſe eſtribava, para ſe lhe naõ dar de peſſoa alguma, em ordem a fazer o que a Deos mais agradava. „ Conſerve Deos a V. P. com „ muitas forças no corpo para o trabalho das viſitas, „ e com muita fortaleza de animo no eſpirito para o „ combate das contrariedades, que ſem ellas nem ha „ virtude, nem movimento. O que importa he puri„ ficar a intençaõ, e naõ querer agradar com o intento „ mais que a Deos, ainda que com a obra agrademos a „ muitos. E em tudo o mais aquillo de S. Paulo: Se „ agradara aos homens, naõ fora eu ſervo de Chriſto. Gal. 1. 10. „ Iſto lembre muito a V. P., e V. P. mo lembre a mim. „ E todos os mais vultos, que nos ſervirem de aſſom„ bros, tenhamo-los por eſpantalhos, com aquella „ confiança em Deos, que tinha Job, quando dizia ao Job. 17. 3. „ Senhor: Guarday-me, Senhor, as coſtas, que eu me„ haverey bem com as pelejas: Ponde-mè junto de „ Vós, e ponhaõ-ſe todos contra mim. As linguas dos Prégadores, que temem de offender os peccadores: *Eraõ*, dizia o Veneravel Padre, *como navalhas, que ſó ſerviaõ de enfeitar, naõ de offender, eſpadas que ſe naõ podiaõ tomar por perdidas, porque he ſó defeſo, o que he offenſivo.*

CA-

CAPITULO XVIII.

Dom de diſcriçaõ de eſpirito, e tirar eſcrupulos. Sciencia de governar almas.

ESta ſciencia, que nem a todos os Santos he commũa, porque muitos fóra do caminho porque Deos os leva naõ ſabem outra eſtrada: a huns moſtra Deos quatro caminhos ſómente para a Bemaventurança por S. Lucas, e a outros enſina oito por S. Mattheus: A Arſenio fugir dos homens, a Elias deixar os deſertos, e vir prégar nos povoados, foy taõ particular no Servo do Senhor, Fr. Antonio, que como ſe eſtivera em todos os caminhos da perfeiçaõ, aſſim guiava, e encaminhava as almas com diverſos methodos, roteiros, e regras de eſpirito, attentando o eſtado, e eſpirito de cada huma, que correndo todas ao bravio da ſuperna vocaçaõ, a carreira naõ era ſempre a meſma. Confeſſa elle meſmo eſta ſciencia, e he muito nos ſeus nadas para que preſtava, como ſe lhe ouvia continuamente da ſua boca; porque eſcrevendo a huma Senhora Religioſa lhe diz: „ Muito folgara eu „ que houvera occaſiaõ de enſinar a V. M. como ha de „ ter a ſua oraçaõ no fundo da alma, onde eſtá Deos, „ que foy elle ſervido dar-nos diſto alguma luz. Va-ſe „ V. M. entretanto purgando, quanto puder, a me„ moria de imagens, e de figuras, o entendimento de „ diſcurſos, e de juizos, a vontade de goſtinhos, e de „ malicias, a imaginaçaõ de lembranças, e os ſentidos, „ e penſamentos, pondo-os em cuſtodia poſſivel, e ſeu „ tempo chegará, ſe Deos for ſervido, para dar algum „ paſſo adiante: pois ha tanto tempo que engatinha„ mos. *A outra Senhora*: „ Peça V. M. a Deos me dê „ aquel-

Luc. 6. 20. Matth. 5. 3. Philip. 3. 14.

„ aquella luz, que ha miſter para conhecer-me antes „ que me intrometta em julgar, e governar almas.

Se neſta carta confeſſava ter-lhe Deos dado luz para encaminhar eſpiritos; em outra faz por eclipſar eſta luz, dando a entender he ſó eſpeculativa, naõ pratica: „ A' „ peſſoa, *Eſcreve o Veneravel Padre*, que quer meu „ parecer para ſuas duvidas, diga V. M. que ſenaõ acon- „ ſelhe commigo, que ſou terrivel nos conſelhos, „ mais que na execuçaõ: para os outros ſempre digo „ grandes couſas, e naõ preſto para mim: ſou como os „ trinchantes, que repartem iguarias aos outros, e fi- „ caõ em jejum. „ Ora vejamo-lo repartir iguarias do ſeu eſpirito, e diſcriçaõ, porque ſó deſta maneira poderemos explicar bem o aſſumpto, que propuzemos. A huma ſenhora, que lhe communicára certas tenta- çoens, que padecia, reſponde com eſta doutrina: „ Anime-ſe V. M., e dê muitas graças a Deos por ſentir „ as ſuas tentaçoens; porque o ſenti-las he bom, e ſó „ o conſenti-las he máo. E ſe naõ paſſou de levareda, „ com que ardeo a natureza, naõ ſe perdeo a graça; „ porque para iſto requere-ſe conſentimento do eſpiri- „ to, e deliberaçaõ do animo. E ſe V. M. a naõ teve „ de folgar com a vontade interior do que paſſava na „ parte exterior, nada lhe fez mal; antes lhe deixou „ o bem do temor de Deos. O fogo, que arde nos arra- „ baldes, naõ queima a Cidade, que eſtá murada, ain- „ da que eſteja perto della. Cidade he a alma, muro he „ a graça, arrabalde he o corpo. Mas bom he vigiar „ ſobre onde ſe accende o fogo, e donde naſce, ſe da „ falta da mortificaçaõ, ou dos ſentidos, ou das poten- „ cias da alma; e ſegundo forem os erpes, aſſim ſejaõ „ os defenſivos.

A outra filha eſpiritual, dá a doutrina que ſe ſegue: „ Continue V. M. no ſeu caminho, ſe for para Deos, „ ſendo de Cruz ſerá de gloria ſua, e bem de V. M., e

der-

„ deixe-ſe ir por mal, ou por bem em quanto a naõ af-
„ faſtarem delle; porque tudo o mais he querer gover-
„ nar o magiſterio. E o muito amor proprio, que V. M.
„ tem nelle corpo lhe faz eſgaravatar mais do neceſſa-
„ rio, e por iſſo a melhoria ſe converte em deſaſſo-
„ cego. Vá V. M. ſimplezmente a olhos fechados no
„ obedecer, ſe quer aproveitar na oraçaõ; e naõ po-
„ nha a mira na perda, ou no ganho, ſenaõ em ir por
„ onde ſe lhe mandar, ou ſeja por thronos, ou por
„ eſpinhos, por montes, ou por valles, por inven-
„ çoens, ou deſinvençoens; que a bacharelice do eſ-
„ pirito de V. M. he quaſi incuravel. Agora fique mui-
„ to deſconſolada, e deſaſſocegada com eſta ferida, que
„ he bello modo eſſe de curar a chaga. Entaõ juſtifique-
„ ſe allegando me, que iſto he dor das culpas, e naõ
„ das penas. Eu naõ lhe mando fazer nenhum pecca-
„ do, ou lhe tire, ou lhe ponha, vá por diante por eſſe
„ caminho em que eſtava. Deos quando for tempo nos
„ moſtrará o por onde ha de ir, ou aonde ha de pa-
„ rar.

A huma ſenhora Abbadeſſa, ſobre ſeccuras, e deſcon-ſolaçoens, que ſentia na oraçaõ, de que muito ſe af-fligia, dá eſta admiravel doutrina. „ Com duas me acho
„ de V. R. chegando a eſta caſa, e ainda que foraõ mais
„ nenhuma pena me deraõ; ſó a tenho de que V. R.
„ eſteja taõ ſentida, quando eſtas ſaõ as provas, em
„ que o amor de Deos ſe dilata. Os meninos de Babylo-
„ nia mettidos em huma fornalha louvavaõ a bondade
„ divina, porque, ainda que ſe viaõ na pena, ſe conſi-
„ deravaõ ſem culpa. Se V. R. ſe vê ſem eſta, naõ ſe
„ mate com aquella. Suma as lagrimas, reprima os
„ ſentimentos, que naõ ſaõ mais que humas certi-
„ doens de que ha muito amor proprio, pois queria tu-
„ do a ſeu goſto ſem lhe cuſtar nenhum contrario ſuc-
„ ceſſo. Naõ he iſto o que Deos enſina no Calvario;

ſe-

„ ſe naõ padecer ſem razaõ, e abraçar a pena. Por iſſo
„ eu com S. Paulo folgo de que muitas almas naõ ſai-
„ baõ nada, mais que a Jeſu Chriſto, e eſſe Crucifica-
„ do, fazendo por ſeu amor, o que elle por nós fez,
„ pois elle foy, e he a melhor Regra da oraçaõ mais
„ ſubida. E eſta mais ſe moſtra na imitaçaõ da pacien-
„ cia, caridade, e mais virtudes, que nos altos con-
„ ceitos de Deos, que com qualquer leve borraſca pa-
„ raõ em miſeravel ruina.

„ Ora animo, que ainda agora começamos, e a Cruz
„ de Chriſto naõ he de manteiga, e açucar, ſe naõ de
„ fel de dragoens, de venenos, de aſpides; e he ne-
„ ceſſario digerir, como S. Pedro, cobras, e lagartos;
„ V. R. que he miniſtra de Chriſto converta em ſub-
„ ſtancia eſpiritual os meſmos alimentos, dando ſem-
„ pre graças a Deos com grande conſolaçaõ de ver que
„ nada tem feito, ou tudo muito mal. Paſſará a bor-
„ raſca com o favor de Deos, e quando naõ mereçamos
„ que noſſo Senhor nos abra a porta, como pobreſi-
„ nhos batâmos a ella, e ou ſeccos, ou duros, naõ ceſ-
„ ſemos, como quer que nos acharmos, de chamar, e
„ ſuſpirar por Deos, que dará ſua luz, e guarde a Voſ-
„ ſa Reverencia &c.

A huma Religioſa, a quem mandára meditar na Pai-
xaõ de Chriſto, tendo ella, antes de ſer diſcipula do Ve-
neravel Fr. Antonio, tomado outra via de oraçaõ, que
lhe parecia mais ſubida, e a que mais ſe accommoda-
va, inſtrue com a doutrina, que ſe refere: „ Ja que
„ Voſſa Reverencia ſe governa por taõ má cabeça co-
„ mo a minha, que muito he que ſe veja em taõ bai-
„ xo eſtado de eſpirito! Seja Deos bendito, que abai-
„ xáraõ em alguma couſa os fumos, que tantos vága-
„ dos lhe tem feito dando-lhe na cabeça. Ponha ſe aos
„ pés do Senhor crucificado, em que eſtá a Mageſta-
„ de, e formoſura de Deos: e como os pés ſaõ os que

„ andaõ pela terra , e ſaõ os affectos á terra deſſa alma.
„ ſinha , a que Deos quer unir-ſe , como ha de dar
„ paſſo, ſe Voſſa Reverencia o naõ eſpera ? Elle deſcal-
„ ço anda , e por chegar a eſſa alma naõ repara em an-
„ dar por Cruzes , antes os prégos lhe parecem cravos;
„ e naõ ſey como a Voſſa Reverencia as rozas deſſas
„ chagas lhe parecem eſpinhos ! A quietaçaõ que Voſ-
„ ſa Reverencia deſeja naõ a faz Deos de todo , Voſſa
„ Reverencia a faz , e o ſeu amor proprio a finge ; quan-
„ do as couſas ſaõ de Deos, naõ ſe podem reſiſtir; e eſta
„ era a liçaõ , que tiveramos de que era quietaçaõ de
„ Deos ; mas quando a alma póde reſiſtir, ainda que
„ lhe cuſte , ſaiba que naõ he tudo de Deos , poſto que
„ o deſeje. Se iſto lhe doe , dê graças a Deos , que he
„ final de vida , e ainda o amor naõ tem a Voſſa Reve-
„ rencia muito morta. Deixe-ſe eſtar para a hi , que
„ ainda naõ tem paſſado pela mayor prova ; mayor tro-
„ voada lhe eſpero , mayor ſecca lhe aguardo , para
„ que dê fructo o trigo , que ainda eſtá verde ; no que
„ V. R. naõ quer eſtá o ſeu aproveitamento , e naõ
„ ſaõ muito de fel mortificaçoens com Chriſto : tem-
„ po virá, em que o buſque , e naõ o ache , faça ago-
„ ra pelo colher por pés , que eſta flor por aqui ſe co-
„ lhe , e eſte ramalhete por aqui ſe ata &c.

A outra Religioſa enſina a vencer as tentaçoens com actos de Amor de Deos , dizendo-lhe : „ Eſtimo as me-
„ lhorias , e eſpero em Deos , que as provas ſejaõ ver-
„ dadeiros ſinaes de que no eſpirito ha vantajens. Naõ
„ he neceſſario cuidar mais em peccados , nem confiſ-
„ ſoens , aſſim lho mando a Voſſa Reverencia , e que
„ ſaiba que todas as tentaçoens do mundo , e mais ini-
„ migos ſe vencem com amor , e mais amor de Deos.
„ Examinar na tentaçaõ, em que eſtá o amor , e achan-
„ do que ſe naõ repartio , zombar , e deſprezar ao
„ demonio , que a guerra he final da graça.

A huma

A huma peſſoa de oraçaõ falla nella altiſſimamente, e a enſina deſta ſorte: „ No particular da oraçaõ naõ faça V. M. grande caſo de couſa alguma, que ſe lhe repreſente, mais que de amar muito a Deos, e ao proximo, e de ter muita complacencia na gloria de Deos, e ſeus Santos, recrear-ſe niſto, e embeber-ſe muito, he ſummamente bom, e tambem o he ſentir as offenſas de Deos, e perdiçaõ das almas. Tudo o mais, em que entra a fantaſia, e a imaginaçaõ, ainda que pareçaõ alentos, porque ſaõ borrifos, ſaõ palhas, em que naõ ha graõ; e ás vezes naõ falta leviandade, e vento. Com tudo, as repreſentaçoens da humanidade de Chriſto, e ſua Mãy, e Santos, louvo, e aconſelho ás almas, que Deos leva por eſte caminho, porque eſtas conduzem a bom fim ſem engano, eſpecialmente quando ſaõ como verdades intellectualmente cridas, e naõ fantaſticamente repreſentadas, e como iſto pára em amar a Deos, ou ſentir naõ o amar, he bom.

„ Quando porèm os impedimentos, e occupações fazem divertir eſta repreſentaçaõ; ſeja a tençaõ, que por amor de Deos ſe abracem os meſmos impedimentos, porque eſta tençaõ he preſença; e ſendo eſta bem ordenada, he fructo da arvore do amor. Lembrar da humildade de Chriſto eſtá muito longe de ſer vagueaçaõ, quando por ella ſe paſſa, e ſe ajunta com a Divindade; e he neceſſario que por eſſa porta entre, porque os que por ella naõ entraõ naõ podem achar ſem perigo a Divindade, como a Eſcritura, e o meſmo Chriſto, diz. Eſte foy o caminho de meu Padre S. Franciſco, de Santa Catharina de Sena, de Santa Thereſa, e outros Santos, Alèm de que, pelo fructo ſe conhece a arvore; e o que fizer mais humildade, e mais fervor he melhor. O que Deos quer de V. M. he que ſeja humilde, porque lhe naõ faltaõ muitas

„ ſoberbas no entendimento, e vontade &c.

A huma Religioſa, que ſe queria eſcuſar de hum officio, em que a punha a obediencia, dizendo naõ viera á Religiaõ, mais que a tratar da propria alma, eſcreve elle eſta doutrina, que merece naõ ſó imprimir-ſe na eſtampa, mas muito mais na memoria. „ Madre Sor „ &c. em quanto naõ ſou mais largo lhe digo a Voſſa Re- „ verencia que ſe quer ſervir a Deos ſe ponha nas ſuas „ mãos ſem eſcolha, e dellas receba com reſignaçaõ o „ que lhe vier, porque ſó entaõ trata Voſſa Reverencia „ de ſua conſciencia, quando ſegue o que manda a obe- „ diencia ſem repugnancia; e iſto he o a que Voſſa „ Reverencia vem á Religiaõ, a naõ fazer nada do „ que quer, nem o que lhe parecer melhor: ſe naõ o „ que parecer, e quizer a Santa Communidade, e ſeus „ Prelados. Tudo o mais he natureza eſcondida em fal- „ ſa humildade, e malicia diſſimulada em caſo de conſ- „ ciencia. Naõ deſpreze a occaſiaõ, que Deos lhe dá de „ merecer, pois tem tantos exemplos do que nelles ſe „ aproveita. Neſta naõ he conveniente, o que Voſſa „ Reverencia me allega da Madre N. que eu naõ levo a „ Voſſa Reverencia pelo ſeu caminho, o que lhe acon- „ ſelhey a ella naõ ſerve para V. R., que nem todos os „ enfermos ſe curaõ com hum remedio. E pois V. R. „ tem eſte rendimento á obediencia, que me tem dado, „ ſaiba que eu lhe mando, e ordeno, que ainda que „ rebente, e morra, he vontade de Deos, ſegundo eu „ entendo, que V. R. ſem fallar a Prelado, nem a Pre- „ lada, ou peſſoa alguma, faça ſingelamente o que lhe „ mandarem, abaixando a cabeça ſem replica, naõ que- „ rendo nada, e acceitando tudo o que lhe mandarem „ acceitar, como quem naõ tem movimento proprio; „ ſenaõ que em tudo ſe deixe por impulſo alheio.

„ Nas ſequidoens que V. R. acha, naõ ha outra per- „ da, mais que a da conſolaçaõ do eſpirito: naſce ás

„ ve-

„ás vezes iſto da natureza enfezada : e paixoens mal
„ mortificadas ; ás vezes he impedimento nos dias gran-
„ des querer ter muita devoçaõ , e eſperar alguma me-
„ lhoria de eſpirito : porque aqui ſempre vay coberto
„ algum amor proprio , que he appetite de eſpirituaes
„ allivios. A conformidade nas Cruzes , e a reſigna-
„ çaõ nas eſcuridades ſaõ proveito conhecido , e eſta
„ eſtá na noſſa maõ , o allivio , ou conſolaçaõ naõ he
„ aſſim. Deixar eſtar na pedra , e aquietar na Cruz ,
„ ainda que eſta ſeja aſpera , e aquella dura, que ahi eſ-
„ tá Chriſto , elle naõ ſe auſenta , affaſta-ſe a conſola-
„ çaõ para irmos hum gráo mais adiante. Eſconde o
„ Senhor a maõ, porque ſe a viramos, que fizeramos
„ em padecer com certeza de o contentar ? O meſmo
„ Chriſto na Cruz ſe queixou deſte deſamparo , mas era
„ na parte ſenſivel. Baſta huma vez a queixa: ſeja for-
„ te a imitaçaõ , que tudo tem ſeu fim , e ſeu premio.

A huma Senhora eſpiritual deſengana, de que naõ tem taõ fino amor de Deos , como conſidera ; e lhe aconſe-lha ſe conſerve em paz até no conhecimento de ſuas culpas : „Senhora, eſte parecer-lhe a V. M. que he „ muy fina no deſintereſſe em amar a Deos , he huma „ das vaidades finas , e huma das cegueiras, com que o „ amor proprio lhe tem vendado a alma ; porque quem „ tem a Deos algum amor , ſempre lhe parece que o „ naõ tem : quanto he mais o deſintereſſe do animo , „ tanto tem para ſi , que he intereſſeiro o eſpirito. E „ quem naõ eſtá neſte eſtado poderá conhecê-lo naquel-„ les ſentimentoſinhos , com que ſe queixa , e lamenta „ quando lhe falta o que deſeja. Naõ acho nas car-„ tas de V. M. mais que deſculpas das ſuas cul-„ pas , e juſtificaçoens da ſua conſciencia , e finezas que „ faz por Deos , e agora neſte ponto grande pena de „ eſtar lendo iſto. E no cabo me diz : Padre , ſinto a „ minha culpa , ainda que a naõ conheço , naõ ſinto a pe-

„na. Pois eu quero que naõ ſinta a culpa conhecida,
„ſenaõ a culpa ignorada, ou commettida: nas que lhe
„occorrerem que tem, feſteje, e alegre-ſe, naõ de tê-
„las, mas de conhecê-las, e deite-as logo no mar da
„Miſericordia Divina, e fique-ſe muito quieta dando-
„lhe graças pelo que lhe ſoffre, pelo que lhe eſpe-
„ra, e pelo que lhe deve; e vá-me aprendendo para
„inſenſivel, porque ſe eu deſta communicaçaõ naõ ti-
„rar a V. M. que naõ ſinta, e naõ entenda, e que, quei-
„ra, ou naõ queira, para nada ſerve, pouco nos ren-
„derá o trabalho, e V. M. naõ terá nunca eſpirito.

A huma peſſoa eſpiritual aconſelha, que mude de exercicio na oraçaõ pelas razoens, que aponta: „ Ainda
„que lhe tinha eſcrito a V. M. que ſeguiſſe o exerci-
„cio antigo, tenho por melhor, e mais perfeito eſte-
„de que V. M. me dá conta, e eſte lhe peço que uſe,
„ſe ſe fia de meu miſeravel eſpirito. Deos quer a V. M.
„em deſerto, ſegundo eu entendo, que he o lugar on-
„de elle communica o que ſe naõ tem ſabido. Neceſ-
„ſario he que vá a alma, por onde naõ ſabe para o
„que naõ ſabe, e para o que naõ entende: o amor abre
„a porta, e dalli para dentro faz ſeu officio, ſe hou-
„ver diſpoſiçaõ na alma quando com elle ſe quer únir,
„e coſtuma levá-las, aonde ellas ſem ſer levadas naõ
„podem ir. Simplicidade, e ſingeleza, humildade, e
„obediencia, amor, e mais amor, e naõ ſe cance com
„mais penitencia, que as que lhe tenho dito; e em
„quanto a ſaude naõ dá lugar á caridade com os en-
„fermos, a benignidade com todos; e naõ guardar
„pevides á queixa, poſto que pareça razaõ, importa
„muito para deſimpedir os obſtaculos, que ainda ſer-
„vem de eſtorvos para a uniaõ, e huma ſó memoria
„voluntaria de que houve queixa, ſe ſe naõ facode lo-
„go, como a vibora de S. Paulo, impede o eſpiri-
„to &c.

„ A huma

A huma Religioſa trata em pontos de oraçaõ muito levantada, moſtrando-ſe Meſtre por experiencia. „ No „ que toca áquelles effeitos ſaõ reſplandores &c. ainda „ que ſejaõ mais goſtoſos naõ ſaõ os mais perfeitos. E „ aſſim melhor he a negaçaõ de tudo iſſo, que naõ he „ mais, que huma apprehenſaõ, ou intelligencia, e me„ lhor, que todas eſſas he a negaçaõ, e mortificaçaõ „ intellectual por amor de Deos. E quanto mais ne„ gada a eſſas couſas, que ſaõ muros, e biombos do eſ„ pirito, mais removera os obſtaculos, que ha entre a „ alma, e Deos, porque as meſmas meditaçoens de „ Deos, por eſpirituaes que ſejaõ, impedem a uniaõ „ para com Deos.

„ A muſica eſpiritual quando Deos a enſinar empre„ gue-ſe nella. Quando haja de ſer feitio da ſua habili„ dade, ou vaã ſubtileza, naõ ha para que ſe empre„ gue neſſa muſica, excepto nas eſterilidades de eſpiri„ to, em que ſerve de deſpertador, ou remedio. No „ deſerto he neceſſario paſſar por elle ſem deter-ſe para „ achar a Deos pura, e ſimplezmente; ou em eſcuri„ dade clara, ou em claridade eſcura: em o achando, „ deixe o deſerto, e até a memoria delle.

A' primeira duvida reſpondo, que quando eſtiver re„ cebendo paſſivamente o Divino Influxo naõ uſe de „ penſamentos ainda que ſejaõ de Deos, nem ainda ro„ gue pela Igreja, nem por Reino, nem por alma, nem „ por ſi; porque tudo he menos perfeita operaçaõ que „ a de Deos, que ſe eſtá recebendo. Mas quando V. M, „ activamente obrar, por alta, e ſublime que ſeja a „ obra do ſeu amor, he melhor pedir, e rogar a Deos „ pela ſua Igreja, Reino, almas do Purgatorio, e pe„ las que eſtaõ em peccado mortal; que eſte acto de „ caridade excede a tudo, o que lhe toca a ſi. E neſte „ mundo aperfeiçoou Deos muitas almas por lhe roga„ rem pela ſua Igreja, e pelo mais ſobredito.

„ A' ſegunda reſpondo, que nas ſolemnidades ſe ha-
„ja Voſſa Reverencia com differença deſta maneira: ſe
„ ſe ſentir muito elevada a Deos, uſe do ſeu modo de
„ oraçaõ, a que Deos a leva, dando-lhe graças pelos be-
„ neficios; ſe ſe naõ ſentir muito abſorta, e attrahi-
„ da, lembre-ſe das ſolemnidades, e myſterios, que
„ ſe celebraõ, e faça nelles as conſideraçoens, e affectos
„ poſſiveis, que ſaõ muito agradaveis a Deos, e tudo
„ com paz.

„ A' terceira digo, que quando eſtá ſecco o eſpirito,
„ e a alma eſcura, ou ſente vontade em Deos, de que
„ uſe das ſuas oraçoens ſem perda das operaçoens Divi-
„ nas, reze o Roſario, ou Terço, ou Camaldulas, e
„ as mais devoçoens por almas &c.

Fora trasladar milhares de cartas ſuas, ſe pelas regras que eſcrevia houveſſemos de individuar as Regras de eſpirito com que media, e encaminhava as almas; ou das ſuas letras houveſſemos de compor hum Abecedario de eſpirito. Baſtem eſtes Parrafos, e Capitulos dellas para a moſtra de quam bom Piloto era das conſciencias, poſto que eſcreveſſe a huma Senhora de Titulo: „ Perdoe-me
„ V. S. quanto lhe tenho dito; porque poderá ſer que
„ a curta viſta de meu juizo ſe enganaſſe em tomar a al-
„ tura ao eſpirito de V. S. como quem entende taõ pou-
„ co de eſpirito, como eu. „ E a huma Religioſa ap-
provando-lhe o magiſterio do Veneravel Fr. Jacinto dos Anjos, e desfazendo no ſeu, diz aſſim: „ A pru-
„ dencia adquirida em muitos annos de eſpirito faz mais
„ ſeguros os acertos, que a de huma mocidade me-
„ nos provada, e, ainda que fervoroſa, deſvanecida co-
„ mo eſcuma. „ Se tiraramos a humildade aos Santos, haviamos de ter por muito verdadeiros os ſeus abatimentos; mas como os conſideramos humildes, logo damos que ſaõ confuſoens as ſuas humiliaçoens, e effeitos do proprio conhecimento as menos eſtimaçoens, que procuraõ ter no mundo.

Em

Em materia de eſcrupulos foy taõ admiravel Meſtre, que por ſuas doutrinas ſe curáraõ muitas almas ſantas, juſtas, virtuoſas, mas deſte achaque muito apoſſadas, e doloridas. Para que ſirvaõ de receitas em ſimilhantes doenças ſe veraõ aqui ſuas doutrinas, para varias peſſoas. A huma Religioſa: „ No que toca ao que V. M. „ me pergunta, reſpondo, que V. M. ſegundo eſta „ informaçaõ faz o que deve em ſe naõ metter mais com „ confiſſoens geraes, que ſaõ o mayor laço da ſua conſci- „ encia: aſſim como ſaõ de outros o mayor deſembara- „ ço; mas o demonio, que naõ ſó nos males, ſenaõ „ nos bens nos arma os perigos, quer fazer a V. M. pe- „ çonha dos remedios. E os meyos, que para iſto toma, „ he huma ſoberba occulta em que cabem os eſcrupu- „ los, (a qual ſe deixa ver dos experimentados) por- „ que naõ póde ſer pequena ſoberba deſprezar os con- „ ſelhos dos Letrados, e Servos de Deos, baſtando „ para aquietar a V. M. o menor dos filhos de meu Pa- „ dre S. Domingos. Deſta ſoberba ſe livrará V. M. „ quando aquiete no que lhe diſſer qualquer de ſeus „ Confeſſores, entendendo com a razaõ reſignada, e „ humilhada ao ſeu parecer, que tudo quanto a deſvia „ de os crer, e fiar-ſe delles, he demonio conhecido. „ Nenhum delles ſe quer ir ao inferno por conſolar a „ Voſſa Mercê; e aſſim naõ cuide mais em materias de „ confiſſons paſſadas, nem ſe ponha a diſputar com o „ demonio, que a tenta em figura de Anjo: iſto he „ em traje de ſantidade, de virtude, e de eſcrupulo. „ De tudo aquillo, que muyto certamente naõ puder „ jurar aos ſantos Evangelhos, que deliberadamente o „ quiz, ſayba que naõ eſtá obrigada a confeſſá-lo por „ certo. E o meſmo ha de ſer no paſſado, ſe naõ puder „ tambem jurar que naõ confeſſou eſte, ou aquelle pec- „ cado, naõ ha para que cuydar nelle. Troque V. M. „ o tempo, que occupa neſtes exames, empregando-o em

„ actos

„ actos de contriçaõ , de amor , e de firmes pro-
„ poſitos , e ſe lhe diſſer o demonio , ou a conſci-
„ encia : Naõ eſtás confeſſada , has te de perder &c.
„ naõ reſponda a eſſas imaginaçoens , antes as tome por
„ memorial de dizer logo a Deos : (para quem ha de
„ virar o ſentido) Meu Deos do meu coraçaõ , da mi-
„ nha alma , da minha vida , das minhas entranhas ,
„ Amor Eterno meu , Deſejo Eterno meu : e naõ parar
„ neſtes affectos em quanto a tentaçaõ naõ parar , e
„ far-lhe-ha entaõ grande proveito ſer muitas vezes
„ tentada. E ſaiba que naõ ha peccado mortal ſem de-
„ liberaçaõ , e determinaçaõ da vontade , ou ao menos
„ deter ſe por ſeu goſto em couſas mortaes , ainda que
„ naõ as queira fazer ; e a ſua vontade he taõ livre , que
„ nem Deos com a ſua Omnipotencia a quer forçar ,
„ menos a poderá o demonio deſtruir , ſem que V. M.
„ o conſinta &c.

Segunda Doutrina a outras Religioſas : „ Os eſcru-
„ pulos , que aos eſpirituaes parecem gigantes, naõ ſaõ
„ mais que moſquitos , que picaõ , e ferem as almas
„ puras : o demonio quando entramos em algum apro-
„ veitamento logo nos quer fazer ir para traz , pondo-
„ nos eſpantalhos diante ; mas tudo iſto ſaõ quiméras
„ de que ſe coſtuma rir quem ſe chega a reſolver a ſer-
„ vir a Deos , com hum , Antes morrer , que peccar ;
„ porque em o coraçaõ ſentindo , naõ nos fica nada
„ offendendo. Iſto de eſcrupulos ſaõ atoleiros eſpiri-
„ tuaes , donde naõ paſſa para diante quem ſe mette
„ nelles , por iſſo os ha de paſſar de ſalto , ou pela pon-
„ te do amor de Deos , que eſtá muito por cima de ſi-
„ milhantes miſerias ; e ſe quem faz iſto foy grande
„ peccadora , entenda que eſſa gente he a que Deos
„ quer em ſe determinando a morrer , antes que pec-
„ car. E tudo o mais he huma tentaçaõ do demonio ,
„ que com libré de pureza tras as almas ao eſcuro cati-
vei-

„veiro de remorſos, e eſcrupulos, que naõ quer ter o „amor proprio; porque quizera viver livre de tudo o „que he padecer. Alegre-ſe pois eſta alma, que hum „Deos taõ bom, que a ſoffreo peccadora, muito mais „a ſoffrerá compungida, e reduzida nos exercicios „de ſua graça.

Huma Religioſa do Convento da Madre de Deos, padecia grandes tribulações cauſadas dos ſeus eſcrupulos, parecendo-lhe que naõ havia acçoens indifferentes nella, ſenaõ tudo peccados, e acçoens deſordenadas. A meſma oraçaõ, que tinha, ſe lhe repreſentava peccado, que deteſtava; accreſcentava a ſua afflicçaõ huma imprudente, mas coſtumada tentaçaõ dos eſcrupuloſos, deſconfiar da ſalvaçaõ por ſeus peccados imaginados. Deſejava chegar aos pés do Veneravel Fr. Antonio para lhe expor ſua conſciencia, e ver ſe lhe acclarava aquelle nevoeiro, que a aſſombrava; porèm conſiderando o menos brando no magiſterio pelos rigores do juizo, e inferno, com que aterrava os peccadores do pulpito, a medo foy ter com elle ao Confeſſionario; mas reſpondendo-lhe elle á primeira couſa, que lhe propôs, com muita brandura, e compaixaõ, ficou logo ſem aquelle temor, e depois de o ouvir diſcurſar ſobre ſuas propoſtas, com tal bonança, e paz da alma, que de timorata nunca mais paſſou a eſcrupuloſa.

Eſta meſma Religioſa lhe deo em outra occaſiaõ conta de hum eſcrupulo bem fundado, que lhe cauſava afflicçaõ muito ſenſivel, e conſolando-a o Veneravel Padre lhe dava alguns conſelhos, e eſtando lhos dando parou, e diſſe: *Eſpere, que me deo Deos agora aqui luz deſſa materia, faça iſto*; (apontando lhe diverſo exercicio) *e naõ ſentirá mais eſſe trabalho.* E naõ o ſentio mais, porque nada do que dizia Fr. Antonio ſe achava menos.

Reſpondendo a huma peſſoa, que, ſem ſe nomear, lhe pedia

pedia conſelho ſobre materias de deſconfinças, e eſcrupulos, lhe dá a ſeguinte doutrina: „ Quanto aos eſ-„ crupulos, quaſi todos ſaõ filhos da ſoberba, e do amor „ proprio, que quer ſaber mais, que os Letrados, e „ Confeſſores, que ſeguraõ as conſciencias; e por iſſo „ nunca ſe acabaõ eſtas almas de ſatisfazer, e cuidaõ „ que o remedio he conſultar muitas peſſoas de letras, „ e de eſpirito para ſe aquietar, e cada vez ficaõ peyor; „ porque he juſto caſtigo de Deos, que peyorem com „ os remedios os que naõ curaõ a ſua enfermidade com „ huma inteira negaçaõ de ſeu parecer, e juizo pro-„ prio, cativando o entendimento em obſeqnio da ſan-„ ta obediencia a Deos, ou ao Padre eſpiritual.

„ Deve qualquer ver, ſe eſcondeo por malicia, ou „ vergonha peccado mortal na confiſſaõ; e ſe acha que „ ſim, renove as confiſſoens com huma geral: ſe naõ „ mentio nellas, e padece a doença de eſcrupulo, ve-„ ja ao menos ſe ſe atreve a jurar aos Santos Evange-„ lhos firmemente, que naõ quiz confeſſar eſte, ou „ aquelle peccado; e ſe ſe naõ atreve, o remedio he „ naõ bulir mais em confiſſoens, porque tanto que „ acabar a derradeira, he caſtigo que fiquem com os „ meſmos eſcrupulos, que antes. E ſe o Confeſſor allegu-„ ra que eſtaõ bemfeitas, lance-ſe nos braços da bon-„ dade Divina, naõ cuide mais no paſſado, e gaſte em „ actos de amor de Deos o tempo, que havia de gaſtar „ em exames de conſciencia.

CA-

CAPITULO XIX.

Apontaõ-ſe alguns dos ſeus dictames, e ſentenças, porque ſe governava no magiſterio das almas, e conſciencias.

ASſim como a miſtura da vida contemplativa, e activa he melhor que a contemplativa; aſſim tambem a miſtura da oraçaõ na Humanidade, e Divindade de Chriſto Senhor noſſo he mais ſegura, e de mais proveito ás almas, que caminhaõ pela imitaçaõ.

Andar huma alma continuamente dizendo, ou no coraçaõ, ou com a boca: Deos meu, he bocejo de eſcolhidos, ainda que pareça pirguiça de Bemaventurados.

Nem ſempre he mais ſeguro o mais ſaboroſo; porque ninguem tempera o veneno com fel, com açucar muitas vezes. Aſſim quando o que ſe ſente he mais ſuave, póde ſer ás vezes mais ſuſpeitoſo: porque o demonio, que ſe veſte de Anjo para noſſo cozinheiro, guiza os ſeus pratos com o que ſabe bem, para que faça mal. E a Divina Mageſtade exercita-nos na influencia do que parece mal, para que dalli ſe tire bem. Por iſſo a Paixaõ de Chriſto, onde ſempre ha que chorar, que amar, e que admirar, he caminho ſeguro para orar.

A paz, e alegria da bõa conſciencia ſaõ frutos do Eſpirito Santo: e poſto que ſe devaõ deſejar, naõ namorar dos fructos, ſe naõ da vontade, com que o Senhor da horta os offerece.

Pouco importa começar bem, ſe falta a perſeverança; com eſta a faiſca ſe faz incendio, a fonte rio, o vapor nuvem, e as plantas arvores.

Nas perdas temporaes ſe devem conſiderar os porques de

de Deos, e ver, ſe porque amavamos muito o que havia de acabar cedo, nos tiraria o idolo; ou ſe para penitencia da noſſa paſſada vida nos acabaria o goſto. Acenos ſaõ do Ceo os deſenganos da terra.

Fiel he Deos, que naõ ſoffre termos mais pezo do que aquelle, com que pódem os noſſos hombros. Delle ſe devem eſperar os verdadeiros allivios, e neſta fé ſe accabaõ os quebrantos.

Deos he pay, he eſpoſo, he amigo; e ainda que transluza os remedios em traje de tribulaçoens, debaixo deſſa caſca nos concede os beneficios para melhora da alma, para prova da paciencia, para merito da eterna vida, e para que com maior ancia ſuſpiremos pela celeſte Patria.

Em algumas occaſioens importa uſar mais do paſſivo, que do activo: receber com humildade, e agradecimento, e naõ bulir muito na intelligencia do beneficio; porque quanto ahi o entendimento ſe esforça, e ganha, tanto a vontade deſmaya, e perde.

Todas as tribulaçoens interiores, que padecem as almas, ſaõ caminho, naõ embaraço, ſalvo ſe uſamos mal dellas. O caminho de huma alma para Deos parece-ſe ás vezes eſpiritualmente com os caminhos da terra: huma hora ſe vay por campos de flores, outra hora por matos de eſpinhos, ora por valles, ora por ſerras: o negocio de quem caminha conſiſte em naõ parar, e ir por diante; ou ſeja por ſerras aſperas, ou por valles apraziveis, ou por flores de conſolaçaõ, ou por eſpinhos de tribulaçaõ, a pezar de que picaõ, e magoaõ. A ſua Eſpoſa, diſſe o Senhor, que entaõ lhe parecia huma flor, quando a via entre eſpinhas.

Eu ſempre quizera perderamos na virtude por carta de mais, que de menos: porque ha huns amores proprios, que ſe embuçaõ com capotes de prudencias, e ſaõ cõmodidades finas.

Toda a ſorte, e qualidade de gente póde ter oraçaõ.

Da-

David ſendo taõ valeroſo, que foi o mayor valor do ſeu tempo, ſette vezes orava cada dia; e no primeiro dia, que eſtive, me converti a Deos.

Cada qual deve ajuſtar as ſuas couſas de modo, que viva em hum eſtado capaz de ſe lhe naõ dar de morrer; pois naõ ſabendo a hora, nem o quando póde ter iſto, he grande perdiçaõ do mundo deixar para a hora da morte o mayor negocio da vida.

Devemos aprender a viver comnoſco, e a morrer com Deos, ſem ſe nos dar do que vay, ou vem; porque ſaõ vayvens, que fazem grande bateria na alma de quem quer viver ao Divino, e aborrecer-ſe do humano.

O eſpirito he como o vento: com o meſmo, com que huns vaõ para cima, vaõ outros para baixo. Eu acho-me bem em caminhos chaõs, ainda que me ſeja preciſo vadear ſerras, e metter debaixo dos pés os montes.

He muito neceſſaria a fortaleza do animo, porque para ter o foro dos Predeſtinados, convem primeiro ter a praça dos perſeguidos. As ſujeiçoens, que faz o brio, parecem bandeiras cahidas, ou arraſtadas, e ſaõ eſtandartes tremolados contra o demonio, que ſe dá logo por vencido.

Quando os delictos naõ ſaõ vontade conhecida, ſaõ fraqueza deſculpada diante de Deos.

Quando para amar a Deos nos faltar o amor da vontade, havemos de amá-lo com o amor da razaõ.

Nas difficuldades, que ſentimos no caminho da perfeyçaõ, pedir alviçaras ao eſpirito; porque as mayores batalhas promettem maiores victorias, e quanto mais ſervimos a Deos, mais tentados ſomos.

As noſſas almas ſaõ como imagens. Para ſe fazer a imagem primeiro ſe tiraõ todas aquellas couſas, que a faziaõ tronco, e depois ſe põem as tintas, com que fica a figura mais viva; mas pôr primeiro as tintas he fazer madeiros pintados. Os livros, que naõ enſinaõ a tirar primeiro os vi-

vicios, que ſe ponhaõ as virtudes, he querer que as creaturas, que podiaõ ſahir huns Anjos, ſejaõ monſtros ſem figura perfeita, nem fórma aperfeiçoada.

Nenhuma couſa temos tanto diante de Deos como as obras, que applicamos por outros: porque eſtes actos de caridade para os outros, tem maior merecimento, que o que applicamos a nós meſmos. A vide nunca fica mais alta, que quando ſe communica ao tronco inutil, e abraçada com elle ſobe dando ſeus fructos.

As mortificaçoens, em que pareçe naõ ha merecimento por falta de repugnancia, nem por iſſo ſe devem deixar de fazer; porque a lenha naõ arde menos, quando eſtá em braza, que quando eſtálla, e fuma em final de repugnancia, antes o fogo entaõ he mais perfeito.

A eſféra da humildade he mar, que naõ tem fundo, a do amor de Deos morada, que naõ tem termo, ou para baixo, ou para riba vá a alma, ora fumindo-ſe, ora ſobrelevando-ſe, que as meſmas fraquezas ſaõ azas, e os meſmos deſmayos voos, ſe dentro de nós meſmos ſabemos fondar eſte baixo, ou voar a eſte alto; e iſſo, ainda que ſeja ſemſaboria da natureza, he com grande galantaria da graça, e até na gloria ter pena, e até nas penas ter gloria.

Naõ tem os exercicios a perfeiçaõ na certeza, nem na variedade, ſe naõ no fim; e ás vezes he neceſſario mudar de modo, nunca de animo.

Toda a arte de eſpirito, todo o peſponto do Ceo conſiſte em amar, ou padecer. Padecer tenho por mais fino, como dizia Santa Thereza: Senhor, ou padecer, ou morrer: mas quando ha occupaçoens da obediencia, mais deſaffogado he o amor, ou fazer do padecer amar, levando tudo bem por amor de Deos.

Naõ ha feſtas taõ bõas para a alma, comó lagrimas por noſſas culpas, e deſejo ardente de agradecer com grande amor as Divinas finezas.

He

He taõ proprio ter batalhas quem ſe ha de ſalvar, que quando nos virmos ſem ellas, entaõ podemos ter alguma deſconfiança ; porque ſe o demonio nos naõ combate, ſinal he de que o naõ temos por inimigo, e nos juſtos dura a guerra , quanto dura a vida. Quem ſe ſente de Deos o levar pelo caminho do trabalho, he pôr-ſe mal com o ſeu remedio. Como ſe póde merecer, naõ havendo que ſoffrer, e ſentir? Naõ querer ſoffrer o que he preciſo na vida , he pedir a Deos inferno , ou purgatorio para a alma.

Convem que o coraçaõ ſe coſtume a ſeguir a vida de Chriſto. Eſta naõ conſiſte em veſtir habito aſpero , nem dormir em cama dura , nem em tomar diciplina , naõ em jejuar, e pôr cilicio, naõ em ir ao Oratorio, ou Igreja, naõ em ter oraçaõ, e mortificaçaõ; ſenaõ em fazer a Divina vontade com grande goſto de agradar a Deos em tudo, e fazer tudo por agradá-lo ; e conhecer que he goſto ſeu todo o mal, ou bem, que nos ſucede, excepto o peccado , e que ſeu contentamento he o noſſo martyrio, e que amemos os noſſos verdugos, e emcima lhes demos agradecimentos. E poſto que iſto ſeja difficultoſo no principio , he facil em ſe acoſtumando; pois naõ he menos poderoſa a graça, que a natureza.

Naõ ſe ha de faltar á oraçaõ, ainda que falte o eſpirito , e conſolaçaõ : e ſe na morte , juizo, e inferno ſe achar algum proveito ; cuide quaõ horrenda he a morte pela culpa, o juizo pela conta , o inferno pela pena; e tire diſto por fructo actos de contriçaõ, dor, amor, e reſoluçaõ.

Por mais que ſejaõ as lidas, e fadigas, com que ſe affligem os animos, ter naõ nos firmes propoſitos, e naõ perder o uſo da ſanta oraçaõ. Caminhar de noite, ou de dia ás claras, ou ás eſcuras , que de todo o modo ſe vay para diante , ſe o amor naõ torna atraz com medo de tropeçar nas eſcuridades, ou com faſtio de naõ ſocegar nos horre-

res, com que ſe paſſa neſta noite. Aqui ſe ha de uſar da Fé, da Eſperança, e da Caridade, ainda que naõ ſeja mais que com huns quaſi affogados ſuſpiros, que, por ſurdos que ſejaõ, e deſmaiados que morraõ, tem no centro da alma quem lhes ſabe dar ouvidos.

Todas as creaturas, que nos provaõ, devemos amar muito; porque ſó ellas nos ſervem, e aproveitaõ; aſſim como as limas, e tenazes, que deſpedaçaõ, mordem, e atormentaõ o ouro, ſaõ quem o faz joya, onde as pedras das virtudes ſe eſculpem, e engaſtaõ.

Eſte mundo he hum mar, em que navegamos; e ás vezes, ou quaſi ſempre, nos naõ fazem tanto mal as ondas, como o vento da vaidade, que a muitas náos bôas tem mettido a pique.

Confeſſar, e naõ emendar he ſer cada vez peyor.

Pouco aproveita na oraçaõ propor grandes penitencias, ſe chegando a occaſiaõ faltar a tolerancia. O ouro naõ ſe tira das minas ſem grande fadiga: e o trabalho ſe balda, quando ſe deixa o ouro pela eſcoria.

As poeiras, que levanta o demonio, ſe apagaõ bem com chuva: neceſſario he chorá-las diante de Deos, para que aſſim ſe desfaça o furacaõ, que corre na tentaçaõ, que venta.

Hum rio, por pequenino que naſça, por fonte que começe, rio continûa, e mar acaba, ſe perſevera.

Muitos tranſes ſaõ como nevoas, levantaõ-ſe grandes máquinas, e tudo ao ſahir do Sol acaba. A fortaleza do eſpirito faz paõ dos trabalhos, e digerir as pedras duras; que a reſignaçaõ, e paciencia faz precioſas. Acceitemos o que Deos nos der, porque os feis ſe tornaõ açucar, quando a fonte, onde ſe bebem, he celeſtial. Mayor mimo nos faz Deos em nos dar a ſentir ſua Paixaõ, que em nos dar a entender grandes ſegredos de ſua Divindade, e querer-nos neſta vida por companheiros na pena, ſaõ fiaes de mayores gráos de gloria.

Mais

Mais ſe finca hum prégo na terra com huma martellada grande, que com muitas pequenas; por iſſo huma determinaçaõ grande, naõ tornando mais atraz, nos mette no Ceo de todo.

Joga-nos Deos ás aveſſas do noſſo goſto, pois vemos que até no que temos com Deos mais fino, goſta elle de que neguemos o voluntario. Convem naõ affligir, antes aquietar ſobre as eſpinhas, porque ahi eſtaõ muito a ſeu goſto as açucenas, e ſe ellas com algum ar ſe deſinquietaõ, tanto tem de tormento, quanto tem de rebolíço. Em tudo buſquey o deſcanço, dizia a Alma ſanta. Ponha-ſe de requiem por paz da alma, quem veſtio em vida a mortalha.

Deos he ſoberano Ourives. Aquelle ouro, de que quer fazer alguma joya, ou couſa precioſa, eſſe mette na fornalha: ſobre eſſe vem os martellos, as limas, as torquezes, as tenazes, e nada diſto he para lhe fazer damno, ainda que lhe dê tormento, ſenaõ para o deixar mais puro, e capaz de ſer joya, que os Principes ponhaõ no peito. O meſmo deve conſiderar cada hum nos ſeus trabalhos, e louvar a Deos em tudo, como fazem os Anjos; pareçamo nos com elles, e com os Serafins, em cuja boca tudo he, Santo, Santo, Santo.

Os exceſſos ſaõ como as chêas, que deſcompõem tudo, e logo paſſaõ. Naõ eſtou bem com virtudes de maquinas, que ordinariamente ſaõ caprichos, que paraõ em tramoyas de almas, que ſe deſpenhaõ.

Naõ ha para que fazer caſo dos deſpropoſitos, que o demonio traz ao ſentido a quem eſtá em oraçaõ; porque em quanto o inimigo naõ faz mais que bater á porta, final he que naõ entra dentro; e em quanto andamos neſte mundo, impoſſivel he viver ſem tentaçaõ, nem ha outra differença no eſtado dos que ſaõ juſtos, que vencêlas melhor

Quando pela acçaõ ſe larga a oraçaõ, naõ he de me-

nos agrado a Deos; he com tudo neceſſario cautéla naõ ſó nos fins, porque ſe obra, ſenaõ tambem no goſto de haver obrado bem; porque na terra naõ ha luz ſem fumos, e he neceſſario pôr os pontos altos, para que eſtes luzimentos de cá naõ fiquem, ou no fumo desfigurados, ou no brilhar eſvahidos: naſce o luzir do arder, e entaõ, mas que ſe queime o ſangue no lidar.

Em todas as neceſſidades ſe ha de recorrer a Deos, e quando elle falte com o que ſe lhe pede, dar-lhe graças com ſubmiſſaõ a ſeus Divinos juizos, como ſe concedera os deſpachos; porque eſtas graças na adverſidade agradaõ ſummamente ao noſſo bom Deos, o qual naõ deixa durar mais a noſſa falta, e miſeria, que em quanto nos ſerve de alguma eſpiritual importancia.

Nenhuma couſa he amar a Deos, ſenaõ morrer, porque naõ morremos por elle: ter ſede de féis, e de cruzes, fome de martyrios, e eſtimaçaõ de penas, alegria nos deſamparos, e eſcuridades, e ſobre naõ fartar de padecer, nunca padeçamos tanto, que naõ deſejemos padecer mais, aborrecer-nos a nós, ter medo das conſolaçoens, e allivios ainda eſpirituaes: mas no meyo deſta ancia viver em paz com memoria quieta, entendimento morto, fé viva, e acceza em Deos, e prompta a vontade para tudo o que elle ordenar.

Muitos outros Afforiſmos, e Regras de eſpirito para encaminhar, e guiar almas ſe achaõ nas ſuas cartas, tanto impreſſas, como manuſcriptas, e que brevemente ſe daráõ á eſtampa, dando-nos Deos vida. Por hora ſirva de reſumo a Patente do Generaliſſimo para o Veneravel Fr. Antonio ſer Meſtre de eſpirito das muito eſpirituaes Religioſas da Madre de Deos.

MAR-

MARCELLUS DURATIUS, DEI, & Apoſtolicæ Sedis gratia, Archiepiſcopus Chalcedonen. Sanctiſſimi Domini noſtri Papæ Prælatus Domeſticus, & Aſſiſtens, ejuſque & dictæ Sanctæ Sedis in Portugalliæ, & Algarbiorum Regnis, atque Dominiis cum poteſtate Legati de latere Nuntius. Dilectis in Chriſto filiabus Abbatiſſæ, & Monialibus Monaſterii Matris Dei, propè, & extra muros hujus Civitatis, Ordinis Sancti Franciſci, ſalutem in Domino ſempiternam. Religionis zelus, vitæ, ac morum honeſtas, aliaque laudabilia probitatis, & virtutum merita, ſuper quibus apud nos fidedigno commendamini teſtimonio, nos inducunt, ut vos ſpecialibus favoribus, & gratiis proſequamur. Exponi ſiquidem nobis nuper feciſtis, quod Pater Miniſter Generalis dicti Ordinis, veſtræ ſpirituali conſolationi conſulendo, dilecto in Chriſto filio Antonio à Plagis dicti Ordinis profeſſori, & Conventus Sancti Antonii de Varatojo Miſſionariorum Seminarii Alumno, ut prout temporis opportunitas, veſtrumque indigentia exegerit, confeſſiones veſtras audire, veſtroque ſpirituali profectui ſtudere poſſit, facultatem conceſſit per ſuas patentes litteras tenoris ſequentis, videlicet: Frater Joſeph Ximenius Samaniego totius Ordinis Seraphici Patris noſtri Sancti Franciſci Miniſter Generalis, & Servus: Dilecto nobis in Chriſto Patri Fratri Antonio à Plagis, ejuſdem Ordinis Prædicatori, Conventûs verò noſtri Sancti Antonii de Varatojo in Luſitania, Miſſionariorum Seminario Alumno, ſalutem in Domino ſempiternam. Cum Mater Abbatiſſa, & cæteræ Moniales Monaſterii noſtri Matris Dei urbis Ulyſſiponenſis nobis expoſuerint magnam ſe conſolationem, & ſpiritualem animarum ſuarum proventum de tua doctri-

na, & salutaribus monitis, tam in sacramentali Confessione, quam in privatis colloquiis, & exhortationibus aliàs expertas optare proinde præfatis spiritualibus bonis non privari, sed eis in posterum, sicut hactenus, frui, nostrasque super hoc ad te directas obedientiales litteras humiliter postulaverint. Nos justo earum desiderio annuere, ac spirituali consolationi, quantum cum Domino possumus, satisfacere optantes, & aliàs de tua vitæ integritate, spiritualium rerum experientia, atque in animabus dirigendis peritia plurimum in Domino confisi. Præsentium tenore Tibi facultatem concedimus, ut pro temporis opportunitate, & earumdem Monialium indigentia, ad præfatum Monasterium te conferre, earum confessiones audire, cæteraque præstare, quæ ipsarum in via virtutis profectui conducere videbuntur, licitè possis, & valeas. Præcipientes in virtute sanctæ Obedientiæ, ne ullus nobis subditus præsentes nostras litteras impedire, aut eorum effectum quoquo modo retardare præsumat. Vale in Domino nostri in orationibus memor. Dat. Parisiis in nostro Conventu Sanctissimæ Annuntiationis Recollectorum, die secunda Augusti, millesimo sexcentesimo octuagesimo. Fr. Joseph Minister Generalis. Loco ✠ sigilli. De mandato Reverendissimæ P. S. Fr. Hieronymus de Sousa, Secretarius Ordinis. Registrata. Cum autem sicut eadem expositio subjungebat præinsertas patentes litteras pro earum validiori firmitate, & exactiori observantia Apostolici muniminis patrocinio roborari plurimum cupiatis, nobis propterea humiliter supplicare fecistis, quatenus vobis in præmissis opportune providere benigne dignaremur. Nos igitur, qui per litteras Apostolicas, ad quorum insertionem minimè tenemur, sufficienti facultate suffulti sumus, vos specialibus favoribus, & gratiis prosequi volentes, vestrumque fin-

ſingulares perſonas, à quibus vis excommunicationis, aliiſque Eccleſiaſticis cenſuris, ſi quibus innodatæ exiſtitis, ad effectum præſentium tantum conſequendum, dummodo tamen in illis ab anno non inſorderitis, harum ſerie abſolventes & abſolutas fore cenſentes ſupplicationibus veſtro nomine nobis ſuper hoc humiliter porrectis inclinati, præinſertas patentes litteras, & in eis contenta quacumque Auctoritate Apoſtolica, qua in hac parte fungimur, tenore præſentium confirmamus, & approbamus, eiſque inviolabilis Apoſtolicæ firmitatis robur adjicimus, ſuumque plenarium, & integrum effectum ſortiri, & obtinere, ac ab omnibus, ad quos ſpectat, & in futurum ſpectabit, inviolabiliter, & inconcuſſe obſervari, & adimpleri mandamus. In contrarium facientes, non obſtantibus quibuſcunque: in quorum fidem præſentes, manu noſtra ſubſcritas, fieri, ſigillique noſtri juſſimus impreſſione muniri. Dat. Ulyſſipone Die V. Maii M. DC. LXXXII. Pontificatus Sanctiſſimi Domini noſtri Domini Innocentii PP. XI. Anno ſexto.

M. Archiep. Chalced.

Sebaſtian. Maſſimini Secr.

CAPITULO XX.

Graça milagroſa, que teve o Veneravel Fr. Antonio em ſua vida.

TOdas aquellas obras, que a noſſos olhos ſaõ maravilhoſas, tem por author ao Senhor das maravilhas. Eſtas póde o meſmo Senhor mandar fazer por quem quizer; porque naõ he graça, que neceſſariamente aſſente ſobre merecimentos, e por iſſo nenhum aggravo faz Deos á quelles Santos, a que naõ deo o dom de milagroſos. O Grande Bauſtiſta naõ fez milagre algum na ſua vida, porque em hum Primo, e Precurſor ſeu quiz Chriſto aſſentaſſe eſta maxima. De S. Malaquias pondéra o mellifluo Bernardo, que fizera hum grande milagre, e eſte fora elle. O meſmo nos baſtára dizer do Veneravel Fr. Antonio, ſe naõ fora faltar á expectaçaõ do mundo, e á mercê, que Deos fez a eſte ſeu Servo, querendo confirmar a opiniaõ de ſua ſanta vida com alguns acontecimentos raros ſobre o curſo das cauſas naturaes, cuja approvaçaõ he ſó da Santa Sé Apoſtolica, a que ſujeitamos todos noſſos pareceres, e juizos, e ainda as meſmas palavras, com que referirmos eſtes ſucceſſos, a que a voz do Povo chama milagroſos. Seja o primeiro da Fonte Santa da Villa de Benavente, que conſta da certidaõ jurada, que ſe ſegue.

Matth. 21. 42.

Fr. Manoel Rodrigues Gamboa, Freire profeſſo do Habito de S. Bento de Aviz, Beneficiado curado na Matriz de Noſſa Senhora da Graça da Villa de Benavente: Certifico, que no mez de Mayo da era de 1675 annos, poco mais, ou menos, indo o Reverendo Padre Meſtre Fr. Antonio das Chagas com ſeus companheiros em Miſſaõ

saõ á dita Villa; e estando para dahi fazer jornada para a de C,amora-Correa embarcado com os ditos, e mais gente, que o acompanhou; hũa mulher, que estava em terra, lhe pedio por amor de Deos huma conta benta das que costumava dar. E respondeo-lhe o dito Padre, que aparasse a maõ para a receber; ella o fez assim, mas naõ taõ bem, que lhe naõ cahisse a conta no chaõ: e no lugar, em que cahio, nasceo agoa da cor da dita conta; e tendo-a todos por milagrosa por naõ ser vista no tal lugar até aquelle tempo, começáraõ a concorrer a ella muitos cegos, e aleijados, e lavando-se com a dita agoa, conseguiraõ (como testificaõ muitas muletas, que hoje em dia existem na Ermida de S. Tiago da dita Villa) saude em suas enfermidades. Com que affirmo foraõ muitos os milagres, que publicavaõ os Christaõs, que concorriaõ a lavar-se com a dita agoa, indo-a buscar de diversas povoaçoens deste Reyno com titulo de agoa da Fonte Santa.

Assim mais certifico, que na dita Villa estando hum menino de oito para nove annos brincando com hum alfinete, que tinha na boca, o engolio; e ficando-lhe atravessado na garganta, o lamentavaõ seus pays, e parentes como a defunto. E dizendo hum dos circunstantes, que lhe fossem buscar agoa da fonte santa, que logo logo teria remedio pela muita quantia de milagres, que tinha feito: Respondeo outro, que ja viria tarde, quando chegasse; mas que elle lhe poria na garganta huma das contas, que tinha dado o dito Servo de Deos Fr. Antonio das Chagas, e que logo conseguiria o remedio. Cousa milagrosissima! Porque ao contacto da dita conta poz a no lugar do alfinete, o expellio fóra, ficando salvo do perigo: e todos publicando a vozes o milagre, que Deos obrou pela fé, que nas cousas do dito Padre se teve sempre, e naõ menos hoje. E por me ser pedida a passey jurada in verbo Sacerdotis, feita por mim, e assinada em 5 de Setembro de 1684.

Desta

Deſta fonte de Benavente ha varios teſtimunhos de viſta na Inquiriçaõ de Torres Vedras: e affirmaõ que durou todo o Veraõ, em que rebentou, e parte do ſeguinte, em que ſe ſecçou de todo o ponto a fonte, que nem todos os milagres ſaõ perennes: e tambem porque ha gentes a que fogem os milagres, e mais ſe ſaõ de fontes. Paſſáraõ os Hebreos huma vez o Mar Vermelho muito a pé enxuto, ſe o quizeraõ tornar a paſſar na volta do Egypto, havia de ſer a nado. Obra Deos os prodigios, para que ſe conheça o ſeu poder, e para eſte ſe conhecer naõ ſaõ neceſſarios annos, nem mezes, ſobejaõ tres dias, que eſteve Jonas no ventre da Balea; e foy o milagre, que Chriſto apontou áquella geraçaõ má, e adultera, que lho pedia.

Mat. 12. 39. Marc. 8. 38.

Feitos alguns Sermoens na Miſſaõ de Peniche, pediraõ os mais nobres daquelle Povo ao Veneravel Padre, que deitaſſe a ſua bençaõ ao mar, para que Deos foſſe ſervido de lhe dar peixe, cuja falta tinha aquelle Povo em muita pobreza. Deitou-a o Servo de Deos, depois de muito importunado; e ſe os peixes foraõ ja viſtos ſobre a agoa para ouvirem a hum Antonio; neſta occaſiaõ ſe apoſtáraõ a morrer por outro. No ſeguinte dia morreo muita ſardinha, e de taõ notavel grandeza, que Antonio Fernandes, Syndico dos Padres Capuchos Recoletos, trouxe ao Veneravel Padre em hum prato quatro ſardinhas, que pezáraõ hum arratel. E attribuiraõ todos á virtude da bençaõ aquella peſcaria, por haver muitos tempos, que naõ ſe peſcava naquelles mares huma ſardinha.

Em Setuval teve o meſmo effeito a ſua bençaõ deitada no mar a rogos do Juiz da Tabula, e do Contratador das rendas delRey, como depõem muitas teſtimunhas. Manda ſobre as aves do Ceo, e peixes do mar, quem por huma verdadeira penitencia ſe põem no eſtado da innocencia: porque a Adaõ deo Deos eſta preſidencia. Eraõ as obediencias de Chriſto lanços certos para os ſeus Peſcado-

cadores Apoſtolicos; e eraõ as bençoens de Fr. Antonio redes chêas para remediar muitas pobrezas. Depõem o Irmaõ Fr. Luiz da Eſtrella, que o peixe deſtes dous milagres ſe deo aos pobres. Já ſe pódem contar por tres, que naõ he pequeno milagre darem ſeu peixe a pobres os Peſcadores; mas como era peixe de bençaõ, por copioſa a todos abrangia.

Pondo, e correndo o Veneravel Fr. Antonio a Via Sacra em Abrantes em tempo de grande ſecca, que perecião as novidades por falta de agoa, mandou rezar hum Padre noſſo, e Avé Maria a noſſa Senhora, pedindo-lhe alcançaſſe de ſeu Bento Filho aquelle licor, que bebe a terra para nos dar fartura, e eſtando o Ceo ſereno, e claro, choveo logo grande quantidade de agoa a pedir por boca do Povo, interceſſaõ da Senhora, e oraçaõ de Fr. Antonio.

Acompanhando o Reverendo Padre Meſtre Fr. Manoel do Horto, Lente de Prima de Theologia, e Reytor agora do Collegio de S. Boaventura em Coimbra, ao Veneravel Padre nas Miſſoens do Sardoal, e Abrantes, e que por elle Meſtre eſtar ja canſado de muitas jornadas, que tinha feito naquelle anno, e o tempo rigoroſo de calmas ſem alguma eſperança de viraçaõ freſca, e elle teſtimunha (ſaõ palavras ſuas) agonizando-ſe pelo grande canſaço, que tinha, partira com o Padre Fr. Antonio de S. Bento para Eſtremoz por huma charneca bem deſabrida, tendo-lhe ditoro Servo de Deos, que ſe naõ deſconſolaſſem, que Deos lhe daria tempo freſco; e aſſim foy, porque fazendo naquelle dia grande calma, ao outro dia, e mais, que foraõ de jornada, tiveraõ ſempre tempo muito freſco: e que iſto bem podera ſer natural, mas a elle teſtimunha, pela opiniaõ, que tinha do Servo de Deos, lhe pareceo faria Deos aquelle favor pelos merecimentos do tal Padre.

Depõem o Irmaõ Fr. Eſtevaõ da piedade, Religioſo, que

que moſtrou na Religiaõ ter vindo a ella deſenganado do mundo; que eſtando elle converſando na Villa de Salvaterra, e preſentes Fernaõ de Souſa, e Joaõ de Souſa, hoje meritiſſimo Biſpo do Porto, ſeu irmaõ, e o Padre Fr. Manoel de S. Braz, ouviraõ todos dizer ao Conde de Sarzedas D. Luiz da Silveira, que o Veneravel Padre fizera maravilhoſos ſerviços de Deos no Algarve em tempo, que elle Conde foy Governador daquelle Reyno, e que entre outras couſas contára, que eſtando prégando o dito Veneravel Padre, déra hum accidente em huma mulher, o qual lhe durou todo o tempo, que elle eſteve no pulpito, e acabado o Sermaõ deſcendo á Igreja, chegou á dita mulher, e lhe mandou por obediencia, que naõ tiveſſe mais accidentes; com que ella tornou logo em ſi livre do que padecia. E eſtando tambem preſente hum Capitaõ, confirmou o referimento do dito Conde, pela razaõ, que diſſe tinha de o ſaber, e era ſer aquella mulher ſua irmaã: e que ſabia naõ lhe terem tornado a dar os accidentes inhibidos pela obediencia do Veneravel Fr. Antonio. Moſtrou Chriſto o poder de ſuas obediencias mandando aos ventos, e aos mares, e obedecendo-lhe mares, e tempeſtades; a imperios de Fr. Antonio obedeciaõ os accidentes. Mas como eſtes naõ pódem exiſtir ſem ſubſtancia, Chriſto a punha toda no que ſeu Servo mandava. E dar o Senhor poder a Fr. Antonio para ſe fazer ſenhor dos accidentes, foy dar-lhe huma das fortunas mais grandes. Póde-ſe duvidar ſe he mayor que o poder com os mares, e terra naõ as tempeſtades.

O Contador do Meſtrado de Aviz, Manoel de Magalhaens Cerqueira, affirma com juramento, que indo para a Cidade de Beja encontrára em Aguiar a hum homem, que fazia o meſmo caminho, e chegando ambos a huma Ermida, que fica junto de Vianna de Alvito déra a ſeu camarada hum accidente, de que ficára como morto; e pedindo confiſſaõ com palavras, que mal pronunciava, ſoy ca-

hindo da beſta, em que hia, mas acudindo lhe o dito Contador, ſe arrimou a elle, tirando de humas contas brancas, que o Veneravel Padre lhe tinha dado, as deitou ao peſcoço do atribulado; e que logo lhe paſſára aquelle mal repentino em tal forma, que ficára como ſe naõ tivera couſa alguma. Fortuna, que hum, e outro attribuiraõ a merecimentos do Veneravel Fr. Antonio, por cujas contas ſe contaõ tantas maravilhas.

CAPITULO XXI.

Perſeguiçoens, que padeceo o Veneravel Fr. Antonio por ſer amigo de Deos, e inimigo do Inferno: Vence finalmente ao infernal aragaõ, tendo-o Deos da ſua maõ.

HE Deos taõ zeloſo do ſeu amor, como nas ſuas amizades. No amor naõ quer ſer parcial, e as amizades quer que todas ſejaõ ligas. Quem naõ eſtá commigo, dizia Chriſto, he contra mim. E o Apoſtolo, que quem foſſe amigo de Belial, naõ o era de Deos. Cegaõ os olhos, que entraõ no eſcuro, ſahindo da claridade, e tirar os olhos do Pay das luzes para os pôr nas trevas, he huma das mayores cegueiras. Achaõ-ſe com tudo eſtas ainda naquelles que traz nas meninas dos ſeus olhos por ſentimento de ſeus aggravos, e lhe andar o leaõ rugidor com a cabeça á roda, fazendo ſe lhes vá o lume dos olhos na attençaõ, e goſto dos ſeus gyros, e trebeixos. Mas o noſſo amigo de Deos Fr. Antonio naõ admittindo neutralidades, e pondo-ſe ſempre da parte de Deos, depois que Deos quiz que elle tiveſſe parte nelle, ſe negou todo, e de todo ao demonio, querendo ſómente por ſua humildade, ter apparencias com elle.

Luc. 11. 22. 2. Cor. 6.

Eſta

Esta vontade, e humildade se vê de huma sua carta para huma Religiosa, que parece lhe chamára Santo escrevendo-lhe; e he a que se segue: „ Nisto de parecer „ com Santos me naõ falle V. M. mais neste mundo: „ mas antes lhe encommendo, que espreite muito com „ que diabos mais me pareço; porque mais vem quatro „ olhos, que dous. *E n'outra carta*: Em Alemquer „ me agasalhey na Cella, em que o diabo foy noviço: „ se se conhecêraõ minhas miserias, com razaõ me dé„ raõ aquella pousada.

Destes, e outros ditos do Servo de Deos se assanhou tanto o dragaõ infernal, que procurou fazer desta estrella triunfo da sua cauda; e a unhas, e a dentes despojá-lo das virtudes, com que a Deos se fizera grato, e ao Inferno aborrecido. Naõ he crivel a bateria de tentaçoens, com que o demonio pertendeo arruinar a fortaleza deste segundo Antonio na resistencia ao Inferno. Vinte e dous dias durou de huma só investida a furia diabolica; segundo affirma seu Confessor o Senhor Bispo de Angra. Todo o Inferno junto se armou por outras muitas vezes contra elle; mas vencia sempre Antonio como Antaõ no seu tempo. Assim o confessa elle mesmo a huma Religiosa estando de partida para a Misiaõ da Beira, querendo-lhe dizer quanto o demonio tinha procurado impedir-lha. E na verdade quando o Veneravel Padre naõ déra outro pezar ao demonio, que tirar-lhe das unhas tantos milhares de almas em virtude de suas Missoens, era esta mais que relevante para o Inferno todo se apostar ao encontrar, e lhe fazer todo o mal.

Dando o Veneravel Padre nascimento ás tentaçoens sensuaes em doutrina a huma filha espiritual sua, lhe diz assim: „ Nasce muitas vezes este mal da disposiçaõ natural: outras de alguma ruina espiritual, como de vaidade, vangloria, jactancia, e complacencia de si mes-

ma

,, ma. Naſce tambem da ſuggeſtaõ do demonio naquel-
,, les, ou naquellas, que tem zelo das almas. E de fóra
,, vontade o demonio deixára de tentar com iſto, ſe os
,, que tem eſte zelo deixáraõ a occupaçaõ, em que an-
,, daõ. E como V. M. agora entrou neſte officio de go-
,, vernar almas, naõ ſe eſpante de que deſinquiete o dia-
,, bo a ſua. ,, Nem nós temos que nos admirar de que o demonio fizeſſe tanta guerra a hum Servo de Deos que o trazia continuamente em batalha, contendendo por levar ao Ceo quantas almas contava por ſuas o Inferno, e paſſar para a maõ direita de Chriſto todas, a que lhe tinha poſto á eſquerda o demonio. Eſcrevia elle a hum Religioſo, a quem dava conta do ſeu eſpirito, e dando-a de ſuas Miſſoens, de que ſe diziaõ neſte Reyno grandes couſas, e entre ellas, que deitava muitos demonios fóra dos corpos endemoninhados, defere a eſte ponto dando-lhe a verſaõ do ſeu eſpirito, e engenho. ,, Dos diabos de Almeida, e de quantos eſtaõ
,, no Inferno, que em Mundi, em S. Joaõ da Peſquei-
,, ra, Pinhel, e outras muitas partes achamos; direy a
,, V. P. o numero; porque, ſem os ver, ſem engano o
,, ſey; e ſaõ ſette. Eſtes deitou noſſo Senhor do corpo
,, da Magdalena; e diz S. Gregorio, que eſtes ſette eraõ
,, todos os demais: e aſſim eſtando eſtes, que ſaõ os ſet-
,, te peccados mortaes, que deſtroem a Ley de Deos,
,, eſtava lá todo o Inferno: e ſaõ eſtes ſette mais para
,, temer, que a Legiaõ de 6666., que hum ſó homem
,, tinha no corpo nos tempos de Chriſto. Deſtes por
,, meus peccados tive ja muitos, ſe acaſo naõ tive
,, todos, e agora vejo ſe me poſſo vingar por varias
,, partes por onde os acho.

Naõ ſó fazia crua guerra ao Inferno por cauſa de vingança, ſenaõ tambem por recreaçaõ de montaria, andava á caça das almas, que o demonio tornára feras: ,, Eſta
,, terra he grande,, (eſcrevia elle de huma terra, que ó era)

era) „ e como brenha inculta, onde ninguem pôs fo-
„ go, chea de monſtros, e féras; e ainda que ja mor-
„ reo huma grande parte dellas nas eſpirituaes monta-
„ rias, outras ſe tem feito fortes; mas eſpero na mi-
„ ſericordia de Deos, que naõ ha de prevalecer o In-
„ ferno. „ Naõ prevalecêraõ nunca as portas do Inferno contra Pedro, porque Chriſto lho ſegurou; nem prevaleceraõ contra o zelo de Fr. Antonio, porque neſte confiou, que ſaõ as confianças em Deos os melhores ſalvos-conductos para naõ temer os demonios.

Sobre eſta ſua confiança na miſericordia Divina aſſentava a prevençaõ, e cautélas, com que ſe havia, para que o demonio naõ ſahiſſe com a ſua. Eſtas ſe pódem ver do que aconſelhava a huma Religioſa: „ Importa muito, que vendo eſtas baterias, ande prevenida, e advertida com os firmes propoſitos, reſignaçoens, indifferenças, e valentias do animo; cuja victoria conſiſte em deſprezar os demonios, e os vicios, que naõ „ queremos, até zombarmos, delles. „ Conſiderava mais ſerem as tentaçoens eſpias, pelas quaes Deos mandava eſpreitar o amor, que lhe moſtrava, e a paciencia, que tinha. E com receyos de admittir eſpias, naõ dava entrada a muitas honras, que a caridade, e amor dos Principes lhe queriaõ metter em caſa. He alto encarecimento neſta materia a razaõ, que dá para naõ concorrer para a mercê, que ElRey por reſpeito do Veneravel Padre quiz fazer, como fez, a ſeu Irmaõ D. Joaõ Soares do Priorado de Aviz, e he a que ſe lê de huma reſpoſta ſua a huma Senhora Religioſa, que com ſeus parentes fora memorial para o Principe a haver de fazer: „ Cada vez (ſaõ palavras ſuas) me move mais noſſo „ Senhor a que inteiramente deſte mundo naõ queira nada mais, que a ſua gloria, honra, e bem das almas. „ E o demonio, que intenta deſtruir eſta, a meu ver, „ obra de Deos, em traje de razaõ, e caridade, faz por intro-

„ introduzir aquellas conveniencias, que saõ desdouro „ da palavra Divina, e interdicto para o bem das almas. „ E como conheço isto, digo a V.M. que tenho grandes „ receyos que, ou por via dos companheiros, a quem „ tenho ordenado com todo o aperto, que naõ tratem „ aos meus particulares mais que eu, ou de outra algu- „ ma pessoa se teça alguma tea do demonio, em que se „ enxovalhe, ou perca esta opiniaõsinha, que se tem „ do zelo de Deos.

Deste mesmo principio nasciaõ os temores, que tinha das veneraçoens com que o tratavaõ, dizendo, *que lhe hia melhor com os diabos das perseguiçoens, que com os das estimaçoens.* E tambem aquelles retiros, q̃ affectava da Corte, naõ vindo a ella senaõ muito por força, ou da obediencia, ou da importancia; e a razaõ, que dava, era esta: „ Bem sey eu, que nos desertos ninguem se „ livra de tentado, porque tambem por elles anda o de- „ monio em habito santo, mas vay muito de contendor „ hum a hum estando armado na imitaçaõ de Christo, „ ou pelejar com todos nas Cortes, onde das virtudes „ necessarias ando desarmado. Se Deos quizer dar ar- „ mas de prova, e na alma nos der que vamos a Ninive, „ ainda que naõ seja tam bom como Jonas, espero naõ „ lhe dar as costas, porque toda a duvida está em naõ sa- „ ber daqui por diante qual he a Divina vontade. A „ obediencia, que eu tenho por lingua de Deos, nos di- „ rá o certo, e acerto. „ Escrevendo de Estremoz no anno de 1676 a huma Senhora, que desejava muito viesse á Corte, lhe diz que o encommende a Deos, e que de mais perto lhe fizera esta petiçaõ, se a estrella, que tinha na Corte, o naõ tivera deitado a longe.

Desenganado o demonio de que naõ podia vencer a Fr. Antonio por arte, e industria, pela muita, com que o achava prevenido a todo o tempo, quiz tirar a vida a quem naõ podia fazer perder a graça. E foy o successo

deſta maneira, que o depóem o Padre Meſtre ja nomeado, Confeſſor do Convento da Madre de Deos, que por de taó grandes letras ſoube ſeparar o natural do ſobrenatural. Em tres de Agoſto do anno de 1682, eſtando o Veneravel Padre practicando com altiſſimo, e affervorado eſtylo ás Religioſas do Convento da Madre Deos na tribuna da Igreja, que fica duas braças em alto do pavimento della, e tem huma grade de pedra á roda; chegando a hum ponto, que ao diabo devia de doer mais, que a ferida, que dizia ter-lhe feito a ſoberba na cabeça; o quiz precipitar daquelle pinaculo, fiando o impulſo de hum vertigo, por ſe naõ moſtrar culpado: cahio ſubitamente Fr. Antonio, e com elle a cadeira, em que eſtava practicando, (cahem os lugares com quem he ſó para elles) e foy viſta metade do ſeu corpo fóra da tribuna, dando tempo aos Padres aſſiſtentes a que chegaſſem a ter maõ nelle, como tiveraõ, pegando-lhe levemente, que ſuſtenta o ar, quando, ſem nós querermos, nos quer o demonio derrubar. O accidente podia ſer natural, o modo, como livrou, pareceo a muitos Religioſos, que eſtavaõ preſentes, e a todas as Religioſas ouvintes, que fora ſobrenatural. Nem póde a penna explicar aquelle apenas, que tinha o corpo em que ſe ter para naõ cahir dalli abaixo; como nem os entendimentos chegar áquella admiraçaõ dos olhos. Paſſado breve eſpaço, ſe levantou com grande alegria, e ſocego, dizendo, *que naõ tinha ja nada, e que naõ havia de prevalecer o diabo*: e poſto de joelhos rezou com os circunſtantes hum *Te Deum laudamus*, que rematou com algumas orações. Tinha tençaõ de continuar a practica, e para iſſo ſe tornou a aſſentar na cadeira; mas nem o Confeſſor, nem a Madre Abbadeſſa, e mais Religioſas o conſentiraõ. No meſmo dia diſſe, *que ſe o demonio o deſcompuzera com a quéda, iſſo ſentira elle muito.* E dizendo-lhe huma Religioſa, que bem ſe enten-

dia

dia ſer o demonio, o que lhe armára aquella quéda para impedir o fructo da ſua practica, reſpondeo: *Que os ſeus males cauſas naturaes tinhaõ; mas que tambem entendia, que o demonio lhe movia algumas vezes os humores para lhe accreſcentar o tormento, e impedir o ſerviço de Deos.*

Vingança deſte atrevimento foy hum ſonho, que ſe refere teve o Servo de Deos ſendo ja Frade, e depõem muitas teſtimunhas de ouvida da ſua propria boca. E poſto que de ſonhos ſe naõ deva fazer caſo, naõ he taõ univerſal eſte principio, que tire o credito aos ſonhos de Joſeph o ſonhador, e Vice-Rey do Egypro, e a outros muitos, que a revelaçaõ Divina fez myſterioſos. Naõ elevamos tanto eſte ſonho de Fr. Antonio, e ſó lhe damos o lugar, que tem nas vidas dos juſtos, e virtuoſos os ſeus ſonhos. Pernoitando em caſa de ſua mãy, ja depois de Religioſo, acordou de noite a toda a caſa com anciadas vozes, que dormindo dava; e chegando-lhe a perguntar o que tinha, reſpondeo, que ſonhava ir ſubindo a hum penhaſco com tres lanças na mão, as quaes empregára por tres vezes em hum dragaõ, que outras tantas o accommettêra para o derrubar; e ficando da ultima lançada morto, ſubîra com grande goſto ao penhaſco. Tres lanças, com que Joab atraveſſou o coraçaõ de Abſalaõ, ſegurâraõ a coroa, que hia cahindo da cabeça a David; e tres lançadas dadas por Fr. Antonio no dragaõ, ſegurâraõ a ſua vocaçaõ, que lançadas ſaõ para o demonio, Fè, Eſperança, e Caridade, com que lhe fez tiro eſte Veneravel Padre. Taõ formidavel aos demonios, que entrando na Igreja dos Arcos de Valdevez, em que eſtavaõ muitas peſſoas com eſpiritos malignos nos ſeus corpos, começâraõ eſtes a dar horrendos berros, que atroavaõ os ouvidos, e para Fr. Antonio eraõ vivas dos ſeus triunfos, acclamaçoens de ſuas victorias, e finaes certos de que á ſua 2. Reg. 18. 14.

viſta ſe davaõ por perdidos os demonios.

Naõ ſe ganhavaõ mais os fingidos endemoninhados; que ha gente taõ perverſa, que por vencerem, e cobrarem os alugueres de caſas do Inferno, ou ſahirem com ſeu intento, ſe fazem moradas do demonio. Para conhecer eſta caſta de gente teve graça particular o Veneravel Padre, e muitas vezes diſſe com ella ao Reverendo Fr. Luiz de S. Franciſco ſeu companheiro, que depõem iſto meſmo: *Ide á Igreja, deſembrulhay eſſas meadas, e deſenganay a quem ſe engana com eſſes diabos comedores, e infernos animados.* Nem podia faltar eſta graça de conhecer eſpiritos fingidos, a quem Deos a tinha dado muy copioſa para conhecer os verdadeiros. Quem dá o mais, como naõ dará o menos!

Todos eſtes, e ſobreditos dons, dadivas gratuitas da Divina bondade, e miſericordia, ſe admiráraõ, reſpeitáraõ, e veneráraõ no Servo de Deos Fr. Antonio das Chagas, depois que huma firme, e conſtante reſoluçaõ de chegar ao mais alto da perfeiçaõ o fez merecedor de que Deos o differençaſſe dos que contentes com huma vida commũa lhe naõ daõ muito particular gloria. Para Deos a procurou ſempre no que obrava; e de Deos ſeja toda, a que ſe lhe ſeguir deſta obra, que em todo, e por todo ſobmetto á Santa, e Univerſal Igreja Catholica Romana, cativando o entendimento em obſequio da ſua Fé, regras, e dictames, como unica Meſtra da verdade cá na terra

Manoel Godinho.

ES-

ESCREVE O VENERAVEL PADRE Fr. Antonio das Chagas a hum ſeu amigo, dando-lhe noticias de como tomára o habito de S. Franciſco no Convento de Evora, do qual eſcreve a origem, e a caſa de oſſos, que nelle ha, ſobre o que funda grandes motivos para os deſenganos do mundo.

ELEGIA I,

ENTRE o ſagrado horror deſta clauſura,
Onde tenho por habito a mortalha,
Caſa faço tambem da ſepultura.
Onde, como guzano, que trabalha
Por ſe eſconder no tumulo tecido,
Roubo hum triunfo á temporal batalha.
Paſſo taõ outro, ó Fabio, do que hey ſido,
Que, ou o que ſou mil vezes deſconheço,
Ou quaſi ſempre do que fuy duvido.
Paſmo de ver, que á verde idade teço
O mauſoleo de hum clauſtro limitado,
Eu, que naõ coube de Babel no exceſſo.
Paſmo de ver-me a tantos pès proſtrado,
Eu, que no Olympo de hum ſoberbo intento
Quiz dar ao mundo aſſombro, ao Ceo cuidado.

E o que me admira, por mayor portento,
Hè, que efficacia tolle do diſcurſo,
O que naõ póde ſer da ancia eſcarmento.
Se bem, naõ tendo ás lagrimas o curſo,
Ja creyo que taõ altos exercicios
Effeitos ſaõ de hum celeſtial concurſo.
Impulſos ſaõ daquelles beneficios,
Com que a bondade immenſa nos declara,
Que as vontades quer mais, que os ſacrificios;
Pois ao ferir da ſacroſanta Vara
Desfez em agoa hum coraçaõ de pedra,
E o lavra agora para pedra da ara.
Eſte, que hum tempo de Ariadna, e Fedra
Se votava ás imagens fabuloſas,
Com que ainda a louca idolatria medra;
Hoje com differenças prodigioſas
Só da imagem ſe preza, e ſimilhança
De quem taes pedras fez aſſim precioſas.
Porèm que muito he ver-ſe eſta mudança,
Se deſſe de piedades Oceano
O fluxo ao clima mais remoto lança!
Se em fim chega o ſeu curſo ſoberano
Por meatos de occulta Providencia
Aos pedernaes do coraçaõ humano!
Donde, bem que ache dura a reſiſtencia,
Vemos que o manancial da eterna Graça
Naſce, ou rebenta com feliz violencia;
Para que, bem que entre as eſpinhas naſça,
O campo eſteril regue, e fertilize,
E os ermos triſtes apraſiveis faça;
E em fim, para que ao tempo, que agonize,
Ao roxo mar de ſangue ſeu ſe chegue,
E nelle com mais gloria ſe eternize.
Neſte, ſem que a ignorancia mais navegue,
He força ja que Faraó ſe affoge,

E he

E he bem que o Povo, que he de Deos, ſe entregue.
Razaõ he ja que aqui ſe deſafiogue
A alma de tantos laços encobertos.
E que a ſoltura, dos que os ſentem, rogue.
E he bem que os dias deſta vida incertos,
Do Manná ſe alimentem ſacroſanto,
Que ſempre chove da alma nos deſertos.
Acabem pois daquelle cego encanto,
Com que eu ſeguia as Circes, e as Sirenas,
A voz em ays, a melodia em pranto.
E ja nem mais as Didos, e as Helenas
Do fumo a fazer gloria ſe coſtumem,
Que incendio he da alma, o que he faiſca apenas.
Pois ſoberbas do damno ſe preſumem,
Que deixe Troya do que foy veſtigios,
E que inda as cinzas de Carthago fumem.
Mas como haõ de eſquecer-me eſtes prodigios,
Se acho em meu mal os muros Africanos,
Se olho no eſtrago da alma os campos Frigios;
Aonde ſobre eſſes idolos profanos,
(Que ja proſtra em pedaços o eſcarmento)
Se edificaõ melhor os deſenganos,
Pois naõ tiveraõ firme fundamento,
Se, para mais ſe erguer, naõ derrubáraõ
Aquellas torres, que formey no vento!
Demais de ver os bens como acabáraõ
Lá dentro na alma hum vivo horror infunde,
Com que ſe foge aos goſtos, que ſe amáraõ.
E naõ he facil que em razaõ ſe funde
Quem para levantar-ſe deſta ſorte,
Sem cahir na razaõ, a alma confunde.
Venus, Minerva, Jupiter, Mavorte,
Que honras, que glorias pódem dar-lhe á vida,
De quem depreſſa naõ triunfe a morte?
Qual flor ſe murcha a idade mais florida,

Qual ſonho acaba a gloria mais pezada,
Qual ſombra paſſa a pompa mais luzida;
E antes que a mèta da fatal jornada
Coroe a vida, a todos nos parece
Breve a flor, vaõ o ſonho, a ſombra nada.
Se ao tempo pois, que cada qual florece,
Secca aquella, eſte ſolto, eſta desfeita
Magoas faz, ancias cuſta, horrores creſce;
Quem mais o ſonho, que a verdade acceita?
Quem pela flor o fructo da alma perde?
Quem pela ſombra a luz do Sol engeita?
Oh ſe a eſperança no Zenit mais verde
Das Primaveras os Outonos vira,
Aonde Abril he força que a desherde;
Que depreſſa entre os golfos advertira,
Que he efimera caduca a flor da idade,
A gloria fumo, a oſtentaçaõ mentira!
E ſenaõ, diga a vaã proſperidade,
Quando em auge mayor ſe conſidera,
Que tempos goza os fructos da vaidade?
O que ha de ſer, incerto ſe pondera,
Aquillo, que eſtá ſendo, vay paſſando,
E hoje naõ he o meſmo, que hontem era.
Logo ſe o meſmo, que ſe eſtá gozando,
No crepuſculo breve de hum momento
Vay da vida as auroras enganando;
Se aquelle arrebatado movimento
Das horas vay fugindo, quando dura,
Só por moſtrar, que a gloria humana he vento;
Quem das liçoens do tempo, e da ventura
Naõ aprende, que o bem todo he mudança,
E ſo méta da vida a ſepultura?
Que importa pois, que ouſada a confiança
Do ſoberbo baxel, paſmo ás Nereas,
Navegue vento em popa, mar bonança;

Se

Se arrebatado ao canto das Sereas
Pára entre os riſcos deſte imperio undoſo
Horror das praias, magoas das arêas?
Que importa pois, que o menos caudaloſo
Raudal das chuvas com a groſſa enchente
Os campos ſenhoree impetuoſo;
Se em fim paſſando o lobrego accidente
Das Antharticas nuvens confundidas
Morre corrida a miſera corrente?
Que importa que com ancias repetidas
Buſque como eſplendor, ou como abrigo
A Borboleta as luzes pertendidas;
Se em fim, galanteando o ſeu perigo,
Acha naquelle agrado o ſeu tormento,
Tem no ſeu luzimento o ſeu caſtigo?
Que importa, que da fonte o vago alento
Co'a ſubſtancia, que bebeo ao monte,
Os valles encha de cryſtal, e argento;
Se eſtivo o Sol a penas o Orizonte
Raya, quando a que rio era de prata,
Moſtra ſó que de lagrimas he fonte?
E ao Sol que importa, quando mais dilata
Seus rayos neſſe exercito luzente,
Com que de Erebo as ſombras desbarata;
Se por mais tempo, que o triunfo augmente,
Vê que lhe dá no eſpaço de hum ſó dia
Throno o Zenit, e tumba o Occidente?
Navegue pois a intrepida ouſadia,
Corra a ſoberba, voe o cego engano,
Ria o deleite, e luza a tyrannia;
Que em fim de todos ha de ſer no humano
Theatro, baixo, riſco, morte, pena,
Fim a luz, rayo a dor, e acaſo o damno.
Governe o Carro pois da luz ſerena
Elle, a quem inda em arvore Lampeſia.

Chora

Chora de Padua na ribeira amena.
Erija em fim com arrogancia neſcia
Aos Ptolomeus pyramides o Egypto,
E aos Ceſares eſtatuas Roma, e Grecia;
Porque do fado ſeu ao fim preſcripto
Haõ de cahir ludibrios da fortuna,
Quanto oſtentáraõ culto do delicto.
Certo, ó Fabio, que olhando eſta opportuna
Obſervaçaõ do humano deſatino,
Que tanto o mundo cegamente impuna;
Dos meus paſſados erros imagino,
Que a naõ ſerem de huma alma impios venenos,
Pudéraõ ſer myſterios do deſtino.
Pois tanto os meus deſtroços mais pequenos
Com evidencias triſtes perſuadem
O mais da magoa, e do juizo o menos,
Que por pouco que da alma ás portas brádem,
He força que, acordando eſtremecida,
Só neſte aviſo, que lhe daõ, lhe agradem.
E aſſim, como em Cidade deſtruida,
Chegando acaſo incerto caminhante,
Que foy fugindo á noite deſabrida;
Paſma, vendo dos mortos o ſemblante,
Treme, olhando das torres, e dos muros
Deſfeita em cinza a maquina arrogante;
E fugindo aos peſtiferos, e impuros
Horrores, ja naõ ſabe como, ou quando
Em ſalvo ponha os paſſos mal ſeguros.
Aſſim, quando em mim meſmo vou entrando,
E as cinzas pizo, com que toda horrores
A viſta vay ao coraçaõ gritando;
Vendo-me todo eſtragos, e furores,
Triſte me aſſombro, e tremulo me admiro
Da alma nos eſpectaculos menores.
Pois da honroſa ambiçaõ no immenſo gyro,

No

No cego ardor de tanto fogo impuro,
No fim mortal de tanto vaõ ſuſpiro;
Tantas offenſas tragicas apuro,
Que tendo a vida de ſi propria medo,
Fugir de mim ſolicito procuro.
E inda que naõ cuidey ſahir taõ cedo
Daquelle, hum tempo doces embaraços,
Nó cego da alma, e do valor ſegredo;
Mais que Alexandre de hum ſó golpe os laços
Cortey, por crer que he mais que vencer mundos,
Fazer a alma o ſeu idolo em pedaços.
Cahindo pois entre os raudaes profundos
De hum mar de fogo os vultos de Accidalia,
Que eu em ſilencios lamentey facundos.
Entre os diluvios, com que ardeo Caſtalia,
Queimey (purificando da alma o Templo)
O Templo a Chipre, os Tempes a Theſalia.
Mas como o mal, que por meu bem contemplo,
Faz que a memoria em marmores eſculpa
Iſto, em que eu tomo de mim meſmo exemplo,
Tanto me move a dor, que me deſculpa,
Que para achar o eſpirito da emenda,
O buſco entre os cadaveres da culpa.
Aqui he preciſo que a razaõ ſe offenda
De ver-ſe ſempre idolatra da injuria,
Sem que as triagas do veneno aprenda.
Aqui, abjurando de Cupido a furia,
Fujo aos incendios dos mortaes inſultos,
A' luz me chego da celeſte Curia.
Onde, depondo os enganoſos cultos,
Saõ ja da offenſa miſeros retratos,
Os que eraõ da alma venerados vultos.
Pois mal Vulcano a ſeus fataes recatos
As honras fez dos ultimos officios
Neſtes entaõ primeiros deſacatos;

Quando

Quando deſte holocauſto nos indicios
Se vio que as pyras da mayor belleza
Foraõ altar de eternos ſacrificios.
Mas que muito he que a humana natureza!
Tenha eſte acordo, ſe os penhaſcos rudos
Fazem, ſem ter juizo, eſta fineza?
Como ſe ſoffrem na razaõ deſcudos,
Se vemos que elles marmores cahidos
Por tantas bocas nos reprehendem mudos!
Aqui vejo elles porfidos, que erguidos
Hum tempo ás nuvens ameaçavaõ guerra,
Por ſi meſmos proſtrados, e abatidos.
Vejo a ſoberba maquina por terra
Deſte hum tempo edificio, hoje eſpantoſo
Cadaver, que em ſi proprio o tempo enterra.
Vejo que o que de Flora era ſumptuoſo
Penſil, e de Favonio aula fragrante,
Ja de ambos cemiterio he latiſmoſo.
Neſte, que firmamento foy brilhante
De Eſtrellas tantas, como Ninfas bellas,
Que acha ja, mais que a ſombra, o caminhante?
Em fim no eclipſe, e fim deſtas, e aquellas
Se vê que as maravilhas acabáraõ,
E que tambem cahiraõ as Eſtrellas
De tudo, o que luziraõ, e oſtentáraõ,
Nem inda para timbres da victoria
Os fados cuido que os troféos deixáraõ.
Só ſey que, pàra aviſo da memoria,
Se levanta edificio da ruina,
Quanto cahio eſtrago da vangloria.
Onde á vaidade o deſengano enſina,
Que, aſſim como aos Tugurios, aos Coloſſos
Vulgar fortuna abate, e predomina.
Reparo aqui das pedras nos deſtroços,
Onde a muda inſcripçaõ dos annos grita,

Quaõ

Quam debil maõ de ſeus brazoens fez troços.
Aqui o diſcurſo as pedras ſolicita,
Pois ſendo de attrahir para o eſcarmento,
De toque ſaõ para a razaõ contrita:
E aquelle horror, que na alma repreſento,
Tanto por dentro a mette eſpavorida,
Que os padroens mudos, feito eſtatua, augmento.
Cahindo aſſim na fabrica cahida,
Se o paſſo perde a cada paſſo o goſto,
Naõ acho pedra ſobre pedra á vida.
Só acho, bem que ſempre o pranto expoſto
Nas alvas de meus olhos amanheça,
O coraçaõ em negras nuvens poſto.
Parece em fim, que, porque a magoa creſça,
Quer moſtrar eſta dor, que em quanto ſinto,
Dos lutos da alma a triſte pompa he eça.
Cuide-ſe pois que hypocrita requinto
O mal; que pinto ao vivo, bem que tanto
De morta cor o ſentimento pinto.
Que pouco vay naquelle neſcio eſpanto,
Que iſto me eſtranha a oſtentaçaõ da Muſa,
Sem que ouça a viſta as confiſſoens do pranto.
Mas quem, inda que a viſta de Meduſa
Pedra o fizeſſe, naõ ſe desfaria
Neſtas ternezas, que a ignorancia accuſa!
Se até nos jaſpes deſta fonte fria,
Se nas paredes deſta cerca auſteras
Tudo vejo brotar melancolia.
Veſtidas ſó demacillentas heras
Em ermo trocaõ pallido das flores
Tudo, o que foy ſolar das Primaveras.
Pois deſtas, que excediaõ ſuperiores,
De mil boninas produzindo os molhos,
Pancaya em cheiros, e Fenicia em cores;
Tudo, o que encontraõ triſtemente os olhos

Thebaida heja de Abril, que entre ſeus gyros
Leito de eſpinhos tem, docel de abrolhos.
Se aqui contemplo os funebres retiros
De tantas covas, onde os ecos fazem
Rouco clamor do Zefiro os ſuſpiros:
Vejo que nús os eſqueletos jazem
Daquelles troncos, bem que algumas vezes
Viçoſo ornato amigos Soes lhes trazem.
Gálla os vejo fazer das deſnudezes
Quando dos campos, e jardins no eſmalte
He mais a pompa dos floridos mezes.
Julgo-os por reprehenſaõ, de que nos falte
O penitente traje, e que ſómente
As inſignias da culpa o vicio exalte.
Vejo logo de hum marmore a corrente,
Com que hum raudal, deleite das hervinhas,
Lamenta triſte, quanto rio contente,
Ja magoando a neve entre as eſpinhas.
Parece que co' o pranto de hum penedo
Corre a accuſar-me das durezas minhas.
Olho daquellas heras o ſegredo,
Com que eu cuidey que em cegos nós atado
Tinhaõ laſcivamente eſſe arvoredo,
Aqui me enſina, e deixa edificado
Ver das agoas, e plantas nos indicios
Contrita a fonte, penitente o prado;
Pois fazem de ambas hoje os exercicios,
Chorar as pedras com ſentida magoa,
Veſtir-ſe os troncos de aſperos cilicios.
Aqui me apuro do pezar na fragoa,
Vendo que inda os meus olhos naõ ſaõ fontes,
Sendo fontes de pranto huns olhos de agoa.
Aqui, ſem ſer de Eſterope, ou de Brontes
Ferido ás armas, com que Jove eſpanta,
Quem rebellou ao ſacro Olympo os montes.

Sin-

Sinto, proſtrado á força ſacroſanta,
Que ſendo mais que huma arvore, huma vida,
Obre menos huma alma, que huma planta.
Sinto, que quando o cheiro me convida
De mil virtudes, com que Abril renaſce
Neſta de eſpinhos ſolidaõ florîda;
Naſcendo das Eſtrellas, ſe murchaſſe
Tanto a noſſa virtude, e ſó floreça
Huma virtude, que das hervas naſce.
E porque em nós o vicio reverdeça,
Fazemos, que naõ ſendo tudo trigo,
Neſte, que temos, a zizania creſça.
Por iſto, ó Fabio, vendo eſte perigo,
Que até da muda ſoledade aprendo,
Fujo de mim para viver commigo.
Vir do que fuy, para o que ſou, pertendo,
Pois bem que ſempre miſero me crêa,
Aqui melhor o mal, que faço, entendo.
Naõ para que, qual Nero da Tarpea,
Goſte de ver arder os patrios muros,
Cantando as magoas da Troyana idéa:
Menos para que os annos mal ſeguros
Dê do inutil ſilencio á ſombra fria,
Que os brazoens deixa da memoria eſcuros;
Mas por ſer, qual Piloto, que algum dia
Fez em Syrtes incognitas naufragio,
E as demarcou entaõ na fantazia;
Sem que da via eſpere outro ſuffragio,
Dando a luz deſte aviſo ao Planiſferio,
Nella, ſe deixa exemplo, faz preſagio.
Prouvera a Deos, que o dilatado Imperio,
Que luſtra Febo, e que Neptuno abarca
Do Negro mar ao Oceano Heſperio,
Puderaõ dar ao meu feliz Monarcha
Deſte braço os deſpojos, e os troféos,

Bem

Bem que eu crescêra ás oblaçoens da Parca.
Mas se hum só Orbe incurva os giganteos
Hombros de tantos Hercules de Luso,
Que haõ de fazer de Pallas os Pigmeos?
Verdade he, que inda agora naõ recuso
Dar ao serviço da Real grandeza
De meu prestimo pouco o melhor uso;
Verdade he, que inda ferve a natureza,
Se os tons de Marte na memoria escuta,
E os eccos ouve á tuba Portugueza.
Mas como agora o pensamento luta
Com mais contrarios, continuar intento
A retirada desta humilde gruta.
Donde com tudo á Magestade attento
(A que indigno devi tantos favores)
Sirvo, se naõ co' as mãos, co' entendimento.
Pois hoje, que a alma esforços tem mayores,
Nos sacrificios de devotas preces
Ao Ceo lhe peço auxilios superiores.
E inda que lá taõ pouco valhaõ esses,
Sempre desta razaõ farey porfia,
Pois dos meritos fiz meus interesses.
Aqui, Fabio, tambem naõ passa o dia,
Sem que Lusbel de cada objecto faça
Encontro, choque, assalto, e bateria.
A fogo, e sangue a guerra me ameaça,
Porque ao tartareo imperio se naõ renda
De huma alma humilde neste sitio a praça
Escalar o Pentagono pertende
Destas cinco Potencias exteriores,
Que agora a fórma regular defende.
Arma para isto as maquinas mayores,
Ja legar queira o fosso da humildade,
Ja tirar-me as defensas interiores.
Mas bem que as galarias da vaidade,

Se

Se aproxem do juizo ao cavalleiro,
A quem faz ſempre eſpaldas a verdade.
Bem que me toquem arma o dia inteiro
As memorias do mundo, e neſte aſſalto
Os rayos chovaõ do infernal morteiro.
Nunca na fonte da paciencia falto,
Por ver que aqui franqueio, e contramino
Quanto ſer poſſa da alma ſobreſalto.
Mas ſe nos riſcos deſſe horror contino
Adrede tarda o celeſtial ſoccorro
Lá na eſtrada encoberta do deſtino;
Do entendimento á cidadella corro,
Onde, bem que o combate naõ declina,
Naõ logo nelle me eſmoreço, e morro.
Antes, por defender-me na ruina,
Faço arnez o burel, elmo o capello,
Malha o cilicio, eſpada a diciplina.
E val-me tanto deſta gloria o zelo,
Que logo aquella furia formidavel
Co' os celeſtes auxilios atropello.
Vendo pois o inimigo inconſtratavel
Por eſta parte a natural fraqueza,
A quem esforça o eſpirito incanſavel;
Com largo aſſedio intenta neſta empreza
Enfraquecer as forças dos ſentidos,
E ſuperar com arte a natureza.
Para iſto fazque, os odios deſmentidos,
O mundo á vida bom quartel prometta,
E á carne o goſto offreça bons partidos.
Mas eu, que entendo deſte jogo a treta,
Nem tregoa acceito, nem chamada eſcuto,
Porque em ſi Troya Paladiaõ naõ metta.
Aſſim na guarda do menor reduto
Zombo com a mental jaculatoria
De tanto Atleta, e Gladiador aſtuto.

Quero aſſim ver ſe as honras da victoria
O conflicto me dá ; pois naõ ſe alcança ,
Sem a batalha , do triunfo a gloria.
E vivendo entretanto da eſperança ,
Por premio tenho , que a razaõ fizeſſe
Ao ſom dos Ceos ayroſa eſta mudança.
Nem muito he que eſte a tanto me moveſſe,
Se, melhor que Pytagoras, pondero
Eſſa harmonia , que ao ſentido eſquece.
Mas vindo ao noſſo aſſumpto, em que vos quero
A origem deſcrever deſtas ruinas ,
Em que eu ja me retrato , e conſidero.
Ouvi ao ſom das agoas caballinas
Eſtas memorias, que em Annaes diffuſos
Eraõ de plectro mais illuſtre dignas.
Foy tempo, em que rompendo os circumfuſos
Rayos do Sol da Fé os nevoeiros ,
Que ſe lhe oppõem com temporaes abuſos.
Vieraõ de Franciſco os Companheiros ,
Para que as ſombras de Lusbel ferindo ,
Foſſem de Heſpanha Occidental luzeiros.
Menos brilhante a luz, que adora o Indo ,
Quando a Aurora da noite o luto encerra ,
As nuvens vay raſgando, o Ceo abrindo.
Menos veloz fazendo aos ares guerra
Cruza o circulo ardente os Orbes, quando
Em mar de ſombras ſe ſepulta a terra :
Que a luz piedoſa o fogo venerando
Dos Seraficos Aſtros, ſe vieraõ
Do Occaſo pelas trevas derramando.
Com tal fervor as almas encendêraõ
Em ardor celeſtial , que bem ſe via ,
Que do univerſo ardentes luzes eraõ.
Por elles ja mais claro amanhecia
Nos mais dos Orizontes Luzitanos

O Sol

O Sol de Chriſto, a Aurora de Maria.
Até que em fim nos campos Tranſtaganos
Tomando humildes religioſo aſſento,
Pagar quizeraõ ſeu tributo aos annos.
Aqui fundáraõ pobre eſte Convento,
Que Oriente foy do noſſo antigo luſtre,
E delles logo occaſo, e monumento.
As cinzas deſte ardor, bem que lhe fruſtre
Outro eſplendor dos ſeculos o vicio,
Fecha o marmore humilde em urna illuſtre.
Mas tanto que da Parca o duro officio
Deixou de tanto rayo extincto o lume,
E a luz nublou no funeral hoſpicio;
Entibiando dos tempos o coſtume
O primeiro fervor, que alguns ſeguiraõ
Nos mais ſe fez, ou laſtima, ou queixume;
Pois por moſtrar que aproveitar queriaõ
Os engenhos da Patria generoſos,
Que aos Saccos, mais que ás Togas attendiaõ,
Edificios erguendo ſumptuoſos,
Aulas ſoberbas, clauſtros ſublimados,
A pobreza aggraváraõ de zeloſos.
Vio-ſe em ſette corpos dilatados
Eſte Templo, Gigantes de Corintho,
Que o Ceo deixou depreſſa fulminados.
Depois com tres, de quem nem Baze, ou Plinto
Se vê, mais que eſſa obra, que a grandeza
Fez do forte Africano Affonſo Quinto.
Vio-ſe entaõ que a magnifica riqueza
Mudou em Colliſeos da vaidade
Os cubiculos ſantos da pobreza,
Contra quem eſſa vaã ſuperfluidade
Canonizou por culto a demazia,
Pondo a grandeza em traje de humildade;
Pois quando mais aquella ſe encobria,

Onde outras ſolidoens ſe edificavaõ,
Paços ao mundo cada qual fazia.
Mas os cetros de Luſo, que intentavaõ
Moſtrar de Egypto aos ſymbolos egregios,
Que os olhos ſeus ſobre hum baſtaõ velavaõ.
Quebrando-lhe os illuſtres privilegios,
Eſte Templo, e Convento lhe erigiraõ,
E o mais tomáraõ para hoſpicios Regios.
Mas aquelles Varoens, que ſe ſentiraõ
De que os Reys lhe uſurpaſſem religioſos
Os bens, que ſeculares poſſuiraõ,
Deixando eſte ſolar dos generoſos
Filhos deſſas montanhas de Galliza,
A Italia deraõ bem que ouvir queixoſos.
Porèm Joaõ, aquelle que eterniza
De Principe Perfeito na memoria
Quanto o clarim da fama immortaliza,
Aos que ficáraõ conſeguindo a gloria,
De que obſervantes foraõ, reformando,
Acçoens fez dignas de mais alta hiſtoria.
A eſtes logo os principaes juntando
Da Provincia, que ao Reyno o nome toma,
Foy eſta dos Algarves começando.
Naõ taõ luzida em ſeus triunfos Roma
Vio os Monarchas, que a memoria abraça,
E inda immortal poſteridade aſſoma.
Que na preſença aos olhos nunca eſcaſſa
Dos Pays da Patria, e Reys mais excellentes
Se vio por tempos de Sertorio a Praça.
Tampouco lá nos boſques eminentes
Vio de Alverne, e de Grecia a terra Auſonia
De Deos as Cortes, e do Imperio as gentes.
Que a qui ſobre os Penſis de Babylonia
Se vio das Artes o alto Municipio
Ser das virtudes ſuperior Colonia.

Tor-

Tornando pois ao ſeu feliz principio
Neſte celeſte circulo, obſervancia,
Que alguns entendem como ao fluxo Euripio.
Muito a pezar da eſtigia repugnancia
Deſte Jardim do Ceo ſe achou nas flores
Clara virtude, e celeſtial fragrancia.
Mas tanto que os pendoens da Fé melhores
Lá nas arêas de Africa cahiraõ,
E arraſtáraõ de Luſo os eſplendores:
Tanto porèm, que ſubditos ſe viraõ
Os Dragoens Luſos aos Leoens Iberios,
E as Aguias ſobre as Quinas ſe ſubiraõ:
Jactando-ſe dos noſſos vituperios
A ſorte, que cuſtou tantos azares,
Fundou na noſſa injuria os ſeus Imperios.
Deſertos pouco e pouco os patrios lares
Foraõ ſentindo as laſtimas, que enchiaõ
De luto o Reyno, de eças os altares.
Onde os congreſſos aulicos ſe viaõ,
Onde as gálas eſplendîdas, parece,
Que as ſombras ſó nos triſtes vãos ſe uniaõ.
Os enfeites de Abril, com que amanhece
A's arvores Vertuno, aos campos Flora,
Quando o anno huns remoça, outras guarnece.
Magoas ſaõ inda, que lamenta agora
De ſuas hervas arraſtando os lutos
Com ays o ar, com lagrimas a Aurora.
Ja de Pomona eſteril nos tributos,
Ja de Amalthea na infecunda cópia
Nega as flores Abril, e Agoſto os fructos.
E he tanto de huns o horror, de outros a inopia,
Que em damno igual aos olhos repreſentaõ
Os Paços Libia, os campos Ethiopia.
Vem-ſe os jardins, que as fontes alimentaõ
Apuros cabedaes de undoſa prata,

Com quanta magoa de naſcer rebentaõ.
Ja pobre, ou triſte a terra nunca ingrata
As plantas moſtra nuas, a quem olha
Se as calça Abril, que o tempo as naõ maltrata.
E porque fructo algum dellas ſe colha,
Moſtraõ que em fim, por mais q̃ o anno as viſta,
Toda a tramoya da apparencia he folha.
Mas qual tronco ſe vio, que na conquiſta
Do frio Inverno naõ ficaſſe em ſumma
Troféo do tempo, laſtima da viſta?
Qual ſe acha ja, que de Galan preſuma,
Por menos que lhe arraſte o Noto irado
Os verdes timbres, que Amalthea empluma?
O Paço aſſim ja vendo-ſe humilhado,
A' pobreza tornando de Franciſco,
Nella torna acolher-ſe ao ſeu ſagrado.
Mas qual torre ficou, qual obeliſco,
De quem, co' a ſurda polvora dos annos,
Naõ foſſe o pay dos luſtros Baſiliſco?
Qual aos vayvens dos ſeculos tyrannos
Naõ abateo as pompas de Arquimedes,
E os fauſtos de Vetruvio ſoberanos?
Junto pois deſtas funebres paredes,
Hoje Alcandora triſte a infauſtas aves,
Se antes ninho ás de Juno, e Ganimedes,
Se vem de hum Templo as invetivas graves,
Horror fatal de Doricas columnas,
E aſſombro de Corinthios arquitraves.
Pois ſuperando da arte as opportunas
Idéas, que honraõ deſde Tille a Batro
As proſperas, e as tragicas fortunas,
Na perſpectiva de paredes quatro,
Ou das Parcas ſe affirma arquitectura,
Ou da morte ſe oſtenta Anfiteatro.
Naõ pois ja do de Efeſo a eſtructura

Se

Se jacte de haver ſido maravilha,
E menos de Artemiſa a ſepultura:
Que á luz menor, que neſtas ſombras brilha,
Grecia paſmada os ſeus milagres poſtra,
E o Orbe todo os Mauſoleos humilha.
Eſte pois, que paſſando ás vidas moſtra,
He triunfo das almas preſumido,
Quando deſpojo funeral ſe moſtra.
De caveiras, e de oſſos conſtruido,
Por ſer da morte memorial ſagrado,
Deſpertador da vida he repetido.
Terrivel, como exercito ordenado,
Deſcobre o groſſo, que aos Triarios veyo,
Das inſignias da Cruz circumſinado.
Eſpantoſo ao juizo, aos olhos feyo,
Se vê que em poucos claros vay deixando
O ar de eſpanto, o Sol de aſſombro cheio.
Pois mais de horror, que de aço, ou ferro armado,
Cada eſquadraõ, que eſteve obediente
Do tempo ás ordens, e da morte ao brádo,
Moſtra, juntando os troços deſſa gente,
Com que o quadro terreno luzio tanto,
O que he fórma fallîda em grande frente.
Parece que á ſurdina hum triſte eſpanto,
Aſſim como eſtes vio no ultimo vále,
Deſperta aos mais, que neſte eſtaõ de pranto.
Pois faz a vida, bem que as mágoas cále,
Que ao ſilencio eloquente, ao mudo grito
A alma ſe mova, o coraçaõ ſe abále.
E aſſim debaixo do eſtandarte invicto
Todos ao ſom da ultima trombeta
A hora eſperaõ do final conflicto.
Aqui pois, Fabio, contemplando a méta,
Em que faz do Zenith occaſo a vida,
Vivo deſte ſepulchro Anacoreta.

Aqui por dentro da alma eſpavorida
Me eſtá ſempre atroando o ſom tremendo,
Que ha de ouvir toda a terra eſtremecida.
Aqui ſe me figura que eſtou vendo
Erguer ſe em fórma humana a cinza occulta,
E pôr-ſe a luz Divina em traje horrendo.
Aqui as imagens do pavor me avulta,
O mar que brama, o Ceo que ſe eſcurece,
A terra que arde, o Sol que ſe ſepulta.
E finalmente á viſta lhe parece,
Que huns vaõ ao bem da Patria ſoberana,
Outros ao mal, que eternamente creſce.
Oh ſe iſto, Fabio, a vida mais profana
Trouxera na memoria algumas vezes,
E os nadas vira, com que o mundo engana?
Se os doces dias, ſe os felices mezes
C'um hum ponto ſó do eterno bem medira,
E do ouro humano bem pezára as fézes!
Quaõ certo fora, ó Fabio, que cahira
Naquella conta, que ha de dar errada
Quem ſó no extremo pela Cruz ſuſpira.
Eu nem por iſſo cuido que a morada
De todo eſte univerſo ficaria
Só de aves viſta, e féras habitada.
E quando foſſe aſſim, que mal ſeria
Que Corte a Deos da ſolidaõ fizeſſe
Quem faz da Corte ao lago eſtigio via?
Naõ reinára no mundo eſſe intereſſe,
Que fez, porque elle em luxos naufragaſſe,
Que de montes de faya o mar ſe encheſſe.
Faltára quem os dentes ſemeaſſe
Da ſerpente de Cadmo ſobre a terra,
E Olympo, e Oſſa contra os Ceos armaſſe.
Naõ accreſcera a maquina da guerra,
Nem do centro ſahira o ferro duro,

E eſſe

E eſſe metal, que lá no Ofir ſe encerra:
Nunca Eneas chorára a Palinuro,
Naõ cahira Thyfonte fulminado,
Nem ſe rompera de Dardania o muro.
Tornando a vida ao ſeculo dourado,
O merito ſem queixa ſe advertira,
E achara-ſe a razaõ ſem deſagrado.
Naõ da liſonja o Camallaõ ſe vira,
Naõ do engano a quiméra ſe eſcutára,
Nem voára, qual Dedalo, a mentira.
Mas ſe a Omnipotencia ſe declara,
Que aſſim ſe ſerve de que o mundo exiſta;
Porque aſſim corre aos fins que lhe prepára:
Em mim ſó tratarey deſta conquiſta,
Porque entre os mais jactancia naõ pareça
Metter-me a ſer das almas eſtadiſta.
Mas ſe he razaõ, que cada qual conheça,
Que ſaõ do mundo os grandes luminares,
Quem no juizo cahirá depreſſa!
Força he que eu ſinta nos da morte azares
Ver que naõ vem os noſſos vãos enleyos,
Se deſte mal ſaõ proprios os pezares,
Que deſte aviſo as horas ſaõ correyos.

CHORA O VENERAVEL PADRE em huma ſolidaõ ſuas culpas, accuſando o ſeu deſcuido, e ingratidaõ para com Deos.

ELEGIA II.

NEſta eſcondida, e muda ſoledade,
De cujas ſombras a melhor pintura
Só conſiſte em huns longes da vaidade:
Aqui onde a celeſte arquitectura
Mais quadros pôs da ſumma Omnipotencia,
Mais copias fez da immenſa formoſura:
Quero (meu Deos) levado da influencia,
Com que eſſa luz o reſplandor me creſce,
Chorar a que amey ſombra em voſſa auſencia.
Agora pois, que na alma me amanhece
Rompendo o Sol da Graça a noite eſcura,
Com que a morte da culpa me adormece:
Neſta de meus delictos eſpeſſura,
De quem eſpelho he vivo, e morto eſpanto
Eſſa agoa, e lume, que em meus olhos dura:
Sayaõ a ſer do coraçaõ quebranto
Cada lagrima feita hum mar de penas,
Desfeito cada hum ay n'um mar de pranto.
Ponhaõ-ſe a hum canto as loucas cantilenas,
Com que eſcolhendo ſempre a peyor parte
Tantas fiz ao delicto Magdalenas.
Tambem deponha os timbres vãos de Marte,
E as inſignias de amor; que tem mais gloria
Seguir eu voſſo amor, voſſo eſtandarte.
Seja voſſo trofeo minha victoria;

Pois

Pois só de Vós, meu Deos, hoje tomára
Trazer o amor, e as almas na memoria.
Oh se eu, para que em tudo vos amára,
Mais que estrellas do Ceo almas tivera,
Mais que arêas o mar vidas lográra!
Se eu das hervinhas coraçoens fizera,
Olhos das luzes, e das flores braços,
E se azas fora, como folhas hera!
Se foraõ para dar-vos sempre abraços
Destes bosques, meu Deos, onde me elevo,
Os ramos corpos, e as folhinhas laços!
Todos, e muitos mais, que na alma escrevo,
Fora pouco, medindo o que me inflammo,
Nada fora, contando o que vos devo.
Se annos foraõ as horas, que vos amo,
Se seculos os dias, que vos quero,
Se eternidade o tempo, que vos clamo:
Se hum Ceo fora de amor meu peito féro,
Se mil mundos de fé meu gosto errante,
Se mil mares de dor meu pranto austero;
Inda assim, meu Senhor, meu doce amante,
Julgára o ser eterno hum só minuto,
Os annos ponto, os seculos instante.
Sinta pois, de meus olhos nunca enxuto
O mar, ter-vos negado á Magestade,
Feudos a vista, as lagrimas tributo.
Sinta ver que foy tal minha maldade,
Que inda vos faz mais fino acatamento
O ar, o monte, o rio, a soledade:
As mais pobres hervinhas cento a cento,
Louvando-vos, meu Deos, no altar do prado,
De esmeraldas vos põem rico ornamento:
Mostra-se o ar em córos desatado,
Logo que o Sol madruga, agradecendo
Dares-lhe luz para o louvor sagrado:

Vem

Vem pelas ſerras o cryſtal deſcendo.
Como ſaltando de prazer, porque olha,
Que vos vay tudo feſtas mil fazendo:
E ſem que á planta, ou pedra a voz ſe tolha,
Os tons do ar repete cada penha,
Ao ſom do vento baila cada folha.
Tudo parece que em louvar ſe empenha
Eſſe divino amor, que nos deo tudo,
Bem que eſte bem por varias mãos nos venha.
Eu ſó com peito, mais que os montes, rudo,
Eu ſó com alma, mais que as féras, fera
Eſtou dormindo no mortal deſcudo.
Ergue-ſe o Sol, acorda a primavera,
E elevando-ſe em vós cada qual delles,
Flor a flor, rayo a rayo vos venera.
De cores mil pintando eſtes, e aquelles
Quadros, ſe o Sol das nuvens he Timantes,
Abril dos campos ſe preſume Apelles.
Eu ſó em fim com paſſos ſempre errantes,
Mude, ou faça de cores o delicto,
Lhas dou muito peyor do que era d'antes;
Pois ſendo aos olhos cada viſta hum grito,
Nelles tudo he ſugir da voſſa gloria,
Tudo morrer pelo manjar do Egypto.
Oh liberdade cega! Oh vil memoria,
Que encarceradas neſtas vans paredes
Fugis de dar aos Ceos huma victoria!
Oh miſeros mortaes, como naõ vedes,
Que pertendem colher voſſas emprezas
N'uma ſó concha o mar, o vento em redes!
Se amais do mundo as loucas gentilezas,
Como andais na razaõ tanto ás eſcuras,
Que a Deos naõ dais a origem das bellezas?
Reflexos ſaõ de ſuas luzes puras
As Eſtrellas do Ceo, do campo as flores,

A luz

A luz do Sol, do mundo as formoſuras.
Naõ tremóla no ar com varias cores
Tanto penacho eſſe eſquadraõ volante,
Só para que enfeiteis voſſos furores.
Valles naõ goſta a differença errante
De tanto bruto, ſó para eſte empenho
De ſervir voſſo eſcandalo arrogante.
Naõ piza as ondas tanto armado lenho
Só para o fim de paſſear, da Aurora
Até o occaſo, o voſſo vaõ deſenho.
Mas ſim para obrigar-nos, (quem o ignora?)
Mandou Deos, que nos ama immenſamente,
Lavrar a Ceres, produzir a Flora.
Obedecendo ao braço omnipotente,
Prata, e ouro nos deo Monomotapa,
Rubîs Ceylaõ, diamantes o Oriente.
Para eſte fim raſgando a negra capa
Do cahos eſcuro, do embriaõ primeiro,
Sahio a luz de todo o mundo o mappa.
E ſó para iſto em fontes o ribeiro,
Que em prata leva ao mar varios tributos,
De entre os penhaſcos ſe ſoltou ligeiro;
E obſervando os eternos eſtatutos,
Para eſte fim nos deo o ar alentos,
Prata o mar, ouro o fogo, a terra fructos.
Fez para nos ſervir os elementos,
Para via, de hum mundo o largo eſpaſſo,
Para Patria os luciferos aſſentos.
E o noſſo error ingratamente eſcaço,
Até do recebido naõ ſe atreve
Satisfazer ao menos c'um ſó paſſo.
Naſce nos montes o regato breve,
E a pezar da aſpereza, em que ſe cria,
Tributa ao Deos do mar a undoſa neve.
Naſce feroz na toſca penedia

A Em-

A Imperatriz das Aves ſoberana,
E adora ao Sol, porque lhe trouxe o dia.
Naſce nas ſerras da eſpeſſura Hyrcana
O Tigre cruel, e a quantos o alimentaõ
Agradecido moſtra que ſe humana.
Neſtas finezas ſó, quando as oſtentaõ,
Vemos que a Aguia, Tigre, e ribeirinho
O leve, atroz, e deſpenhado augmentaõ.
Moſtra aos filhos do Sol a Aguia o caminho,
E áquelle, que naõ fita nelle os olhos,
Converte em tumba amarga o doce ninho.
Se de ſeu rude alvergue entre os pimpolhos
Offende o Tigre as mãos da Providencia,
Sobre pizar eſpinhos, paſce abrolhos.
Vejo tambem na liquida affluencia,
Com que chora eſſa fonte o ver-ſe ingrata
A quem lhe deo a cryſtallina eſſencia.
Parece que no pranto ſe dilata
Por raſgar as entranhas de hum penedo,
De quem naſcêra vibora de prata.
Eu ſó, meu Deos, nos cegos laços quedo,
Eu ſó, meu Deos, nos torpes vicios mudo,
Quando inda prezo eſtou, vivo taõ ledo.
Raſgue ſe pois, Senhor, de hum peito rudo
O pedernal em lagrimas ferido,
Acceſo em chammas de hum tormento agudo.
Solte-ſe dos nós cegos de Cupido
Com mil nós na garganta eſte amor cego,
Para vós taõ vendado, e taõ vendido.
E ſendo Vós, meu Deos, meu doce emprego,
Moſtre eu ja nos banquetes deſſa Graça,
Que os pés tambem com lagrimas vos rego.
Será tamanha a dor, que na alma naſça,
Que em mim ſe veja que em cada ſuſpiro,
Quando voſſa naõ he, ſe deſpedaça.

Veja-ſe em cada hum ay, com que vos tiro,
Que pois tirando eſtou morto na magoa,
Que ás covas de meus olhos me retiro.
Onde, conhecendo deſte amor a fragoa,
Conheçaõ todos deſte ardente impulſo,
Que eſtou desfeito em fogo, acceſo em agoa,
Sem vida o alento, o coraçaõ ſem pulſo.

PERSUADE O VENERAVEL PADRE a hum ſeu amigo (que ſeguia a Milicia no Alemtejo, e pertendia vir para a Corte) que fuja deſta pelos riſcos, que nella ſe encontraõ, e ſe recolha ao ſagrado da Religiaõ.

ELEGIA III.

DA Academia de Marte, em cujo eſtudo
He papel a campanha, o ſangue tinta,
A penna eſpada, e o tinteiro eſcudo.
Para a guerra da Corte, onde requinta
A mor batalhas, Venus interprezas,
Onde quem Troya foy, campo ſe pinta:
Senti deſte meu mal nas aſperezas,
Ouvi deſta montanha nos retiros,
Que tambem vinheis alleviar triſtezas.
Oh ſe eloquente a lingua dos ſuſpiros
Moſtrar pudéra deſtes longes duros
De amor os laços, e da morte os tiros!
Que depreſſa dos golfos mal ſeguros
Do mar da Corte, cautelada a vida,
Se retirara deſte monte aos muros.
Naõ ſe deſeja ver convaleſcida

Huma

Huma ancia, ó Fabio, que ſarar pertende,
N'um bem, que foy de huma alma recahida;
Antes ſe vê quam cego ſe arrepende
Quem, buſcando o remedio no ſeu damno,
As febres da alma n'uma viſta accende.
Vejamos que he relogio o deſengano,
Que vendo-nos nos riſcos de hora em hora,
Nos naõ moſtra os aviſos de anno em anno.
Conheçamos da vida, ó Fabio, agora,
Quanto em ſi de ſi meſma combatida,
Como contraria ſe lamenta, e chora.
Com taes contrariedades vive unîda,
Que ſe Deos chamou pó á eſſencia humana,
Tambem Job chamou vento a huma vida.
Se pois he pó, e vento a mais ufana,
Se do meſmo, que vive, acha que morre,
Que olhos cega eſte pó, que ares engana?
Que homem, que féra neſta culpa incorre,
Se he força, em fim, que ſeus eſtragos beba
Hum pó, que ſe levanta, hum ar, que corre?
Que importa, pois, que ao meſmo Sol ſe atreva
Eſta cinza vivente em nuve altiva,
Se, inda que a erga o Sol, o vento a leva?
E ordena a ley da Parca executiva,
Que moſtre em ſi meſma o ſer vivente,
Porque a minutos morra, a inſtantes viva.
Oh Fabio! Se quizera o mais prudente
Pôr na cabeça o pó de ſeus antolhos,
E ter neſta ardua viſta a dor preſente:
Naõ cada qual dos racionaes pimpolhos,
Por ter mais ar, como ouro em pó, quizera
Ter o ar na cabeça, e o pó nos olhos!
Mas que val iſto, ſe a mayor eſféra
Dos troncos racionaes, por ter mais folha,
Se abraça ſó com a ambiçaõ da hera?

E ja

E ja ſem medo de que a morte os colha,
Naõ ſe olha o pó, com que a raiz ſe enterra;
Só para o ar, com que creſce, ſe olha.
Por iſſo ſó dos ſeculos na guerra
O pó, que em pó ſe torna, o ar que he nada,
Hum abatido ficou, outro por terra.
Donde tarde a razaõ deſenganada
Chora do amor os idolos cahidos,
E da fortuna a roda vaã proſtrada.
Naõ faça eu os diſcurſos referidos,
Fabio, contra eſſes voſſos ſentimentos,
De quem tenho os melhores aprendidos;
Mas porque póſſaõ ver meus eſcarmentos
No pó do mundo os ventos dos enganos,
Na paz da vida a guerra dos mementos.
Paſſaõ da vida cada hora os annos,
Acaba a cada inſtante a que mais dura,
E a cada paſſo vem da morte os damnos.
Tanto dos fins preſcriptos ſe procura
Eſta fatal, e aborrecida méta,
Que ou luz ſe apaga, ou ſombra ſe apreſſura.
Menos raſga veloz ao vento a ſetta,
Que na eſféra do ſeculo profana
Eſte da vida efimeral Cometa.
Veleira náo, que o ſeſgo vento engana,
Sem ſentir como arou campos de neve,
Naõ corre mais veloz que a vida humana.
Tampouco ave, que o ar, e os ventos bebe,
Aſſim o eſtadio deſſas nuvens coa,
Quando rapido Açor mais ſe lhe atreve.
Mas ſe no fim o acerto naõ coroa
Seu curſo, á náo que importa o que navega,
A' ſetta o que acha, ao paſſaro o que voa?
Se he pena ver que a huma ave outra ſe entrega,
Que a ſetta, errando o alvo, perde o tiro,

Que a náo para perder-ſe ao porto chega :
Que ſerá ver no ultimo ſuſpiro ,
Que o porto ſe perdeo da eternidade ,
O ponto da alma , e deſta eſféra o gyro ?
Oh que gloria ſerá da liberdade
Voar, ferir , correr ao Ceo de tudo ,
Da luz ao alvo, ao mar da immenſidade!
Porèm , ſe aſſim naõ for, pelo que cudo ,
Que ha de valer ſer náo no mais pompoſo ,
Ser Aguia no real , ſetta no agudo ?
Se pois de tanto Oceano enganoſo
Ja naõ quereis que tanta onda vibre ,
Hum riſco alegre, hum baixo caricioſo ;
Das arêas , que ao Tejo inveja o Tibre ,
Fugi ; pois bem que ſejaõ de ouro arêas,
Saõ riſcos cegos para huma alma livre.
Fugi , que os doces cantos das Serêas
Pódem ao coraçaõ pelos ouvidos
Metter venenos , e lavrar cadêas
Quando naõ , neſſes golfos fementidos ,
Onde naufraga o proprio advertimento
Será final deſtroço dos ſentidos
O que era ultima taboa do eſcarmento.

A DOM

A D. JOAM DA COSTA DIGNISSIMO CONDE de Soure, que ſervio em Tangere, e foy Governador das Armas no Alemtejo, Conſelheiro de Guerra, e Embaixador em França; conſolando-o na morte de ſua filha a Senhora Dona Helena de Noronha.

ELEGIA IV.

HOje, Senhor, que neſte monte ſoa
Daquelle ultimo vale hum eco triſte,
Que os ares fere, e os pedernaes magoa:
Hoje, que o mar, e vento, que lhe aſſiſte,
Das aves troca em rouços tons o canto,
E a neve enluta em eças de ametiſte:
A' minha pena permitti, que em quanto
Voa correyo da alma enternecido,
Proprio do mal, naõ corra o voſſo pranto.
Pois bem que tema ao coraçaõ ferido
Com as memorias renovar as chagas,
Que faz a imagem do melhor ſentido:
Inda que as Muſas ſe imaginem vagas;
Contra os venenos da alma eſtes ſuſpiros
Talvez ſeraõ do eſpirito triagas.
Sobre o convexo dos celeſtes gyros
Subio eſta deidade ſoberana,
Por ſer diamante em Corte de zafiros.
Naõ Parca atroz ſe lhe atreveo tyranna,
Tranſito foy, naõ morte, aquelle exceſſo,
Com que ſahio das condiçoens de humana.
De tanto Sol pareçe que ao progreſſo
Era ecliptica pouca o largo eſpaço,

Que de hum ſó Orbe nas diſtancias méço.
Quiz deſatar da vida o doce laço,
Por naõ caber n'um mundo, que lhe déra,
Para mares de luz eſtreito, e eſcaſſo.
Subida pois á ſuperior eſféra,
Sem ver o Inverno da caduca idade,
Se foy lograr a eterna Primavera.
Bem ſey que eſtas razoens, que acha a piedade
Da parte do juizo, ou do remedio,
Naõ acha á dor da parte da ſaudade.
Pois ſem allivio, de hum penoſo tédio
Vos ſerve agora ao roſto nunca enxuto,
De luto a mágoa, o pranto de epicedio.
Mas ſe he penſaõ da vida eſſe tributo,
Para que he ja, Senhor, cubrir-ſe tanto
A alma de dor, e o coraçaõ de luto?
Se dais aos olhos da prudencia eſpanto,
Dando-lhe a ver, que a tragica fortuna
He dos heroicos coraçoens quebranto;
Naõ he razaõ que cos pezares ſe una
A grandeza dos animos ſupremos,
A quem ſe proſtra o fado, que os impugna.
Eſta he a parte da alma, que ſó temos
Capaz de oppor-nos á mayor crueldade,
Que ha das glorias humanas nos extremos.
Quem pois tanto ao pezar vos perſuade,
Que eſta força melhor do entendimento
Rendeis hoje aos imperios da vontade?
Naõ fere o rayo da choça o pavimento,
Naõ bate o mar da praya o debil muro,
Nem ao pobre baxel contraſta o vento:
Chocaõ as ondas com o penhaſco duro
Co' a torre altiva o fogo arrebatado,
Co' a náo robuſta o boreal conjuro.
Tal he a antipatia, com que o fado
Faz aos Coloſſos, e aos Olympos guerra, Dos

Dos Ceos, do mundo, e da fortuna armado.
Tal a carranca, com que o Ceo ſe cerra,
Ou a terra ſe abre a quem naõ morre
Com o primeiro vayvem, que o põem por terra.
Como pois, ſe ſois náo, penhaſco, e torre,
As furias eſtranhais do mar, que brama,
Do fogo, que arde, e temporal, que corre?
Deſſe mar nos vayvens ſe adquire a fama,
Deſſe vento na injuria ſe acredita,
E ſe acriſola deſſe ardor na chãma.
Por incapaz do exame da deſdita,
Na tenra flor, que melindroſa creſce,
Mimoſamente o rego ſe exercita.
Taõ debil naſce, e vive, que parece,
Sem dar-lhe o Boreas, que de ſopro matá,
Que ao ar menor de hum Zefiro fenece.
Naõ aſſim nobre tronco, a quem maltrata
A furia Auſtral, que os meſmos Ceos perturba,
Que o mar açouta, as nuvens arrebata;
Pois ſem moſtrar que a ſeu furor ſe encurva,
Tanto ás carrancas mais feroz ſe arroſtro,
Quanto he mayor de ſeus vayvens a turba.
Se pois, Senhor, como a razaõ nos moſtra,
Co' pezo gráve a palma illuſtre ſe ergue,
Com o ſopro leve a cana vaã ſe poſtra:
Como he razaõ, que em tal valor ſe enxergue
Eſſa fragilidade, que naõ póde
Achar nos grandes coraçoens alvergue?
Quem faz com que a prudencia ſe accomode
A' deſigual fortuna, pouco ſente
Que a ſorte caya, ou a fortuna rode.
Pois ſe he gloria de hum Varaõ prudente
Dos Aſtros dominar o vario influxo,
E viver de ſeu ſado independente:
Creſça de Cynthia, ou diminua o fluxo,

Que quando quer a fama o ſeu retrato ,
Primeiro faz co' as pennas o debuxo.
Naõ fora do ſeu Templo illuſtre ornato
Thifes, ſe lá nos baixos de Caribdes
Perdera o nome , e confundira o trato.
De amor , e Marte Jupiter nas lides
Delicias deo ao froxo Ganimedes ,
Mas os trabalhos ao valor de Alcides.
Se pois a gloria humana, como vedes ,
Conſiſte no valor, mais que no augmento,
Que tu , Fortuna, como qués, concedes :
Quem, ſe vos vir, crerá que documento
Sois do valor, que foy de Heſpanha aſſombro,
De Europa horror , de America portento ?
Onde eſtá pois aquelle deſaſſombro ,
Com quem de Atlante ao pezo Hercules anda
Naõ ſey ſe braço a braço, ſe hombro a hombro?
Onde aſſim ſe tranſpôs, quem deſta banda
Foy no campo Heſpanhol Marte de Luſo ,
E no Anthartico mar rayo de Hollanda ?
Naõ pois ſe perca da conſtancia o uſo
Porque perdeis com iſto huma victoria
Mayor que a guerra, que vos tem confuſo.
Vive em vós da que amais com mayor gloria
A belleza na idéa , a graça na alma ,
No peito o nome , a vida na memoria.
Naõ pois façais a lutuoſa calma
Chuveiro do pezar, que em grito mudo
Das mãos vos quer tirar a melhor palma.
Vivey, para que ſendo á Patria eſcudo,
Traga nas palmas o civil governo ,
E augmente os lauros ao marcial eſtudo :
Para que aſſim com luzimento alterno
A pezar deſſe fado, que o repugna ,
Moſtreis nas eras, que tereis de eterno ,
Que onde ſóbe o valor, deſce a fortuna.

DE

DEVOÇAÕ,

Que o Veneravel Padre encõmendou a todos os devotos de noſſa Senhora, que ſe ha de rezar todos os dias; aſſegurando o patrocinio, e ſeus favores a quem devotamente a rezar.

Haõ de rezar-ſe cinco Padre noſſos, e cinco Ave Marias, applicados a cinco inſtantes; quatro de alegria, e hum de ſentimento, que a Virgem Santiſſima teve, pela maneira ſeguinte.

Primeiro Padre noſſo. Ave Maria.

OFFERECIMENTO.

VIrgem Santiſſima, Mãy de Deos, Rainha dos Anjos, eu vos offereço eſte Padre noſſo, e eſta Ave Maria por aquella alegria, que tiveſtes aquelle inſtante, em que por obra do Eſpirito Santo concebeſtes em voſſas puriſſimas entranhas o Verbo Divino. Peço-vos, Virgem Puriſſima, augmenteis com a voſſa interceſſaõ em mim hum fervoroſo deſejo de vos ſervir, e a voſſo Santiſſimo Filho; dando-lhe infinitas graças pelo grande amor, com que ſe quiz veſtir de minha vil natureza, ſõmente para me ſalvar. Amen.

Segundo Padre noſſo. Ave Maria.

OFFERECIMENTO.

VIrgem Santiſſima, Mãy de Deos, advogada dos peccadores, eu vos offereço eſte Padre noſſo, e eſta Ave Maria pelo exceſſivo goſto, que tiveſtes aquelle inſtan-

tante, em que ſem dor, nem perigo de voſſa puriſſima Virgindade com grande alegria dos Anjos pariſtes a noſſo Salvador: Peço-vos, Piedoſiſſima Senhora, fortaleçais todos os meus ſentidos com o patrocinio da graça celeſtial, para que renovando-ſe em mim hum eſpirito de pureza, viva ſempre em graça com voſſo Santiſſimo Filho. Amen.

Terceiro Padre noſſo. Ave Maria.

OFFERECIMENTO.

VIrgem Puriſſima, Mãy de Deos, allivio dos affligidos, eu vos offereço eſte Padre noſſo, e eſta Ave Maria pela grande conſolaçaõ, que tiveſtes aquelle inſtante, que da maõ de voſſo Filho recebeſtes o Divino Sacramento: Com toda a humildade de meu eſpirito vos peço me deis tanta graça, para que todas as vezes, que eu receber o Divino Sacramento, ſeja para allivio de minha alma, e gloria de meu Senhor Jeſu Chriſto. Amen.

Quarto Padre noſſo. Ave Maria.

OFFERECIMENTO.

VIrgem Amantiſſima, Mãy de Deos, doçura dos deſconſolados, eu vos offereço eſte Padre noſſo, e eſta Ave Maria pela grande pena, e ſentimento, que tiveſtes aquelle inſtante, em que voſſo Santiſſimo Filho eſpirou na Cruz: Peço-vos, Senhora, me patrocineis hum amor taõ intenſo, para que ſempre ſem ceſſar lhe dê as graças pelo muito, que por mim padeceo, e eu me compadeça de todas as creaturas, que ſaõ com miſerias, e trabalhos perſeguidas. Amen.

Quin-

Quinto Padre noſſo. Ave Maria.

OFFERECIMENTO.

VIrgem Amabiliſſima, Mãy de Deos, refugio dos perſeguidos, eu vos offereço eſte Padre noſſo, e eſta Ave Maria por aquelle prazer exceſſivo, que tiveſtes aquelle inſtante, em que ſoubeſtes que voſſo Filho tinha reſuſcitado: Peço-vos, Senhora, allumieis minha alma com o alegre reſplandor de voſſa benignidade, para que o meu coraçaõ ſómente em contemplar o muito, que vos devo, e a voſſo Santiſſimo Filho, ſe occupe, e deleite. Infundi, Senhora, em minhas potencias hum taõ vivo conhecimento do que ſou, e hum taõ grande aborrecimento das couſas do mundo, que nenhum paſſo dê, que naõ ſeja em ſerviço, e agrado voſſo, e de voſſo Santiſſimo Filho, e viva ſempre com elle reſuſcitado em huma vida taõ perfeita de graça, que mereça acompanhá-lo em a Bemaventurança. Amen.

DEVOÇAÕ

A's cinco Chagas de Chriſto, que o meſmo Veneravel Padre encõmendou a todos os ſeus devotos.

SAUDAÇAM.

MEu Senhor Jeſu Chriſto, Deos, e Homem verdadeiro: Eu, miſeravel peccador, com a devoçaõ, e reverencia, que poſſo, ſaudo, e adoro as voſſas preciosas Chagas, em eſpecial as cinco, taõ dignas de ſerem adoradas.

PRI-

PRIMEIRA.

Padre noſſo. Ave Maria.

SAudo-te, e com toda a devoçaõ te adóro, precioſa Chaga do pé direito de meu Senhor Jeſu Chriſto, e por ella vos peço me concedais perdaõ de meus peccados, e me guieis pelo caminho de voſſa Santiſſima Ley. Amen.

SEGUNDA.

Padre noſſo. Ave Maria.

SAudo-te, e com toda a devoçaõ, que poſſo, te adoro, precioſa Chaga do pé eſquerdo de meu dulciſſimo Jeſus, e por ella vos peço me guardeis de todas as acçoens, em que vos poſſo offender. Amen.

TERCEIRA.

Padre noſſo. Ave Maria.

SAudo-te, e com toda a humildade te adoro, precioſa Chaga da maõ direita de meu Amantiſſimo Jeſus, e por ella vos peço me ſantifiqueis todas minhas potencias, e com o voſſo precioſo Sangue me laveis de todas as manchas, e culpas. Amen.

QUARTA.

Padre noſſo. Ave Maria.

SAudo-te, e com toda a devoçaõ te adoro, precioſa Chaga da maõ eſquerda de meu ſuave Jeſus, e por ella vos peço mortifiqueis em mim tudo, o que vos deſagrada, e viva ſómente em mim hum fervoroſo deſejo de vos ſervir. Amen.

QUIN-

QUINTA.

Padre noſſo. Ave Maria.

SAudo-te, e com toda a devoçaõ te adoro, amoroſa Chaga do Santiſſimo Lado de meu Senhor Jeſu Chriſto, reſplandecente porta do Paraiſo, theſouro da Omnipotencia de Deos, fonte perenne de miſericordia: Mil vezes te ſaudo, e te adoro, e por ella vos peço (ó Diviniſſimo Jeſus) me deis hum taõ fervoroſo arrependimento de minhas culpas, que neſta Sacroſanta Chaga ache o efficaz remedio para meus trabalhos, allivio para a minha vida, deſcanço para a minha alma. Amen.

HUMA AVE MARIA,

Que o meſmo Veneravel Padre encõmendou a todas as peſſoas, que aſſiſtiaõ aos ſeus Sermoens.

AVE MARIA.

OFFERECIMENTO.

VIrgem Santiſſima, Mãy de Deos, Rainha dos Anjos, advogada dos peccadores; pois ſois medianeira entre Deos, e os homens, principio da vida, porta da graça, porto ſeguro de noſſas eſperanças, eu vos offereço eſta Ave Maria pela tençaõ do Servo de Deos N. e vos peço humildemente alcanceis de voſſo Filho o deſpacho, que lhe pede, e para mim hum taõ perfeito perdaõ de culpas, auxilio de graça, que mereça participar de todos os ſuffragios, e ſacrificios, que eſte ſervo voſſo, e todas as creaturas a Deos fizerem. Amen.

FIM.

vide pag. —— ——208.